**(60s – Ed) Sidney Hook – NIMH – AMH**.

**Napoleão – Educação é a arte mais importante de governação**.

«

»

**Lenin – Educação é um instrumento político para construir socialismo**.

«
». A educação tem de ser política, tem de servir o «
» Vladimir Lenin, Speech at the First All-Russia Congress on Education, August 28, 1918.

**Gentile – Estado fascista é um professor**.

Giovanni Gentile, o teórico do Fascismo italiano.

“Estado é um professor, para transmitir consciência dinâmica e activa”.

« *!* *!* », para propagar «
*!* *!*
»

**Sidney Hook – “Education for Modern Man”**.

Livro cita Napoleão, Gentile e Lenine.

Sidney Hook, um dos mais importantes filósofos educacionais do século XX.

E depois vem advogar a mesma fórmula para o mundo democrático.

Sidney Hook (1963). “Education for Modern Man: A New Perspective”. New York: Alfred A. Knopf.

**NIMH (1962) – O benchmark educacional do NIMH é John Ruskin**.

“The Role of Schools in Mental Health”. 80 anos mais tarde, as ideias educacionais de Ruskin são citadas como inspiração para um esforço de reforma educacional do NIMH, com “The Role of Schools in Mental Health”.

“Educação significa transmitir comportamento, não conhecimento”.

«″ #
» – National Institute of Mental Health (NIMH), “The Role of Schools in Mental Health”, 1962

**AMH (1961) – Currículo para conformidade e alteração cultural**.

Action for Mental Health (1961).

« $
!
%
»

“Action for Mental Health” (1961) Final Report of the Joint Commission on Mental Illness and Health. New York: Basic Books Inc.

**(60s) Rugg & Brameld – Doutrinação para tecnocracia e planeamento central**.

**Harold Rugg – Doutrinação para tecnocracia, planeamento central**.

[Rugg era um discípulo de John Dewey.]

Usar escolas para disseminar conceito de governo totalitário. Através das escolas do mundo vamos disseminar novo conceito de governo, para nova ordem social. Um que postula necessidade de controlo científico das actividades económicas.

«For the new social order… *through the schools of the world, we shall disseminate a new conception of government – one that will embrace all of the collective activities of men; one that will postulate the need for scientific control and operation of economic activities in the interests of all people*»

Harold Rugg, "*Social Construction Through Education*," *In* Readings in the Philosophy of Education, ed. John M. Rich (Belmont, Calif.: Wadsworth Publishing Co., 1966), p.112.

**Thomas Brameld – Doutrinação para governo mundial**.

Face a objectivo de governo mundial...

...há que introduzir questões políticas, económicas, religiosas, educacionais, no currículo.

«*…there is the goal… of a world government with authority to enforce its mandates… the crucial problems of political, economic, religious, esthetic and educational life should be brought into the center of the curriculum…*»

Theodore Brameld, "A Reconstructionist View of Education," In Philosophies of Education, Ed. Philip H. Phenix (New York: John Wiley & Sons, 1961), p. 106.

**(60s-70s) Casa Branca – Psicologizar educação – Alienar crianças dos pais**.

**Conferência da Casa Branca (60s) – Escola tem funções de saúde mental**.

Detectar problemas mentais.

Iniciar serviços de saúde.

Providenciar aconselhamento psicológico.

A escola tem a «

…», e providenciar « ».

"Proceedings of the Mid-Century White House Conference on Children and Youth", John Taylor Gatto, The Underground History of American Education.

**White House Conference on Children (1970) – Quebrar autoridade parental**.

"Children's Bill of Rights". É um dos resultados desta conferência, redigida por Mary Conway Kohler, Directora da National Commission on Resources for Youth e chefe do painel, Forum 22, que delineia as linhas seguintes.

Oposição às figuras parentais. A White House Conference on Children and Youth, 1970, assume uma postura geral de oposição aos pais.

Virar crianças contra os pais. E quem é que fica a ganhar? Bom, esta é uma conferência organizada pela Casa Branca.

.

Ter organizações "sociais", governamentais, para asseverar "direitos da criança". Logo, uma das exigências que é feita é a de que haja organizações para asseverar os "direitos das crianças", face a este intolerável despotismo parental.

A grande preocupação foi, portanto, a de «

Cit. in Philip E. Veerman (1992). “The Rights of the Child and the Changing Image of Childhood”, Martinus Nijhoff Publishers.

*A infiltração totalitária do Ocidente e a deriva para pós-modernismo*

**Infiltração totalitária de movimentos cívicos durante mais de um século**.

Totalitários infiltram movimentos liberal democráticos ao longo de todo o século 20. A partir da segunda metade do século 19, inícios do século 20, começa a acontecer um fenómeno lento de infiltração da sociedade civil dos países ocidentais (*cuja força residia numa adesão essencial, mesmo que subconsciente, a valores constitucionais e liberal-democráticos*) por elementos totalitários, geralmente nas linhas fabiana e comunista.

Colectivistas: do barão de alta finança a comunistas, fascistas, etc. Estes grupos são antitéticos a toda e qualquer proposição liberal-democrática. Encaram a vida humana como algo de inerentemente negativo e perigoso, a ser encarcerado e regimentado numa forma de prisão social, para regimentação e previsibilidade total. O ideal é a ordem fechada e restritiva da comuna medieval; a prisão social perfeita, gerida por barões feudais e por comissários. No topo destes movimentos, encontramos geralmente descendentes das velhas aristocracias europeias, muitos deles transformados em barões da alta finança hiper-capitalista. Aí, existe o mais total desprezo por valores democráticos e por capitalismo de mercado livre (conduzido por classes médias livres). O mantra habitual é o de que o homem comum é demasiado "irresponsável" e deve, por conseguinte, ser reduzido ao estatuto de escravo, com o mundo a ser ordenado por grandes forças multinacionais de monopólio. Ao longo da história, estas pessoas encontram parceiros naturais com a mesma mentalidade, em todo o género de movimentos radicais obcecados com tomadas de poder para proveito próprio: comunistas, nazis, fascistas, socialistas tecnocráticos. Quando organizam sistemas em parceria (Alemanha Nazi, URSS, ou a China actual são bons exemplos) organizam sempre o mesmo tipo elementar de regime: regimes de casta, onde a larga maioria da população é reduzida a estatuto servil (ou simplesmente escravo) e o controlo efectivo da economia pertence a grandes consórcios multinacionais. *Este princípio era inteiramente válido para a URSS* (contra a distorção de eventos que acontecia) – . O formato que dá o mote a todos estes grupos é a sociedade Social, a *Sociocracia*, como definida por Saint-Simon e Comte no início do século 19 [ver notas sobre ].

Cooptar, usar, sabotar oposição. A usurpação lenta de movimentos serve duas ordens de propósitos. Por um lado, estamos no domínio do puro e simples instrumentalismo, pelo qual um movimento é cooptado e distorcido para utilização em proveito próprio. Porém, igualmente importante (se não bastante mais importante), no ideário totalitário, é o propósito de sabotagem, pelo qual vias realmente produtivas são silenciadas a partir de dentro e substituídas por demagogia improdutiva e destrutiva.

O sequestro de movimentos e de expressões, como "democracia liberal". Foi assim que a expressão "democracia liberal" veio a ser pervertida na praça pública ao ponto de ser equacionada com totalitarismo. Este tipo de infiltração foi conduzido ao longo de todo o século 20 em todo o género de organizações da sociedade civil, o que inclui sindicatos, grupos cartistas de várias naturezas, associações de acção cívica, etc.

"A frente comum". Depois, todos estes grupos podiam (podem) ser usados em concertação, na dinâmica de "frente comum", em tempos o grande orgulho do Politburo, em Moscovo e, ainda hoje, o "*ring that binds them all [and gets'em to work for us]*", de Chatham House, em Londres [o centro coordenador de policy making para os grandes consórcios bancários da City].

Tours de "líderes cívicos" a Moscovo, para doses de kool aid. É dos anos 50 em diante que inúmeros "líderes cívicos" ocidentais são levados a dar *tours* pelo paraíso socialista (uma espécie de ritual de iniciação, nesta fase), onde o KGB os levaria a dar voltas por bairros luxuosos ficcionais em Moscovo, e os manteria ensopados em *vodka* e experiências simpáticas durante toda a estadia [*A Rússia era a showcase da altura para o conceito colectivista; como Berlim tinha sido antes, ou Cuba viria a ser depois*]. Como os antigos *hashishin*, que eram persuadidos a fazer missões suicidas em nome de Hassan i-Sabbah, para ganharem o direito a voltar ao "Paraíso" (eram colocados no bordel do palácio durante uns dias, mantidos o tempo inteiro sob haxixe e persuadidos que estavam no paraíso das 70 virgens), estes "líderes cívicos" voltavam ao ocidente rotineiro, chato, *seen it all*, injusto sem dúvida, com a noção muito perigosa de que tinham acabado de sair do real paraíso terreno. O "inferno capitalista" não teria de ser melhorado e tornado realmente liberal-democrático; mas sim de ser resolvido com paradisíacas injecções de kool-aid colectivista.

**Infiltração resulta em confusão totalitária**.

Infiltração totalitária de grupos já visível nos anos 50. A partir dos 1950s, já existe uma forte infiltração de movimentos, em ambos os lados do Atlântico e essa condição só veio a intensificar-se e a agravar-se com a passagem do tempo. Isso foi determinante para a subversão do ideário e do discurso.

Cooptação anula discurso liberal-democrático por retórica totalitária. Até aí, a ideia fulcral, pendular, em acção cívica, era a de promover o avanço sócio-económico da sociedade; concretizar a ideia de igualdade de oportunidades para *todos* os indivíduos e centrar a economia na família média. A própria propaganda colectivista, para as massas, só conseguia obter adesão popular na medida em que alegava defender estes propósitos. Isto, claro, era uma mentira descarada, independentemente de ser originada de comunistas, socialistas, fascistas ou hiper-capitalistas (as várias faces da besta colectiva). A infiltração totalitária teve os efeitos que sempre tem: injectou obscurantismo colectivista, com a explosão de retórica relativa a "guerra social", "frentes comuns" e o recurso às "repúblicas socialistas" (URSS, o regime de escravos

da altura) como *benchmark* para equalização perfeita de relações sociais. Os valores da *reforma democrática* são gradualmente substituídos por retórica inflamada e radicalizada exigindo coisas como *desestabilização*, *tomada de poder*, *revolução*. Ou seja, muitos movimentos que eram até aí liberal-democráticos e reformistas são transformados em falanges e em quintas colunas, para mudança social radical. Isso era o pretendido pelos colectivistas, que concebem a sociedade como *tendo que estar* organizada por blocos de natureza sócio-estatística (sexo, profissão, etnia, etc.). É claro que esses blocos são regimentados, após o que podem ser utilizados e manietados pela *intelligentsia* no topo, pelas criaturas que gerem a "Animal Farm".

**Alienação abre portas a alta finança, desmantelamento sócio-económico**.

Transição institui a "frente comum" circense. A subversão ideológica de movimentos abre as portas à mentalidade circense pós-moderna (ver secção seguinte). Aqui, temos a profusão de movimentos cívicos que não são algo que se apresente em público, coisas decrépitas, subsidiárias, parasíticas, que só têm força e poder de operação enquanto secções da dinâmica de "frente comum", apenas mais um conjunto de ONGs radicais, desnaturadas e subvertidas pela mesma ideologia destrutiva pós-moderna *standard*, na grande panóplia global de grupos radicais a soldo das grandes fundações e do sistema ONU.

OSCs e sindicatos alienados da batalha – evitar desmantelamento do ocidente. O mesmo é válido para sindicatos e para inúmeras outras organizações da sociedade civil. Toda esta gente foi efectivamente alienada da real batalha dos últimos 40 anos: evitar o desmantelamento produtivo do mundo ocidental, o fim da empregabilidade democratizada e bem remunerada e, claro, o fim da própria democracia liberal. Os próprios sindicatos, na sua larga maioria, não perceberam (ou não quiseram perceber, sob subversão ideológica) que protestar a favor de melhores condições laborais de *nada* serve se não existir trabalho. Demasiados sindicatos estavam demasiado ocupados em delírios sobre harmonia laboral global, construção de socialismo global utópico e, não perceberam que estavam a abdicar dos seus próprios empregos, enquanto pagavam impostos para assegurar que a geração dos seus filhos nem sequer teria emprego.

Sem economia produtiva, só resta alta finança, nihilismo ONGista e crime policial.

A fórmula do Fascismo: banqueiros, radicais e militares. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. Terroristas económicos e terroristas culturais são acompanhados por terroristas de estado: aparatos policiais e militares devotados a crime organizado. A conjunção entre estes três blocos

gerais terroristas (banqueiros, militares e radicais) constitui a fórmula essencial do aparato de poder sob Fascismo corporativo.

**O uso e descarte de idiotas úteis**.

“Idiotas úteis” não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de “idiota útil”, sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O’Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que “*eis que as nações trabalharam para o fogo*”. Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O’Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de “*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado*”.

**AL GORE (1992) – Doutrinação sustentável – "Pan-religious perspective"**.

**AL GORE (1992) – Doutrinação sustentável**.

O Global Marshal Plan tem de incluir programa educacional global.

Nova forma de pensar sobre a relação entre vida humana e a Terra.

«

!

» Al Gore (1992), "Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit". Boston: Houghton Mifflin Company.

**AL GORE (1992) – A "panreligious perspective"**.

"Civilização perdeu contacto com natureza". «

″

#

»

Al Gore exige que seja implementada uma "panreligious perspective".

Uma boa definição – Pan era o deus dos mercadores e dos salteadores de estrada.

«

$

!

%

» Al Gore (1992), "Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit". Boston: Houghton Mifflin Company.

**Alinski – Corrupção industrial nos EUA, anos 30**

**Alinsky – Processo de subversão, organização comunitária**

***Descobrir potenciais aliados e seduzi-los – apelar a auto-interesse***

( 5 #
) : 5 # )
5 #
"
" 7 ’ #

/ + , 6 + / C@@@
A! 6 ! 6 A
# "

:B !60!5

B ,+9!5 ’
**
’ +
/ # ’ 1 (
’ D& .
( / C@
# *
’ # 4
5 . $% 6 ! + - % % & 789:

*ASCH – Conformidade, recompensa, punição*

.

Teste a conformidade perante situações de grupo. Solomon Asch, nos anos 50, Swarthmore College.

Conformismo, para obter recompensas, evitar punição. O poder da conformidade e influência social normativa perante a opinião maioritária. Ou seja, o voluntarismo para conformismo público, por forma a obter recompensas sociais, evitar punição social.

Participante colocado num grupo composto de confederados. «*Experiments asked groups of students to participate in a "vision test." In reality, all but one of the participants were confederates of the experimenter, and the study was really about how the remaining student would react to the confederates' behavior. Each participant was put into a group with 5 to 7 "confederates" (people who knew the true aims of the experiment, but were introduced as participants to the naive "real" participant)*»

18 ensaios com cartões – linhas A, B e C – 12 ensaios "críticos". «*The participants were shown a card with a line on it, followed by another card with 3 lines on it labeled A, B, and C. The participants were then asked to say which line matched the line on the first card in length. Each line question was called a "trial". The "real" participant answered last or next to last. For the first two trials, the participant would feel at ease in the experiment, as he and the confederates gave the obvious, correct answer. On the third trial, the confederates would all give the same wrong answer. There were 18 trials in total and the confederates answered incorrectly for 12 of them. These 12 were known as the "critical trials"*»

Testar conformidade ao grupo – 32% respostas, 75% participantes. «*The aim was to see whether the real participant would change his answer and respond in the same way as the confederates, despite it being the wrong answer. In a control group, with no pressure to conform to an erroneous view, only one participant out of 35 ever gave an incorrect answer. Solomon Asch hypothesized that the majority of participants would not conform to something obviously wrong; however, when surrounded by individuals all voicing an incorrect answer, participants provided incorrect responses on a high proportion of the questions (32%). Seventy-five percent of the participants gave an incorrect answer to at least one question*»

Conformidade máxima com 4 comparsas. «*Variations of the basic paradigm tested how many cohorts were necessary to induce conformity, examining the influence of just one cohort and as many as fifteen. Results indicate that one cohort has virtually no influence and two cohorts have only a small influence. When three or more cohorts are*

*present, the tendency to conform increases only modestly. The maximum effect occurs with four cohorts. Adding additional cohorts does not produce a stronger effect*»

Perante divergência entre confederados, conformidade diminui. «*The unanimity of the confederates has also been varied. When the confederates are not unanimous in their judgment, even if only one confederate voices a different opinion, participants are much more likely to resist the urge to conform (only 5–10% conform) than when the confederates all agree. This finding illuminates the power that even a small dissenting minority can have. Interestingly, this finding holds whether or not the dissenting confederate gives the correct answer. As long as the dissenting confederate gives an answer that is different from the majority, participants are more likely to give the correct answer*»

Conformidade mais acentuada entre mulheres e dentro de ingroups. «*Men show around half the effect of women (tested in Asch conformity experiments 2 same-sex groups); and conformity is higher among members of an ingroup*»

**ATOMIZAÇÃO SOCIAL – Grupo é a nova Mãe, autoridades o novo Pai**.

**[Carl Jung in the background]**.

Pais tornam-se obsoletos, irrelevantes. Existe todo um mundo brilhante, reluzente e colorido lá fora, repleto de prendas e coisas boas, fantasia, satisfação, felicidade. [Existe um mundo novo lá fora, e algures nesse mundo estão pessoas mais avançadas, mais sofisticadas, mais cultivadas que os pais – e é preciso encontrar essas pessoas e pertencer a esse mundo, para evoluir e avançar]. Um mundo sofisticado, comandado por pessoas muito mais informadas, avançadas, e sofisticadas que os pais. Pertencer a esse mundo implica rejeitar e abandonar o universo limitado, constrangido, tradicional da família.

Nova família: grupo social, do micro ao macro. A criança já não precisa dos pais, e começa a encontrar uma nova família lá fora – o grupo de pares e as autoridades institucionais, a sociedade em geral.

O grupo de pares como novo espaço maternal. O grupo de pares, a fraternidade, tende a assumir a função tradicional da mãe. Torna-se o espaço de aceitação, de compreensão, de afecto, onde o problemas podem ser partilhados e as decisões podem ser tomadas. A única regra: conformidade e obediência.

Autoridades institucionais são a nova gestalt paternal. As autoridades institucionais assumem uma função paternal: a imagem que foi vendida à criança é a de que a sociedade organizada é um espaço onde existe tolerância, sensatez, rigor. É o espaço que pode abrir as portas a uma vida realizada. É o espaço que oferece justas recompensas. A função tradicional do pai está em definir as regras, dar verdades objectivas, impor disciplina, distribuir recompensas e punições. Essa função é assumida, claro, pelas autoridades institucionais – a instituição, o estado, a empresa, e por aí fora.

A maior mãe é a sociedade em geral. A criança dissocia-se dos pais e da família, e sonha pertencer a estes novos domínios, a esta nova família que imagina, no mundo imaginário lá fora.

.

Vida urbana, justaposição de vidas solitárias.

Medo da ligação afectiva – culto do ego – em vez de amor, masturbação conjunta.

O próximo como meio de obter prazer ou dinheiro – um concorrente.

Acção colectiva impensável – mudança política inconcebível.

«*A nona forma continuará também a criar condições para que a vida urbana seja cada vez mais solitária, em apartamentos cada vez mais exíguos, com parceiros sexuais e afectivos cada vez mais efémeros. O medo da ligação afectiva, a fuga ao compromisso, a indiferença aparente tornar-se-ão (como já se verifica) formas de sedução. A apologia do indivíduo, do corpo, da autonomia, do individualismo farão do ego, do eu, o valor absoluto. O erotismo tornar-se-á um saber reivindicado explicitamente. Serão toleradas as formas de sexualidade mais diversas, à excepção do incesto, da pedofilia e da zoofilia. A ubiquidade nómada e as comunidades virtuais criarão novas ocasiões para os encontros, de natureza comercial ou não*» (p. 126)

«*Cada um verá o próximo como um instrumento da sua própria felicidade, um meio de obter prazer ou dinheiro, senão ambos. Já ninguém pensará em preocupar-se com o outro: porquê partilhar quando é preciso lutar? Porquê agir em conjunto quando o outro é um concorrente? Já ninguém considerará que a felicidade do outro lhe poderá ser útil, e certamente ninguém procurará a sua felicidade na do outro. Toda a acção colectiva parecerá impensável, pelo que qualquer mudança política será inconcebível... O mundo não passará, então, de uma justaposição de vidas solitárias, e o amor não será mais do que uma justaposição de masturbações*» (Pág. 182)

Jacques Attali, "Uma Breve História do Futuro" (2006)

:*The complexity of the society and rapidity of change will require that comprehensive long-range planning become the rule, in order that carefully developed plans will be ready before changes occur… Long-range planning and implementation of plans will be made by a technological-scientific elite… A small elite will carry society's burdens… Wealth and power will be monopolized by the elite…*;

5# 8 ’ 8 F 7 ’ 8 9

***“Political democracy will be limited to broad social policy… even there the elite will be influential”.***

***“This will strain the democratic fabric to a ripping point”***

:*Participatory democracy in the American-ideal mold will mainly disappear* F *Political democracy, in the American ideological sense, will be limited to broad social policy; even there, issues, alternatives, and means will be so complex that the elite will be influential to a degree which will arouse the fear and animosity of others. This will strain the democratic fabric to a ripping point*;

! " # + <= 8 > / ? 8 8@ 6 & " 6
# ’ ? + 0 6 & A ’ $ B 6
C $ C 6 A )

*** & $ ( ) $&) # * * , $ $ ) ) - ) ) )**

G ’ ’ ’ ’ :*non-work world*;

- H ’ ’ 2 !

5 ) 7 & 9

:*…over-population… concentrated in… large metropolitan areas… Concentrated populations will create tensions and strain public services*;

! " # + <= 8 > / ? 8 8@ 6 & " 6
# ’ ? + 0 6 & A ’ $ B 6
C $ C 6 A )

**. ) $ $ / $ ) 0**

5"6 ’ ’ 7 $ 8 & $
I 68 9

:*The resulting impersonal manipulation of most people's life styles will be softened by provisions for pleasure seeking and guaranteed physical necessities… The worth and*

*dignity of individuals will be endangered on every hand. Only exceptional individuals will be able to maintain a sense of worth and dignity*;

5# 6 7 68 F ’ 7 6 9

***“…bread and circuses to keep dissension at a minimum”***

***Maior parte da população vai devotar-se à procura de prazer.***

***As pessoas vão estudar, brincar, viajar, consumir drogas***

***Culto da juventude*** ’ :*youthful… in terms of attitudes, objectives, and practices*; ’

:*Protestant Ethic will atrophy as more and more enjoy varied leisure and guaranteed sustenance. Work as the means and end of living will diminish in importance except for a few with exceptional motivation, drive, or aspiration. No major source of a sense of worth and dignity will replace the Protestant Ethic. Most people will tend to be hedonistic, and a dominant elite will provide "bread and circuses" to keep social dissension and disruption at a minimum*;

:*Most of the population will seek meaning through other means or devote themselves to pleasure seeking… The society will be a leisurely one. People will study, play, and travel; some will be in various stages of the drug-induced experiences*;

# )* * # * ’* ) $ $ 1 " $ # )

5 6 $ J F 9

# ’ & ’ $ 4 ’ ! ’ ’ ’

5 8 7 & $ F ’ ’ 7 8 ’ 8 & 9

J ’ ’ & ’ ’ ’

:*Shifting Social Values… Rapidity and magnitude of change, individual susceptibility to attitudes influencing actions, intensity of interaction in highly concentrated population centers, and other factors will increase the rate of value change and their extent… Cohesive, stable value which lead to predictable selection of courses of action, from among many alternatives, will become rare. Pragmatic values—those that help to make decisions which "work"—will prevail. Pragmatism is, in turn, a key function of values;*

*therefore, society will be divided and in conflict. Mass media will be used systematically to prevent societal disintegration*;

:*The society will shift, with great rapidity, its values and operational processes for implementing them*;

! " # + <= 8 >/? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $B 6
C $ C 6 A )

**2 # ) # 3 ) ) ) " '**

) & %

***…com "social-humanistic projects".***

***…"utilizing systems approaches and cybernetics in solving human problems".***

***…"the building of structures with total environmental controls"***

: *…toward adequate funding in social-humanistic projects…*;

:*Systems Approach and Cybernetics… utilizing systems approaches in solving major human problems*;

: F *the building of structures with total environmental controls»*

! " # + <= 8 >/? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $B 6
C $ C 6 A )

***"Each will be able to receive instant updating of ideas and information".***

***"…and thus exposed to direct and subliminal influence".***

***"Each individual will be saturated with ideas and information"***

***Alguma desta informação é "…imposed covertly by various agencies, organizations, and enterprises".***

***"Relatively few individuals will be able to maintain control over their opinions".***

:*Communications Capabilities and Potentialities for Opinion Control… Each will be able to receive instant updating of ideas and information on topics previously identified… and thus exposed to direct and subliminal influence. Mass media transmission will be instantaneous to wherever people are and in forms suited to their particular needs and roles*;

:*Each individual will be saturated with ideas and information. Some will be self-selected; other kinds will be imposed overtly by those who assume responsibility for others' actions (for example, employers); still other kinds will be imposed covertly by various agencies, organizations, and enterprises. Relatively few individuals will be able to maintain control over their opinions. Most will be pawns of competing opinion molders*;

! " # + <= 8 > /? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $ B 6
C $ C 6 A )

**4)& ## ) 5**

5 ! GA ' 9 ' ' 5 ' 8 6
9

:*Each individual will receive at birth a multi-purpose identification number which… will be in constant communication with their employers, or other controllers*;

4 ' ' 6 & .

5 ( 7 $ ' ' 7 6 6 6 1 6 6 ' 9

***Isto é acompanhado de "vast data banks"…***

***…e "increased capabilities for managing information"***

:*…extensive communications… None will be out of communication with those authorized to reach him*;

:*There will be increased capabilities for managing information and making it available in processed, personally relevant form and substance… Society will have vast data banks which can be updated continuously and utilized in a systematic assessment of what prevails and steps which must be taken to attain current objectives. Decision-making will be systematic and decisions will be implemented readily*;

! " # + <= 8 > /? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $ B 6
C $ C 6 A )

**6 &# 70 " #( ,**

) E & & ' ' '

***"…most children will be "designed"with maximum capacities for future development and minimal hindrance to projected development"***

:*Biological capabilities for controlling a child's… development… will increase. Thus, most children will be "designed"with maximum capacities for future development and minimal hindrance to projected development*;

***Mudanças induzidas na população por manipulação de água e comida, controlo climático***

:*…major changes will be induced in total populations through manipulation of water and food supply, climate control, and the building of structures with total environmental controls. Ultimately, these capabilities will produce conflict between those who want to live and those who want to create new life*;

! " # + <= 8 > /? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $ B 6
C $ C 6 A )

**6 $ * / %**

$ ' ' $ '

:*Means eventually will be developed to transfer to individual brains new knowledge automatically*;

! " # + <= 8 > /? 8 8@ 6 & " 6
# ' ? + 0 6 & A ' $ B 6
C $ C 6 A )

**# $ ) # ) $ $**

' ! & D 6 $
& '

* , $

* ' $ '
5 ' & 9

***Conteúdo focado em construção de valores...***

***...relações interpessoais...***

***...“pleasure-cultural development”…***

***…and other attitudes and skills compatible with a non-work world***

:*Content focused on value building, process competency, logical and critical thinking, interpersonal relations, and pleasure-cultural development – and other attitudes and skills compatible with a non-work world*;

! " # + <= 8 > /? 8 8@ 6 & " 6
# ’ ? + 0 6 & A ’ $ B 6
C $ C 6 A )

______________________________________________.

Acção animalesca é inerentemente positiva – pensamento, negativo. Bergson queria ver acção em nome de acção. A toda a contemplação pura chama "sonhos", e condena-os com uma série de epítetos insultuosos: estáticos, platónicos, matemáticos, lógicos, intelectuais. Não existe lugar nesta filosofia para o momento de insight contemplativo quando, ascendendo acima da vida animal, o homem torna-se consciente dos fins maiores que redimem o homem da vida de um bruto.

Acção instintiva – "Força vital" – Obscurantismo. Estamos condenados, na acção, a ser meros escravos do instinto: a força vital puxa-nos e restringe-nos, impiedosamente e incessantemente. Aqueles para quem a actividade sem propósito parece um bem suficiente têm nos livros de Bergson uma imagem agradável do universo. Mas esta filosofia será vista como algo de banal, obscuro e provocatorial por aqueles que vêm a vida humana como algo mais do que a expressão de uma sucessão coordenada de algoritmos comportamentais ordenados por instintos animalescos.

Anulação nihilista do intelecto – Hipocrisia. Em Bergson temos esta tentativa de anulação nihilista do intelecto, em prol de automatismo instintivo, pré-pavloviano. Bergson também é um hipócrita que claramente não provou do seu próprio veneno, caso contrário não teria devotado tempo a escrever coisas deste género.

Animalização, automatização operante. Esta marca de pessimismo anti-científico, anti-racionalista, vem advogar uma animalização, bestialização, automatização operante, do funcionamento humano.

**BLOOM – Reeducação – Grupo de pares – Pedofilia**.

**Bloom – Família – Usar grupo de pares, média (2)**.

Isolar criança de pais e amigos, usar grupo de pares e escola para reorganizar crenças e atitudes (Bloom).

. «

»

.

.

! . Bloom nota que este procedimento produzia conflitos entre pais e filhos e entre estudantes e pares que não participam nas "oportunidades especiais". Depois diz que a eficácia deste processo é tanto maior quanto mais o estudante for isolado do lar e do seu grupo tradicional de amigos.

Isolamento é **essencial** em lavagem cerebral.

**PEDOFILIA**. Isto é a abordagem que pedófilos utilizam com as suas vítimas.

«

».

Cita um estudo onde, «

!

" #$%&$'

(

» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). “Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain”.

______________________________________________.

.

Verdade é temporal e situacional. «*...we recognize the point of view that truth and knowledge are only relative and that there are no hard and fast truths which exist for all times and all places*»*

Estudante com sucesso é situacional e relativista.

. «*Judges problems and issues in terms of situations, issues, purposes, and consequences involved rather than in terms of fixed, dogmatic precepts…*»**

Abrir a Caixa de Pandora. Caixa de Pandora, uma caixa cheia de maldade que, uma vez aberta, nunca mais pode ser fechada ou, se fechada, é apenas a tempo de prevenir a fuga da esperança. *«The affective domain is, in retrospect, a virtual "Pandora's Box"... We are not entirely sure that opening our "box" is necessarily a good thing… It is in this "box" that the most influential controls are to be found. The affective domain contains the forces that determine the nature of an individual's life and ultimately the life of an entire people*»**

*David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals”. Volume 1, Cognitive Domain.

**David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). “Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain”.

.

Superego social no lugar de uma consciência – Consciência social. É isto que se pretende dizer quando se fala de “consciência social”.

Morta a consciência individual, fica uma consciência social, de grupo. «*Superego development is conceived as "...the incorporation of the moral standards of society”. Internalization (incorporating as one's own) is thus a critical element in superego development and in the development of conscience. Therefore the levels of the Taxonomy should describe successive levels of goal setting appropriate to superego development*» – David Krathwohl, Benjamin S. Bloom (1964). “Taxonomy of Education Objectives: the classification of educational goals, Volume 2, Affective Domain”.

!"#$% & ' ( ) * +.

Marx e Engels dizem-nos que não existem verdades que existam para todos os tempos e todos os lugares. Isto é dito nas Teses de Feuerbach, no Manifesto e por aí fora. Uma referência parafrásica é «*For dialectical philosophy, nothing is final, absolute, sacred*», por Engels, em "Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy".

Verdade e conhecimento são apenas relativos.

Não existem verdades que existam para todos os tempos e todos os lugares.

! !

.

«*But, as has been pointed out before, we recognize the point of view that truth and knowledge are only relative and that there are no hard and fast truths which exist for all time and all places*» David Krathwohl, Benjamin Bloom and Bertram Massia (1956), Taxonomy of Educational Objectives, Handbook I: Cognitive Domain. McKay Publishers.

## Bloom – Doutrinação ideológica e afectiva (2)

**Bloom – Doutrinação ideológica e afectiva (3) – Respostas pavlovianas**

É a partir do trabalho de Bloom e associados, que surgem a generalidade das inovações que destrõem os sistemas de ensino nas últimas décadas.

***O fim dos sistemas de avaliação rigorosos***.

***Apelar à "descoberta individual" e em consenso – i.e., descobrir o que é verdade para a turma, em vez do que é verdade, ponto***.

***Ensinar crenças e temas sociais em vez de factos***.

Isto é a essência do sistema Unesco, hoje em dia em vigor na generalidade do planeta.

«*There is nothing sacred about the normal curve. It is the distribution most appropriate to chance and random activity. Education is a purposeful activity, and we seek to have students learn what we have to teach. If we are effective in our instruction, the distribution of achievement should be very different from the normal curve. In fact, we may even insist that our educational efforts have been unsuccessful to the extent that the distribution of achievement approximates the normal distribution*» (52–53)

Bloom, B. S., Madaus, G. F., and Hastings, J. T. (1981). "Evaluation to improve learning". New York: McGraw-Hill.

## RZEZINSKI (1968) – Sociedade tecnetrónica e turbulência social

**Brzezinski (1968) – "Era tecnetrónica: desemprego, conflito, fragmentação, controlo"**

*In the technetronic society industrial employment yields to services, with automation and cybernetics replacing individual operation of machines*

*widening differentiation among men and societies*

! " *the instantaneous electronic intermeshing of mankind will make for an intense confrontation straining social and international peace* # ! *The challenge in its essence involves the twin*$*dangers of fragmentation and excessive control*

% & ' ( )* + , - . /0 1" 2 " 3 #
4 56 ) 7 0

**Brzezinski (1968) – "Universal elite, network of e-communication, world culture"**

# 8 # 9 *truly new era* :
*universal intellectual elite, one that shares certain common values and aspirations*

; < # *network of electronic communication* *inevitably* *world super-culture*

% & ' ( )* + , - . /0 1" 2 " 3 #
4 56 ) 7 0

**Brzezinski (1968) – "Cálculo multivectorial, manipulação genética, controlo bioquímico, perca de individualidade"**

# " *truly new era*

= 8 : 8 : 8 >
? *The growing capacity for calculating instantly most complex interactions and the increasing availability of bio-chemical means of human control* # ! *the possibility of extensive chemical mind-control*
*the danger of loss of individuality*

: 8 ? 9 8 @ A

= *Finally, looking ahead to the end of this century, the possibility of bio-chemical mind-control and genetic tinkering with man, including eventually the creation of beings that will function like men — and reason like them as well — could give rise to the most difficult questions*

% & ' ( )* + , - . / 0 1 " 2 " 3 #
4 56 ) 7 0

**rzezinski (1968) – "Withdrawal from involvement, psychic instability"**

1 3B C *the next phase may be one of sullen withdrawal from social and political involvement, a flight from social and political responsibility through* 1*inner-emigration*3

? = < "
= < B *Political frustration could increase the difficulty of absorbing and internalising rapid environmental changes thereby prompting increasing psychic instability*

% & ' ( )* + , - . / 0 1 " 2 " 3 #
4 56 ) 7 0

*and chemical tampering with what has until now been considered the immutable essence of man. Human conduct, some argue, can be predetermined and subjected to deliberate control.*

*Instead of accepting himself as a spontaneous given, man in the most advanced societies may become more concerned with conscious self-analysis according to external, explicit criteria… The "internal man"—spontaneously accepting his own spontaneity—will more and more be challenged by the "external man"—consciously seeking his self-conscious image; and the transition from one to the other may not be easy.*

*The possibility of extensive chemical mind control… the feasibility of manipulating the genetic structure... As the previously cited, writer put it, ". . . while the chemical affects the individual, the person is significant to himself and to society in his social context — at work, at home, at play. The consequences are social consequences.*

*Moreover… by the end of this century… two-thirds of the people in the advanced countries will live in cities… The impact of cities is already contributing to… depersonalization… overcrowding leads to distorted neurotic and downright pathological behaviour… City life today is definitely leading to mass mental disease… .*

&’ ( ( ) !"#$% H
I J ) 1 ) <

**, , - & & & & *científica***
( ( ) 4 4
( @ A% =2 4 ( % 2 (
4 2 ( % 4 *
6 % ( % *

**BRZEZINSKI – “Science corrupted by the ruling elite”**

---

---

---

!*At some point, however, even the efficiency-oriented group will have to address itself to the more basic questions concerning the nature of man and the purpose of social existence. Until it does so, there is always the likelihood that the ruling elite can at least temporarily succeed in compartmentalizing the scientific community, in extracting its talents, and in corrupting it with a system of rewards—all the while reserving to itself the definition of the larger objectives*"

# $ % & ’( )*+, -% $ . $ / 0 / 1 2 3 . 3
4 5 6 $ 7 &0 . 3 8 & 9

**CAMUS – Artistas existenciais têm de re-atar o Nó Górdio**

*Yes, the rebirth is in the hands of all of us. It is up to us if the West is to bring forth any anti-Alexanders to tie together the Gordian Knot of civilization cut by the sword. For this purpose, we must assume all the risks and labors of freedom*! "
# $ % & # ’ () (*+,

- . . . / "

# $% & " ! .

<u>“Novas perspectivas sobre a família” – casamento monógamo fora de moda</u>.

«*Another essential curricular decision you will have to make is what to teach a young child about his future role as a man or a woman. A lot will depend on what you know and what your philosophy is about parenting.... Already we are hearing about experiments that are challenging our traditional views of monogamous marriage patterns...*»

Dr. Chester M. Pierce M.D. [Harvard University]. “Becoming Planetary Citizens: A Quest for Meaning”. Childhood Education, November 1972.

# $% & ’ () " ’ ’ " ’ *’ ’ .

«*Finally—perhaps most difficult of all—you will have to teach children how to unlearn, how to re-learn and how to give up things...*»

Dr. Chester M. Pierce M.D. [Harvard University]. “Becoming Planetary Citizens: A Quest for Meaning”. Childhood Education, November 1972.

# $% + ( # # ’ # , - ( # ’ # ..

<u>No ano seguinte, este mesmo professor dá uma palestra célebre</u>.

<u>“A criança que entra na escola com 5 anos está mentalmente doente”</u>.

***Entra na escola com fidelidades ao sistema constitucional.***

***Aos pais.***

***A uma crença num ser sobrenatural – Deus.***

***E a acreditar no valor de soberania nacional.***

<u>A função da educação tem de ser curar todas estas crianças, para desenvolver a “criança internacional do futuro”</u>.

«*Every child in America entering school at the age of five is mentally ill because he comes to school with certain allegiances to our founding fathers, toward our elected*

*officials, toward his parents, toward a belief in a supernatural being, and toward the sovereignty of this nation as a separate entity. It's up to you as teachers to make all these sick children well—by creating the international child of the future*»

Chester M. Pierce (1973). Address to the Childhood International Education Seminar in Boulder, Colorado, *In* John Taylor Gatto, The Underground History of American Education.

Existe uma “necessity to fight wars”. «*The necessity to fight wars*»

As pessoas, colectivamente, travam guerras de tanto em tanto tempo.

Guerras são provocadas pela natureza humana, comportamento humano.

Ou seja, culpa colectiva, responsabilidade colectiva. «*...we are the kind of people who fight wars every fifteen or twenty years. Why? Shall we only throw up our hands in resignation and reply "human nature"? Surely other expressions of human nature are subject to extensive changes. Why not this one?... We may not change nature but surely its expression in behavior patterns can be modified very extensively*»

Guerra melhora estatuto económico de muitas pessoas.

Traz prosperidade, dinheiro flui. «*Wars affect the economic status of millions of people, many of them for the better. Business booms, money flows freely, prosperity is widespread, but only where the war is not actually being fought*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

! .

«*...find and take sure steps to prevent wars in the future...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

! ! "! .

“Razões pelas quais combatemos guerras – sintomas neuróticos”.

«*guilt*»

«*Can we identify the reasons why we fight wars...? Many of them are easy to list-- prejudice, isolationism, the ability emotionally and uncritically to believe unreasonable things, excessive desire for material or power, excessive fear of others... ability to avoid seeing and facing unpleasant facts and taking appropriate action.... They are all well known and recognized neurotic symptoms…*»

Até auto-defesa é uma reacção neurótica. «*Even self defense may involve a neurotic reaction when it means defending one's own excessive material wealth from others who are in great need. This type of defense is short sighted, ineffective and inevitably leads to more wars*»

"Necessidade de travar guerras" é um "sintoma psiquiátrico patológico". «*The necessity to fight wars, whether as aggressor or as a defender who could have, but has not, taken steps to prevent war occurring, is as much a pathological psychiatric symptom as is a phobia or the antisocial behavior of a criminal who has been dominated by a stern and unreasonable father*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

# ! .

Conceito de bem e de mal é uma perversão, o mínimo denominador comum. «*What basic psychological distortions can be found in every civilization?... There is – just one. The only lowest common denominator of all civilizations and the only psychological force capable of producing these perversions is morality, the concept of right and wrong…*»

Isto é um fardo castrante. «*…crippling burden of good and evil*»

Isto provoca desajustamento e infelicidade no mundo. «*We have been very slow to rediscover this truth and to recognize the unnecessary and artificially imposed inferiority, guilt and fear, commonly known as sin.... which produces so much of the social maladjustment and unhappiness in the world. For many generations we have bowed or necks to the yoke of the conviction of sin. We have swallowed all manner of poisonous certainties fed us by our parents, our Sunday and day school teachers, our politicians, our priests, our newspapers and others with vested interests in controlling us*»

Resultados de ter uma consciência, uma alma, são neurose, frustração, incapacidade de apreciar a vida. «*Misguided by authoritarian dogma, bound by exclusive faith, stunted by inculcated loyalty, torn by frantic heresy...and loaded down by the weight of guilt*

*and fear engendered by its own original promises, the unfortunate human race, deprived ... of its reasoning power and its natural capacity to enjoy the satisfaction of its natural urges, struggles along under its ghastly self-imposed burden. The results, the inevitable results, are frustration, inferiority, neurosis and inability to enjoy living, to reason clearly or to make a world fit to live in*»

Indivíduos neuróticos são pessoas cheias de ódio...uma ameaça bastante real. «*Individuals who have emotional disabilities of their own, guilts, fears, inferiorities, are certain to project their hates on to others, on groups, communities, or nations, and thus to jeopardize seriously the external relations of those who are associated with them. They are a very real menace*»

O objectivo é a reinterpretação e a eventual erradicação das ideias de bem e mal. **$***The re-interpretation and eventually eradication of the concept of right and wrong which has been the basis of child training, the substitution of intelligent and rational thinking for faith in the certainties of the old people, these are the belated objectives of practically all effective psychotherapy. Would they not be legitimate objectives of original education? Would it not be sensible to stop imposing our own local prejudices and faiths on children and give them all sides of every question so that...they may have the ability to size things up and make their own decisions?*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

% ! & % .

As pessoas têm de viver em nome de si mesmas [do umbigo] e do grupo [a aldeia, a comuna].

Não em nome de princípios, ou ideais válidos, uma vez que isso é – neurose. «*...live comfortably for themselves and for the group*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

' ! ! ( ! .

Pais não têm direito a inculcar regras e pontos de vista nos filhos…

[...uma vez que isso provoca neuroses, distúrbios comportamentais, perturbações emocionais, falha de maturidade emcional...]

...não, essa tarefa tem de ser da comunidade – do estado.

«*...it has long been generally accepted that parents have perfect right to impose any points of view, any lies or fears, superstitions, prejudices, hates, or faith on their defenseless children. It is, however, only recently that it has become a matter of certain knowledge that these things cause neuroses, behavior disorders, emotional disabilities, and failure to develop to a state of emotional maturity which fits one to be a citizen of a democracy... Surely the training of children in home and schools should be of at least as great public concern as their vaccination for their own protection*»

É preciso usar estado, professores, pais, associações, grupos, igrejas, catequeses...

...para desconformar, reinterpretar, aniquilar ideias de bem e mal.

«*...the people who matter are the teacher, the young mothers and fathers, the parent-teacher associations, youth groups, service clubs... churches and Sunday schools -- everyone who can be reached and given help toward intellectual freedom and honesty for themselves and for the children...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

**#          (   &   )   .**

Cientistas sociais e políticos têm de abraçar objectivos de modificação comportamental. «*The responsibility for charting the necessary changes in human behavior rests clearly on the sciences working in that field. (Psychologists, psychiatrists, sociologists, economists and politicians must face this responsibility)*»

Ciências humanas têm de decidir futuro imediato da raça humana. «*With the other human sciences psychiatry must now decide what is to be the immediate future of the human race. No one else can. And this is the prime responsibility of psychiatry*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm's talks of October 28, 1945, entitled "*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*".

***+   *!   !   ! .**

Todos têm de ser reeducados para…

«*This must go on until we, all the people, are re-educated to be able to live in peace together, until we are free to observe clearly and to think and behave sensibly… Can such a program of re-education or of a new kind of education be charted?*»

Impor “maturidade”, que representa capacidade de cooperar…

...trabalhar numa organização, sob autoridade, ser adaptável e comprometer.

“Maturidade é algo que falta a maioria da raça humana”.

«*Of course, maturity represents the capacity to cooperate: to work with others, to work in an organization and under authority. The mature person is flexible, can defer to time, persons, circumstances. He can show tolerance, he can be patient, and above all he has the qualities of adaptability and compromise. Basically, maturity represents a wholesome amalgamation of two things: (1) dissatisfaction with the status quo, which calls forth aggressive, constructive effort, and (2) social concern and devotion... It would appear that this quality of maturity, this growing up successfully, is what is lacking the human race generally...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

+ , *- ! , *( ! .

Educação clássica, com a sua ênfase em conceitos de bem e mal – não roubarás, não mentirás – está a criar legiões de neuróticos. «*The training of children is making a thousand neurotics for every one that psychiatrists can hope to help with psychotherapy*»

Substituir educação válida por ideologia e programação cultural.

Relegar matérias válidas para mais tarde – universidade e por aí fora.

Essa é a estratégia para desenvolver cidadãos globais responsáveis. «*I would not presume to go so far, except to suggest that psychology and sociology and simple psychopathology, the sciences of living, should be made available to all the people by being taught to all children in primary and secondary schools, while the study of such thing as trigonometry, Latin, religions and others of specialist concern should be left to universities. Only so... can we help our children carry their responsibilities as world citizens...*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

. ) )

“Há a pretensão de que acabar com bem e mal produziria barbarismo”. «*The pretense is made... that to do away with right and wrong would produce uncivilized people, immorality, lawlessness and social chaos…*»

E, sem dúvida, Chisholm confirma essa hipótese.

Se isto não puder ser feito gentilmente, tem de ser feito à força.

Usar violência para acabar com violência – vamos forçar-te a ser livre, como na Revolução Bolchevique. «*There is something to be said for taking charge of our own destiny, for gently putting aside the mistaken old ways of our elders if that is possible. If it cannot be done gently, it may have to be done roughly or even violently – that has happened before*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

. / ! 0 .

Para evitar mais guerras, há que usar todo um programa de guerras preventivas...

...com terror, aniquilação de povos inteiros, e este género de coisa.

Usar guerra, para acabar com guerra.

«*The necessity to fight wars, whether as aggressor or as a defender who could have, but has not, taken steps to prevent war occurring, is as much a pathological psychiatric symptom as is a phobia or the antisocial behavior of a criminal who has been dominated by a stern and unreasonable father… The people who definitely do not want to fight any more wars must promise annihilation to any nation which starts to fight and must be prepared immediately and ruthlessly to carry out that promise without parley or negotiation. This involves the continual upkeep of widely dispersed atomic rocket stations covering the whole world and a continual high pressure research program to discover ever more efficient methods of killing to keep ahead of any possible competition*»

[Gen.] Chisholm, G.B. (1946), The psychiatry of enduring peace and social progress. *Psychiatry*, 9, 1-44. From Chisholm’s talks of October 28, 1945, entitled “*The Psychiatry of Enduring Peace and Social Progress*”.

.

“…to embrace nearly all levels of human activity”.

“…a state of complete physical, mental, and social well-being”.

Em nome de “vida harmoniosa em ambiente total em mudança permanente”.

Autoridades têm o dever de regular todos os níveis, para assegurar “bem-estar”.

«

! »

Isto é realçado com o objectivo de promover vida harmoniosa num ambiente total em mudança permanente: « ! ».

A Constituição da OMS define saúde como « " », sendo que as autoridades têm o dever de assegurar esse estado de completo, total bem-estar. Ou seja, todos os países que assinaram esta carta disseram, ao fazê-lo, que as suas autoridades passam a arrogar-se o direito e o dever de interferir em cada pequeno domínio da vida dos seus cidadãos.

Brock Chisholm, “The World Health Organization”. # $ % $ & ’ , 437, March 1948.

*Christopher Simpson (1994): The Engineering of Consent*

**Simpson (1994) – "US psychological warfare and the engineering of consent"**.

!" #$

% & ' " " ! ( ! !$

) " ! * $

+ ( " $

, ( " " " ( ! " ! (! $

-*U.S. psychological warfare programs between 1945 and 1960 provide a case study of how the priorities and values of powerful social groups can be transformed into the "received knowledge" of the scientific community and, to a certain extent, of society as a whole… It is a twofold story, first of the successes and failures of the government's effort to achieve the engineering of consent of targeted populations at home and abroad, and, contained within that, the story of the mechanisms by which consent was achieved among the scientists who had been hired to help with the job… various leaders in the social sciences engaged one another in tacit alliances to promote their particular interpretations of society… They regarded mass communication as a tool for social management and as a weapon in social conflict… they concentrated on how modern technology could be used by elites to manage social change, extract political concessions, or win purchasing decisions from targeted audiences*. /0

122 0 3 0 ( 4 ! 5 "

6 12 12 $ 78 ! & 5 9

**Simpson (1994) – "Science on demand" [ciência dialéctica]**

:( ! " " " ; & "$

( # !*( ! " " $

-*…funding agencies and interlocking committees… One result of this selective financing has been a detailed elaboration of those aspects of scientific truth that tend to support the preconceptions of the agencies that were paying the bill*. /0

122 0 3 0 ( 4 ! 5 "

6 12 12 $ 78 ! & 5 9

**Simpson (1994) – “Engineering of consent of targeted populations” [genocídio]**

-*…the government's effort to achieve the engineering of consent of targeted populations at home and abroad* ; *U.S. social science, including mass communication research, helped elaborate rationales for coercing groups targeted by the U.S. government and Western Industrial culture generally. It developed relatively sophisticated techniques used in attempts to exercise that dominion… That process, moreover, consistently has been marked by great violence, frequently including genocide, as the "modern" world overwhelms indigenous cultures and peoples*. /0 122
0 3 0 ( 4 ! 5 " 6 12 12 $ 7 8 !
& 5 9

**Simpson (1994) – “Filling the blank slate with slogans, catchphrases”**

-*From the advertisers' point of view, however, the simple sale of products and services is not enough. Their commercial success in a mass market depends to an important degree on their ability to substitute their values and worldview for those previously held by their audience, typically through seduction and deflection of rival worldviews. Terms like "Pepsi Generation," "Heartbeat of America," and "I Love What You Do for Me" (to cite modern examples) have always been more than simple advertising slogans. They have been successful from the advertisers' point of view only to the extent they have defined a way of life. Thus the (professed) ability to measure mass media messages and the responses they trigger became one necessary prerequisite to a much broader social shift, a shift in which modern consumer culture displaced existing social forms… This orientation reduced the extraordinarily complex, inherently communal social process of*

-*The mainstream paradigm of communication studies in the United States—its techniques, body of knowledge, institutional structure, and so on—evolved symbiotically with modern consumer society generally, and particularly with media industries and those segments of the economy most dependent on mass markets. Communication research in America has historically proved itself by going beyond simply observing media behavior to finding ways to grease the skids for absorption and suppression of rival visions of communication and social order… Clearly, social communication necessarily involves a balancing of conflicting forces. A "community," after all, cannot exist without some form of social order; or, put another way, order defines the possible means of sharing burdens. Lasswell and Lippmann, however, advocated not just order in an abstract sense, but rather a particular social order in the United States and the world in which forceful elites necessarily ruled in the interests of their vision of the greater good. U.S.-style consumer democracy was simply a relatively benign system for engineering mass consent for the elites' authority; it could be dispensed with when ordinary people reached the "wrong" conclusions… Lasswell and Lippmann favored relatively tolerant, pluralistic societies in which elite rule protected democracies from their own weak-nesses—a modern form of noblesse oblige, so to speak*. /0

122 0 3 0 ( 4 ! 5 "

6 12 12 $ 78 ! & 5 9

___________________________________________.

! " .

“Tudo é subjectivo, relativo, contextual, situacional”.

***Oxímoro óbvio***. “A única verdade objectiva que existe, é a de que não existe verdade objectiva”, uma falácia óbvia.

Perspectivismo – “crenças” e “opiniões”. Centração exclusiva na mente humana. Só existem “crenças” e “opiniões”. Não existe tal coisa como factos, ou verdade.

Nihilismo moral. Arbitrariedade e imaginação dialéctica.

Liberdade e vontade não existem. Somos apenas um agregado de influências ambientais ou genéticas, ou um produto da expressão do inconsciente.

A razão é uma ilusão. O mesmo que no ponto anterior.

***Irracionalismo, anti-intelectualismo, auto-intitulação***. Uma casta de falsos intelectuais [que, note-se, procuram monopolizar o título], obcecados com a ideia de retirar o poder da razão a todos os outros seres humanos.

***Tentativa de tirar poder da razão a todos os outros seres humanos***.

***Oxímoros absolutistas implicam mentes danificadas e hipocrisia***. Só pessoas com mentes danificadas podem aderir a uma filosofia que advoga relativismo moral e subjectivismo, fazendo-o com o mais completo e dogmático absolutismo.

Realidade objectiva não existe – ou quase impossível de compreender [positivismo]. Minar a percepção humana do que é a própria realidade. Talvez seja apenas uma ilusão e, portanto, não vale sequer a pena estudá-la ou procurar compreendê-la. Na melhor das hipóteses, é demasiado difícil de compreender, e tem de ser deixada aos especialistas.

A besta com pés de barro. Isto é uma monstruosidade mas está construída sobre pés de barro [oxímoros], e tem garras de ferro, que esmagam a liberdade humana onde quer que este monstro chegue ao poder.

! " ! ! # .

Realidade é um projecto de grupo – promovido pelas autoridades. Realidade é um projecto de grupo. Em última análise, é o que é autorizado e difundido pelas autoridades; as crenças certas, apropriadas, politicamente correctas – consensuais.

“Realidade” é contextual e grupal – o indivíduo tem de se submeter.

Divergência da norma objectiva, “realidade”, é um sinal de alienação.

Galileu era alienado, desarmonioso, anti-social. Ou seja, Galileu deveria ter sido frito numa dinâmica de grupo para abandonar as suas ideias divisivas e desarmoniosas.

! " $ % & ’() *’ ! + ’ ,.

“Elite intelectual” ou “elite natural” sabe melhor. A “elite natural”, que é “iluminada”, “superior”, mais “intelectual”, sabe melhor que o homem e a mulher comum como gerir as respectivas vidas destes.

Progresso guiado por “elite” – domesticação dos inferiores. O progresso, ou evolução, da humanidade, deve ser guiado e conduzido, e a “elite” deve submeter e domesticar os inferiores.

’ ’ ’"- & + .

(1) Subjectivo oximorónico – Dissolução da racionalidade. Isto alcança a dissolução da racionalidade e da procura empírica de verdade.

(2) Utilitarismo e imaginação dialéctica. A verdade é aquilo que é útil ou agradável.

(3) Autoritarismo, colectivismo, totalitarismo. A verdade é definida pela autoridade ou pelo grupo. Criação de normas fixas de “inverdade”, temporária e contextual.

% + . ! & ! ’ ”.

Vontade [willens] como critério de acesso à “verdade”. Ou seja, capricho e arbitrariedade.

Individual [herói] ou colectiva [emancipação]. O homem avançado ou o grupo emancipado decidem, por si mesmos, o que é verdade.

’ () ! .

Anglo-saxónicos. David Hume – Berkeley – William James – John Dewey.

Utilitaristas. Como Jeremy Bentham.

Cientismo e positivismo.

Fichte, hegelianos e marxistas.

Existencialismo – Círculos de Weimar e da Alemanha nazi. A disseminação venenosa de irracionalismo existencialista, espalhado da Alemanha a partir dos círculos de Weimar e da Alemanha nazi, por pessoas como a Escola de Frankfurt, Bertolt Brecht, Hannah Arendt, Karl Jaspers, e do filósofo nazi Martin Heidegger.

Existencialismo – Irracionalismo francófono. A selvajaria e barbarismo de Jean-Paul Sartre, onde não existem limites, ou o equivalente com o ideólogo do genocídio de 3º Mundo, Frantz Fanon; ambos, os seguidores franceses de Heidegger.

Desconstrucionismo e pós-modernismo. Com círculos provocatoriais liderados por gente como Michel Foucault, Jacques Derrida e outros.

% & ! / ,.

"A verdade é descoberta pelos sentimentos" – estética. Ou seja, a verdade factual, não-humana, é decretada por emoções subjectivas. Estética é o valor e o critério supremos. Decreta a verdade dos factos e também a verdade moral, ou ética.

"O que me faz sentir bem, é verdadeiro e certo".

Romantismo – Rousseau e feudalismo germânico. Rousseau é o pai do movimento romântico, ou seja, o iniciador de sistemas de pensamento que inferem factos não-humanos a partir de emoções humanas. O movimento romântico deve a sua origem a Rousseau, mas começou por ser primariamente alemão (provindo de ambientes feudais pouco recomendáveis), nos finais do século XVIII.

0 & .

POSITIVISMO – O credo de Saint-Simon e Comte.

Reacção feudal contra liberdade intelectual e científica. Rejeição de racionalidade, liberdade, pluralismo, ciência, tecnologia. Obter filosofia para contrariar "elementos de crise", obter unanimidade ideológica.

Ciência devia cumprir apenas propósitos de controlo social. A única coisa que restaria das ciências seria um miserável esqueleto para exercer controlo social.

Ciência dialéctica: "Fundir religião, filosofia, belas artes, dogma e ciência". Haveria uma única ciência, resultante da fusão de todas estas áreas, uma ciência natural [de controlo] do homem.

Uma casta de cientistas-charlatães-sacerdotes, a "Igreja-Sociedade". Este destroço seria administrado por uma casta de sociólogos que seriam os comissários políticos do regime totalitário.

CIENTISMO – Uma nova versão de positivismo e dialéctica. [Scientism].

Nos EUA, Renan e Dewey. Ernest Renan e John Dewey.

Renan e Dewey: ciência religiosa dialéctica como "guia de conduta". À semelhança de Comte, Renan defendeu que a ciência é uma religião, e os cientistas são os padres e sacerdotes deste novo credo. Dewey articulou a fundação da nova crença ao dizer que o homem de ciência é o real «*custodian of the sacred deposit... science is a religion, it alone will henceforth make the creeds, for science alone can solve for men the eternal problems*». Queria que a escola inculcasse «*types of religious feeling and thought which are consistent with modern democracy and modern science*». Este seria o único «*guide of conduct*» que seria necessário para o século XX. O tipo de ciência que Renan e Dewey defendiam não era ciência baseada em lógica na descoberta empírica das leis do universo. Pelo contrário, era ciência dialéctica, onde o valor essencial é síntese. Depois, essa síntese podia ser proclamada como "verdade universal" e ser declarada um guia de conduta, um motor social.

Dewey reitera crenças em "A Common Faith" (1934). Dewey reiterou estas crenças no seu livro de 1934, "A Common Faith". Os "dogmas" são abolidos, e a verdade moral e ética é descoberta existencialmente pelo indivíduo – ultimamente, pelo grupo e pelas autoridades comunitárias.

COULSON – Cientismo leva a detectores de metais e guardas armados.

«*…another vision was at work in California… It didn't originate in California [veio da boa velha Alemanha] but found fertile ground for development there. It… said the scientist's right is "to assert his personality against outside compulsion"… "scientism"… would be the only "guide of conduct" necessary in twentieth-century public schooling. We have arrived. We have metal detectors and armed security guards at the doors*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

**0 & 1 .**

A negação totalitária de verdade e vontade.

"Não tens vontade própria – sê assimilado". Décadas de trabalho, em ciências sociais, foram colocados nestes axiomas básicos: "Tu não tens vontade própria, portanto submete-te à nossa vontade – nós sabemos o que é melhor para ti"; "Não existe verdade, e esta é a única verdade que existe".

**2 0 ' ! + . 3 & ! ! .**

O fundador do utilitarismo é Jeremy Bentham (1748-1832).

Procura do prazer, evitamento da dor. Existe um único objectivo para a conduta humana: procura do prazer e evitamento da dor. Os seres humanos, para os utilitaristas, são portanto seres bastantes básicos e baixos, que se resumem a estas dimensões.

Um prazer é tão válido como qualquer outro. O utilitarismo não tem lugar a nobreza, que pressupõe uma elevação de instintos e capacidades, de baixo para cima (existem instâncias inferiores e outras superiores). Isto é superior às calculações comuns do que é prazer e dor, e do que significa satisfazer necessidades.

Moral e praxis residem na actuação sobre os dois princípios. A fundação da moralidade utilitária reside em satisfazer preferências e prazeres, e minimizar a frustração dos mesmos. É um pensamento bastante simples e superficial, e consiste em adicionar prazeres e subtrair dores nesta e naquela situação. É assim que se gerem sociedades, e é assim que se controlam seres humanos.

O guia: a "racionalidade humana", guiada por situacionalidade.

Isto leva-nos sempre ao domínio da "vontade geral" versus "vontade da maioria".

" ! ! .

Situacionalismo moral. Verdade e justiça são incognoscíveis – os preceitos de Kant e dos seus seguidores. Não existem standards permanentes de conduta, ou moralidade. Os princípios apresentados nos Dez Mandamentos ou no Sermão do Monte são transitórios, contextuais, e podem ser mudados a qualquer altura.

"Verdade moral" são as decisões arbitrárias inventadas pela oligarquia. O substituto para verdade é aquilo que consideram, colectivamente, ser mais conveniente para o seu próprio propósito. Justiça são as decisões arbitrárias de tradições legais inventadas por advogados e juristas do seu próprio clube.

Pragmatismo – Código moral de um bando de guerreiros de avanço rápido. [a fast moving warrior people] A liderança reserva-se o direito de mentir, enganar, trair, e fazer o que quer que seja para vencer e subjugar os seus oponentes.

Utilitarismo e pragmatismo – Os fins justificam os meios.

Formuladores notórios – Kant, Hobbes, Bentham, Nietzsche, Heidegger. Immanuel Kant, Thomas Hobbes, John Locke, Bernard Mandeville, Adam Smith e Jeremy Bentham, Nietzsche, Heidegger.

+ & ’ .

Ex. – SARPI e LOCKE. Serve a Confederação como o filósofo da escravatura.

Bonapartismo, Confederação, Fascismo. O mesma mentalidade dos seguidores de Paolo Sarpi – Francis Bacon, Thomas Hobbes, John Locke – tipifica aquela mentalidade anglófila que serve de fundação para o crescimento das tradições do Bonapartismo, da Confederação, e do Fascismo europeu.

Modelo imperial – Confederação – Escravatura afro-americana. O velho modelo imperial é o modelo desavergonhadamente professado pelos defensores da Confederação e do seu sistema de escravatura Afro-Americana.

***“Escravatura instituição civilizadora, contra industrialismo Yankee”***. Estes degenerados morais, apologistas da Confederação, insistem que a escravatura foi uma instituição civilizadora e culta, melhor que os industrialistas Yankee.

**CIÊNCIA DIALÉCTICA – Prússia – Lukàcs – Khun – Marcuse – Brown**

**LUKÀCS – Factos são opiniões – Negação da contradição – Ciência dialéctica**

. #

/ *…when the dialectical method destroys the fiction of the immortality of the categories it also destroys their reified character and clears the way to a knowledge of reality… for the dialectical method the central problem is … reality with its 'obedience to laws'…*0 ! 1 23 4 . ( 56567 8 9 ( ( . : ; < = > % % 45656+56?@7

1 23 ! + #

% **burguesa** ' ,

8A ,) 3 ;

/ *The historical character of the 'facts' which science seems to have grasped with such 'purity' makes itself felt in an even more devastating manner. As the products of historical evolution they are involved in continuous change. But in addition they are also*

*. Thus when 'science' maintains that the manner in which data immediately present themselves is an adequate foundation of scientific conceptualisation and that the actual form of these data is the appropriate starting-point for the formation of scientific concepts, it thereby takes its stand simply and dogmatically on the basis of capitalist society. It uncritically accepts the nature of the object as it is given and the laws of that society as the unalterable foundation of 'science'. In order to progress from these 'facts' to facts in the true meaning of the word it is necessary to perceive their historical conditioning as such and to abandon the point of view that would see them as immediately given: they must themselves be subjected to a historical and dialectical examination*0 ! 1 23 4 . ( 56567 8 9 ( ( . : ; < = > % % 45656+56?@7

**LUKÀCS – Marxismo tem pés de barro – a reificação do grupo**

( ’ B . ) "# ! /*The whole system of Marxism stands and falls with the principle that revolution is the product of a point of view in which the category of totality [pensamento de grupo, consenso] is dominant*0
! 1 23 4C = 56?@7 8 ; < = > %
% 45656+56?@7

**KUHN – Vender paradigmas**

D ! "# ’E ), F#
8 # ;B ! "#
), , ’ !

! ) ) ! )

G ! *persuasivos* G

% " ( 8 ( ) ; " )

(

/*…if a paradigm is ever to triumph it must gain some first supporters, men who will develop it to the point where hardheaded arguments can be produced and multiplied… Because scientists are reasonable men, one or another argument will ultimately persuade many of them. But there is no single argument that can or should persuade them all. Rather than a single group conversion, what occurs is an increasing shift in the distribution of professional allegiances. At the start a new candidate for paradigm may have few supporters, and on occasions the supporters' motives may be suspect. Nevertheless, if they are competent, they will improve it, explore its possibilities, and show what it would be like to belong to the community guided by it… the man who continues to resist after his whole profession has been converted has ipso facto ceased to be a scientist*0 * ( . H ( 4566I7 *The Structure of Scientific Revolutions. Chicago:* D = ) %( !

**MARCUSE – Irracionalismo científico [reconciliação estética]**

**Reconciliação estética** G# ’ + ,

& ) G#

/*The philosophical effort to mediate, in the aesthetic dimension, between sensuousness and reason thus appears as an attempt to reconcile the two spheres of the human*

*existence which were torn asunder by a repressive reality principle… the aesthetic reconciliation implies strengthening sensuousness as against the tyranny of reason, and, ultimately, even calls for the liberation of sensuousness from the repressive domination of reason…*0 < ’ . 456JK7 & % G B
( ( = L !

**NORMAN O. BROWN – Imaginação dialéctica – Irracionalismo**

1 ! ) "# # "M #

& "# ) ) G#

/*We may… entertain the hypothesis that formal logic and the law of contradiction are the rules whereby the mind submits to operate under general conditions of repression* N *philosophic exaltation of the life of reason… neurotic*0 F O P 456JQ7
1 ) ! R (B *( = ( = . ! ) < = 9 = D =

& "M - - 3 , 4O P 7 /*The only valuable things in psychic life are, rather, the emotions. All psychic forces are significant only through their aptitude to arouse emotions. Ideas are repressed only because they are bound up with releases of emotions…*0 F O P 456JQ7 1 ) ! R (B *(
= ( = . ! ) < = 9 = D =

# ! "# ! 4O P 7

***!* " #** /*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*0

***$ ! #*** ***%#*** & & ***’*** /*…the pattern of history exhibits a dialectic not hitherto recognized by historians, the dialectic of neurosis. A reinterpretation of human history is not an appendage to psychoanalysis but an integral part of it… By 'dialectical' I mean an activity of consciousness struggling to subvert the limitations imposed by the formal-logical law of contradiction… The key to the nature of dialectical thinking may lie in psychoanalysis, more specifically in Freud's psychoanalysis of negation. There is first the theorem that "there is nothing in the id which can be compared to negation," and that the law of contradiction does not hold in the id. Similarly, "The word 'No' does not seem to exist for a dream… [Dream states]… show a special tendency to reduce two opposites to a unity"; "Anything in a dream may mean its opposite." We must therefore entertain the hypothesis that there is an important connection between being "dialectical" and dreaming*0 F O P
456JQ7 1 ) ! R (B *( = ( = . ! ) < = 9 =
D =

*A posição de Raquel*

*A antítese, uma colecção estudada de nonsense desonesto, a "verdade de grupo"*

*A dissolução seria catastrófica*

**Cripto-higiene mental – De “higiene mental” para “saúde mental”**.

Higiene mental “saúde mental e paz mundial”. De “higiene mental” para o mais inócuo, até positivo, “saúde mental”. Em nome de Paz mundial e harmonia interpessoal.

Conselhos de HM convertidos em Associações de Saúde Mental. Conselhos Nacionais de Higiene Mental são reconvertidos em “Associações Nacionais de Saúde Mental”.

EUA. U.S. National Committee for Mental Hygiene torna-se na National Mental Health Association, no mundo pós-guerra.

Grã-Bretanha. National Council for Mental Hygiene converte-se na National Association for Mental Health.

Global – ICMH WFMH. International Committee on Mental Hygiene converte-se na World Federation for Mental Health.

**CV – Clarificação de valores – Coulson, Greenberg**

**Coulson – Um restaurador, resolução rara e notável**

Resolução rara e notável – procurar resolver mal feito. Muitas pessoas mudam pontos de vista durante o tempo de vida, mas é raro e notável quando alguma tenta voltar atrás e reparar os estragos que fez durante um período, e esse é o mérito do Dr. William Coulson.

. Em 1972, a Harper and Row publica uma análise preliminar de Coulson, sobre os efeitos destrutivos de grupos de encontro em educação, "Groups, Gimmicks and Instant Gurus".

Carreira.

. O Dr. William R. Coulson ajudou o Dr. Carl Rogers a iniciar o primeiro programa nacional de treino de facilitadores. De 1968 a 1973, os dois homens co-editaram uma série de 17 volumes em clarificação de valores, para a Charles E. Merrill Publishing Company.

. Psicólogo licenciado, director do Research Council on Ethnopsychology, consultor de longa data para a Georgetown University Medical School, Washington. Nos anos 80, serviu como membro no Technical Advisory Panel on Drug Education Curricula, para o U. S. Department of Education.

**Coulson – Carta aberta – O monstro da Clarificação de Valores**.

**[CV – Comportamento desafiante – decisões tabu – epidemia – IPPF – Rogers]**.

"Eu e Rogers escrevemos 17 livros a promover Clarificação de Valores".

"Eu ajudei a criar o monstro. Por favor, ajudem-me a matá-lo".

Clarificação de valores.

. A criança aprende a decidir sobre coisas que lhe deviam estar barradas. Instrumento perigoso para a saúde dos jovens, que em vez de os enriquecer os destrói.

*!* . A criança só se sente segura de estar a tomar decisões autónoma se só fizer aquilo que os adultos lhe dizem. O maior prazer da vida passa a ser fazer o que as pessoas proíbem.

*" # $ "* %%&.

# ’ #$ (

<u>Rogers, “um padrão de fracasso” – Muro de silêncio</u>. Muro de silêncio construído em torno dos péssimos resultados disto.

*«O meu nome é William Coulson. Doutorei-me em Psicologia e Filosofia e, nos anos 60 e 70, fui colaborador muito próximo de Carl Rogers, o psicólogo americano de fama mundial. É conhecido que* ) * + , -.
, / 0 ! + 1 2... 3
4 5 5
! ! *... Carolyn aprendeu a*
) ,
+ ’ .
*Tal como os outros alunos dos programas de clarificação de valores, ela aprendeu a fazer* / ) ) *. Como disse um dos seus colegas no funeral, Carolyn acabou por se convencer que* )
) ! 6 /
6 + ! 6 *. Acabou por achar que o maior prazer da vida era* ! 6
7 *... Para nós, desde a experiência nas escolas das freiras, era evidente que a nossa técnica psicológica não era boa nem para as crianças nem para os adultos.* & 7 /
8 4 6 7 *. Essa não era a nossa intenção, mas foi o que aconteceu.* ! 6 *(ou uma versão delas, ainda mais extrema, promovida por Louis Raths)* 5
*entre os técnicos de educação sexual da SIECUS, um grupo americano que desenvolve*
7 + ’ + /
6 + / %%&... # -9:;
’ < 0 + ! 2=
> !
< + ? ! < 0 +
! 2... % + @ ! A , < )
* *... Em 1998, o «The New York Times» publicou um artigo intitulado «EUA acordam para uma* ’ *»... Em Novembro de 2004, estive em Portugal a estudar os materiais de educação sexual enviados para as escolas em 2000. Fiquei aterrado. Talvez não haja em todo o mundo um currículo mais influenciado pelas ideias que eu e Carl Rogers testámos nos anos 60. Escrevo, pois, esta carta como um apelo. Eu sei o que vai acontecer às crianças de Portugal caso se apliquem nas escolas actividades baseadas nos* 4 ! +
*. Estou certo de que vocês gostam muito dos vossos filhos. Por isso (e se me é permitido falar com emoção):* + ’ .
*Amanhã será tarde demais.* # 4 = % ! 4 5
*5 *. Califórnia, 20 de Maio de 2005»* – Dr. William Coulson, “Carta Aberta aos Pais Portugueses”, publicada no jornal Expresso, 28 de Maio de 2005.

**Coulson – Clarificação de valores – Resumo**

**[Autonomia – “Opiniões” – Adulto não directivo – Desconfirmação – Epidemias]**

***B*** ***)*** ***!*** Não soa como proibição. Tudo é uma opinião.

***#*** ***** + + . A criança emerge destas discussões com menos medo. Aquilo que era impensável, foi pensado e falado, na presença de um adulto apático.

***3*** + *5* **,** .

+ **’** ***!*** .

«*…to teach young people to make their own decisions and to teach them courteously to consider "differing views"… if… applied to drug education, it won't sound anything like a prohibition. Instead it will (1) teach the students that drugs and alcohol are their choice and (2) get them to listen respectfully to claims they ought really to disdain… the claims of the drug users among their classmates… It's certainly correct to treat all students with equal respect. But to treat their views with equal respect, right or wrong? Their views on drugs and sex? That's disabling… A predictable outcome is that students emerge from these discussions less afraid to try drugs than before. What was unthinkable before has now been thought, and spoken – not just within the peer group (which can happen anywhere) but in the presence of a classroom teacher who has been trained to respond nonjudgmentally. It's the presence of the nonjudgmental adult that makes the exercise so dangerous. To turn the chairs into a circle and invite the children to share while the teacher murmurs facilitisms is very poor social policy… the so-called affective programs… Research shows that, mostly, they don't work… When behavioral changes have turned up in the research, they have tended to be in the wrong direction… As we have learned only too often of late, some of the errors made by youth in the name of "becoming" can be fatal. In light of today's epidemic levels of sexually transmitted diseases… "the quality of becoming"… might [mean] "becoming ill". The business of "encouraging too many" now comes at an increasingly terrible price*» – William Coulson, “Outcome-Based Education”. Address given at the “Piecing it Together” Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

**Coulson – Clarificação de valores – Voltar a afirmar factos**.

É indispensável voltar a afirmar factos evidentes e proibições associadas. «*What's necessary to teach about drugs and alcohol is that the prohibition against their use by children is absolute… Consider decision making. The school doesn't teach students a method for deciding whether to attend school. It tells them they have no choice: "It's the law. You must attend. It's good for you. We are certain of this. There is nothing to discuss." They deserve no less to be exempted from decision making about drugs…*

*There is no decision to make, none whatsoever… In matters of importance, even in a democratic society, we teach obedience – if we love children. For they compare what we insist upon – school attendance, stopping at the red light, wearing protective equipment in football – with what we seem to allow. In recent years we seem to have specialized in allowing them to choose whether or not to partake of sex and drugs… This applies beyond drug and sex education to many additional fields of subject matter. Children deserve to be told what is the case. They deserve a factual education [instead of] teaching them to make decisions they shouldn't even begin to entertain*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

**Greenberg – CV – Usar para tabaco**. Jerrold Greenberg, em 1978, argumenta que educação afectiva pode e deve ser usada por fabricantes de tabaco, para vender o seu produto. Num artigo publicado na "Health Education", observa que os estudantes são os «*clients*» da escola, e «*health educators must not be concerned with the particular behavior of their clients, but rather with the process used by their clients to arrive at that behavior. For example, if a client (student in a school, adult in a nursing home program, etc.) chooses to smoke cigarettes but has made that decision freely, the health educator has been successful*» – Cit. in William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

Método didáctico.

. «*Two approaches to learning… Classroom method… 1. Teacher tells-demonstrates. 2. Students listen, practice, drill according to the coaching of the teacher. 3. Teacher tests students. 4. Teacher accepts, rejects the students via grading…*»

Método dialéctico.

. «*Laboratory Method… 1. Delegates face a dilemma created by trainer or by trainer and delegates together. 2. Delegates act to solve dilemma by experimenting, inventing, and discovering. 3. Delegates do feedback evaluation of their own actions and of reactions by others. 4. Delegates and trainer generalize, theorize, formulate hypotheses, retest and recycle into next learning phase; i.e., into new dilemmas (48)*» – Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Processo não-testado, implementado a título experimental (Benne). «*No hypothesis in this body of writings has been fully tested. Nor will it be tested fully until it has been used widely in thoughtful experimentation with actual social changes. The school offers an important potential laboratory for the development of a truly experimental social science*». Agora, são estas coisas que iam guiar a mudança «*in planning and evaluating changes in the school program*». “Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development”. Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Sai o professor, entra o facilitador – agente de mudança. O professor deixa de ser um transmissor de informação, e assume o papel de facilitador na discussão de valores. Passa a ser um veiculador de novas atitudes e valores, um agente de mudança.

Papel aceitante, neutro, passivo, não-julgamental. Assume um papel aceitante e acolhe todas as respostas como igualmente válidas, com “escuta reflexiva” e uma posição não-

julgamental, não tentando impor nenhuma perspectiva aos estudantes. As respostas não são julgadas como boas ou más, melhores ou piores. A perspectiva de cada estudante é tratada com igual respeito. Escolher livremente é considerado melhor que obedecer a alguma figura de autoridade.

Únicas regras – aceitação incondicional e síntese dialéctica. O professor-facilitador assegura que todos os pontos de vista recebem o mesmo grau de atenção, e intervém para guiar o debate para consenso – perspectivas opostas são sintetizadas em "verdades superiores", que continuam a "evoluir" indefinidamente.

Ambiguidade – Desestruturação vs liberdade. Crianças ficam num vazio. Há ambiguidade. Por um lado sentem desorientação, uma vez que estão habituadas a ter orientação paternal. Por outro, têm algo que nunca lhes foi dado: liberdade para expressar as suas próprias opiniões.

Cada descoberta colectiva é uma vitória, premiada pelo facilitador. É um projecto de equipa, onde cada descoberta colectiva é uma vitória, premiada pelo professor. O paradigma familiar ou parental sobre a mesma questão social é desconfirmado, através da exposição ao grupo; e obediência à autoridade é substituída pelo questionamento grupal de qualquer fonte de autoridade externa.

O adulto demissionário-aceitante, torna pais irrelevantes. Professor não intervém – silencia voz adulta/pais/consciência moral. Ou seja, o professor torna-se um psicoterapeuta amador, que está ali para desconfirmar a visão que a criança tem sobre valor dos seus pais, e sobre a importância de lhes obedecer. Se o representante do mundo adulto se demite da sua função, que é fazer valer valores coincidentes com os parentais, então a mensagem simbólica que passa para a mente infantil é a de que o adulto é irrelevante, não tem autoridade e só está lá para assegurar que todos têm uma oportunidade de falar.

Autonomia moral self-grupo – desconfirmação da autoridade parental. A partir daqui, a verdade vai ser encontrada no próprio, e no grupo de pares. "Eu decido – em conjunção com o grupo". É ultrapassada a barreira psicológica da calamidade, o castigo dos pais. A partir deste momento acontece algo que não tinha sucedido até aqui: a criança toma decisões morais autónomas, e fá-lo no seio do grupo, num ambiente de aceitação e apoio. As tuas decisões, sejam quais forem, são válidas e legítimas, e recebem o apoio tácito do grupo.

Verdade e autoridade residem no círculo dos pares. A consequência imediata é a de que a verdade e a autoridade residem no grupo de pares, nas crianças da mesma idade – o "círculo de conversação" artificial. Os pais não contam.

Pais culturalmente demissionários. Ao mesmo tempo, os pais também são ensinados a ser demissionários.

[Entra o MDC].

.

Se adulto presente for irrelevante, objecto proibido deixa de o ser (Lewin).

A criança encontra influência e apoio junto do grupo de pares.

[*Torne-se a figura parental irrelevante, e o objecto proibido deixa de ser perigoso, calamitoso*]

«*The negative valence of a forbidden object which in itself attracts the child thus usually derives from an inducing field of force of an adult. If this field of force loses its psychological existence for the child (e.g., if the adult goes away or loses his authority) the negative valence also disappears. In addition to the sphere of power of the adult, the behavior and spheres of power of other children or of a group of children are of critical importance for the kind and strength of induced valences*» – Kurt Lewin (1935). A Dynamic Theory of Personality. McGraw-Hill.

.

Facilitador destoxifica medo da calamidade – castigo sobre objecto proibido (Yalom). «*Through the therapist's continued willingness to verbalize and to confront the calamity calmly, patients gradually realize the irrationality of the feared calamity… The therapist assists the patient to clarify the nature of the imagined danger, and then proceeds, in several ways, to detoxify, to disconfirm the reality of this danger*»

Reviver e reconstruir papéis familiares (Yalom). «*What better way to help the patient recapture the past than to allow him to reexperience and reenact ancient feelings toward parents in his current relationship to the therapist? …For many patients, perhaps for the majority, it is the most important relationship to work through since the therapist is the living personification of all parental images, of teachers, of authority, of established tradition… Group therapists refuse to fill the traditional authority role: they do not lead in the ordinary manner, they do not provide answers and solutions, they urge the group to explore and to employ its own resources… It is essential, if this work is to be done, that the group feel free to confront the therapist, who must not only permit, but encourage, such confrontation… He reenacts early family scripts in the group and, if therapy is successful, is able to experiment with new behavior, to break free from the locked family role he once occupied. He recaptures the past and, again if therapy is successful, is able to experiment with new behavior, to break free from the locked family role he once occupied… the patient changes the past by reconstituting it*» – Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

.

Kirschenbaum, ideólogo de educação afectiva. Howard Kirschenbaum, um energético promotor de educação afectiva, escreve "Advanced Value Clarification", onde explica o principal objectivo deste tipo de educação: tornar a criança autónoma, para tomar decisões morais por si mesma.

Adulto não-directivo.

***! " # $ # % .***

«*In discussing value-rich areas, such as those mentioned at the beginning of this article, the teacher accepts all answers and does not try to impose his or her own views on the students… Responses are not judged as better or worse; each student's views are treated with equal respect… If we uphold free choice, then we value autonomy…*» – Cit. in William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

.

Vários nomes. Educação progressiva. Clarificação de valores. Treino de sensibilidade. Sensibilização e consciencialização. Aprendizagem cooperativa. Educação orientada para objectivos.

Drogas, sexo, suicídio. "Educação" sobre drogas, suicídio, sexo. Sob promessa de reduzir experimentação com drogas, sexo e suicídio.

Educação sexual - SIECUS, IPPF, Unesco. A vanguarda da educação sexual é a SIECUS, um grupo americano que desenvolve currículos de educação sexual que são depois disseminados pelo mundo inteiro através da IPPF, que trabalha com a UNESCO e com as várias instituições e ministérios da educação pelo planeta fora.

.

Choque entre A+ e B-. Temos a criança A, com bons valores, e a criança B, com maus valores. Por exemplo, A+ é "*fumar drogas é mau, ponto; eu nunca tomaria drogas*". B- é "*eu gosto de fumar drogas, e as drogas só fazem mal em exagero*".

Consenso facilitado exige compromisso. Num ambiente de consenso facilitado, temos de encontrar compromisso entre as duas posições. Essa é uma pré-condição de tolerância e aceitação, "democracia".

**& '** . Tudo é válido e tudo tem de ser discutido ao mesmo nível. Essa é a única regra. Implícito está que participar no processo é positivo per se; ser compreensivo e aceitante com os outros pontos de vista, é positivo.

***%( ) * ) + ,*** . A criança A vai ser divisiva, hostil, elitista, ditatorial, se continuar a afirmar a sua posição – é só uma opinião. Está a ferir os sentimentos de B. A posição A+ ganha uma valência de "Intolerância", e a posição B- ganha valência de "Liberdade".

Desconfirmação de A+ e dos pais, legitimação de B-, compromisso A/B. Portanto, a criança A tem de diluir a sua posição – correcta – e encontrar meio termo com B. Tem de aceitar que o ponto de vista B é legítimo. Surge A/B, o compromisso ["*algumas pessoas gostam de fumar, outras não, e as duas posições são legítimas, as drogas só fazem mal em exagero*"]. A valência é "Tolerância". A proibição – a calamidade – foi desconfirmada, aos olhos do grupo. O ponto de vista dos pais morreu definitivamente neste ponto. Agora é a criança B que ganha legitimidade no grupo, auto-estima. Estes traços foram reforçados, B começa a ser visto como modelo, e a sua auto-estima é, claro, avançada.

Criança podem agora demistificar calamidade (a sabedoria de B). Com a "morte dos pais", a proibição morre, e as crianças podem experimentar o fruto proibido e expandir horizontes. Estão a desmistificar medos e receios e podem começar a explorar novas e melhores formas de abordar a questão, no grupo, em harmonia. A criança B ganhou legitimidade no grupo. Agora, até pode começar a ensinar as suas técnicas às outras crianças – isso torna-se sabedoria.

Próxima etapa: experimentar por si mesmo. As crianças ficam preparadas para a nova etapa, no seu progresso social: aceitar que não se sabe o que é certo, sem experimentar.

Sexo, álcool e drogas – CV aumenta probabilidade. Portanto, é fácil que uma criança que tenha clarificação de valores sobre morte ganhe a coragem suficiente, e até o racional teórico que justifica, tentar suicidar-se. E por aí fora. Clarificação de valores sobre drogas aumenta o consumo de drogas. CV sobre sexo aumenta a promiscuidade sexual. CV sobre morte aumenta a probabilidade de suicídio. É claro que os estudos de follow-up demonstram que o uso de drogas e a actividade sexual aumentam, bem como a taxa de violência auto-infligida.

Mínimo denominador comum. O standard é reduzido ao mínimo denominador comum.

***$ ) ’ )*** .

Conversão completa (Lewin). Conversão só é completa quando a criança A+ e a criança B- se encontram ao mesmo nível e fazem as mesmas coisas – partilhar, igualdade, não ter complexos.

.

Promover desviantes morais no sistema escolar (Havighurst & Taba). «*[The school] must make room for the deviant student… This person will be able to discriminate*

*among values and to deviate from the moral status quo of the community, when such deviation is necessary to the realization of higher moral principles. This person alone can become a moral leader… He has the ability to conceive a moral principle, to accept it as right, and to defend it when the moral judgments of the community seem to violate it. How such persons can be discovered, and, above all, how such persons can be produced in greater numbers is the major problem for research in character formation…*» – Robert Havighurst and Hilda Taba *Adolescent Character and Personality* 1949

.

Clarificação de valores também se pode ler, Crise de Valores.

Redução ao MDC na escola e na sociedade. Este processo, de consenso e pontos comuns, redução ao mínimo denominador comum, está no centro da actual crise de valores.

.

Resultados óbvios. Os resultados óbvios são bullying e mobbing, que é bullying colectivo, pelo grupo.

Criança hostilizada até aceitar conversão social. A criança que tem valores fortes, que não está disposta a comprometê-los em nome do grupo, que não faz jogo de ancas, a criança desajustada – esta criança tem de ser isolada, hostilizada e humilhada pelo grupo, até rever os seus pontos de vista dogmáticos, intolerantes (!), e aceitar submeter-se ao grupo.

**CV – Narcisismo – New Age**

**Clarificação de valores e New Age (Coulson)**

---

***É mais importante “escolher” que fazer coisa certa – e sentir-se bem com isso*** *The idea that it is more important for children to choose (and having chosen, to feel good about themselves) than to do what is right--for example, that it is better to smoke if that is their choice than to abstain from smoking if they have been taught to abstain--this is so contrary to common sense and the protective instincts of parents that it demanded cosmic justification. Enter the New Age movement* ! " # $ %
& ’ ( ) #* + ) ( , ! - )
" . " / 0 " , 1 2 34%35" 6774

" ) 8 ’
) 9 9 " : : : " 9 " :
: 1 ; " :
) 1 ; :
< " 1 " :
1 " ; ) = * "
: : = ) : "
. ; ) " ) " ) ="
) : ; 1 ) : %+

**CV – Pragmatismo moral para a economia global**.

“Crenças fixas” bloqueiam processo dialéctico. Esta ideia de que existem “factos”, e de que existem valores que não podem ser desafiados, “crenças fixas”, ancoram a mente em certos absolutos, que bloqueiam o processo dialéctico, portanto são ideias perigosas.

O que agora é verdade, amanhã talvez **tenha** de ser mentira. Tanto a verdade absoluta como factos contrários chocam com o estado mental necessário para os sistemas de gestão global – o que agora é verdade, amanhã pode ser mentira, porque há que começar aquela guerra, ou impor aquela nova regulação.

Exemplo do dinheiro a gastar com idosos. Hoje, aqueles idosos são pessoas a respeitar e vidas a manter. Mas, amanhã, o dinheiro das reformas vai ser necessário para refinanciar aquele banco. Portanto, amanhã, aqueles idosos tornam-se pessoas incómodas, que gastam demasiados recursos, consomem mais do que produzem; e há que arranjar uma forma elegante de lidar com o problema.

Bem e mal – “literacia ética” é pragmática e subjectiva. Não existem valores universalmente válidos, para todos os tempos e lugares. Tudo é subjectivo. Todas as opções são legítimas, dependendo do contexto. A ideia de bem e de mal é só uma questão de percepção.

Pessoa tem de que valores absolutos são ameaça à paz social. As massas têm de aprender a que valores tradicionais são uma ameaça intolerável à paz.

Jogo de ancas, dança. Por isso, é necessário “saber ter jogo de ancas”, saber dançar. Neste esquema de coisas, quem não sabe dançar, ou não quer saber dançar, está a bloquear a pista de dança. É anti-consensual. É obsoleto, antiquado, uma relíquia do passado, anti-social. É isso que as crianças estão a fazer na escola. Estão a aprender a dançar.

Substituir valores absolutos por verdades transitórias, verdades de grupo. Pessoas com valores absolutos têm de substituí-los por “verdades transitórias”, “verdades em evolução”, e “pensamento colectivo”, “verdades encontradas em grupo”, “consenso”.

**CV – Professor como demagogo socrático**

Valores absolutos substituídos por questionamento socrático. O professor já não pode declarar valores absolutos – "algo é errado, ponto". O método é questionamento Socrático.

Introdução de relativismo moral. Método mais básico, que introduz relativismo moral. Professor guia aluno a ver que mentir, enganar, roubar, são genericamente errados. Mas, em último grau, a decisão é sempre da pessoa e depende do contexto.

**CV – Ultra-relativismo sentimental**.

**Sensacionalismo – Factos são opiniões**.

“Cultivar espírito de inquérito e procura da verdade”. Isto é um slogan típico da educação actual.

Factos têm de ser tratados como opiniões (Benne). «*To the democratic planner "dogmas" are seen methodologically as "intellectual" attempts to save some privileged position from open collective criticism and modification. How to convert the perception of favored principles by those who hold them from dogmas to "hypotheses" remains a central problem for democratic social engineers*» “Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development”. Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**Sensacionalismo – Verdade é opcional, sentimentos ditam validade**.

Tudo são opiniões. Tudo são opiniões, e uma opinião só é válida se aceitar que todas as outras são igualmente válidas.

Debate centrado em opiniões – sentimentos e percepções. É como se não existissem problemas reais: apenas percepções e sentimentos. Portanto, é isso que vamos debater no grupo social – vamos explorar sentimentos e percepções sobre as coisas.

Verdade torna-se opcional, face aos sentimentos do self e do grupo. O standard de literacia ou de validade deixa de ser a preocupação com a determinação de verdade, e a substituição do conceito de verdade por “sensibilidade” a “sentimentos” irracionais, no próprio e nos outros. Tudo o que interessa são os meus sentimentos. O indivíduo recusa-se a reconhecer e a lidar com as verdades dolorosas, que ferem a sua auto-estima. Ou seja, a verdade é ditada pelos meus sentimentos; e, pelos sentimentos do grupo.

. Se uma coisa me faz sentir bem, então essa coisa é válida e verdadeira.

. Se a coisa me faz sentir mal, se é algo que eu prefiro não confrontar, então eu posso optar por ignorá-la e até negar que ela existe.

. Incoerência auto-justificatória. O que hoje é verdade, amanhã é mentira. Porquê? Porque eu quero [e porque o grupo aceita].

“Ofender a maioria”. Quando a pessoa está ligada e dependente do grupo, e treinada nas novas regras relacionais, poucos se atrevem a “ofender” a maioria por tomarem uma posição contrária.

Sistema de racionalizações. A pessoa torna-se uma filósofa dialéctica: “Eu faço o que quiser, desde que consiga encontrar uma forma de justificar isso a mim mesmo, e seja tacitamente aprovado pelo grupo”.

**DELPHI – Comunitarismo – Facilitadores – Frente unida – Reconciliação**.

**Comunitarismo (Delphi) – Impôr mentalidade de comuna**.

Empowerment comunitário, gestão total de recursos (Klein). «*Community development… work with community groups and entire communities for the purpose of assisting in the development of leadership skills, of fostering effective citizen participation in meeting economic, social, and civic needs, and of enabling optimal utilization of state and national resources from both government and voluntary bodies while strengthening local community initiative and autonomy… (185)*»

Espírito de comuna – Todos têm de participar (Klein). «*Increasing their sense of community… readiness to view community events in terms of interacting forces and processes within a coherent whole… Enlarging their definition of citizenship, by which was meant an increased ability to identify and respond to opportunities for effective participation in community events… Enhancing their sensitivities and skills as citizen participants within groups and organizations… Developing more sophistication and objectivity in their attempts to diagnose the forces and processes contributing to community problems… (185-6)*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Comunitarismo (Delphi) – Frente comum – Comunidade unida pode ser usada**.

Acção social concertada, frente comum (Klein). «*…concerned with understanding the community as a complex network of interaction between individuals and between groups, out of which social action comes*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

O grupo, um instrumento social útil (Benne). É possível desenvolver «*…a sense of purpose and urgency which makes the group potentially an effective social instrument*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**Comunitarismo (Delphi) – Reconciliação**.

Reconciliação com monopólio controlador (Klein). «*…a growing recognition of the inevitability of change and the need to adapt to it… There has been considerable amelioration of the pervasive, intense hostility and mistrust originally felt by citizens towards management… It is harder to gauge the extent of change in feelings and attitudes between factions outside the mill. However, disagreements now seem to be expressed more openly; and with less of a sense that long-standing bitterness is being rephrased and nurtured by tile expression… (197)*»

O locus de conflito passa a localizar-se no seio da população (Klein). «*However, the group has not been able to resolve a pervasive conflict between those with sensitivity training experience, who are seen by the opposition as wishing to be concerned only with process, and most of the rest of the Committee, who are seen by the others as valuing results and achievement to the exclusion of the welfare of group members… (197) There is no doubt that the committee functions at a level of openness that is rarely found outside a T-group. Moreover, individual members appear to have been influenced and helped to learn by the feedback they have received. Finally, the committee has been able to provide frank and apparently accurate reflection of community sentiment that has guided the company in certain of its actions. It is true that the members of the committee so far have been unable to integrate the needs of process and task-oriented subgroups. The recurrent theme "We never accomplish anything" reflects reality insofar as the accomplishment of specific projects by the total committee is concerned. However, it also may be a reflection of one of the basic concerns of the community – that its citizens really cannot be trusted to work together and follow through on projects. Sensitivity training is believed by the others to have blocked the development of task orientation. Perhaps, it is nearer the truth to say that both the process and task people so far have tended to avoid commitment to action and the possibility of an unequivocal failure experience. (199)*» – Donald C. Klein, "Sensitivity Training and Community development". *In* Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

DELPHI – Mudança social planeada (Lewin et al).

**Mudança social planeada – Psicodinâmica de sistemas**.

Psicanálise, cibernética, métodos de relações humanas. Psicodinâmica de sistemas é um campo interdisciplinar que integra três disciplinas: psicanálise, teorias e métodos de relações de grupo, e perspectivas de sistemas abertos.

Comportamento psicológico em grupo. «
***collective psychological behavior*** » dentro de, e entre, grupos e organizações. «

» (Neumann, 1999, p. 57).

**Mudança social planeada (Est) – Vertical-Horizontal Linking**.

"Vertical linking" (Blake & Mouton). ***Cadeias descendentes de influência, entre círculos hierárquicos***. « !

"

#

$

%&'( &()*»

"Horizontal linking" (Blake & Mouton). «+ +

$ "

, %&'( &()*» – Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. "A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity". , Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Mudança social planeada (Est) – Grupos, capatazes e teamworkers**.

Organização pode mudar personalidade de empregado (Schein & Bennis). «+

% *

- .

$

/ 0 1

%2)3*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Obter a “comunidade orgânica” (Golembiewski). «

4 5 6» Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). “The ‘Laboratory Approach’ to Organization Change: Schema of a Method”. Public Administration Review.

Teamwork, worker bees (Schein & Bennis). « /

%) ’* "

***team*** %&’7* ,

8

9

,

% ) ’*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Capatazes.

***Grupos precisam de hierarquias de líderes, como feito por Hitler (Lewin)***. « :

+

"

» Kurt Lewin (1973). “Resolving social conflicts: Selected papers on group dynamics”. Souvenir Press.

***Cultura comum para gestores/capatazes (Blake & Mouton)***. «

; : <

< $

$

%&’( &()*» – Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. “A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity”. , Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin**.

<u>**Planeamento** da mudança, lugar comum nos dias de hoje (NTL, 1972)</u>. «″

»

<u>Estratégias de mudança organizacional</u>. « 4 , 8 ». De Kurt Lewin, cit. in "Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

<u>Modelo aplica-se do grupal ao local ao global (Lewin)</u>. Este tipo de esquema de ideias, de acordo com Lewin, aplica-se a qualquer contexto social, do grupo à comunidade ao estado-nação e por aí fora.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin, forças – Dinâmica e equilíbrio**.

<u>Contexto social: espaço sócio-psicológico dominado por forças</u>.

<u>"Driving forces", "restraining forces", "quasi-stationary equilibrium" (NTL, 1972)</u>.
«= .

> ″
$ ″

! - ? .
@ @ #
@ @ ″ .
@# # @»

<u>Mudança planeada implica manipulação de forças (NTL, 1972)</u>.

***Desiquilíbrio de forças Unfreezing Movimento para novo equilíbrio Refreezing***.

***Usar forças situacionais para dirigir o processo***.

***Aumentar "driving forces"; diminuir "restraining forces"***.

«<

# < 5 6

$ # #

# … ;

0
A 9
9 ,
B

» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Fluidez de forças – Destruição e introdução de forças (Lewin). «+
# %
* # »
Kurt Lewin (1973). “Resolving social conflicts: Selected papers on group dynamics”. Souvenir Press.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin, forças – Backsliding**.

Backsliding acontece quando...

***Mudanças não são internalizadas pelas pessoas afectadas***.

***Não houve uma abordagem sistémica de alteração de restantes partes e subsistemas***.

« ?
"
9
$
/
» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin – Mudança ubíqua e sistémica**.

Todos os subsistemas relevantes têm de ser alterados, mudados (NTL, 1972). «***To change a subsystem or any part of a subsystem, relevant aspects of the environment must also be changed*** "

A
, $

#    <

***diagnosis of other subsystems that will be affected by the change***»

Todos os níveis hierárquicos relevantes têm de ser mudados (NTL, 1972). «″

»

Mudança começa a partir de cima e desenvolve-se por aí abaixo. «,

@    @

» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin – Usar pontos de stress**.

Mudança começa em pontos de stress e tensão – usam-se agravos e desafectos (NTL, 1972). «″

$    #

» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin – Informal, pressão de pares**.

Mudança informal abre portas a mudança formal (Golembiewski). «<

@    @

,    @    @

,

#

» Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). "The 'Laboratory Approach' to Organization Change: Schema of a Method". Public Administration Review.

Usar organização informal, controlo social, pressão de pares (NTL, 1972). «?

?

#    ″    $

″

( <

# » –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Mudança social planeada (Din) – Lewin – Stakeholders – Sindicatos**.

Todos têm de acreditar que estão a participar na mudança (NTL, 1972). «"

» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Todos são stakeholders (Blake & Mouton). «
, ; 8 > / ! ,
!

,
%&’( &()*»

Reconciliação sindical (Blake & Mouton). «, $

%&’( &()*» Robert R. Blake & Jane Srygley Mouton. “A 9,9 Approach for Increasing Organizational Productivity”. , Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

**Mudança social planeada (Exist) - Organizações contratadoras**.

Governo, indústria, bancos, ONGs, sistemas escolares e de saúde, igrejas (Schein & Bennis). «8 4 ; : "
. < 8 8 D E + 8
< F 4 ,?B 4 . + 4 8 /
?

,

, E ; 8 <,> ; + » Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

**<u>DELPHI – Processo</u>**.

**Delphi – Rand Corporation**.

<u>Programa de treino para agentes de mudança com fundos federais</u>. Em 1971, o U.S. Office of Education comissiona a Rand Corporation para elaborar sete volumes para estudos de agentes de mudança. Isto dá origem a um extensivo programa de treino lançado com financiamento federal.

<u>“The Change Agent’s Guide to Innovation in Education”</u>. Pouco depois, surge o manual autorizado para o empreendimento, “The Change Agent’s Guide to Innovation in Education” (1973), por Ronald G. Havelock, financiado pelo U.S. Office of Education e pelo Department of Health, Education and Welfare, publicado pela Educational Technology Publishing.

. O guia contém instruções sobre como manipular audiências e públicos a adoptar novos currículos de valores. É a bíblia educacional para obter mudança social, no campo dos valores. São atribuídas bolsas a universidades para o treino de agentes de mudança, e a Rand continua a publicar documentos de implementação de cursos, como “Factors Affecting Change Agents Projects”.

**Delphi – Identificar forças favoráveis (aliados) e desfavoráveis (resistentes)**.

<u>Planificação da mudança – Planear transição de A para B</u>. Qualquer plano de mudança descreve a transição de um ponto A para um ponto B. Para isso, é preciso identificar como se chega de A a B.

<u>Identificar forças favoráveis e forças desfavoráveis</u>. Descobrir elementos que favorecem transição e elementos que a dificultam. Para fazer isto, o agente de mudança vai ter de descobrir os elementos que facilitam a transição, e os elementos que dificultam a transição, e como jogar com, e promover, os primeiros, e como ultrapassar, ou neutralizar, os segundos.

<u>Promover forças/elementos favoráveis</u>.

. Construir alianças estratégicas – obter o apoio dos membros respeitados na comunidade-plateia-audiência.

<u>Neutralizar forças/elementos desfavoráveis</u>.

**Delphi – Background, motivações**.

Consenso pré-definido. A decisão final, o consenso, está predefinido. Existe um objectivo pretendido, para o qual o facilitador já está orientado.

Orientar o debate, mantendo aparência democrática – participação universal. É importante manter a fachada democrática, e fazer as pessoas acreditar que é a *sua* decisão. Todos participam.

. Sempre e somente. O único propósito aqui é fazer o público-alvo sentir que o consenso final foi decidido por si – é a sua decisão, e foi uma decisão democrática.

Uso de comparsas que intervêm em momentos-chave. Geralmente existem comparsas, provocadores, pessoas infiltradas no seio do público, contratadas para intervir em momentos chave, por forma a ajudar o facilitador a conduzir o debate.

Alvo – um público ingénuo. Com um público ingénuo, estas coisas funcionam.

**Delphi – Descongelamento, mudança dialéctica, recongelamento**.

Significado: amolecer, tornar receptivo, abrir. "Quebrar o gelo"; em linguagem de facilitador, significa tornar público receptivo a abandonar e a mudar as suas perspectivas, descongelar o seu equilíbrio estável. Amolecer, tornar receptivo.

Abertura, aceitação não-directividade – "vamos trocar umas ideias sobre o assunto". O facilitador começa por apresentar abertura total – vamos ser completamente honestos e apresentar pontos de vista abertamente. Tem de irradiar simpatia, sentido de humor, e uma espécie de aceitação quase maternal. O facilitador está ali como amigo, aliado, alguém em quem se pode confiar. Estamos entre amigos. Agora, vamos trocar umas ideias sobre o assunto, num ambiente aberto e aceitante. I.e., brainstorming. Não existem respostas erradas, tudo é relativo, não directivo, "open ended" – todos são encorajados a ter input, e não há rejeições – não existe resposta certa ou a prioris – não se insiste num resultado específico (o resultado é um em que todos participam).

. Podemos ter A, B, C e por aí fora. O público é exposto a vários pontos de vista e começa a rever as suas posições à luz desses pontos de vista – descongelamento.

! ″. Regra geral, o pretendido é um D. A posição A já tem 50% de D, portanto essa é a privilegiada. Se não surgir expontaneamente, um dos comparsas intervém, para a apresentar.

# $% & . Facilitador mostra-se particularmente receptivo a A. Faz isto com sinais verbais ou não-verbais.

Dialéctica hegeliana – pontos comuns, compromisso.

’ % ( ( )______*. Neste ponto, alguém (o facilitador ou um comparsa) revê a discussão até ali. Resume os pontos de vista e lamenta que haja tantas divisões, mas que há esperança; este é um bom grupo de pessoas, e todas pretendem fazer o que é melhor para o grupo – o bem comum. O bem comum está acima de gostos pessoais, de preferências egoístas. Vamos ser um grupo a sério, e concentrar-nos nos pontos comuns [common ground], que são estes [50% de A]. Vamos ser positivos e construtivos.

% $ &. Foco no comum permite conciliação de posições opostas, dado que todos podem identificar as suas necessidades e interesses na causa comum.

# ( ( ( ( )______*. Vamos concentrar-nos no que nos une, em vez de nos focarmos nas nossas divergências. A discussão de grupo é a causa comum para resolver o problema comum.

+ ( % $, & . Este é o cenário de sonho para o facilitador. Se isto funcionar, temos “group think”, pensamento colectivo, que só precisa de receber uns toques para ser orientado no sentido certo. Perspectivas opostas são fundidas ou sintetizadas em “verdades superiores”, que continuam a “evoluir” até ao ponto desejado.

- ./01. No final do processo talvez tenham havido reviravoltas de 180º. Com efeito, é bastante comum.

Dialéctica hegeliana – gradualismo. Gradualismo, orientação paciente mas persistente. Dois passos em frente, um passo atrás. É também um método de obter compromisso.

Dialéctica hegeliana – “oughtiness”. Avançar processo na direcção desejada dando sempre a entender que cada passo nessa direcção é um passo para um futuro melhor. Existe uma direcção óptima de progresso na discussão, e o facilitador pode dar sinais a indicar qual essa direcção é.

Dialéctica hegeliana – distorções semânticas. Redefinir termos para obter concórdia sem compreensão.

Recongelamento. Mudança está concretizada. Mesmo que nem todos gostem do resultado final, todos participaram – foi democrático. Todos têm de aceitar a mudança, é a nova norma. Se não a aceitarem, são anti-democráticos.

**Delphi – Alienação de “bloqueadores” (negativos)**.

Alienação e hostilização dos “bloqueadores, pensadores negativos”. Assim que todos estejam focados na causa comum, então o foco é no processo de grupo, e na alienação de resistentes, não-conformistas e restantes “bloqueadores”.

Dialéctica hegeliana – neutralização de resistentes, bloqueadores.

+ ( % 2 % ( .

( % . Até aqui o facilitador foi simpático e aceitante, como se fosse um professor da primária. Mostrou sempre abertura e entusiasmo com as pessoas do "lado certo". Mas aqui, o papel começa a mudar. Pode mostrar-se enfastiado, entediado. Trata a pessoa como se fosse uma criança mal educada, e dá-lhe um raspanete. Tenta virar o grupo contra a pessoa. Vai usar expressões como "sabe, a mim parece-me que está a tentar impor a sua opinião ao grupo". Ou, "acho que ninguém percebeu bem onde quer chegar com tudo isso". Ou "Onde é que quer chegar com tudo isso? Está a desperdiçar o tempo das pessoas". Ou "porque é que acha isso? Está a tentar dizer que sabe melhor que todos os outros?".

( . O resultado pretendido é um de dois. Calar, intimidar – a pessoa foi repreendida em público e sente-se vexada. Cala-se e mantém-se sentada e calada o resto do tempo – foi neutralizada. Ou, a pessoa insiste mas começa a ficar descomposta, enervada; o tom de voz aumenta, o discurso pode tornar-se confuso e conflituoso. O facilitador, por outro lado, é um actor treinado – mantém sempre a calma e a compostura. Portanto, o "resistente", começa a parecer conflituoso, belicoso, que está a travar uma guerra contra o grupo, e por aí fora. E isso também a neutraliza, aos olhos do grupo.

( . Muitas vezes também vão surgir ataques dos comparsas, que vão também no sentido de tentar vexar, desacreditar, descompor, o "bloqueador". Neste domínio vale tudo, desde coisas vulgares como "cala-te" até insultos pessoais, piadas sobre a pessoa ou sobre o seu modo de falar. Isto não precisa de ser feito num registo de agressividade ou maus instintos. Pode ser feito de um modo simpático, dialogante. Uma abordagem comum é a comparsa chorosa, que se mostra emocionada e triste, com toda esta divisão e confronto. Alega que posições daquele género são geralmente racistas, ou de pessoas que batem nas esposas, ou outros epítetos ofensivos deste género.

[3 % ( ( 4 % . Muitas pessoas que andam nestes circuitos são actores semi-amadores. E vão usar técnicas teatrais – em linguagem verbal e não-verbal. Muitas vezes são fáceis de detectar, quando são incompetentes, porque têm uma abordagem descaradamente de palco. Expressões exageradas, afectadas, demasiado sanguíneas, de sentimentos. Irrupções demasiado tempestuosas e visivelmente preparadas. Silêncios demasiado artificiais. Seguem clichés de Bertold Brecht e de outras formas de teatro pós-moderno].

( $ &. Entretanto, já surgiram novos comparsas, involuntários. Pessoas no grupo que simpatizam com o facilitador e se sentem motivadas a estar do lado dele, porque é a figura que estabelece autoridade. São aquelas pessoas que, quando estavam na escola, eram sempre as primeiras a chegar à sala de aula e levavam sempre a maçã à professora. Pessoas que sentem necessidade de agradar à figura de autoridade, de se sentir aceites por ela, e manter a harmonia. Na gíria, são os "idiotas úteis". São os

melhores aliados do facilitador. Estão dispostos a destruir a solidariedade do grupo em nome de se sentirem em harmonia, e aceites, pelo facilitador.

***50 6*** ***70 6*** . Estudos feitos em psicologia social dizem-nos que cerca de 20% das pessoas em qualquer população humana se enquadram nesta categoria. Os mesmos estudos dizem-nos que mais de metade da população tende a manter uma posição intermédia, de espectador. Ou seja, não escolhe partidos até ver para onde o vento sopra. E é isso que acontece aqui.

**Delphi – Antídotos para lidar com facilitadores e comparsas**.

O melhor dos antídotos para facilitadores é um público informado.

***2*** ***) 4 8*** *. «*Only recently we got word from a former government official of an NTL alumnus stationed in the Far East on government duty. The latter tried to impose laboratory training on a Buddhist monastery he had had some contact with. The monks tolerated this for awhile, but finally rebelled and evicted the well-intentioned but seriously misled "change-agent" (328)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

Manter o sangue frio, afirmar o que está certo. Nestas situações a pessoa não pode perder o sangue frio, nem levar as coisas a peito. Tem de manter calma, serenidade, e objectividade. Está ali para defender uma causa e afirmar o que está certo, e isso é mais importante que insultos pessoais. A pessoa tem de perceber que está a lidar com actores; não pode colocar-se no papel de quem resiste, ou discute, com actores. A ideia não é resistir, ou discutir. É afirmar aquilo que está certo, para o grupo, ignorando os actores e os “people pleasers”, os “idiotas úteis”.

Tratar facilitador e actores como irrelevantes. O facilitador, e actores associados, têm de ser tratados como aquilo que são – irrelevantes. São actores contratados para manipular e descarrilar pessoas e comunidades, o que os coloca num nível muito baixo de existência. São mercenários intelectuais.

**Delphi – Papéis no grupo – Por tarefas**.

Papéis no grupo, por tarefas.

’ 9 . (Initiator-contributor) Sugere ou propõe.

% . (Information seeker) Pede clarificação de informação e de factos.

***:*** . (Opinion seeker) Pede clarificação de valores.

″ % . (Information giver) Oferece factos “autoritativos”.

″ . (Opinion Giver) Declara crença ou opinião.

, . (Elaborator) Faz sugestões.

. (Coordinator) Demonstra ou clarifica relações, no grupo.

! . (Orienter) Define posição.

9 ; . (Evaluator-critic) Sujeita as concretizações do grupo a algum standard.

< . (Procedural technician) Expedita o movimento do grupo.

, + . (RECORDER) Regista a “memória do grupo”.

**Delphi – Papéis no grupo – Group building, maintenance**.

Papéis de construção e manutenção do grupo (“group building and maintenance”).

, = . (Encourager) Elogia, concorda e aceita.

> ? . (Harmonizer) Media diferenças.

. (Compromisers) Oferece compromisso como exemplo a seguir.

@ 2 % . (Gate-keeper, expediter, facilitator) Mantém comunicação aberta.

. (Standard setter or ego ideal) Expressa padrões a seguir pelo grupo.

. (Follower) Propõe sugestões.

! . (OBSERVER) Mantém registos do processo de grupo e da linguagem corporal.

**Delphi – Papéis no grupo – Papel individual**.

O papel individual.

. (Aggressor) Desaprova da perspectiva dos outros.

( . (Blocker) Negativista e resistente, discordante e opositor.

4 . (Recognition-seeker) Chama atenção a si mesmo.

9 % . (Self-confessor) Expressa “sentimentos” e “ideologia” pessoais, e não grupais.

A A. Exibe-se.

" . (Dominator) Assevera autoridade.

= . (Help-seeker) Pede simpatia dos outros, espera que os “mornos” respondam ao apelo.

" % . (Special interest-pleaser) Fala por outros (PMEs, movimentos cívicos, etc).

**Delphi – Localizar aliados, neutralizar oposição**.

Localizar aliados, detectar oposição (Havelock). «*Second, he should know who in his system has the resources relevant to various change efforts. For example, he should be able to identify the innovators in a particular area, i.e., those who are most likely to adopt a new idea and experiment with it before their colleagues. He should also know who is good at carrying through on an innovation, applying it systematically and conscientiously, and sticking with it until it works. These "maintainers" are sometimes different from the "innovators”… Finally, he should know who in his system are the "defenders" or resisters of innovations*» Ronald Havelock (1973). “The Change Agent's Guide to Innovation in Education”. Educational Technology.

Localizar aliados, neutralizar oposição (Benne). «*We have said that educators [change agents] need a social engineering theory which provides conceptual tools for diagnosing the possibilities for change, for locating the forces which support it, and for* ***4*** *%* ***4 B4 4*** ...» “Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development”. Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Estudar o alvo: barreiras e resistências, abertas e oportunidades (NTL, 1972). «*Determining the size, character, structural makeup of group of changees. Determining the barriers, the resistance, the degree of readiness to change. Determining the resources available for overcoming barriers and resistance… Determining the level of sensitivity the changees have to the need for change*» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Delphi – Mudar pessoas, engenharia humana**.

Tornar o alvo receptivo a mudança (NTL, 1972). «*…move the client toward a collaborative and receptive response to change…*»

Mudar pessoa, relações interpessoais, grupo, comunidade, opiniões (NTL, 1972). «*...changing a person himself, his relations with others, the relations between several others, a total group, a community, or widely held opinion*»

Conversão total (NTL, 1972). «*...each changee becomes a changer at some place in the normal development of the change process*»

Engenharia humana, desenvolvimento de grupos (Benne). «*...human engineering and group development*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Iniciar e controlar processo de mudança (Benne). «*...change agents… must have… a method of social engineering [to] incorporate both democratic ideas and values and the knowledge and skills relevant to initiating and controlling the change process… Educators or other change agents must… be trained in ways of stimulating and guiding change… inducing and stabilizing changes in persons and groups… the problems of inducing and controlling changes in social systems, including the face-to-face group*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Mudar pessoas – Crenças, atitudes, padrões sociais (Benne). «*...induce and stabilize the restructuring of a social system such as the school… change in people and in social systems such as the school… a change in the established ways of group life and, therefore, a change in the social standards… We must change the people who manage the school program, it is frequently said, if we are to change the "curriculum"… In each instance this means bringing about changes in people — in their desires, beliefs, and attitudes, in their knowledge and skill… changing his perception of… his position in the system… of the situation and his relationship to it… nothing less than a restructuring of his knowledge, attitudes, and skills in a new pattern of human relationships*» – "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**Delphi – Manipulação – Persuasão cultural e coerção**.

Portfólio de atitudes, valores e comportamentos de apoio e resistência (Havelock). «*A change agent... First, he should know about the process of change, how it takes place and the attitudes, values, and behaviors that usually act as barriers or facilitators*» Ronald Havelock (1973). "The Change Agent's Guide to Innovation in Education". Educational Technology.

Manipular o alvo, com persuasão cultural, coerção e manipulação (NTL, 1972).

***C*** **:** ***$*** &.

«*Helping changees become aware of the need for change… Determining the methods which changees believe should be used in change… Skill in dealing wisely with changee's ideology, myths, traditions, values… Creating awareness of the need for considering change and diagnosis through shock, permissiveness, demonstration, research, guilt, "bandwagon," and so on… Understanding the effects of stress on changee's beliefs and behavior*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Falsidade, "imposição democrática", coerção dissimulada (Schein & Bennis). «*The change agent must not impose democratic or humanistic values in an authoritarian or inhuman manner. If the change agent is concerned with creating more authenticity and collaboration, he must behave in ways that are in accord with these values (219) [Como é que o agente de mudança faz quando o alvo não é esclarecido o suficiente, para querer mudança?] Does coercion or faith have to be used during the very first phase of change? (220)*» – Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Delphi – Manipulação – "É a tua mudança"**.

Envolver alvo na mudança, torná-lo um stakeholder (NTL, 1972). A pessoa tem de sentir que é a mudança dela, no sistema dela. É a tua ideia, o teu plano, o teu consenso, a tua comunidade.

«*Techniques in arriving at a group decision… Raising the level of aspiration of the changee and making aspirations realistic… Creating a perception of the potentialities for change expectations… Creating perception of possible sources of help in this change… Creating a feeling of responsibility to engage in this change by active participation… Creating perception of responsibility for participation in many persons… Developing indicated degree of general support for change*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Delphi – O agente de mudança – Hubris e marginalidade**.

Identidade: indivíduo, grupo ou organização (NTL, 1972). «*The change agent (be it an individual, group, or an organization)*» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Papel profissional, marginal, ambíguo, inseguro, arriscado (Schein & Bennis). «*…the role of the change agent is protean, changing, difficult to grasp, and practically impossible to generalize… The change agent's role must be construed in the following way. It is: 1. Professional; 2. Marginal; 3. Ambiguous; 4. Insecure; 5. Risky (217)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Agentes de mudança – Enfatuação e hubris (Schein & Bennis).

" = D ! + .

' 2 < D $ E & .

«*A change agent can exploit his role to gratify certain basic (often unconscious) wishes, most particularly, the need for power and control. We are referring to this as the quest for omnipotence. The possibilities for unconscious gratification in the change-agent's role are enormous… he is "having it both ways." On the one hand, he is the consultant, the passive one, and, on the other hand, he is the leader, the power behind the throne. He achieves that infantile dream of* **B B 4** A*… [Change agents] possess a powerful… method which may lead to some quite radical revisions of the way life is conducted… exhilaration and intoxication…"Godlike" role staff plays… What have we been trying to do in this chapter? Essentially, we attempted to air our consciences, to come to terms with our ambivalences (334-7)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Delphi – Uso sistematizado na sociedade pós-moderna**.

Governos, empresas, organizações comunitárias. Discussão de grupo facilitada é chave para a transformação do indivíduo, da empresa e da sociedade. Novos e velhos em todo o lado têm de participar, e ser ensinados a pensar e a trabalhar colectivamente. Hoje, estas técnicas de lavagem cerebral são usadas para guiar a transformação social. Governos, escolas, empresas e organizações comunitárias – até igrejas – estão a usá-las.

Moldar cidadãos obedientes e que pensem em grupo.

**Delphi – URSS e Bloco de Leste**.

Conceitos usados extensivamente nos países socialistas. Agentes de mudança, facilitadores, provocadores, actores treinados, etc.

Manifestações espontâneas. Na rua, na fábrica, etc. A manifestação era despoletada por agentes de mudança e monitorizadas. Quem não participasse nas demonstrações de alegria e júbilo espontâneos, poderia facilmente receber uma visita do KGB.

Modelagem de comportamentos. Na rua, por exemplo. Para mudar comportamentos em massa. Vários agentes provocadores teriam um dado comportamento, que seria depois adoptado por membros do público e auto-alimentado.

Perspectiva biológica, e não matemática – “conhecimento é evolucionário”. A verdade, como concebida pela maior parte dos filósofos, é estática e final, perfeita e eterna. Em terminologia religiosa, pode ser identificada com os pensamentos de Deus, que, sob dadas circunstâncias, podem ser revelados a seres humanos. A perspectiva geral de Dewey é biológica, ao invés de matemática, o que faz com que conceba o pensamento como um processo evolucionário. Para Dewey toda a realidade é temporal.

Inquérito – Processo dialéctico hegeliano. Na sua opinião, existe um processo chamado “inquérito”, “inquiry”, que é uma forma de ajustamento entre o organismo e o seu ambiente. Adaptação participativa, processo de adaptação onde o meio e o ego são os únicos intervenientes. As relações de um organismo com o seu ambiente são por vezes satisfatórias para o organismo, outras vezes insatisfatórias. Quando são insatisfatórias, a situação pode ser melhorada por ajustamento mútuo. Dewey faz do inquérito a essência da lógica; e não a verdade ou o conhecimento. Define inquérito como: «*Inquiry is the controlled or directed transformation of an indeterminate situation into one that is so determinate in its constituent distinctions and relations as to convert the elements of the original situation into a unified whole*». Adiciona que «*inquiry is concerned with objective transformations of objective subject-matter*».

Inquérito visa alcançar o Todo Orgânico. É claro que “inquérito”, como concebido por Dewey, é parte do processo geral para tentar tornar o mundo mais orgânico. “Todos unificados”, “unified wholes”, são o resultado esperado dos inquéritos. O amor de Dewey pela organicidade é parcialmente devido a biologia, e parcialmente à influência de Hegel.

Só existem crenças. O mundo de Dewey é inteiramente centrado em seres humanos: o que são e como pensam e, consequentemente, como agem. Não há nada para além da mente humana. Não existe realidade independente – apenas crenças.

Verdade é utilitária. Uma coisa é verdade se me fizer sentir bem. Em harmonia com o meio, com o grupo, ou comigo próprio. Uma crença é julgada pelos seus efeitos, e não por qualquer critério causal de verdade. Um dos discípulos de Dewey, Hu Shih, disse: «*A verdade é criada pelo homem para seu uso... uma ideia que teve bons frutos foi chamada de verdade no passado. Se foi útil, ainda é chamada verdade hoje em dia*» (P.14)

“A verdade é relativa e contextual – afirmabilidade garantida”. Dewey não visa alcançar julgamentos que possam ser absolutamente verdadeiros, ou condenar as suas contradições como absolutamente falsas. Dewey substitui a ideia de “verdade” por “afirmabilidade garantida” (“warranted assertability”), se tiver certo tipo de efeitos. À partida, o passado não pode ser afectado pelo que fazemos e, portanto, se a verdade é determinada pelo que aconteceu, é independente de desejos no presente ou no futuro; representa, em forma lógica, as limitações do poder humano. Mas se a verdade, ou em vez disso a “afirmabilidade garantida”, depender do futuro, nesse caso, está no poder de quem comanda o presente e prepara o futuro, alterar o que deve ser afirmado. Isto aumenta o sentido de poder e liberdade humanas. Será que César atravessou o Rubicão? Dewey pode optar por responder sim ou não com base naquilo que é conveniente para eventos futuros; não há razão para que estes eventos futuros não possam ser arranjados por poder humano, de tal modo a fazer de uma negativa a resposta mais satisfatória.

Imaginação dialéctica – “Posso emancipar-me da verdade”. Ou seja, se eu achar que a crença de que César atravessou o Rubicão é inquietante, posso, tendo capacidade e poder, arranjar um ambiente social no qual possa fazer a negação, emancipar-me, dessa “categoria imutável e limitativa”.

“A verdade é comunitária”. A filosofia de Dewey é uma filosofia de poder, mas não individualistica, como a de Nietzsche. Encontra a sua medida de valor no poder da comunidade. É este elemento de poder social que faz com que a filosofia de instrumentalismo seja atractiva àqueles que vêm o mundo como um sistema humano fechado a controlar e a gerir. Em tudo isto existe um perigo gravoso: o conceito de verdade como algo dependente de factos fora do controlo humano tem sido uma das formas pelas quais a filosofia tem inculcado um necessário elemento de humildade. Quando esta limitação ao orgulho é removida, é dado mais um passo na direcção de um certo tipo de loucura e de intoxicação de poder que invadiu a filosofia com Fichte e à qual os homens modernos são susceptíveis. Esta intoxicação é a chave para desastre social em larga escala.

**# $ %& .**

“Ciência exige exclusão da razão e da objectividade”. Aqui, é interessante citar John Dewey e os seus seguidores, que diziam que o método científico tinha de consistir na eliminação da razão humana e da lei natural da ciência.

Descrição estatística – verdade subjectiva arbitrária. Em vez disso, adopta-se uma descrição meramente mecânica e estatística dos fenómenos. A verdade é totalmente relativa, a ser adoptada ao alcance dos caprichos da classe governante.

**DIALÉCTICA – Lei da Unidade e da Luta entre opostos**

A lei da unidade dos opostos é a lei fundamental do universo.

Aplica-se ao mundo natural, a sociedade humana, e a pensamento.

Entre opostos existe simultaneamente unidade e luta leva a movimento e mudança.

Em qualquer objecto, a unidade de opostos é condicional, temporária e transitória.

Porém, e ao contrário, a luta de opostos é absoluta.

«
***genben guilü***

*!*
"

*!* *#* »

Globalização, Controlo Global. Aldeia global, sistema global de controlo, justificado pela emergência de novas tecnologias.

Estado Tecnotrónico Transicional. Organização tecno-fascista. A tecnocracia e o homem cinzento. Garrison-state. Transição abrupta.

Megacidades. Comunidades especializadas.

Transição de Valores. Novo sistema de valores para o planeta integrado. “Mudar a cabeça das pessoas”. Alvo: valores Judaico-Cristãos de classe média.

Educação-Treino e Gestão Comportamental. Gestão de comportamentos e relações. STW.

Mundo Artificializado. Tecnocracia. PPP. Megacidades. Vigilância ubíqua. Manipulação biológica. Controlo climático. Brain-machine interface.

Controlo Social e de Opinião.

Hedonismo. Narcisismo. Valores flutuantes. Conflito social.

**! " # $ #%&%$ ’ % % % &.**

Loughary (1972). Indivíduo perde capacidade de decisão na era computorizada.

Braun & Slobodzian (1982) – CV e Data Mining. Usar PCs para Clarificação de Valores – “Doctor”. Data mining: armazenar, analisar, partilhar informação.

Heuston (1984). Um laptop para cada criança. Computador pode intrometer-se entre criança e influências externas.

Redes sociais, “friends”, pornografia.

$% ( % ) ! % ! !.

$% ( % ).

Trabalho infantil para produção social.

Educação mental, física, politécnica.

Despesas de saúde técnica podem ser pagas com lucros da oficina escolar.

$% ( % ! .

Marx, Lenin e Stalin consagram Politécnico.

Doutrinação ideológica – Ultra-especialização – Trabalho infantil sub-remunerado.

Medievalismo. Retorno a padrões medievais, o estágio da guilda.

Turchenko (1976) – e vários outros autores. Politécnico. Harmonia social. Oposição a sociedade/educação burguesa. Trabalho infantil em fábricas. O "novo homem soviético" é um RH.

$% ( % % .

May 7 Road of Human Development.

Dang'an. Portfolio individual total, para "capital humano". Acessível a estado, empregadores, entidades comunitárias. Dados acrescentados, apagados, adulterados.

% % .

Howard Gardner. Aprender com a China. Teoria das inteligências múltiplas.

Mary Berry.

Protocolos Educacionais China-Ocidente. Unesco, OCDE, UE, EUA, importam educação chinesa.

Sistema Global de Critérios Educacionais e de Acreditação de Competências.

! * ! &% .

US/USSR Education Exchanges. Carnegie, 1985, STW.

David Hornbeck e “Human Capital and America’s Future”.

Iserbyt (Video).

! * ! .

HEW (1960). Elogia treino politécnico/vocacional, Pavlovianismo, doutrinação socialista.

Beck, DoEd (1990). Elogia treino politécnico e trabalho infantil na URSS e RDA. Propõe adopção para mundo ocidental.

Boyce (1983), Haberman & Collins (1987). STW sovietiza educação.

! * ! $+ + , -./+ .

Lerner (1973). “Education in our socialist community”. STW, não-graduação. Colectivismo. Treino de competências e comportamentos.

Hillary (1996). “It takes a village”.

Carnegie/Tucker, “Dear Hillary letter” (1992). “Lifelong HR development system”. DANG’AN (base de dados acessível a empregadores). Estágios e serviço comunitário. PPPs (sovietes educacionais – empregadores, sindicatos, educadores, ONGs).

+ # ! .

URSS – UNESCO (1986).

STW (URSS) torna-se modelo de trabalho para Unesco.

UNESCO, 1972, ICDE.

“Learning to be”: formação comportamental, relativismo, filosofia comunitária, pensamento dialéctico.

Aldeia global; ganhar “corações e mentes” para a aldeia global.

Inversão social de valores – Usar insatisfação juvenil.

Novo homem: Cibernopóide.

UNESCO, 1973, Parkyn.

Formação contínua – Sociedade educativa – Transformação contínua do sujeito – Doutrinação para cidadania.

Treino planeado para economia global planeada.

STW – Minimalismo educativo – Formação vocacional – Fusão escola/trabalho.

Iliteracia.

Marx, URSS, China – Modelos a seguir.

UNESCO, 1975, Lengrand.

URSS e Jugoslávia – modelos a seguir.

A utopia é socialista e totalitária.

Iliteracia.

Formação contínua, sociedade educativa.

Novo homem: RH, em mudança permanente.

Acabar com a família tradicional.

UNESCO, 1986, Delors.

Aldeia global socialista – economia global socialista.

Iliteracia.

Formação contínua.

UNESCO, 1990, Jomtien.

Aldeia global – transformação global – escola.

Valores redefinidos pela Unesco.

STW.

WCCD, 1996 – Voluntariado, STW, créditos.

Voluntariado adulto e juvenil.

Estágios, treino vocacional (STW).

Créditos académicos.

WCCD, 1996 – Mudar valores globais – Explorar jovens e artistas.

Aldeia global, interdependência.

Valores globais, nova cultura, para a aldeia global.

Explorar jovens – Visionamento ONU.

Explorar artistas – "Progresso global".

% 0+ . + **1- 2 3 3+.**

Chicago Mastery Learning Program.

Oettinger (1982). STW. Ler e escrever? Falar e ler comics.

Harman & Sticht (1987). Aldeia global exige STW, mudança de valores. Força de trabalho tem de ser manipulável.

Hendricks (1995). Aprender a falhar, na era de expectativas diminuídas.

**$** .

**$ ! "4 ! %** .

Isolar criança de influências parentais e outras.

Usar grupo de pares e pressão colectiva.

Mudança de crenças, atitudes, valores.

**$ %$% % .**

Avaliação não-graduada.

Ensino de crenças e temas sociais em vez de factos.

**$ ! % " 4 5 %# .**

Crenças, atitudes, valores, comportamentos.

Quebrar privacidade.

Utilizar condicionamento pavloviano.

**$ $ %#% $ ! & % $.**

Ética situacional.

“Caixa de Pandora”.

Parafraseia Marx.

SUPEREGO SOCIAL substitui CONSCIÊNCIA.

**$ %5% " 4 # $ .**

**# 6 % .**

Professor como filósofo socrático. Método mais básico e essencial, que introduz relativismo moral.

**# & ! .**

Incentivar consenso, dialéctica, na aula.

Método “experimental, não testado”.

Professor-facilitador. Neutralização do adulto – Desconfirmação dos pais – Regras: aceitação e consenso/síntese – Destoxificação da calamidade.

Pais demissionários.

Programas CV. Drogas, sexo, álcool, etc.

MDC (ambiente de).

Promoção de desviantes morais.

Bullying e mobbing.

# ! $ .

"Eu e Rogers".

Muro de silêncio sobre Rogers e Coulson.

CV.

IPPF, SIECUS – Epidemia de doenças sexuais.

Relativismo – não há factos, certo e errado – tudo são **71 8+** e **7198+** .

Adulto não-directivo.

Comportamento desafiante.

Existem decisões tabu – voltar a afirmar factos e proibições óbvias.

# & &.

Usar CV para vender tabaco.

# & : $ ; +1 - 3 9<7 .

Bom selvagem.

Utopianismo.

Rejeição de consciência, bem e mal.

Fluxo.

# & .

Destruição da educação.

"Padrão de fracasso" – "Nothing but bad can come from it".

Perca de Liberdade, destruição da Família.

# $ .

Maldade humana – Rejeitar "bom selvagem" – Rejeitar relativismo moral.

Destruição da educação.

Perca de Liberdade – O perito arrogante auto-actualizado – Dogma "democrático".

O hippie narcisista auto-actualizado.

AA – Insanidade e morte.

Correcção de AA: adultos e crianças – bondade.

# =7>-+ .? .7 .7 7 17 0 + 07 + @ 0+.

Choques com os pais. Pais tornam-se modernos ou são irrelevantes. Auto-intitulação e insolência.

Comportamento desafiante.

Insistência parental torna-se opressão.

Estruturas de apoio. Pares, psicólogo, instituições sociais, etc.

# . 7 + +A B+.

Narcisismo CV ganha justificação cósmica.

% $%C " 4 .

% $%C " 4 ! & % $.

Grupo como Mãe. Pertença e acolhimento no seio da Mãe colectiva. Indivíduo reinventado no grupo. Renascimento no seio do grupo. O grupo-mãe estabelece a sua realidade, e dá-la aos "filhos". Disciplina maternal: filhos resistentes são disciplinados, levam tau-tau.

Investimento Emocional – Confissões.

Participação Universal – Resistência ao Processo é um Vício, Pecado.

Sanidade Estatística.

Irracionalismo/Inquisição.

Auto-Brutalização – MDC. Anulação da Consciência – Maus Sentimentos. Anulação da Sociabilidade.

**% $%C "4 !& % .**

**% $%C "4 !$ $ %#% .**

Factos são opiniões.

A verdade reside nos sentimentos, do self e do grupo.

**% $%C "4 $% &! & .**

Linguagem consensual – Sentimentos e opiniões.

O cínico, o gelatinoso e o seguidor.

MDC – Pobreza discursiva.

**! "4 & ’ % .**

**! "4 & ’ % D!%&$ E.**

Infância germânica. Permissividade, segurança, centramento na criança, apego ao material, dependência de figuras de “autoridade total”.

Necessidades que surgem. Egocentrismo e estimulação externa.

“Estimulação externa”. Autoridade exterior. Hierarquia e estatuto. Desresponsabilização. Aversão a risco, apego a segurança e a coisas materiais (conforto). Cidadão ou besta (sempre animal).

Egocentrismo. Existencial e intelectual (o meu umbigo é o centrum). “Ich bin Gott”. O saco de gatos – Jahatojaha.

! "4 & ’ % %.

Quebra da consciência – Narcisismo.

O novo homem, o Ubermensch nietzschiano.

! "4 & ’ % & 4 .

Volksschule. Educação para conformismo, com balões e confetti.

Pestalozzi, Herbart, Froebel – Movimento romântico, Sturm und Drang.

Conteúdos deste tipo de educação.

*Sense perception.*

*Kindergarten (harmonia, todo).*

*Educação física.*

*Clarificação de valores (função estética).*

Produtos.

*Dependência material – Apego – Segurança.*

*Colectivismo, totalitarismo.*

*A Grande Mãe.*

! "4 & ’ % ! % .

Educação, uma valência sócio-económica totalitária.

F- 0 + 07 7. a sociedade hierarquizada inquestionável. Indivíduo como .; - no .7 17 social.

Visão bestializada/RH do homem.

- Homem como RH, a ser moldado e treinado para servir a economia nacional.

- Produzir pessoas em série (Volksschule) para ocupar estações na economia.

- Obter obediência, apatia, ajustamento social, em troca de algum conforto na vida social.

Lavagem de crenças e valores.

- I.e., lavagem cerebral, para lavar influências domésticas e outras.

- Lavar a consciência, as noções de bem e de mal.

- Imprimir crenças fixas, estatais.

- FICHTE: Destruir vontade livre.

Psicologia animal.

- Atinge auge com WUNDT.

**! "4 & ’ % $ ! .**

Oligarquia – Classes médias e baixas.

PINK FLOYD, “Mother”.

**$ 5 5 ! $% "4 % "4** .

**G5 5 ! +- 7 ++5 . 7.**

Neurose gera crime e fascismo.

ALVOS. Consciência, família, herança cultural, patriotismo, princípio da realidade (leis/regras).

SOLUÇÕES. Libertar instintos, bom selvagem.

**G5 5 ! . 1 9<7 7 -B=0 + 5 0 .**

Libertar o Id. Sexualidade infantil vs adulta. Libertar Eros, fantasia, sonhos, emoções.

Derrubar princípio da realidade.

Harmonizar Id com Ego.

OUGHTINESS. Sensitivização, expectativas, percepções.

FRATRIA e proibição do incesto (culpa incestuosa criou regras familiares).

PROMISCUIDADE (EROS GRUPAL). Sociedade promíscua, Eros grupal (incesto).

**G5 5! H 3 37 (3+ .**

Alienação Oughtiness (serpente) Emancipação (voltar a pecar).

**G5 5! . 1 9<7 % B 9<7 ;.0 . .**

Impor Eros à tirania da Razão. Usar a função estética para fundir Eros com Razão. Razão é sensual e sensualidade é racional.

Cegueira selectiva. Harmonizar Id com Ego. Id é dialéctico, não tolera negação, impõe fantasia à realidade.

**G5 5! . 1 9<7 . 7 7 3 3+ ;.0 . .**

Narcisismo, a base da moralidade.

Polimorfismo – Misticismo corporal – União e fusão com o ambiente.

**G5 5! . 7 IJ+ 3 3+ 37 .7 9<7K L + 0 +B L 3+ .**

1. Subjectivismo.

2. “Verdade do coração”.

3. Auto-gratificação reina cada vez mais livremente.

- Emocionalidade excessiva.

- Princípio do prazer-realidade.

- Imaginação dialéctica, sonhar acordado.

- Narcisismo.

4. Objectificação do outro.

5. Oportunismo sócio-estatístico.

6. Expectativas irrealistas.

7. Grupo/aldeia: espaço de aceitação, relação e regulação.

G5 5! .1 9<7 % +2 + 07 7 : 07 .

Lei sem lei, propósito sem propósito.

Destruição individual e civilizacional.

- Silenus: Inebriamento, tragédia e morte.

- Morrison, Doors.

LEWIN – JOGO & TAREFA. Combinar prazer com trabalho destrói produtividade.

! "4 M .

! "4 M 3-. 9<7 >- 0 N 3 ; ***INEFICIENTE***.

Coulson (1). “Facilitar aprendizagem em vez de ensinar”. Fracasso académico torna-se algo de heróico, testemunho de criatividade. Pais são tratados como egoístas, por exigirem sucesso académico.

Coulson (2). Degradação de standards académicos. Matéria torna-se acessória. Aula transformada em terapia de grupo.

Bateson. Ineficiência académica e sentimentalês.

! "4 M 3-. 9<7 >- 0 N 3 ; ***TOTALITÁRIA***.

Sowell (1993). Técnicas de doutrinação totalitária, como role playing, diários, pressão de grupo.

Gross (1998). Escola ganha aura de clínica psiquiátrica. Intromete-se no seio familiar.

! "4 M .7 .7 7 #+?. - 7 3+ -3 9 502 . 3+ 7 17 0 + 07.

Conceito de lavagem cerebral consagrado.

Professor como facilitador-filósofo, agente de mudança.

Escola como veículo de transmissão de cultura, consenso e comportamento. Como nos países totalitários, porque a aldeia global é um regime totalitário.

**! "4 M 5 0. 3 0J3 3+.**

Negação de memória, factos, certezas.

"Criatividade e originalidade". No entanto, criança precisa de desenvolvimento cognitivo sólido, e conhecimentos factuais consolidados, antes de poder ser realmente criativa.

Educação emocional e não-factual. A criança não-cultivada vai apenas explorar os seus próprios desejos e emoções. Os factos vão ser substituídos por slogans, imaginação e verdades de grupo.

**! "4 M 2 =7 7 +.0 J7.**

TRABALHOS DE GRUPO.

Aprendizagem cooperativa. Trabalho e responsabilidade são colectivos.

Homeostase bons-maus alunos.

Pensamento colectivo, consensualidade.

**! "4 M -07 % 3- BP . # 0 N 9<7.**

Valores Judaico-Cristãos. Iniciativa e responsabilidade individual.

Valores pós-modernos. Vitimização, pessimismo. Auto-indulgência, displicência, diversão. Desresponsabilização.

**! "4 M ! 0 1+. N 9<7 57 9<7 7 17 0 + 0 .**

Eliminação gradual de educação académica. Phasing out gradual, simplificação, corrupção.

Ultra-especialização. Orientação vocacional, treino de competências.

Formação comportamental.

- Ajustamento social.

- Valores consensuais (no grupo, aqui e agora).

- Mudança permanente.

- Comportamento substitui conhecimento.

! "4 M 71 B 3 % 00-. 7 .7 7 5 .07 .

Autoridades institucionais são fontes 72F+.0 J de informação.

Todas as outras são -2F+.0 J e irrelevantes, obsoletas. Têm de ser desconfirmadas. [Deus, família, pais, tradição]

Valores associados têm de ser desconfirmados.

- Moral Judaico-Cristã.

- Liberdade individual e valor do indivíduo.

- Soberania nacional, etc.

! "4 M 71 B 3 % 00-. 7 .7 7 5 .07 M % 0+ . + 0?@ . % . 7 7 7B 7 3 . 7 + 07 1+ 0+.

Iliteracia científica.

“Informação objectiva”, slogans, irracionalismo. Filtro politicamente correcto. Crença ingénua, ou oportunista, na “verdade oficial”.

Literacias “sustentáveis” / “objectivas”.

! "4 M 71 B 3 % 00-. 7 .7 7 5 .07 Q 7 7 % + +J 0+ .

Pais e tradição são obsoletos e irrelevantes.

Novos locus de autoridade e verdade. Grupo de pares (geração) e autoridades institucionais (estado, patrão, instituições).

Criança propagandiza os pais. Isto leva a aceitação ou ruptura.

SNOB APPEAL, oughtiness. O mundo exterior é sofisticado, informado, avançado.

ABORDAGEM PEDOFILÍACA.

! "4 M & -17 ; 7J <+ -07 3 3+ <7 7 7J7 .

Pais tornam-se obsoletos e irrelevantes.

NOVA FAMÍLIA.

- Grupo de pares/geração/fraternidade – Nova Mãe, espaço maternal.

- Autoridades institucionais – Novo Pai, figuras paternas.

**! "4 M H B<7 ! .**

<u>Harmonia, criatividade, espiritualidade, etc</u>.

**! "4 M 7-0 9<7 I - 0+ 0OJ+ K.**

<u>Al Gore</u>.

- Al Gore e um plano educacional global.

- Perspectiva pan-religiosa.

<u>UNESCO e muitas outras</u>.

<u>Crianças como público-alvo – Oughtiness, visionamento</u>.

<u>Slogans, manuais, etc</u>.

<u>Processo de grupo</u>.

- O Processo da Revolução Cultural de Mao.

**! "4 M + .- 7 $ 1 +.7 7 B 72 .**

<u>(1) PPP, definição curricular</u>. Desenvolvimento de competências ultra-especializadas para alocação na economia, segundo um sistema de quotas.

<u>(2) Formação comportamental-atitudinal</u>. Crenças, valores, comportamentos – comunitarismo.

<u>(3) Treino STW</u>.

- Ultra-especialização.

- Minimalismo académico.

- Estágios e aprendizados.

- Filosofia comunitária.

(4) Avaliação social.

- Ausência de notas / não-gradação.

- Avaliação de capacidades técnicas – avaliação de conteúdos comportamentais.

- Reeducação.

(5) Alocação na economia/comunidade.

- Pelo centro de emprego.

- Trabalho na comunidade.

- Dang’an.

(6) Sociedade educativa, formação contínua (LE), reeducação.

- Formação técnica e comportamental contínua.

- Doutrinação para cidadania.

- Punições e reeducação.

**! "4 M 1 7 7.-0- B72 %+2,0 : & 007.**

Iserbyt.

- “Dumbing down”, “robotização”, “lavagem cerebral” – formação contínua, workforce training.

- Novo feudalismo global.

Gatto.

- Individualismo desaparece em nome de automatismo global.

**! "4 M !$ ! ( %$ % : % &$ $ % # $% .**

Preparação para ambiente social estéril, colectivo, irracionalista.

- A comuna e a empresa multinacional.

Cidadão global & RH global.

- Relativismo moral utilitário, pragmatista.

- Obediência e submissão a autoridades institucionais.

- Consensualidade, conformidade, groupthink (team-player).

- Pensar do modo certo, ter as crenças e atitudes apropriadas.

- Sentido comunitário de valor próprio ("eu sou o que os outros pensam de mim").

- No trabalho, não basta ser bom – é preciso ser "bem comportado".

Global Workforce Training / Força laboral global / HR Development.

- Os pontos atrás estão no coração do que é, hoje, desenvolvimento de RH.

- Muitos nomes e pacotes para a mesma coisa.

Economia global centrada na gestão de processos.

- Dominada por cartéis e monopólios.

- Gestão de processos definidos a partir de cima.

- Manutenção de processos estacionários.

Retorno a padrões medievais.

**! "4 M 9 3 3- 07 37 $% % .**

GATTO. "A well managed, godless mass".

- Inadequação, irresponsabilidade.

- Baixeza, ansiedade, falta de espírito, dependência do exterior, temor, estupidez, vício em novidade.

- Isto é necessário para uma sociedade controlada.

Dependência do exterior facilita controlo totalitário.

- Pessoas dependentes de fontes exteriores de realização são fáceis de controlar.

SZASZ. Adultos infantilizados, crianças adultificadas.

**! "4 M +. ? 7 3 +3- . 9<7 + 3 0+ . .**

De licenciatura para doutoramento, etc.

GATTO. Quebra da literacia no público americano, da II Guerra em diante.

! "4 M +.? 7 3 +3-. 9<7 R D!%&$ E.

Educação permissiva – Rousseauviana.

Auto-indulgência, narcisismo, auto-intitulação.

Menos disciplina, organização, consciência do tempo.

**<u>EDUCAÇÃO GERMÂNICA – Modelo para o mundo – Pink Floyd, Mother</u>**

**Modelo educacional para oligarquias e para o mundo**

---

---

**Pink Floyd, Mother**

!

" # $ !!!

!!! "%

## EDUCAÇÃO GERMÂNICA – Prússia – Nihilismo moral – Sociedade totalitária

**PRÚSSIA – Volksschule**

rússia – escolaridade obrigatória. As Volksschulen, introduzidas na Prússia em 1717. Sistema de escolaridade estatal obrigatória – ensino primário.

Foi o grande cenário de implementação das aventuras pestalozzianas.

**PRÚSSIA – A outra faceta – Produção em massa**.

Indivíduo como mera unidade produtiva, a especializar. O indivíduo comum é visto como mera unidade produtiva, com a única função de saber executar certo tipo de tarefas, em prol do estado, que gere o sistema económico. O conceito base é o de produção em massa.

Peça na máquina – totalitarismo. Visão do homem como peça na máquina, que vai ser evidente nos sistemas totalitários: comunismo, fascismo, fabianismo.

**FICHTE – "Education must destroy free will"**.

« *, so that, after pupils have left school, they shall be incapable, throughout the rest of their lives, of thinking or acting otherwise than as their schoolmasters would have wished*» – Fichte

**VON HARTMANN – "The principle of freedom is negative"**.

"What men need is tyranny, in every department of life". «*The principle of freedom is negative… in every department of life, save religion alone, compulsion is necessary… What all men need is rational tyranny, if it only holds them to a steady development, according to the laws of their own nature*» – Eduard von Hartmann, filósofo (1842-1906)

**Pestalozzi e a nova criança totalitária**.

Romântico. Johann Heinrich Pestalozzi surge do movimento Romântico.

Educação subjectivista.

.

**Johann Friedrich Herbart – Dimensão estética**.

Ética como função de estética. Alemão. Procura criar um sistema educativo que molde Individualidade em Carácter (apreciativo de estética, e ética como subdivisão estética), no qual o professor funciona como uma espécie de psicanalista, que orienta o aluno através de percursos específicos de aprendizagem com base numa estimulação ponderada do domínio aperceptivo.

Psicologização da educação – "transformar individualidade em carácter". Mas, o ponto de destaque no que a gestão de massas diz respeito, Herbart surge como o pioneiro de aplicação de psicologia à educação. Entrando no domínio de orientação aperceptiva, estamos a falar de uma forma sofisticada q.b. de moldar a mente individual. Encontra a síntese entre uma educação meramente materialista e uma educação predominantemente idealista – centra-se no tornar-se, no processo de conversão de A em B, Individualidade em Carácter.

**Froebel e o Kindergarten**.

Estudante de Pestalozzi na Suiça. Friedrich Wilhelm August Fröbel (ou Froebel), pedagogo alemão.

Funda vários institutos educacionais. Em 1816 já tinha fundado o Allgemeine Deutsche Erziehungsanstalt ("German General Education Institute") em Griesheim, perto de Arnstadt em Thuringia. Neste instituto trabalha com os cofundadores Wilhelm Middendorf and Heinrich Langethal. Em 1831 fundou um instituto educacional em Wartensee (Lucerna, Suiça).

Kindergarten, Freiarbeit, Fröbelgaben. Desenvolve o conceito do "kindergarten", os brinquedos educacionais "Froebel Gifts" – *Fröbelgaben* , que incluem blocos de construção geométricos. Em 1837, uma vez mais com Wilhelm Middendorf e Heinrich Langethal, fundou um instituto de "creche, jogos e actividades" para crianças pequenas em Bad Blankenburg, ao qual veio a chamar de "kindergarten". Estabelece o conceito de "trabalho livre" (Freiarbeit) em pedagogia e estabelece o "jogo" como a forma típica que a vida toma na infância, e também no valor educacional do jogo. As actividades do primeiro kindergarten incluem canto, dança, jardinagem e jogo auto-dirigido. Isto começa por ser feito com o pretexto de introduzir a criança ao mundo adulto.

Kindergarten dissemina-se pelo mundo fora. O formato espalhou-se pela Alemanha e pelos EUA, durante o século XIX, e pelo mundo fora no século XX.

**Criança "moralmente auto-descobridora" torna-se hedonista e anárquica**.

Auto-descoberta de regras éticas      Imaginação dialéctica. O que a criança vai descobrir é, "o que me faz sentir bem e ao grupo, com quem colaboro". E equaciona o "sentir-se bem ou mal" com "Bem e Mal".

Aprendizagem baseada no MDC sensorial. Ou seja, a aprendizagem vai basear-se no mínimo denominador comum da satisfação sensorial.

**Educação germânica: Sense-perception – Ambiente total – Educação física**.

Exploração de percepção sensorial e autonomia. A educação tem de ser radicalmente pessoal – subjectiva – apelando à intuição da criança. Portanto, o método Pestalozziano baseava-se no centramento na criança, na exploração de percepção sensorial e em autonomia de acção.

Harmonia, ambiente total para doutrinação total – o kindergarten. Enfatiza que cada aspecto da vida da criança contribui para a formação da personalidade, carácter e razão. Portanto, enfatiza a ideia de harmonia – o ambiente total para a doutrinação total; o kindergarten.

Educação física, para bons soldados sociais. Um método essencial de Pestalozzi é a teoria da educação física, com um regime de exercício físico e actividades ao ar livre.

**A Sociedade maternal, onde o indivíduo é substituído pela criança colectiva**.

Egocentrismo, insegurança, autoritarismo, ignorância.

*!* . Ou seja, obtemos pessoas narcísicas, egocêntricas, apegadas ao meio ambiente, facilmente distraíveis.

. Insegurança e necessidade de agradar à autoridade, exemplificada no professor, mas perpetuada no patrão, no oficial militar, no oficial partidário e também, claro, no colectivo.

Adaptação fácil ao estado totalitário. O tipo de pessoas que se vão adaptar facilmente ao estado totalitário. Toda a vida é regulada, e a sensação de liberdade individual é dada pelo usufruto da experiência sensorial de pequenos deleites materiais.

*″* .

\# $ .

O indivíduo não tem lugar. Isto dá origem a uma forma de sociedade na qual o indivíduo não tem lugar – só o colectivo e a organização.

% & $ & ’ & . Portanto, o significado é encontrado no exterior – no grupo, no colectivo, na organização, no estado.

( ) & & & . Toda a vida passa pelo colectivo, que sustenta, dá segurança, acarinha.

*) + $ ( & .

, - . Isto torna-se uma espécie de Grande Mãe, que está lá para guiar, orientar, ordenar. Sustentar e dar segurança.

As crianças são sempre autónomas, nunca independentes.

A vida torna-se inimaginável, inconcebível, sem esta presença materna.

. ( & , - & $ . Isto fica gravado (imprinted) no sistema neurológico do indivíduo. Se há uma área de actividade, tem de ser regulada. Se há uma necessidade, ou um medo, têm de ser imediatamente saciados. É a isso que comunistas e socialistas aludem, quando falam de todas as necessidades serem supridas.

Esta é a fórmula óbvia para totalitarismo – “satisfação de todas as necessidades”.

**EDUCAÇÃO PSIQUIATRIZADA – Ineficiente [Coulson, Bateson]**.

**COULSON – STW – Iliteracia funcional, escolas transformacionais**.

Iliteracia funcional – Escolas transformacionais.

***Standards académicos são degradados, matéria torna-se acessória***. Bem como ir à biblioteca ou ler um livro.

***Aula transformada em terapia de grupo – foco avaliativo em relações humanas***.

***Resultado, um coração preenchido e uma cabeça vazia***.

***O exemplo de San Marcos, Texas***.

Um resultado do novo sistema é «*...functional illiteracy... it's easy to achieve… the "personal success" goal. It requires only two things. One is that academic standards be lowered to the point that nobody fails. The other is to arrange that academics become a matter of peripheral interest throughout the school and community. Everybody will "experience personal success," that is, when the class room and school are transformed into centers of what we can call amateur group therapy – in which all that's required for success is that people be sincere and say what's in their heart… Everyone can become an honors student when the only norm is personal openness… It doesn't require going to the library or even reading a book… Such sessions are characteristic of what OBE specialist William Spady has called transformational schools, which are his ideal. What gets dropped in transformational schools is the traditional emphasis on subject matter – for there is no way all children can be "successful" with subject matter… We are sending children into a competitive world. They deserve better than to be sent with full hearts but empty heads… San Marcos, Texas, exemplifies. The public schools there were once top-rated. OBE was introduced and academic achievement began to slide. Recently the district was notified that its comparative scores on statewide tests had gotten bad enough that its accreditation might be in jeopardy…*» – William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

**COULSON, TMP – CV – A aula psiquiatrizada**.

Coulson e Rogers: "Freedom to Learn", a aula psiquiatrizada e não-directiva.

"In times of rapid change, teaching has to go".

"To facilitate learning is what we said teachers must do instead of teach".

“The theory of the psychiatricized classroom… became Holy Writ”.

“Underachievement had come to be seen as almost heroic, witness to creativity”.

“Parents were no longer to take pride in their children: it was said to be selfishness”.

«*This writer and Carl Rogers, as co-editors of the Studies of the Person textbook series, played too aggressive a role in stimulating school teachers to adopt the nonjudgmental stance of the clinical psychotherapist. In 1967 we launched a facilitator training program: we said, “In times of rapid change, teaching has to go.” To “facilitate learning” is what we said teachers must do instead of teach. (This was our teaching, but we failed to notice. We wanted teachers to be nondirective, but we were not nondirective ourselves. Of course not. No one with a sense of responsibility is nondirective about one's own good ideas)… Most of the… books… advocated what could be called the psychologizing of… classrooms and as such were destructive of mind… An early work in the series, Dr. Rogers's Freedom to Learn: A View of What Education Might Become, set the standard for what followed. It offered the theory that the student is really the teacher's “client” and that in “the best of education” no less than in “optimal therapy,” this client will become involved in “an exploration of increasingly strange and unknown and dangerous feelings in himself, the exploration proving possible only because he is gradually realizing that he is accepted unconditionally” (p. 280)… Freedom to Learn became an educational best seller. The theory of the psychiatricized classroom… became Holy Writ… Things were… getting worse. Youthful underachievement had come to be seen as almost heroic: if it was youth's own choice, it was said to witness to creativity… parents were no longer supposed to take pride in their children: it was said to witness to selfishness*» – William Coulson (n/d), “TMP: Too Much Psychology”. [http://www.cultureshocktv.com/coulson/coulson1.html]

**BATESON – STW – Ineficiência académica, sentimentalês**.

Kresge, turmas em T-group. Kresge College, na UC Santa Cruz, tinha adoptado o sistema “rogeriano”, com as turmas organizadas em T-Groups, conduzidos por facilitadores, de expressão de sentimentos.

Bateson: mau trabalho, ineficiência, sentimentalês. Quando Gregory Bateson, o antropólogo visitou Kresge, observou que os trabalhos escritos eram «*generally deplorable. It was hard to get students to take seriously what was being said or for them to take themselves seriously when writing something… Students spoke a horrible touchy-feely jargon… in actual behavior they were unusually kind, but that didn't help you learn very much in Latin grammar or any other serious subject*» Cit. in William Coulson, “Outcome-Based Education”. Address given at the “Piecing it Together” Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

! ! " # $% " & # ’( ) .

Técnicas totalitárias de doutrinação psicológica usadas rotineiramente na escola americana.

Choque, roleplaying, pressão de grupo, diários, etc.

«*The techniques of brainwashing developed in totalitarian countries are routinely used in psychological-conditioning programs imposed on American school children. These include emotional shock and desensitization, psychological isolation from sources of support, stripping away defenses, manipulative cross-examination of the individual's underlying moral values, and inducing acceptance of alternative values by psychological rather than rational means… Shock and desensitization procedures… include classroom discussions of lifeboat dilemmas, where the limited capacity of the boat forces decisions as to who should be left to drown. Sometimes children are asked to decide whom they would sacrifice among members of their own family… These are not the isolated idiosyncracies of particular teachers. They are products of numerous books and other "educational" material in programs packaged by organizations that sell such curricula to administrators and teach the techniques to teachers. Some packages even include instructions on how to deal with parents or others who object… Psychological isolation can be achieved in a number of ways, and stripping away psychological defenses can be done through assignments to keep diaries to be discussed in the group and through role-playing assignments, both techniques used in the original brainwashing programs in China under Mao*» Thomas Sowell. "Indoctrinating the children". Forbes, Vol. 151(3), 2/1/1993, p65.

* + ) , #- ’ " & ) .# ) / 0" ) .

Escola devota-se a moldar variáveis psiquiátricas.

Intrusão burocrática na vida da família.

Especialistas mal treinados estão a interferir com psiques já sobre-psicologizadas.

Muito disto é feito por meio de counselling – a criança é coagida a entrar nisto.

Não existem provas de que intervenção escolar previna doenças mentais.

Pelo contrário, parece funcionar como estímulo neurótico.

«*Our schools are taking on the aura of a psychiatric clinic. Without informed taxpayer consent, the modern school has become involved far beyond its competence in both the "intellectual and personality development of children"… the schoolchild is immersed in a psychological environment in which he is cajoled, invited, seduced, even bludgeoned into seeking counseling… Almost all the (school psychology) personnel involved are actually laymen… the entire practice of school psychology may be seen as an intrusion of bureaucracy into the family structure… By labeling it as 'counseling' instead of 'psychotherapy,' they may have invented a semantic subterfuge to circumvent the law… There is no real evidence that the anxieties, neuroses or eventual psychosis rate of children is in any way reduced by school intervention. There is the equal possibility that the effort is actually a neurotic stimulus. With our taxes, we are helping poorly trained helping specialists to tamper with the psyches of an already overpsychologized generation. This generation of the young has been enmeshed in psychology from the time of their birth*»

Martin Gross (1978). The Psychological Society.

7& 8 & 8 9:;;<= 7& $ 7 % 0 %0 >

**Educação21 – Educação pós-moderna, uma forma de abuso infantil.**

!

" # $%

$% & ’ (

#

)

( $% $

* +

, $% - $%

**Educação21 – E** .

Doutrinação afectiva substitui currículo académico. A prioridade curricular deixa de ser a transmissão de conteúdos académicos, passando a centrar-se na prescrição e na transmissão de atitudes e de comportamentos.

Consagração da ideia de lavagem cerebral. Conceito de lavagem cerebral torna-se consagrado na educação, a partir do momento em que escola tem função de lavar crenças e valores incutidos em meio familiar, em substituição por ideologia governamental.

_________ institucionalizada. Como valor inerentemente positivo. Mudança para quê, e para onde?

Escola torna-se fábrica comportamental, agente de mudança. Cada escola e cada departamento de educação tornam-se agentes de mudança, fábricas de engenharia comportamental, veículos de transmissão de comportamento.

Professores como facilitadores. Ou terapeutas de grupo. Engenheiros sociais que moldam os seus alunos, não para saber, mas para ser – comportamento.

Modelo totalitário. Isto expressa a adopção total e sem reservas do modelo fascista-socialista-comunista.

**Educação21 – E  tandardização global de competências e critérios educacionais**.

Paradigma – RH globais para a economia para a economia global. Desenvolvimento de RH para economia global baseada em informação.

Organizações – Unesco, OCDE, UE, etc. Hoje em dia, organizações como a UNESCO, a OCDE e a Comissão Europeia estão na linha da frente para implementar este género de sistema globalizado.

Harmonização.

***Curricular***. Currículos e práticas de ensino, com a estandardização geral de critérios educacionais.

***Acreditação de competências***.

***AC (2) – Sistema de créditos***. Mobilidade estudantil, portabilidade de créditos académicos correspondentes a unidades de formação. Num sistema desenhado por banqueiros, até o conhecimento é traduzido para linguagem contabilística.

Bases de dados para estandardização de critérios de empregabilidade. O O*Net é um sistema de bases de dados do U.S. Department of Labor, que inclui informação como "Worker Characteristics" (capacidades, interesses, estilos de trabalho) e "Worker Requirements" (competências, conhecimento, educação).

Acordo NTA – Treino vocacional, créditos académicos. Uma parte desta integração transatlântica é o acordo, entre EUA e CE, estabelecendo um programa de cooperação em educação superior e em treino vocacional.

Notas sobre sistema de créditos NTA. O sistema de créditos tem vindo a ser desenvolvido pela Comissão Europeia, em parceria com Tavistock. A acreditação (avaliação e validação) das competências de cada cidadão é traduzida em créditos e unidades armazenados e transmitidos através de Smartcards. Este modelo é suposto ser implementado tanto nos EUA como na UE. A Outubro de 1997, o Tavistock Institute e a Manchester University completam o relatório final para a Comissão Europeia, e descrevem um sistema de credenciais e unidades portáveis de crédito, «*benchmarked to international standards such as those promulgated by the International Standards Organization (ISO)*». O relatório afirma ainda que «*there is increasing attention being focused on developing global skill standards and accreditation agreements...*» e que o futuro reserva «*partnerships between government, industry, and representatives of worker organizations… (and) a high degree of integration… embedding skills within the broader context of economic and social activity, and specifically within the areas of secondary education, work-based learning and local and regional economic development… The NSSB, Goals 2000, STW Program are all combining to act as a*

*catalyst to promote the formation of partnerships to develop skills standards. In this regard, a system like O*Net can be seen as the `glue' that holds everything together»*

Propaganda institucional (PI) como facto – “informação objectiva”. Autoridades institucionais. Fontes objectivas de informação, fontes de verdade. Aqui não se fala de pontos de vista ou opiniões, mas sim de informação objectiva.

Endeusamento do status quo – ONU, UE, comunidade. Existem instituições que estão aqui para fazer do mundo um lugar melhor. A ONU está cheia de pessoas sábias e preocupadas e, se lhe derem oportunidade, vai inaugurar uma nova era de paz e segurança para o mundo. A União Europeia vai trazer prosperidade e muitas turbinas de vento, para salvar o ambiente de uma Europa unida, onde todas as crianças dão as mãos e cantam o Hino à Alegria. É preciso uma instituição como a União Europeia para todos os continentes. O futuro é comunitário. Do local ao global. É a tua comunidade, e a comunidade tem de ser gerida e salva de pessoas más com hábitos maus, em nome do bem comum. Para todos os problemas existe uma solução, que é dada por pessoas esclarecidas em lugares de poder.

Bem e mal – “literacia ética”. Não existem valores universalmente válidos, para todos os tempos e lugares. Tudo é subjectivo. Todas as opções são legítimas, dependendo do contexto. A ideia de bem e de mal é só uma questão de percepção.

Deus – individualismo – liberdade – estado-nação. Tudo o que bloqueia a aceitação geral da nova ideologia global é suspeito e tem de ser desafiado, tem de ser desconfirmado, pela nova educação global.

. Crenças e valores tradicionais são crimes de pensamento, na nova sociedade processada. Lealdades “obsoletas” e “exclusivas” a questões como soberania nacional, valores Bíblicos, são o adversário.

DEUS – tem de ser tornado consensual. Deus tem de ser desconfirmado. O Deus real, Judaico-Cristão, que é exigente e castiga actividades criminosas – esse tem de ser desconfirmado. É uma falsa ideia, uma relíquia do passado. O que fica é um avô simpático e aceitante que oferece prendas, uma espécie de Pai Natal. E Cristo, Cristo já não foi morto pela comunidade porque foi contra o consenso social, porque afirmou o Bem contra o Mal, a Verdade contra a Mentira, porque afirmou aquilo que era certo e verdadeiro. Não. Agora, Jesus é o irmão mais velho que constrói o consenso social. Usa

um boné e vai ao clube comunitário para jogar basquete. E todo este esforço de redefinição tem sido liderado pelas várias igrejas.

Estado-nação, soberania. Tem de ser equiparada a fascismo e, quando isso não funciona, provincianismo, isolacionismo e tudo o resto.

Privacidade. “O que que tens a esconder? Quem não deve não teme.”

Liberdade individual. É “anarquia”.

Individualismo. É “egoísmo”.

________________________________________. Nos filmes, o novo vilão é o homem de negócios que trabalha por conta própria. Individualismo, propriedade privada, é sempre má [a não ser que esteja nas mãos de alguma fundação ou de uma multinacional iluminada]. O herói trabalha sempre em equipa, para uma agência governamental ou para alguma fundação, em nome do bem comum e para manter a paz. A criança vai aprender que o mundo tem imensos problemas, que são geralmente devidos a más pessoas, maus : ditadores, pessoas que deitam lixo para o chão, pessoas que não pagam os seus impostos a tempo, pessoas que conduzem carros e deixam as luzes acesas.

Condicionamento pavloviano – filtro mental PC. A pessoa torna-se condicionada a ver tudo através do novo filtro politicamente correcto. Termos como “Deus”, “capitalismo”, “privacidade”, “liberdade individual”, podem agora despoletar reacções emocionais que não são resolúveis através de factos e de lógica.

.

Iliteracia científica. Desconhecimento do método científico, de pensamento lógico e racional.

“Literacias”, “compreensões”. “Literacias”, “compreensões”, entendimentos PC sobre assuntos chave.

Irracionalismo e slogans e “informação objectiva”. Face a um problema social [Pobreza no 3ºmundo], surge “informação objectiva”, determinada pelas autoridades institucionais [aborto é uma maneira válida de melhorar vida das populações], que é aceite irracionalmente, acriticamente, e convertida em slogans de acção [é necessário matar bebés negros para salvar África, e quem não concorde com esta ideia, matar bebés negros, é racista]. Também se poderia exemplificar com “poluição CO2”.

Exemplo de aborto em África.

Repetição constante de slogans. A nova melhor crença é colocada sobre a mesa e repetida insistentemente, de todos os meios possíveis, despertando o poder da pressão de pares.

I.e., ignorância condicionada e PC – Crenças “apropriadas”. Pela qual a pessoa adquire as “crenças apropriadas e consensuais”, a “atitude apropriada”.

. Implica compreender que existe uma terrível escassez de recursos; e as gerações mais velhas foram egoístas, e capitalistas – os dois são sinónimos. Temos todos de apertar o cinto, abraçar simplicidade, fazer sacrifícios. Distribuir recursos globalmente. Pensar global. Convergentemente, temos o ambiente, que está em crise; precisamos de fazer sacrifícios para o salvar.

! .

“Progredir” implica frescura juvenil, e não mofo do passado. As lições e os valores do passado são abolidos. O “avançar”, o “progredir para a frente” não precisa de sabedoria, precisa de acção e de frescura, espírito juvenil.

Verdade é dada pelo grupo e pelas instituições. O locus de autoridade passa para o grupo – o grupo de pares – e para as autoridades institucionais.

. A verdade pode ser encontrada no grupo, por pessoas jovens, com ideias frescas – a melhor geração, a geração mais evoluída.

. E existe uma única fonte de verdade acima do grupo. Esta fonte de “verdade”, “informação objectiva”, são as autoridades e instituições a toda a volta.

Pais: ignorantes, irrelevantes, obsoletos, mal informados. Dar autonomia à criança – autonomia sobre os pais e sobre adultos em geral, ou perspectivas tradicionais. Estas perspectivas são obsoletas, ultrapassadas, e mal informadas, alicerçadas em ignorância – uma relíquia do passado, irrelevante, a ser tratada irreverentemente.

Criança tem de reeducar os pais. Em casa, a criança torna-se uma propagandista para todas estas verdades que aprende lá fora. Vai educar os seus ignorantes e obsoletos pais com toda esta informação objectiva que lhe foi transmitida na escola, no grupo.

. Se os pais não concordarem, isso é apenas uma demonstração de como são ignorantes, ultrapassados – em última instância, irrelevantes. E isto serve de motor para o desligamento entre pais e filhos.

! " # $ % & . Já não é o filho que tem de ganhar o respeito do pai; pelo contrário, é o pai que tem de ganhar o respeito do filho, concordando com ele e acomodando-se a todas as suas novas perspectivas.

Snob appeal, oughtiness – abordagem pedofilíaca. É preciso dar snob appeal a tudo isto. Criar sonhos e expectativas, e prometer cumpri-los, se. Existe todo um mundo brilhante, reluzente e colorido lá fora, repleto de prendas e coisas boas, fantasia, satisfação,

felicidade. [Existe um mundo novo lá fora, e algures nesse mundo estão pessoas mais avançadas, mais sofisticadas, mais cultivadas que os pais – e é preciso encontrar essas pessoas e pertencer a esse mundo, para evoluir e avançar]. Um mundo sofisticado, comandado por pessoas muito mais informadas, avançadas, e sofisticadas que os pais. Pertencer a esse mundo implica rejeitar e abandonar o universo limitado, constrangido, tradicional da família. Agora, tem de ser apontado que esta é a abordagem que é comummente usada por pedófilos e outros raptores habituais de crianças. Quando aborda a criança, o pedófilo assume uma postura paternal, e tenta mostrar-se aceitante, compreensivo, preocupado. Com isto, tenta assumir-se como um novo pai. Parte disto é oferecer doces e brinquedos, e prometer experiências fascinantes e mágicas – "entra no carro e verás". O que se segue é sempre destruição da inocência, insanidade, perversão, horror – e, quantas vezes, morte. Quando são capturados, muitos pedófilos argumentam que queriam o melhor para a criança e estavam realmente interessados em acarinhá-la e protegê-la e ensinar-lhe coisas boas. É suposto a escola, ou o estado, comportarem-se como pedófilos? Ao longo dos séculos passados, sempre que o estado, ou a sociedade, ou a escola, tentaram quebrar os laços inalienáveis entre pais e filhos, apresentaram sempre o mesmo argumento – segurança, protecção e um futuro radiante. E acabaram sempre no mesmo abismo de destruição da inocência, insanidade, perversão, horror – e, quantas vezes morte, em larga escala.

.

Aprendizagem cooperativa – Trabalho colectivo, responsabilidade colectiva. Não existe responsabilidade individual; apenas responsabilidade colectiva. O foco é colocado em cooperação e harmonia de grupo. Esta mentalidade é reflectida em trabalhos e avaliações de grupo – o que se chama, aprendizagem cooperativa.

***(a) Professor-facilitador, grupo auto-gerido***. Professor não-interventivo. O grupo é auto-gerido: responsabilização colectiva.

***(b) Homeostase bons-maus alunos***. Bons alunos vão ser misturados com maus alunos. A tendência é a de que o mau aluno continue a sê-lo, e pouco contribua para o trabalho. Com isto, o mau aluno é encorajado a não mudar – implicaria responsabilização individual – e a aproveitar-se do trabalho alheio. O bom aluno, por sua vez, é desencorajado de trabalhar e ser bom naquilo que faz.

***(c) Trabalhos medíocres, estudantes medíocres***. Os resultados. Trabalhos medíocres e estudantes medíocres.

***(d) Pensamento colectivo***. Pensar com o colectivo, com o grupo – ajustamento social.

**Educação21 – Ultra-especialização – Declínio e iliteracia**.

**Educação21 – Ultra-especialização – Declínio gradual do nível da educação**.

Eliminação gradual de educação geral – simplificação, adulteração de conteúdos. Simplificação corruptora do conteúdo da educação. História torna-se um conjunto insípido de datas, nomes e fábulas. Ciências ambientais tornam-se propaganda institucional.

De licenciatura para doutoramento.

De secundário para licenciatura.

E por aí fora. Portanto, o nível da educação tem vindo a ser progressivamente reduzido, ao ponto em que o que antes era conhecimento de licenciatura, passa a ser conhecimento de mestrado ou doutoramento; e o que era conhecimento de secundário passa a ser conhecimento de licenciatura.

**Educação21 – STW – Ultra-especialização**.

, não – para a função na colmeia. Ou seja, crianças para funções específicas na colmeia, para servir a força de trabalho e a economia global, e não para que possam fazer as suas próprias escolhas de vida.

***Homem visto como animal a integrar numa função sócio-económica***. A pessoa passa a ser vista como um animal de capacidades limitadas, a ser treinado em competências muito especializadas, guiado por um caminho predefinido, para ser integrado num posto do edifício económico e social, numa função.

Ultra-Especialização – treino de truques. Instrução dirigida para a realização de um espectro limitado de funções, com treino de competências de baixo nível. Em vez de aumentar o seu potencial para conhecer, o aluno é induzir a aprender a desempenhar truques e tarefas a comando, como acontece em testes periódicos. Treino de hamsters em jaulas e rodas. Aprender truques e tarefas a comando, da mesma forma que um animal de circo aprende a desempenhar uma tarefa, ou um truque.

***Desenvolvimento especializado de competências, aptidão vocacional***. Treino laboral, vocacional, desenvolvimento de carreira. Desenvolvimento especializado de competências para ocupar um posto na economia. É preciso saber X para fazer Y e portanto é X que a criança vai aprender.

***Conteúdos académicos minimalistas e pragmáticos***. Uma abordagem pragmática, com objectivos educativos essenciais e minimalistas. É dado aquilo que pode assistir à

integração da criança no mercado de trabalho, na economia global. Ler e escrever (por enquanto ainda têm alguma importância, relativa), matemática – saber calcular (existe a calculadora) –, história (definitivamente não interessa, a não ser uma versão sanitizada e adulterada de alguns acontecimentos chave), literatura, cultura geral sobre o sistema de governo, arte, música, línguas estrangeiras (convém saber a língua franca, inglês – uma forma reduzida de inglês, ), desportos.

***Vão aprender aquecimento global e filosofia comunitária***. Mas vão aprender que o planeta está a morrer, os ursos polares estão a afogar-se, e que a única salvação para tudo isso é a utopia social comunitária; global – fascismo, comunismo, totalitarismo, globalismo, comunitarismo.

***Escola deixa de educar, passa a fazer formação profissional***.

Ignorância funcional. Padrão de desenvolvimento individual muito baixo e muito medíocre. Pessoas que sabem quase tudo sobre praticamente nada, e pouco mais para além disso.

.

Verdades de grupo e imaginação substituem análise lógica de factos. Lógica, factos, análise, são substituídos por verdades de grupo, slogans e imaginação.

Negação de memória, factos, certezas (Glasser). Memória não é educação, e respostas não são conhecimento. Certezas e memória são os inimigos do pensamento, e destroem criatividade e originalidade. [William Glasser (2011). "Schools without Failure". Harper Collins]

Criatividade não é dissociável de desenvolvimento racional. O exercício da criatividade exige a existência de alicerces de pensamento: capacidade de raciocínio lógico, conhecimentos factuais. O pensamento realmente criativo e original é aquele que tem os alicerces certos. Ou seja, a criança precisa de aprender a pensar logicamente, antes de partir à descoberta do mundo. Ao invés, o que é geralmente proposto, é que a criança vai descobrir o mundo antes de saber pensar.

MANCIPAÇÃO – Eros & Tanatos

**Eros & Tanatos – Lei sem lei, propósito sem propósito, Tanatos**

---

***"Princípios universalmente válidos para uma ordem objectiva" – i.e., impostos***

*In the aesthetic imagination, sensuousness generates universally valid principles for an objective order. The two main categories defining this order are "purposiveness without purpose" and "lawfulness without law"... "Zweckmassigkeit ohne Zweck; Gesetzmassigkeit ohne Gesetz"...* ! "# $ % & "' ( ) ) "* + " , # - #.

! / " 0 " " " # % & 10 *...the loosening of this fusion makes manifest the erotic component in the death instinct and the fatal component in the sex instinct. The perversions suggest the ultimate identity of Eros and death instinct, or the submission of Eros to the death instinct*
! "# $ % & "' ( ) ) "* + " , # - #.

**Eros & Tanatos – Combinar trabalho e prazer destrói o trabalho (Lewin, 1941)**

$ " . ) % # . " & 10 *Change in organization can be derived from the overlapping between play and barrier behavior. To be governed by two strong goals is equivalent to the existence of two conflicting heads within the organism. This should lead to a decrease in organizational unity… Finally, a certain disorganization should result from the fact that the motor system loses to some degree its character of a good medium because of these conflicting heads. It ceases to be in a state of near equilibrium. The demands on the motor system made by one head have to counteract the influence of the demands of the other head. This is an additional factor which hampers organizational processes. The forces under the control of one head have to counteract the forces of the other before they are effective* - . 2 3 4 3 / 5 6 7 " 8 , " "# . "' " 9 " 7 ) + ". ) # " / ) : " % + ; < 7

**Eros & Tanatos – Silenus – Inebriamento, tragédia e morte**

= " ") # 5 "> $ ") # # # % ")
5 "> ? % 0 = " 0 . # " # # 5 ">

C (      )        )       +D *Art is not a mirror held up to reality, but a hammer with which to shape it* 4   4  )

**ros & Tanatos – Quigley e o processo de destruição cultural para despotismo**

( * ;   H#  "      ; # "

=  0 #     .  "  #  %

< E  " #   "  1 * . ;  H "# .M"

(# E 9 # # # % #  9 % " ; .  "  # #

- 10 # %  #  E#   H#  " . ")

$ # % M"   9 G 4 "#

2 ; 10 # C   ) ;  "#  +  "   D

". .  "  % K 9  "

!   "  # #  " 10 # " 10 # "  & )  "

%   # % #  9 # * * "

N 0  " * % #  # "; # #  %

*A similar attack was made on self-discipline. The philosophic basis for this attack was found in an oversimplified Freudianism that regarded all suppression of human impulse as leading to frustration and psychic distortions that made subsequent life unattainable. Thus novel after novel or play after play portrayed the wickedness of the suppression of good, healthy, natural impulse and the salutary consequences of self-indulgence, especially in sex. Adultery and other manifestations of undisciplined sexuality were described in increasingly clinical detail and were generally associated with excessive drinking or other evasions of personal responsibility… The total rejection of middle-class values, including time, self-discipline, and material achievement, in favor of a cult of personal violence was to be found in a multitude of literary works from James M. Cain and Raymond Chandler to the more recent antics of James Bond. The result has been a total reversal of middle-class values by presenting as interesting or admirable simple negation of these values by aimless, shiftless, and totally irresponsible people. A similar reversal of values has flooded the market with novels filled with pointless clinical descriptions, presented in obscene language and in fictional form, of swamps of perversions ranging from homosexuality, incest, sadism, and masochism, to cannibalism, necrophilia, and coprophagia. These performances, as the critic Edmund Fuller has said, represent not so much a loss of values as a loss of any conception of the nature of man. Instead of seeing man the way the tradition of the Greeks and of the West regarded him, as a creature midway between animal and God, "a little lower than*

*the angels?" and thus capable of an infinite variety of experience, these twentieth-century writers have completed the revolt against the middle classes by moving downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to their own view of man as lower than any animal would naturally descend. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption. This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, with petty-bourgeois support, to justify a new despotism to preserve, by force instead of conviction, petty-bourgeois values in a system of compulsory conformity. George Orwell's 1984 has given us the picture of this system as Hitler's Germany showed us its practical operation* $ O . + PP C/ . #+ "# ’ ( + ; ) F # " / D

EMANCIPAÇÃO – Imaginação dialéctica – Moralidade narcísica.

**Imaginação dialéctica – Impor Eros à tirania da razão.**

*The philosophical effort to mediate, in the aesthetic dimension, between sensuousness and reason thus appears as an attempt to reconcile the two spheres of the human existence which were torn asunder by a repressive reality principle… the aesthetic reconciliation implies strengthening sensuousness as against the tyranny of reason, and, ultimately, even calls for the liberation of sensuousness from the repressive domination of reason…*
! "#$ % & ' ( ) * * + , - .

/ ' ( 0

*Indeed when, on the basis of Kant's theory, the aesthetic function becomes the central theme of the philosophy of culture, it is used to demonstrate the principles of a non-repressive civilization, in which reason is sensuous and sensuousness rational"… [Schiller] written largely under the impact of the Critique of Judgment, aim at a remaking of civilization by virtue of the liberating force of the aesthetic function: it is envisaged as containing the possibility of a new reality principle… Whatever the object may be (thing or flower, animal or man), it is represented and judged not in terms of its usefulness, not according to any purpose it may possibly serve, and also not in view of its "internal" finality and completeness. In the aesthetic imagination, the object is rather represented as free from all such relations and properties, as freely being itself. The experience in which the object is thus "given" is totally different from the every-day as well as scientific experience; all links between the object and the world of theoretical and practical reason are severed… This experience, which releases the object into its "free" being, is the work of the free play of imagination. Subject and object become free in a new sense. From this radical change in the attitude toward being results a new quality of pleasure, generated by the form in which the object now reveals itself. Its "pure form" suggests a "unity of the manifold," an accord of movements and relations which operates under its own laws - the pure manifestation of its "being-there," its existence. This is the manifestation of beauty. Imagination comes into accord with the cognitive notions of understanding, and this accord establishes a harmony of the mental faculties which is the pleasurable response to the free harmony of the aesthetic object. The order of beauty results from the order which governs the play of imagination. This double order is in conformity with laws, but laws that are themselves free: they are not superimposed…* ! "#$ % & ' ( ) * *
+ , - .

**Imaginação dialéctica – O princípio da realidade-prazer (2) – Cegueira selectiva**.

***No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia*** *Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*

***O Id não tolera negação e é dialéctico, impondo fantasia à realidade*** *…the pattern of history exhibits a dialectic not hitherto recognized by historians, the dialectic of neurosis. A reinterpretation of human history is not an appendage to psychoanalysis but an integral part of it… By 'dialectical' I mean an activity of consciousness struggling to subvert the limitations imposed by the formal-logical law of contradiction… The key to the nature of dialectical thinking may lie in psychoanalysis, more specifically in Freud's psychoanalysis of negation. There is first the theorem that "there is nothing in the id which can be compared to negation," and that the law of contradiction does not hold in the id. Similarly, "The word 'No' does not seem to exist for a dream… [Dream states]… show a special tendency to reduce two opposites to a unity"; "Anything in a dream may mean its opposite." We must therefore entertain the hypothesis that there is an important connection between being "dialectical" and dreaming* < 8 : ;
!"#= ) . > *( ?* @ , * , . , A ,
/ ' , @

B C D * D' 8 ' D * 0 +
+ 4 6 . 9 2
& % 0 * ' ' C 0
' 0 .

**Moralidade narcísica – A nova moralidade, narcísica e "natural" – Animalização**

< ' ( < : ;

***O homem reduzido a uma besta irracional e puramente instintiva***

***No "homem saudável", Id e Ego estão em harmonia*** *Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*

***Narcisismo e Eros são a fundação da moralidade e da perfeição*** *Thus for Spinoza, as for Freud, the self-perfection (narcissism) of the human individual is fulfilled in*

*union with the world in pleasure… [Eros] a fundamentally narcissistic orientation [leading] to union with objects in the world… the foundation of morality*

***Misticismo corporal, sexualidade polimorfa*** *"Body mysticism"… In the words of Thoreau: 'We need pray for no higher heaven than the pure senses can furnish, a purely sensuous life. Our present senses are but rudiments of what they are destined to become'… The human body would become polymorphously perverse, delighting in that full life of all the body which it now fears. The consciousness strong enough to endure full life would be no longer Apollonian but Dionysian-consciousness which does not observe the limit, but overflows; consciousness which does not negate any more*

< 8 : ; !"#= ) . > *( ?* @ , * , .
, A , / ' , @

**E**.

**!** .

Crianças são narcísicas, guiadas por prazer, não sabem o que é pecado (Brown).

.

«*[Children] …have not acquired that sense of shame which, according to the Biblical story, expelled mankind from Paradise, and which, presumably, would be discarded if Paradise were regained…*»

*!* " . «*Infants are naturally absorbed in themselves and in their own bodies: they are in love with themselves; in Freudian terminology, their orientation is narcissistic. Infants are ignorant of the serious business of life (the reality principle) and therefore know no guide except the pleasure principle…*»

*#* *$ %* . «*Infants are ignorant of the serious business of life (the reality principle) and therefore know no guide except the pleasure principle, making pleasurable activity of their own body their sole aim… So Freud's definition of sexuality entails the proposition that infants have a richer sexual life than adults. If we grant that children pursue pleasurable activity of their bodies, we ask why this must be called sexual. The answer is that Freud is offering a genetic, historical explanation of adult sexuality, tracing it to its origin in childhood…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Neuroticismo, repressão: com princípio da realidade [regras, leis] (Brown).

*&* *$* *'* *$* . «*…the evidence of dreams and neurotic symptoms pointed unmistakably to the childhood origin of the repressed sexuality of the adult… Neurotic symptoms, with their fixation on perversions and obscenities, demonstrate the refusal of the unconscious essence of our being to acquiesce in the dualism of flesh and spirit, higher and lower…*»

*(* *$* *'* *)$* . «*If normal adult sexuality is a pattern which has grown out of the infantile delight in the pleasurable activity of all parts of the human body, then what was originally a much wider capacity for pleasure in the body has been narrowed in range, concentrated on one particular (the genital) organ, and subordinated to an aim derived not from the pleasure-principle but from the reality-principle, namely, propagation (in Freudian terminology, the genital function)… But the pattern of normal adult sexuality can exist only on condition that the discarded pattern of infantile sexuality continues to exist side by side with it, and in conflict with*

*it, in the repressed unconscious… The repression of normal adult sexuality is required only by cultures which are based on patriarchal domination… The abolition of repression would only threaten patriarchal domination*»

O adulto tem de aprender a dar largas ao Id.

* + " + $ " . «*What the child knows consciously, and the adult unconsciously, is that we are nothing but body… However much the repressed and sublimating adult may consciously deny it, the fact remains that life is of the body and only life creates values; all values are bodily values… the true life of the body… is also the life of the id… in the id, says Freud, there is nothing corresponding to the act of negation*»

, -' . / ! $ , . «*Freud saw that in the id there is no negation, only affirmation and eternity… "In the id there is nothing corresponding to the idea of time"… a healthy human being… in whom ego and id [are] unified…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Emoções, o único conteúdo válido na vida psíquica (Brown). «*The only valuable things in psychic life are, rather, the emotions. All psychic forces are significant only through their aptitude to arouse emotions. Ideas are repressed only because they are bound up with releases of emotions…*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Fantasia: gratificação, liberdade, sonhos, princípio do prazer (Marcuse). Fantasia expressa gratificação imediata, a liberdade dos sentidos, imagina um mundo de felicidade instantânea e harmonia. É o mundo dos sonhos, onde tudo flui e tudo é agradável. Ligada ao princípio do prazer. «*...perversions show a deep affinity to phantasy as that mental activity which was kept free from reality-testing and remained subordinated to the pleasure principle alone… Phantasy plays a most decisive function in the total mental structure: it links the deepest layers of the of the unconscious with the highest products of consciousness, the dream with the reality; it preserves the archetypes of the genus, the perpetual but repressed ideas of the collective and individual memory, the tabooed images of freedom… Phantasy not only plays a constitutive role in the perverse manifestations of sexuality; as artistic imagination, it also links the perversions with the images of integral freedom and gratification… Imagination envisions the reconciliation of the individual with the whole, of desire with realization, of happiness with reason. While this harmony has been removed into utopia by the established reality principle, phantasy insists that it must and can become real, that behind the illusion lies knowledge*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

" .

Inclinação natural para incesto – Consciência, alienação – Perpetuação. Ou seja, assim que a criança aceita a hierarquia familiar, com a obediência a regras vindas de cima – regras que interferem com as inclinações naturais (incesto) – a consciência é formada e a culpa sobrepõe-se à sua natureza intrínseca e ao desejo de união com a natureza. Esta é uma culpa que ele vai levar para a constituição da próxima família, perpetuando o modelo patriarcal.

Patriarcado – Fratria-incesto – moralidade social e tabu (Marcuse). «*Primal patriarchal despotism thus became an "effective" order. But the effectiveness of the superimposed organization of the horde must have been very precarious, and consequently the hatred against patriarchal suppression very strong. In Freud's construction, this hatred culminates in the rebellion of the exiled sons, the collective killing and devouring of the father, and the establishment of the brother clan, which in turn deifies the assassinated father and introduces those taboos and restraints which, according to Freud, generate social morality. Freud's hypothetical history of the primal horde treats the rebellion of the brothers as a rebellion against the father's taboo on the women of the horde; no "social" protest against the unequal division of pleasure is involved. Consequently, in a strict sense, civilization begins only in the brother clan, [with] the taboos, now self-imposed by the ruling brothers…*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Culpa incestuosa criou a família (Brown). «*It is not sufficient to say, as Levi-Strauss does, that the incest taboo is the foundation of the familial organization; we must return to Freud and say that incest guilt created the familial organization*» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

**! # $ ".**

A sociedade promíscua, Eros, para a mente grupal – (Freud & Marcuse).

Sexualidade é a dois, civilização é a aldeia – choque (Freud). «*The conflict between civilization and sexuality is caused by the circumstance that sexual love is a relationship between two people, in which a third can only be superfluous or disturbing, whereas civilization is founded on relations between larger groups of persons [a aldeia]. When a love relationship is at its height no room is left for any interest in the surrounding world: the pair of lovers are sufficient unto themselves, do not even need the child they have in common to make them happy… whereas civilization is founded on relations between large groups of persons [the village]…. In no other case does Eros so plainly betray the core of his being, his aim of making one out of many; but when he has achieved it in the proverbial way through the love of two human beings, he is not willing to go further*» – Freud, "Civilization and Its Discontents" cit. in Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

Como resolver a dialéctica?, e colocar sexualidade no centro da civilização (Marcuse).

«*...according to Freud, the drive toward ever larger unities belongs to the biological-organic nature of Eros itself... the definition of Eros as the effort "to combine organic substances into ever larger unities... establish ever greater unities and to preserve them thus – in short, to bind together"? "How can sexuality become the probable "substitute" for the "instinct towards perfection," the power that "holds together everything in the world"? How does the notion of the asocial character of sexuality jibe with the "supposition that love relationships (or, to use a more neutral expression, emotional ties) also constitute the essence of the group mind?"... the free Eros does not preclude lasting civilized societal relationships... it repels only the supra-repressive organization of societal relationships under a principle which is the negation of the pleasure principle*» – Herbert Marcuse (1987). Eros and Civilization: A philosophical inquiry into Freud. Routledge.

---

! .

OCI – OSS, OWI. Office of Coordinator of Information, unidade centralizada de intelligence. Tem duas divisões: Office of Strategic Services (OSS); Office of War Information (OWI).

Gabinetes de guerra psicológica – OWI, Research Branch. Dois outros centros de guerra psicológica nessa era foram o Office of War Information (OWI), chefiado por Elmer Davis, e o Research Branch do U.S. Army, Division of Morale, chefiado por Samuel Stouffer.

NIA – CIG – CIA (1947). Em 1946, Truman estabelece a National Intelligence Authority (NIA), similar ao posterior National Security Council. Uma divisão da NIA é o Central Intelligence Group, formado para supervisionar a recolha de informação. Em 1947, o National Security Act estabelece a CIA.

"" # $ %& $ ' ( # " $ ) $ *.

John McCloy: guerra psicológica, fundação Rockefeller, Banco Mundial, CFR. John J. McCloy é Assistant Secretary of War durante a II Guerra e estabelece um Psychology Branch numa das organizações de intelligence do War Department, o General Staff G-2. McCloy torna-se depois chefe do Banco Mundial, é um dos líderes da Fundação Rockefeller, presidente da Fundação Ford, e presidente do CFR durante muitos anos.

John Clausen, veterano de guerra psicológica no Research Branch do U.S. Army.

***Pessoal do Branch ingressa em ciências sociais, e saúde mental***.

***Alguns assumem cargos de topo em universidades e pioneiros em ciências sociais.***

***Vários outros tornam-se líderes de fundações***.

«*Perhaps the largest single group became interested in facets of medical sociology or mental health research… After World War II, Stouffer moved from the University of Chicago to Harvard, where he established the Laboratory of Social Relations… Leonard Cottrell returned to Cornell… Carl Hovland returned to Yale as Chairman of the Psychology Department… Perhaps most intriguing is the number of our members who became foundation executives. Charles Dollard became President of Carnegie. Donald Young shifted from the Presidency of SSRC [Social Science Research Council] to that of Russell Sage, where he ultimately recruited Leonard Cottrell. Leland DeVinney went from Harvard to the Rockefeller Foundation. William McPeak… helped*

*set up the Ford Foundation and became its Vice President. W. Parker Mauldin became Vice President of the Population Council… It may well be that not the least of the contributions of the Research Branch to social psychology and social science research generally came from the activities of the foundation executives*» – John A. Clausen (1984). “Research on the American Soldier as a Career Contingency”, Social Psychology Quarterly, 47(2), pp. 207-213.

) $ & + " # $ $ #% ,& "" .

Rockefeller, Ford, Carnegie, etc.

Estavam livres de julgamento e prisão. As pessoas que tinham sido instrumentais na criação da II Guerra Mundial não só estavam livres de condenação e prisão; também tinham as portas abertas para moldar o mundo do pós-guerra.

Enquanto isso, a guerra é culpada no próprio público.

## ENGENHARIA PSICOSSOCIAL.

### ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Ecologia Humana – Totalitarismo.

Interface homem-ambiente – Holismo. Procura explicar as relações do homem com o seu ambiente de um ponto de vista total, holístico.

Factores bio-psico-sociais de desenvolvimento. Ou seja, todos os níveis são computados: desde o biológico até às interfaces interpessoal, familiar, comunitária, cultural.

Integração de todas as ciências humanas e sociais. Integra psicologia, ciência comportamental, medicina, biologia, fisiologia, sociologia, antropologia, etc.

"Saúde" inclui "**relações humanas**". "Saúde" passa a incluir "saúde mental", como componente essencial.

***Gestão de "Saúde [mental] e relações humanas"***. Logo, saúde mental tem de ser gerida. Parte disso são "relações humanas", que também precisam de ser geridas.

***Saúde mental é totalitária – envolve controlo total do indivíduo***. Envolve todos os factores socioeconómicos e culturais envolvidos nas relações mútuas entre seres humanos com o seu mundo. Ou seja, para obter saúde mental, é preciso controlar todo e qualquer aspecto destas relações.

Programa de microgestão universal, usando engenharia social psiquiatrizada. Fundir psiquiatria com ciência social e impor engenharia social a tudo e todos.

Paradigma nazi-comunista, de implementação a todo o planeta. Este tipo de coisa era algo que, até aí, só tinha sido falado por teóricos comunistas. Até aí, no ocidente, era entendido que técnicas psicológicas só deviam ser aplicadas a pacientes – em hospital ou clínica privada. Mas a ideia aqui era aplicar técnicas a toda a gente no planeta.

### ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Medicalização de crenças e valores.

Construccionismo social aplicado à saúde mental – Adaptabilidade e flexibilidade. Sociedade e cultura são os determinantes de "bom" funcionamento individual. Ou seja, o indivíduo tem de ser flexível e facilmente adaptável. Desenvolvimento personalístico depende de adaptação socio-cultural.

***De "aptidão" para "adaptabilidade"***. Nesta reformulação da higiene mental, "aptidão" e "inaptidão" são substituídos pelos mais higiénicos "adaptabilidade", "inadaptabilidade".

***"Adaptados" são fortes, "inadaptados" são fracos***. Os fracos são aqueles com ansiedades e inseguranças, dificuldades de ajustamento social, problemas com o estado do mundo. São os mentalmente doentes, os indesejáveis.

Modelo orgânico da "doença mental" social – "crenças virais". Os "doentes mentais" são-no porque têm crenças virais. Estas crenças são transmissíveis, portanto, se alguém entrar em contacto com ideias virais, pode ficar infectado. Logo, sociedade pode ganhar uma infecção mental.

***"Quarentena e remoção de infectados com crenças virais"***. Remover activamente os "doentes mentais" da vida quotidiana. Portanto, é preciso colocar estes indivíduos sob quarentena. A sociedade é curada e purificada pela remoção de doentes da vida em geral.

***Segregação, lavagem cerebral, proibição de casamento e reprodução***. Têm de ser segregados, i.e., isolados da sociedade, colocados sob quarentena. Têm de ser reorganizados (processados) para se adaptarem a condições sociais. Têm de ser impedidos de se casar e reproduzir – não podem influenciar crianças.

**ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Sociedade como colónia psiquiátrica**.

Controlo estrito de informação que acede a praça pública. Ou seja, o gulag psico-cultural.

Análise psicológica universal desde tenra idade. Todas as pessoas numa sociedade precisavam de ser submetidas a análise psicológica, desde tenra idade, para serem encaixadas numa destas categorias, e nas subcategorias resultantes.

Educação "adaptativa" e politicamente correcta. Crianças têm de ser doutrinadas na nova filosofia e "protegidas" de "conteúdos ultrapassados". Velhas crenças, filosofias, noções de bem e mal, inibições e tabus, e por aí fora. Afinal, estas noções, como Chisholm disse, "provocavam guerras".

Alocação sócio-económica. Segundo critérios psiquiatrizados.

Gestão de impressões – Falsas impressões e **ilusão de escolha**. Com base no preceito de que as pessoas são mais facilmente geridas se acreditarem que têm autonomia de escolha – um ambiente de decisão livre e democrático. E, se acreditarem que os seus controladores são figuras benevolentes.

Vigilância 24/7, para detectar "inadaptados" e alterá-los.

Inquisição psiquiátrica. Processos geridos por uma casta de cientistas psicossociais: psiquiatras, psicólogos, sociólogos, antropólogos, e por aí fora. Uma espécie de inquisição psicossocial, com poder de vida e morte sobre os novos heréticos. Esta nova

inquisição trabalharia com polícia, agências de governo e escolas. Para impedir a disseminação de contágios mentais.

***Métodos de mudança forçada de crenças e atitudes***.

***Pessoas comuns como espiões e informantes***. Nesta nova sociedade, transformada em colónia psiquiátrica, as pessoas seriam treinadas a identificar pessoas com ideias perigosas e a ajudar a polícia a colocá-las em quarentena – ou seja, todos os "fortes" receberiam uma formação em espionagem e facilitação.

**ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Sociedade como colónia psiquiátrica – 70s**.

Avançado por literatura em ciências sociais. Literatura psicológica, sociológica e humanista secular.

Ser humano, animal agressivo e violento – necessidade de controlar comportamento. Inúmeros autores ligados à nova estrutura das Nações Unidas avançam a noção pessimista de que o ser humano é apenas um animal violento e agressivo, e que, na nova era, é essencial que os governos assumam funções de controlo comportamental.

Gestores sociais – Comunalismo – Engenharia psicossocial – Vigilância 24/7. Etc.

**ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Usar saúde mental para a destruir**.

Usar a ideia de saúde mental para destruir saúde mental. Usar ideia de eliminar insanidade, para impor estado geral de insanidade colectiva. Congelar desenvolvimento psicocultural expontâneo da sociedade.

**ENGENHARIA PSICOSSOCIAL – Vários termos para Engenharia Psicossocial**.

Engenharia psicossocial. Engenharia social/cultural/humana – Ecologia humana – Psiquiatria social/cultural/dos povos – Controlo de Relações Humanas (TIHR) – Gestão de RH (TIHR) – Comportamento de grupo.

**EWEN CAMERON – Engenharia psicossocial à escala global**.

**EWEN CAMERON (1945) – Educação moral para cidadania global, ONU**.

"The Building of the Coming World Order". Discurso a 5 de Maio, 1945.

"Morals are simply customs, prohibitions, rules of a society".

***"UNO deserves support of all who are building a New World Order"***

***ONU tem de tomar controlo sobre educação: "Education for world citizenship"***.

Sete anos depois (1953), torna-se presidente da American Psychiatric Association.

«

» – Dr. Ewen Cameron, "Social Sciences in the Building of the Coming World Order." Talk given on CBC Radio, May 5, 1946.

**EWEN CAMERON – Psiquiatria social totalitária global**.

ONU como veiculadora de ideias psiquiátricas à escala mundial. Cameron quer que a ONU funcione como um canal de implementação destas ideias, ao aplicar elementos psiquiátricos à governância e política global.

Cientistas sociais como reorganizadores da sociedade. Cameron argumentou que era necessário que a sociedade fosse reorganizada por cientistas comportamentais que agissem como planeadores da sociedade.

O papel de Cameron na psiquiatria social, i.e., ecologia humana.

***É um dos pioneiros da área***.

***Inventa o hospital de dia vs tratamento interno***. Onde o paciente pode visitar o psiquiatra durante o dia (e fazer-lhe um pequeno armário, ou tecer-lhe um par de meias), e voltar para casa à noite. Os casos "mais graves" continuariam a ser tratados em unidades internas.

***Pioneiro da clínica comunitária, precursor da saúde comunitária dos 60s***. Na cidade de Brandon e área circundante estabelece 10 clínicas e o seu modelo é o precursor dos modelos de saúde comunitária dos anos 60.

***Equipas multidisciplinares***. Mais tarde, na McGill, Cameron recruta psiquiatras europeus e do mundo fora para construir o programa de psiquiatria. A equipa inclui psicanalistas, psiquiatras sociais e biólogos. Com base nesta equipa multidisciplinar, Cameron desenvolve uma rede de serviços psiquiátricos para Montreal.

______________________________________________.

!"#$%&"#’ ().

Cameron era presidente da WPA. Durante esta era, Cameron ganha notoriedade mundial como presidente da WPA.

MKULTRA Subproject 68 – Allan Memorial – McGill. Em 1957, com financiamento CIA, o Dr. Ewen Cameron começou o MKULTRA Subproject 68, no Allan Memorial Institute, Montreal, em conjunção com a McGill.

Financiamento CIA e governo canadiano. Recebe $69,000 da CIA e ainda mais do governo canadiano.

* + , - . .

Lavagem cerebral. ECT – sono profundo e coma induzido – reprogramação mental – drogas alucinogénicas.

Pacientes saudáveis, sem consentimento informado. Pessoas que tinham dado entrada no instituto sem problemas de maior. Com desordens de ansiedade, depressão pós-parto, etc.

Tratamentos desfiguram e destroem a mente e fisiologia das vítimas.

***Problemas cognitivos graves***. Amnésia, esquecer como falar, esquecer os pais, pensar que os interrogadores eram os pais.

***Problemas fisiológicos graves***. Incontinência, danos cerebrais, comas permanentes.

/. - - - . .

Procedimentos desenvolvidos no Allan Memorial Institute.

Racional: lavagem de memórias, crenças e hábitos e reprogramação da psique.

***Quebrar a personalidade do sujeito***.

***Depois reprogramá-la com novas crenças, gostos, padrões comportamentais***.

***Ou seja, apagar mentes e reprogramá-las***.

ECT, para "depatterning", despadronização. Tratamento intensivo de electrochoques. Quebra de padrões comportamentais (depatterning) através de um tratamento intensivo de electrochoques.

***I.e., fritar o cérebro da pessoa o que, sem dúvida, a deixa num estado de caos mental***.

***A pessoa está preparada para receber "sugestões terapêuticas"***.

Psychic driving, programação mental. Repetição intensiva (16h por dia, durante 6-7 dias) de mensagens verbais audio, continuamente repetidas, para reprogramar a mente após o depatterning do ECT. Era normal que os pacientes fossem expostos a centenas de milhares de repetições de uma única afirmação durante o curso do tratamento.

Isolamento e deprivação sensorial durante psychic driving. Durante o período de psychic driving, o paciente é mantido em isolamento sensorial parcial.

***Isolamento e deprivação sensorial***. Cameron chegou a manter pacientes presos numa câmara durante semanas de uma vez. Noutros casos, encapuçamento para deprivação sensorial. Ainda noutros, imobilização muscular com curare.

***Auto-relato, para foco em pensamentos e sensações***. Depois, tinha de descrever partes das experiências, fazer auto-relatos (o que o fazia concentrar-se nos seus pensamentos e sensações).

***Vozes múltiplas, para simular pressão de pares***. Cameron também se propunha a melhorar os sistemas de gravação, usando múltiplas vozes, de modo a «

»

***Humilhação, degradação***.

***Indução de um estado de loucura e despersonalização***.

Indução de episódios psicadélicos (drogas). Drogas alucinogénicas, psicadélicas, como LSD.

***Em conjunção com o anterior***.

***Para desfazer ainda mais a personalidade e o sentido de realidade do sujeito***.

Sono profundo, coma induzido, para reprimir o psychic driving. Durante 7 a 10 dias, por vezes mais. Regra geral era levado a cabo após o período de psychic driving, servindo para fazer a repressão desse período. Nalguns casos, os comas eram induzidos com injecções de insulina.

**0 1 .**

Experimentou em crianças.

Abusos sexuais. Algumas destas crianças foram sexualmente abusadas – num caso, por vários homens. Uma das crianças foi filmada numerosas vezes a realizar actos sexuais com oficiais governamentais de alto nível.

**2 & . - 3 4 .**

Sargant também estava envolvido em Serviços Secretos. Operava no St. Thomas Hospital, Londres, e Belmont Hospital, Surrey.

Ausência de consentimento – Danos de longo termo. Experimentava nos pacientes sem o seu consentimento, causando danos similares de longo termo.

**3 4 54 . + 6 7.**

Cameron (1953) explica o processo.

***"É necessário stress para impor conversões".***

***"Explorámos isto com deprivação de sono, drogas e hipnose".***

Cameron começa por discutir a teoria de que as pessoas podem responder a qualquer estímulo apresentado através de uma multitude de padrões de resposta. Nota que, geralmente, um padrão domina, ao passo que os outros se tornam inconscientes. Depois diz que, impor « » (políticas, religiosas, etc.) implica uma extraordinária exposição a « », diz Cameron, e continua, « ».

«

*! "#!$*

%

»

D. Ewen Cameron, "The Transition Neurosis", Fifth Annual Neuropsychiatric meeting in North Little Rock, Arkansas, February 1953.

Sargant (1957) explica o processo de lavagem cerebral no tratamento de choque.

***"By increasing or prolonging stresses in various ways… a thorough alteration of the person's thinking processes may be achieved".***

***"…impair judgment and increase suggestibility"***.

***"Some temperamental types seem relatively impervious to emotional stresses…others retain their beliefs with tenacity that defies the… shock treatments… But such resistance is unusual"***.

***"If complete sudden collapse can be produced by emotional stress, the cortical slate may be wiped clean… allowing other patterns to be substituted more easily"***.

«&

,

(

)

*

+

)

(

,

&

)

- *

» William Sargant (New York, 1957), Battle for the Mind: A Physiology of Conversion and Brainwashing.

**EWEN CAMERON – Perfil – Allan Memorial**.

**EWEN CAMERON**.

Presidente de várias associações psiquiátricas centrais.

***World Psychiatric Association – Canadian Psychiatric Association – American Psychiatric Association – American Psychopathological Association – Society of Biological Psychiatry***

MKULTRA acontece durante presidência da WPA. Na altura em que é nomeado presidente da WPA, Cameron está a conduzir experiências de controlo mental em nome da CIA, o MK-ULTRA, na McGill University.

Cameron é influenciado por Henderson, Meyer, Meier, Bleuler. Cameron foi influenciado por Sir David Henderson, que tinha sido estudante de Adolf Meyer, um psiquiatra com uma perspectiva alargada da psiquiatria. Esta perspectiva iria influenciar Cameron para o resto da sua vida. Em 1926, Cameron vai trabalhar com Meyer na Phipps Clinic, no Johns Hopkins Hospital. Em 1938, parte para a Suiça, para estudar na Burghoelizi Clinic, sob a orientação de Hans W. Meier, o sucessor de Eugen Bleuler, outro homem que tinha influenciado significativamente o pensamento psiquiátrico.

**EWEN CAMERON – ECT a todos os alemães com +12 anos**.

Enquanto membro do tribunal de Nuremberga.

"Todos os alemães com mais de 12 anos deviam receber ECT para queimar vestígios de Nazismo". Recomendou a Allen Dulles (mais tarde director da CIA) que «*each surviving German over the age of 12 should receive a short course of electroshock treatment to burn out any remaining vestige of Nazism*»

**EWEN CAMERON – Allan Memorial Institute**.

McGill University, Montreal. Mais tarde, Cameron vai trabalhar para a McGill University em Montreal, sob convite do neurocirurgião Wilder Penfield.

Financiamento Rockefeller funda Allan Memorial. Aí, recebe financiamento da Rockefeller Foundation, dinheiro de John Wilson McConnell do *Montreal Star*, e a mansão de Sir Hugh Allan em Mount Royal. O Allan Memorial Institute é fundado.

***Ewen Cameron é o fundador e director***.

Allan Memorial torna-se epicentro psiquiátrico mundial. Allan Memorial cresce exponencialmente e torna-se um epicentro no panorama psiquiátrico mundial.

Psiquiatria biológica/genética – Psiquiatria social – Programas do MKULTRA.

*Feminismo: uma história de três gerações, culminando no sequestro pós-moderno.*

.

“O” é um zero e um buraco de carne, usada por oligarcas degenerados. “The Story of O” é um romance degenerado promovido nos anos 50 por círculos fascistas que ficam do velho regime de Vichy, França. A história segue uma mulher masoquista, que estabelece relações com um oligarca poderoso. O oligarca persuade esta mulher a aceitar ser violada de formas progressivamente mais degradantes e mais destrutivas. Em breve, as violações são feitas em *gang*, pelo homem e pelos seus amigos, outros oligarcas relevantes na alta sociedade. A mulher não é apenas violada. É espancada, torturada, brutalizada das formas mais patológicas e doentias que são concebíveis. A mulher chama-se apenas “O”. Isto não é um mero exercício em minimalismo e desumanização (apesar de também o ser). “O” é apenas “O” e “O” significa um ***buraco*** – e, também, um ***zero***. “O” é apenas um buraco, um objecto, reduzido ao estatuto zero; um pedaço de carne que é sexualmente utilizável, abusável, descartável. Ao longo do romance, “O” é degradada progressivamente, até se tornar numa mera massa de cicatrizes, polpa sangrenta, nódoas negras, com um buraco no meio. Esta história doentia romantiza depois a aceitação passiva do abuso. “O” não é apenas um objecto que foi reduzido ao estatuto de lixo. “O” ***gosta*** de o ser. À medida que os eventos avançam, “O” resolve todos os dilemas internos que possa ter e, como boa menina obediente, induz-se a si mesma a abraçar e a gostar do seu próprio processo de degeneração e morte.

Feministas francesas protestam romance nos 50s. Quando o romance foi publicado, evocou protestos públicos do movimento feminista francês. As feministas francesas denunciaram o livro por aquilo que, objectivamente, é: uma obra fascista brutal, romantizando agressão, violência e exploração. É preciso ter em mente que a feminista francesa média desta altura tinha participado na resistência organizada à ocupação Nazi e sido temperada pelas experiências desses tempos (estas eram senhoras combativas). Por outro lado, “O”, a existir no mundo real (e existiram, e existem), seria uma criatura que, começando por mero colaboracionismo, faria o percurso de degradação completo, até acabar como o *sex toy* do destacamento Stürmer local.

*Facsimile* pós-moderno de feminismo romantiza “O”. Apenas meio século depois, o antigo feminismo desapareceu por inteiro para ser substituído por um *facsimile* invertido, uma criação destrutiva das grandes fundações bancárias e do aparato ONU, que surge para reeditar a objectificação corporal da mulher e romantizar violência e brutalidade – feminismo radical. É sintomático que, sob o novo paradigma, o modo

"politicamente correcto" de ver este romance é como uma história notável, comovente até, de emancipação sexual. Expressa o percurso *sexy* e corajoso de uma mulher que se emancipa pela aceitação das suas próprias opções sexuais, pela exploração erótica do próprio corpo [por outras palavras, tudo isto se resume em colaboracionismo Stürmer a pretender passar por feminismo e a tentar, dessa forma, moldar as mentes de milhões de raparigas para adoptarem esta forma doentia de (não-)pensar]. Existe uma canção que diz, muito apropriadamente que "*That's what you want. That's what you'll get*".

.

Feminismo surge com democracia liberal – oportunidades iguais e individualidade. O movimento feminista surge com, e contribui para, a ascensão da democracia liberal moderna, em ambos os lados do Atlântico, durante o século que vai dos 1850s aos 1950s. É conduzido por mulheres de classe média, que lutam pelo avanço dos direitos liberais na sociedade, com o enfoque especial na melhoria da condição feminina. Isto acontece pelo ideário liberal-democrático, pela exigência de *igualdade de oportunidades e de circunstâncias*, para todos, *irrespectivamente de sexo*. Todos, homens ou mulheres, são pessoas únicas que, como tal, devem ter as mesmas exactas oportunidades de emancipação política e económica. Igualdade de circunstâncias para todos; nada de paternalismos, sejam eles negativos ou positivos. Estas *feministas* eram-no não porque concebessem o mundo como estando balcanizado entre dois blocos monolíticos, homens e mulheres, mas sim porque se focavam no modo como *as mulheres, enquanto indivíduos(as)*, tinham sido legalmente prejudicadas até aí.

Sufragismo e acção social. No campo político, a acção feminista começa por significar a disputa por direito a voto e a possibilidade de ser eleita ou nomeada para um cargo político. Esta é a altura em que as *suffragettes* são frequentemente encarceradas como agitadoras e criminosas políticas. No campo social, esta acção significa emancipar quantidades inumeráveis de mulheres de degradação pré-moderna. Mesmo nos países mais prósperos, a maior parte das populações urbanas viviam em condições de pobreza e precariedade extrema. A mulher pobre média trabalhava 14h por dia em ambientes fabris sujos e psicossomaticamente violentos. Fazia-o por um salário mais baixo do que aquele que era auferido por um homem nas mesmas circunstâncias. Quando tinha um trabalho de parto, tinha-o em condições insanitárias; as mortes eram frequentes. A assistência médica estava próximo de inexistente. E, depois, havia uma enorme probabilidade de que o recém-nascido viesse a morrer antes dos cinco anos de idade, pela falta de condições elementares de saúde, higiene e nutrição. A oportunidade de obter uma educação era reduzida, quando não inexistente. Muitas mulheres eram forçadas à prostituição, para alimentar os filhos ou, sequer, para sobreviver; muitas outras eram induzidas nessa vida desde pequenas. As gravidezes indesejadas – digamos antes que eram essencialmente impossíveis, por falta de meios – eram constantes. É claro que, nisso, era determinante o facto de a pessoa média não ter qualquer acesso, ou conhecimento da existência de, contraceptivos [*é claro que esse tipo de tecnologia, o*

*que inclui o conhecimento sobre como fabricar preservativos orgânicos, existia desde a Idade Antiga e era frequentemente utilizado pelas classes altas de todas as eras desde então – porém, é um domínio que nunca foi divulgado junto das classes baixas – o que talvez não seja assim tão estranho, uma vez que miséria, quinze filhos por família, em que dez morrem nos primeiros cinco anos, é algo que se adequa à visão oligárquica do que deve ser o mundo ideal*]. A forma de resolver as gravidezes indesejadas era, claro, por meio de desmanchos – abortos. Estas instâncias não significavam apenas a morte de um feto desenvolvido, como, frequentemente, da própria mãe.

Lobbying legal, infraestruturas, redes de apoio social, difusão de ideias liberais. Melhorar a condição das populações pobres era uma tarefa que implicava trabalho a toda a linha, passando por variáveis económicas, legais, educacionais, infra-estruturais. O movimento feminista é bastante importante em tudo isto, inserindo-se no quadro geral de melhorismo reformista que marca o período de transição entre os 1850s e os 1930s. As feministas surgem como uma força para *lobbying* e protesto político e a apoio educacional e de saúde em bairros pobres. É nesse contexto que organizam escolas para os pobres, pequenos centros de saúde, equipas médicas de assistência domiciliária. Também organizam jornais, magazines, panfletos, e é nesse capítulo que se tornam uma voz vital para a difusão de ideais liberais e na contestação aos poderes instituídos. Uma parte essencial em tudo isto é, claro, a noção liberal de igualdade de oportunidades. É aqui que as feministas trabalham para a criação de redes de apoio social a pessoas desamparadas e, em particular, a mães necessitadas.

Luta pelo fim de degradação feminina por prostituição, aborto. Isto acontece a par e passo com a luta pelo fim de degradação feminina através de prostituição e, claro, da prática de desmanchos, abortos. O aborto podia ter sido romantizado por aristocratas degenerados como o Marquês de Sade, mas não o era pelo movimento feminista. Com efeito, se lermos as feministas notáveis da altura (Elizabeth Stanton, Susan Anthony são bons exemplos), a visão que encontramos é a de que o aborto é um acto criminoso de infanticídio e, mais que isso, uma forma de brutalização da condição feminina.

Aborto: 1) riscos de saúde, 2) contraceptivos, 3) desenvolvimento económico. Primeiro, porque a mulher corre riscos concretos de vida e de esterilização quando faz um desmancho. Segundo, porque as gravidezes indesejadas poderiam ser facilmente evitadas pela disseminação de contraceptivos e esse é, desde o início, um campo de acção melhorista [*entretanto, preso num torno de dois movimentos igualmente oligárquicos, ambos inímicos a melhorismo social: a) formas enviesadas de "cristianismo" institucional, que agem na altura (como hoje no 3º mundo) para proibir toda e qualquer forma de contracepção, sem que tenham qualquer base bíblica para o fazer; b) o movimento eugénico, que surge na altura a distribuir uns quantos preservativos apenas como ponte de passagem (um simpático pé na porta) para a prática mais sistémica, a esterilização de mulheres pobres; e, eventualmente, aborto. Isto é tipificado pela American Birth Control League de Margaret Sanger, nos EUA. A prisão dialéctica encetada por ambos os movimentos oligárquicos vem a estabelecer uma forma de rift, pela qual a contracepção passa a ser um domínio eugénico e, aceitá-*

*la, implica aceitar tudo o resto. A alternativa é uma forma extrema de puritanismo sexual que, embora não o admita, é igualmente eugénica, em historial e práticas. O aborto e a esterilização de "inaptos" são o reverso da medalha, a punição de indesejáveis de sangue e de hábitos sem a qual a sociedade puritânica não pode existir. O propósito de tudo isto é, muito literalmente, o eventual retorno ao standard de vida medieval. É por isso que a coexistência de puritanismo sexual com eugenismo vem, durante o século 20, a tipificar os regimes que procuram voltar à comunalidade de estilo medieval, e isto são os regimes totalitários, nazismo, fascismo, comunismo e tecnocracia*]. Terceiro, como apontado por muitas feministas durante esta altura, enquanto as forças económicas da sociedade não são inteiramente libertadas para que todos possam levar uma vida de classe média, há que fazer melhor uso de recursos públicos, e isso significa prestar ajuda de berço, assistência de saúde e de educação, junto de mulheres pobres; por oposição a tolerar a existência de casas abortuárias. Por último, como também é apontado na altura por muitas feministas, a ideia de limitar a natalidade das mulheres pobres funciona como um placebo para a ausência de expansão e desenvolvimento económico. Em bom espírito liberal, é possível criar um mundo próspero e desenvolvido para todos. Por outras palavras, matar bebés é duplamente imoral e criminoso.

**! " " # $ # % & ’ () *.**

Equalização gradual. As acções das primeiras gerações de feministas conduzem a uma equalização progressiva de relações políticas e económicas entre sexos. O voto feminino é eventualmente alcançado e, ao longo da segunda metade do século 20, deixa de ser estranho, ou atípico, encontrar mulheres em posição de responsabilidade no governo ou na indústria, sob condições de paridade. As primeiras gerações tinham tido uma vida bastante mais complicada neste respeito. As *suffragettes* eram frequentemente presas como agitadoras e criminosas políticas. Ao mesmo tempo, era quase inconcebível para uma mulher com mais posses, e uma educação, conseguir ser empregada por conta de outrem. Simplesmente não era aceitável que uma mulher fizesse um "trabalho de homem", muito menos sob condições correspondentes. As mulheres pobres, por outro lado, tinham bastante mais facilidade em encontrar trabalho: sob turnos industriais de 14h/dia, em condições miseráveis. Ao nível das classes baixas, havia bastante paridade: todos eram igualmente escravos, fossem homens ou mulheres. Este é o género de paridade que está a ser construída na era pós-moderna; algo que, de modo bastante trágico, é aceite e até encorajado pela *inversão técnica do feminismo*, sob o deceptivo rótulo de feminismo radical.

Feministas trabalham por direitos ***individuais*** – oportunidades e circunstâncias iguais. No campo laboral, o grande desafio foi o de obter a equalização legal e prática de condições, tanto a nível político como ao nível laboral. Por outras palavras, todos – homens e mulheres - somos indivíduos únicos, definidos pelos nossos próprios talentos e capacidades e não por aleatoriedade na formação de cromossomas. Durante esta

altura, as feministas trabalham frequentemente com os sindicatos e com toda uma série de movimentos políticos para conseguirem ganhar as batalhas a que se propõem.

Na transição para século 21, igualdade entre sexos é um dado adquirido. A influência melhorista exercida pelo movimento feminista entre os 1850s e os 1950s não tem um efeito construtivo apenas sob variáveis sócio-políticas e económicas. Também é essencial para quebrar, por todo o mundo ocidental, as velhas concepções das tradições germânica e latina, pelas quais homens e mulheres são inerentemente desiguais e as mulheres existem para ser colocadas sob subordinação masculina. O melhorismo que vai atravessando toda esta época é possibilitado, claro, por expansão e desenvolvimento económico, numa curva ascendente em todo o mundo ocidental até à I Guerra Mundial e, a partir daí, apenas na América; a Europa só reganharia o impulso após a II Guerra. Ao longo deste percurso, o voto feminino torna-se uma realidade. As ideias de emprego feminino em posições qualificadas, eleição de mulheres para cargos políticos, paridade salarial, deixam de ser impensáveis, para passar a ser algo que começa a acontecer em instâncias discretas e que indica o caminho para o futuro. É o momentum democratizante que é ganho pelo movimento feminista original que permite a consolidação gradual desse percurso entre os 1960s e os 1990s. Na transição para o século 21, a igualdade universal de direitos entre sexos é um dado adquirido em todo o mundo ocidental.

+ " ,% ) - . " / %#/ % .

Totalitários infiltram, usam, sabotam movimentos sociais ao longo de todo o século 20. A partir do início do século 20, começa a acontecer um fenómeno lento de infiltração de movimentos cívicos liberal-democráticos por elementos totalitários, geralmente nas linhas fabiana e comunista. Estes grupos são antitéticos a toda e qualquer proposição liberal-democrática e, com efeito, a usurpação lenta de movimentos serve duas ordens de propósitos. De um lado, estamos no domínio do puro e simples instrumentalismo, pelo qual um movimento é cooptado e distorcido para utilização em proveitos próprios. Mas igualmente importante (se não bastante mais importante), no ideário totalitário, é o propósito de sabotagem, pelo qual vias realmente produtivas são silenciadas a partir de dentro e substituídas por demagogia improdutiva e destrutiva. Foi assim que a expressão "democracia liberal" veio a ser pervertida na praça pública ao ponto de ser equacionada com totalitarismo. O mesmo tipo de infiltração foi conduzido ao longo de todo o século 20 em todo o género de organizações da sociedade civil, o que inclui sindicatos, grupos cartistas de várias naturezas, associações de acção cívica, etc. Depois, todos estes grupos podiam (podem) ser usados em concertação, na dinâmica de "frente comum", em tempos o grande orgulho do Politburo, em Moscovo e, ainda hoje, o "*ring that binds them all [and gets'em to work for us]*", de Chatham House, em Londres.

As tours de "líderes cívicos" a Moscovo, para meros efeitos de manipulação. É dos anos 50 em diante em que inúmeros "líderes cívicos" ocidentais são levados a dar *tours* pelo paraíso socialista (uma espécie de ritual de iniciação, nesta fase), onde o KGB os levaria

a dar voltas por bairros luxuosos ficcionais em Moscovo, e os manteria ensopados em *vodka* e experiências simpáticas durante toda a estadia. Como os antigos *hashishin*, que eram persuadidos a fazer missões suicidas em nome de Hassan i-Sabbah, para ganharem o direito a voltar ao "Paraíso" (eram colocados no bordel do palácio durante uns dias, mantidos o tempo inteiro sob haxixe e persuadidos que estavam no paraíso das 70 virgens), estes "líderes cívicos" voltavam ao ocidente rotineiro, chato, *seen it all*, injusto sem dúvida, com a noção muito perigosa de que tinham acabado de sair do real paraíso terreno. O "inferno capitalista" não teria de ser melhorado e tornado realmente liberal-democrático; mas sim de ser resolvido com parasidíacas injecções de kool-aid colectivista.

**0 " ! $ 1 % . .**

<u>Infiltração totalitária de grupos feministas já visível nos anos 50</u>. A partir dos 1950s, já existe uma forte infiltração dos grupos feministas, em ambos os lados do Atlântico e, essa condição só veio a intensificar-se e a agravar-se com a passagem do tempo. Isso foi determinante para a subversão do ideário e do discurso feminista.

<u>Cooptação anula discurso liberal-democrático por retórica socialista totalitária</u>. Até aí, estávamos na presença de valores *humanos*, da visão de cada indivíduo como indivíduo, a ser valorizado enquanto tal. Feminismo não visava a separação da sociedade em dois campos distintos, homens e mulheres, mas sim o avanço sócio-económico da sociedade e a concretização de igualdade de oportunidades para emancipação política e económica para *todos* os indivíduos, *irrespectivamente de variáveis sexuais*. Era um movimento *feminista* na medida em que se focava no modo como *as mulheres, enquanto indivíduos(as)*, tinham sido abertamente prejudicadas nesse campo até aí. O modelo colectivista concebe a sociedade como *tendo que estar* organizada por blocos de natureza sócio-estatística (sexo, profissão, etnia, etc.). É claro que esses blocos são regimentados, após o que podem ser utilizados e manietados pela *intelligentsia* no topo, pelas criaturas que gerem a "Animal Farm". A infiltração totalitária do movimento feminista teve os efeitos que sempre tem: injectou obscurantismo colectivista no que era, até aí, límpido e funcional. O ideário feminista passou a falar de "guerra de sexos", uma espécie de versão misantropizada da "guerra de classes", da necessidade de "frentes comuns" para combater "capitalismo machista" e, de modo ainda mais preocupante, a recorrer às "repúblicas socialistas" (URSS) para encontrar o seu *benchmark* para equalização perfeita de relações sociais. O feminismo é, portanto, redefinido como algo entre uma arma de guerra na "frente comum" e um *single issue*, pelo qual a sociedade é miopicamente seccionada em dois ***blocos*** monolíticos e adversariais, o das mulheres e o dos homens. Os valores da *reforma democrática* são gradualmente substituídos por retórica inflamada e radicalizada exigindo coisas como *desestabilização*, *tomada de poder*, *revolução*. Ou seja, o movimento feminista é muito lentamente, muito gradualmente, transformado de um movimento cívico eminentemente liberal-democrático e reformista, num conjunto de falanges e quintas colunas (padrão

que, ao mesmo tempo, afecta toda uma série de outros movimentos na sociedade). Incidental mas relevante em tudo isto é o facto de os movimentos feministas começarem a ter demasiadas líderes com a configuração da *apparatchik* mimada soviética: a burocrata furiosa, lésbica-no-armário, de cara quadrada e corpo em T-54 (tanque militar soviético).

Discurso começa a centrar-se em distributismo e arbitrariedade. Uma das mudanças de retórica mais relevantes a partir deste ponto é a aposta em discurso de natureza concessionária (lei mercantil), com a ênfase em quotas e no distributismo de concessões e de benefícios sociais. Até aí, o feminismo tinha exigido *igualdade de oportunidades e de circunstâncias*, para todos, *irrespectivamente de sexo*. Agora, esse paradigma límpido era trocado pelo irracionalismo colectivista de que diferentes pessoas devem usufruir de concessões preferenciais (e.g. quotas de emprego) pelo simples motivo de fazerem parte deste ou daquele bloco arbitrário (homens, mulheres). Ou seja, não é a competência real da pessoa que conta, é o seu carácter exógeno, género. Até aí, as coisas tinham efectivamente funcionado por esses exactos moldes, com a imposição social e laboral de um tipo de arbitrariedade; preferência de homens sobre mulheres. É claro que injustiça não é combatida com igual medida de injustiça, ao exigir a substituição de arbitrariedade coerciva A por arbitrariedade coerciva B. A injustiça é combatida com a afirmação daquilo que é ***justo*** e é isso que deu força e influência ao movimento feminista do primeiro século.

**2 & $ -" 1% ( % 1 % .**

Transição desacredita feminismo enquanto tal, remete-o a secção da "frente comum". Com esta transição retórica, o movimento feminista não só contribuiu para a sua desnaturação geral, como deu um tiro adicional em si mesmo: o absurdo do discurso concessionário conseguiu descredibilizar por inteiro o movimento feminista *per se*. Desde então, o movimento feminista perdeu toda a força e credibilidade geral que tinha enquanto movimento ***aberto*** na sociedade. E, para isso, também houve a forte contribuição da mentalidade circense pós-moderna (ver secção seguinte). Neste momento, o movimento feminista não é algo que se apresente, como tal, em público. É algo que só tem força e poder de operação enquanto secção da dinâmica de "frente comum", apenas mais um conjunto de ONGs radicais, desnaturadas e subvertidas pela mesma ideologia destrutiva pós-moderna *standard* que todas as outras. Apenas mais uma colecção discreta de ONGs, na grande panóplia global de grupos radicais a soldo das grandes fundações e do sistema ONU.

OSCs e sindicatos alienados da ***real*** batalha – evitar desmantelamento do ocidente. O movimento feminista não percebeu que estava, na prática, a ser armadilhado. O mesmo é válido para sindicatos e para inúmeras outras organizações da sociedade civil. Toda esta gente foi efectivamente alienada da real batalha dos últimos 40 anos: evitar o desmantelamento produtivo do mundo ocidental, o fim da empregabilidade democratizada e bem remunerada e, claro, o fim da própria democracia liberal. Os

próprios sindicatos, na sua larga maioria, não perceberam (ou não quiseram perceber, sob subversão ideológica) que protestar a favor de melhores condições laborais de *nada* serve se não existir trabalho. Demasiados sindicatos estavam demasiado ocupados em delírios sobre harmonia laboral global, construção de socialismo global e, não perceberam que estavam a abdicar dos seus próprios empregos, enquanto pagavam impostos para assegurar que a geração dos seus filhos nem sequer teria emprego.

Sem economia produtiva, só resta alta finança e nihilismo ONGista pós-moderno. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. No passado, o movimento feminista lutou, ao lado dos sindicatos e de muitas outras organizações, para que isto nunca viesse a acontecer.

**" % - % " " % " - & $1 ( " .**

Feminismo radical, *facsimile* de feminismo, criado por e subserviente a alta finança. Agora, com uma ou outra gloriosa excepção, o velho feminismo foi essencialmente morto e enterrado, substituído por um *facsimile*, deceptivamente chamado de *feminismo radical* – na verdade a antítese de feminismo. Em larga medida, o feminismo real desenvolveu-se por oposição ao capital financeiro (mesmo o feminismo transicional, comunista, mantinha esta virtude). O *facsimile* pós-moderno, pelo contrário, é o *golem* aceitante e voluntário do capital financeiro. Usa os *slogans* das formas anteriores (é um *facsimile*) mas já nem sequer é o seu próprio movimento. É inteiramente subserviente às grandes fundações bancárias que o *criaram* e das quais depende para sobreviver.

"Idiotas úteis" não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de "idiota útil", sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O’Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que “*eis que as nações trabalharam para o fogo*”. Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O’Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de “*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado*”.

**31 ( " , " $ " ! & .**

Fundações promovem irracionalismo para era neo-colonial C&C. Hoje em dia, estamos a viver sob o irracionalismo pós-moderno que foi promovido pelas grandes fundações bancárias. Este é o irracionalismo necessário para a transição para uma nova era de mercantilismo global e imperialismo militar e cultural. É a era de Contracção e Convergência, como é apelidada pela ONU; a era na qual o desenvolvimento económico cessa, liberalismo político é substituído por despotismo, e todos os países *contraem* e *convergem* ao nível de 3º mundo. O resultado é a “aldeia global” neo-colonial, um ambiente controlado por grandes interesses globais, que são servidos por uma população global reduzida a um nível servil, comunal e comunitário.

Pós-modernismo desenvolvido por gurus de ciências sociais nas grandes fundações. A ideologia pós-moderna foi desenvolvida pelas grandes fundações bancárias e pelos seus vários gurus anti-intelectuais; pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Tavistock, o grupo Macy, a Escola de Frankfurt, Erich Fromm, o centro de reengenharia cultural de Palo Alto, e muitos outros.

Nihilismo moral e epistemológico. Esta ideologia é puro pós-estruturalismo. Enquanto tal é, antes de mais, caracterizada por nihilismo moral e epistemológico: aquilo que é bom, correcto e verdadeiro é aquilo que dá jeito no momento; aquilo que é mau,

incorrecto e falso é aquilo que não dá jeito (i.e. uma forma de irracionalismo e de cegueira selectiva também conhecida como imaginação dialéctica).

Desprezo por indivíduo, democracia liberal – Totalitarismo, subdesenvolvimento. Adere aos valores românticos (como em, Romantismo germânico) do ódio por geração de riqueza e pela civilização de classe média, liberal e democrática. Romantiza o retorno a despotismo comunal (comunitarismo), o tipo de sistema onde toda a vida é estritamente organizada, cada qual conhece o seu lugar e todos fazem aquilo que lhes compete. O ideal antecipado é, aqui, organização colectiva aperfeiçoada, comunalidade autoritária organizada por castas funcionais. Como tal, a ideologia pós-modernista ignora o indivíduo e encara toda a sociedade humana pela óptica da organização colectiva. Despreza o valor da vida humana; o indivíduo é uma célula a moldar e a alocar no grande organismo colectivo. Noutras circunstâncias, pode ser um fardo a limitar, por meio da imposição de escassez artificial de recursos, guerra, infanticídio, aborto, eutanásia, a câmara de gás.

Romantização de degradação humana, desumanização. Tudo isto faz com que a ideologia pós-moderna tenha de racionalizar e romantizar as variáveis relacionais como sejam autoritarismo, desumanização e degradação humana, inversão radical de valores. Acima de tudo, considera essencial que o indivíduo seja, ele próprio, tornado moral e intelectualmente degradado, desumanizado, narcísico e violento.

Promoção de pós-modernismo por media, fundações, ONGs, (anti-)educação. Este tipo de ideologia foi disseminada por meio de media, fundações, ONGs e por sistemas (pós-)educativos.

O tipo de formação que lança duas Guerras Mundiais. É o tipo de degradação cultural que é necessária para uma era caracterizada por destruição e neo-colonialismo. O tipo de formação humana que era, aliás, favorecido na Alemanha militarizada que vem a protagonizar as duas guerras mundiais. Hitler pôde contar com multitudes de jovens nihilistas, primeiro disponíveis para partir montras e atacar pessoas, depois para conduzir uma guerra genocida de ocupação e extermínio.

Agora, " ! & : egocentrismo, vacuidade, ignorância, destrutividade. As grandes fundações pretendem obter mais ou menos o mesmo efeito; porém, desta vez, a uma escala global e socialmente transversal. Pessoas vazias, ignorantes, egocêntricas, inerentemente violentas. Tais pessoas são incapazes de *construir* (por oposição a *destruir*) e, de estabelecer reais relações humanas. Pode-se contar com tal constituência para destruir os restos da civilização ocidental, exportar destruição em massa para o resto do planeta e estabelecer um sistema universal de exploração neo-colonial.

**& $1 ( " - ! / % & ’ * / .**

Escolas de Mistérios: depois das abelhas, as formigas vermelhas, para destruir. Nos códices naturalistas das altas escolas de Mistérios, gerações formadas para ser e agir

desta forma costumam ser equiparadas a formigas vermelhas. Primeiro, chegam as abelhas, constroem uma estrutura e produzem mel para o apicultor. Quando o apicultor decide que a era da colmeia acabou, faz entrar as formigas vermelhas, que destroem as abelhas e a estrutura. No final, tudo o que resta é uma terra vazia e devoluta, preparada para uma ou outra forma de reorganização.

Zwo drei vier links [One (nazi) love]. *Zwo drei vier links*, com a formiga comunista a avançar sob a marcha nazi reciclada.

Também, a dinâmica *zombie* que precede a Reconstrução. Hollywood e, de modo mais sofisticado, os estúdios britânicos, costumam fazer uma representação muito literal da actual constituência pós-moderna através dos vários filmes de *zombies* que produzem. O cenário é sempre o mesmo: a civilização "bourgeois" chega ao fim e, aqueles que antes eram seres humanos são agora convertidos em massas de mortos-vivos, seres medíocres e destrutivos, que passam o resto do filme a caçar e a atacar os humanos que ainda restam, pelos seus cérebros. No final, a estrutura governante que resta envia o armamento pesado e extermina os *zombies*. A Reconstrução pode começar.

" % - # " " / .

Feminismo radical é a antítese exacta de feminismo. Dos anos 70 em frente, com aceleração desde o início do século 21, surge a inversão, a antítese exacta de *feminismo*; algo deceptivamente chamado de feminismo radical. Esta inversão de significados, por *doublespeak*, é algo que entra em linha com o *zeitgeist*, onde até os conceitos são plásticos e maleáveis, abertos a inversões de 180º, ao ponto em que "bem" passa a significar "mal" e vice-versa [mais explorações disto abaixo]. A dinâmica da língua bifurcada, que só consegue comunicar por duplicidade, falsidade, inversão de significados.

~~Igualdade~~ / Perpetuação de desigualdade e autoritarismo. A temática de feminismo real, em qualquer uma das suas gerações, era ***igualdade***. Com as primeiras gerações, temos a procura por igualdade liberal assegurada para todas as pessoas, independentemente de sexo. *Igualdade de oportunidades* surgia aqui associada às variáveis liberal-democráticas da garantia de liberdades constitucionais e da promoção de desenvolvimento económico universal. Mesmo as feministas pró-soviéticas da Guerra Fria costumavam sê-lo porque alimentavam a crença naïf de que o sistema comunista tinha, com efeito, libertado as pessoas, equalizado relações sociais. Obter igualdade significou sempre obter paridade *de facto*, justiça, desenvolvimento universal. A inversão de feminismo inverte e distorce todas estas variáveis e fá-lo com prazer; o prazer que é sentido pelos psicólogos sociais que a criaram. Igualdade deixa de ser um ideal e é substituído por ***perpetuação da desigualdade sob um formato mais aceitável***. Com efeito, sob esta mentalidade, nem todos os indivíduos são iguais. Existem indivíduos inerentemente superiores e indivíduos inerentemente inferiores. E na prática, os indivíduos não contam. Apenas os segmentos sociais arbitrários nos quais podem ser

incluídos. Em tudo isto, existem segmentos superiores e segmentos inferiores. Os primeiros têm o direito e o dever de ordenar e de organizar a vida dos segundos e de fazê-lo sob autoritarismo: persuasão ou coerção. A questão passa então a ser a de encontrar a ***monadologia social que assegura o mais eficaz equilíbrio de forças e, que abre as portas para o adequado exercício de autoritarismo***.

~~Justiça~~ / Injustiça gerível. Justiça torna-se irrelevante e é trocada pela obtenção do ***grau de injustiça que possa ser gerível*** de modo a evitar conflagrações sociais.

~~Liberdade individual~~ / Conformidade compulsiva a normas sociais. É claro que valores de liberdade individual são desprezados, em favor de ***conformidade normativa a um ethos de acção, pensamento, sentimento, expressão [i.e. despotismo]***. A pessoa tem de pensar, sentir, e expressar vacuidades socialmente autorizadas, e comportar-se de uma forma normativa [*uma forma de esterilidade humana que me faz sempre lembrar aquilo que se obtém com* poodles*; sem querer desfazer os pobres bichos, cães, o* poodle *é mais ou menos o protótipo do animal que, sendo artificioso, domesticado, enfeitado com laçarotes e patéticos cortes de pêlo, se pavoneia em afectação de superioridade*]. O próprio termo "liberdade" é redefinido para passar a significar algo como "liberdade para agir dentro dos parâmetros estritos que são impostos". Liberdade de expressão ou de auto-defesa tornam-se *negativos*, e são substituídos por coisas como liberdade para impor o meu egoísmo ao próximo, liberdade para abortar um bebé ou, aquela mais hegeliana de todas as falsas "liberdades", liberdade para servir o sistema.

~~Geração de riqueza~~ / Sustentabilidade, emiseração. Desenvolvimento económico, geração de riqueza, são equacionados com capitalismo (redefinido como o diabo, por fundações hipercapitalistas), chauvinismo e patriarcalismo, atacados enquanto tal. A prioridade já não é a de obter melhores condições de vida para a geração actual e para as gerações futuras; agora é a de assegurar o ***grau mínimo de desenvolvimento que sustenta (é sustentável) para a continuidade de alguma forma de organização sócio-económica***.

~~Condições, direitos laborais~~ / HR management for social stability. O assegurar de condições e de direitos laborais torna-se inteiramente irrelevante. Sob pós-modernismo, é *bom* quando a economia produtiva é lentamente desmantelada; a grande preocupação passa a ser apenas, qual o tipo de ***organização laboral que, sendo mínima e miserabilista*** é, porém, passível de assegurar alguma forma de estabilidade social.

~~Valores humanos~~ / Despotismo, dialéctica mestre-escravo, falsidade. Valores *humanos* deixam de ser relevantes; tornam-se, com efeito, negativos. Sob a mentalidade autoritária, todos os significados são plásticos e invertíveis (a Escola de Frankfurt definida em onze palavras), significando que aquilo que é bom passa a ser mau e, aquilo que é mau passa a ser bom. O *ethos* é aqui o de dominação, dominar ou ser dominado, magoar ou ser magoado, escravizar ou ser escravizado. É também um *ethos* de falsidade, de mentira crua, auto e hetero-contada, que subjaz à dinâmica de inversão de significados ("desigualdade" é "igualdade", "despotismo" é "liberdade", "injustiça" é "justiça", etc.).

**4 $1 ( " -% 5 / " " % / % .**

Susan e Elizabeth reviram-se nas sepulturas. Longe vão os tempos de Susan Anthony e Elizabeth Stanton, que publicavam contra Wall Street, protestavam a degradação da sociedade pela introdução de narcotráfico gerido pelos bancos e, tratavam aborto pelo que é; infanticídio e um crime (e o que é que estas senhoras sabiam; simplesmente foram as grandes impulsionadoras do movimento feminista numa altura em que essa ainda era uma tarefa extremamente complicada). Hoje em dia, Susan e Elizabeth rebolam nas suas sepulturas, pobres senhoras, enquanto assistem ao espectáculo decadente de servilismo pró-bancário, cínica e gelidamente abraçado pelo feminismo radical.

Coerção, irracionalismo, mindlessness, consensualidade. A bisneta da sua geração, se for uma feminista radical, está doutrinada em *nonsense* marcusiano, o que significa que luta pela imposição autoritária e violenta de pontos de vista a toda a sociedade. Entre esses pontos de vista, estão coisas que teriam aterrorizado as gerações anteriores de feministas, como sejam a "afirmação positiva" de aborto e prostituição como veículos de emancipação feminina. Esta bisneta cresceu à base de filmes de má qualidade e T-groups. É nos T-groups, da escola primária à associação de bairro, que foi habituada a abdicar dos seus próprios valores, crenças e pontos de vista, despersonalizada, em nome de consenso coercivo com o grupo. Isto significa que nunca adquiriu o hábito de pensar por si mesma, algo que, com efeito, teme e evita. Foi cultivada em mediocridade intelectual, habituada a pensar por *slogans* emocionais socialmente aceitáveis (i.e. irracionalismo sócio-emocional por oposição a pensamento racional). É aí que obteve a sua visão do mundo: fácil, standard, linear, socialmente partilhada. Em nenhum tópico vai, ou quer ir, ao fundo da questão. A falta de hábito em tal tipo de exercício é complementada pelo medo, sempre presente, de encontrar algo que não quer ver; algo que poria em causa a visão fácil do mundo. Perante qualquer elemento contraditório ou problemático, assumirá rapidamente a face da "teenie" inconsciente ao estilo *manga*/*anime*; por outras palavras, *mindlessness* com um sorriso e uma piada; ou, no reverso da medalha, uma explosão emocional violenta de negação. A sua actividade mental é cuidadosamente alinhada com aquilo que está *in* nos millieus sociais onde se move. É, portanto, uma pessoa facilmente adaptável e maleável a qualquer contexto, lugar, ou ambiente colectivo; sabe moldar o seu *rapport* para apresentar aquilo que sabe que os outros querem ver e espera que os outros façam o mesmo. A vida é uma grande farsa teatral, sem um pingo de personalidade própria.

Eugenia, prostituição, narcotráfico, pedofilia. A bisneta foi, claro, habilmente persuadida por misantropos virulentos a abraçar a degradação voluntária da condição feminina a níveis pré II Guerra. Como tal, imagina que esterilização, aborto e eutanásia são as grandes fronteiras da libertação humana. Prostituição, narcotráfico legalizado e pedofilia vêm, claro, logo a seguir. É muito importante asseverar que o "corpo é da pessoa, a decisão é da pessoa": isso legitima o aborto/infanticídio de bebés (que, na

verdade, são organismos independentes, mas isso não é contabilizado); mas também a ideia de que uma criança pode optar por assentir a ser violada por um qualquer porco sujo que a consiga persuadir a isso [é claro que este tipo de desprendimento moral e epistemológico perante horrores se aplica geralmente a terceiros].

Sustentabilidade Global, change agents, e o bossman do banco de investimento. Porém, essas ainda não são as *final frontiers*. Ainda existe a adopção voluntária (mais ou menos obrigatória, mas voluntária) de pobreza e miserabilismo, sob Sustentabilidade Global; nos outros, não para si mesma, claro. Este é um momento feliz da sua vida, um no qual concretizou o sonho de promover tudo isto, numa grande ONG transnacional. Tem um bom salário, equipas de *trainees* e *volunteers*, e é um ambiente dinâmico no qual toda a gente se ri muito, fala de vacuidades, geralmente sobre o quão fixe é ser um *change agent* para harmonia global. Na verdade, ninguém gosta do ambiente, ou sequer acredita nas platitudes imbecis que papagueia, mas é um facto que teatro faz parte dos *change agent intensive training courses*, so what the heck. Os salários e as despesas extraordinárias (existem bastantes) são pagas pelo *bossman* do banco de investimento. Mudança global, um derivativo de cada vez.

Economia social, "serviço voluntário obrigatório" e as crianças do mundo. Mudança global exige solidariedade global e isso exige economia social. Economia social implica serviço voluntário obrigatório, em prol da comunidade. Existe quem aponte que isso é pura e simples escravatura. Tais pessoas são, só podem ser, óbvias reaccionárias; inimigas das crianças do mundo. É em nome das crianças do mundo que estas mesmas crianças do mundo têm de crescer para não ter opção de carreira a não ser trabalho comunitário obrigatório; em troca de uma lata de soja modificada por dia.

HR lifelong monitoring and training for social harmonization. Ajudar as crianças do mundo implica abortar algumas delas, e seguir todas as outras, ao longo da vida – *HR lifelong monitoring and training for social harmonization*. Todo o programa é conduzido pelo banco de investimento do *bossman*, em parceria público/privada com o governo local, e a ONG faz bastante bom trabalho, trabalho colorido, nesta área. Sacos azuis, operações negras, por pessoas vermelhas, em nome de banqueiros amarelos (a cor do ouro, e também do fascismo). Isto é o que acontece no mundo colorido da *age of the rainbow*, o *benetton planet*.

On the job, flexibilidade e imprevisibilidade (aventura!). O ambiente *on the job* é bastante flexível e desprendido. Coisas arcaicas e limitativas, como sejam empregos efectivos, contratos de trabalho, sindicalização, bons salários, nenhuma destas coisas ficou. Agora existe a gincana de *bonding* e, claro, o contrato psicológico, que é muito mais *groovy* e, até, agradavelmente imprevisível. Todos os valores arcaicos, reaccionários até (contratos, sindicatos, etc), são agora vistos com a mais fria indiferença. Um sindicato não é uma coisa sexy, ou intrinsecamente apelativa. É uma estrutura chata e monótona; nada como a rede auto-organizada e dinâmica da era pós-produtiva.

"Get a boobjob to keep your job" – "Flex it like your wonderbra". Também *on the job*, esta bisneta usa calças de licra estudiosamente ajustadas às curvas do rabo, um apelativo top decotado saltita sugestivamente a cada passo de salto alto, enquanto a moça sorri e cantarola entre piscares de olhos e, claro, ensaia trejeitos provocadores a cada revirar de ancas. Tudo isto contribui para fazer desta moça uma companhia bastante agradável e, claro, um espectáculo bastante apelativo. É porém lamentável que tudo isto tenha sido tornado um *job requirement*; uma parte integrante de flexibilização psicológica em *HR management*. Da empregada pós-moderna, não é necessariamente esperado que saiba o que está a fazer; é esperado que tenha o *style* certo, a *groove* certa. É esperado que seja naturalmente apelativa e sedutora e, com efeito, que saiba objectificar o seu corpo *apenas na medida exacta* que lhe permita obter a promoção, cativar o cliente, e estabelecer *rapports* animados com *strategic partners*. Tudo isto contribui para um gabinete jovem, dinâmico, tão flexível e bamboleante como as curvas do wonderbra; em última análise, é um vector preferencial na promoção de *psychological health in the work environment*.

A bisavó reconheceria aqui o pré-estatuto da slave girl da plantação. A mãe desta mulher, que fazia questão de nem sequer rapar as axilas, ficaria chocada e chamaria a esta moçoila, "*slut*". Mas as gerações anteriores, essas sim poderiam ficar verdadeiramente horrorizadas, ao reconhecerem em tudo isto o retorno ao standard da plantação. A bisneta começa a assemelhar-se à *slave girl* favorita do *bossman*. Para isso, tudo o que falta é uma mini-saia em motivos tropicais alegres e uma posição em serviço voluntário obrigatório no gineceu do campo – o bordel local.

Racionalizações, tit for tat, o choque de Susan e Elizabeth. A bisneta não se importa. Esta é uma daquelas "*danger areas*", a ser evitada a todo o custo e, desconfirmada com um sorriso e uma racionalização fácil. Afinal, ser *slutty on the job* é um direito da mulher moderna, ou não? Objectificação sexual já não é uma questão. Pelo contrário, pode ser usada como uma arma! --- desde que tuuuudo seja feito em puro, delicioso, glamouroso cinismo, manipulação *vamp bitch* --- aí está tudo bem!, pensa esta tonta rapariga. Esta mentalidade é expandida aos momentos nos quais têm *mesmo* de haver favores sexuais; esta ou aquela recompensa social oblige. A feminista radical argumentará que isso é bom, desde que a pessoa ganhe qualquer coisa com isso – uma forma ambígua, dúplice de *tit for tat*; a filosofia do prisioneiro. "*Eu odeio-te e manipulo-te e tu odeias-me e manipulas-me, mas ambos ganhamos com isso*". Susan Anthony e Elizabeth Stanton ficariam chocadas com o irracionalismo, a ignorância histórica e o nível de degeneração moral desta jovem empreendedora.

*Tit for tat* é radicado em psicoticismo, difundido por meio de pós-estruturalismo. O funcionamento *doublebind* expresso atrás é uma consequência de despersonalização e degradação sob culturologia pós-moderna (os pontos debatidos mais atrás). Quem cresce num ambiente cultural alicerçado em desestruturação e nihilismo pode ser induzido a interiorizar esses predicados pelas mais variadas formas (pressão e osmos social, indução de trauma, etc.). É claro que existe *sempre* uma opção individual de escolha. A pessoa que interioriza nihilismo desestruturante pós-moderno interioriza

também o núcleo central desse nihilismo para a sua vida intrapsíquica, e isso é dissociativismo dialéctico. Em essência, esta pessoa funciona de modo ambivalente, ambíguo e incoerente – *doublebind.* Aproximação coincide com afastamento, paixão com agressão, luxúria com violência, lascívia com destruição. O funcionamento é em si odiado e temido, ao mesmo tempo que é adorado e preservado a todo o custo [*Em psicoterapia (ou outros contextos), o que acontece é que a pessoa procura ajuda para sair deste funcionamento, ao mesmo tempo que o salvaguarda com uma fortaleza impenetrável, armadilhas e barreiras defensivas a toda a volta – a pessoa quer resolver a sua ambivalência; mas, em bom registo ambivalente, "matará" quem quer que tente fazer isso, o que se inclui a ela mesma*]. Amor-ódio. A pessoa odeia-se e ama-se a si mesma e, abraça-se enquanto se precipita no seu próprio abismo pessoal. Algo como um escorpião que ataca tudo em redor, enquanto se pica e se envenena a si mesmo, numa dinâmica de auto e hetero destruição. Depois, a pessoa procura reproduzir esse funcionamento no mundo exterior, onde *espera* tratar e ser tratada desta forma. É um pedido mas também é um comando. Ou seja, a libertação de impulsos de relação com o mundo exterior é feita em registo igualmente ambivalente (por persuasão e por coerção), não existindo um patamar estável e coerente de equilíbrio, situado acima da ambivalência. A dinâmica social que aqui se gera é aquela que foi esperada pelas fundações que difundiram esta dissociatividade intrapsíquica na forma de anti-cultura pós-modernista: destrutividade universal. Uma *gestalt* que pode aqui ser concebida, a título de exemplo imagético, é uma na qual todos acariciam e abraçam o seu próximo com uma mão, enquanto lhe dão um tiro na cabeça com a outra. Como foi dito, o funcionamento *doublebind* está radicado em dissociativismo intrapsíquico, a raiz de psicoticismo. Isto não quer dizer que a pessoa em doublebind seja psicótica; apenas que reúne as pré-condiçãos intrapsíquicas para tal, tem um registo mental e comportamental psicoticizado e, está bem no caminho para psicose plena. Nunca é demais realçar que a difusão deste tipo de registo mental e comportamental é inacreditavelmente penosa, dolorosa e destrutiva, tanto para o indivíduo como para a sociedade em geral. Nem um nem o outro podem sobreviver a este mecanismo de auto e hetero tanatização. A vida que persiste (quando persiste), no individual e no societal, torna-se ela própria um grande exercício *doublebind*, uma procura constante por conforto num mundo de sombras, ilusões e expectativas traídas. Conforto torna-se concomitante com mágoa e, mágoa torna-se a regra universal. A sociedade, tal como o indivíduo, explode em auto-acariciamento e masturbação, enquanto se precipita no abismo da sua própria implosão.

<u>A racionalização romântica e teológica de psicoticismo, no culto a Dionísio</u>. Estes fenómenos têm sempre correlatos ao nível de racionalização romântica e, até, teológica. É aqui que a bisneta conduz o seu *smart* para o seu igualmente *smart*, pequeno, *social meeting place*, para se encontrar com as outras bisnetas para prestar culto ao velho falso "deus" Dionísio. Esta personagem é uma sublimação teologizada de dissociativismo intrapsíquico, também conhecida como Tamuz, Moloch, Baco, Eros, Tanatos, etc. Este é um "deus" de múltiplas faces, sendo que nenhuma delas é verdadeira. Muitas delas são masculinas, muitas outras são femininas; é o "deus" das mil caras e a "deusa" das mil caras. Existe e propaga-se universalmente, como gestalt teológica, na proporção

exacta em que as culturas humanas adoptem a sublimação religiosa de psicoticismo. O "deus" expressa-se sempre por dialécticas contextuais. A bisneta e as suas amigas adoram Dionísio na sua valência dialéctica Eros/Tanatos. Dionísio é o "deus" do prazer e do inebriamento, irrestritos por quaisquer considerações morais; aqui, é Eros. A prossecução de prazer e inebriamento sem quaisquer considerações morais conduzem sempre a auto e hetero destruição; Tanatos. Sob Eros e Tanatos, paixão coincide com morte, entrega masoquista com subjugação sádica, luxúria extrema com agressão extrema. O que todo este *nonsense* expressa é, claro, a ausência de equilíbrio interno num patamar de consistência e construtividade. Com efeito, não existe nem consistência, nem construtividade – apenas inconsistência ambivalente e destrutividade. O(a) crente é-o porque opera segundo o funcionamento dialéctico que subjaz à necessidade de expressar impulsos destrutivos. O espaço de crença dá-lhe a oportunidade de sublimar e dar alguma forma de sentido (frequentemente avaliado como "racional") a este tipo de funcionamento, pela disponibilização de um *rationale* teológico e filosófico. Os valores e as crenças implícitas a este *rationale* validam, naturalmente, o *pathos*. O espaço de crença também lhe oferece a obtenção de validação para este tipo de funcionamento. É no círculo colectivo que obtém essa validação, por reforço social mútuo. O que obtemos é algo na linha de um T-group de reforço para pessoas instáveis e destrutivas, psicoticizadas. O produto de tudo isto é, claro, o agravar do *pathos*, tornado grupal no círculo. Esse *pathos* grupal é, por natureza, radicado na *gestalt* comummente partilhada da teologia e das práticas que lhe são implícitas. É inevitável que essas práticas sejam expressões de destrutividade. Estamos aqui ao nível da ritualização do *pathos* e da concertação grupal de destrutividade. Este é um processo dialéctico. A vitalidade é exercida com base em *doublebind*, inebriada em morte, mas essa vitalidade é, ela própria, uma proposição de uma dialéctica superior, entre vitalidade (Eros) e destruição (Tanatos). Quando vitalidade significa inebriamento em morte, então que pode a vitalidade esperar senão ser ela própria inebriada de morte na sua própria destruição? O resultado inevitável é a destruição total e completa da vitalidade em si; da vida, individual e colectiva. Com efeito, a generalização deste irracionalismo mental (dialéctica, psicoticismo) e do comportamento destrutivo que lhe está associado expressa-se no dia em que "*haverá entre eles um pânico terrível provocado pelo Senhor: cada um pegará a mão de seu companheiro e eles levantarão a mão um contra o outro*". Esta passagem fala da sociedade dialéctica, condenada a afagar-se enquanto se suicida. E é isso que acontece do macro para o micro, do societal para o individual. Com efeito, esse dia já está a acontecer; resulta em destruição total. A resolução para tudo isto, o ponto de equilíbrio que resolve e sara todas as feridas é, claro, Yeshua, o filho do Deus eterno.

! " #$ % .

Ferri lamenta que existam diversos campos científicos, “ciência burguesa”. Cada qual «*following their subjective tendencies… it is still in the period of scientific analysis and not yet in that of synthesis… we are... in the period of social life... “the age of discussion,” and we already observe... the creaking of the politico-social floor... The disappearance of the bourgeois class and science... will have as a consequence the triumph of social justice for the whole of humanity, without distinction of classes, and the triumph of truth in its final consequences without reservations*» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

! & ’ .

Socialismo sentimental versus socialismo científico marxiano. «*Socialism... was only a few years ago at the mercy of the deep-rooted but undisciplined fluctuations of humanitarian sentimentalism... sentimental socialism... socialism before Karl Marx was only the sentimental expression of a humanitarianism...*»

Socialismo científico é ciência positiva. «*Socialism... found in the work of Marx and of those who developed and completed it, its scientific and social guide... Scientific socialism... is in complete accord with positive modern science...*»

Ciência positiva é socialista até ao ultimo grau. «*...positive science, which denies the free will of man and sees in human activity, individual and collective, a necessary effect, determined at the same time by conditions of race and environment... Crime, suicide, madness, misery, are not the fruit of free will, of the individual fault, as metaphysical spiritualism believes... All social phenomena are the necessary resultants of historic conditions and of environment*» – Enrico Ferri, “Socialism and Positive Science: Darwin, Spencer, Marx”. English translation by Edith Harvey, Independent Labour Party, London, 1909, pp. 40-42.

**GENERATION GAP – Totalitarismo – Escola, pares, média**

**Família (F) – Crianças são propriedade social – Sociedade escolhe pais**

*Just as the creators of works, parents have no right upon their offspring except a psychological right. Literally, the children belong to universality… A creator, as soon as his work has emanated from him, has no right to it any longer except a psychological right. He had all rights upon it as long as it was growing in him but he has forfeited these as soon as it is gone out of him and becomes a part of the world. It belongs to universality…*
! " # $ $ % & # '( ) #*
* ' *' + , - #

. * *We propose, therefore, the specialization of the notion of parenthood into two distinct and different functions — the biological parent and the social parent. They may come together in one individual or they may not*
! " # $ $ % & # '( ) #*
* ' *' + , - #

- ) * * / 0 *...child development experts [mental hygienists] have discovered… the most important step in producing a mentally healthy child is to select for him parents who are emotionally mature and grown up, who love each other…* - - ' 0 ( 1 2 )
3 ( !4 # # $ # + - *

**Família (F) – Destruir família para totalitarismo**

0 ) 5 # 6 **generation gap** , 7 .

**Isolar** / ( 58 !**superior**+( * **irrelevantes** , 7
.

9*Warren Bennis expõe a real agenda, num livro... Qualquer regime com pretensões totalitárias tem de montar um ataque rápido e devastador sobre a família – um ataque rápido, blitzkrieg – e quais são as marcas deste ataque? São...*:

*…in order to effect rapid changes, any such centralized regime [regimes totalitários] must mount a vigorous attack on the family lest the traditions of present generations be preserved. It is necessary, in other words, artificially to create an experiential chasm between parents and children to insulate the latter in order that they can more easily be indoctrinated with new ideas. The desire may be to cause an even more total submission to the state, but if one wishes to mold children in order to achieve some future goal, one*

*must begin to view them as superior, inasmuch as they are closer to this future goal. One must teach them not to respect their tradition-bound elders, who are tied to the past and know only what is irrelevant* " 2 , 7 * 4 . ;<
!= * ' '+ - * 7 0 >

? 0 . . @ A **Doutrinação de novas gerações** , B $ *An examination of the role of education in the revolutionary processes in Hitlerian Germany and Soviet Russia demonstrates that a new controlling group can use the educational system to advantage in bringing about the changes it desires. This illustrates the effectiveness of the educational system in indoctrinating the youth with a desire for the type of society wanted by those in control… To do this they must persist in the maintenance of a new system of power long enough for controlling interests to be thoroughly indoctrinated in the new social system* " # , , B $ ( !@
. )' 4 # + @ , B C

? ! 5 + , B $ 1 ! 5 +( 6
* /D # ( * * / ) /
$ # ( $ $ ) * $ /
E $ # 4 # / ! / +( $ A
! / +

**Família (F) – Entidade ultrapassada, vai desaparecer**

& 6 F $ C G *the family has little to offer the child in the way of training for his place in the community. The family becomes less and less an economic unit in society…* . # C ; !=
'H ) * # + &
2

@ 6 5 # * * I *…can [the student] accept the fact that the traditional family might be changing and might possibly disappear?*
# ' I J !2 # H K* $ # +
@ C # 4 # ( 2 >

**Família (F) – Usar escola – Tornar pais irrelevantes (Adorno)**

= * $ @ *Few parents can be expected to persist for long in educating their children for a society that does not exist, or even in orienting themselves toward goals which they share only with a minority* = @ ;3 =
@# ' " '

I / # * @ *Confronted with the rigidity of the adult ethnocentrist, one turns naturally to the question of whether the prospects for*

*healthy personality structure would not be greater if the proper influences were brought to bear earlier in the individual's life, and since the earlier the influence the more profound it will be, attention becomes focused upon child training… the effects of environmental forces in moulding the personality are, in general, the more profound the earlier in the life history of the individual they are brought to bear… The subject's conception of the parent figures could reveal, among other things, whether the picture was dominated by the authoritarian aspects of the parent-child relationship or by a more democratic type of relationship… the ability of the subject to appraise his parents objectively… as contrasted with an inclination to put the parents on a very high plane…* = @ ;3 = @# ’ " ’

**Família (F) – Usar grupo de pares, média**

2 #* * ( L ($ # *D 8 M9 F : 6 C *…the weakening of family power… and the children are ensconced more and more in institutions… Mass media, and an ever-increasing range of personal experiences, gives an adolescent social sophistication at an early age, making him unfit for the obedient role of the child in the family… One consequence of the increasing social liberation of adolescents is the increasing inability of parents to enforce norms—about hours at night, conditions of dating, etc.— constraining their teen-agers' behavior… then, of this shift from traditional middle- class constraint to modern middle-class concern with social skills and self-assurance is a greater and greater tendency for the adolescent community to disregard adult dictates... to consider itself no longer subject to demands of parents and teachers, and to pay less and less attention to the prescribed scholastic "exercises"* . # C ; != ’H ) * # + & 2

***Adultos deixam de ser relevantes, face a grupo de pares e média*** N # K * *meaningful social rewards... approval and disapproval* @) ( * $ * ) #* * * L

, O# # * ) #* * ! # / + , *Part of the dialectic of the process of winning independence from parental authority lies in using the extrafamilial peer group as a foil to parental authority, particularly in the period of adolescence* , ( 2 ( P , ;J !=82 #* = ’ ’ HQ $ 0 8 # + " ’

*[Tillich] is telling those Christians who can hear that they can accept humanism without relinquishing Christianity if they will accept man as the true meaning of God… Humanism asserts that the tests of human conduct must be found in human experience, not in superhuman ordinances; concern for man replaces concern about pleasing God. Loosely speaking, the humanist elevates man to the rank of God… His idea of salvation is not "escaping from hell and being received in heaven, in what is badly called 'the life hereafter.'" Rather, Tillichian salvation is a symbol, a symbol for becoming ultimately concerned about humanity… The answer to man's predicament lies in the realization by individual men that all men are essentially one and that the one is God. This self-realization, or self-recognition, is a "return" to union: potential becomes actual… our "sin" is the estrangement of man from man — the "plight" that accompanied man when he was "created.") Without sins to be forgiven, the parallel doctrines of divine forgiveness and divine grace are naturally in jeopardy*

*Secular ways of speaking that simply eliminate that which was once intended leave confusion behind. When sin turned into guilt, something was lost. Because with the desire for forgiveness there is still the unsentimental desire to have the suffering inflicted on someone else not to have happened. We are truly unsettled by the irreversibility of any suffering that has been caused - that injustice to those innocents who have been mistreated, degraded and murdered, that goes beyond any measure of restitution within the power of man. The lost hope of resurrection leaves behind a perceptible vacuum*

*I began with the question of whether the cognitive content of a morality of equal respect and solidaristic responsibility for everybody can still be justified after the collapse of its religious foundation… First, we must clarify how much of the original intuitions a discourse ethics salvages in the disenchanted universe of post-metaphysical justification and in what sense one can still speak of the cognitive validity of moral judgments and positions… With the devaluation of the epistemic authority of the God's eye view, moral*

*commands lose their religious as well as their metaphysical foundation. This development also has implications for discourse ethics… it [can not] represent the validity of moral norms in realist terms* .< + ' - =
> ? @ $ @ 3 9 0 # $ 8 A@$ #

9 3 B / - *…moral practice is no longer tied to the individual's expectation of salvation and an exemplary conduct of life through the person of a redemptive God… the concept of morally right action becomes differentiated from the conception of a good or godly life* .< + ' - = > ? @ $ @ 3 9 0 #
$ 8 A@$ #

A / B / B *…moral knowledge becomes detached from moral motivation… uncoupling morality from questions of the good life leads to a motivational deficit. Because there is no profane substitute for the hope of personal salvation, we lose the strongest motive for obeying moral commands… Discourse ethics intensifies the intellectualistic separation of moral judgment from action even further by locating the moral point of view in rational discourse… Certainly, moral judgments tell us what we should do, and good reasons affect our will; this is shown by the bad conscience that "plagues" us when we act against our better judgment. But the problem of weakness of will also shows that moral insight is based on the weak force of epistemic reasons and, in contrast with pragmatic reasons, does not itself constitute a rational motive. When we know what it is morally right for us to do, we know that there are no good (epistemic) reasons to act otherwise. But that does not mean that other motives will not prevail* .< + ' - = > ? @ $
@ 3 9 0 # $ 8 A@$ #

**" ( & ) $ $ * !**

C 3 D E F / G *…moral commands were previously justified in a metaphysical fashion as elements of a rationally ordered world. As long as the cognitive content of morality could be expressed in assertoric statements, moral judgments could be viewed as true or false. But if moral realism can no longer be defended by appealing to a creationist metaphysics and to natural law (or their surrogates), the validity of moral statements can no longer be assimilated to the truth of assertoric statements… The latter state how things are in the world; the former state what we should do. If one assumes that, in general, sentences can be valid only in the sense of being "true" or "false" and further that "truth" is to be understood as correspondence between sentences and facts, then every validity claim that is raised for a nondescriptive sentence necessarily appears problematic. In fact, modern moral scepticism is based on the thesis that normative statements cannot be true or false, and hence cannot be justified, because there is no moral order, no such things as moral objects or facts* .< + ' - = > ? @ $ @
3 9 0 # $ 8 A@$ #

*The reverse side of religious freedom is indeed a pacifying of the ideological pluralism which proved to be unevenly problematical in itself. Hitherto, the liberal State has only expected the believers among its citizens to split their identity as it were into public and private elements. It is they who must translate their religious convictions into a secular language before their arguments have any prospect of finding the agreement of majorities*

*Kant did not want the categorical 'should' to disappear in the maelstrom of self-interest. He extended arbitrary freedom to autonomy, and with it gave the first great example for what is indeed a secularising but at the same time a saving deconstruction of religious truths. In Kant, the authority of God's commandments finds an unmistakable echo in the unconditional worth of moral duties. With his concept of autonomy it is true that he destroys the traditional idea of being children of God…*

*It is no accident that the categorical imperative… creates the impression that each individual could undertake the required test of norms for himself . But in fact the… universalisation test calls for a form of deliberation in which each participant is compelled to adopt the perspective of all others in order to examine whether a norm could be willed by all . This is the situation of a oriented to reaching understanding in which all those concerned participate. This idea of a discursively produced understanding also imposes a greater burden of justification on the isolated judging subject than would a monologically applied universalisation test… Kant… tacitly assumes that in making moral judgments each individual can project himself into the situation of everyone else … But when the participants can no longer rely on a transcendental pre-understanding grounded in more or less homogeneous conditions of life and interests,*

*the moral point of view can only be realised under conditions of communication that ensure that tests the acceptability of a norm, implemented in a general practice, also from the perspective of his own understanding of himself and of the world… in this way the categorical imperative receives a discourse-theoretical interpretation in which its place is taken by the discourse principle, according to which only those norms can claim validity that could meet with the agreement of all those concerned in their capacity as participants in a practical discourse… Discourse ethics… does not… reduce morality to equal treatment; rather, it takes account of both the aspects of justice and that of solidarity. A discursive agreement depends… on the non-substitutable "yes" or "no" responses of each individual and on , something that all participants are constrained to do by an argumentative practice designed to … the pragmatic features of discourse make possible an insightful toward reaching understanding in a trans-subjective attitude… The shift in perspective from God to human beings has a further consequence. "Validity" now signifies that moral norms could win the agreement of all concerned, on the condition that they jointly examine in practical discourse whether a corresponding practice is in the equal interest of all* .< + ' - =
> ? @ $ @ 3 9 0 # $ 8 A@$ #

HARMAN – Nova epistemologia, circular e orgânica.

**Willis Harman – Nova epistemologia, circular e orgânica.**

Usar a lógica para destruir a lógica.

Sair de um paradigma baseado em teste empírico e passar para um baseado em feelings e sensibilidade espiritual.

"Esta transição é a concretização da ciência positiva, como Bergson disse".

***"A new worldview, trans-modern"***.

***"Shift in the locus of authority from external to inner knowing"***.

***"Trusts perceptions of wholeness and spiritual aspect of systems, Gaia and Cosmos"***.

***"The modern worldview is based on Western science which, in terms of its goals is amazingly successful. Nevertheless, it is an artifact of Western culture"***.

***"Consciousness, selective attention, intuition, creativity, spiritual sensibility"***.

***"We have two ways of contacting Reality, the physical senses and deep intuition"***.

***Aspectos essenciais do processo científico, como previsão, controlo, racionalidade, abertura a provas empíricas, são relíquias ultrapassadas de um mundo competitivo***.

***Destruir a ideia de causalidade – "There really is no causality – only a Whole evolving"***.

***"Prediction and control are not the only criteria to judge knowledge as scientific"***.

«*...emergence of a new worldview... a trans-modern picture of reality differing both from the scientific worldview and the traditional religious worldview. This emerging trans-modern worldview, involves a shift in the locus of authority from external to "inner knowing." It has basically turned away from the older scientific view that ultimate reality is "fundamental particles," and trusts perceptions of the wholeness and spiritual aspect of organisms, ecosystems, Gaia and Cosmos. This implies a spiritual reality, and ultimate trust in the authority of the whole. It amounts to a reconciliation of scientific inquiry with the "perennial wisdom" at the core of the world's spiritual traditions. It continues to involve a confidence in scientific inquiry, but an inquiry whose metaphysical base has shifted from the reductionist, objectivist, positivist base of 19th- and 20th-century science to a more holistic and transcendental metaphysical foundation. The modern worldview is based on Western science which, in terms of its goals of prediction, control, and generation of manipulative technologies, is amazingly successful. Nevertheless, it is an artifact of Western culture and it does have its*

*limitations. The core of the current challenge to the scientific worldview can be taken to be "consciousness," which has come to be a code word for a wide range of human experience, including conscious awareness or subjectivity, intentionality, selective attention, intuition, creativity, relationship of mind to healing, spiritual sensibility, and a range of anomalous experience and phenomena… The critical epistemological issue is whether we humans have basically one way of contacting Reality (namely, through the physical senses) or two (the second being the deep intuition)*»

Aspectos essenciais do processo científico, como «*placing unusual value on the ability to predict and control… "rational thinking," openness to challenging evidence*» são relíquias ultrapassadas «*of a world dominated by competition*»

«*In his Introduction to Metaphysics the eminent French philosopher Henri Bergson said of the "much desired union of science and metaphysics" that it would "lead the positive sciences, properly so-called, to become conscious of their true scope, often far greater than they imagine." The time may have arrived for realization of that dream*»

«*The epistemology we seek will recognize the partial nature of all scientific concepts of causality… For example, the "upward causation" of physiomotor action resulting from a brain state does not necessarily invalidate the "downward causation" implied in the subjective feeling of volition.) In other words, it will implicitly question the assumption that a nomothetic science – one characterized by inviolable "scientific laws" – can in the end adequately deal with causality. In some ultimate sense, there really is no causality – only a Whole evolving. It will also recognize that prediction and control are not the only criteria by which to judge knowledge as scientific… Truth is not that which is demonstrable. Truth is that which is ineluctable. Here we find that the unquestioned authority of the objective and detached observer is challenged. In particular, the double-blind controlled experiment, considered the gold standard of clinical research, is thrown deeply into question if the consciousness of the experimenter or the clinician is causal… An engaged epistemology will involve recognition of the inescapable role of the personal characteristics of the observer, including the processes and contents of the unconscious mind. The corollary follows, that to be a competent investigator, the researcher must be willing to risk being profoundly changed through the process of exploration. Because of this potential transformation of observers, an epistemology which is acceptable now to the scientific community, may in time have to be replaced by another, more satisfactory new criteria, for which it has laid the intellectual and experiential foundations*»

Willis Harman, "*Bringing About the Transition to Sustainable Peace*", First International Electronic Seminar on Wholeness, International Society for the Systems Sciences (ISSS), Budapest, September 1996.

**Heidegger – Nazismo**

**Heidegger – Mantém perspectiva totalitária no pós-guerra**

***O máximo que faz é dar uma tímida entrevista ao Der Spiegel***

*new national and social approach*

*Agriculture is now a motorized food-industry — in essence, the same as the manufacturing of corpses in gas chambers and extermination camps, the same as the blockading and starving of nations, the same as the manufacture of hydrogen bombs*

*Our Europe is being ruined from below with "democracy"*

**Heidegger, Nazismo – Revolução Nazi – Dasein alemão – Raça, sangue e solo**

*The National Socialist revolution… is bringing about the total transformation of our German existence (**Dasein**)*

*We have witnessed a revolution. The state has transformed itself… The national-socialist revolution means… the radical transformation of German existence…*

*…the relentlessness of that spiritual mission that forces the destiny of the German people into the shape of its history… the constant decision between the will to greatness and the acceptance of decline to become the law for each step of the march that our people has begun into its future history… this people wills to be a spiritual people… the **spiritual world of** a people is not the superstructure of a culture any more than it is an armory filled with useful information and values; it is the power that most deeply preserves the people's earth – and blood – bound strengths as the power that most deeply arouses and most profoundly shakes the people's existence. Only a spiritual world guarantees the people greatness*

*…the strengths of the new Reich that Chancellor Hitler will bring to reality. A hard race (**Geschlecht**) with no thought of self must fight this battle…*

*Heidelberger Neuste Nachrichten*

QQQ " (< $ - ## - - >( $ R ’ R
. * R# - V #! ( * ( 69 # R $’ U ( R
U V K *New German Critique*( ( 00;

QQQQ " (9 - $ - 7 * ’ ) * R - 8W 9 M$
? ( ! 8 # ) * R

**Heidegger, Nazismo – Löwith – Alemanha a cumprir o seu Dasein**

’ * $ # ## G $ ’ = $ (

/ $ $ S V2K ’ ) ’ # -
$ $ B % ( S V2K ’( 1 $
$ ( $ * $ 7 V2K ’ 1
* # $ A $ ( # 1 V2K ’ 5

***Heidegger confirma que Nazismo está de acordo com a sua filosofia***

***Alemanha Nazi e Hitler estão a cumprir o Dasein alemão***

C*I… explained… I was of the opinion that his partisanship for National Socialism lay in the essence of his philosophy. Heidegger agreed with me without reservation, and added that his concept of "historicity" was the basis of his political "engagement"… He… left no doubt about his belief in Hitler. He had underestimated only two things: the vitality of the Christian churches and the obstacles to the Anschluss with Austria. He was convinced now as before that National Socialism was the right course for Germany; one only had to "hold out" long enough…*DX

XS V2K ’ ( 00 < " R V " K ’ ( B> *New German Critique*( (## B

**Heidegger, Nazismo – Microgestão, responsabilidade, sacrifício**

# ( $ -?$ ( - ( ## ! * (

C*…clear will to unconditional self-responsibility in suffering and mastering the fate of our people… the will to self-responsibility is not only the basic law of our people’s existence; it is also the fundamental event in the bringing about of the people’s National Socialist State*DQQQ

" $ , # * ( C*From now, on each and every thing demands decision, and every deed demands responsibility…*DQQQ

QQQ " (< $ - ## - - >( $ R ’ R
. * R# - V #! ( * ( 69 # R $’ U ( R
U V K *New German Critique*( ( 00;

**Heidegger, Nazismo – Führerprinzip**

T W' # ! # J $ # E, $
- $ < W' # ! #> < # $ # >( 1
? % $ # E, # * ( #%$ $

W' # ! #I T W' % ' * ( C*Let not propositions and "ideas" be the rules of your Being (**Sein**). The Führer alone is the present and future German reality and its law… Heil Hitler!*DQQQQQ

W' # ! #I # * Y $ * * ( C*The German people has been summoned by the Führer to vote; the Führer, however, is asking nothing from the people. Rather, he is giving the people the possibility of making, directly, the highest free decision of all: whether the entire people wants its own existence (Dasein) or whether it does not want it… Our will to national (volfdsch) self-responsibility desires that each people find and preserve the greatness and truth of its destiny (Bestimmung)… The Fuhrer has awakened this will in the entire people and has welded it into one single resolve… Heil Hitler!*DQQQ

QQQ " (< $ - ## - - >( $ R ' R . * R # - V #! ( * ( 69 # R $' U ( R U V K *New German Critique*( ( 00;

QQQQQ " ( < . >( ' - ) * R $ ( * ( ' ' *Freiburger Studentemeitung* 69 # R $' U ( R U V K ' *New German Critique*( ( 00;

**Heidegger, Nazismo – Trabalho, guildas, no Staat nazi**

. # - ( - C*…the professions effect and administer that highest and essential knowledge of the people concerning its entire existence… The… state [**Staat**], to which the professions belong… the professions effect and administer that highest and essential knowledge of the people concerning its entire existence…*DQ

9 # $ $ # $ # $ * ( C*…each social and occupational group (**Stand**) assumes its necessary and predestined place in the social order (**in den Standort und Rang ihrer gleich notwendigen Bestimmung**)…*DQQQ

8 ' ( $ ( $ # EF ( Z $ 5 ++( C*What we meant up to now with the words "worker" and "work" has acquired another meaning… For us, "work" is the title of every well-ordered action that is borne by the responsibility of the individual, the group, and the State and which is thus of service to the **Volk**… National Socialism… does not divide into classes, but binds and unites **Volksgenossen** and social and occupational groups (**Stände**) in the one great will of the State… the*

*German people shall again find, as a people of labor, its organic unity, its simple dignity, and its true strength; and that, as a state of labor, it shall secure for itself permanence and greatness*DXXX

! ( ' % # * % 5 ++( C*German Workers! …you, for whom the City of Freiburg has created jobs by emergency decree, are coming together with us in the largest lecture hall of the University. Because of novel and comprehensive employment measures on the part of the City of Freiburg, you have been given work and bread has been put on your tables. You thereby enjoy a privileged position among the rest of the City's unemployed. But this preferential treatment means at the same time an obligation… The creation of work must, first of all, make the unemployed and jobless* ***Volksgenosse*** *again capable of existing (**daseinsfähig**) in the State and for the State and thereby capable of existing for the Volk as a whole. The* ***Volksgenosse*** *who has found work should learn thereby that he has not been cast aside and abandoned, that he has an ordered place in the Volk, and that every service and every accomplishment possesses its own value that is fungible by other services and accomplishments. Having experienced this, he should win back proper dignity and self-confidence in his own eyes and acquire proper self-assurance and resoluteness in the eyes of the other* ***Volksgenossen***DXXX

Q " <8 ' - - ' . ) * R>( $ -
) * R ( S ( * K - " #'R $ ( 0( " $' 0 ( ## BP 7+

QQQ " (< $ - ## - - >( $ R ' R
. * R# - V #! ( * ( 69 # R $' U ( R
U V K *New German Critique*( ( 00;

XXX " (< $ / $ *Wissensschulung*>( * B77
< - $ > - ' ! < * $ > # ( ) * R( 5 R ++( '
*Der Alemanne Kampftlatt der Nationalsotialisten Oberbadens*( R ( 69 # R $'
U ( R U V K ' *New German Critique*( ( 00;

**Heidegger, Nazismo – Serviço comunitário – Trabalho, Segurança, Conhecimento**

5 * [ * <$ $ >

8 ' J E J 9 ' $ C*The first bond binds to the national community [**Volksgemeinschaft**]. It obligates to help carry the burden of and to participate actively in the struggles, strivings, and skills of all the… people… by means of* ***Labor Service [Arbeitsdienst]****… The* ***second*** *bond binds to the honor and the destiny of the nation in the midst of all the other peoples… In future, this bond will encompass and penetrate the entire existence of the student as* ***Military Service [Wehrdienst]****… The* ***third*** *bond of the students binds them to the spiritual mission of the German people…* ***Knowledge Service [Wissensdienst]****… The three bonds – by the people,* ***to*** *the destiny of the state,* ***in*** *spiritual mission – are* ***equally primordial*** *to the German essence. The three services*

*that arise from it – Labor Service, Military Service, and Knowledge Service – are equally necessary and of equal rank*DQ

Q" <8' - - ' . ) * R>( $ -
) * R (S ( * K - " #'R $( 0( " $' 0 (## BP 7+

**Heidegger, Nazismo – Educação minimalista (STW)**

/ $ E, # ' $ ! 5 ++(

/ $ E, % # A* J 1 % # %$ ' $ # A $

***Conhecimento é algo que serve necessidades práticas na comunidade***

< E, $ # > J E, = $

***Saber o seu lugar no Volk, saber como o Volk está organizado, e conhecer a realidade do estado Nacional Socialista***

***Saber do drama dos 18 milhões de alemães fora do Reich...***

C*The goal is to become strong for a fully valid existence as a* ***Volksgenosse*** *in the German* ***Volksgemeinschaft****. For this, however, it is necessary: to know where one's place in the Volk is, to know how the* ***Volk*** *is organized and how it renews itself in this organization, to know what is happening with the German* ***Volk*** *in the National Socialist State, to know in what a bitter struggle this new reality was won and created... to know what is entailed in the fact that 18 million Germans belong to the* ***Volk*** *but, because they are living outside the borders of the Reich, do not yet belong to the Reich… Providing this knowledge is thus a necessary part of the creation of work; and it is your right, but therefore also your obligation, to demand this knowledge and to endeavor to acquire it… knowledge means: to know one's way around in the world into which we are placed, as a community and as individuals… We… differentiate between genuine knowledge and pseudo-knowledge… Genuine knowledge is something that both the farmer and the manual laborer have, each in his own way and in his own field of work, just as the scholar has it in his field. And, on the other hand, for all his learning, the scholar can in fact simply be wasting his time in die idle pursuit of pseudo-knowledge… you will [not] be served up scraps of some "general education," as a charitable afterthought. Rather: that knowledge shall be awakened in you by means of which you — each in his respective class and work group — can be clear and resolute Germans*D XXX

XXX" (< $ / $ U $' >( * B77
< -$ > - ' ! < *$ ># ( ) * R(5 R ++( '
S #- T ( R ( 69 # R $'
U ( R U V K ' K . 9 1 ( ( 00;

**HEIDEGGER 1 – Academia nazi, 'Verdade'**.

**Heidegger – Positivismo – Fim de liberdade académica, "verdade espiritual"**.

Fim de liberdade académica – "Verdade nazi" (inaugural).

***Liberdade académica será expulsa da universidade alemã***.

***Irresponsável, arbitrária, desligada das necessidades da raça***.

***Agora haverá verdade, uma missão histórica-espiritual***.

«

! !

!
" ! # !

! " $ "
" % ! !
" »*

Verdade espiritual unificada, para o mundo (inaugural).

***Universidade, líder espiritual da missão histórica do Volk***.

***Legislação académica espiritual – para um mundo espiritual unido***.

« " ***spiritual*** "
"

&***Staat'*** ***Together***!
"
! ! !
»*

Verdade é aquilo que dá confiança, lucidez e força ao Volk (Nov. 11, 1933).

***Questionamento e curiosidade não são úteis per se***.

« !
! !
" ( ! ) *
) »***

*Martin Heidegger (1933). “The Self-Assertion of the German University”, inaugural address as rector of Freiburg University. (transl., Karston Harries, Review of Metaphysics, 38, March 1985, pp. 467-502)

***Martin Heidegger, “Declaration of Support for Adolf Hitler”, address at an election rally held by German university professors in Leipzig, November 11, 1933 [Compiled by Richard Wolin, translated by William S. Lewis. Pub. in * + ) , 45, Fall 1988]

**Heidegger – Positivismo – Reforma da academia alemã e anti-Cristianismo**.

[Ligado a “Fim de liberdade académica, verdade espiritual”].

Heidegger ajuda a definir a poluída academia nazi. Heidegger é instrumental para definir a Academia Nazi, um ambiente poluído de ciência corrompida, definido por cinismo, cobardia, mesquinhez, e oportunismo.

Denuncia e despromove não-Nazis. Despromoveu não-nazis, na universidade, e foi um informante para a Gestapo. Nomeadamente, conseguiu despedir o Professor Staudinger sem pensão (pediu isto, especificamente) e também denunciou o seu antigo amigo Eduard Baumgarten, que era professor da Universidade de Göttingen.

Anti-Cristianismo – Competição, atrito – Estatismo (1 de Julho, 1933).

***Revolução castanha exige revolução académica***.

***Integrar universidade no Staat orgânico – espírito nacional-socialista***.

***A universidade tem de ser vista como uma comunidade [i.e., sem dissensão]***.

***Abandonar ideias humanizantes Cristãs***.

***Estudantes – Competição impiedosa, testes constantes de carácter, força e atrito***.

"

*0ein Kampf um die Gestalt des Lehrers und des Führers an der Universität1»***

**Discurso dado por Heidegger à Associação de Estudantes da Universidade de Heidelberg, a 30 de Junho de 1933, “The University in the New Reich”. Originalmente publicado na *3* *
* de 1 de Julho, 1933. Compilado por Richard Wolin, traduzido por William S. Lewis, publicado na New German Critique, 45, Fall 1988.

*verdade objectiva*

*verdade objectiva*

*antisocial*

*mentecapta*

*autoritarismo*

*mindjob*

# Higiene mental soviética – mais notas

**Putsch bolchevique abraça engenharia de recursos humanos**

A era em que "engenharia humana" começa a erguer a sua feia cabeça.

Eugenia, higiene mental, medicina social, darwinismo social, engenharia psicossocial.

A gestão de recursos humanos (população) que acompanha gestão totalitária sócio/económica.

Putsch bolchevique (cancela revolução legítima) procura implementar tudo isto.

«*In Russia at the turn-of-the-century, many people, from psychiatrists to politicians, believed in social engineering, though they envisaged different methods. The reformists invested their hopes in the improvement of social conditions, the radicals in communist revolution. In contrast, the professionals insisted that special measures are indispensable to alter human nature, not only economic and political changes. These measures, under the names of eugenics, psychotechnics, and mental hygiene, had already been proposed in the West. After the Revolution their proponents in Russia gained the chance to implement them on a scale unseen before*»

IRINA SIROTKINA (2007), "Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years". Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

**"Saúde mental preventiva" i.e. control-freakism totalitário**.

Sistema psiquiátrico pré-revolucionário hospitalizava pós-diagnóstico.

Isso era frustrante para muitos psiquiatras [i.e. controlfreaks]. «*As in the West, the prerevolutionary system of mental health care concentrated on hospitalizing people after they were diagnosed mentally ill. This system constantly demonstrated its shortcomings and caused frustration to many Russian psychiatrists*»

Putsch bolchevique de 1917 traz plano para sistema ubíquo de "saúde mental preventiva".

"This made everybody suspect for psychiatrists, a potential patient for the dispensaries".

*Espionagem social ubíqua –patologização de dissensão ideológica como "doença mental"*.

*[Sob a psicose socialista, estar em oposição ao sistema é um sinal "óbvio"de doença mental]*.

Psiquiatras (no topo da Cheka) procuram colocar todo o sistema médico sob o seu controlo.

"To screen the population – health passports – coefficient of work capacity".

“Introduce timely prophylactic, curative, sanitary and social aid”.

Alemanha Nazi, T4 – New Freedom – Higiene mental sob UE. Isto também era o plano T4 Nazi e, claro, está agora a ser implementado no Ocidente sob a “New Freedom”, EUA e sob os auspícios das iniciativas de higiene mental da Comissão Europeia. Estamos sempre no domínio do policiamento político e da gestão integrada de RH.

«*After 1917, a new ambitious plan to transform psychiatry was developed. Mental health care was to be preventive, based on outpatient units — dispensaries — and to cover the entire population. In other words, the plan was for every person in the country to be checked for possible mental illness and to register with the local neuropsychiatric dispensary. In spite of the postwar and postrevolutionary shortages, this ambitious project was realized as early as the mid-1920s…The ubiquitous character of the mental health care system made everybody in the population suspect for psychiatrists, a potential patient for the dispensaries…The ambitions of social hygienists had indeed grown, and they campaigned to place all medical institutions under the control of the “united dispensary.” Their objectives were to screen the population, to introduce health passports for every worker, “to calculate the coefficient of work capacity,” and to provide “timely prophylactic, curative, sanitary and social aid” (Smirnov, 1930, p. 5)*»

IRINA SIROTKINA (2007), “Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years”. Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

**A “psiquiatria da genialidade”**.

Segalin introduz ideia de “génio louco”, que precisa de “medicina estética” [InstituteofGenius].

Só sob totalitarismo pode haver algo como controlo estatal do génio, e é isso que Segalin traz.

Dois propósitos: Proteger personagens úteis, neutralizar “abnormal andasocialart”.

“Stimulate ‘unproductive euroneurotics’ with the help of ‘eurotherapy’”.

«*In 1921, when the psychiatrist Lev Rozenshtein (1884–1934) was contemplating his plans for social medicine and preventive psychiatry, another similar project appeared. It proposed to take care of talented people who, as the author of the project claimed, were often exploited and abused in the past… owing to their individualistic, asocial nature, and frequent ailments, find adjustment to any society difficult. Asocial by nature, they easily fall victim to society and may be incarcerated in asylums and prisons. If, however, they are cured of their illnesses and socialized on a par with everybody else, they may lose their creative abilities. The author suggested that a special branch of medicine—aesthetic medicine—should protect geniuses from occasional abuse and increase the output of their work (Segalin, 1925, p. 10)… Alongside general departments of social welfare, the state should establish special institutions for geniuses: dispensaries and*

*“departments of social welfare for mad geniuses” (“sobezgenial'nogobezumtsa”; “sobez” is an accepted abbreviation for a social welfare department). The institutions would assist in protecting talented people from hostile environments and in placing them in favorable conditions for the completion of socially valuable work… the Institute of Genius…In Segalin’s mind, dispensaries for geniuses were similarly to control “abnormal and asocial art” and to stimulate “unproductive euroneurotics” with the help of “eurotherapy” (Segalin, 1929b, pp. 70–72)*»

IRINA SIROTKINA (2007), “Mental Hygiene for Geniuses: Psychiatry in the Early Soviet Years”. Journal of the History of the Neurosciences, 16:150–159.

**HM 21 – “New Freedom – The Thought Police”**

**HM 21 – China Comunista – Psicopolítica e higiene mental**

**HM 21 – Insultos psiquiatrizados [BUNDY, 1958]**

, - ) $ , $ ! , ! !
. $ " * / % %#
! /
$ " ! ) 0 ! 1 "
)

2*Because "mental health" has become available as a lever to be used for promoting political and ideological designs, a word on the subject is in order… People who are normal in every sense of the word but who hold unpopular political ideas, such as opposition to world government and to the United Nations, federal aid to education, and socialism, are now being branded by their opponents as "lunatics," "nuts" and "idiots." Some of the mental health legislation which has been recently introduced on the state and federal levels gives such wide latitude of interpretations to psychiatrists and politicians… that it is conceivable that anyone who takes a stand for the sovereignty of the United States, in favor of Congressional investigations… and in favor of states' rights could be committed to an asylum in order to silence opposition*3
, - ) 456789 , $ ! ! ! : !
$ ! ; / < , , ! ! , ! !
= #

**HM 21 – Construcionismo social**

**HM 21 – NIMH e NSF (2003) – Resistência à mudança é perturbação mental**

***Pessoas resistentes à mudança são mentalmente perturbadas***

***Conservadores, à esquerda e à direita – apesar de o foco especial ser nos de direita***

---

***Indicadores tipicamente associados a doença mental***

***Rigidez mental, dogmatismo, pessimismo, fechamento mental, etc*** 2*mental rigidity and closed-mindedness, including increased dogmatism and intolerance of ambiguity, decreased cognitive complexity, decreased openness to experience, uncertainty avoidance, personal needs for order and structure, and need for cognitive closure* L *lowered self-esteem… fear, anger, and aggression… pessimism, disgust, and contempt… loss prevention… fear of death*3

***Como "inflexibilidade de opinião" ou "monomania política"*** A "C @" B

MAM M # < N 1 ;M' 0 )4HIIJ9 , $ F $ ' , )! - 5H64J9 JJ6 J07

**HM 21 – New Freedom Initiative (2002) – E sistema paralelo na UE**

/ 0 ; , F G !4/;,FG9 " H6 #" HIIH < - !

**HOBBES – Visão animalesca do ser humano – Contrato Social**.

A "guerra de todos contra todos". No "state of Nature", que precede o Contrato Social, a sociedade humana está «                                                    ».

Isto torna a vida em algo "nasty, brutish, and short-circuited".

Homem é animal selvagem e egoísta. O homem é um animal selvagem, dominado por paixões violentas e egoístas.

Procura do prazer, evitamento da dor. Não existe bem inerente ao homem, apenas o bem do estado, conforme definido por aqueles no poder. É motivado apenas por instintos animais de ganância, procura do prazer, evitamento da dor. É condicionado apenas por emoções baixas como a procura do prazer e a fuga à dor e ao medo. O ser humano é naturalmente depravado e ultra-competitivo, e só se alia a outros seres humanos para ganhar algo em troca.

Não existe amor, fidelidade, ou amizade, só parcerias para ganho mútuo. Não existe amor, amizade ou fidelidade; apenas parcerias para um tipo ou outro de lucro.

CONTRATO SOCIAL.

***"O Contrato Social salva o homem"***. O contrato social e o poder totalitário do estado salvam o homem do "state of nature", no qual temos a guerra de todos contra todos.

***Totalitarismo e controlo pela administração de recompensas e punições***. Para Hobbes, o homem tem de ser subjugado por líderes ditatoriais que impõem a sua vontade através da administração de punições e recompensas. A função do estado seria regular a selva e o caos que eram, portanto, a sociedade humana, e podia usar de todos os métodos para o fazer – portanto, um estado meramente pragmático e utilitário, desprovido de moralidade.

***Commonwealth, a comunidade onde classe governante tem poder absoluto***. E governa ao seu bel prazer sobre os comuns. Quando a classe governante é eleita, os súbditos só têm o direito de a eleger, mas nunca de se virar contra ela. Não poderiam haver corpos sociais autónomos, como a Igreja, ou associações, ou partidos políticos, e toda a sociedade deveria funcionar numa única direcção, sob o pulso de ferro da classe governante.

***Súbditos podem eleger governo, mas não virar-se contra ele***.

***Não há o direito a corpos sociais autónomos***.

**HUNTINGTON (1996) – Declínio moral e cultural do ocidente**

---

***Comportamento antisocial: crimes, drogas, violência***

***Decadência da estrutura familiar***

***Declínio em participação cívica***

***Enfraquecimento da ética de trabalho, cultura de auto-indulgência***

***Enfraquecimento da actividade intelectual***

...

**<u>HUXLEY (1946) – Amar servitude</u>**.

**Aldous Huxley (1946) – Liberdade sexual para reconciliar escravos com servitude**.

<u>Em conjunção com drogas e com sistemas de propaganda</u>. «*As political and economic freedom diminishes, sexual freedom tends compensatingly to increase. And the dictator will do well to encourage that freedom. In conjunction with the freedom to daydream under the influence of dope and movies and the radio, it will help to reconcile his subjects to the servitude which is their fate*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

**Aldous Huxley – Sexo, entretenimento e soma**.

População geral permanentemente distraída por entretenimento, sexo, e soma.

Promiscuidade extrema permitida por abolição da família.

Permite libertação de tensões emocionais destrutivas e criativas.

Portanto, não causam problemas.

«*The creatures finally decanted were almost subhuman; but they were capable of performing unskilled work and, when properly conditioned, detensioned by free and frequent access to the opposite sex, constantly distracted by gratuitous entertainment and reinforced in their good behavior patterns by daily doses of soma, could be counted on to give no trouble to their superiors… In Brave New World… all are permitted to indulge their sexual impulses without let or hindrance… made possible by the abolition of the family… that practically guarantees the Brave New Worlders against any form of destructive (or creative) emotional tension*»

Aldous Huxley (1958). Brave New World Revisited.

**Aldous Huxley (1946) – Amar servitude**.

<u>Novos totalitarismos procuram que escravos amem a sua servitude, e acreditem que são livres</u>.

***Governo por pelotões de fuzilamento, prisões, deportações, não é eficiente.***

***Um totalitarismo eficiente é um onde os servos amam a sua servitude.***

***Portanto, não têm de ser coagidos a nada.***

***Transição é tarefa de propaganda, jornais, e sistema educativo***.

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

**Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – O papel da propaganda**.

O papel da propaganda.

***Propaganda mais eficiente é aquela que omite factos.***

***O principal problema da propaganda vai ser fabricar felicidade.***

«*There is, of course, no reason why the new totalitarianisms should resemble the old. Government by clubs and firing squads, by artificial famine, mass imprisonment and mass deportation, is not merely inhumane (nobody cares much about that nowdays); it is demonstrably inefficient… A really efficient totalitarian state would be one in which the all-powerful executive of political bosses and their army of managers control a population of slaves who do not have to coerced, because they love their servitude. To make them love it is the task assigned, in present-day totalitarian states, to ministries of propaganda, newspaper editors and school teachers. But their methods are still crude and unscientific*»

«*The greatest triumphs of propaganda have been accomplished, not by doing something, but by refraining from doing. Great is truth, but still greater, from a practical point of view, is silence about truth. By simply not mentioning certain subjects, by lowering what Mr. Churchill calls an "iron curtain" between the masses and such facts or arguments as the local political bosses regard as undesirable, totalitarian propagandists have influenced opinion much more effectively than they could have done but the most eloquent silence is not enough*»

«*If persecution, liquidation and the other symptoms of social friction are to be avoided, the positive sides of propaganda must be made as effective as the negative. The most important Manhattan Projects of the future will be vast government-sponsored enquiries into what the politicians and the participating scientists will call "the problem of happiness"—in other words, the problem of making people love their servitude*»

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

**Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – A verdadeira revolução é na alma e no corpo**.

Biólogos e psicólogos podem usar ciências da vida e da matéria...

***...para alterar radicalmente as formas e expressões naturais da vida***.

A revolução realmente revolucionária não é política nem económica...

***...é a revolução nas almas e na carne dos seres humanos.***

***...e "vai ser atingida"***.

«*It is only by means of the sciences of life that the quality of life can be radically changed*». E são «*biologists and psychologists*» que podem usar as «*sciences of matter*» para «*modify the natural forms and expressions of life itself*».

«*The really revolutionary revolution is to be achieved, not in the external world, but in the souls and flesh of human beings*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

**Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – Segurança económica, revolução na alma e no corpo**.

Um módico de segurança económica para todos.

Mas o amor da servitude, a real revolução, é alcançado na alma e no corpo.

***[Propaganda e felicidade – ponto anterior].***

***Técnicas de sugestão, incluíndo educação.***

***Drogas.***

***Ciência da personalidade, para alocar pessoas ao "proper place in the social and economic hierarchy"***.

***Esta hierarquia torna-se, mais cedo ou mais tarde, num "scientific caste system"***.

Para isso contribui eugenia.

O pleno desenrolar destes aspectos está a não mais que 3 ou 4 gerações de distância.

«*Without economic security, the love of servitude cannot possibly come into existence; for the sake of brevity, I assume that the all-powerful executive and its managers will succeed in solving the problem of permanent security. But security tends very quickly to be taken for granted. Its achievement is merely a superficial, external revolution. The love of servitude cannot be established except as the result of a deep, personal revolution in human minds and bodies*»

«*To bring about that revolution* ***we*** *require, among others, the following discoveries and inventions. First, a greatly improved technique of suggestion--through infant conditioning and, later, with the aid of drugs… Second, a fully developed science of human differences, enabling government managers to assign any given individual to his*

*or her proper place in the social and economic hierarchy… Third…, a substitute for alcohol and the other narcotics…*»... «*scientific caste system*»... «*...are probably not more than three or four generations away*».

Também seria necessário um regime de «*sexual promiscuity*», como aquele visto no Admirável Mundo Novo.

***Em conjunção com propaganda e droga, ajuda a reconciliar servos com o seu destino***. «*As political and economic freedom diminishes, sexual freedom tends compensatingly to increase. And the dictator will do well to encourage that freedom. In conjunction with the freedom to daydream under the influence of dope and movies and the radio, it will help to reconcile his subjects to the servitude which is their fate*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

**Aldous Huxley (1946) – Amar servitude – Um sistema eugénico, para criar servos ideais**.

"…a foolproof system of eugenics".

***"…to standardize the human product".***

***"…we are still a long way from bottled babies and groups of semi-morons".***

***"…by A. F. 600, who knows what may not be happening".***

O objectivo disto é um "scientific caste system".

«*And fourth (but this would be a long-term project, which it would take generations of totalitarian control to bring to a successful conclusion) a foolproof system of eugenics, designed to standardize the human product and so to facilitate the task of the managers. In Brave New World this standardization of the human product has been pushed to fantastic, though not perhaps impossible, extremes… Technically and ideologically we are still a long way from bottled babies and Bokanovsky groups of semi-morons. But by A. F. 600, who knows what may not be happening?*»… «*scientific caste system*»

Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

**HUXLEY (1946) – Família aceitável, só para fins de colonização**. A família é aceitável quando é necessário que haja «cannon fodder and families with which to colonize empty or conquered territories» Aldous Huxley, Foreword to "Brave New World", 1946.

**<u>HUXLEY (1946) – Futuro totalitário</u>**.

**Aldous Huxley (1946) – Conflito limitado e mudanças sociais drásticas**.

<u>No pós-guerra, entra um período de mudança e conflito limitado</u>.

.

<u>Se a humanidade não se adaptar, “too bad for mankind”</u>.

! .

«*...we may look forward to a period, not indeed of peace, but of limited and only partially ruinous warfare. During that period it may be assumed that nuclear energy will be harnessed to industrial uses. The result, pretty obviously, will be a series of economic and social changes unprecedented in rapidity and completeness. All the existing patterns of human life will be disrupted...*» e substituídos por «*new patters*».

«*...if mankind doesn't fit well, that will be just too bad for mankind. There will have to be some stretching and a bit of amputation—the same sort of stretching and amputations as have been going on ever since applied science really got into its stride, only this time they will be a good deal more drastic than in the past. These far from painless operations will be directed by highly centralized totalitarian governments*»

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

**Aldous Huxley (1946) – Futuro dominado por governos totalitários**.

<u>O futuro é dominado por governos totalitários altamente centralizados</u>.

" # $

% & ’ .

«*Only a large-scale popular movement toward decentralization and self-help can arrest the present tendency toward statism*» e «*highly centralized totalitarian governments*». «*At present there is no sign that such a movement will take place*».

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

. † * , , , .

, , * .

«*The world's stable now. People are happy; they get what they want, and they never want what they can't get. They're well off; they're safe; they're never ill; they're not afraid of death; they're blissfully ignorant of passion and old age; they're plagued with no mothers or fathers; they've got no wives, or children, or lovers to feel strongly about; they're so conditioned that they practically can't help behaving as they ought to behave. And if anything should go wrong, there's soma*»

«*And if ever, by some unlucky chance, anything unpleasant should somehow happen, why, there's always soma to give you a holiday from the facts. And there's always soma to calm your anger, to reconcile you to your enemies, to make you patient and longsuffering. In the past you could only accomplish these things by making a great effort and after years of hard moral training. Now, you swallow two or three half-gramme tablets, and there you are. Anybody can be virtuous now*»

Aldous Huxley (1932), Brave New World.

**HUXLEY – "The greater part of the population is happy to be ruled"**

«…

»

Aldous Huxley (1957). "Proper Studies: The proper study of mankind is man".
California: Chatto & Windus.

**HUXLEY – Brave new world clippings**

**Aldous Huxley – Propaganda mais eficiente é aquela que omite factos**.

«

»

Aldous Huxley, Foreword to “Brave New World”, 1946.

***huxley – terror techniques*** 3 % ; ! ’
* 6 % < =4 > (
) " ) ( !
’ ? ! )
" ! , 2

## ICMH (1948) – Quebra da família – Doutrinação – Globalismo

### ICMH (1948) – Família é obstáculo a saúde mental

*A report by one national group vigorously pointed out that the family is now one of the major obstacles to improved mental health, and hence should be weakened, if possible, so as to free individuals and especially children from the coercion of family life* ! "
#$%& ' ( ) * + #,%

### ICMH (1948) – Moldar valores da criança, quebrar valores familiares

- . / 0 1 0
0 2 3 ! . 0 0
- 0 2 3 2 3 4 !
0 .

5

***"Understanding the great obstacles to rapid progress in human affairs".***

***"Family and school… imprint members who perpetuate traditional patterns".***

***"Men and women who present resistance to social, economic, political changes"***

***"Individual family, hands on its traditions to its children, who perpetuate attitudes"***.

***"This behaviour must be altered if new loyalties are to emerge"***

2 3 0 5 0 0
. / 0

***"A world community is a condition for mental health"***

. 46 7 8 46 9 46

*The social sciences and psychiatry also offer a better understanding of the great obstacles to rapid progress in human affairs. Man and his society are closely interdependent. Social institutions such as family and school impose their imprint early in the personality development of their members, who in turn tend to perpetuate the traditional pattern to which they have been moulded. It is the men and women in whom these patterns of attitude and behaviour have been incorporated who present the*

*immediate resistance to social, economic and political changes. Thus prejudice, hostility or excessive nationalism may become deeply embedded in the developing personality without awareness on the part of the individual concerned, and often at great human cost*

1 *adapting human institutions so that men can live together as world citizens in, a world community… We are concerned with the attitudes and ideals of groups of men in relation to one another, and with the principles and practices of mental health in relation to a world community… a world community is a condition for mental health…*

*There seems to be an unbroken chain of inter-action extending from the social, economic and political attitudes of a given community through the participation of the adult members in the life of the group, and so to the individual family, which in turn hands on its customs and traditions to its children, who then perpetuate the attitudes which they have learned. This behaviour in the great variety of forms in which it appears in different cultures must be altered if new loyalties are to emerge and wider ties be developed*

: 0 *our point of intervention… in the whole pattern of mobilisation of manpower, indoctrination through press and radio, manoeuvring among diplomats, bartering and bargaining among those who control the world's resources*

; ! 2 ! ; 8 ! 03
< ! ! " #$%&

## *Identitarismo e balcanização (1)*

.

Dividir para conquistar, uma táctica tão antiga como a civilização. A táctica de dividir para conquistar é tão antiga como a própria civilização. Sempre que um conjunto de big boys pretende fazer a aquisição hostil de um território, uma das melhores formas de o fazer é pela balcanização e antagonização dos membros dessa população. Quando cada qual está a cortar a garganta do próximo, ninguém presta muita atenção, ou se interessa, por aquilo que os big boys estão a fazer. A população torna-se uma facilitadora da sua própria desgraça. Ao longo da História, regimes tirânicos e oligárquicos promovem sempre uma ou outra forma de balcanização social, naquilo que é sempre um exercício utilitário, visando consolidar o poder da classe governante.

Balcanização para destruição; ex. Austro-Húngaro, Weimar, Jugoslávia. A balcanização é promovida para dois cenários. No primeiro, pode visar a destruição (parcial ou até mesmo total) do tecido sócio-económico. Esta política de terra queimada facilita a vida da oligarquia governante (e, em casos extremos, precede um programa de reconstrução). Aqui, é útil mencionar o exemplo daquilo que foi feito na Europa Central do século 19, quando o Império Austro-Húngaro começou a seguir políticas de "devolução" para com os seus vários grupos étnicos. Isso resultou na estimulação de formas extremas de supremacismo étnico, o que foi bastante útil para o Império durante um tempo: enquanto sérvios fossem mantidos em guerra com muçulmanos, ou magiares com germânicos, os oligarcas que geriam o Imperador seriam deixados em paz relativa. Depois, em Munique, anos 20 para os 30, temos a fragmentação sócio-cultural da República de Weimar, culminando na tomada de poder por um grupo particular de fascistas/racistas e com a consequente instituição de um estado totalitário e genocida. Tudo isto acontece com a autorização dos oligarcas financeiros que tinham promovido a fragmentação social (como proxy para saque e consolidação económica) da República de Weimar. Mais tarde, temos ainda o exemplo Jugoslavo, onde a indução de uma crise económica grave (na altura, pelo FMI, em conjunto com bancos privados) é acompanhada do incentivo a uma escalada de conflitos étnicos (até aí meramente pontuais) ao nível de guerra civil. Esta é a primeira grande *proxy war* eurasiática, como Brzezinski lhe chamaria, onde temos a Rússia do lado Sérvio e uma entente NATO/Sauditas [mais tarde com participação do Irão, com o envio de consultores e de *fedayeen* e também com os negócios de armas com Clinton] a incentivar e a apoiar todos os divisionistas possíveis e imaginários, de Fascistas Croatas a *jihadis* Bósnios.

Balcanização para consolidar poder; o exemplo do apartheid. No segundo cenário, a balcanização visa assegurar uma estrutura de poder. Isto passa geralmente pelo *empowerment* relativo de uma classe subordinada sobre as restantes. O *apartheid* é aqui um bom exemplo: um grupo social (brancos *afrikander*) eram colocados em posição de

superioridade sobre a larga maioria da população (negros nativos) para assegurar que a governância de saque e exploração do território pela oligarquia dominante (banqueiros e industrialistas) prosseguia sem perturbações. O mesmo se aplica, por exemplo, ao sistema de comissariados sobre os países totalitários, de esquerda e de direita, pelo qual os membros do Partido exercem funções de capatazes neo-coloniais sobre as populações exploradas.

Balcanização para neo-colonialismo, na aldeia global. Com efeito, são linhas políticas que são seguidas até aos dias de hoje, agora no contexto da economia/aldeia global. Estas linhas podem ser definidas em poucas palavras: dividir e destruir para conquistar, construir uma estrutura consolidada sobre a terra queimada, escravizar. Para obter controlo sobre um território, primeiro é necessário degradar, se não destruir totalmente, o tecido sócio-económico e político desse território. Instituir uma lógica de divisionismo, balcanização, guerra de todos contra todos. Quando isso é atingido (ou, enquanto é atingido), é possível entrar, com grandes interesses comerciais e/ou militares e, assumir controlo sobre o país. A nova ordem que é estabelecida é uma forma de neo-feudalismo colonial, onde o poder está concentrado nas mãos dos neo-feudalistas e o homem e a mulher comuns são reduzidos a um estatuto servil.

Isto pode ser feito por meios “soft” e “hard”. Existem muitas formas diferentes de operacionalizar estes princípios e aplicá-los no mundo real. Podem ser aplicados por meios puramente “soft” (económicos, psicossociológicos, etc) ou por meios “hard” (guerra, confrontações).

Balcanização pelo empowerment de um grupo sobre os restantes; o ex. do apartheid. Neste cenário, a balcanização passa pelo *empowerment* relativo de uma classe subordinada sobre as restantes. O *apartheid* é aqui um bom exemplo: um grupo social (brancos *afrikander*) eram colocados em posição de superioridade sobre a larga maioria da população (negros nativos) para assegurar que a governância de saque e exploração do território pela oligarquia dominante (banqueiros e industrialistas) prosseguia sem perturbações. O mesmo se aplica, por exemplo, ao sistema de comissariados sobre os países totalitários, de esquerda e de direita, pelo qual os membros do Partido exercem funções de capatazes neo-coloniais sobre as populações exploradas.

A Fórmula: O “grupo perfeito”, a utopia fictícia, guerra e terror para lá chegar. Isto é sempre baseado na mesma fórmula. Inventa-se um mito identitário, onde existe um “grupo perfeito”, acima de todos os restantes. Esse grupo tem o direito/dever histórico de usar todas as formas possíveis de coerção (o que inclui terrorismo e genocídio) para atingir o propósito, a utopia, o paraíso terreno imaginário. É sempre a mesma fórmula básica. Este princípio é tão válido quer estejamos a falar de comissários nazis que acreditam na supremacia do “sangue ariano” ou de comissários marxistas que acreditam na sua própria supremacia de classe [vanguarda].

<u>Supremacia e noblesse oblige</u>. Ao longo da História, qualquer movimento para balcanização teve a sua própria ideologia e o seu próprio *ethos*. Um afrikander aprendia que era "inatamente superior" ao homem negro e tinha o dever racial de o gerir e educar. O mesmo se aplica ao comissário bolchevique ou nazi; eram intelectual e/ou racialmente superiores às classes exploradas, tendo os mesmos deveres – educação, gestão. Este é um tema essencial nos movimentos para balcanização. A promoção de "superioridade", "supremacia", aliado a uma *noblesse oblige* sintética e artificiosa, que justifica a interferência com as condições externas (gestão) e internas (educação) das classes exploradas.

<u>Platão e o asilo mental social, criado a partir de "mentiras nobres" de casta</u>. Este modelo é inerentemente baseado no charlatanismo de Platão, que explicou como manipular toda uma sociedade. Começa-se por dividir a sociedade em três classes: uma classe gestora, uma classe militar, uma classe servil/escrava. Depois, criam-se identidades corporativas para cada uma dessas classes; esse é sempre um exercício baseado em mentiras descabeladas (as "mentiras nobres", mentiras fundacionais da nova ordem social). Portanto, a classe gestora vai ser a "classe do ouro", a melhor e mais perfeita classe que já existiu, terá a sua própria história corporativa inventada, o seu próprio sistema normativo de valores e crenças e por aí em diante. O mesmo acontecerá para a classe militar, que será a "classe do ferro". E, o mesmo acontece para as classes servis, que são essencialmente equiparadas a metais baixos, como o cobre ou o chumbo.

<u>Esquema de Platão exige grupo superior; os *lazy boys* que comem todo o mel</u>. É claro que, embora Platão não seja explícito em relação a isto, todo este exercício implica que existe uma quarta classe acima de todo este asilo mental social; essa é a classe que tem de dar início ao processo de identitarização e corporativização e, assegurar a sua permanência ao longo do tempo. Em boa linguagem cripto-socialista, é a classe dos apicultores: aqueles que preparam a colmeia, cultivam-na, cuidam-na e, no final, comem o mel.

**!** .

<u>Oligarquia britânica faz de balcanização uma arte</u>. A geração actual de ideologia balcanizante tem as suas origens nas tácticas divisionistas do Império Britânico, que apostou nesta táctica pelos cinco mares e pelos cinco continentes. Onde quer que houvesse uma população sentada em cima de recursos, isso queria dizer que estava à espera de ser balcanizada e dividida, de forma a sair do caminho desses recursos. Esta táctica foi aplicada ao longo de todo o Império. Dividir anglos contra francófonos no Canadá; hindus contra muçulmanos e depois hindus contra outros hindus, na Índia; chineses contra malaios; sul-africanos contra sul-africanos; tribo contra tribo; e assim sucessivamente.

<u>Ex. África do Sul: Usar apartheid, depois descartá-lo, criar apartheid negro [soft]</u>. Enquanto os *afrikanders* estavam a policiar os nativos da África do Sul e, a mantê-los

sob trabalho forçado nas minas de ouro e diamantes, os *shareholders* da City continuavam a assinar os seus contratos e a ganhar os seus dividendos. Mais tarde, esse sistema deixou de ser apropriado. Portanto, foi invertido, pelos mesmos *shareholders*, que tinham passado a ser convictamente "anti-racistas". Agora, a população negra podia perseguir os antigos capatazes e ser ela própria subdividida em novas castas de mestres/escravos.

Os peões são comidos, os cavalos e o rei também, mas o *chessmaster* é o mesmo. Os proprietários continuam a ser os mesmos. Mas, no terreno, vão havendo mudanças de peões, incidentes dramáticos, aparências de mudança. Tudo isso facilita bastante o trabalho de uma oligarquia que saiba o que está a fazer.

O mindjob à "oligarquia negra": crescer a admirar Rhodes e Smuts, para *agir* como eles. É bastante sintomático (e trágico) que os actuais líderes negros da "África livre" sejam doutrinados para a *admiração* de figuras como Cecil Rhodes, Jan Smuts ou os vários membros do Milner's Kindergarten. É esta colecção de personagens que funda a União da África do Sul e que dá origem às suas práticas administrativas: esclavagismo, misantropismo, fraude e exploração como *raisons d'État*. É esta colecção de personagens que antagoniza os filhos dos Boer contra as tribos negras e os utiliza para organizar uma casta de capatazes *afrikander* sobre todo o território. Que esta colecção de personagens seja admirada pelas novas gerações de líderes africanos, é algo que expressa bem o carácter dessas novas gerações: não são africanas (nem se consideram como tal) e não têm a capacidade para liderar.

**" # #$ .**

O exemplo do mundo muçulmano – a distorção identitária de Shia e Sunni. Em muitas outros casos, a táctica foi aplicada em terras situadas fora do Império formal. Um caso notável, com implicações graves para os nossos tempos, é o do mundo muçulmano.

Império utiliza redes locais de intelligence para subversão de Sunni e Shia. Aí, a política britânica foi a de, a partir do início do século 20, incentivar a criação de grupos terroristas ultra-identitários, com base numa interpretação legalista extrema da *sharia* e na legitimação do uso de terror para atingir a utopia, o paraíso terrestre. O Império recorreu às suas redes de intelligence no terreno, vários grupos de Ikhwan. No mundo Sunita, isto são essencialmente as seitas wahabbi e grupos de origem Sufi ("sunitizados") como a ordem Senussi, na Cirenaica líbia. No mundo Xiita, isto corresponde a vários grupos Fedayeen, liderados por mullahs e da'is que, na prática, são teologicamente Ishamilis.

Ideologias sintéticas e grupos terroristas. A promoção de ultra-identitarismo exigiu a criação de ideologias sintéticas. No mundo Sunni, isto assumiu a forma de uma interpretação legalista da sharia, combinada com supremacismo racial Árabe (particularmente perante Negros e Persas), para além da legitimação do recurso a *jihad*

(guerra e terror) para trazer a utopia, o Califado unificado. Esta teologia é desenvolvida por agentes britânicos como al-Afghani e al-Banna e é a base ideológica da Irmandade Muçulmana (IM), organizada nos anos 20 pelo Arab Bureau de Sir Arnold Toynbee, para ser a versão árabe dos Carbonarii. A IM vem a tornar-se na principal força sócio-política no mundo sunita, com ramificações em governos, forças armadas e múltiplos grupos-fachada, aos mais variados nível. É também da organização que surge toda uma série de grupos e falanges terroristas ao longo das décadas, com destaque para a actual al-Qaeda. A ideologia sintética que foi dada ao mundo Shia é similar. Também é baseada numa interpretação radical, legalista, da lei de Allah, uma adaptação do gnosticismo Ishmaili. Isto é acompanhado de supremacismo racial Pérsico (particularmente face a Árabes) e, da mesma forma, legitima *jihad* Fedayeen como forma de obter a utopia perfeita, o mundo islâmico unificado, sob o reino do 12º Imam. Na verdade, tudo o que os Da'i empregados por Londres tiveram de fazer foi simplesmente impor teologia Ishmaili ao mundo Shia e, complementá-la com identitarismo Pérsico-Iraniano.

Distorção Sunni e Shia, comparável a Cristianismo redefinido por Inquisição/KKK. O resultado de tudo isto foi obscurecer e degradar as duas grandes correntes sócio-teológicas Islâmicas. Uma destas correntes, a Sunni foi, em tempos, uma das grandes promotoras mundiais de racionalismo e civilização. A Baghdad do período Abásida é, muito literalmente, uma das grandes cidades da história humana. Os produtos finais deste trabalho obscurantista são comparáveis a algo como ter o Cristianismo a ser inteiramente redefinido por um consórcio Inquisição Espanhola/KKK (os pós-modernistas, primos ideológicos de ambos os grupos, adorariam isto, já que este é o rótulo que tentam colocar sobre o Cristianismo).

**% & ’ ( .**

As "revoluções liberais" do Midlands – guildas, balcanização, colonialismo "soft". Alguns grandes bancos, como o Barclays ou o Barings ganharam a desmerecida reputação de terem sido forças de liberdade constitucional na Europa. Sempre que estas entidades usavam o poder do ouro para conduzir revoluções liberais na Europa, isso não feito para libertar os países em causa, mas sim para instalar o seu próprio domínio semi-colonial sobre esses países, através de um elaborado sistema de controlo financeiro e concessões comerciais. Esse é um dos motivos essenciais pelos quais as revoluções liberais ficaram sempre a meio caminho em território europeu. Eram guiadas pelas pessoas erradas, com os propósitos errados. Durante todo o século 19, o activista constitucional genuíno dava consigo a ser guiado e usado como peão por estes interesses de alta finança, e por questionáveis guildas de "homens de honra", que eram patrocinadas por esses interesses, para conduzir as revoluções e para gerir os tecidos sociais no pós-revolução. O "gigante" e o "anão" assumiam controlo sobre a sociedade; e o homem médio era/é gradualmente conduzido de volta a servitude, enquanto era/é persuadido de que nunca foi tão livre. É preciso ter em mente que a única revolução

realmente liberal na História moderna foi conduzida *por oposição* aos interesses corporativos da City, e não sob o patrocínio dos mesmos. Essa é, claro, a Revolução Americana, que foi construída sob pressupostos liberais, democráticos e universalistas. O padrão das revoluções liberais bancárias seguiu a estratégia de balcanização e desmantelamento universal que é definida pelo Foreign Office de Lord Palmerston, ainda durante a primeira metade do século 19.

Século 19, Lord Palmerston usa balcanização para desestabilizar Continente. Os britânicos são mestres históricos no emprego de tácticas de divisionismo. A era em que essa tradição é consolidada é a era de Lord Palmerston, durante o século 19. Esta é a era em que a City financia e organiza toda uma série de revoluções "liberais" na Europa. Isto foi uma forma de estabelecer e solidificar o seu próprio domínio neo-feudal sobre os territórios revolucionados.

Palmerston, chefe da *intelligence* britânica (o "M" muito antes de Milner). Lord Palmerston foi o chefe informal do aparato de estado britânico durante várias décadas, durante as décadas intermediárias do século 19. Foi *o decision-maker* do seu tempo, essencial para a definição das grandes linhas políticas seguidas pelo Império Britânico, durante e após o seu período.

Desestabilizar e fragmentar Continente por meio de choques etno/raciais. Palmerston formula esta estratégia numa época em que uma das prioridades estratégicas essenciais da Grã-Bretanha é a desestabilização e a fragmentação sócio-política do Continente. A ideia de Palmerston foi a de incentivar cisões étnicas pelo Continente fora e de mergulhar a Europa numa dinâmica interminável de guerras de "libertação nacional" (arbitrariamente designadas como "liberais" ou "constitucionais"), com as linhas da frente a serem definidas por identidade étnica, histórica, linguística. Para alcançar este propósito, Palmerston e as cliques oligárquicas que o suportam, incentivam ímpetos identitários extremos, ideologia e etno-racial, ódio e adversariedade. Isso lançaria a Europa Continental numa sucessão interminável de conflitos e massacres étnicos.

Particionar Europa em estados étnicos, frágeis, dependentes da finança britânica. A estratégia também permitiria particionar o território europeu ao longo de linhas étnicas, em estados etno-raciais, que seriam pequenos, frágeis, facilmente controláveis pelos interesses comerciais e militares da City.

Estratégia executada por apoio de *intelligence* britânica a falanges etno-terroristas. A estratégia foi habilmente executada pelos serviços secretos da Coroa, os SIS, a trabalhar em conjunto com a City e com o Foreign Office (e isto é o núcleo central da *intelligence* britânica; tudo o resto deriva daqui). A medida essencial foi a de patrocinar multitudes de grupos étnico-terroristas, literais falanges proto-fascistas. As múltiplas falanges patrocinadas por Londres nesta altura foram quase todas "juventudes", dos Young Italians aos Young Serbs aos Young Poles e por aí fora.

Carbonarii et al – Redes proto-fascistas com valências terroristas e de intelligence. O *benchmark* para estes grupos são os *Carbonarii* de Giuseppe Mazzini: um grupo

terrorista disciplinado, subserviente a Londres, organizado numa rede de círculos concêntricos, interconectante com vários outros grupos e sociedades (de parceiros, nalguns casos, de idiotas úteis, noutros casos). Os grupos patrocinados por Londres eram algo como uma mistura entre Abwehr e SA: serviços secretos militarizados e bandos terroristas de rua num só. Com efeito, os grupos criados por Londres são os precursores directos das organizações fascistas do século 20. É desta fase de desestabilização crónica e disseminação de identitarismo sintético que vêm a surgir os identitarismos Fascistas do século 20, com o seu “Blut und Boden”, “ein Reich ein Volk” e assim sucessivamente.

Estratégia lança Continente em guerras civis, motins, ataques terroristas. Em parte, estas iniciativas terroristas alcançaram os efeitos pretendidos por Londres, sendo decisivas para lançar a Europa num mar de terrorismo, assassinatos políticos, motins, guerras civis, partições etno-territoriais. Os estados que daí resultavam eram frágeis, inseguros, dependentes do exterior. Essa terra queimada era depois adquirida por Londres, através de empréstimos bancários irreparáveis ou de empreendimentos comerciais.

**) ( & * .**

A táctica de Palmerston alimenta racialismo e nega estado-nação universalista. A estratégia de Lord Palmerston foi determinante para distorcer e desvirtuar o ideal Renascentista do estado-nação moderno, um espaço universalista, não dependente de variáveis etno/raciais. O cidadão nacional era aquele que aceitava participar dos direitos e dos deveres do estado de direito – ponto. Um dos efeitos essenciais da estratégia de Palmerston foi o de equacionar racialismo e divisividade étnica com nacionalidade e soberania territorial.

**+ & " ( , .**

Tribalismo étnico e pseudociência supersticiosa (“*nação étnica, raça, sangue,destino”*). Este é um retorno a velhos padrões tribais, sempre latentes na vida europeia, sob uma frágil camada de civilização. Esses padrões estavam remetidos aos domínios do mero *folk* e não tinham expressão política significativa antes do patrocínio britânico. Eram (correctamente) vistos como demonstrações de superstição e tribalismo mas, de repente, começam a ter o patrocínio de instituições académicas britânicas. Esta é a era em que Herbert Spencer, que na altura dominava a Royal Society, dá “credência científica” à ideia de “nação” como assente em princípios raciais “científicos”. A “nação” spenceriana é um veículo da *raça*, do *sangue colectivo* no encontro ao seu *destino*, na grande *selecção* darwiniana para a *sobrevivência dos mais aptos*.

Darwinismo spenceriano, eugenia, racismo científico, tentam redefinir estado-nação. A nação de Spencer tem o *direito* e o *dever* de purgar o seu espaço territorial de todo o *mau sangue* – o etnicamente extrâneo e o doméstico. Tudo isto era uma mera expressão

da mentalidade da oligarquia britânica; eugenia, racismo científico, darwinismo social, são meras racionalizações pseudocientíficas do velho racismo de classe que é endémico a esta oligarquia. Sob a colaboração de Charles Darwin e, secundado pelo militantismo de Francis Galton, Herbert Spencer torna-se o grande fundador da mentalidade eugénica – entendida enquanto "campo científico" – na Grã-Bretanha. Em breve teria seguidores por toda a Europa, em particular na Alemanha. Meio século depois, a Sociedade para Higiene Racial de Ernst e Rüdin será tão ou mais importante que a Sociedade Eugénica Britânica, ou que Cold Springs Harbor, o empreendimento Rockefeller/Harriman de New Jersey.

Desestabilizações étnicas são precedentes essenciais para Fascismo do século 20. Com efeito, é nesta identificação "científica" (na verdade, total e completamente pseudocientífica) entre divisividade étnica e soberania territorial que encontramos as raízes para a mentalidade Fascista de ver a "nação" como um espaço etno-identitário limitado, um espaço definido por identidade étnica, histórica, linguística; mas, mais que isso, um *gene pool* fechado e auto-contido. Quando Palmerston exporta revolução, faz o que os britânicos fazem sempre: exporta também uma ideologia sintética, desumanizante e destrutiva – a habitual exportação da fealdade intrínseca ao *establishment* gnóstico da Grã-Bretanha. Toda a desestabilização é conduzida pela promoção de grupos proto-fascistas que iriam ser, eles próprios, instrumentais na difusão de ideologia etno-eugénica e na criação das redes institucionais que iriam dar origem à ascensão do Fascismo durante o século 20; o caso de Mazzini e dos Carbonarii é aqui paradigmático. Sem as desestabilizações do século 19 e, sem o eugenismo étnico que é exportado através destas desestabilizações, teria sido bastante mais complicado para as mentalidades racialistas europeias alguma vez saírem do armário da guilda.

Influência anglo sobre etno-extremismo Nazi, com pessoas como Chamberlain e Grant. Esta influência do eixo anglo no incentivo a divisismo étnico Continental continua a funcionar durante todo o século 19 e, com efeito, durante a primeira metade do século 20. Por exemplo, é Houston Stewart Chamberlain, o burocrata medíocre, que explica ao povo alemão que, não se limita a ser *ariano* (essa conclusão já tinha sido atingida por Gobineau) mas que essa condição o torna *superior* a todos os outros, dotado da missão de iluminar o mundo para uma *nova era* de limpeza do *gene pool* humano [é também do trabalho de Chamberlain que vem muito do actual charlatanismo *new age*]. Mais tarde, a própria definição geográfica do "Lebensraum" (territórios germânicos e uma porção do Leste) é inspirada aos fascistas alemães por Madison Grant, o chefe do *braço americano* da British Eugenics Society, a American Eugenics Society (*com efeito, não é uma organização americana, mas sim o braço americano de uma organização inglesa*). Grant escreve The Passing of the Great Race em 1916, onde incentiva a Alemanha a concretizar o seu *destino* racial; Hitler descreveria o livro de Grant como a sua "bíblia". Chamberlain e Grant são apenas dois exemplos entre muitos outros. De um conjunto de reuniões provocatoriais entre idosos pervertidos em clubs londrinos chega-se à mentalidade do "ein Volk, ein Reich", do "Lebensraum", e do "Blut und Boden". Tudo na vida tem consequências.

## *Identitarismo multicultural (1) – The Cuckoo's Nest Identity*

! " # $ % $ $

---

& ’ ( .

Governo constitucional erodido e ocupado por interesses particulares. Durante as últimas décadas, com aceleração drástica desde os anos 70, as democracias liberais ocidentais passam por uma revisão drástica do conceito do que é, e deve ser, um governo. A noção de governo constitucional é gradualmente erodida sob a pressão de grupos de interesse (e.g. consórcios financeiros e empresariais, organizações da sociedade civil). As instâncias de governo passam a ser entendidas como um fórum multilateral para diferentes grupos de interesse disputam (ou colaboram entre si para obter) estatutos legais diferenciais, rendimentos públicos assegurados e o usufruto de tranches de poder público, sob estatutos público/privados.

Domínio público universal deixa de existir – sob disputa, aquisição e concertação de particulares. O espaço público passa, por conseguinte, a ser o domínio de disputa, aquisição e concertação por parte de diferentes grupos de interesses particulares. Isto assinala, claro, a distorção do conceito de domínio público. O domínio público é *definido* por universalidade e por equidistância: é o espaço onde todos os particulares, pequenos ou grandes (a universalidade), usufruem dos mesmos exactos direitos e liberdades. As suas instâncias de governação têm, por conseguinte, de exercer os seus papéis (legislação, arbitragem de relações) num espírito da mais estrita isenção e imparcialidade. A única parcialidade admissível é aquela que é devida ao *ethos* de igualdade universal que é constitucionalmente ordenado.

O estado de direito é substituído por um estado corporativo, público/privado. Quando o domínio público se torna um espaço de disputa, concertação, aquisição, por parte de diferentes grupos particulares, estamos perante aquilo que já não é um estado de direito, mas sim um estado corporativo. Por outras palavras, é um estado onde o poder público é adquirido por diferentes

segmentos sociais e corporações (corpos, ou *corpores*). Esses poderes *particulares* assumem o controlo sobre o poder *público*, fundindo ambos os domínios em poder público/privado que, na prática, representa um complexo de puro e simples ***poder***. Quando isto é feito, os vários grupos particulares que fazem a *tomada de poder* sobre o domínio público são livres para se concertar entre si e ditar condições sobre a universalidade dos particulares (indivíduos, famílias, empresas, associações, etc.) Esta é a essência definidora do estado corporativo.

Estado corporativo tende a redundar em totalitarismo. Nas suas formas mais extremas, o estado corporativo torna-se um espaço de concertação plena (fusão) entre todos os agentes que assumiram o poder público, e dá origem ao estado totalitário. Nesses casos, estamos perante *fascismo corporativo, socialismo tecnocrático, sovietismo comunista, mercantilismo integrativo*. Todos representam o *estado corporativo total* e são essencialmente idênticos, diferindo entre si em meras questões de pormenor.

"Mercantilismo tecnocrático integrativo". O meu termo favorito para classificar a condição actual é mercantilismo tecnocrático integrativo, porque é o que melhor expressa as relações de poder aqui presentes: conglomerados mercantis multinacionais assumem controlo sobre a sociedade e repartem diferentes tranches do poder público por subsidiárias (empresas, fundações, ONGs, etc.) para obter gestão tecnocrática de território, recursos e populações.

" ) .

Fusão de poder público com poder privado origina mero ***poder***. A fusão de poder público/privado inaugura a ascensão de mero ***poder***, que é exercido por alguns particulares sobre todos os restantes.

Comunitarismo, recursos comunitários, a sociedade como espaço de gestão privada, despótica. Como já não existe distinção entre domínio público e domínio privado, é entendido que todo o espaço social é *comunitário*, i.e. detido em *comum*, significando que toda a sociedade, os seus recursos, meios e populações, passam a ser recursos comuns, a ser geridos pelos novos detentores de poder e pelos seus agentes subsidiários; *comunitarismo*. A sociedade é um espaço de ***gestão***. Estamos no domínio do *managerial state*, nos moldes que são explicados por James Burnham, "The Managerial Revolution" (1947). Isto, claro, é despotismo.

Governo comunitário, despotismo e alocações subsidiárias de poder e de riqueza. Os novos detentores de poder tornam-se os proprietários da sociedade e gerem a distribuição de alocações de poder, de riqueza e de funções sociais por meio do princípio de subsidiariedade. Por outras palavras, quem quer operar na comunidade tem de o fazer sob autorização, sob licença, dos novos proprietários; representados por agências de governo comunitário. Em tudo isto, é preciso manter em mente que o estado corporativo, ou comunitário é, por tendência, um estado despótico; um estado policial.

Sob comunitarismo, ninguém tem direitos assegurados. O rationale *comunitário* implica que *nenhum particular tem quaisquer direitos assegurados* (ou *inalienáveis*) sejam eles de natureza política, social ou económica. É o contexto pragmático de gestão de recursos comunitários que define que direitos são ou não admissíveis e, para quem. Gestão de empresas, aplicada à sociedade no seu todo. Como tal, todos os direitos são temporários, contextuais, passíveis de revisão e de negação. Ninguém tem quaisquer garantias asseguradas à integridade da sua vida, liberdade, auto-determinação, propriedade. Tudo depende do contexto de gestão.

O padrão que nos leva de volta à URSS, à Alemanha Nazi e ao Império Romano. Este é, claro, o padrão do absolutismo, algo que nos leva de volta aos regimes totalitários do século 20, mas também ao padrão de absolutismo que é comum aos absolutismos iluminados europeus, aos impérios feudais e aos despotismos da Antiguidade.

% % * ( +, -.

Corporativismo usa população contra si mesma, regimenta-a em corporações identitárias. Todos os estados corporativos tendem a favorecer a corporativização identitária da população, pela qual a população é regimentada em diferentes grupos de acção, organizações cívicas, para o estado corporativo. Esta é uma forma de usar o poder de organização das massas populacionais contra si mesmas; colocar a pessoa comum a operar em contexto colectivo, em prol do estado corporativo.

Segmentos sociais, identidades segmentárias, organizadas à volta da "identidade comum". Para esse fim, a sociedade é *segmentada* em diferentes clusters sócio/culturais, aos quais chamarei de segmentos sociais. Cada segmento é representado por um conjunto de organizações cívicas, de pertença inicialmente voluntária, eventualmente *obrigatória*. Existem segmentos étnicos, religiosos, etários, sexuais; etc. Cada qual recebe a sua própria identidade sintética, a sua própria disciplina de corpo, as suas próprias doutrinas internas. Cada um destes segmentos é, desta forma, cristalizado à volta de uma identidade segmentária própria, mas todas as identidades segmentárias são organizadas à volta de uma "identidade comum" (o "povo proletário", a "nação", o Volkgeist, etc.)

Serviço comunitário, de trabalho forçado a espionagem e controlo social. As organizações cívicas são usadas no contexto do estado corporativo para levar a cabo os mais variados serviços comunitários, i.e. funções integradas na gestão do espaço comunitário. Esses serviços implicam normalmente a subgestão especializada deste ou daquele domínio da vida comunitária. Isto implica que estas organizações têm de manter os seus respectivos segmentos populacionais sob controlo, mas também que podem receber funções específicas de gestão desta ou daquela parte da vida sócio/económica (e.g. organizações profissionais). Outros serviços comunitários podem incluir funções como espionagem civil e trabalho comunitário compulsivo ("voluntariado obrigatório").

Arbeitsdienst e o soviete cultural. Isto é a organização cívica urbana, a *corporazione* religiosa, o soviete étnico, a Hitlerjügend, as organizações de Arbeitsdienst para rapazes e raparigas, etc.

**, . / .**

Transição ocidental para comunitarismo abre portas a padrão identitário totalitário. O anteriormente descrito é a forma final de corporativização identitária sob comunitarismo pleno; o padrão que é encontrado sob regimes totalitários. A transição do mundo ocidental para comunitarismo abre as portas à entrada de um padrão deste género, no médio ou no longo prazo. É concebível, senão altamente provável, que um tal padrão venha a ser sistematizado em várias partes do mundo ocidental no futuro próximo.

A "comunidade" como slogan para uma identidade comum. Em tais instâncias, é expectável que a "identidade comum" à volta da qual esse padrão venha a ser organizado seja a da "comunidade"; todos juntos, a remar para o mesmo lado, em prol da comunidade que nos une a todos. Esse é, aliás, o mote geral de muitos movimentos (empresariais, ONGistas) que têm vindo a destacar-se na actual transição comunitária, para promover segmentação e cristalização identitária.

Porém, real meta-identidade comum reside em desconstrução social radical. No entanto, a dinâmica de segmentação que tem vindo a ascender de tudo isto é uma de partição, fragmentação sócio/cultural ao longo de linhas ideológicas, étnicas, religiosas, entre outras. Embora o slogan que guia muito disto possa ser o da "união comunitária", a realidade meta-identitária que está aqui presente configura um complexo conceptual que é caracterizado por desconstrução, dispersão, conflito, fragmentação social radical. Vou tentar explorar o tipo de construção que subjaz à actual deriva identitária.

**!" # $ % $ $**

**0 / % $ .**

Sociedades ocidentais assumem gestalt identitária: cristalização, sectarismo, ante bellum. Ao longo das últimas décadas, com aceleração drástica nos últimos 5/10 anos, as sociedades ocidentais vieram a assumir a configuração do identitarismo. Isto significa que o panorama sócio/cultural das sociedades ocidentais tem vindo a sofrer a transição gradual para uma

segmentação, uma partição radicalizante, de partes significativas da população; ao longo de linhas que são ideológicas, étnicas, culturais, religiosas, sexuais, ou até profissionais. Neste processo, existe a formação, a cristalização e a radicalização de diferentes clusters identitários. Existem blocos, alianças e rivalidades entre segmentos identitários, numa configuração geral de sectarismo e *ante bellum*.

“Multiculturalismo”, “tolerância” (slogans) – porém, respeito mútuo e tolerância são ______. De modo particularmente preocupante e cínico, tudo isto está a ser feito sob o slogan de multiculturalismo e implementação de tolerância. Como procurarei mostrar, a tolerância e o respeito mútuo (no domínio cultural como em qualquer outro) são *mortos* por este processo.

**! " 1 $ % .**

Identidades colectivas sintéticas e despersonalização individual. Nesta dinâmica, grupos populacionais inteiros aderem a segmentos identitários que são definidos por identidades colectivas sintéticas. A identidade de cada segmento define por igual todos os indivíduos nele incluídos. Este fenómeno é *per se* despersonalizante. É esperado do indivíduo que dilua a sua própria individualidade na identidade colectiva; isso é facilitado pelo uso de técnicas de pressão social, como o T-group.

Identidade ®: personalidade, crenças, gostos, história pessoal colectiva, “destino comum”. A identidade colectiva consiste, em essência, de uma colecção de estereótipos e de lugares-comuns. Existem traços personalísticos *standard*, crenças normativas, preferências culturais politicamente correctas, slogans fáceis. Existe ainda uma “história comum oficial”, que define todos os membros (uma “história pessoal colectiva”), e também um “destino comum”, que todos devem almejar e para o qual todos devem lutar.

Identidade ®: “História comum”, “inimigos históricos” e mais nonsense despersonalizante. A “história comum oficial” é geralmente obtida a partir da ultra-simplificação estereotípica da História e definida por oposição a um ou mais outgroups, os “inimigos históricos universais”. É gerado um estado de conflitualidade geral, que passa por demagogia histórica, slogans incendiários, jogos de culpabilização mútua. Existe a retórica da “dívida histórica”, pela qual um ou mais outgroups são “devedores históricos” ao ingroup, o “credor histórico”. Tudo isto é, por sistema, baseado em interpretações simplificadas e enviesadas da História. Mas, mais que isso, é um exercício que está intimamente radicado em generalização abusiva; indivíduos são rotulados como “vítimas” ou como “agressores” por associação ilegítima a colectivos imaginários.

Comunicação torna-se anestesiada, paranóica, ultra-sensível – o ninho de cucos. Tudo isto tende a quebrar a comunicação entre pessoas. Pessoas que já não são pessoas, mas sim representantes de colectivos virtuais, tornam-se algo como representantes de relações públicas para esses colectivos. É gerado um ambiente de paranóia e de susceptibilidade extrema, na qual cada qual

tem de demonstrar “respeito” e “sensibilidade” pela identidade colectiva do outro. Uma “conversação segura” é uma que é mantida num patamar anestesiado, não-ofensivo, não-comprometedor. Por outras palavras, um ninho de cucos para tolos despersonalizados.

Estatutos legais de excepção (balcanização legal) e representação em governo (comunitarização). Com frequência, os segmentos colectivos usufruem dos seus próprios estatutos legais de excepção e de poder de representação directa nas instâncias governativas. Esta segunda instância é particularmente grave, sendo algo que acompanha a tendência de comunitarização geral da sociedade (por outras palavras, a tomada de poder do domínio público por interesses particulares). O mesmo acontece com a primeira tendência, a obtenção de estatutos legais de excepção. Balcanização legal por segmentos populacionais é sempre o prelúdio para outras formas de balcanização, e.g. territorial.

Código moral colectivo pragmático – *bem* e *mal* definidos à imagem do colectivo. Existe um código moral colectivo, com a redefinição utilitária dos conceitos de *bem* e de *mal*. Boas acções são todas aquelas que avançam os propósitos do colectivo; más acções são aquelas que prejudicam o avanço desses propósitos.

A vitória no “futuro comum” passa pela subjugação de outgroups. Alcançar o “futuro melhor comum” é o propósito fulcral. Isso é algo que, por norma, é obtido pela subjugação (por vezes, pela purga) dos outgroups rivais.

Orgulho e preconceito num mundo tétrico de blocos, colectivos, estereótipos. O mundo é visto como um espaço tétrico de grupos e de blocos, de colectivos. Existem colectivos aliados, existem colectivos rivais. Tal visão do mundo é definida por estereótipos de grupo e pelos seus produtos óbvios – orgulho e preconceito. Existe orgulho na pertença ao colectivo virtuoso e preconceito contra todos aqueles que podem ser rotulados (estereotipados) como pertencentes a colectivos perniciosos.

Autismo identitário não reconhece indivíduos, apenas objectos de rótulo. Em tal visão do mundo, uma visão colectivista, não existe grande espaço para o indivíduo. A pessoa que interiorizou a visão identitária do mundo tende a ver o mundo por essas mesmas lentes identitárias, como um espaço onde todos são definidos por estereótipos colectivos arbitrariamente atribuídos. Isto significa que o *indivíduo* tende a não ser visto como tal, mas sim como um portador de traços estereotípicos que o incluem neste ou naquele colectivo ad hoc. Esta visão autística do mundo e da vida humana resulta, claro, em padrões de acção profundamente despersonalizantes; até violentos.

Oposição ao ethos de igualdade universal, que é a precondição para liberdade e tolerância. A ortodoxia oficial do identitarismo é definida por oposição ao ethos de igualdade universal entre seres humanos. O princípio de igualdade universal humana é, claro, o princípio *sine qua non* para a existência de uma sociedade livre, democrática e tolerante. A tolerância entre seres humanos só é possível na acepção de que todos somos criados iguais e de que *cada indivíduo é um indivíduo*

*único na universalidade humana*, a ser avaliado pelas suas próprias acções, méritos e características individuais.

…abre portas a irracionalismo: estereotipagem, formação de preconceitos. Quando as pessoas abdicam deste *ethos*, começam a avaliar os restantes seres humanos com base no livre exercício de estereotipagem e de formação de preconceitos.

…e a supremacismo identitário, regimentação colectiva, belicismo. Quando se entra nesta forma de irracionalismo, com a atribuição arbitrária de valor a indivíduos por estereotipagem e preconceito, o que se obtém é uma ou outra forma de supremacismo identitário. Algumas pessoas são *mais iguais* que outras. Alguns são superiores, outros são inferiores; eventualmente, os superiores têm o direito a exercer poder coercivo sobre os inferiores. Esta mentalidade supremacista é uma componente essencial em radicalismo identitário. O outgroup rival (e isto inclui todos os indivíduos que nele são arbitrariamente incluídos) não é um mero "inimigo histórico"; é também "inferior". Acção violenta e coerciva é essencial e indispensável. Isso exige disciplina de corpo e regimentação colectiva contra o adversário. Belicismo e guerra.

Mentalidade bélica e fascista ensinada a crianças de hoje, para criar adultos monstruosos. Tudo isto é particularmente preocupante quando esta mentalidade, bélica e fascista, é ensinada às crianças de hoje, que são os adultos de amanhã. Crianças educadas sob esta forma de irracionalismo serão adultos irresponsáveis, imaturos e violentos.

Das SAs às ONGs comunitárias sob comunismo. Esta é a mentalidade das Stürmabteilung. É também a mentalidade dos gangs ideológicos adidos à Cheka, nos primeiros tempos da Rússia Soviética. É a mentalidade dos Guardas Vermelhos de Mao. É a mentalidade dos Squadristi de Mussolini. É a mentalidade das ONGs comunitárias lançadas em missões punitivas sob Castro.

**! " $2 3 4 /% .**

[***Ler notas sobre Engenharia Psicossocial***]

O papel central de Tavistock (SIS), WFMH, NTL, Michigan. O terreno para a actual deriva identitária começa a ser preparado no pós II Guerra por organizações como o Tavistock Institute de Londres, a Universidade de Michigan, os National Training Laboratories (EUA) ou a World Federation for Mental Health, sob a direcção de homens como Kurt Lewin, Rawlings Rees, Edgar Schein e Warren Bennis. O Tavistock Institute of Human Relations merece aqui um destaque especial, por agir como fulcro desta constelação organizacional, ao mesmo tempo que é o centro de guerra psicológica para os SIS, os serviços secretos da Coroa britânica.

Estudo de regimentação Nazi, reeducação Comunista, para implementação. Estes complexos de interesses estudaram os sistemas de organização colectiva dos regimes totalitários, com particular ênfase na regimentação social Nazi e nas técnicas de reeducação comunistas. É claro

que esse interesse não foi apenas académico. Muitos acreditam que Kurt Lewin estudou o fenómeno da estereotipagem e formação de preconceitos com vista a encontrar formas de prevenir estes fenómenos; e nada podia estar mais longe da verdade. Lewin estuda estes fenómenos para desenvolver *técnicas de implementação sistemática*, para a organização da sociedade em grupos identitários.

O ninho de cucos: o exemplo do T-group [do campo de reeducação para a escola]. É deste complexo organizacional que surgem todas as bases teórico/práticas para a reformulação da sociedade num ninho de cucos identitário. Vital em tudo isto é a técnica do T-group, um formato de reeducação e radicalização de grupo por meio do uso calculado de pressão de pares. O T-group é uma adaptação directa das técnicas de lavagem cerebral e despersonalização na altura a ser praticadas pelos comunistas. Enquanto POWs americanos eram torturados desta forma por comunistas chineses na Coreia, Bennis, Schein e outros desenvolviam uma versão “soft” do método para implementação em todo e qualquer contexto, da escola ao grupo de formação profissional à ONG.

O ninho de cucos: “The Futures We Are In”, segmentação social a larga escala. Nos anos 70, o Tavistock publica “The Futures We Are In”, onde explica que o futuro seria marcado pela desintegração calculada das sociedades ocidentais. Isto aconteceria sob uma tempestade concertada de pressões e de choques. Aí, o que aconteceria, explica o Tavistock, seria que a sociedade tenderia a partir-se e a fragmentar-se (a ser segmentada) à medida que as pessoas se fechariam em si mesmas e umas para as outras. Durante todo esse processo, bastaria facilitar o processo de segmentação; de radicalização. E é claro que tudo isso seria mais um factor determinante na desintegração da sociedade.

**! 5 " 6 % $ $ .**

“Comunidade” é o slogan para “identidade comum”. Na Alemanha nazi, toda a sociedade foi radicalizada em vários clusters identitários, subculturas de grupo, organizadas à volta da “identidade ariana comum”. O mesmo padrão é seguido por todos os outros totalitarismos dos séculos 20/21, com uma “identidade comum” *mainstream* que funciona como ápice integrativo dos vários clusters identitários. Na sociedade ocidental contemporânea, a sociedade segmentada de “The Futures we are in”, não existe um tal ápice. A actual deriva para identitarismo e para coesão social integrativa [i.e. totalitarismo] procura definir a “identidade comum” na “comunidade”; todos juntos, a remar para o mesmo lado, e quem não gostar será chicoteado, talvez até atirado borda fora. Esse é o mote geral dos movimentos empresariais, ONGistas e políticos que têm vindo a promover segmentação e cristalização identitária.

Meta-identidade real: fantasia, reciclagem, desconstrução e destruição. Porém, a dinâmica *real* de segmentação que ascende de tudo isto não é uma de união comunitária, mas sim uma de desconstrução, dispersão, conflito, fragmentação social radical. Segmentação não serve para

chegar ao *fascii* universal, mas sim para segmentar *per se*. Os clusters identitários actuais são (sejam facialmente aliados ou rivais), irmãos de armas na destruição da velha ordem e na conjuração da nova ordem; uma entidade dispersa, caótica, desorganizada, conflituante. A meta-identidade aqui presente é uma de desconstrução, destruição. Mas é também uma de virtualidade e de reciclagem, com a reciclagem e a reinvenção do self por meio de papéis, de histórias e de narrativas que são eles próprios fantasiosos e reciclados.

A sociedade tecnetrónica, que desmantela e é desmantelada [Brzezinski]. É esse que é o Volkgeist da era, algo a que Brzezinski aludiu ao de leve quando escreveu “The Technetronic Society”, no final dos anos 60. A sociedade tecnetrónica é aquela que faz o processo de transição para a nova ordem, a desmantelar e a ser desmantelada. A nova ordem é algo que eventualmente consistirá num género de tecno-feudalismo, que será tendencialmente organizado por domínios tribais e por cidades-estado.

## ***Identitarismo multicultural (2)*** *– Desindividuação, estereotipagem, preconceito – segmentação social*

***indivíduo***

Tolerância real exige respeito por ***indivíduo***, como ser *único* e igual. O respeito real pelo próximo só pode surgir quando as pessoas são vistas, e se relacionam entre si, como indivíduos. A solução para a resolução de quaisquer questões de ódio de classes e de grupos está na difusão do *ethos* liberal e democrático, pelo qual cada indivíduo é considerado um indivíduo, único, a ser visto e definido enquanto tal, e não enquanto um ser despersonalizado, despojado de individualidade, definido por estereótipos grupais/sociais que, eventualmente, são expressos na forma de preconceito. Nenhum de nós é uma criatura descaracterizada, facilmente encaixável numa *slot* social, terminantemente categorizada por correlação ilusória, com base em determinantes artificiais socialmente definidos. É essencial, portanto, que haja a difusão de bons valores morais, o que inclui o respeito pelo *indivíduo enquanto indivíduo*. A árvore é conhecida pelos seus frutos, e não pela floresta circundante (seja ela real ou imaginária). Todos somos indivíduos: únicos, intrinsecamente iguais e, igualmente capazes de feitos fenomenais.

______________ .

Indivíduo avaliado por categorias sociais, estereótipos, preconceitos (identitarismo). Todos os actos de intolerância têm a sua origem na desconsideração do indivíduo. O indivíduo, uma pessoa única, dotada de traços, personalidade e de uma história própria, é considerado irrelevante enquanto tal e, considerado apenas pela sua pertença a uma dada caixa social rotulável: raça, etnia, religião, classe social, etc. A esta caixa correspondem estereótipos, rótulos identitários de natureza psicossocial e cultural que são atachados à categoria/caixa em si e, a todos os indivíduos que nela estão incluídos. Este é o standard pelo qual o indivíduo passa a ser visto. Ou seja, passa a ser-lhe atribuída uma identidade sintética, de natureza e despersonalizada e colectiva, produzida por meio de estereotipagem. A estereotipagem segue-se, claro, preconceito, seja ele positivo ou negativo. Isto significa que o indivíduo pode ser naturalmente ***bom*** porque tem esta ou aquela cor de pele, ou porque é deste sexo ou daquela classe social, porque tem ideologia ***x***, vota em partido ***y***, ou tem religião ***z***. Ou pode ser naturalmente ***mau*** por meio de raciocínios inversos.

Estereotipagem e preconceito origina depois impulsos para acção coerciva. Quando a pessoa é assim avaliada como sendo naturalmente ***má***, isso pode dar origem à exigência de espaço para cometer actos coercivos contra ela, por mera virtude desse "facto". Por outras palavras, estamos na presença de irracionalismo e esta é, claro, uma das formas de irracionalismo que, ao longo da História, mais leva à perpetração de atrocidades.

***ethos*** ***ethos*** .

Multiculturalismo rejeita individualidade, impondo identitarismo colectivista. É claro que isto este preceito é rejeitado por toda e qualquer filosofia identitária e colectivista, o que inclui a ideologia multicultural. Todas as formas de intolerância estão radicadas na premissa oposta à da apreciação da individualidade; a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal mas sim enquanto membros de categorias sociais ad hoc.

Na verdade, multiculturalismo deveria ser chamado de ____________.

Multiculturalismo adopta *ethos* da intolerância (colectivismo, segmentação social). A ideia de "multiculturalismo" surge na arena pública como uma proposta para combater o fenómeno da intolerância mas, na prática, perpetua-o, exponencia-o e torna-o ubíquo na sociedade. Isto acontece porque a ideologia multicultural adopta o mesmo *ethos* que alega pretender combater, o *ethos* intolerante. A sociedade é conceptualizada como sendo um espaço de coexistência entre múltiplas categoriais, segmentos sociais. Essas categorias são detentoras de diferentes características culturais, que as tornam mutuamente exclusivas.

Indivíduo só conta como unidade de uma categoria social estereotipada. O indivíduo conta apenas na medida em que pode ser incluído (quer o queira ou não) numa ou mais destas categorias. Visto que cada categoria é artificialmente definida por uma identidade própria (traços distintivos colectivos, arbitrariamente prescritos), o indivíduo é, ele próprio, socialmente definido por essa identidade – é a isto que se chama *estereotipagem*. O indivíduo passa, deste modo, a ser definido por estereótipos identitários/colectivos, que podem ter uma boa ou uma má carga, aos olhos de outros indivíduos. Isto significa que o indivíduo não é apenas descaracterizado e estereotipado.

A estereotipagem é o fenómeno que leva ao preconceito. É também submetido, pela difusão deste mecanismo social, a processos de pré-conceptualização, pré-conceito, ou *preconceito*. Esse preconceito pode determinar que a pessoa seja vista como sendo inerentemente *boa* ou *má* por mera virtude da sua "identidade grupal". Tudo depende do juízo que é feito pelo observador subjectivo. A sociedade passa a ser definida, não por indivíduos, únicos e diversos, mas sim por segmentos e rótulos, por estereótipos e preconceitos.

Multiculturalismo alega combater este *ethos*, mas adopta-o e universaliza-o. Este é o *ethos* que a ideologia multicultural alega pretender combater; porém, adopta-o e, mais que isso, universaliza-o.

.

O indivíduo é irrelevante – só contam segmentos sociais despersonalizados. A ideologia multicultural postula a irrelevância do indivíduo. O indivíduo humano é inconsequente. Os indivíduos não são vistos enquanto tal, indivíduos únicos com características únicas, mas sim como membros despersonalizados de categorias sociais – segmentos sociais. A sociedade é concebida como estando dividida em múltiplos segmentos, que se podem estender virtualmente a todos os domínios: etnia, "raça", género sexual, preferências sexuais, religião, grau de riqueza ou poder social, adesão a esta ou àquela tribo urbana, ou a este ou àquele agrupamento intelectual. Tudo o que interessa são estas unidades colectivas; ultimamente sócio-estatísticas (e, até, contabilísticas). Um qualquer indivíduo só conta – *só pode contar* – na medida em que faz parte de um ou mais grupos sociais. Por outras palavras, o indivíduo não é visto enquanto tal, mas sim como membros da caixa sociológica *a*, *b* ou *c*.

Segmentos definidos por matrizes culturais arbitrariamente prescritas. Depois, a ideologia multicultural pega em cada um dos domínios sobre os quais se debruça e prescreve-lhes uma matriz cultural específica. Isto quer dizer que todos os indivíduos que pertencem a qualquer subcategoria social são definidos por traços culturais partilhados: uma história comum, um sistema normativo de crenças, valores, expectativas e comportamentos, um destino comum a alcançar, etc. Ou seja, o indivíduo não é apenas entendido como o membro despersonalizado de um ou mais segmentos sociais; é também definido por aquilo a que se chama *correlação ilusória*. Ou seja se é predefinido (como, e por quem, é relativo) que a caixa sociológica ***a*** é definida por determinantes psicossociais e históricos ***d***, ***e*** e ***f***, então isso quer dizer que o indivíduo ***x***, que pertence ao grupo ***a*** (é um *representante* do grupo ***a***) tem de ser definido por esses caracteres ***d***, ***e*** e ***f***. O indivíduo começa por ser banido e acaba por ser redefinido como um mero representante despersonalizado de uma entidade sociológica arbitrária (o termo usual é *ad hoc*) e dos seus caracteres *ad hoc*; e, o que é mais interessante, é que talvez não faça a mais pequena ideia disso.

Funcionamento por e por . É claro que, aqui, estamos no domínio da estereotipagem; dos *estereótipos*. Estereotipar é acto de rotular arbitrariamente um indivíduo como tendo por necessidade as características ***d***, ***e*** e ***f***, na medida em que pertence à caixa sociológica *ad hoc* ***a***. É claro que, quando este indivíduo ***x*** é visto *através destas lentes estereotipadas* por outro indivíduo que atribua uma carga (positiva ou negativa) às determinantes ***d***, ***e*** e ***f***, e prossiga para categorizar ***x*** como bom ou mau consoante essa carga, então isso significa que estamos na presença de *pré-conceito*, ou *preconceito* (os preconceitos podem ter carga positiva ou carga negativa). Ou seja, multiculturalismo leva-nos à aceitação objectiva de preconceito.

! " .

Os estereótipos sociais multiculturais são arbitrários e prescritos por ONGs. Mas voltemos um pouco mais atrás, ao exercício de tipagem de categorias sociais *per se*. Isto é, rotular indivíduos por caixas sociais e, fazendo-o, por estereótipos. O grau de absurdo que subjaz a este exercício é por demais evidente. Como é óbvio, não estamos aqui a um nível *descritivo*; não existe uma única "categoria social" cujos indivíduos sejam de tal forma simplificáveis e estandardizáveis. Estamos aqui a um nível puramente *prescritivo*, onde, depois de ser elaborada uma segmentação da sociedade em tranches, é feita a prescrição do modo como essas tranches devem pensar, sentir, agir – é prescrita uma matriz cultural. Esta prescrição é invariavelmente definida pelas fundações, institutos e ONGs que operam a indústria multicultural (é uma indústria).

ONGs também lhes atribuem histórias inventadas e "destinos manifestos". Essas organizações não se limitam a atribuir caracteres mentais e comportamentais aos seus objectos de trabalho, depois avançam para lhes definir histórias comuns (geralmente versões simplificadas, sensacionalistas e pseudocientíficas da história; frequentemente, estamos mais no domínio da fábula do que no domínio da história propriamente dita) e, também, "destinos comuns" que têm, alegadamente, de alcançar. Este é um conceito extraordinariamente perigoso, uma vez que é, sob multiculturalismo, uma forma de versão *smiley* do "destino manifesto" dos credos fascistas.

Vida sufocante da mulher *jazzy* negra, muçulmana, classe média [e os # ]. Sob multiculturalismo, se uma pessoa é mulher, muçulmana, negra, de classe média, e gosta de ambientes *jazz*, isso quer dizer que tem aqui cinco sistemas culturais aos quais (talvez não o soubesse – esperançosamente não) é dito que deveria aderir. Isto inclui, claro, o seu sexo e a sua cor de pele. É isso que lhe será dito pelo tipo de personagem que pulula os ambientes institucionais da indústria multicultural. Por virtude de ter nascido com cromossomas XX em vez de Y e com um determinado grau de melamina, isso quer dizer que deveria ter/adoptar um sistema mental e comportamental colectivo e partilhado com todas as restantes mulheres e, com todos os restantes indivíduos negros (e, eventualmente, haverá algum sistema intermédio elaborado especificamente para mulheres negras). E, seja como for, é pouco provável que essa mulher possa ser todas estas coisas ao mesmo tempo. A algum ponto, vai provavelmente ser confrontada com a polícia cultural do multiculturalismo (a polícia de modéstia *sharia* neste padrão cultural) com o "facto" de que tem de abdicar de alguma das suas várias facetas individuais em nome de aceitação na framework psicótica destes *sugar mullahs*.

Caixas sociais *custom-designed* para grandes *clusters* populacionais. Ou seja, aqui está o teu pequeno lugar-comum, a tua matriz cultural, a tua pequena caixa social, *custom-designed* para ti; agora encaixa-te. Porquê? Porque nós queremos; é "tolerância".

**$** .

Despersonalização auto-imposta, estereotipagem e preconceito. Quando a pessoa comete o acto sacramental de aceitar incorporação numa caixa social, no seu pequeno

asilo culturológico *custom-designed*, o que acontece é que está, *de facto*, a abdicar de uma parte muito significativa da sua identidade individual em nome de pertença a uma colectividade que é largamente (se não essencialmente) imaginária. A pessoa não só aceita a sua própria despersonalização, como começa também a avaliar o mundo em redor pelo *standard* da categorização por caixas e por estereótipos. A estereotipagem segue-se, claro, preconceito, seja ele positivo ou negativo. Isto significa que algumas pessoas vão ser naturalmente ***boas*** porque têm esta ou aquela cor de pele, porque são deste sexo ou classe social, porque têm ideologia ***x***, pertencem a partido ***y***, ou têm religião ***z***. Outras vão ser naturalmente ***más*** por meio de raciocínios inversos. Por outras palavras, estamos na presença de irracionalismo e esta é, claro, uma das formas de irracionalismo que, ao longo da História, mais leva à perpetração de atrocidades.

<u>Despersonalização na identidade colectiva sintética e no grupo "representativo"</u>. A pessoa despersonaliza-se voluntariamente, de forma a obter integração na identidade miópica da sua própria caixa social (ou caixas sociais). Esta identidade prescreve crenças, valores, normas, comportamentos. É um espaço de alienação e de despersonalização. O indivíduo abdica de partes significativas da sua identidade prévia (aquelas que são incongruentes com a nova identidade) e *renasce* no grupo, como uma parte integrante deste "corpo colectivo" imaginário. É claro que pode passar a pertença colectiva ao mundo real, quando se junta a um qualquer grupo, associação, ONG, ou até a um gang. Aí, estará junto dos *seus*, daqueles que lhe são *iguais*, protegida daqueles que são *diferentes*. Bambi retorna à floresta verde, onde pode conhecer Bambo e pastar feliz para sempre. Tudo isto é bastante infantil e, com efeito, o grupo funciona como uma nova mãe, como seria dito por Jung. É aí que o indivíduo recebe a sua nova identidade, as suas novas opiniões, valores, modelos de acção. E é claro que o grupo funciona também como uma rede de suporte social, como um espaço de apoio e de protecção para os seus vários membros.

<u>Arbitrariedade moral corporativista</u>. Em tudo isto, as regras de bem e de mal são redefinidas em função da identidade da *slot* social (do grupo corporativo). "Bem" é aquilo que é predefinido que é "bem", independentemente de ter, ou não, alguma forma de validade; e o mesmo com "mal". Geralmente, "bem" e "mal" são definidos de forma dialéctica. Isto é, "bem" é aquilo que avança os interesses da caixa social/grupo, aquilo que é agradável e útil, de acordo com uma visão miópica da realidade. "Mal" é o exacto oposto. Este processo de definição arbitrária e miópica de regras morais é algo que leva rapidamente a degradação moral e, com efeito, às práticas mais degeneradas. É um tropismo (com este tipo de moralidade dialéctica) que o tipo de efeito obtido seja algo na linha de "*faço tudo o que for necessário para avançar os interesses da minha 'caixa social'*" e, de modo mais íntimo, "*ajudo, protejo e avanço os interesses dos meus 'iguais', dos meus 'irmãos', dos meus 'aliados' e eles fazem o mesmo por mim*". O reverso desta medalha será algo como "*odeio, ataco e prejudico os inimigos dos meus 'irmãos' e eles fazem o mesmo por mim*". Por outras palavras, mentalidade de *gang* que, rapidamente, dá origem a práticas de *gang*.

**% & ’ *ingroup* .**

<u>Multiculturalismo despreza indivíduo – usa colectivismo estereotipado e ***pré-conceitos***</u>. Respeito real pelo próximo só pode surgir quando as pessoas são vistas e, se relacionam entre si, como indivíduos. A ideologia multicultural está radicada na premissa oposta: a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal, mas sim enquanto membros de uma categoria social *ad hoc*, que são definidos por traços estereotípicos, e é claro que estes estereótipos podem ser vistos como sendo bons ou maus, o que dá origem à institucionalização de *pré-conceito – preconceito*. O mundo visto sob lentes multiculturais é, por outras palavras (e contra o dogma prevalente), um mundo de estereótipos e de preconceitos bastante reais, onde *nenhum indivíduo o é* – todos são definidos por uma qualquer agenda identitária e cultural.

<u>Rifts, alienação, guerras culturais, adversariedade</u>. A dinâmica que é assim gerada é, muito evidentemente, caracterizada por tensão, adversariedade, hiper-sensibilidade nas relações entre pessoas de diferentes “caixas” ou “segmentos”. A sociedade é segmentada e as cognições sociais também. Rifts são criados e/ou aprofundados e indivíduos são alienados entre si. Todas as diferenças são realçadas e, todas as diferenças se transformam em potenciais linhas da frente para a “guerra cultural”, à medida que a dinâmica de dividir para conquistar (aquilo que é visado com a disseminação desta mentalidade) avança.

<u>Universalismo e liberalismo são banidos – só fica o ingroup, em guerra com alguém</u>. Universalismo e liberalismo são banidos. Para todas as instâncias sociais, existe um *ingroup*, uma colectividade sintética. Por norma, qualquer um destes *ingroups* é definido por oposição a um ou mais *outgroups* (pelas fundações, institutos e ONGs que comandam a indústria multicultural identitária). *Rifts* culturais e históricos são destacados, quando não inventados. Toda e qualquer possível fonte de antagonismo é realçada, num constante envenenamento da mente pública para adversariedade e, com efeito, guerra. Fala-se de “culpas históricas”, “dívidas históricas” e do modo como esses (muitas vezes, meramente alegados) fósseis do passado são mais importantes que as relações entre indivíduos no presente e devem, com efeito, provocar a revisão e o prejuízo dessas relações.

<u>Acção mutuamente antagonística, num mundo de estereótipos e preconceitos</u>. Sob esta ideologia, cada *ingroup* está em guerra histórica com um ou mais *outgroups*. Muitos dos *ingroups* têm o direito de agredir e o dever de se defender. Outros têm o direito a ser agredidos e o dever de não se defender. Isto leva a acção mutuamente antagonística num mundo de estereótipos e preconceitos, onde todos os indivíduos são definidos por uma agenda identitária e cultural despersonalizada e, todos estão *em guerra* com alguém. O indivíduo não conta; o universal muito menos. O agrupamento social, a slot social, é o centro do mundo. Universalismo e liberalismo são banidos, em nome de particularismo miópico.

( ) # .

Multiculturalismo não promove diversidade; quebra comunicação, relações humanas. A mentalidade multicultural não é, de forma alguma, respeitadora de diversidade cultural. É o exacto oposto. Visa quebrar a comunicação e as relações humanas entre indivíduos e gerar guerra social.

& .

Intolerância não é prevenida, mas sim exponenciada e generalizada. A ideologia multicultural em si foi introduzida no espaço público sob a noção, legítima, de "combater racismo", "sexismo" e toda uma série de outros "ismos". Em vez disso, o que fez foi, muito previsivelmente, extremar e generalizar estes e outros fenómenos de intolerância e de elitismo na sociedade. Se antes existia, num país, racismo de brancos contra negros, agora passou a existir racismo de minorias contra brancos e, entre minorias; para além de haver uma exponenciação do racismo anti-minoritário por parte de brancos (sob um efeito de reforço dialéctico).

Sociedade multicultural é um espaço de segmentos sociais, rifts, guerras culturais. A sociedade multicultural, longe de ser um espaço de entendimento universal (algo que só é possível entre indivíduos racionais e morais) é um espaço de segmentos, rótulos, *rifts* divisórios, tensões, quebra de comunicação, guerras culturais.

É também um espaço de despersonalização, alienação, hipersensibilidade, paranóia. É um espaço onde o indivíduo é ensinado a avaliar os outros com base em pressupostos colectivos artificiais e, depois, a aplicar esse exercício a si mesmo; diluindo a sua identidade pessoal num qualquer colectivo, na sua própria caixa social, *custom-designed* para si mesmo. Com efeito, é um espaço onde o indivíduo empodera valores imaginários (colectivos artificialmente criados) pela capitulação da sua identidade pessoal a esses valores. É um espaço onde diferenças colectivas geralmente imaginárias se impõem às relações e à comunicação entre indivíduos. É um espaço de hipersensibilidade, de nervosismo e, com efeito, de paranóia, onde existe sempre um verniz prestes a estalar. Um espaço onde tudo aquilo que o "outro" diz, ou faz, é sondado, julgado, avaliado até ao mais ínfimo detalhe, de forma a detectar faltas de respeito ou de solidariedade para com "colectivos" imaginários.

* + , .

Identitarismo, orgulho de corpo, disciplina, destino manifesto – o código do Fascismo. Todo e qualquer grupo enquadrável no "panteão multicultural" recebe, agora, a sua própria "identidade sintética". Esta identidade é definida por adversariedade contra outros grupos. É acompanhada de *orgulho de corpo*, de *disciplina colectiva* (adesão a uma matriz cultural comum, que é mental, moral e comportamental) e, de um "*destino*

*manifesto*”. Esse *destino manifesto* é, claro, alcançado pela *purga* do adversário; e isto pode significar submissão, tanto quanto pode significar purga real, extermínio. Estes, claro, são os valores do Fascismo.

Sociedade é segmentada em grupos radicalizados, cada qual em guerra com alguém. A sociedade é segmentada e é esperado, dos indivíduos, que aceitem a sua pertença “natural” a um ou mais destes segmentos e às suas matrizes culturais. Para cada segmento, existem múltiplos grupos, organizações, *gangs*. Essas unidades assumem, com toda a frequência, um carácter militante; frequentemente extremista e, por vezes, terrorista. Acreditam estar a travar a “guerra de libertação”, ou a “guerra cultural”, ou a “guerra para limpar a nação”; e, assim sucessivamente. Existe uma cristalização social à volta destes complexos de militância de corpo. E, estes grupos estão em guerra, cada qual contra alguém. É uma situação de guerra civil; pode não ser armada (ainda) mas é.

A mentalidade do oficial prussiano, ou do *poodle* furioso/absurdo. Todos aqueles que são dominados por esta mentalidade assumem uma postura que me faz lembrar a gestalt tipificada pelo velho oficial militar prussiano. Esta figura era a de um homem magro e seco, com botas altas, impecavelmente hirto, tronco para fora, vara disciplinadora nas mãos, monóculo, bigode aparado ao velho estilo militar, uma expressão facial como que indicativa de toda a gente lhe dever e ninguém lhe pagar. De certa forma, algo como que um *poodle* tornado homem e alimentado a esteróides. Hoje em dia, o oficial prussiano já não existe, mas esta postura continua bem viva e, do mesmo modo, continua a ser a típica expressão de virulência bélica e fúria interior, territorialidade, impulso para guerra universal.

Identitarismo antagonístico, ao estilo da Prússia totalitária. Com efeito, o observador atento da História não terá dificuldade em identificar a semelhança entre isto e a mentalidade prussiana. Com efeito, a raiz filosófica é a mesma. Existe categorização social arbitrária, estereótipo, preconceito. Essa categorização arbitrária é depois imposta à sociedade por meio de dirigismo. Existe identitarismo e regimentação de cognições, de hábitos e de costumes. Este identitarismo é expresso por meio de moralidade dialéctica, monadismo social (segmentação), adversariedade e, eventualmente, belicismo. Até existem as noções prussianas (i.e. totalitárias, “pré-fascistas” e “pré-comunistas”) de “história comum” e de “destino comum”. A Prússia é o primeiro estado moderno a consagrar todas estas variáveis em política doméstica; os resultados foram ódio e belicismo universal, massacres e perseguições e, claro, proto-fascismo; que, na verdade, era Fascismo bastante concreto, bem antes de o termo ser sequer inventado. É esta a mentalidade que é introduzida no panorama global pelas grandes fundações, após ser “desenhada” (na verdade, reciclada) pelos fundadores institucionais da filosofia segmentária, com destaque para Kurt Lewin e para o Tavistock de Londres.

- . $ , , .

Cristalização identitária desenhada para afectar todas as colectividades. O processo de cristalização identitária costuma ser perspectivado como apenas afectando grupos à volta de temáticas políticas, ideológicas, *single-issue*, etc. Esta é uma visão demasiado simplificada da questão. A segmentação da sociedade multicultural (que, na verdade, deveria ser chamada *identitária*) está desenhada de forma a afectar todas as colectividades.

Empresas, clubes, grupos profissionais, polícia, etc. Empresas multinacionais terão o seu próprio código identitário. O mesmo acontecerá para clubes desportivos. E precisamente o mesmo acontecerá para grupos profissionais. Hoje em dia, quase todos. Advogados, médicos, psicólogos e muitos mais; todos têm a sua identidade corporativa miópica, e é frequente que seja em nome dessa identidade miópica que favorecerão a própria classe em prejuízo do público. O mesmo acontece para grupos com os quais nunca deveria ser permitido que acontecesse; aqueles que agem como árbitros e preservadores da estabilidade social. Estamos a falar dos funcionários públicos, mais destacadamente, das organizações policiais e das forças armadas. Com efeito, todos estes géneros de organização recebem a sua própria identidade sintética de grupo, sendo que essa é tão alienada, dissociada, defensiva/ofensiva e moralmente enviesada como as restantes. Isto resulta numa postura daoísta/legalista (por oposição a liberalista) que favorece estatismo de estilo prussiano e alienação autoritária para com o público – o que, claro, é um crime. Tudo isto é, naturalmente, uma expressão de irracionalismo. É o tipo de irracionalismo que aliena indivíduos, gera intolerância, ódio, belicismo e autoritarismo.

Extremismo de esquerda alimenta extremismo de direita (e são similares). Os grupos que acreditam estar a lutar contra a velha ordem de coisas reforçam aqueles que acreditam estar a lutar contra a nova ordem de coisas; isto acontece por balanço dialéctico. A sociedade multicultural acaba sempre tão pejada de extremistas de esquerda como de extremistas de direita. Ambos os tipos de grupo têm os mesmos programas essenciais (totalitarismo, a condução de purgas sócio-políticas, dirigismo irrestrito sobre o indivíduo médio), embora sob diferenças de pormenor (na sua essência, resumem-se a aspectos como a composição da vanguarda totalitária e as identidades dos objectos de ódio e de perseguição).

Tudo isto serve balcanização, fragmentação social, desmantelamento económico. Estas condições sociais facilitam o desnorte da sociedade, avançam a sua fragmentação social e a sua decomposição moral, enquanto decorre o seu desmantelamento político e económico. É apenas e exclusivamente por isso que são avançadas pelas grandes fundações bancárias que criaram e alimentam aquilo que pode ser chamado propriamente de indústria identitária multicultural.

1º mundo colocado neste processo como antes 3º mundo – para destruir. O único motivo pelo qual o 1º mundo é colocado sob este género de condições é para assegurar o tipo de balcanização social que tem, consistentemente, contribuído para bloquear e impedir o desenvolvimento do 3º mundo. Tal como as grandes fundações bancárias passaram seis

décadas a promover divisionismo e balcanização do 3º mundo (e foram apenas as sucessoras dos impérios coloniais nessa prática), fazem-no agora ao 1º mundo. O futuro planeado para o 1º mundo passa por autoritarismo, fragmentação civilizacional, choques sangrentos entre grupos, perseguições, massacres, tentativas de limpeza étnica. Tudo isso acontecerá como elemento facilitador enquanto a sociedade organizada estiver a colapsar de volta a um estatuto pré-moderno, feudalizado.

/ ’ .

Mente humana inatamente estabelece categorizações ad hoc. É inato à mente humana estabelecer categorizações e associações *ad hoc*. É um mecanismo pelo qual a organização perceptiva da realidade é simplificada. É inato à condição humana, ao lado instintivo e animal nessa condição, agrupar os restantes seres humanos em grupos *ad hoc*, com base em traços específicos, em comunalidades percebidas.

Instintos de sobrevivência podem expressar-se em agressão a *outgroups* percebidos. Ao mesmo tempo, todos temos um lado animal, puramente pulsional, em parte coincidente com aquilo a que Freud chamaria de *Id*. É um lado instintivo, ocupado com questões de sobrevivência individual; é o lado que nos dá algo o literal (e essencial) instinto de sobrevivência. Essa não é, obviamente, a única vertente da vida psicológica inata; porém, é uma vertente particularmente importante, já que é aquela que nos dará o ímpeto para lutar pela sobrevivência. Sob influências ambientais variáveis (podem ser de muitos géneros diferentes), pode expressar-se na forma da necessidade de subjugar e dominar o "outro", quando este "outro" é visto como "competição" por um qualquer objecto de sobrevivência. Também se pode expressar na procura de um *ingroup* bélico, na companhia do qual se pode levar a cabo esse exercício, contra um ou mais *outgroups*. Podemos dizer que este é o factor biológico de raiz, animal, inatista, que possibilita a acção intolerante, supremacista, de um grupo sobre outros. É errado porém dizer-se que a natureza inatista humana é definida apenas por isto. É esta a visão monótona e particularista que as várias sociobiologias (a nazi e as suas sucessoras, com os "genes egoístas" e outras coisas que tal) tenta avançar, para justificar o seu programa de bestialização social. Com efeito, estas escolas procuram reduzir o ser humano a uma criatura que, sendo uma besta aos níveis genético, hormonal e neurológica, tem depois um conjunto de células cinzentas pelas quais pode planear esquemas de maximização de utilidade egoísta (a este tipo de calculismo sócio-estatístico é depois chamado "racionalidade" – que pode ser exercida em grupo, por criaturas *mindless* e bestializadas, sob totalitarismo nazi, ou outros). Esta é uma visão pobre e, com efeito, desacreditada da natureza humana.

Também existe o potencial inato para a compreensão moral da realidade. Tal como nascemos com um instinto de sobrevivência, que nos dá instintos de defesa e agressão, também nascemos com a base (neurológica) para uma compreensão moral da realidade. Esse é, aliás, um efeito facilmente observável em crianças; e é uma parte essencial daquilo que nos distingue dos animais. É essencial que as influências do meio possam

estimular essa capacidade de compreensão moral da realidade sem, porém, neutralizar o instinto para sobrevivência (e as suas valências de agressão e defesa). Se isto for alcançado, o que se obtém é alguém que tem (e coloca em prática) os seus instintos de sobrevivência mas que o faz de um modo que é justo; e é assim que deve ser.

Capacidades mais sofisticadas: moralidade, racionalidade, empatia, criatividade. Para fazer isto, é essencial que o meio (pais, educação, cultura) estimule e cultive valências como racionalidade superior, criatividade, empatia e uma consciência moral forte. Estas capacidades estão, aliás, interligadas (são interdependentes) nos níveis neo-corticais do cérebro, o domínio mais sofisticado e integrado do funcionamento cerebral humano. Com efeito, o domínio que distingue o Homem dos animais.

Estimulação para self maduro, integrado, capacitado para apreciação de individualidade. É a estimulação dessas capacidades que origina um self maduro e integrado, capacitado para a apreciação da *individualidade* enquanto tal.

Sem isso, a sociedade é entregue à mera expressão de impulsos bestializados. Uma sociedade que não dê valor a isto está aberta e, é um espaço de proliferação de, instintos bestializados e destrutivos. Em tal sociedade, as pessoas serão essencialmente bestializadas, agindo apenas de acordo com pulsões animais primárias. E, em tal sociedade, a dinâmica de competição de estilo animal entre diferentes *ingroups* bestializados será ubíqua.

**& 0 ’ .**

Intolerância só pode ser prevenida pela apreciação de individualidade *per se*. Este é o processo geral. Convém repetir até à exaustão que a única forma pela qual a intolerância alguma vez pode ser (e foi) resolvida é pela promoção irrestrita da apreciação da individualidade *per se*. Pessoas morais e empáticas, que se compreendam e aceitem como indivíduos, que estabeleçam laços, construam relações produtivas, que estabeleçam amizade, não estarão preocupadas com cor de pele, sexo, credo, ideologia, etc.

Só a mentalidade criminosa, que ganha com divisão social, rejeita isso. Os únicos indivíduos que não podem aceitar este *ethos* são aqueles que têm algo a ganhar, mais-valias a retirar, de divisionismo social permanente – i.e. a mentalidade autoritária e criminosa. Essas tendências não podem impedir ou bloquear a equalização de relações sociais e humanas. Com efeito, pluralismo e respeito pelo *indivíduo* são as precondições sem as quais tolerância não pode existir e, que nenhum grupo de interesse possa anular este princípio em proveito do seu próprio exercício de autoritarismo.

**Vitimologia: Paulo Freire, a “pedagogia do oprimido”, e crime ONGista**

*rebaixar*

**Congelamento da comunicação: quebra de naturalidade, consensualidade**

*rapport*

*clichés*

*prompts*

*self* *rapport*

*promo*

*musts* *rapport*

"

! # 0 # "

: % $ "

" ! " "% 0

D ! ! (

# ;

# ***Identitarismo multicultural (4)*** – *“Tolerância repressiva” e o ataque a universalismo*

.

! " # .

$ % & ’ # ’ & ’ ’ (
# # ’ .

) * + , - & . ( , / % 0 1# ( 2
’ / & 3 .

.

4 ! " .

**5** , inventa sistema de radicalização da pessoa média. Herbert Marcuse escreve o ensaio “Tolerância Repressiva” em 1968, onde introduz o conceito com o mesmo nome. O texto é uma diatribe irracionalista e demagógica onde Marcuse se queixa do *laissez-faire* americano e propõe um sistema para radicalizar a pessoa média, enovelando-a em violência, preconceito e ódio autoritário.

Marcuse: “Sociedade americana é demasiado , ’ , ”. O americano médio dos 60s, diz Marcuse, é efectivamente tolerante, democrático, libertário. Simpatiza com a libertação das minorias étnicas. Com muita frequência, trabalha para isso. Aceita pontos de vista divergentes. E, toda a gente tem direito a participação na sociedade americana, diz-nos Marcuse.

“Ao ser aberta, é autoritária; porque obriga à pluralidade”. Mas isso é intrinsecamente *autoritário*, observa o ideólogo germânico. Porquê? Porque, tal cultura é radicada numa *obrigatoriedade* para a pluralidade. A cultura é *autoritária* porque força a aceitação de pluralismo. Em contrapartida, a cultura já não seria autoritária se forçasse a adopção de monismo (*i.e. a cultura é autoritária se não o for e, deixa de o ser quando se torna autoritária – é isto que acontece quando nonsense esquizofrénico é aceite como epistemologia*).

“Mudar cultura, torná-la repressiva, para fazê-la tolerar imposição de monismo”. É essencial, diz o autor, inverter a cultura, de forma a torná-la monista (i.e. autoritária). Afinal, existem questões que “não podem ser resolvidas com pluralismo” (*pensamento autoritário*). Como é possível resolver essas questões de modo firme e assertivo (*botas militares a bater no chão*), se a cultura compele à aceitação de pluralismo? É simples. Há que mudar a cultura e torná-la *repressiva*. O grande axioma que Marcuse pretende passar com tudo isto é o de que, *para ser realmente democrática, a cultura tem de ser forçada a ser tolerante para a necessidade humana de reprimir e de impor um único ponto de vista* (ou seja, tem de ser tornada mais intolerante que nunca antes).

“Autoritarismo é democrático e democracia é autoritária”. Tudo isto é absurdo dialéctico no seu melhor, mas é precisamente o que Marcuse avança no seu ensaio. A cultura tem de ser tornada *repressiva* (autoritária), para deixar de ser *autoritária* (liberal e pluralista). A sociedade repressiva, que coage à imposição monista de pontos de vista, é realmente tolerante e democrática, por contraponto com o pluralismo que caracteriza a sociedade liberal e democrática, agora redefinida como autoritária [a forma é o vazio, o vazio é a forma, e este vazio é o vazio mental de Marcuse, expresso na forma de nódulos dialéctico/psicóticos].

/ .

Um “tolerante repressivo” (Marcuse) é um puro autoritário. “Tolerância repressiva” é o complexo de irracionalismo mental e comportamental que leva à criação da sociedade repressiva. Um “tolerante repressivo”, segundo Marcuse, é alguém que impõe “tolerância” (*redefinida como submissão coerciva a algo*) pela imposição repressiva de comportamento intolerante – i.e. *um autoritário*.

Isso é aplicado à sabotagem dos Direitos Civis, após assassinato de MLK. Isto foi antes de mais aplicado à sabotagem do movimento dos direitos civis, de Martin Luther King (MLK) e outros. O movimento dos direitos civis vencia, tanto na esfera legal como na esfera humana (ao conquistar mentes e corações pelo mundo fora), porque tinha legitimidade intrínseca. Era baseado na afirmação pacífica daquilo que é bom e justo, a fórmula do Reverendo King. Tudo isto exigia o recurso a terrorismo governamental. Aos assassinatos de activistas e, mais tarde, do próprio MLK (a ocorrerem com os assassinatos paralelos de outras figuras vitais nos direitos civis, como os irmãos Kennedy), seguiu-se a tentativa de assassinato da ideologia em si.

Marcuse, chefe de comando da CIA – e os restantes trotskyistas de Chatham House. Isso é feito através deste antigo chefe de comando da CIA na Europa ocidental (para operações culturais, i.e. guerra cultural), Herbert Marcuse, e dos seus colegas da Escola de Frankfurt. Todas estas pessoas são cultivadas no ambiente degenerado do complexo Chatham House/SIS/MI6/CIA, onde uma das práticas mais importantes do pós-guerra consiste em pegar em ideólogos totalitários (geralmente Trotskystas), alguns deles

agentes duplos (Trotskyistas pró-nazis), e reciclá-los em Trotskyistas a trabalhar para a City.

“Tolerância repressiva”: lixo epistemológico, base para ONGismo pós-moderno. Portanto, “tolerância repressiva” e “anti-autoritarismo”, a ideologia sintética de Marcuse e dos Frankfurters, exige que, para acabar com “autoritarismo pluralista”, é preciso gerar autoritarismo radicalizado, e cristalizá-lo por meio de um sistema de crenças inteiramente baseado em estereótipo, preconceito, ódio inter-grupal. “*Para acabar com racismo*”, é preciso gerar mais racismo que nunca antes. “*Para acabar com violência e coerção*” é preciso generalizar o recurso à violência e à coerção. “*Para acabar com repressão*”, é preciso generalizá-la ao extremo e torná-la mais feroz e brutal que alguma vez antes. Este tipo de lixo epistemológico e ideológico tornou-se a base de operação para o ONGismo pós-moderno.

Sabota ímpeto para universalismo e igualdade, em prol de identitarismo proto-fascista. Sabotou o ímpeto para universalismo e igualdade inter-individual que marca o movimento dos direitos civis e substitui-o por ideologia divisiva, identitária e proto-fascista.

*** 6 - # 7 * 8 / 9 # ": .**

Daqui surge ONGismo, New Left, euro-Comunismo [via fundações]. É daqui que surge todo o complexo de movimentos e ONGs que constitui aquilo a que se veio a chamar a *New Left* (aka, *foundation-left*, ou *esquerda-caviar*). Nos EUA, muita da *foundation-left* surge a partir de comunas *hippie* organizadas e patrocinadas por fundações como Ford e Rockefeller. Em média, estas comunas são experiências psicossociais em funcionamento totalitário, conduzidas a partir de sítios como Palo Alto e Stanford, com o recurso a prostitutos intelectuais como Erich Fromm. A *foundation-left* dos EUA é mimetizada na Europa ocidental na forma do movimento Euro-comunista dos 70s/80s, um conjunto de ONGs e de milícias comunais/urbanas, igualmente patrocinado por grandes fundações. O Clube de Roma e o seu braço cultural, o Clube de Budapeste, têm aqui um papel de destaque (convém mencionar que ambas as fundações são organizadas por casas reais europeias e por oligarcas financeiros transatlânticos). É aqui, em todo o complexo transatlântico radicalizado da *New Left*, *foundation-left*, que temos a base original de recrutamento para o actual ONGismo identitário proto-fascista.

Palo Alto Über Alles: “Mellow out or you will pay”. A banda americana Dead Kennedys capturou bem o espírito de tudo isto quando escreveu “California Über Alles” (também podia ser Palo Alto Über Alles), com passagens como: «*The hippies won't come back you say… Mellow out or you will pay… Zen fascists will control you… Your kids will meditate in school… Come quietly to the camp… You'd look nice as a drawstring lamp… Don't you worry, it's only a shower… For your clothes here's a pretty flower… DIE on organic poison gas… Serpent's eggs already hatched*»

+ + .

Pessoas como Marcuse são crianças mimadas que crescem para narcisismo destrutivo. De um ponto de vista muito prático, o problema essencial com pessoas como Herbert Marcuse é o de nunca terem levado três bofetadas na cara quando eram pequenos e faziam asneiras. Cresceram no ambiente ultra-protegido e mimado do *kindergarten* de estilo prusso-germânico, onde todas as atitudes, boas e más, são merecedoras de recompensa e de incentivo positivo. Bater na criança ao lado, roubar um doce, partir um brinquedo, são tão premiados com aplausos e com balões como o exercício de uma atitude moral. Como tal, pessoas como Marcuse nunca ganharam noções de limites. Tornam-se narcisistas destrutivos, obcecados com preenchimento egóico a partir do exercício de nihilismo moral e epistemológico.

Depois, juntam-se em cliques para impor egoísmo autoritário a toda a sociedade. Sendo egoístas narcísicos, são profundamente anti-liberais, anti-democráticos, anti-pluralistas – todas essas coisas implicam sair da esfera do próprio umbigo. Mais tarde, juntam-se em cliques compostas de outros egoístas narcísicos e agem como *gang*, para transformar a sociedade de tal forma a poder impor o seu próprio egoísmo autoritário a todos os outros. Este é o momento sacramental no qual pessoas como Marcuse poderão redefinir “tolerância” para significar submissão irrestrita a todo e qualquer capricho narcísico grupal da clique. E é assim que começam as derivas sociais totalitárias. A destrutividade totalitária é literalmente criada por crianças que nunca cresceram e, que foram estragadas com mimos.

Utopia, o *kindergarten* perfeito, com brinquedos novos e outras crianças para dominar. Com a sociedade totalitária, pretendem recriar o pátio perfeito, o recreio idílico, onde existem inúmeras crianças mais fracas que podem ser livremente controladas, espancadas, ordenadas, sem qualquer interferência *adulta* e, onde a cada esquina existe uma mesa com doces e novos brinquedos (geralmente roubados às crianças mais fracas).

! " # .

; ! " / # " # / # .

Grandes fundações bancárias incentivam balcanização na corrida para o fundo. As grandes fundações bancárias são determinantes na ressurreição de identitarismo radical, pelo patrocínio aberto a todo o tipo de movimentos e organizações de carácter proto-

fascista. Isto é algo que visa incentivar divisão e conflitualidade social, distracção, futilidade, enquanto, no *background*, a sociedade é economicamente desmantelada e colocada na corrida para o fundo, sob desmantelamento industrial, especulação selvagem e *free trade* global. A aplicação paradigmática do princípio de dividir para conquistar.

ONGs, retórica incendiária, demagogia, proto-fascismo. A política das fundações foi a de incentivar uma nova vaga de identitarismo junto dos mais variados grupos populacionais. Para cada grupo é criada uma multitude de ONGs etno-especializadas e, cada uma destas ONGs tem os seus próprios slogans incendiários, os seus próprios exércitos de provocadores, o seu próprio movimento subsidiário de bairro. Tudo isto serviu para generalizar um estado de conflitualidade geral entre diferentes (cada vez mais expansivos) grupos identitários. Retórica incendiária, demagogia histórica, jogos de culpabilização mútua são elementos essenciais em tudo isto. A estimulação de conflitualidade é assente num fenómeno que lhe subjaz, a generalização de mentalidade fascista. Sob identitarismo, existe a ascensão de supremacismo identitário, pelo qual o ingroup se vê como inerentemente superior a um ou mais outgroups. Esse supremacismo é assente em mitos fundacionais (e.g. uma "história comum" geralmente obtida a partir da ultra-simplificação estereotípica da História) e no livre exercício de estereotipagem e de formação de preconceitos. A "identidade comum" com o "passado comum" almeja um "futuro melhor comum" que só pode ser obtido pelo exercício de purga e subjugação dos outgroups rivais. Tudo isto implica, claro, regimentação e disciplina de corpo. Estes são os ingredientes do belicismo e do fascismo.

Lobbying e acção afirmativa de estilo Nazi. Em tudo isto surge uma nova forma, absurda, de *lobbying* e acção política, erroneamente chamada de "acção positiva", pela qual um grupo exige: a) ser privilegiado pelo governo com base em questões puramente identitárias (eu sou X portanto tenho exijo ter privilégios Y); b) que outros grupos sejam prejudicados com base no mesmo tipo de critérios; c) que outros grupos sejam forçados/coagidos, sob ameaça de violência estatal, a adoptar uma ou mais normas de comportamento endémicas ao grupo iniciador. Podemos encontrar precedentes directos para todas estas instâncias nos códigos Nazis de 1933 e 1935.

Novas gerações ensinadas a ver estereótipos, não indivíduos – o princípio Hitlerjügend. De modo mais preocupante, as crianças de hoje (os adultos de amanhã) são rotineiramente ensinadas a avaliar os restantes seres humanos com base em critérios artificiosos como raça, cultura étnica, religião, sexo, preferência sexual, e não com base em critérios estritamente individuais. Afinal, todos somos criados iguais, cada pessoa é uma pessoa e todos devemos ser avaliados pelas nossas acções individuais. É preciso compreender que esta é a fórmula para a Hitlerjügend.

Divisão, imaturidade, orgulho, preconceito – o dividir e conquistar da alta finança. Os resultados desta nova vaga de identitarismo são, como esperado, a divisão da sociedade em campos fragmentários, divididos entre alianças e hostilidades de bloco, simultaneamente improdutivos e destrutivos. Ao nível de rua, pessoas vácuas e

divisivas, que operam como se esperaria de provocadores a soldo para grandes fundações bancárias [e, com efeito, esse é o estatuto da generalidade dos organizadores destes movimentos; só é pena é que consigam transmitir padrões anti-sociais de comportamento a pessoas comuns]. O indivíduo comum que é envolvido nisto é tornado obcecado com questões secundárias e, regra geral, irrelevantes. Com o modo como é visto pelos outros, com o "respeito" pessoal e corporativo que obtém. Demasiado imaturo e intelectualmente menorizado para se apreciar a si mesmo e aos outros, enquanto *indivíduos* únicos. Todos são vistos como figuras despersonalizadas, num tétrico mundo de rótulos, estereótipos, grupos. Destes meios resulta uma incapacidade geral de conceber qualquer forma de defesa social comum contra os agressores de *toda* a sociedade; os financeiros. Esse é o motivo exacto para o patrocínio deste tipo de organização social pela alta finança.

**7 + - 4 ! / % <.**

La Raza, falange fascista cultivada pela Ford Foundation. Nos EUA, todos estes fenómenos são acompanhados de vagas de violência ideologicamente motivada e feudalizada, veiculada pelo gang militarizado ou pelo grupo identitário. Em larga medida, este fenómeno é um resultado directo do trabalho das grandes fundações e das ONGs. Um bom exemplo aqui é o dos gangs racistas e hispano-supremacistas dos estados do Sul. Estes grupos são a extensão paramilitar óbvia do movimento ONGista La Raza, um movimento mexicano que encontra o seu desígnio de acção no Plan of San Diego, um plano que envolve o extermínio de todos os brancos em "Aztlan", os estados mais a sul nos EUA. O sonho é a recriação de um imaginário Império Azteca, estendido ao estado de Washington. La Raza é alicerçado em bolsas ("grants") da Ford Foundation, entre outras.

Dividir para reinar, usando vítimas radicalizadas de 3º mundo [paralelos na Europa]. La Raza é um excelente exemplo do tipo de fascismo identitário e genocida que, ao longo das últimas quatro décadas, tem vindo a ser cultivado pelas grandes fundações de Wall Street. Porque não usar milícias de analfabetos provenientes de um país de 3º mundo (um alvo de raids financeiros regulares, por Wall Street, desde 1915) na destruição do país de 1º mundo? O princípio operacional é o de dividir para reinar. Primeiro destrói-se um país, saqueiam-se os recursos, cultiva-se uma população violenta e iletrada. Depois, usa-se essa população para destruir um outro país. E assim sucessivamente. O mesmo tipo de fenómeno pode ser apreciado na Europa, com o cultivo (*por governos e fundações*) de movimentos fascistas e racistas provenientes de antigas colónias europeias.

**8 ! " ' $= ( 8 0 >& ? 7 * .**

Após a II Guerra Mundial, o sistema ONU surge em cena e traz consigo todo o aparato táctico-estratégico do Império Britânico. Especialmente dos anos 60/70 em diante, o 3º

mundo é lançado num abismo sem fundo de identitarismos sintéticos, ódio, guerra civil, genocídio, irmãos contra irmãos. É certo que o sistema ONU não esteve/está sozinho neste seu grande empreendimento de balcanização, genocídio e devastação humana, para a Aldeia Global, que continua (intensificou-se) durante os dias de hoje. Muitos grupos de interesse ajudaram e, até ao início dos anos 90, a Guerra Fria jogou uma parte importante em tudo isto (com o bloco NATO a incentivar os seus próprios grupos de extremistas radicalizados contra os extremistas radicalizados do bloco Soviético).

Democracia liberal assenta em código simples "não farás" (roubar, violar, matar, etc). Uma sociedade liberal democrática assenta sempre num conjunto de regras simples, elegantes, equidistantes. Um conjunto de "não farás", no registo dos Dez Mandamentos, que são implícitos, conhecidos por todos e que compõem o *espírito da lei*, o corpo axiomático no qual toda a legislação posterior se baseia.

Liberdade, responsabilidade, equidistância. Sob estas condições, espírito da lei favorece liberdade individual, responsabilidade individual e equidistância legal.

O domínio da lei natural, inata e universal. Aqui estamos no domínio daquilo a que se chama de *lei natural*: toda a gente sabe que prejudicar, prestar falsos testemunhos, magoar, roubar, matar, são coisas universalmente más e pervertidas. Todos nascemos com a raiz de uma consciência moral (algo que pode, ou não, ser desenvolvido) e a compreensão intrínseca dessas regras é-nos tão inata como a apreciação de águas azuis, campos verdes numa tarde solarenga, uma harmonia agradável. Todos sabemos o que distingue uma pessoa real, vertical, de uma pessoa degradada, desonesta. Todos temos a tendência natural de preferir a primeira, tanto quanto temos a tendência de gostar naturalmente de pessoas bonitas e simpáticas; e, sem dúvida, temos o enviesamento inato pelo qual confundimos uma coisa com a outra, assumindo que uma pessoa bonita e simpática é também uma pessoa real e honesta. É claro que essa relação linear não existe, mas esse enviesamento em si é apenas mais uma boa expressão dos inatismos que estão aqui implícitos (se bem que é um facto que as pessoas pervertidas têm a tendência a começar a apresentar as mais variadas distorções físicas, como sejam os proverbiais olhos de porco). Com efeito, é preciso que um indivíduo seja submetido a um grande processo de despersonalização, degradação interior, inversão de valores, para fazer com que despreze ou renegue qualquer uma destas coisas – em qualquer cultura.

Indivíduo pode *pensar*, *sentir*, *dizer* tudo, e só não *fazer* aquilo que “não farás”. Uma sociedade alicerçada neste *ethos* terá a tendência de se desenvolver num sentido liberal-democrático, i.e. centrado no indivíduo. O indivíduo é o protagonista da sociedade e tem liberdades que são inatas, irrefutáveis, inalienáveis. Tem direito a *pensar, sentir e dizer* tudo aquilo que quiser. E, tem o direito a *fazer* tudo o que entender, dentro dos limites do *ethos*. Numa sociedade *realmente* liberal-democrática, o indivíduo tem direito a fazer uso pleno de todas essas liberdades. É claro que todos os indivíduos são responsáveis pelas suas próprias acções. O indivíduo “não fará” os actos criminosos que são definidos pelo *ethos* (prestar falso testemunho, roubar, magoar, matar, etc.).

Cometer “não farás” implica punição justa e rápida. Se os fizer, deve ser prontamente julgado e punido pelas suas acções; crimes exercidos contra outros indivíduos. O foco está *sempre* na acção concreta. Sob liberal-democracia, o foco *nunca* está noutras variáveis, como sejam pensamentos, sentimentos, ou a expressão de opiniões. A liberdade de exercício de todos esses domínios é inata e inalienável. Tal como não é dada por nenhum governo ou autoridade humana, também não pode ser negada por nenhum governo ou autoridade humana. Se isso for feito, a autoridade responsável é *criminosa* e deve, portanto, ser abolida e substituída por uma forma *legítima* de governo.

* # ’ - / / @ .

Liberdade, responsabilidade, equidistância. Liberdade individual, responsabilidade individual, equidistância legal. Como é que isto se traduz numa praxis quando se lida com algo como intolerância, elitismo, supremacismo, ódio?

Punição de *actos criminosos* – não de pensamento, sentimento, ou discurso. Em primeiro lugar, pela sanção e punição de *actos* criminosos nestas linhas. O indivíduo intolerante e elitista dirá qualquer coisa deste género: “*Eu tenho o direito de dominar B porque B pertence ao grupo X e, nessa medida, tem características Y e Z que o tornam abjecto e que fazem com que ele tenha de ser controlado*”. Antes de mais, o sujeito tem o direito inalienável a acreditar nisto tudo o que quiser e a falar do assunto com outros sujeitos. É assim que uma sociedade é mantida livre, quando até tolos irracionalistas têm liberdade de expressão e são, portanto, passíveis de ser reconhecidos enquanto tolos. Isto funciona por oposição a comunicação controlada, pela qual tolos podem assumir (assumem sempre) o monopólio da praça pública e de doutrinar o público para a “superioridade” e “inteligência” da sua própria marca de irracionalismo. Este tipo de sujeitos causa danos reais no mundo real, sobre vidas reais, quando têm a liberdade de colocar em prática o seu preconceito elitista, na forma de acções coercivas (e.g. violência física). Aí, é essencial que não haja contemplação ou meias-medidas. O papel da estrutura de governo é o de julgar e sentenciar penas proporcionais à gravidade dos crimes infligidos. A sentença não serve apenas como uma forma de punição individual, mas também como uma demonstração de que os actos criminosos em causa não são permitidos ou tolerados no presente e, muito menos o serão no futuro.

Difusão de bons valores, respeito intrínseco pelo *indivíduo* enquanto tal. Em segundo lugar, mas ainda mais importante, o que tem de acontecer sobre democracia liberal é a difusão de bons valores morais (do *ethos* moral), o que inclui o respeito intrínseco pela individualidade; pelo *indivíduo enquanto indivíduo*. A árvore é avaliada pelos seus frutos, e não pela floresta circundante (seja ela real ou imaginária). Todos somos indivíduos: únicos, intrinsecamente iguais e, igualmente capazes de feitos fenomenais. Nenhum de nós é uma criatura descaracterizada, facilmente encaixável numa *slot* social, terminantemente categorizada com base em processos sociais de correlação ilusória. Todas as formas de elitismo estão radicadas na premissa oposta: a de que os indivíduos não são avaliados enquanto tal, mas sim enquanto membros de uma categoria social despersonalizada *ad hoc*. Ou seja, X não é um indivíduo definido pelos seus próprios caracteres individuais, mas sim um membro de uma qualquer categoria social Y, definida por estereótipos culturais Z1, Z2, Z3. Logo, X é um representante de Y e tem, por força, de ser caracterizado por Z, 1, 2 e 3.

Uma cidadania activa e consciente. Assegurar a manutenção de democracia liberal implica que a própria cidadania se envolve e se devota à preservação do *ethos* moral da sociedade, e o principal domínio onde isto tem de acontecer é na educação, pela transmissão de bons valores morais às novas gerações – e isso inclui a apreciação da individualidade humana. Este é, antes de mais, o dever dos pais, mas também de professores, igrejas, associações. O governo, na medida em que exista um sistema de educação universal (conceito sempre perigoso) tem o dever de assegurar *a transmissão desses valores e não de quaisquer outros*. Na natureza não existem espaços vazios. Quando não se ensina "*não roubarás*", mas sim "*faz o que quiseres, desde que seja útil e contextualmente apropriado*", o que se está a ensinar é um código moral definido, que diz: "*roubarás se te der jeito e se não fores apanhado a fazê-lo*".

Uma sociedade livre só é possível a pessoas adultas, morais e activas. Uma democracia liberal é uma sociedade para pessoas adultas e responsáveis e só pode ser mantida por pessoas adultas e responsáveis. A preservação da liberdade nunca é um facto garantido. É algo que exige os esforços contínuos de uma constituência activa e amadurecida, geração após geração. Sem esta constituência, a sociedade livre não sobrevive.

’ 7 A B C ’ .

Sociedade livre – lei natural – liberdade individual – punição de actos criminosos. A sociedade livre é radicada num *ethos* moral e legal simples e equidistante de "não farás", baseado em lei natural. O indivíduo é colocado no centro da sociedade e usufrui das suas liberdades inatas, inalienáveis, para agir, falar, pensar, sentir tudo aquilo que bem entender. É colocada apenas uma condição: que os seus actos não violem o *ethos* da sociedade. Os actos que violem o *ethos* (e.g. roubar, matar) são punidos como crimes. Cada qual é pessoalmente responsável pelas suas acções.

A sociedade dialéctica é a sociedade totalitária, ou pré-totalitária. A sociedade dialéctica é o oposto exacto da sociedade livre. É sempre totalitária ou, na melhor das hipóteses, pré-totalitária (*podendo até fingir que é uma sociedade livre*). O seu *ethos* moral e legal é, da mesma forma, o exacto oposto daquele de uma sociedade livre.

Rejeita o "não farás". A sociedade dialéctica começa sempre por rejeitar o "não farás" da lei natural. Esse é o motivo essencial pelo qual os autores dialécticos negam sempre a existência de Deus ou de algo como lei natural inata, universal a toda a humanidade. Aceitar esses predicados implica aceitar o resto das condições, passo a passo, até à consagração de liberdade individual. Isso não pode ser, para o filósofo dialéctico. Toda a filosofia dialéctica é um aparato conscientemente falacioso para racionalizar tirania, totalitarismo e a generalização sistémica do mal na sociedade. Não é tanto uma filosofia, como a ideologia sintética que suporta um programa de poder específico.

Depois, impõe "*pensarás*", "*sentirás*", "*farás*" – i.e. "*serás*". A dialéctica tira o "*não farás*" da equação e avança directamente para a negação das liberdades do indivíduo. O indivíduo é livre de fazer tudo aquilo que quer, *desde que pense e sinta da forma certa*. Existe portanto um "*pensarás*" e um "*sentirás*", e ambos são dialécticos. O indivíduo tem de aceitar que é uma peça na máquina social, "*pensar*" e "*sentir*" nos formatos que são apropriados para a execução desse papel. Coerção de sentimentos e pensamentos leva também a coerção de comportamentos: "*farás*". É claro que esses comportamentos já não são guiados por regras gerais, simples e razoáveis, mas sim por conjuntos sufocantes de regras minuciosas, decididas de acordo com critérios utilitários e situacionais. "*Sentirás*", "*pensarás*", "*farás*" agregam-se para formar um "*serás*". O "*ser*" do denizen dialéctico totalitário é apenas mais um dos muitos domínios de regulação colectiva.

Código moral/legal baseado em "serás" implica policiamento de tudo. Sob "*serás*", todos os comportamentos têm de ser policiados (repressão política), mas o mesmo acontece para pensamentos e sentimentos. Esse é o ponto onde entra a inquisição, a Gestapo, a Stasi e a "*thought police*" de Orwell.

Transição totalitária exige fim de "não farás" – Shigalov e community policing. A transição de uma sociedade livre para uma sociedade dialéctica envolve sempre a erosão e a descredibilização do código simples e liberal de "*não farás*". Isso é feito através da disseminação deliberada de amoralidade e de criminalidade na sociedade e pela subversão de toda a estrutura de poder. Os tribunais são aqui particularmente importantes. É essencial acabar com a existência de punições reais para o "não farás". Todos os revolucionários dialécticos enfatizaram a importância destes elementos para a revolução (i.e. golpe totalitário) e Dostoevski, ele próprio um ex-revolucionário russo, fez uma boa apresentação romanceada destes elementos em "Os Possuídos". "*Shigalov é um homem de génio!, descobriu igualdade. Significa que todos somos tornados igualmente escravos, estúpidos, pobres, criminosos. O governo revolucionário assegurará a ordem desta selva*" (algo para este efeito). E, com efeito, quando tudo isto acontece, a proliferação de crime e insegurança atinge um tal grau que abre a porta para

a rejeição de liberdades individuais e a para a “necessidade” de policiar modos de ser, pensar, comportar-se. Ao mesmo tempo, o policiamento também se pode tornar preventivo, conduzido pela aplicação de regras prescritivas e preventivas, visando a alteração interna do indivíduo. Ou seja, aquilo a que hoje em dia se chama de policiamento comunitário, *community policing*, pelo qual todos os aspectos da vida têm de ser eventualmente regulados, microgeridos, monitorizados, processados, por forças policiais ubíquas (i.e. nexos totalitários entre polícia e grupos específicos entre a cidadania – vários agrupamentos criminosos, como sejam células de informantes e espiões de vão de escada, organizações privadas, ONGs, seitas, igrejas, fundações, todo um vasto conjunto de hordas de natureza apocalíptica). *Policiamento* deixa de ser algo que é feito para assegurar a ordem pública liberal e democrática, para passar a ser um exercício ubíquo em legalismo daoístico, i.e. imposição autoritária de normatividade regulatória coerciva em todos os campos da existência. Tudo isto pode ser resumido naquele que é o seu *real* significado concreto; actividade criminosa totalitária, aquilo que os aparelhos de estado fazem quando praticam guerra sobre a sua própria cidadania.

“Não farás” rejeitado como repressivo, mas só o é para criminosos. O processo de segmentação da sociedade sob identitarismo (multicultural or whatever) segue este padrão. O código moral simples e universalista de “*não farás*” começa por ser negado por ser alegadamente obsoleto, vulgar, simplista, até repressivo – e, para quem é que “não roubarás”, “não matarás”, é repressivo? (para criminosos, claro)

O novo código é infinitamente mais repressivo, policiando tudo. Em vez de um código baseado em “não farás” na acção (que não procura policiar pensamentos ou sentimentos), surge agora um novo código, baseado na negação disso. O novo código diz-nos que o indivíduo pode fazer tudo (é livre!) *contando* que tenha os pensamentos certos (“*pensarás*”), os sentimentos certos (“*sentirás*”) e os padrões comportamentais certos (“*farás*”). É preciso distinguir aqui entre um antes e um depois.

“Não farás” implica estado de direito e presunção de inocência. Sob “*não farás*”, o que conta é a não-perpetração de actos criminosos. O indivíduo é objectivamente livre para fazer e acreditar no que quiser, desde que não prejudique as liberdades alheias. O estado de direito está lá para agir de forma equidistante, de forma a assegurar que todos os indivíduos permanecem livres. A perpetração de um crime é punida em proporcionalidade à gravidade do acto, mas todos são inocentes até prova em como são culpados.

“Serás” é sempre radicado em presunção de culpa e em crime organizado. Sob “*serás*” e “*farás*”, o que conta é a *adesão íntima pessoal* a todo um padrão *standard* de personalidade, vida emocional, cognitiva, comportamental. Não basta que a pessoa seja objectivamente inocente de qualquer crime identitário; tem de ser policiada, fiscalizada, alterada, para obter a “mudança interna de atitudes” e, também, convertida a um novo

sistema de crenças, valores, comportamentos. Tolerância/intolerância é redefinida do nível da acção para o nível do pensamento, das emoções, da expressão de opiniões. *X é tolerante a Y se X for irrevogavelmente aceitante de Y; e, mais que isso, se tiver apego sentimental e concordância cognitiva com Y e, se agir ao nível comportamental para beneficiar Y*. Eventualmente, isto também pode implicar conversão total. *X é tolerante a Y se X se tornar Y*. Esta é, naturalmente, uma mentalidade criminosa. Assume o direito de interferir com espaços privados individuais e negar liberdades inatas e inalienáveis. Usa o pretexto do "amor universal" mas depressa espalha crime organizado universal. Com efeito, este tipo de sistema visa, de modo muito explícito, a pura e simples disseminação de criminalidade. Romantiza esse fim com linguagem sobre "paz e amor" e depois declara que esse "fim" justifica os meios. E, sob este sistema, *todos são culpados até serem provados inocentes*. E, todos os "culpados" têm de ser categorizados como tal, ser alvos de discriminação, persuadidos/coagidos a mudar. Este não é apenas um sistema criminoso; é também um sistema supremacista. "*Não farás*" não era assim tão repressivo, now was it?

Hoje em dia, milhentas organizações de tipo criminoso conduzem estas actividades. Existem múltiplas organizações de tipo criminoso que conduzem estas actividades. É claro que esses complexos organizacionais agem ao nível das estruturas de governo, que são, hoje em dia, público/privadas, integrativas, fascizadas – nos dias que correm, quando se fala do "governo" tem de se falar de todas as companhias multinacionais, fundações, ONGs, seitas, igrejas, que participam da governação da plantação pós-moderna. Sob multiculturalismo identitário pós-moderno, existem até formas de cultismo religioso criadas quase exclusivamente para assegurar estas funções de policiamento; a *new age* é um bom exemplo ["*fairy Gestapo from the rainbow*"].

Sob "serás", *tolerância* redefinida como (a um nível superficial) hipersensibilidade. Com intolerância redefinida do nível da acção para o nível do pensamento e da expressão de opiniões, deixa de se falar em tolerância (*o conceito real*) ou em conceitos como identitarismo, elitismo, supremacismo, passando a incidir-se numa redefinição de *tolerância*. Agora, *tolerância* é algo que serve para caracterizar variáveis sentimentais e cognitivas. Torna-se em algo como "hipersensibilidade" e caracteriza algo que a pessoa tem de sentir e pensar e ser sob "serás" e adoptar no seu comportamento sob "farás".

Ao nível profundo, *tolerância* torna-se submissão a regras de conformidade coerciva. Mas na verdade, e ao nível mais profundo, *tolerância* passa a ser sinónimo de submissão irrestrita (em pensamento, sentimento, discurso e comportamento) a qualquer conteúdo ideológico arbitrário que seja promovido pelas autoridades sociais. Com efeito, tornado sinónimo de conformidade compulsiva sob autoritarismo cognitivo e comportamental. Sob este novo significado de tolerância, ninguém pode ter pensamento, sentimentos, discurso, acções, que sejam socialmente desalinhados,

*socialmente incorrectos* – sobre nada nem ninguém. Eventualmente, isto significa apenas o regime.

Redefinição de tolerância introduz o *ethos* totalitário [alinhamento irrestrito a "serás"]. Após a introdução desta mentalidade sob pretextos aparentemente razoáveis (aceitação de diferenças étnicas, raciais, religiosas, etc.), tudo aquilo que fica é o ambiente psicossocial no qual os indivíduos aprendem a moldar a sua cognição, discurso e comportamento em nome de normas consensuais. Tudo isso serve para introduzir o (atrás mencionado) código de "*serás*" que é vigente sob totalitarismo. Sob totalitarismo concreto, não é preciso muito tempo até que toda e qualquer questão étnica ou religiosa deixe de contar; e tudo aquilo que fica é o alinhamento irrestrito do indivíduo a toda e qualquer norma de "*serás*" que é imposta pelo regime totalitário.

**1/ ’ .**

Doublespeak também exemplificado em *coerção* [do sentido real ao UN spin]. Um outro exemplo de ginástica linguística relevante é o uso do termo *coerção*. Sob democracia liberal, coerção refere-se a um acto de brutalização física ou psicológica, *violência real*. Hoje em dia, o termo é redefinido pela ONU, para passar a ser equacionado com a mera expressão de ideias. O debate calmo de uma ideia não-autorizada é visto como uma tentativa de coerção. Por exemplo, o mero acto de escrever estas linhas, implica que o autor pode estar a submeter um possível leitor a um acto de *coerção*.

Łobaczewski e a (i)lógica do doublespeak totalitário [adocicar criminalidade]. Foi Andrzej Łobaczewski, o psiquiatra polaco que apontou (em "Ponerologia Política") como as personalidades sociopáticas entram sempre em distorções dialécticas linguísticas, pelas quais vulgarizam e atacam opositores, enquanto se justificam e engrandecem a si próprias. A personalidade criminosa vai romantizar o tipo de coerção e violência que pratica por meio do uso de slogans pervertidos (e.g. "*trazer paz mundial*"), enquanto procura criminalizar actividades legítimas (chamando-as, e.g. de *crime* ou *extremismo* ou, até, no atrás apontado caso do debate livre de ideias, de *coerção*). Encontra todas as formas plausíveis de racionalizar a sua própria intolerância, egoísmo e mesquinhez, enquanto usa esses mesmos termos para rotular todos aqueles que vê como adversários. Łobaczewski estava, na prática, a falar de crianças que nunca cresceram, que nunca foram disciplinadas durante a infância e que, por conseguinte, se vieram a tornar em nihilistas morais e epistemológicos; por outras palavras, pessoas inerentemente mentirosas e criminosas. Este é o fenómeno que subjaz à introdução de doublespeak e newspeak, sob regimes criminosos. Existe sempre a introdução de terminologia que adocica, amacia e oferece aparente legitimidade retórica à perpetração de crimes. Por exemplo, "politicamente correcto" é uma expressão Soviética, usada na URSS para categorizar tanto o cânon ideológico como toda a *praxis* governamental. O Gulag era politicamente correcto. As execuções eram politicamente correctas. O KGB era politicamente correcto. Como é que alguém pode alegar que estas coisas são

erradas? São politicamente correctas. Como Lenine disse, actuamos por slogans. É o mesmo tipo de fenómenos que encontramos com as máfias. Um exemplo recente, nos estados fascistas corporativos pós-modernos é terminologia tecnocrática como “gestão de crise” ou “leis de emergência”, para categorizar crimes governamentais: saque de riqueza para o topo da sociedade, formas de lei marcial, repressão sobre o público e, assim sucessivamente.

Narrativa: De Hemingway à II Guerra a Jack Kerouac. A II Guerra Mundial demonstrou ao mundo as consequências últimas de racismo e xenofobia: higiene racial, tortura, experiências médicas ilegais, campos de extermínio. Nessa altura, muitas das velhas atitudes ocidentais face às restantes raças (largamente resultantes de identitarismos sintéticos e das experiências coloniais) já estavam a desaparecer, lenta mas seguramente. Em poucos sítios o Holocausto causa mais choque em França. Desde os anos 20 que Paris era um sítio onde alguém como Ernest Hemingway podia ir a um *jazz bar* para confraternizar com *demoiselles* francesas e italianas, enquanto apreciava uma orquestra de músicos negros. Esse é o estado natural; daltonismo racial, apreciação de individualidade por individualidade. Os livros de Hemingway são um testemunho belíssimo desta época; indo de Paris a Itália, e daí a Madrid e à Catalunha, dando-nos conta do ar fresco de abertura e vitalidade que, apesar de tudo, conseguia sobressair, aqui e ali, da atmosfera pesada do pós I Guerra. Hemingway era um americano, tão apaixonado pelas praias solitárias de Cuba como pelos bares agitados de New York. Nesses bares, o mesmo tipo de ambiente podia ser encontrado, onde as pessoas se aceitam simplesmente como pessoas, como indivíduos. Era uma expressão da realidade cada vez mais prevalente no Norte. O bairro italiano era o bairro italiano, o polaco era o polaco, o judeu era o judeu, o irlandês o irlandês. Mas não havia nada a impedir que um italiano, um polaco, um judeu e um irlandês se tornassem amigos do peito, ou irmãos de armas. Os anos 50 e 60 são cruciais, primeiro com a groove beatnick (mais tarde desfigurada e distorcida pelos hippies) quando Jack Kerouac percorre quilómetros para ouvir Charlie Parker ao vivo e conhecer *ladies* e *mommas* africanas.

O universalismo exemplar de Martin Luther King. Depois, surge o movimento dos direitos civis no Sul. Martin Luther King Jr., John Kennedy, Robert Kennedy. Porque é que décadas após a guerra de Lincoln, os negros não haviam de ter os mesmos exactos direitos civis no Sul que no Norte? O que impede algumas pessoas de apreciarem as

outras como *pessoas*? No entretanto, Rosa Parks ainda é presa por legalismos infantis. Múltiplos activistas brancos são assassinados a combater pela causa dos direitos civis. Milhões de americanos caucasianos participam em marchas e dão o seu tempo e o seu dinheiro a outras iniciativas, contra as leis eugénicas de segregação do Sul anglófilo. É a middle America no seu melhor. Na Europa, o movimento recebe o apoio de milhões. A mensagem de Martin Luther King Jr. é simples e impecável. Amor pelo próximo, baseado em relações verdadeiras e justas, pode sarar todas as feridas. O mundo pode ser mudado para melhor, através da afirmação pacífica, porém irredutível, de direitos inalienáveis. Construir, edificar, ascender; o melhor que a natureza humana tem para oferecer. O sol estava no pino sobre a civilização ocidental. A partir daí, começa a descer.

Os assassinatos dos 60s e o o imperium do ódio. O desaparecimento do Reverendo King tem o impacto internacional da morte de um estadista. Um dos melhores, um dos gigantes, tinha acabado de ser assassinado por pessoas devotadas a manter ódios vivos. Os irmãos Kennedy seguir-se-iam. Ódio. Ódio é, para alguns, uma força vital num regime; mais importante que amor. Ódio traz tensão. Tensão traz conflito. Conflito permite manter a sociedade dividida. Quando a sociedade está dividida, é vulnerável a predadores de alto nível. Enquanto as questões raciais estão a ser deixadas para trás, em casa, o país está a ser mobilizado para uma expressão fútil de ódio e conflito, no Sudeste Asiático. É uma guerra fútil, letal para muitos, mas lucrativa para alguns.

**F , / % 0 1# 5 .**

Herbert Marcuse, um homem da firma. Um homem interessado em ódio e divisividade é Herbert Marcuse. Durante décadas, Marcuse ajudou a disseminar estes sentimentos na Europa ocidental, no papel de chefe de operações psicoculturais da CIA para o Continente. Um homem da firma nunca a abandona; quando na firma, para sempre na firma. Um homem da firma pode ser destacado para um novo trabalho, numa nova posição, mas nunca deixa de trabalhar para a firma. Depois do périplo europeu, Marcuse reinventa-se (ou é reinventado) como académico. É agora um professor discursivamente incompreensível, literariamente intragável. Mais que isso, é um marxista cultural com o grupo conhecido como Escola de Frankfurt.

Escola de Frankfurt e Martin Heidegger na Alemanha de Weimar – Destruktion. A Escola de Frankfurt é, ela própria, composta de tantos outros homens da firma. Alguns provêem da firma nos EUA; os outros da casa-mãe britânica. Outras duas coisas os unem a todos: marxismo cultural e a República de Weimar. Todos estes homens tinham passado a década de 20 a disseminar irracionalismo, pessimismo civilizacional e nihilismo existencialista no panorama cultural de Weimar. São os irmãos de armas de Martin Heidegger, o existencialista, um dos filósofos essenciais do III Reich. O evangelho negro destes homens é um de desmantelamento e de destruição; a destruição gélida de pessoas, ideias, sociedades. Heidegger chama-lhe “Destruktion”. A sua filosofia é conhecida como existencialismo, mas poderia ter sido chamada de

*destrucionismo*. Um termo aproximado, *desconstrucionismo*, será usado por alguns dos seus sucessores na Europa ocidental; pessoas como Derrida, Foucault e outros habitantes dos *millieus* do terrorismo cultural europeu, em institutos, comunas aristocráticas, fundações.

Ódio pela sociedade democrática guia delírios totalitários. A doutrina de Heidegger e dos Frankfurters é a de que a civilização moderna é um fenómeno aberrante. Desenvolvimento, descentralização, classes médias, democracia, liberalismo político. Todos são doenças civilizacionais que alienam o homem do seu destino real: a fusão como célula no grande corpo totalitário do Staat, para a construção da Utopia colectiva, o paraíso na Terra.

A despersonalização do indivíduo, fusão no Staat, para "harmonia colectiva". Ser fundido no Staat não é uma tarefa necessariamente fácil. Para alcançar esse passo, o homem tem de se despir de si mesmo, aceitar a perda da sua identidade, deixar todas as suas crenças e valores para trás – despersonalização. O espaço vazio pode depois ser preenchido com uma nova essência, um "nós" colectivo, o grande self colectivo do Staat. Este evangelho negro prescreve os seus próprios rituais; o propósito é algo que é chamado de conversão social. O passo sacramental mais importante é o do abandono de todos os princípios morais prévios. A pessoa moral apega-se à sua identidade moral, aos seus princípios e, por consequência, à sua personalidade individual. Mais do que isso, quando tem princípios fortes e consistentes, tem a tendência de se opor a sistemas despóticos; como é o caso com colectivos despersonalizantes. Está, desta forma, *alienado*. Está atomizado em si mesmo, e não quer juntar-se a "nós", cooperar "connosco", fundir-se para a grande Utopia colectiva que viria a ascender com o Machtergreifung.

**F 2 " > B 7 A**
**GH ?.**

Ultra-relativismo – "Tudo é subjectivo" [oximoro, falácia]. De forma a poder ser despersonalizado, o homem moral e personalístico tem de ser sujeito a todo um processo de subjectivação e relativização. Tem de ser feito *aceitar* que todas as suas crenças e valores são inteiramente relativos a um tempo e a um lugar; por conseguinte, não há nada de mal ou de danoso em despir-se deles. Afinal, "*tudo é subjectivo*". É claro que esta é uma afirmação irracional e auto-contraditória, um oximoro, que nos diz que "*a única verdade é que não existe verdade*" [se "*não existe verdade*" então não posso afirmar que existe uma "*verdade*" absoluta, que é essa; da mesma forma, se "*tudo é subjectivo*", isso significa que não posso fazer uma afirmação de objectividade ao dizer que "*tudo é subjectivo*"].

Irracionalismo relativista molda Weimar e Ocidente do pós 70s – desconstrução e heresia social. Seja como for, este tipo de irracionalismo pode ser promovido de formas apelativas e convincentes. Foi determinante para moldar as correntes de pensamento

social na Alemanha de Weimar; mais tarde, a partir dos anos 70, esse fenómeno seria reproduzido na generalidade do mundo ocidental. Em ambos os casos, isto serviu para criar uma dissolução geral de valores e de crenças, o tipo de ambiente onde uma ideia é atacada e desmantelada (desconstruída, destruída, descredibilizada) *pelo simples facto de o ser*. Afirmar a validade de uma ideia torna-se algo de herético quando a única ideia que é tolerada é a de que "*tudo é subjectivo*" – a ideia irracional que é colocada a circular para destruir e anular todas as restantes. O antídoto para a racionalidade humana. Na Alemanha de Weimar como no mundo ocidental pós anos 70, isto serviu para criar uma ambiência geral onde o debate de ideias passou a ser feito num patamar de subjectivismo e irracionalismo geral. "Eu *acredito* que 2+2=7, qual é a tua opinião?"; "bom, *eu acho* que é 22", "a mim *parece-me* que é 9". No momento em que alguém chega a este debate de tolos e diz "*eu consigo provar que é 4*", esse alguém tende a ser visto de modo bastante negro [hoje em dia, será rotulado de dogmático, insensível, autoritário, intolerante].

Desconstrução cognitiva e moral acompanha desmantelamento sócio/económico. A desconstrução de valores e crenças acompanha sempre uma desconstrução sócio/económica geral; em Weimar como no Ocidente pós 70s. Com efeito, é algo que facilita essa desconstrução. Quando o público é composto de pessoas gelatinosas que foram cognitiva e discursivamente neutralizadas, a economia e a sociedade estão abertas para livre desmantelamento, por grandes interesses – bancários, em ambos os casos.

**F $ 2 ! ’ /# .**

Ultra-relativismo contribui para proliferar doutrina totalitária. Convém assinalar que, também em ambos os casos (Weimar, Ocidente pós 70s), a doutrina anti-humana e anti-civilizacional que é representada por estes homens é proliferada pela sociedade. O desdém geral por racionalismo e por integridade moral é acompanhado do ódio pela civilização moderna, democrática, liberal, de classe média. De alguma forma, "*tudo é subjectivo*" mas estas coisas não o são; só os valores e as crenças a abater são subjectivas. O tipo de radicalismo totalitário aqui presente serve para espalhar os memes e para facilitar a criação do tipo de constituência que é necessária para a fase seguinte, a fase de instalação de ditadura.

O colapso leva a ditadura. Com efeito, o processo de desconstrução não dura para sempre e, eventualmente, há um colapso, choque social, ditadura.

O Staat total é "deus" na Terra – depois de ultra-relativismo, objectivismo dogmático. A ascensão de ditadura inaugura a fase para a qual os Utopistas trabalharam. O Staat total é instalado. E é claro que o Staat total tem crenças e valores que são bastante *fixos* e *objectivos*. Quem não concordar com eles é, aliás, preso, torturado, reeducado, executado. E Heidegger e os Frankfurters estavam inteiramente a bordo com tudo isto. A desconstrução de crenças e valores, dizem-nos estes homens, é uma fase de descongelamento e de fluxo que é necessária para o recongelamento numa nova ordem,

*objectiva*, de crenças e de valores. É, aliás, a ordem mais objectiva que poderia existir, reiteram-nos estas pessoas. Subjectividade é o predicado do sujeito. A soma de todas as subjectividades individuais (estado total) forma uma subjectividade universal que, sendo universal, pode ser definida como sendo objectiva para um tempo e para um lugar [e, com esta construção, o estado é equiparado a “deus” na Terra]. O Staat total é a soma de todas as subjectividades, a expressão máxima do colectivo, o grande corpo social. O corpo social define a objectividade temporária e contextual de um dado sistema de crenças e de valores. E é melhor que a pessoa acredite em qualquer nonsense que venha do Staat do qual *faz parte*. Isso tende a acontecer com alguma facilidade.

Radicalização – Intimidação e reeducação – O campo de concentração. (na continuação do anterior) As pessoas que passaram os anos anteriores a desconfirmar as suas crenças e valores, as suas próprias identidades pessoais, são um alvo fácil para a imposição de um sistema dogmático de crenças. Muitas destas pessoas sentem necessidade de dogma autoritário nas suas vidas, algo que lhes dê significado de vida e poder pessoal sobre o ambiente. São as pessoas mais sugestionáveis pelo processo de radicalização identitária que facilita e acompanha a instalação de ditadura. Muitas outras pessoas estão no meio-termo, mas podem ser coagidas a interiorizar o dogma autoritário através de intimidação ou reeducação. Muitas outras são aquelas que não precisam de interiorizar o dogma autoritário, desde que se saibam manter caladas e saibam fingir aceitação; este é quase sempre o caso para as classes baixas [o perpétuo *pool* de servos]. E depois existem aquelas que não se encaixam em nenhuma das anteriores categorias; são aquelas que acabam por ser enviadas para o campo de concentração.

Desconstrucionismo leva sempre a dogma autoritário. Desconstrucionismo não é apenas *nonsense* oximórico, falacioso; é também um processo que acaba sempre na imposição das mais virulentas formas de dogma e de autoritarismo.

< ’ " / " /# " .

Desconstrucionismo leva sempre a dogma autoritário. Desconstrucionismo não é apenas *nonsense* oximórico, falacioso; é também um processo que acaba sempre na imposição das mais virulentas formas de dogma e de autoritarismo.

A deriva identitária totalitária actual. A actual deriva para identitarismo e para coesão social integrativa [i.e. totalitarismo] tem de ser vista a esta luz. Sob a Alemanha nazi, toda a sociedade foi radicalizada em vários clusters identitários (grupos sociais e profissionais) organizados à volta da “identidade ariana comum”. O mesmo padrão é seguido por todos os outros totalitarismos dos séculos 20/21, com uma “identidade comum” *mainstream* que funciona como ápice integrativo dos vários clusters identitários. Na actual sociedade tecnetrónica (como Brzezinski lhe chamou), não existe um ápice declarado.

Identidade radical tecnetrónica: desconstrução, fragmentação, dispersão [Brzezinski]. A identidade radical da era consiste nas qualidades de desconstrução, dispersão, segmentação *per se*. Essa é a identidade que efectivamente une todos os clusters identitários sob a sociedade tecnetrónica; é um complexo meta-identitário composto das ideias de desconstrução, dispersão, fragmentação social radical. É esse que é o Volkgeist da era, algo a que Brzezinski aludiu ao de leve quando escreveu "The Technetronic Society", no final dos anos 60. Os clusters identitários actuais são (sejam facialmente aliados ou rivais), irmãos de armas na destruição da velha ordem e na conjuração da nova ordem; uma entidade dispersa, caótica, desorganizada, conflituante. Essa nova ordem é algo que eventualmente consistirá num género de tecno-feudalismo, que será tendencialmente organizado por domínios tribais e por cidades-estado.

**JARDIM DO ÉDEN – Alienação-Emancipação**.

**Alienação – Deus, hebreus, alma, religião**.

---

! " # $ % # % %

***Visível na Civitas Dei de Agostinho”*** &*Alienation is the experience of "estrangement" (Verfremdung) from others, and the intimation of an alternative. This becomes apparent in different ways in the civitas dei of Augustine and the cur deus homo of Anselm… the religious source of alienation… Alienation, according to Feuerbach, derives from the externalization (Entausserung) of human powers upon a nonexistent entity: God. An imaginary world comes into existence, which is the richer, the poorer this one…’* (
) * ! +, ,+ - . $* / 0 $* 1

. % 2 3 # 4 &*…the new guilt complex appears to be historically connected with the rise of patriarchal religion (for the Western development the Hebrews are decisive)… Human consciousness can be liberated from the parental (Oedipal) complex only by being liberated from its cultural derivatives, the paternalistic state and the patriarchal God’* ( 5 % - 4
6789 : ; *< $* = / * / > 3 / ? /
@ / =

= A % % % 4 &*If there is a universal neurosis, it is reasonable to suppose that its core is religion’* ( 5 % - 4
6789 : ; *< $* = / * / > 3 / ? /
@ / =

; % ( % # 4 &*According to The Ego end the id, the reservoir of narcissistic libido thus formed constitutes a store of “desexualized, neutral, displaceable energy” at the disposal of the ego, and it is this energy which is redirected outward to reality again in the form of sublimations… To quote Freud, "The transformation of object-libido into narcissistic libido which thus takes place obviously implies an abandonment of sexual aims, a process of desexualization, it is consequently a kind of sublimation." Thus the soul is the shadowy substitute for a bodily relation to other bodies’* ( 5 % - 4 6789 :
; *< $* = / * / > 3 / ? / @ / =

**Alienação – Expulsão do Éden – “Adão nunca caiu”**

; % % B &*Alienation has a long history. Its most radical sense already appears in the biblical expulsion from Eden. The story of paradise lost precedes the loss of objects to the world of exchange, which originally defined its social usage. The biblical allegory justifies the fallen state of humanity and explains why people are condemned "to earn their bread by the sweat of their brow."It also shows why trust between individuals has been lost, nature appears as an enemy, and – interestingly enough – redemption becomes possible. Unity and harmony are forfeited, and humanity is stripped of its organic connection to the world with the banishment of Adam and Eve'* ( ) * ! +, ,+ - .
$* / 0 $* 1

C ; % D E %% ; E %% %
F % ! ; ! % % A
% % % ( * % % %  % %
# % G * % % # %
A

; 4 &*Freud, who abandoned many illusions, did not abandon the illusion that Adam really fell, and thus his allegiance to sublimation and civilization… We on the other hand cling to the position that Adam never really fell… The entry into Freud cannot avoid being a plunge into a strange world and a strange language— a world of sick men, a diagnostic language of formidable technicality… It is a shattering experience for anyone seriously committed to the Western traditions of morality and rationality to take a steadfast, unflinching look at what Freud has to say. It is humiliating to be compelled to admit the grossly seamy side of so many grand ideals. It is criminal to violate the civilized taboos which have kept the seamy side concealed. To experience Freud is to partake a second time of the forbidden fruit; and this book cannot without sinning communicate that experience to the reader. But to what end? When our eyes are opened, and the fig leaf no longer conceals our nakedness, our present situation is experienced in its full concrete actuality as a tragic crisis'* ( 5 %
- 4 6789 : ; *< $* = / * / > 3 /
? / @ / =

**Emancipação – Voltar a cometer Pecado Original – "sereis como Deus"**

&*…man would order his life in accordance with his fully developed knowledge, so that he would ask again what is good and what is evil… If the guilt accumulated in the*

*civilized domination of man by man can ever be redeemed by freedom, then the 'original sin' must be committed again: 'We must again eat from the tree of knowledge in order to fall back into the state of innocence.''*' ( 3 # > 678I !
. ‹ ; * * / E 1

5 * * % % # % % % E %%

***Um livro intitulado "sereis como deuses", seguindo a aliciação da Serpente***

&*In the process of history man gives birth to himself. He becomes what he potentially is, and he attains what the serpent — the symbol of wisdom and rebellion — promised, and what the patriarchal, jealous God of Adam did not wish: that man would become like God himself*' ( ! * E %% 67J7 K )* ; L ‹
* - $ % E 4 = %

**JOHN DUNPHY [The Humanist, 1983] – Aniquilar fé Cristã**.

Humanismo vai travar guerra contra Cristandade na escola.

***Batalha tem de ser travada na sala de aula por professores que professam nova fé.***

***Uma religião da humanidade.***

***"Classroom will become an arena of conflict between old and new".***

***"The rotting corpse of Christianity and the new faith of humanism".***

***"A long, painful struggle with many tears, but humanism will emerge triumphant"***.

«

» – John Dunphy, "A Religion for a New Age", Humanist Magazine (Jan.-Feb., 1983).

**JR LORD (1931) – ICMH – Desarmar a mente, destruir valores, controlar natureza humana**.

“Velhas convenções e valores têm de ser desafiados, se necessário drasticamente”.

“Objectivo tem de ser controlar a natureza humana – usando o poder das emoções”.

“Necessidade de desarmar a mente”.

“Temos de aprender a pensar internacionalmente”.

“Para isto, está aqui o International Committee for Mental Hygiene”.

«

!

" »

Dr. J.R. Lord, psychiatrist, at the Second Biennial Conference of the National Council for Mental Hygiene, London, May, 1931 – Mental Hygiene, Vol. 18 (01/01/1934).

**J** .

<u>Quebra dramática da literacia, da II Guerra em diante</u>. «*It wasn't until the end of the Second World War that the thing got full speed. During the Second World War, the American ability to read, which was astonishing, unbelievable and unprecedented in world history was substantially deconstructed in the schools. If you look at the figures, not from the state education department test, but from the Army general classification scores, the difference between America in 1940 and in 1950 is a planetary difference… Let me simply take the black population for example. In 1940 84% of American blacks who applied for the army, and of course there were 18 million people applying then or being drafted in 1940-41, 84% were fully literate, in 1950 the figure had dropped to 38%, in 1960 to 28% and there're further diminutions of that. The American white population in 1940, according to the 18 million people who were inducted during the Second World War was 99% literate. The New York State Education Department issued last year that stated that said only 50% of the state adults could read bus instructions, and fill out forms like income taxes forms -- simple forms*» – John Taylor Gatto. "A Short Angry History of American Forced Schooling". Speech to the Vermont Homeschooling Conference

**JT GATTO – “A well managed, godless mass”**.

Cultivar desconfiança e insegurança.

***“So inadequate, so irresponsible that they had to be controlled and regulated”***.

***“Irresponsible semi-illiterate people”***.

A “new change agentry schooling” para a “managed society”.

***“Schools training a social lump to be a well managed mass – level, anxious, spiritless families, godless and conforming… sources of accomplishment are external… fearful, stupid, voiceless, addicted to novelty”.***

***“It takes three years to break a kid… whining, treachery, dishonesty, malice, cruelty”.***

***“Self hatred, ineptitude, generalized antagonism are justification for managed society of experts… Children like this need extensive management”***.

«*Children would be made to see that their classmates, and indeed the average man or woman were so inadequate, were so irresponsible that they had to be controlled and regulated… It makes sense of course, doesn't it? That irresponsible semi-illiterate people could not be trusted with much responsibility so in the new change agentry schooling… the teacher is a therapist, translating the prescriptions of the social psychologists into practical action research in the classroom… Schools training a social lump to be needy, frightened, envious, bored, talentless and incomplete… a well managed mass -- level, anxious, spiritless families, godless and conforming; people who believe that the difference between Coke and Pepsi is matter worth arguing about… that status is purchased and others run our lives. We learn there that sources of joy and accomplishment are external, that the contentment comes with the possessions, seldom from within. School cuts our ability to concentrate to a few minutes duration, creating a life-long craving for relief from boredom through outside stimulation. In conjunction with television and computer games, which employ the identical teaching methodology, these lessons are permanently inscribed. We become fearful, stupid, voiceless and addicted to novelty… the school can not help anybody grow up, because its prime directive is to retard maturity. It does that by teaching that everything is difficult, that other people run our lives, that our neighbors are untrustworthy even dangerous. School is the first impression children get of society. Because first impressions are often the decisive ones, school imprints kids with fear, suspicion of one another, and certain addictions for life. It ambushes natural intuition, faith, and love of adventure, wiping these out in favor of a gospel of rational procedure and rational management… What seems clear to me after 30 years inside the business, is that school is a place where children learn to dislike each other. What causes that? The self hatred, ineptitude, and*

*generalized antagonism are certainly the justification for a managed society that deviates from the founding documents of this nation, which conferred sovereignty on ordinary people, not on experts… The constant scrambling for attention and status in the close confines of the classroom., where those are only officially conferred by an adult who lacks both the time or the information (to be fair), teaches us to dislike and distrust each other. This continuous auction of favors, has something to do with our anger, and our inability to be honest or responsible, even as grown-ups. Yet, ironically, irresponsibility serves the management ideal much better than decent behavior ever could. It demands close management, it explains all those lawyers, all those courts, all those policemen and all those schools. Now either we are structurally undependable, necessitating constant policing, or somehow we have been robbed of our ability to become responsible… As I watched it happen, it takes three years to break a kid, 3 years confined to an environment of emotional neediness, songs, smiles, bright colors, cooperative games, these work much better than angry words and punishment. Constant supplication for attention creates a chemistry whose products are the characteristics of modern school children -- whining, treachery, dishonesty, malice, cruelty and similar traits… Ceaseless competition for attention in the dramatic fishbowl of the classroom, reliably delivers cowardly children, toadies, school stoolies, little people sunk into chronic boredom, little people with no apparent purpose, just like caged rats, pressing a bar for sustenance, who develop eccentric mannerisms on a periodic reinforcement schedule. Those of you who took rat psychology in college will know what I'm referring to -- just like the experience of rat psychology, the bizarre behavior kids display is a function of the reinforcement schedule in the confinement of schooling to a large degree. I'm certain of that. Children like this need extensive management*» – John Taylor Gatto. “A Short Angry History of American Forced Schooling”. Speech to the Vermont Homeschooling Conference

**JULIAN HUXLEY (1947) – UNESCO**.

**Julian Huxley (1947) – Unesco e a "necessidade" de governo mundial**.

***[Por que é que havia de ser? Os pássaros das Galápagos precisam de um governo mundial de pássaros para evoluir? Toda esta ideia é porque assim os tipos mais evoluídos, que mandam no governo mundial, têm os tipos inferiores todos controlados, e isso é essencial para evolução]***

*…major progress in human evolution. Accordingly, although political unification in some sort of world government will be required for the definitive attainment of this stage*

*…this is the first time in history that the scaffolding and the mechanisms for world unification have become available*

!

" !

***…frisar necessidade de unidade política mundial***

***…familiarizar povos com implicações de plena transferência de soberania***

*Unesco… must envisage some form of world political unity, whether through a single world government or otherwise… in its educational programme it can stress the ultimate need for world political unity and familiarise all peoples with the implications of the transfer of full sovereignty from separate nations to a world organisation*

" # $

*Unesco… towards a unified way of life and of looking at life, a contribution to a foundation for the unified philosophy we require*

% & ’ ( )*+,-. # / 01"23 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Unesco e a monocultura global**

\# $

*…the more united man's tradition becomes, the more rapid will be the possibility of progress: several separate or competing or even mutually hostile pools of tradition cannot possibly be so efficient as a single pool common to all mankind…*

6 7

*…unifying ideas can exert an effect across national boundaries… the unifying of traditions in a single common pool of experience, awareness, and purpose is the necessary prerequisite for further major progress in human evolution. Accordingly, although political unification in some sort of world government will be required for the definitive attainment of this stage, unification in the things of the mind is not only also necessary but can pave the way for other types of unification*

8 ! 8

***"…a single world culture, its own philosophy and ideas, its own broad purpose"***

*The task before Unesco… is to help the emergence of a single world culture, with its own philosophy and background of ideas, and with its own broad purpose. This is opportune, since this is the first time in history that the scaffolding and the mechanisms for world unification have become available…*

% & ' ( )*+, -. # / 0 1 "2 3 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Reconciliar "Ocidente" e "Leste"**

"

***Individualismo vs colectivismo, capitalismo vs comunismo, Cristandade vs marxismo***

9 8 # $

***Isto tem de acontecer, através da dialéctica da evolução***

***Os dogmas têm de ser atirados fora***

*…at the moment two opposing philosophies of life confront each other from the West and from the East… You may categorise the two philosophies… as individualism versus collectivism… or as capitalism versus communism; or as Christianity versus Marxism… Can… these opposites be reconciled, this antithesis be resolved in a higher synthesis? I believe not only that this can happen, but that, through the inexorable dialectic of evolution, it must happen… In pursuing this aim we must eschew dogma-whether it be theological dogma or Marxist dogma… East and West will not agree on a basis for the*

*future if they merely hurl at each other the fixed ideas of the past. For that is what dogmas are – the crystallisations of some dominant system of thought of a particular epoch. A dogma may, of course, crystallise tried and valid experience: but if it be dogma, it does so in a way which is rigid, uncompromising and intolerant*

% & ' ( )*+, -. # / 0 1 "2 3 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – A Unesco decide o que é moral e liberdade**

: ;

3 8 ! **vários** **(!)**

***Moralidade, ética, métodos educacionais, papel da arte na sociedade, sistemas económicos, o papel da ciência na vida quotidiana, intepretação do que é liberdade, cooperação internacional (!)***

" < =8 8

***[És livre para servir a comunidade e pagar impostos, és livre para espalhar propaganda autorizada, como aquecimento global e afins. És livre para matar o cérebro a ver televisão e a jogar jogos de vídeo. És livre para ver muita pornografia e, se fores mais consequente que isso, também és livre para ter muito sexo com muitas pessoas diferentes, desde que isso não resulte em mais crianças inaptas como tu próprio. Se isso acontecer, és livre para abortar]***

---

*The two opposing philosophies of to-day differ essentially on one point – the relation between the individual and the community. But this one central difference provides differences in every field with which Unesco has to deal, as well as in many others. It engenders different moralities and systems of ethics; different methods of education; different conceptions of the role of art in society; different economic systems; different ways of integrating science with national life; different interpretations of the fundamental human freedoms; different conceptions of the possibilities and limits of international co-operation*

% & ' ( )*+, -. # / 0 1 "2 3 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Síntese dialéctica resulta em humanismo evolucionário**

9 2 = ) .

***Os indivíduos não têm significado vistos fora da comunidade*.**

***A comunidade encontra o seu sentido no indivíduo*.**

***É preciso "interpenetration of the self with other reality, including other selves"*.**

*Evolutionary humanism… society as such embodies no values comparable to those embodied in individuals; but individuals are meaningless except in relation to the community… and can only achieve fullest self-development by self-transcendence, by interpenetration of the self with other reality, including other selves*

% & ' ( )*+,-. # / 01"23 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Eliminação de "dogmas rígidos" – unfreeze, flow, refreeze**

4 8< # ! $

***Crenças cristalizadas, fixas, rígidas, que não comprometem***

***[Isto é tudo muito bem, porque a linguagem usada faz lembrar coisas como racismo – apesar de o autor ser ele, próprio, de uma escola de pensamento racista, a escola eugénica]***

***[Mas facilmente se pode pensar numa questão sindical nestes termos]***

5 ' < =

4 / " > " ? "@A ( ; (

*In pursuing this aim we must eschew dogma – whether it be theological dogma or Marxist dogma… For that is what dogmas are – the crystallisations of some dominant system of thought of a particular epoch. A dogma may, of course, crystallise tried and valid experience: but if it be dogma, it does so in a way which is rigid, uncompromising and intolerant… If we are to achieve progress, we must learn to uncrystallise our dogmas*

3 < *flexible, may be capable… development and adjustment*

% & ' ( )*+,-. # / 01"23 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Dialéctica Hegeliana e Marxista – unfreeze, flow, refreeze**

*This last point immediately recalls the thesis, antithesis, and synthesis of Hegelian philosophy, and the Marxist "reconciliation of opposites" based upon it*

! 8 B

% & ' ( )*+, -. # / 0 1 "2 3 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

**Julian Huxley (1947) – Equacionar educação com propaganda, como Lenin queria**

*Taking the techniques of persuasion and information and true propaganda… and deliberately… utilising them, as Lenin envisaged, to "overcome the resistance of millions" to desirable change*

% & ' ( )*+, -. # / 0 1 "2 3 4 4 ($ 4 (
1 / 0 1 " !

! " "# " "" ".

$ % & # ! ' ' ! $ .

Media, educação e religião como veículos de propaganda. Os três veículos de comunicação com as massas – media, educação e religião – têm de estar alinhados com os propósitos do estado totalitário e têm de existir para difundir propaganda.

Arte como propaganda. As formas de arte precisavam de ser reformuladas como propaganda. [ ( ! $ ] «*A*

.»

Submissividade para a casta inferior, liderança para a casta superior. Julian Huxley pretendia que a « » fosse caracterizada por « », ao passo que « » só seriam tolerados para os « ».

[ ( ! $ ] «

.»

"Education as a social function". Julian Huxley pretende que a educação seja inteiramente alterada. Passa a ser « ».

Internacionalmente coordenada, para mediocridade global. Internacional, coordenada por agências transnacionais. Numa era global, a educação tem de ser estandardizada pelo planeta fora, e o mesmo standard de mediocridade tem de ser tornado mundial.

De baixa qualidade. Pobre e de baixa qualidade.

Consistir em propaganda para inculcar crenças e comportamentos desejados. Um veículo politizado de propaganda, para inculcar as crenças, os valores, e os comportamentos que são desejados pelas autoridades. Gestão de manada.

Desencorajar individualismo, encorajar conformidade. Desencorajar pensamento individual e encorajar conformidade social, com o grupo.

Julian Huxley (1947), Man in the Modern World. London: Chatto & Windus.

$ % & # $# ) " ! " " ".

Ideias de bem e mal têm de desaparecer. Quando o mundo é suposto ficar à mercê dos caprichos de doentes mentais mimados, pessoas como Julian Huxley, então é intolerável

que existam indivíduos com ideias definidas em relação a bem e mal. Com uma consciência, por outras palavras.

Ideia de Deus tem de ir. A religião tem de abandonar a ideia de Deus. Portanto, Huxley diz-nos, como num decreto, que esta ideia de Deus tem de ir embora: se a « » pretende continuar a ter um papel de destaque « » então «! " # ».

Impulsos religiosos têm de ser cooptados para a comunidade totalitária. «$ # ». Os « % », « » e podem ser cooptados para promover os ideiais da sociedade totalitária. Deus é trocado pela $ , ou pelo * # +' " . As regras de bem e mal deixam de ser decretadas pelos Dez Mandamentos e passam a ser decretadas por pessoas esclarecidas e iluminadas como ele próprio, Huxley, e disseminadas pelos veículos de propaganda: o sistema educativo e os media. As igrejas passam a ser veículos de colaboração comunitária, para avançar estado totalitário.

Comunismo e fascismo mostram o caminho. Huxley vê as como exemplo nestes respeitos. Diz-nos que «& », e é visível nas « ' », que são exemplos neste respeito. « ( ) * + ' ». Huxley fala-nos dos « , - - . / 0 ) ) * + # .»

Julian Huxley (1947), Man in the Modern World. London: Chatto & Windus.

**JULIAN HUXLEY – Perfil**.

Pré-II Guerra: eugenista e simpatizante nazi. Sir Julian Huxley.

Pós-II Guerra: eugenista e "ambientalista". Apoiante NAMH, oficial da Eugenics Society e da Euthanasia Society. É um dos fundadores do movimento ambiental das fundações (WWF, IUCN e tudo o resto).

Socialista fabiano.

Primeiro director-geral UNESCO.

**KANT – Absolutos arbitrários – Totalitarismo de estado**

Aplicar valores absolutos à acção humana. Kant assevera o valor dos absolutos e aplica-os à acção humana. Ou seja, os humanos têm o dever de procurar concretizar os valores absolutos da teoria na sua prática diária.

Valores kantianos resultam de arbitrariedade e capricho. Kant diz-nos que os valores absolutos podem ser definidos pelo indivíduo filosoficamente avançado (autores posteriores incluem qualquer indivíduo, ou o colectivo) o que, em linguagem filosófica germânica significa qualquer charlatão poderoso o suficiente para impor arbitrariedades a todos os outros.

Encontramos valores como "eficiência".

Legitimação do todo-poderoso Staat – totalitarismo filosófico. Kant quebra o gelo para a legitimação filosófica de arbitrariedade totalitária – a ideia de que o homem avançado no leme do Estado pode definir Absolutos universais que, depois, impõe a todos os outros.

**LEWIS ALESEN – Mental Robots (1957)**.

---

---

***Dilúvio de propaganda sob o rótulo de "saúde mental".***

***Objectivo é a destruição de cada indivíduo como pessoa, e erradicação de tradições, ideais e conceitos morais.***

***Pressão concertada para destruir iniciativa e para "confiar" no grupo, o estado***

***Isto está a envolver os mais variados sectores da sociedade.***

***Milhares de indivíduos, mesmo sem o saber, acabam por contribuir para este propósito.***

***Doutrinação em dinâmica de grupo é essencial para isto.***

***Ou seja, arte de propagandizar sem parecer que se está a fazê-lo.***

***Plano para redução de cada indivíduo a um animal servil e colectivista.***

***Exceptuando aqueles que se concebem como génios e dotados de capacidade para gerir os assuntos dos outros***

!*Americans today are being deluged with a cleverly planned and skillfully executed barrage of propaganda designed to achieve adoption of a somewhat nebulous group of proposals by federal, state, and local governments classified under the broad general and disarmingly innocent title of "The Mental Health Program"… Its (robotry) objectives may be concisely and accurately described as the ultimate destruction of the human individual as a person; the eradication of all the traditions, ideals, and moral concepts which he has learned from home, church and school: honor, fairness, loyalty, kindness, patience — those things which are the antithesis of cruelty, meanness and violence… From the day he enters kindergarten to the day he completes his formal education, whether that be at the fifth grade or with a string of degrees cum laude, the citizen is subjected to concerted pressure designed to destroy his faith in himself, to stifle his initiative and to encourage him by every device possible to deny and reject responsibility for himself, and to place that responsibility upon the group, that is, the State…*"

# !*large segments of the teaching profession, medicine, law, engineering, architecture, and business and industrial leaders, as well as an unbelievably large number of clergymen of all faiths and denominations*"

!*The master plan*" $ !*the result of the efforts of countless thousands of individuals, most of whom were and are so busily engaged in the narrow confines of their own special interests that they have not had the time, the inclination, or the ability to gain a perspective of the ultimate aims of the plans which they have so actively aided in bringing to fruition*"

!*During the past ten or fifteen years there have been conducted summer sessions in group dynamics… a carefully arranged schedule of indoctrination has been prepared by the National Education Association… The fundamental objective of this training is to prepare those so trained in the subtle art of propagandizing without seeming so to do*"

!*While most of the almost innumerable books, pamphlets, and other publications issued by the sponsors of the mental health program are purposely and craftily disingenuous, disguising its real and ultimate purpose… a perfectly drawn and beautifully elaborated blueprint for the ultimate reduction of every individual in this world, except the favored few who conceive of themselves as possessed of an incomparable genius in their ability to direct the affairs of others, into… a common servile obeisance to his master, the State, and a common, animal-like intelligence totally bereft of any appreciation of, or desire for, any existence other than the continuance of the so-called guaranteed security in the filthy barnyard of collectivism*"

%&' ()* + ,

**LIFTON – "Atrocity-producing situations"**

**Robert Jay Lifton e "atrocity-producing situations"**

"The Nazi Doctors", The Nation. O que está a suceder no Iraque reflecte aquilo que o Dr. Robert Jay Lifton, psiquiatra, chama de « ». Usa este termo inicialmente no seu livro, "The Nazi Doctors". Em 2004, escreve um artigo para The Nation, onde aplica os seus insights à guerra e à ocupação no Iraque.

Estrutura de poder monta ambiente doentio.

Tentativa de induzir pessoas normais a cometer atrocidades com regularidade.
« » ocorrem quando uma estrutura de poder monta um ambiente onde «

!
"
#
» [The Nation].

**LORD ADRIAN – “Saúde mental preventiva: quebrar famílias, policiar pessoas”**

Eugenics Society – NAMH – Voluntary Euthanasia Society. Lord Adrian era um globetrotter destas coisas, como usual nesta classe.

“Serviços de saúde preventiva têm de interferir com liberdade individual”.

***“Saúde mental exige separar mães de filhos – supervisionar vidas de pessoas que preferem ser deixadas sozinhas”***.

«

» Lord Adrian (1956), cit. in The Medical Officer, Vol. 95, May 18, 1956.

**MARCUSE (1965) – CIA – "Tolerância repressiva"**

**MARCUSE – CIA – Russian Institute, Columbia – Brandeis**

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória**

*…the practice of discriminating tolerance*

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Usar violência para acabar com violência**

*The discussion should not, from the beginning, be clouded by ideologies which serve the perpetuation of violence. Even in the advanced centers of civilization, violence actually prevails: it is practiced by the police, in the prisons and mental institutions, in the fight against racial minorities; it is carried, by the defenders of metropolitan freedom, into the backward countries. This violence indeed breeds violence… In terms of historical function, there is a difference between revolutionary and reactionary violence, between violence practiced by the oppressed and by the oppressors. In terms*

*of ethics, both forms of violence are inhuman and evil--but since when is history made in accordance with ethical standards? To start applying them at the point where the oppressed rebel against the oppressors, the have-nots against the haves is serving the cause of actual violence by weakening the protest against it*C

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Intolerância é tolerância**

B*However, this tolerance cannot be indiscriminate and equal with respect to the contents of expression, neither in word nor in deed; it cannot protect false words and wrong deeds… society cannot be indiscriminate where the pacification of existence, where freedom and happiness themselves are at stake: here, certain things cannot be said, certain ideas cannot be expressed, certain policies cannot be proposed, certain behavior cannot be permitted without making tolerance an instrument for the continuation of servitude*C

B*Consequently, it is also possible to identify policies, opinions, movements which would promote this chance, and those which would do the opposite. Suppression of the regressive ones is a prerequisite for the strengthening of the progressive ones*C

B*…the ways should not be blocked on which a subversive majority could develop, and if they are blocked by organized repression and indoctrination, their reopening may require apparently undemocratic means. They would include the withdrawal of toleration of speech and assembly from groups and movements which promote aggressive policies, armament, chauvinism, discrimination on the grounds of race and*

*religion, or which oppose the extension of public services, social security, medical care, etc*C

B*Liberating tolerance, then, would mean intolerance against movements from the Right and toleration of movements from the Left. As to the scope of this tolerance and intolerance: ... it would extend to the stage of action as well as of discussion and propaganda, of deed as well as of word. The traditional criterion of clear and present danger seems no longer adequate to a stage where the whole society is in the situation of the theater audience when somebody cries: 'fire'… true pacification requires the withdrawal of tolerance before the deed, at the stage of communication in word, print, and picture. Such extreme suspension of the right of free speech and free assembly is indeed justified only if the whole of society is in extreme danger. I maintain that our society is in such an emergency situation…*C

H : / @ 3 <) , 7 =

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo**

B*Tolerance is turned from an active into a passive state, from practice to non-practice: laissez-faire… It is the people who tolerate the government, which in turn tolerates opposition within the framework determined by the constituted authorities... those minorities which strive for a change of the whole itself will, under optimal conditions which rarely prevail, will be left free to deliberate and discuss, to speak and to assemble - and will be left harmless and helpless in the face of the overwhelming majority, which militates against qualitative social change… Within the affluent democracy, the affluent discussion prevails, and within the established framework, it is tolerant to a large extent. All points of view can be heard: the Communist and the Fascist, the Left and the Right, the white and the Negro, the crusaders for armament and for disarmament. Moreover, in endlessly dragging debates over the media, the stupid opinion is treated with the same respect as the intelligent one, the misinformed may talk as long as the informed, and propaganda rides along with education, truth with falsehood… Impartiality to the utmost, equal treatment of competing and conflicting issues…*C

B*Universal toleration becomes questionable when its rationale no longer prevails, when tolerance is administered to manipulated and indoctrinated individuals who parrot, as their own, the opinion of their masters, for whom heteronomy has become autonomy*C

H : / @ 3 <) , 7 =

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Laissez-faire é repressivo (2)**

" # # ,K# # # 5 5 #

# - 6 " 6 " # ! # " ! ,

B*But the subject of this autonomy is never the contingent, private individual as that which he actually is or happens to be; it is rather the individual as a human being who is capable of being free with the others. And the problem of making possible such a harmony between every individual liberty and the other is not that of finding a compromise between competitors, or between freedom and law, between general and individual interest, common and private welfare in an society, but of the society in which man is no longer enslaved by institutions which vitiate self-determination from the beginning. In other words, freedom is still to be created even for the freest of the existing societies. And the direction in which it must be sought, and the institutional and cultural changes which may help to attain the goal are, at least in developed civilization, , that is to say, they can be identified and projected, on the basis of experience, by human reason*C

H : / @ 3 <) , 7 =

**Marcuse (1965) – Tolerância discriminatória – Educar para deseducar**

( # 49 # 49 < " =

# , 9 < = # !

B*Where the mind has been made into a subject-object of politics and policies, intellectual autonomy, the realm of 'pure' thought has become a matter of (or rather: counter-education)… The pre-empting of the mind vitiates impartiality and objectivity: unless the student learns to think in the opposite direction, he will be inclined to place the facts into the predominant framework of values*C

B*And this oppression is in the facts themselves which it establishes; thus they themselves carry a negative value as part and aspect of their facticity. To treat the great crusades against humanity (like that against the Albigensians) with the same impartiality as the desperate struggles for humanity means neutralizing their opposite historical function, reconciling the executioners with their victims, distorting the record. Such spurious neutrality serves to reproduce acceptance of the dominion of the victors in the*

*consciousness of man. Here, too, in the education of those who are not yet maturely integrated, in the mind of the young, the ground for liberating tolerance is still to be created*C

H : / @ 3 <) , 7 =

**MARIA MONTESSORI – Educação narcísica "para a paz" e o Ubermann**.

"Educação para a paz", narcisismo. Durante os anos 30, Maria Montessori fala frequentemente de "educação para a paz", e alega que a "brutalização" das características naturais da criança, i.e., disciplina parental e auto-controlo, estimula o conflito.

Combinar trabalho e jogo, estimular narcisismo e "autonomia moral". De modo relacionado, esta é uma fase onde é dada uma grande ênfase à ideia de combinar trabalho e jogo, ou melhor, acabar com a distinção entre ambas as coisas. A educação tradicional, que separava ambas as realidades, oprimia a criança. A criança tinha, portanto, de regressar à árvore e comer do fruto, pecar, para voltar a encontrar união entre a sua essência interna e as forças cósmicas da natureza.

O novo homem nietzschiano. Montessori aspirava à criação de «*a better type of man, a man endowed with superior characteristics as if belonging to a new race: the superman of which Nietzsche caught glimpses*». Maria Montessori, Peace and Education, 15. Cit. in Jackie Clarke, ''Engineering a New Order in the 1930s: The Case of Jean Coutrot,'' French Historical Studies 24 (2001)

______________.

.

Abandonar teoria da benevolência universal – aprender sobre mal, abandonar ilusões. «*...recognizing one had illusions, one was wrong) = learning about evil = learning when to mistrust, giving up the theory of universal benevolence, or that love or good conditions alone can not produce benevolence in all*»

Imensos psicopatas e filhos da mãe no mundo. «*As if there were no sons-of-bitches or paranoids or psychopaths or true believers in the world to crap things up*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Filosofia educacional inapta para lidar com má vontade e miúdos maus. «*What kind of educational philosophy is it that is unprepared for ill will, for bastards, for mean & vicious kids?*»

"O bom selvagem" – Eupsiquismo, T-group, Rogers – não tem teoria do mal.

***Con*** .

.

.

***! " #*** ***$*** % &.

«*Interview today with Time lady on T-groups, & again the thought came that it has no theory of evil, of how to handle bastards, mean & nasty people. The implicit theory in Eupsychian ethics, T-group, Rogers, et al., is that if you trust people, give them freedom, affection, dignity, etc., then their higher nature will unfold & appear. Certainly true much of the time, certainly when there's good will & eagerness to grow & improve. But when there is not good will, but viciousness & hatred instead, then you must be ready to counterattack, to get angry, to fight back — or else you let evil, wrong, nastiness win. Which means you must know not only whom to punish, but whom to war against*» – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979 (May 5, 1968).

.

"Value-free" disease – ethical relativism – amorality.

"Non-theory of evil, a philosophy in which nothing is wrong or evil".

«*[O artigo de Sidney Hook pedia que os motins em faculdades fossem bloqueados, à força se necessário] [April 15] On same subject of evil, add, after reading Sidney Hook's article on student violence (evil file): the faculties are so weak & have no fight in them because they lack a theory of right & wrong, of evil & so don't know what to do in the face of viciousness. This nontheory of evil, it occurred to me, is one peculiar version of the "value-free" disease (which is the same as ethical relativism, of Rousseauistic optimism, of amorality, ie, nothing is wrong enough or bad enough to fight against). What kind of educational philosophy is it that is unprepared for ill will, for bastards, for mean & vicious kids? It's a philosophy in which nothing is bad or sick or wrong or evil*» (Journals, May 6, 1968)

! .

Quem devia ensinar quem? Os mais novos, os mais velhos, ou vice versa? «*Who should teach whom? Youngsters teach the elders, or vice versa? It got me in a conflict about my education theory*»

Perca de tradicional respeito Judaico por conhecimento, professores.

’ () () .

«*...my class has lost the traditional Jewish respect for knowledge, learning, & teachers. Add: this rebellion is not just a generation gap. It's the 1st time in history that students have repudiated their teachers, which means loss of all tacit knowledge, apprentice training, demonstration by the master, showing how, which means a generation of lousy professionals...*» – Abraham Harold Maslow, “The Journals of A. H. Maslow”. (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

" ## $ ! $ ! % .

Maslow era um homem bondoso e não levava uma vida dissipada.

Sente-se desgostado por narcisismo, hedonismo, irracionalismo. O próprio Maslow não levava uma vida dissipada. Portanto, sentiu-se desgostado por aqueles que procuravam esse género de atalhos auto-indulgentes para verdadeira auto-actualização, como líderes no Esalen Institute, Big Sur.

Impulsividade, Nirvana now!, auto-gratificação. «*I've been in continuous conflict for a long time over this, over Esalen-type, orgiastic, Dionysian-type education. Bettelheim's Freudian-type lecture really made me think of this again, ie, of authority, & of trust in authority-teachers-elders vs. impulse-ridden, Nirvana now!, grab the gratification immediately*» – Abraham Harold Maslow, “The Journals of A. H. Maslow”. (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

Juventude hippie é irracionalista, presa no aqui-agora.

«*…revolutionary youth… [discards] the worth and value of rationality. They overstress the senses and emotions… They are too exclusively Dionysian, regarding logic, science, education and the like as imprisonment, with feeling and sensory experience, rather than knowledge, as the wellspring of their motivations… They believe that as one lifts the restraints and allows absolute freedom that only good will result, which means (implies) an unfounded faith in basic human goodness and an implied belief that evil comes only from social restraints and inhibitions… They tend to be short-term, here-now, impatient, and do not realize that education, persuasion, becoming a good person, developing a good society, are all lifetime tasks requiring a large segment in time*»

A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

& ! $ ! % .

Desgosto com conceito de AA – "I'd rather leave it behind me. Just too sloppy". Numa entrada de 28 de Maio de 1967 (Lowry, 1979, pp. 794-95), admitiu para si mesmo que « *Self-actualization… I realized I'd rather leave it behind me. Just too sloppy & too easily criticizable. Going thru my notes brought this unease to consciousness. It's been with me for years. Meant to write & publish a self-actualization critique, but somehow never did*» (28 de Maio de 1967) Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

"AA só é possível em 0.5% da população". Maslow chegou ao ponto de afirmar que a auto-actualização só seria possível para 0.5% das pessoas. Por outras palavras, não acreditava que 99.5% da população fossem capazes de alcançar auto-actualização.

«*History & current events, what with riots & prejudice & greed, certainly must make my lectures sound like rosy dreams & wish-fulfillments, no matter how often I warn that I'm talking about the best one half of 1%*» – (August 11, 1966 entry) Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

’ ( ) .

"Felt like a swindler". Tinha sido recentemente eleito presidente da APA. A 23 de Outubro de 1967, foi convidado para palestrar no Plaza Hotel, New York City, sobre "The Self Actualizing Manager". A sua entrada de diário dessa data diz-nos, «*The self-actualizing manager. Crappy job. Felt like a swindler. (But they thought it was good.)*» Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

AA visava ser um substituto para Deus. Maslow pensava que poderia trazer a utopia se tornasse as pessoas menos dependentes de um Ser Supremo. Tentou, portanto, desenvolver um substituto para Deus, e isso seria auto-actualização.

Maslow reconhece o erro. Ao ver os resultados, depressa começou a perceber o erro.

"I smell insanity and death". Cerca de um ano antes de morrer, escreve que «*I've been sniffing along the network of institutions that have adopted my thinking and finally I get a smell of insanity and death*» (May 17, 1969 entry)

**! # ! *+, - .**

Maslow procura repor alguma sanidade na sua própria criação. Procura tornar explícito conceito de AA segundo linhas racionais e humanitárias. I.e., pessoas AA são manifestamente bondosas e livres de malícia – – e as crianças não têm maturidade, experiência de vida, ou apreço pelas coisas realmente importantes na vida – portanto, não podem ser incluídos em cursos de clarificação de valores, isto está implícito. Porém, algumas crianças são mais promissoras que outras, e são as que seriam alvo de ataque grupal num T-group – as mais **. " ! / ! .**

**** - )*** . Maslow tinha inventado o conceito de AA para substituir ideais religiosos mas, com isto, volta ao ideal Judaico-Cristão.

***# . .*** . Maslow foi bastante selectivo sobre o objecto da sua repudiação. Nomeadamente, auto-actualização sem responsabilidade pelo próximo.

***. ()*** . Maslow chegou à conclusão que auto-actualização, real maturidade, exige tempo e complexidade.

Infelizmente, já era tarde demais – e Maslow morre no mesmo ano. Quando Maslow tentou voltar o relógio atrás, já era tarde demais. Todo o seu trabalho já estava em circulação e já se tinha tornado parte da ordem natural das coisas.

**! # ! *+, - 0 .**

Conceito de AA pode ser aplicado a crianças.

**. . .**

***' / ) + + ( .***

«*I have removed one source of confusion by confining the concept very definitely to older people. By the criteria I used, self-actualization does not occur in young people. In our culture at least, youngsters have not yet achieved identity, or autonomy, nor have*

*they had time enough to experience an enduring, loyal, postromantic love relationship, nor have they generally found their calling, the altar upon which to offer themselves. Nor have they worked out their own system of values; nor have they had experience enough (responsibility for others, tragedy, failure, achievement, success) to shed perfectionistic illusions and become realistic; nor have they generally made their peace with death; nor have they learned how to be patient; nor have they learned enough about evil in themselves and others to be compassionate; nor have they had time to become post-ambivalent about parents and elders, power and authority; nor have they generally become knowledgeable and educated enough to open the possibility of becoming wise; nor have they generally acquired enough courage to be unpopular, to be unashamed about being openly virtuous, etc*» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

Tornar conceito de AA muito mais exclusivo para as faixas etárias.

«*In any case, it is better psychological strategy to separate the concept of mature, fully-human, sell-actualizing people in whom the human potentialities have been realized and actualized from the concept of health at % age level. This translates itself, I have found, into "good-growth-toward-self-actualization," a quite meaningful and researchable concept. I have done enough exploration with college age youngsters to have satisfied myself that it possible to differentiate "healthy" from "unhealthy." It is my impression that healthy young men and women tend to be still growing, likeable, and even lovable, free of malice, secretly kind and altruistic (but very shy about it), privately affectionate of those of their elders who deserve it. Young people are unsure of themselves, not yet formed, uneasy because of their minority position with their peers (their private opinions and tastes are more square, straight, metamotivated, i.e., virtuous, than average), they are secretly uneasy about the cruelty, meanness, and mob spirit so often found in young people, etc… Self-actualizing persons… are capable of "gratitude:" The blessedness of their blessings remains conscious. Miracles remain miracles even though occurring again and again. The awareness of undeserved good luck, of gratuitous grace, guarantees for them that life remains precious and never grows stale*» – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

! $# $ ! % .

Inquieto com arrogância AA de intelectuais no poder. Comenta a arrogância e hubris de uma classe intelectual “auto-actualizada”, que tende a ver-se como infalível e com autoridade e discernimento de carácter semi-divino.

Grave crise intelectual – importante que intelectuais mantenham humildade. «*They get no place against the almost paranoid certainty of their absolute virtues & correctness)*» – (Dec. 5, 1968 entry) Abraham Harold Maslow, “The Journals of A. H. Maslow”. (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

**! ! *+, - .**

Destruição da Liberdade americana, por pessoas baixas e irracionais. «*For instance, it is characteristic of the American culture as I write this preface in January, 1970, that the undoubted advancements and improvements that have been struggled for and achieved through 150 years are being flicked aside by many thoughtless and shallow people as being all a fake, as being of no value whatsoever, as being unworthy of fighting for or protecting, or valuing, just because the society is not yet perfect*» – A.H. Maslow (1970). Preface to “Motivation and Personality” – 2nd edition. Harper and Row.

**# 1 ! .**

Dogma democrático rejeita indivíduos notáveis. «*...the democratic dogma and piety in which all people are equal and in which the conception of a factually stronger person or natural leader or dominant person or superior intellect or superior decisiveness or whatever is bypassed because it makes everybody uncomfortable and because it seems to contradict the democratic philosophy (of course, it does not really contradict it)*» – A.H. Maslow Cit. in John Adair (2011). “The John Adair Lexicon of Leadership: The Definitive Guide to Leadership Skills and Knowledge”. Kogan Page Publishers.

Perversidade comunista – Traição, conflito, D-power, mesquinhez. «*...the Communists, who certainly behave in an evil way even if they are not individually nasty or evil. The history of imperialism in practically every Communist state, of broken treaties, promises, of deifying war & revolution, of pressing inexorably for D-power over other people, with practically never a generous gesture*» – Abraham Harold Maslow, “The Journals of A. H. Maslow”. (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

**. # ! # ! 2 ! ! 2 .**

Talvez seja fase intermédia, evidenciadora do desespero de Maslow.

*4* ! ) & ! ) &8.*

Controlos, em vez de valores morais. Limita-se a sugerir controlos sobre uma má fundação, em vez de procurar retorno a valores morais sólidos. A solução de Maslow para pessoas más (e outras, como diminuídos mentais) é montar um estado repressivo e psicologizante; em vez de voltar a valores morais sólidos.

***!9 () ( ) 1 &.***
«*…many people need more inhibitions rather than less (impulse disorders, psychopaths, immature, feebleminded, and so forth)… force, aggression, indignation, and so forth, can be healthy as well as unhealthy, and that it can be used well, as well as used badly… it seems precisely the self-actualizing man who can most cathartically let loose the full force of his anger with the least amount of guilt, conflict and ambivalence*»

Microgestão psicológica de toda a população. De resto, Maslow acreditava que toda a gente deveria ser submetida a microgestão psicológica. «*The techniques of making higher man, and the techniques of making higher society were mentioned: education, therapy, T-groups, the Eupsychian network, and the like*»

Portanto, os "maus" seriam seleccionados e inibidos.

Usar autoritarismo e firmeza com estudantes não-merecedores. «*I feel total freedom & trust for worthy students are compatible with stern, authoritarian orders for nonworthy students*» (April 8, 1964) – Abraham Harold Maslow, "The Journals of A. H. Maslow". (ed. Richard Lowry). Brooks/Cole, 1979.

.

Um sistema só muda num sentido na presença de uma massa crítica. Um sistema – um grupo, uma empresa, uma escola, uma sociedade – nunca muda, nem nunca vai numa direcção específica, apenas porque alguém no topo ordena que isso aconteça. Um sistema humano só muda quando existe uma massa crítica de pessoas que mudam de hábitos num sentido específico. Quando há pessoas suficientes a mudarem os seus hábitos, a maioria das pessoas começa a seguir essa mudança.

Mudança progressiva a todos os níveis de uma organização. Mudança em larga escala só pode acontecer quando muitas pessoas a todos os níveis de uma organização começam a fazer as coisas de uma forma diferente.

Massa crítica – progressão exponencial. Atingir massa crítica é um processo lento e difícil mas, após atingida, o progresso de disseminação de ideias ou hábitos é exponencial.

Pode ser usado para bem ou mal.

*Materialismo dialéctico*

.

A negação de ***verdade*** e de ***justiça*** – substituição por ***utilidade*** [Utilitarismo].

A verdade é opcional – o que é útil é justo.

Negar verdade, justiça só acontece para promover não-verdadeiro (falsidade) e injusto (crime)

Ideologia de estado, para legitimar autoridade arbitrária e crime organizado.

.

Como em toda a dialéctica, existem três níveis de entendimento.

Um básico para as massas, um intermédio para os apparatchiks, outro elevado para o topo.

***dissolução*** .

A busca de meios-termos, “a verdade no meio”.

É impossível encontrar um meio-termo entre bem e mal, verdade e mentira, justo e criminoso.

Um tem de deixar de ser o que é, para entendimento – ***dissolução*** de princípios e de posições.

Ambiente humano torna-se dissoluto e autoritário.

***real*** **!**.

Ciência rejeitada por ser Racional – não permite negar verdade dos factos [cometer fraude].

Ciência ***real*** denunciada como “burguesa”, “judaico-cristã” (elogios).

Dialéctica sequestra termo “ciência” e introduz “ciência dialéctica”.

Perspectivismo, fraude epistemológica, consenso, por oposição a verdade factual.

Coloca a *relação*, o factor humano (variáveis extrâneas), no centro do processo científico.

Usa métodos racionais como complemento, se os puder distorcer e instrumentalizar, para validar o processo dialéctico.

***O e.g. da astrociência do aquecimento global, tipicamente dialéctica.***

***O e.g. de um "inquérito policial científico" a um homicídio político.***

**" ! #$ !.**

Centramento em subjectividade para obter total liberdade de mentir, fabricar.

Obsessão psicopolítica com consenso universal (MDC).

Qualidade torna-se quantidade – consenso – "Inquérito" (John Dewey).

Sistema habitual em fóruns governamentais de "*decision-making* integrativo".

<u>Processo científico em "ciência dialéctica" é um instrumento de psicopolítica</u>.

"Consenso" final predefinido (facilitação) – Mesas redondas – Subjectividade extrema.

Hard data fraudulento – sensacionalismo – relações públicas.

**% & ' ( #$ ) .**

Marx despreza-os: "Liberté, proprieté, egalité, sureté, expressam alienação entre pessoas".

Criar mundo fusional, no mental e no físico (a comuna e engenharia psicossocial, para fazer com que as pessoas gostem da comuna autoritária).

"Voltar à Idade Média para se emancipar da emancipação da Idade Média".

Marx faria depois observações jocosas, misantrópicas, racistas.

"Emancipação é a negação de todos os 'não farás', a negação da negação" [escravizar, defraudar, roubar, assassinar, é aqui o propósito].

Posterior sofística psicológica: "curar culpa, neurose, libertar homem" para crime.

*** + .**

O homem é uma mera criatura de sense perception.

Identidade, Razão, self, individualidade, são meras ilusões.

**, + $ ' ! - ' . /.**

Única ideia universalmente válida é a de que não existem ideias universalmente válidas.

Ideias para destruir todas as restantes – Filosofia oximórica – só o tolo voluntário entra.

**0 ( # *utilidade*1 #$ .**

***Verdade*** não existe (por ser um axioma) – apenas ***utilidade*** (também é um axioma).

2+2 não é necessariamente igual a 4 – depende do sujeito e da utilidade contextual.

Aquilo que hoje é verdade, amanhã é mentira – eu não sou responsável pelo que faço.

Crime e mentira não o são – são mero pragmatismo (filosofia elaborada por e para criminosos).

**2 #$ .**

Mero nonsense sofístico – visa destruir conceitos de verdade e justiça, trocá-los por "utilidade".

Uma ideologia autoritária, para legitimar uso arbitrário de poder.

Lord Bertrand Russell, adepto da filosofia, explica que é pura desonestidade oligárquica.

"The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's 1984".

***substância*** ***forma*** **' .**

Subjectivismo radical – confundir ***substância*** com ***forma***.

Permite reinventar real, "liberta" o sujeito para mentir, fabricar, distorcer.

O real torna-se plástico e flexível; a Oceânia sempre esteve em guerra com a Eurásia.

**" ! -+ + /.**

"Controlo total sobre a matéria", um tópico favorito da dialéctica.

Sob racionalidade, isso implicaria controlo real, demonstrável.

Sob irracionalismo dialéctico, isso só depende da crença subjectiva consensual.

O controlo da mente é o controlo da matéria que a mente apreende.

Eu posso voar se todos ***acreditarem***, ***souberem interiormente***, que eu posso voar.

A pessoa racional que negue que eu posso voar é inflexível, não-consensual, insana.

**3 , 2 .**

"Ciência dialéctica", antitética a ciência real – Só usa métodos racionais se os puder distorcer para os seus fins obscuros.

Isto passa essencialmente por controlo da mente pública: engenharia social, drogas, etc.

Controlo da mente pública, a estrada para a Utopia; Utopia é o asilo mental universal.

Poucos foram suficientemente cândidos para colocar as coisas nestes exactos moldes.

A *substância* real de Utopia, que é independente da *forma*.

**3 , * * .**

Estado socialista final "controla a matéria" porque controla o que todos pensam.

Isto implica Singularidade, uma forma de fusão total (real ou imaginária).

Singularidade pode ser entendida ao nível transhumanista, com uma "hive mind".

Mas Singularidade *per se* significa apenas *bypass* à Razão, eros colectivo de união total.

A Singularidade high-tech transhumana não será total ou Singular.

Mas células acreditarão que são totais, "deus" – tudo uma questão de percepção.

**4 $ 5 . .**

A ideia que destrói todas as ideias.

Depois, guerra a verdade e justiça, para legitimar o não-verdadeiro (falsidade) e injusto (crime).

Subjectivismo começa por parecer aberto mas depressa revela ser autoritário.

Guerra a racionalidade em si – dissociação psicótica como novo normal.

Para entrar neste registo, eu tenho de querer legitimar mentira e crime.

Emancipação do real aliena do real – abdicação de princípio de realidade, gera alienação ***real***.

Tolo voluntário constrói estrutura sobre oximoros – estátua de pés de barro, que colapsa.

Marx diria que gosta de mentiras e de auto-aniquilação; que é isso que é a sua emancipação.

**6 .**

Jogo dialéctico com o ***idealismo dialéctico*** de Hegel [síntese é comunitarismo global].

Diamat, um bom termo Newspeak para tudo isto (o diamante caprichoso e violento do gnosticismo).

.

A negação de ***verdade*** e de ***justiça*** – substituição por ***utilidade*** [Utilitarismo]. Ao longo do último século e meio, o materialismo dialéctico foi apresentado como a chave para os problemas da humanidade, a fórmula para progresso científico-tecnológico, para o avanço económico das massas, para a obtenção de entendimento social, paz universal. O "sistema proletário" iria ser o "mais avançado" e o "mais progressista" e a "ciência" materialista dialéctica seria a sua grande arma para trazer a Utopia. Vale a pena, portanto, ver esta filosofia pelo que é; é isso que será feito ao longo destas páginas. Materialismo dialéctico é materialismo apenas na medida em que é afirmado que toda a vida humana é meramente

material e circunstancial. A pessoa é definida pelas suas circunstâncias materiais de existência. Os conceitos de verdade e de justiça são negados e substituídos pelo conceito de utilidade situacional.

A verdade é opcional – o que é útil é justo.

Negar verdade e justiça só acontece quando se quer promover o não-verdadeiro e o injusto.

Isto é, falsidade e crime. Numa primeira linha, é asseverado que a verdade dos factos é opcional; a pessoa pode reinventá-la a seu bel-prazer, de acordo com critérios de utilidade situacional. O que hoje é verdade, amanhã é mentira, se isso for ***útil***. A filosofia afirma que o sujeito se "liberta" quando aprende a fazer este processo por inteiro; a mentir, a fabricar, a distorcer, a enganar. O mesmo acontece, claro, para critérios de acção justa. Uma coisa é mais ou menos justa, moral, se for mais ou menos útil. Ou seja, o sujeito é "libertado" quando aprende que pode enganar, extorquir, assassinar, torturar, defraudar, sempre que isso lhe dá jeito. Tudo isto é atravessado pelo mais extremo perspectivismo. Distorcer a verdade dos factos e cometer crimes não é uma atitude censurável; é mero pragmatismo situacional. É bastante auto-evidente que só se tenta negar as ideias de verdade e de justiça quando se pretende legitimar aquilo que não é verdadeiro e justo; por outras palavras, quando se tenta legitimar falsidade e criminalidade.

Ideologia de estado, para legitimar autoridade arbitrária e crime organizado. Como todas as filosofias dialécticas, esta é uma ideologia oligárquica, uma ideologia de estado, uma filosofia de power politics. Existe para legitimar o exercício arbitrário de poder. Se a verdade é opcional e se a ideia de justiça pode ser tornada irrelevante, isso então significa que as autoridades têm a estrada aberta para fazer tudo aquilo que quer. Mas, primeiro, é necessário que o público seja ensinado a (não) pensar desta forma. Uma classe governante criminosa só pode estar segura na presença de um público igualmente criminoso ou, no mínimo, apologista de crime. Os ideólogos dialécticos são os literais evangelistas do mundo do crime organizado (algo que é fácil de perceber quando se sabe que estamos perante gnósticos); um estatuto que nunca lhes foi reconhecido de uma forma aberta e universal.

**( #$ #$ - !/.**

Ciência rejeitada por ser racional – não permite negar verdade dos factos [cometer fraude]. Tudo isto tem um correlato ao nível da ciência. A ciência em si é rejeitada pelo simples facto de ser racional, i.e. não permite a imposição de confabulações ao real; não permite fraude científica.

Dialéctica sequestra termo "ciência" e introduz "ciência dialéctica".

Perspectivismo, fraude epistemológica, "consenso científico" por oposição a verdade factual. A dialéctica repudia a ciência, mas sequestra o termo, "ciência", para qualificar o seu próprio processo de "descoberta de conhecimento" [e este é o procedimento habitual em círculos dialécticos; sequestrar termos válidos para propósitos obscuros e depois agir como se sempre tivessem sido os ***seus*** termos]. A "ciência

dialéctica" é uma forma de arte astrológica pela qual tudo o que conta é a ponderação de opiniões subjectivas para chegar a um consenso final, um "consenso científico". Estas opiniões subjectivas não precisam de ser (nem ***devem*** ser) testadas, demonstráveis, comprováveis; isso seria entrar em métodos racionais.

Uso de métodos científicos reais apenas para validar o processo dialéctico.

Controlar mente pública [eng. psicossocial], validar consensos com hard data distorcido. Isso não quer dizer que a "ciência dialéctica" repudie por inteiro o uso de métodos racionais; usa-os, mas apenas na medida em que os ajude a alcançar os seus propósitos. Na prática, a ciência racional só é usada para obter controlo sobre a mente pública (e.g. engenharia psicossocial) ou, sob formas distorcidas, para comprovar uma ou outra teoria dialéctica (e.g. hard data manipulado para provar um qualquer "consenso científico" dialéctico – a pseudociência do aquecimento global é aqui um bom exemplo, como explicado mais abaixo).

O processo científico em "ciência dialéctica" é um instrumento de psicopolítica. O processo científico dialéctico pode e deve ser concebido como sendo nada mais do que um instrumento psicopolítico. Existe um objectivo a alcançar, e.g. uma agenda política que se quer forçar. É preciso encontrar legitimidade científica para forçar essa agenda no domínio público.

***"Consenso" final é definido à partida – Mesas redondas e fóruns – Subjectividade extrema***. O "consenso" final (a "verdade científica") está definida à partida. É reunido um quadro de participantes subjectivos (e.g. "especialistas") que sejam incompetentes (ou desonestos) o suficiente para guiar o processo para esse resultado. O processo acontecerá essencialmente pela troca de opiniões subjectivas não demonstráveis e tendenciosas. Isto acontecerá por meio de fóruns, mesas redondas, processos de inquérito.

***Hard data fraudulento – sensacionalismo – relações públicas***. O processo será coadjuvado pela selecção cuidadosa de *hard data* distorcido e manipulado. Esse *hard data* fraudulento confirmará os passos do "consenso colectivo de peritos" e será apresentado ao público, em operações de relações públicas (feitas com o uso cuidado de técnicas de manipulação psicossocial). É o elemento de "credibilidade científica"; o público não acede ao processo dialéctico em si, apenas a um microcosmo de tabelas deturpadas e gráficos impressionantes, autoritativamente apresentados por peritos académicos selectos (prostitutos intelectuais). No final, é possível que este "consenso científico" seja de facto aceite como a "verdade científica", por muito absurdo que possa ser, e usado para avançar a agenda desejada. Isto é, claro, o tipo de "ciência" que era produzido durante a Idade Média.

Como em toda a dialéctica, existem três níveis de entendimento.

Um básico para as massas, um intermédio para os apparatchiks, outro elevado para o topo. Como é o caso com todos os conceitos dialécticos, existem três níveis de entendimento do conceito. Um é propagandístico, de consumo fácil, dedicado às massas simples e deslavadas, eternamente desprezadas pelas intelligentsias dialécticas. Depois, existe um segundo nível, mais verdadeiro e substancial, usado pragmaticamente pela intelligentsia. Esse nível é bastante mais complexo que o primeiro, baseando-se em engenharia conceptual dialéctica, voltas, reviravoltas, contradições internas. Porém, no final de contas, é bastante simples e formulaico. Esse é o nível que será aqui explorado. Depois, existe um terceiro nível, acessível àqueles que são realmente importantes na intelligentsia, e está mais ou menos resumido no último ponto, sobre materialismo dialéctico e gnosticismo (basta aplicar os princípios básicos do segundo nível à *framework* geral do terceiro).

***dissolução*** .

Às massas, é-lhes ensinada a busca de meios-termos, "a verdade no meio". O primeiro nível de entendimento é aquele que é dado às massas prosaicas, deslavadas, o público (aqueles que a intelligentsia vê como os meros espectadores da história; mas que, não obstante, têm de aquiescer àquilo que é feito pelos actores). O entendimento é o de que os seres humanos são mera matéria. Não existe alma, Deus, ou destino superior, colocado acima da mera existência material e imediata. É o aqui e o agora que contam. É no aqui e no agora que nos salvamos – colectivamente. É um projecto de grupo. A salvação acontece através de comunicação dialéctica. Ou seja, dialogamos. Todos têm a sua própria versão da verdade dos factos; a verdade está no meio. Eu tenho uma posição (tese), tu tens outra (antítese), e no meio está a verdade (síntese) [*como e porquê?, é o que a pessoa deve perguntar. A verdade dos factos é a verdade dos factos. Não está no meio de nada. É independente dos sujeitos. Os sujeitos devem procurar determinar a verdade dos factos de acordo com princípios de honestidade epistemológica*]. Depois, todos têm a sua própria versão em relação ao que é justo e moral; todos temos de encontrar meios-termos. É do intercâmbio entre tese e antítese que surge o nosso meio-termo, a nossa síntese.

É impossível encontrar um meio-termo entre bem e mal, verdade e mentira, justo e criminoso.

Um tem de deixar de ser o que é, para haver entendimento. [*Como é que se encontra um meio termo entre "não mentirás" e "mentirás se te der jeito"? Entre "não roubarás" e "roubarás se te apetecer" – entre "não torturarás" e "torturarás se te for útil" – entre "não cometerás assassinato" e "cometerás assassinato se for expediente"? Meios-termos entre um e outro são* ***impossíveis****. Um tem de deixar de o ser, para haver entendimento*]

Dialéctica relacional implica ***dissolução*** de princípios morais e de posições epistemológicas. Avançamos de síntese em síntese, de meio-termo em meio-termo. Eu diluo a minha posição com a tua, tu diluis a tua

posição com a minha. Aprendemos que a verdade dos factos não conta, nem o que é certo e justo. Tudo o que conta é *feel good* na relação. Estamos em harmonia quando *diluímos* princípios morais e honestidade epistemológica, quando nos tornamos ***dissolutos***. Em tais ambientes, ter princípios morais é ser "rígido"; ter um intelecto racional, assente em honestidade epistemológica, é ser "orgulhoso". Tudo isto se torna tacitamente proibido.

<u>Ambiente humano torna-se dissoluto e autoritário</u>. O ambiente comunicacional é rapidamente dominado pela imposição de conformidade compulsiva a comunicação dialéctica e a dissolução moral e intelectual. É rapidamente tornado autoritário. A pessoa ***tem*** de praticar a dialéctica, ***tem*** de ser dissoluta. Sob este tipo de mentalidade, a pessoa que não corresponde aos standards gerais de dissolução é o prego que desponta. O prego que desponta tem de ser martelado de volta ao sítio; dizem os lilliputianos a Gulliver. É dito que o processo de dissolução nos leva a paz entre os povos. Esse é o mesmo tipo exacto de paz que há em todas as sociedades dialécticas [Prússia, Alemanha Nazi, URSS, China, UE são alguns exemplos recentes]. Os standards aqui são a destruição da comunicação, da confiança e da acção moral entre seres humanos. Os produtos macro-civilizacionais de tudo isto são escravatura, destruição humana, guerra universal.

***   +   .**

<u>O homem é uma mera criatura de sense perception</u>.

<u>Identidade, Razão, self, individualidade, são meras ilusões</u>. O segundo nível de entendimento de materialismo dialéctico é complexo em toda a sua simplicidade mas simples em toda a sua complexidade; algo que é típico a qualquer sistema dialéctico. A doutrina assenta, efectivamente, na *ideia* de que o homem não é mais que pura e simples matéria. É um mero corpo, um conjunto agregado de carne e de nervos, desprovido de alma, de Razão, de qualquer realidade mental ou existencial que não aquela que é imediatamente acessível aos sentidos, a percepção sensorial no mero aqui e no mero agora (a *sense perception* da filosofia dialéctica). É, portanto, uma mera entidade flexível, plástica, impermanente, eternamente mutável, em contínuo estado de fluxo pelas circunstâncias da sua existência material. Neste mundo conceptual, é evidente que identidade, individualidade, *self*, Razão, só podem ser meras ilusões, meros constructos que o homem inventa, panaceias mentais que servem para dar alguma forma de estabilidade referencial ao fluxo pelo aqui e pelo agora.

**,   +   $   ’   ! - ’   .   /.**

<u>A única ideia universalmente válida é a de que não existem ideias universalmente válidas</u>.

A única verdade é que não existe verdade. Uma vez que o homem material é fluido e eternamente mutável, o mesmo é verdade para a totalidade da sua actividade mental. Todas as ideias e afirmações de valor que o sujeito pode cultivar são tão plásticos e fluidos como ele próprio. São invenções mentais, formas de dar resposta pragmática a problemas que surgem num determinado tempo e num determinado lugar. Por outras palavras, surgem em função das condições materiais de existência do sujeito. Carecem de existência objectiva própria, existindo apenas nas cabeças daqueles que as originam e proclamam; todas as ideias são inteiramente *subjectivas*. Tudo isto significa que *não existem valores ou ideias que sejam válidos para todos os tempos e para todos os lugares*. Ou seja, nenhuma ideia tem *validade universal*: não existem ideias cuja validade seja universalmente demonstrável, independentemente da vontade dos sujeitos (princípios e axiomas). Todas as ideias são subjectivas e não é possível dizer que uma ideia é mais ou menos válida que qualquer outra. Nenhuma ideia é mais ou menos verdadeira. *A única verdade é que não existe verdade*.

Ideias que pretendem destruir todas as restantes.

I.e. a filosofia é alicerçada em oximoros, auto-contradições – só o tolo voluntário entra. É claro que, até aqui, só mencionámos ideias, os pilares ideológicos da filosofia. Todas estas ideias são bastante *axiomáticas e normativas*. Todas elas têm pretensões de universalidade, de veracidade (verdade), de validade transversal a todos os tempos e a todos os lugares. São ideias universais. Mas, são ideias universais que negam a existência de ideias universais; ou, dito de outra forma, ideias universais que pretendem instaurar a rejeição de *todas as restantes ideias universais*. Portanto, encontramos os pés desta filosofia neste efeito oximórico. Este é o *sine qua non* dos sistemas dialécticos. Estão sempre alicerçados numa auto-contradição, numa impossibilidade lógica. É algo que funciona quase como um aviso legal, algo que parece dizer, "*entra por tua conta e risco; mas estás avisado que toda a estrutura é alicerçada em auto-contradições impossíveis – em mentiras*". A estátua tem uma cabeça de ouro mas os pés são feitos de barro. Quem coloca as suas esperanças em tal estrutura é um tolo voluntário.

**0 ( # *utilidade*1 #$ .**

***Verdade*** não existe (por ser um axioma) – apenas ***utilidade*** (também é um axioma).

Isto é, a saga oximórica continua. Se os valores e as ideias surgem como conceitos fluidos para resolver questões pragmáticas (problemas materiais situacionais), como é argumentado pela estrutura dialéctica do materialismo dialéctico, isto significa que não existe *verdade*, apenas *utilidade*. Uma ideia não pode ser *verdadeira*, na medida em que, para o ser, teria de ter validade demonstrável, transversal, a todas as eras e a todos os lugares. Mas isso contradiria o axioma básico do materialismo dialéctico. Uma ideia só pode ser *útil*. Isto é, tem utilidade pragmática para resolver questões no aqui e no agora. Mas é claro que para negar a ideia axiomática de verdade (por ser axiomática, portanto "impossível") e substitui-la pela ideia igualmente axiomática de utilidade é apenas mais um oximoro em tudo isto.

2+2 não é necessariamente igual a 4 – depende do sujeito e da utilidade contextual. Se afirmarmos que 2+2 é igual a 4, não o podemos fazer como uma afirmação de *verdade aritmética* (não existe verdade). Podemos fazê-lo como uma afirmação de validade utilitária; neste contexto, para este sujeito, é *útil* considerar que 2+2 é igual a 4. O mesmo pode não ser verdade (oops) para outro contexto, com outro sujeito, que pode achar mais útil considerar que 2+2 é igual a 22 ou, quem sabe, a 10M. E isso é válido. Se não existe verdade, só utilidade, então é o sujeito que decide o que lhe é mais útil e isso é sempre válido.

Aquilo que hoje é verdade, amanhã é mentira – eu não sou responsável pelo que faço.

Crime e mentira não o são – são mero, legítimo, pragmatismo situacional.

Uma filosofia elaborada por e para criminosos. Podemos agora sair do campo da aritmética e ir para algo mais consequente. O que hoje é verdade, amanhã já não precisa de o ser. Eu não sou responsabilizável pelo que faço. É tudo uma questão de utilidade. Posso mentir sem achar que estou a *mentir* (um conceito pesado); estou apenas a actuar com base em juízos situacionais de utilidade. É uma atitude legítima pela qual ninguém me pode criticar. Se o fizer, não sou um mentiroso; sou um pragmatista, o que tem um certo *elan*. Posso reinventar a verdade dos factos à minha vontade, a cada momento que passa. Da mesma forma, posso cometer todo o tipo de crimes, na acepção de que *não são crimes*; são actos situacionalmente justificáveis (não existem standards válidos e fixos). Defraudar, roubar, torturar, assassinar; todas estas coisas são válidas (boas), se me forem *úteis*. O pequeno criminoso e o regime autoritário agradecem a Karl Marx. Foi, aliás, a pensar nestas pessoas que a filosofia foi colocada a circular.

**2 #$ .**

Uma filosofia de mero nonsense sofístico.

A filosofia visa apenas destruir os conceitos de verdade e de justiça, trocá-los por "utilidade". A única verdade é que não existe verdade. A única ideia verdadeira que existe, é a de que não existem ideias verdadeiras. A única medida de valor válida é a de que não existem medidas de valor válidas. Todas as construções conceptuais são subjectivas, nenhuma é objectiva. Esta é a única construção conceptual objectiva que existe, para todos os tempos e todos os lugares. Uma colecção de oximoros e de auto-contradições. Tudo isto pode ter bom aspecto, *à* superfície, mas resume-se a puro e simples absurdo sofístico.

Uma ideologia autoritária, para legitimar uso arbitrário de poder. "Verdade" e "falsidade" são substituídos por "utilidade" e por "inutilidade". É claro que o conceito de *utilidade* é, aqui, axiomático. *Verdade* é impossível e deve ser abolida. Utilidade situacional é tudo o que fica. Isto, claro, diz-nos algo sobre a

mentalidade que delineia esta filosofia. A filosofia *não é verdadeira* (é um monte de nonsense oximórico) mas é *útil* (para procurar destruir os conceitos de verdade e de acção justa, moral). É, como todas as filosofias dialécticas, uma ideologia oligárquica, uma ideologia de estado, que existe para legitimar o exercício arbitrário de poder. Quando verdade é opcional e justiça pode ser tornada irrelevante, isso significa que os detentores de autoridade têm a estrada aberta para fazer tudo aquilo que queiram.

Lord Bertrand Russell, adepto da filosofia, explica que é pura desonestidade oligárquica.

"The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's 1984". *Materialismo dialéctico* também pode ser chamado de *pragmatismo*. São uma e a mesma filosofia, sob diferentes nomes, como habitual na dialéctica – o mesmo produto é reciclado dezenas de vezes sob diferentes termos. Vale a pena ler aquilo que foi escrito por Lord Bertrand Russell sobre o assunto ("The Impact of Science on Society", 1953). Lord Russell era um homem muito perverso, um inimigo da humanidade *per se* e um proponente da disseminação deste tipo de filosofia: «*This philosophy has two aspects, one theoretical and the other ethical. On the theoretical side, it analyzes away the concept "truth," for which it substitutes "utility." It used to be thought that, if you believed Caesar crossed the Rubicon, you believed truly, because Caesar did cross the Rubicon. Not so, say the philosophers we are considering: to say that your belief is "true" is another way of saying that you will find it more profitable than the opposite belief. I might object that there have been cases of historical beliefs which, after being generally accepted for a long time, have in the end been admitted to be mistaken. In the case of such beliefs, every examinee would find the accepted falsehood of his time more profitable than the as yet unacknowledged truth. But this kind of objection is swept aside by the contention that a belief may be "true" at one time and "false" at another. In 1920 it was "true" that Trotsky had a great part in the Russian Revolution; in 1930 it was "false." The results of this view have been admirably worked out in George Orwell's "1984"*»

[o fluxo mental do *doublethink*, no 1984, é inteiramente baseado em materialismo dialéctico].

***substância*** ***forma*** , .

Subjectivismo radical. A questão essencial em qualquer sistema epistemológico reside no processo de construção de conhecimento; quais são as condições pelas quais apreendemos a realidade, o mundo em redor. Esta questão refere-se à relação entre sujeito e objecto: o sujeito que apreende e conhece o objecto, i.e., um ou mais elementos da realidade. Como já foi visto, o materialismo dialéctico faz a afirmação axiomática que todas as ideias e concepções em existência são geradas pelo sujeito; são puramente subjectivas e utilitárias. Uma ideia é sempre algo que caracteriza um ou mais objectos, sejam eles concretos ou abstractos. Se eu pegar numa pedra, a primeira ideia a que posso aceder é precisamente essa; isto é uma pedra, e tem existência independente de mim, e de qualquer outro sujeito. É algo que em que

posso mexer, sentir que é duro, ver que tem uma dada cor, ouvir o barulho que faz quando cai ao chão. Marx diria que eu estou inteiramente enganado. Aquilo que entendo como um objecto dissociado da minha pessoa, uma "pedra", é apenas um conteúdo arbitrário de percepção consciente, ao qual tento atribuir um significado palpável. Percepciono algo e preciso de lhe dar sentido. Para resolver este dilema circunstancial, associo o conceito "pedra" ao objecto de percepção, com base em condicionamentos aprendidos. Mas o objecto em si não tem existência independente, continuaria Marx. Ou, se o tem, isso é irrelevante. Tudo o que eu posso conhecer é o conceito "pedra", uma ideia que tenho na minha mente e que é inteiramente subjectiva, contextual, circunstancial.

Isso só acontece quando se confunde ***substância*** com ***forma***. Aqui, deveria lembrar-se a Marx que é preciso *não confundir forma com substância*. A *substância* é o objecto concreto pedra, que tem qualidades físicas que são fixas e objectivas. Essas qualidades são mensuráveis e sistematizáveis em qualquer tempo e em qualquer lugar, por qualquer observador honesto, sob condições perceptivas normais. Diferentes observadores podem usar termos diferentes (a *forma*) para categorizar essas qualidades. Isso varia com a cultura e com as restantes circunstâncias de existência dos observadores. Para um observador, o objecto é uma "pedra cinzenta", para outro é uma "gray stone", mas isso é irrelevante; o objecto é o mesmo e é independente dos observadores. O objecto é factual, objectivo, independente da minha existência (ou da minha consciência) e é dotado de qualidades que são igualmente *factuais*.

Marx diria que o mundo é mais interessante quando se confunde substância com forma.

Isso permite reinventar o real, "liberta" o sujeito para mentir, fabricar, distorcer. Marx ficaria indignado e diria que eu tenho uma mentalidade burguesa. Só alguém com tal mentalidade pode não querer confundir substância com forma. O mundo é mais interessante, mais imprevisível e psicótico (e isso é *útil*, para o filósofo dialéctico), quando não se faz uma distinção entre ambas. Depois continuaria para afirmar que eu tenho de me *emancipar* da minha necessidade de compreender o objecto como estando dissociado de mim mesmo. Tudo o que interessa é a minha interpretação subjectiva do objecto; não a realidade do objecto em si. A minha interpretação subjectiva não tem de estar ligada a qualquer asserção de verdade factual sobre o objecto em si. No caso da pedra, tenho de me emancipar da minha necessidade de compreender a sua natureza física real. Isso liberta-me. Posso dizer que a pedra é líquida, ou que a vi voar em ziguezagues. Posso depois passar esse *modus operandi* para tudo o resto. Posso mentir a alguém sobre *factos* que aconteceram, e dizer a mim mesmo que não estou a mentir. Estou apenas a emancipar-me da objectividade dos factos e a redefinir esses factos à luz da minha própria subjectividade, de acordo com um critério *legítimo* de utilidade pessoal (é-me útil que a outra pessoa não saiba a verdade dos factos). Por outras palavras, estou a fazer um *mindjob* de falsidade a mim mesmo e a usar isso para espalhar falsidade em redor.

Fabricar, reinventar, mentir, distorcer (2). Mas Marx procuraria colocar esta última afirmação em termos bastante mais académicos. Diria que a existência de uma relação objectiva entre sujeito e objecto revela

que o sujeito ainda não aceitou a sua condição puramente material, existencial, dialéctica, subjectiva. Se a tivesse aceite, entenderia que a forma é a substância (ou, no mínimo, substitui a substância) e que, por conseguinte, não existe um objecto dissociado do sujeito (ou, se existe, o mesmo não é relevante). Só existe aquilo que o sujeito pode apreender e fabricar em si mesmo – *o subjectivo*. A postulação de uma relação entre um sujeito e um objecto apreendido que é postulado como sendo exterior, expressa *alienação* sentida em relação a esse objecto; o objecto não é entendido como algo que *só existe no sujeito*; é subjectivamente entendido como estando objectivamente separado, *alienado*, do sujeito, e o sujeito dele. Quando o sujeito puder emancipar-se da *substância*, para se devotar apenas à *forma*, está *emancipado do real* e pode reinventar o real a seu bel-prazer, de acordo com julgamentos de utilidade pragmática.

O real torna-se plástico e flexível; a **3 7 8 .** . *O real torna-se plástico e flexível, quando já não precisa de ser real*. A partir do momento em que eu ultrapasso a minha alienação para com a reinvenção do real, o real passa a ser aquilo que eu *digo*. Hoje, a Oceânia sempre esteve em guerra com a Eurásia; mas, ontem, sempre esteve em paz com a Eurásia. A união socialista é o paraíso dos trabalhadores, nunca cometeu genocídios internos, tem os maiores índices de produção da história humana. É preciso usar guerra internacional em larga escala para trazer paz internacional em larga escala – guerra é paz e paz é guerra. Salvar a economia implica saquear a economia. Destronar os bancos implica dar-lhes mais poder que nunca antes. Uma pessoa não é uma pessoa (substância); é a sua aparência, ou um rótulo (forma). Aquilo que aconteceu ontem à tarde nunca aconteceu. Por outras palavras, aquilo que eu digo torna-se um facto existencial, pelo simples facto de o *dizer*. O verbo torna-se o real, o que significa que eu assumo poderes divinos; a meus olhos e aos olhos de quem seja tolo o suficiente para dar credência ao meu irracionalismo.

**% & ' ( #$ ) .**

Marx despreza a ideia de direitos humanos: "expressam alienação entre pessoas". Depois, Marx avançaria para relações humanas e sócio-políticas. Citar-me-ia "Die Jüdenfragge", "A Questão Judaica", o seu (vital) ensaio de 1844. Recorrendo a esse ensaio, falar-me-ia dos direitos constitucionais da Revolução Francesa: liberté, egalité, sureté, proprieté. Começaria por deplorar a existência de direitos constitucionais ou humanos *per se*. Dir-me-ia que expressam *alienação do homem para com os restantes homens*, do sujeito para com os restantes sujeitos: os objectos humanos apreendidos. O sujeito que sente a necessidade de decretar algo como direitos individuais está a estabelecer uma divisória entre ele e outros homens. Existe algo que *não pode ser feito*; existe uma *negação*. Essa negação impõe um *rift* entre sujeitos, algo que é *per se* angustiante. Marx diria que a distinção entre sujeitos tem de ser abolida; que os sujeitos só são emancipados a partir do momento em que quebram toda e qualquer divisória entre si.

Há que criar um mundo fusional, no mental e no físico (engenharia psicossocial e a comuna). Tudo isto implica que as condições de existência dos sujeitos têm de ser radicalmente alteradas: todas as condições

que levaram os sujeitos a entender (e, consequentemente, a institucionalizar) alienação epistemológica entre si. [Ou seja, não existe objecto exterior ao sujeito, mas existem *condições objectivas de existência* exteriores aos sujeitos, que os moldam e às suas percepções, crenças e expectativas – outra ideia oximórica]. Quebrar todas as divisórias entre sujeitos implica a integração conjunta num espaço subjectivo – mental e físico – que seja inteiramente fusional; um espaço no qual não existam quaisquer separações ou divisórias. É vital reinstituir a comuna medieval, onde todos estão empilhados sobre todos; e onde todos são iguais (na sua miséria). Mas a fusão não pode ficar pelo físico; tem de estender-se ao mental. Isto implica, uma forma ou outra de comunização mental; estandardização mental. Essa é a essência de emancipação marxiana: engenharia psicossocial.

Liberté, proprieté, egalité, sureté – inaceitáveis.

"Homem tem de voltar à Idade Média para se emancipar da emancipação da Idade Média".

I.e. autoritarismo e a comuna medieval [mas fazer com que as pessoas ***gostem*** disso]. Depois, Marx reforçaria todas estas ideias com uma listagem dos vários *droits de l'homme*. Sobre *liberté*, dir-me-ia que significa o direito humano de estar separado, insulado, atomizado dos restantes sujeitos. É o direito essencial do "homem egoísta", aquele que não está imerso numa relação fusional com todos os restantes humanos. Esse egoísmo seclusivo expressa-se, claro, em *proprieté*: quando eu tenho a minha própria casa, o meu próprio terreno, as minhas próprias roupas, os meus próprios utensílios, isso é uma expressão do meu egoísmo. *Egalité* é o direito de todos entrarem neste pathos *bourgeois* sob condições iguais perante a lei. *Sureté* é o direito de todos fazerem isto com seguro/segurança, ou seja, com uma garantia externa e fiduciada de que o vão conseguir fazer. Ao que eu lhe poderia perguntar: estes não são critérios essenciais de *emancipação* humana? Afinal de contas, as pessoas médias tiveram de lutar por eles, obtê-los, de forma a obter emancipação da degradação esclavagista sob o qual viveram ao longo da generalidade da história civilizacional – com destaque para a era medieval, com as suas comunas. Poderia falar-lhe dos negros na América, nesta altura a breves anos da Guerra Civil; eles não devem ter o direito a *emancipar-se* da plantação comunal e da sua própria escravatura? Ao que ele me diria, seráfico, que *a única forma de obter emancipação da era medieval seria pela emancipação das vitórias parciais obtidas sobre a Idade Média*. Ou seja, mais um oximoro pretensioso, que afirma que, para obter emancipação da Idade Média é preciso obter emancipação da alienação entre os sujeitos e a Idade Média; por outras palavras, é preciso voltar à Idade Média – à comuna medieval – e fazer com que as pessoas *gostem* disso.

Marx faria depois observações jocosas, misantrópicas, racistas. Para rematar a questão, Marx poderia mencionar que ia a Manchester para visitar a fábrica de têxteis do seu colega Friedrich Engels. Faria um comentário jocoso sobre o modo como o trabalho escravo na Confederação mantinha baixos os preços do algodão de Manchester. Lembraria que tudo isso é importante para trazer estandardização global; a forma mais rápida de globalizar é à base de brutalidade de mercado, diria. O comentário incluiria um conjunto de inuendos racistas, algo de bastante habitual em Marx. Karl Marx era um homenzinho muito baixo,

mesquinho e racista. Os seus seguidores também mas, em bom estilo dialéctico, aprenderam a disfarçar a misantropia com retórica.

“Emancipação é a negação de todos os ‘não farás’, a negação da negação”.

Escravizar, defraudar, roubar, assassinar, é aqui o propósito. O significado marxista de *emancipação* estaria, assim, definido. Emancipação não expressa a obtenção de direitos políticos ou sociais; esses direitos são, per se, negativos, uma vez que expressam alienação entre este e aquele indivíduo, entre este e aquele grupo. Emancipação, Marx dir-me-ia, é a negação de toda e qualquer alienação. É a negação de todo e qualquer “não farás”, a negação da negação. *A única coisa que não farás é “não farás”*. E é a negação de toda e qualquer separação entre um qualquer sujeito e um qualquer objecto. “*A única verdade objectiva que afirmarás é a não-existência de verdades objectivas*” (deixando de fora as sempre presentes *condições objectivas de existência*, claro). Marx pensa e age como um oligarca. Pretende chegar a um sítio e servir-se à vontade de tudo o que encontrar. Fazer o que lhe apetecer, cobiçar por cobiçar, escravizar, roubar, matar. Se alguém lhe disser que isso é errado, ele recorrerá a *nonsense* retórico para legitimar os seus vários crimes.

Sucessores de Marx complementam sofística filosófica com sofística psicológica.

Ter princípios morais é uma forma de “neurose”, e a culpa tem de ser “curada”.

Aí, homem será “livre” para ser criminoso. Décadas depois, os seus sucessores complementam este *nonsense* retórico com *nonsense* psicológico, sob a ideia de neurose moral. A pessoa é limitada na sua emancipação se tiver “rigidez moral”, i.e. segue e cumpre “não cobiçarás aquilo que é do próximo”, “não roubarás”, “não matarás”, etc. Isso impede a plena libertação de eros no acto da perpetração criminosa e torna a pessoa julgamental perante os crimes alheios. A pessoa tem, portanto, de aprender truques mentais para “curar a culpa” e para “curar a sua tendência para julgar os crimes dos outros” [é claro que tudo isso pode ser assistido pela introdução de drogas estuporantes, i.e. psicotrópicos]. Quando se “curar” da Razão e da consciência moral (é o que está aqui em causa), quando se auto-mutilar desta forma, poderá ser livremente criminosa e deixará que os outros sejam igualmente criminosos. Assim será feliz; até ser assassinada por um dos outros, num qualquer momento de libertação irrestrita de eros.

***real*** **!**.

“Ciência” é um dos termos favoritos de Karl Marx, dos seus sucessores e, claro, dos seus predecessores.

Sob dialéctica, ciência é apenas algo que serve para controlar a mente pública. [Neste último capítulo (predecessores), encontramos gente como Saint-Simon e Comte, que expressaram a sua necessidade de travar a ciência moderna, censurá-la, reduzi-la a um ninho de cucos para obscurantistas tecnocráticos. No mundo destas pessoas (similar ao de Marx), só restaria a ciência que desse aos governadores o poder de

controlar o público. Para isso, haveria uma única ciência ultra-integrativa (de carácter psicossocial). O formato é o mesmo para todos os autores utópicos desde então; esta é uma gente de ideias fixas].

A dialéctica repudia a ciência ***real***, baseada em métodos Racionais. Marx começaria por dizer que a ciência é essencial para o progresso humano. A afirmação é verdadeira. Afinal de contas, a família humana média só pode alcançar mais e melhores níveis de prosperidade se estiver na posse conhecimento válido sobre a realidade em que se move. Mas depois Marx falaria de "emancipação humana" e este é o ponto de alarme, dada a distorção pervertida que Marx faz do conceito de emancipação. É preciso compreender o que é entendido como "ciência", sob materialismo dialéctico. Sob a dialéctica, ciência não é a procura da verdade objectiva dos *factos*. Sob dialéctica, não existem *factos*, na qualidade de entidades objectivas, com existência independente de qualquer sujeito, estudáveis e apreensíveis através de metodologia racional, sistemática, empírico/dedutiva. Isto, claro, é ***ciência*** propriamente dita. A ciência propriamente dita usa métodos Racionais. É aceite que o real é governado por princípios e por axiomas de verdade factual, de veracidade, i.e. existe algo como *verdade dos factos*. Esses princípios e axiomas podem e devem ser determinados. Para isso, recorre-se ao uso sistemático, honesto e transparente de metodologias hipotéticas, empíricas, dedutivas e até, em certas instâncias, indutivas. Existem factos independentes e objectivos, que podem ser estudados, compreendidos, sistematizados. Esses factos são acessíveis a todos os sujeitos que, pelo uso de métodos estandardizados, podem replicar e testar observações, de forma a confirmar ou a desconfirmar hipóteses e teorias. Em ciência, a opinião do sujeito é irrelevante; só conta a *verdade demonstrável dos factos*. Em ciência, não existem teorias ou hipóteses que sejam inquestionáveis. Todas estão abertas a um processo independente, transparente e sistemático de teste.

Ciência ***real*** atacada pela dialéctica por ser limitativa (não permite ***distorcer*** e ***mentir***). Esta "ciência burguesa" (ciência) é atacada por entrar no grande "pecado original" que a dialéctica atribui ao pensamento "burguês" e "judaico-cristão" (racional); esse pecado original é a alienação entre sujeito e objecto. O sujeito tem de se livrar dessa alienação, de forma a ser livre para reinventar o objecto à sua própria medida, para plasticizar e reinventar o real; e para impor depois essa nova versão ao mundo real propriamente dito. O pensamento "burguês" e "judaico-cristão" (racional) é demasiado inflexível (honesto) para usufruir dessa liberdade (inventar, mistificar, distorcer, mentir). Isto é inaceitável, para a mente criminosa. Portanto, o conceito de "ciência" é reinventado, para dar origem àquilo a que chamaremos de "ciência dialéctica".

Ciência ***real*** denunciada como "burguesa", "judaico-cristã" (elogios). É preciso ser um autor dialéctico (i.e. um mentiroso profissional) para dizer que ***ciência real*** é afinal falsa e sequestrar o termo para fins obscuros. Portanto, ciência real é rotulada de "ciência burguesa" e "ciência judaico-cristã" (o que é quase um elogio, em qualquer um dos casos).

"Ciência dialéctica": arte mágica de subjectivismo para distorcer, mentir, fabricar. "Ciência dialéctica", pelo contrário, é uma forma de arte mágica, que situa a determinação de verdade científica na ponderação

de opiniões subjectivas não validadas. É feito o truque sofístico anteriormente explicado. É dito que a verdade objectiva dos factos é irrelevante. Tudo o que interessa é a *relação*, a síntese, que é estabelecida entre sujeito e objecto; i.e. a verdade subjectiva dos factos. Para evitar alienação e obter emancipação, no domínio epistemológico (i.e. para ter licença para mentir, inventar, fabricar, distorcer), é essencial que o objecto nunca seja estudado a partir de uma metodologia racional; algo que impõe um princípio de realidade, alienando o sujeito do objecto (da reinvenção do objecto). Um objecto só pode ser estudado a partir da sua condição de *facticidade*, i.e. a sua condição de facto subjectivo, relatado pelo sujeito (*facticidade* é um termo posterior a Marx, que surge para substituir o termo *factualidade*, no processo científico).

Coloca a *relação*, o factor humano, o capricho, no centro do processo científico.

Coloca variáveis extrâneas no centro do processo. O processo "científico" dialéctico centra-se na recolha de opiniões subjectivas. Não é necessário que estas opiniões sejam testadas e demonstráveis, a não ser que haja a necessidade de *show off* para obter credibilidade pública; e, mesmo aí o teste deve ser fraudulento e distorcido, para "provar" a subjectividade que é favorecida. Na forma pura de "ciência dialéctica", a procura de qualquer forma de objectividade é algo de negativo, uma forma de alienação que tem de ser ultrapassada. É preciso total liberdade para reinventar o real, inventar e distorcer factos.

Usa métodos racionais apenas se os puder distorcer e instrumentalizar. A ciência (racional) procura eliminar todas as variáveis subjectivas (variáveis extrâneas); a "ciência dialéctica" coloca-as no centro do seu "processo científico". Este processo ocorre por meio de relatos, conversas, entrevistas, deliberações conjuntas, etc. A ciência (racional) pode fazer uso de métodos como a entrevista ou o relato, mas apenas como complementos estritamente controlados a métodos bastante mais objectivos e sistemáticos. Um *self-report* pode funcionar como um complemento válido a outros métodos no processo de determinação de verdade científica, mas nunca é suficiente para obter uma conclusão válida *per se*. Sob "ciência dialéctica", os métodos objectivos e racionais são considerados acessórios, na melhor das hipóteses, quando não inteiramente irrelevantes. Regra geral, são apenas usados quando podem ser distorcidos e deturpados, de forma a "provar" as invenções sofísticas que dominam o processo. É um habitual registo de *show off*, pelo qual se procura transmitir a aparência de método científico ao processo.

5 99 + .

O exemplo da astrociência do + , tipicamente dialéctica.

[A arte obscura de Al Gore e o Manbearpig]. As ciências sociais incorrem continuamente no anterior. A pseudociência do aquecimento global é um dos exemplos mais paradigmáticos deste tipo de funcionamento. Essa pseudociência é devotada a provar o "consenso" que foi definido no início dos 90s, entre umas poucas centenas de cientistas IPCC (dois terços dos quais retractaram essa posição desde

então e, saíram da organização). Este campo é estritamente baseado no uso de modelos lineares de previsão matemática, elaborados com base num conjunto extraordinariamente limitado de variáveis; um microcosmo conceptual centrado à volta da relação entre gases de estufa e temperaturas. Os dados que alimentam os modelos são deturpados e fraudulentos (e.g. os escândalos recentes com o CRU e o NOAA, pelo cultivo deliberado do "urban heat island effect" e pela eliminação de milhares de estações "frias" dos registos globais de temperaturas; ou com o GISS/NASA, pelo uso de satélites de medida enviesados em muitos factores). Depois, recorre a axiomas fraudulentos – e.g. aumento de $CO_2$ leva a aumento de temperatura; *a relação inversa é verdadeira*, no mundo físico, no mundo real. Os modelos deixam de fora a influência do Sol, das nuvens, dos campos magnéticos em redor da Terra, da radiação cósmica, dos oceanos. Todas estas variáveis são essenciais para a determinação do clima; os gases de estufa são uma variável absolutamente marginal na produção do clima terrestre, por comparação com as oscilações da actividade solar ou com a memória oceânica. Deixar estas variáveis de fora é algo como estudar a economia apenas pela contabilização de receitas fiscais; i.e. um método iletrado e fraudulento. Mas, como seria previsível, o estudo físico de *todas* estas variáveis *desconfirma* a hipótese de aquecimento global antropogénico. O máximo de aproximação entre o establishment IPCC e o mundo real, físico, ocorre sempre que faz Verão no hemisfério norte; aí, é feito o aviso de pânico de que o Ártico está a derreter (o que acontece todos os Verões; recongela no Inverno). No entretanto, o próprio East Anglia/CRU (o principal centro de "investigação" para o IPCC) já teve de admitir, após inúmeros escândalos, que o planeta não tem qualquer aquecimento desde 1995. Porém, isso de pouco parece interessar, na máquina circense mediática. Há que impor a economia de derivativos carbónicos, dê por onde der.

**" ! #$ !.**

<u>Resumo</u>. O processo de consensualização que marca a produção de "ciência dialéctica" exige que qualquer opinião tenha de ser considerada como sendo igualmente válida; uma "opinião científica" não tem de trazer consigo o ónus do teste ou da verificabilidade. As várias "opiniões científicas" são depois ponderadas, balanceadas entre si, equilibradas num MDC, que se torna a "verdade científica consensual", o "consenso científico". Como explicado no ponto anterior, é possível que existam instâncias nas quais as "opiniões científicas" sejam complementadas com *hard data*; sob o paradigma dialéctico, é exigido que esse *hard data* seja moldado (deturpado) para *confirmar* o processo de consensualização (quando não o "consenso científico" que é desejado à partida). Porém, sob "ciência dialéctica" *pura* não existe qualquer lugar para *hard data*. Tudo o que interessa e releva são as diferentes "opiniões científicas" dos participantes; que bem podem ser meros delírios e puras fantasias.

<u>Centramento em subjectividade para obter total liberdade de mentir, fabricar</u>. O processo "científico" dialéctico centra-se na recolha de opiniões subjectivas. Não é necessário que estas opiniões sejam testadas e demonstráveis, a não ser que haja a necessidade de *show off* para obter credibilidade pública; e, mesmo aí o teste deve ser fraudulento e distorcido, para "provar" a subjectividade que é favorecida. Na forma

pura de “ciência dialéctica”, a procura de qualquer forma de objectividade é algo de negativo, uma forma de alienação que tem de ser ultrapassada. É preciso total liberdade para reinventar o real, inventar e distorcer factos.

A obsessão psicopolítica com consenso universal. Segundo Marx, uma única perspectiva subjectiva não é necessariamente suficiente para obter uma conclusão científica. A ideia é obter a participação de muitos sujeitos; as opiniões de todos são recolhidas, processadas, sintetizadas, numa opinião consensual. Quanto maior o número de sujeitos, tanto maior o grau de qualidade do processo. Não porque haja a preocupação racional em obter uma amostra representativa; apenas porque Marx é guiado pela obsessão psicopolítica com a obtenção de consenso universal.

Qualidade torna-se quantidade – consenso. Logo, para existir qualidade tem de existir quantidade; neste particular, uma e outra não estão em antítese; quantidade torna-se qualidade (apenas uma das instâncias em que isto acontece, sob a dialéctica). Isto significa que a medida de qualidade na averiguação “científica” de um objecto subjectivo é a quantidade de sujeitos que fazem apreciações subjectivas sobre esse objecto. Essas apreciações são depois processadas na obtenção de um consenso.

Consenso radicado na obtenção de mínimo denominador comum (MDC).

MDC é o “consenso científico”, mesmo que seja puro nonsense (geralmente é). Cada qual tem a sua própria perspectiva subjectiva sobre o objecto e é plausível, senão provável, que estas perspectivas vão diferir entre si. Portanto, é preciso encontrar um mínimo denominador comum (MDC) entre perspectivas que são comunicadas; esse MDC é a “verdade científica” facticial, contextual, consensual. É claro que esta “verdade científica” representa o mais puro nonsense; só por mera coincidência poderá corresponder à *verdade factual*.

“Inquérito” (John Dewey): fabricar “verdade científica” a partir de nonsense. A este processo de encontro e deliberação de pontos comuns (MDC) entre perspectivas em “ciência” chama-se de “inquérito” (“inquiry”). Este nome é dado por John Dewey, um sucessor de Marx, que sequestra e distorce este termo da terminologia científica (racional). Um inquérito, em ciência dialéctica, não é uma procura pela verdade objectiva dos factos. Tal coisa não existe. É um processo dialéctico de ouvir, falar, encontrar pontos em comum entre opiniões subjectivas, e nomear as conclusões como “resultados científicos”.

**2 + + , .**

O sistema habitual em fóruns governamentais de “*decision-making* integrativo”. Isto tudo até poderia ser muito bem se acontecesse entre pessoas que procuram decidir o que jantar essa noite. Mas quando acontece para determinar “verdade científica”, para ser depois usada em *decision-making* político e afectar a vida do público, estamos na presença de algo que não é apenas irresponsável, mas também

criminoso. E, com efeito, este é o tipo de método que anima os vários fóruns de "*decision-making* integrativo", em governos regionais, nacionais, locais.

<u>É normal que consenso final seja predefinido – aí, inquérito centra-se em facilitação</u>. É claro que o inquérito não precisa de respeitar *todas* as opiniões individuais. Este tipo de ciência obscura é avançado por pessoas com mentalidade criminosa para alcançar propósitos criminosos. Portanto, é apenas normal (e extremamente frequente) que o consenso final já esteja decidido à partida, pela clique que organiza o "processo científico" [e é isso que é a dialéctica, e colectivismo]. Aí, o inquérito serve essencialmente para sondar opiniões, com vista a descobrir qual a melhor estratégia para mudar essas opiniões na direcção do consenso predefinido. O foco é colocado em *facilitação*, i.e. na manipulação das percepções e das opiniões dos vários participantes. A facilitação pode operar por persuasão amigável, por coerção violenta, por neutralização de fontes de oposição; segue o *rulebook* do crime organizado. Todos os fóruns integrativos de *decision-making* governamental contam sempre com forças organizadas de facilitadores, especializados em técnicas psicossociais específicas (e.g. triangulação, infantilização dos participantes).

**4 ! !**. O processo de consensualização que marca a produção de "ciência dialéctica" exige que qualquer opinião tenha de ser considerada como sendo igualmente válida; uma "opinião científica" não tem de trazer consigo o ónus do teste ou da verificabilidade. As várias "opiniões científicas" são depois ponderadas, balanceadas entre si, equilibradas num MDC, que se torna a "verdade científica consensual", o "consenso científico". Como explicado no ponto anterior, é possível que existam instâncias nas quais as "opiniões científicas" sejam complementadas com *hard data*; sob o paradigma dialéctico, é exigido que esse *hard data* seja moldado (deturpado) para *confirmar* o processo de consensualização (quando não o "consenso científico" que é desejado à partida). Porém, sob "ciência dialéctica" *pura* não existe qualquer lugar para *hard data*. Tudo o que interessa e releva são as diferentes "opiniões científicas" dos participantes; que bem podem ser meros delírios e puras fantasias.

**3 ' + ! ) .**

<u>E.g. "inquérito" policial ao homicídio político de um jornalista</u>. Imaginemos que existe um comité científico de três "cientistas dialécticos" (aqui, inspectores policiais), que se devota a determinar a "verdade científica" sobre uma morte que ocorre aquando da explosão de um automóvel. Vai ocorrer um *inquérito*. Existe *hard data*, aqui considerado inteiramente acessório. Seja como for, esse *hard data* é o que se segue. A vítima era um jornalista polémico, com inimizades sérias a níveis empresariais e governamentais. Ao longo dos anos, tinha vindo a receber inúmeras ameaças de morte, de pessoas em lugares altos. Estava a trabalhar numa investigação importante (não dialéctica) sobre corrupção governamental, na altura em que a morte ocorre. Tudo isto acontece em circunstâncias misteriosas.

Acontece apenas horas depois de o jornalista avisar os colegas que está a ser ameaçado pelas autoridades e, a ser seguido pelas mesmas. A fatalidade acontece quando o jornalista conduz o automóvel a 70/80 km/h e choca contra uma árvore. O automóvel *explode de imediato*, enviando ondas de choque que são sentidas nas casas do outro lado da estrada; portas e janelas estremecem ostensivamente. A explosão acontece a partir da secção dianteira, ejectando peças inteiras da maquinaria (e.g. radiador) a dezenas de metros de distância. O automóvel era um modelo de alta qualidade (muito seguro), com uma excelente armação interior de protecção e todo o género de protecções contra este tipo de evento. Pura e simplesmente não "explode" com um choque frontal, muito menos de imediato (na prática, nenhum carro o faz, dessa forma; isso só acontece em ficção de Hollywood, para obter efeitos de espectacularidade) [*até aqui, temos uma versão muito aproximada dos eventos em redor do recente assassinato de Michael Hastings, o editor da Rolling Stone, que fez inimigos importantes no Pentágono*]. Depois, uma análise forense à fuselagem, revela a existência de marcas (peças, químicos) associadas a mini-mísseis de drones militares *Predator* (alguns estavam *deployed* nessa altura, sobre território civil; protecção integrada pós-moderna) [aqui, podia-se falar de uma mera bomba no carro, mas vamos tornar as coisas mais espectaculares, mencionando *Predator drones*].

A, homem honesto – B e C, "homens sábios" [sabem lamber a mão que os alimenta].

A tarefa do inquérito, para B e C, é a de desconfirmar a honestidade de A. O inquérito acontece entre três inspectores. Vamos imaginar que um deles, A, tem bons hábitos racionais e está interessado na determinação da verdade objectiva do caso. Os outros dois, B e C, são "homens sábios"; sabem quando se devem ajoelhar perante o poder, para lamber aquilo que os alimenta (uma mão, eventualmente). Sabem que o caso difícil que têm aqui em mãos não é a morte em si, mas sim o inspector A, que tem de ser desconfirmado da sua competência profissional e científica e do seu carácter moral. Este inspector A parece estar persuadido que tudo indica que houve um homicídio óbvio e que, o governo tem de ser investigado. Isso não pode ser e, B e C vão assegurar-se que isso não acontece.

Jogo dialéctico de posições. A estratégia é simples. O processo tem de funcionar por consenso. Portanto, começa-se por se estabelecer uma baseline de extrema vulgaridade, que estabelece uma antítese desconfortável com a visão de rigor científico. Depois, esse conflito é aliviado por uma terceira posição, aparentemente moderada e conciliatória.

B estabelece uma baseline de vulgaridade. É o inspector B quem estabelece a baseline. Segundo B, o jornalista (tratado como vulgo) ia "*bêbado*", chocou, o carro explodiu, fim da história. "*O tipo que morreu era um puto idiota, e depois estas coisas acontecem e temos trabalho*". "*O resto é conversa*" ("*e, já agora, há um jogo que está prestes a começar; vamos despachar isto*"). Esta é a "opinião científica" que advém de "*40 anos a lidar com casos deste género*". *Havia cá um novato que também queria fazer investigações ao governo, pois, isso não acabou nada bem*". "*Assentou, mas teve uns azares pelo caminho*".

C oferece um meio-termo de nonsense perspectivista. O inspector C oferece o meio-termo. A morte é suspeita, sim, mas temos de ter precaução. Talvez tenha sido um acidente. Talvez tenha sido um homicídio. É pouco provável que tenha metido o governo; isso não acontece, no mundo real. O governo só mata pessoas nos filmes. Aquelas marcas químicas são pouco relevantes. Alguém pode ter esfregado um pano contaminado com químicos no *capot* uns minutos antes, quem sabe? Nem vale a pena continuar por aí. Era preciso provar que tinha havido um drone na zona, que tinha disparado um mini-míssil e tudo isso parece tão surrealista. Ninguém vai ligar a isso. O carro explodiu, é estranho, mas paciência, as coisas acontecem. Talvez o modelo fosse defeituoso. Os testemunhos sobre ameaças de morte; bom, o orçamento já está muito esticado para este ano. Gastar muitos recursos com isso é um desperdício. Podemos fazer umas entrevistas, umas perguntas, mas é preciso ir com calma. Às vezes, as pessoas inventam histórias sobre ameaças de morte para ter atenção, ou para se tornarem conhecidas. E talvez o jornalista fosse paranóico, quem sabe?, e estivesse a imaginar coisas. E agora é difícil provar o que quer que seja. Mesmo que tenha havido vigilância policial, ou sinais de intimidação, não há registos. E é claro que não se pode ir por aí. Isso ia meter em risco as pessoas que fazem esse trabalho e o bom nome das autoridades (e, dito entredentes, é claro há dinheiro e há cargos e pessoas importantes a depender de tudo isso. E é por um bem maior. Vamos lá com calma). A melhor posição a tomar aqui é fazer umas perguntas, aqui e ali, mas provavelmente dar o caso como um provável acidente rodoviário. É claro, se no futuro (distante) vierem a surgir novos elementos de prova, coisas mesmo concretas!, reabre-se o caso.

Convém que A seja intimidado, para assumir a flexibilidade que o corromperá. É claro que convém que o inspector A seja ele próprio intimidado, de forma ambígua e incerta, com álibi, antes de todo este processo de inquérito acontecer. Isso deixá-lo-á num estado de predisposição a estar "aberto" a opiniões diferentes – a ser corrompido.

Tudo isto é materialismo dialéctico em acção e Marx ficaria orgulhoso.

Manipulação de necessidades sentidas, consenso dialéctico, reinvenção do real.

***Utilidade*** passa por cima de verdade e de justiça. Marx ficaria extremamente orgulhoso se pudesse assistir a todo este processo de deliberação consensual. Isto é materialismo dialéctico em acção. Os sujeitos B e C reinventam a realidade física com base em *nonsense* subjectivo, desta forma alienando-se da negação que A lhes pretende impor; "aqui estão as provas físicas e são essas que contam". O sujeito A é um bourgeois alienado, que não aceita que todo o conhecimento apreendido é subjectivo, não universalizável, objectivável, ou sequer verificável. Toda a verdade que conta é aquela que resulta da formulação de *julgamentos subjectivos de utilidade contextual*. É materialmente útil para estes sujeitos, que o caso não seja homicídio e que o governo não seja responsável. E também é materialmente útil que o caso tenha sido, de facto, um assassinato governamental; e que o mesmo seja agora encoberto. Afinal, este jornalista era um *bourgeois* alienado que estava a ir contra a entidade central que é essencial para o avanço colectivo da humanidade (o governo). É preciso travar uma impiedosa e amoral guerra de Terror contra todos aqueles que são bourgeois alienados, como Marx aponta durante as revoluções de 1848.

O sujeito honesto aprende a tornar-se dissoluto, a abdicar de carácter.

O mundo gelatinoso da dialéctica pode continuar a arrastar-se em diante. Mas a cereja no topo do bolo é a habilidade com que foi estabelecida a verdade que está no meio, o consenso científico. É assim que se faz, diz Marx. O sujeito A foi persuadido a ser aberto, a emancipar-se, através do apelo às suas necessidades percebidas (i.e. foi intimidado e quer manter-se vivo). Este A pôde depois sentir alívio, porque lhe foi dada uma via plausível de emancipação da sua própria racionalidade; os argumentos de C foram relacionalmente agradáveis, estabeleceram uma síntese, um entendimento, harmonia. O sujeito A aprendeu a praticar inverdade (mentira), a estar aberto às verdades subjectivas de B e de C; essas são as *suas verdades* e A seria inflexível e intolerante (e perseguido) se não as validasse. Portanto, aprendeu a praticar a *negação da negação* [“‘não farás’ é a única coisa que não farás” – ‘não mentirás’] e a emancipar-se da *verdade*, do *objectivo*, do *consequencial*. Aprendeu a fazer *jogo de ancas*; a ser gelatinoso, e isso é muito importante, porque é assim que queremos o mundo. Um mundo dialéctico é um mundo gelatinoso, sem carácter. Carácter é algo de fixo e de inflexível e isso não pode ser.

B e C podem sentir-se bem, na relação, ao serem validados na sua corrupção. Este é o processo correcto de investigação científica, diz Karl Marx. E é claro que os sujeitos B e C também se puderam sentir bem na relação, porque foram validados na ignorância subjectiva que demonstraram, na sua incompetência deliberada. E foram validados na realização das suas necessidades percebidas de sobreviver e de ser recompensados por um trabalho mal feito. Com efeito, B e C sobrevivem e avançam nas suas carreiras hierárquicas, como tende a acontecer com corruptos crónicos em *patocracias* (o termo que Lobaczewski atribui a sistemas imorais e sociopáticos).

"　　　! -+　　　+　　　/.

“Controlo total sobre a matéria” é um tópico favorito da dialéctica. Um dos temas favoritos do materialismo dialéctico é a ideia de “controlo total sobre a matéria”, algo que seria assegurado pelo estado mais progressista e mais avançado, o estado oligárquico totalitário.

Sob racionalidade, isso implicaria controlo real, efectivo, demonstrável. Quando alguém fala de “controlo total sobre a matéria”, pode fazê-lo a partir do ponto de vista bourgeois. Pode alegar que, para que haja “controlo total sobre a matéria”, é necessário que esse “controlo” seja mensurável e demonstrável.

Sob irracionalismo dialéctico, só depende da crença subjectiva consensual.

O controlo da mente é o controlo da matéria que a mente apreende.

Eu posso voar se todos ***acreditarem***, ***souberem interiormente***, que eu posso voar. O anterior é um erro e uma fonte de alienação, que expressa neurose subjectiva, sob materialismo dialéctico. Para que haja “controlo total sobre a matéria”, basta que todos acreditem que esse controlo existe – e é tudo. Só o

consenso subjectivo conta. O materialismo dialéctico explica isto de forma bastante mais complexa. O que nos diz é que existe "controlo total sobre a matéria" quando, efectivamente, deixou de haver alienação entre entidades que são julgadas como objectos independentes. Quando o sujeito aceita que toda a matéria está *em si*, que é subjectiva, deixa de haver alienação, conflito; passa a haver síntese. E, aí sim, já não existe sequer a necessidade de haver "controlo", uma vez que "controlo" implica a existência de alguma forma de alienação entre o sujeito e um objecto exterior a "controlar", por ser exterior. Há "controlo total sobre a matéria" quando deixa de o haver; quando todos os indivíduos, o consenso universal, aceitam plenamente a sua subjectividade material partilhada. Se eu disser que consigo voar, e todos os outros afirmam que sim, que eu consigo voar, então é auto-evidente que eu consigo mesmo voar. E, quem pode usar métodos e argumentos bourgeois contra mim? Eu tenho controlo total sobre a matéria e consigo voar, contando que eu *saiba que sim* e que todos os outros *saibam que sim*.

A pessoa racional que negue que eu posso voar é inflexível, não-consensual, insana. Se, no mínimo denominador comum do consenso colectivo, todos acreditarem que eu posso agitar os braços e voar, então é claro que eu consigo fazê-lo. A pessoa *bourgeois*, racional, que procura desafiar o consenso colectivo; essa pessoa é obviamente não-normativa, inflexível, intolerante, insana.

**3 , 2 .**

"Ciência dialéctica" é antitética a ciência real.

Só usa métodos racionais se os puder distorcer para os seus fins obscuros. Como foi apontado antes, a "ciência dialéctica" é antitética a ciência real. Faz uso de métodos científicos reais apenas na medida em que podem confirmar ou avançar os seus vários propósitos; é um uso meramente utilitário e pragmático.

Isto passa essencialmente por controlo da mente pública: engenharia social, drogas, etc. O domínio essencial onde isto se aplica é na obtenção de eficiência social, coesão. Ou seja, estamos no domínio da engenharia psicossocial, do uso de drogas e de outras formas de tecnologia alienante (no sentido real do termo) "para acabar com alienação".

Acabar com "alienação" significa Utopia; Utopia é apenas o asilo mental universal. Este "acabar com a alienação" implica chegar ao consenso universal do ponto anterior, no qual existe controlo total sobre toda a matéria porque todos acreditam que sim. Esse é o "estado emancipado de toda a humanidade", no qual já não haverá a necessidade de recorrer a métodos racionais (a qualquer forma de racionalidade), em qualquer domínio da vida. A Utopia é, portanto, a emancipação universal do mundo real. Na Utopia, todos aqueles que existirem estarão demasiado destruídos mentalmente para conseguir sequer atar os atacadores sozinhos (algo que já acontece hoje com muitos seguidores destas filosofias). Terá havido emancipação total da "era evolutiva" prévia. Será a fase pós-humana, a fase na qual a humanidade já não tem a capacidade de *pensar* de forma racional e independente. Uma espécie de ninho de cucos

narcotizados. Toda a ideia aqui é a de criar a constituência de sonho de qualquer oligarquia: uma humanidade mentalmente trancada e incapaz; o gado humano perfeito. A Utopia é apenas e somente uma forma de asilo mental em massa.

Poucos foram suficientemente cândidos para colocar as coisas nestes exactos moldes. Os gurus psiquiátricos da WFMH ou, pessoas como HH Goddard, Lord Bertrand Russell, Sir Julian Huxley, são excepções mais ou menos importantes.

A *substância* real de Utopia, que é independente da *forma*. Essa é a s*ubstância* real de tudo isto; que é inteiramente independente da *forma* em que é apresentada. A grande arte da dialéctica é, uma vez mais, a de apresentar substâncias que são objectivamente intoleráveis por meio de formas que são tremendamente convincentes e aprazíveis ao observador subjectivo incauto.

**3 , * * .**

O estado socialista final "controla a matéria" porque controla o que todos pensam. O estado socialista final, emancipado do conceito de verdade, realidade e matéria objectiva, controla toda a matéria subjectiva, porque controla aquilo que todos pensam. Aliás, nem sequer controla. ***É*** – o estado é o colectivo e o colectivo é o estado, mesmo que não o seja (a verdade é opcional). O estado socialista total é o eidolon que substitui a realidade e que engloba tudo em si – zardoz, o deus criado pelo mágico. Todos estão emancipados e fundidos no estado, no colectivo – todos são o estado e o estado está em todos e em tudo, o grande deus panteísta. Este é o sistema de crenças.

Isto implica Singularidade, uma forma de fusão total (seja ela real ou imaginária). Agora, isto implica uma ou outra forma de Singularidade, a criação de uma entidade pela qual toda a "alienação" no real é ultrapassada no novo real do éter e da imaginação. Singularidade implica fusão universal entre todas as mentes e todos os domínios do "real", num só todo colectivo que é pós-humano (ou transhumano) e concilia em si os vários domínios da natureza, como Engels e Kautsky apontaram. Estes domínios são o humano, o animal e o mineral; a conciliação tem de actuar sobre os predicados destes domínios. Fusão de tudo com tudo, indistinção psicótica singular, utopia, "nirvana".

Singularidade pode ser entendida ao nível transhumanista, com uma "hive mind". Isto pode ser entendido a muitos níveis diferentes, e operar a muitos níveis diferentes. Pode ser expresso na criatura transhumana de Ray Kurzweil, o humano com genes animais e implantes cognitivos, fundida em "mind meld" numa enorme "hive mind", onde já não existe individualidade (Borg). E isso está nas cartas, a não ser que seja impedido (como tem de ser), pelo menos para uma tranche da humanidade.

Mas Singularidade *per se* significa apenas *bypass* à Razão, eros colectivo de união total. Mas é preciso entender que o conceito de Singularidade é bastante flexível e que o processo dialéctico nunca é linear e

monolítico; por algum motivo é categorizado com a expressão *neverending story*. O propósito da Singularidade é apenas e somente o de fazer *bypass* à individualidade e à Razão. Desindividuar, despersonalizar, destruir o indivíduo. Todos nascemos com uma medida de estrutura, com a capacidade de entendimento racional e moral do mundo em redor. Todos nascemos, com a capacidade de entender os conceitos de verdade epistemológica e de acção moral e, a partir daí, de construir uma individualidade Racional. É necessário que haja uma enorme destruição mental para esta percepção das coisas ser destruída. Mas é (e sempre foi) feita, seja por ideologia sintética, pressão social, drogas, psicologia pop, psiquiatria anti-humana (fratricida). Existem e existirão muitas formas de Singularidade (a não ser que sejam bloqueadas pelo indivíduo, como têm de o ser). Singularidade, na prática, é apenas a formatação de uma vasta população para abdicar de Razão e de individualidade, para passar a funcionar como uma colónia de insectos, unida por uma forma de eros/tanatos de união colectiva.

A Singularidade high-tech transhumana não será total ou Singular.

Mas células acreditarão que são totais, "deus" – tudo uma questão de percepção. A Singularidade ultra-tecnológica que é anunciada pelo transhumanismo de Kurzweil e outros é apenas uma forma mais sofisticada de anular o cérebro individual e estender influência total sobre largas massas de objectos humanos. Mas não será *total*, i.e. não se estenderá a toda a humanidade. Da mesma forma, não será realmente Singular, i.e. não dominará o universo físico [*apesar de essas más concepções estarem na essência da versão que é dada aos seguidores de base, como sempre acontece em todos os cultos esotéricos; uma versão baixa para os seguidores de base e versões mais sofisticadas e verdadeiras para os de topo – seja como for, os próprios autores, nas suas obras, nem sequer alimentam demasiado esta versão básica, que é disseminada essencialmente em seitas new age e em documentários nihilistas; a larga disseminação da versão básica é um testemunho de que os seguidores de base já nem sequer lêem*]. A Singularidade englobará uma parte da humanidade e incluirá uma parte da realidade física. Mas a "hive mind" que daí resultará acreditará realmente que tem "poder absoluto sobre a matéria" e, mais que isso, acreditará que é "deus". Mas antes disso, é até previsível (e comentado, por vários autores) que haja uma fase com várias Singularidades competidoras, que farão guerra umas contra as outras; a Singularidade da cidade-estado A contra a Singularidade do pólo tecno/militar B contra a Singularidade da etno-região C, algures durante a ascensão da nova idade das trevas, a era de dissolução global. A não ser que esses eventos sejam impedidos, como têm de ser.

**4 $ 5 . .**

A ideia que destrói todas as ideias. O materialismo dialéctico começa por se emancipar da *ideia* através do recurso à ideia universal de fluidez material total; não existem ideias universalmente válidas ou valores universalmente fixos.

Depois, faz guerra a verdade e justiça, para legitimar o que não é verdadeiro ou justo.

I.e. falsidade e crime. Verdade ou justiça são valores fixos que são substituídos por utilidade pragmática. *É claro que utilidade pragmática também é um valor fixo*. Este é um oximoro bastante deliberado: toda a intenção é a de destruir as ideias de verdade e de justiça, para as substituir por arbitrariedade utilitária. A natureza dessa arbitrariedade é por demais evidente. Só se tenta deslegitimar verdade e justiça quando se pretende legitimar aquilo que não é verdadeiro ou justo; i.e. falsidade e crime.

Subjectivismo começa por parecer aberto mas depressa revela ser autoritário. Todas as ideias são meras opiniões situacionais e, todas as opiniões são subjectivas e igualmente válidas. Algo de muito aberto e democrático; mas apenas em aparência, já que é construído sobre fraude epistemológica, desonestidade (existem valores fixos e nem todas as opiniões são igualmente válidas). E, o intuito de tudo isto é o de criar um sistema de pensamento fechado e anti-democrático. Isso é feito pela emancipação de subjectividade *per se*, pela imposição de uma nova ideia universal de que existem formas universalmente válidas de subjectividade. A "opinião colectiva" é sempre suprema e tem um valor autoritário *per se*. É irrelevante se aqui falamos de brutalidade soviética para moldar a "opinião popular", do colectivo supremo obtido no Nazi Staat (Martin Heidegger), ou de consenso fraudulento Agenda 21.

Guerra a racionalidade em si – dissociação psicótica como novo normal. Depois, segue para tentar destruir a racionalidade em si. Fá-lo quando se emancipa da determinação racional de conhecimento, declarando-a como bourgeois, inválida, obsoleta, a ser trocada por daydreaming, confabulações e mentiras sobre a realidade. Chama a esta alienação do real, emancipação epistemológica. *Imaginação ao poder*. No extremo, esta "emancipação" é o descarte da Razão e de toda e qualquer medida de realidade. A isto chama-se dissociação psicótica. Esse é o propósito da dialéctica: magoar, incapacitar, mutilar – desfigurar a mente humana.

Para entrar neste registo, eu tenho de querer legitimar mentira e crime. Entra-se neste registo de funcionamento pela rejeição de honestidade epistemológica e pela rejeição do real em si. Tudo isto é sempre processado numa ou noutra variante do modo axiomático que é prescrito pela dialéctica. Eu tenho de querer *mentir*. Tenho de querer fugir da realidade, ou negar um facto que sei ser verdadeiro, em troca de algo que me é mais útil, aprazível, agradável. Tenho de negar a minha própria racionalidade, em troca de auto-gratificação. Ou, talvez eu queira negar a ideia de justiça e nesse caso só o faço para poder legitimar injustiça, crime; ou praticá-los eu mesmo.

Emancipar-me do real aliena-me do real.

Se o fizer, abdico do meu princípio de realidade e torno-me alienado. O que estou a fazer é a "emancipar-me" do real pela reinvenção mental e relacional do real; minto a mim mesmo e minto aos outros. Tenho de o fazer porque prefiro um real diferente, um real que é controlado pela minha imaginação e pela minha arbitrariedade. Com isso, estou na verdade a alienar-me do real; estou a tornar-me alienado. Com isso "liberto-me" do meu princípio de realidade, da "restrição neurótica" que me impede de mentir. A essa restrição, chamo um estado de alienação, e esse estado de alienação só pode ser resolvido pela

emancipação da negação neurótica, que é expressa na emancipação do objecto real por troca com o objecto imaginário. Isso significa que, quanto mais faço este processo, tanto mais me alieno do mundo real, que continua emancipado de mim (tem uma existência independente da minha imaginação).

O tolo voluntário que constrói a sua estrutura sobre oximoros.

A estrutura é a estátua de pés de barro, que colapsa. Talvez eu imagine que seja esperto por fazer este processo. Talvez me torne um bom manipulador e um bom mentiroso; talvez eu passe a ter uma forma de livre passe para agir de forma arbitrária. Porém, é evidente que estou a construir toda a minha estrutura sobre fantasia, a alienar-me daquilo que é efectivamente *real*. Estou a construir a minha estátua de cabeça de ouro sobre pés de barro. É auto-evidente que a estátua vai colapsar, e é uma queda grande quando colapsa. Só me posso queixar de mim mesmo, uma vez que me coloquei a mim próprio nessa posição quando aceitei ser o tolo voluntário, no primeiro passo da dialéctica; o passo onde aceito construir toda uma estrutura sobre pés de barro (oximoros e falsidade epistemológica).

Marx diria que gosta de mentiras e de auto-aniquilação; que é isso que é a sua emancipação. Poder-se-á dizer a Marx que é inválido dizer-se que "*a única verdade é que não existe verdade*"; que é um oximoro. Que, mais que isso, é uma mentira, uma vez que é uma falsidade epistemológica consciente e, uma que é deliberadamente propagada. Talvez seja uma mentira mais racionalizada e mais sofisticada do que a média; mas continua a ser uma mentira. Poder-se-ia avisar Marx que a pessoa se torna cega e surda quando aceita isto e age de acordo; é um caminho progressivo, feito passo a passo, de descida num poço de esupidez e de cupidez. A pessoa torna-se inconsequente e cai num precipício sem fundo de nihilismo e de auto-destruição. Ao que Marx responderá, ainda bem, é isso que é a minha forma de *emancipação*.

**6** .

Jogo dialéctico com o ***idealismo dialéctico*** de Hegel [síntese é comunitarismo global]. Materialismo dialéctico é uma forma de pensamento gnóstico que foi reciclado sob esse nome durante os meados do século 19. Karl Marx é o jovem hegeliano que é escolhido para dar a cara pela apresentação do conceito ao público. A filosofia surge para fazer um jogo dialéctico com o *idealismo dialéctico* de Hegel. A versão materialista dá origem a "comunismo de esquerda"; a versão idealista dá origem a "comunismo de direita", i.e., fascismo. Sob a dialéctica, a "verdade" está no meio e isso é a actual Terceira Via, comunitarismo global, a fusão dialéctica de comunismo com fascismo.

Diamat, um bom termo Newspeak para tudo isto. Gosto de chamar Diamat a materialismo dialéctico, porque é uma simplificação Newspeak, como tal bastante apropriada a qualquer conceito dialéctico. Mas é também um termo apto no contexto ideológico de onde tudo isto surge, gnosticismo.

Diamat expressa bem o diamante caprichoso e violento do gnosticismo. No que me diz respeito, o termo "Diamat" expressa bem o conceito central em materialismo dialéctico, que é a colocação do capricho humano acima de todo e qualquer critério de verdade ou de factualidade (a pessoa é enleada numa série de oximoros e falácias e torna-se, por conseguinte, cega perante aquilo que é real). Sob os cultos gnósticos de onde tudo isto deriva, o coração humano no qual isto acontece é o *diamante* – um coração de pedra – que absorve e refracta infinitamente toda a luz em redor. Por outras palavras, duro e incapaz de reconhecer a verdade, preso em infinitos nós de refracção/distorção de *luz*. Ser mutilado dessa forma, até chegar à perfeição absoluta do diamante (a mais sofisticada e avançada de todas pedras), é o propósito final dos cultos gnósticos em si, que acaba com a conversão do ser humano em "deus". O longo processo de conversão do coração humano no coração de diamante passa por desumanização, solidificação progressiva em pedra, complexificação progressiva nesse estado. No estado final, perfeito (*perfecti*), o coração está em anátema para com toda a luz real; rejeita, por conseguinte, toda a verdade, toda a beleza e toda a justiça, criadas por Deus à Sua imagem; isso é reconhecido pelos cultos gnósticos. Torna-se um coração auto-contido e convoluto e infinitamente refractário, que reinventa verdade, beleza e justiça à sua própria imagem (i.e. capricho e arbitrariedade). Ao reinventar a realidade à sua imagem, o homem perfeito torna-se "deus". Como isto acontece sempre em gang, esse homem é um "deus" entre outros, e daí temos a classe Olimpiana do gnosticismo. Sob gnosticismo, a ideia é a de acabar por "universalizar" esse processo e obter uma Singularidade de "deuses" humanos unida numa única Singularidade "divina", que fará guerra ao próprio Criador [para ser destruída]. Seja como for, essa Singularidade implica uma perfeita *fusão* dos participantes no mesmo coração universal de capricho, crime e arbitrariedade; é difícil encontrar uma melhor imagem para o Inferno.

# *MILGRAM – Obediência cega à autoridade*

**Milgram – Participação voluntária em atrocidades**

“Experiência de Milgram sobre obediência a figuras de autoridade”. Uma série de experiências em psicologia social, realizadas pelo Professor Stanley Milgram, psicólogo, Yale University. Também “Obedience to Authority Study” ou, simplesmente, “Milgram Experiment”.

Testa participação voluntária em actos imorais, obediência cega. Mede o voluntarismo dos participantes do estudo em obedecer a uma figura de autoridade que os instrui a realizar atrocidades, actos que entram em conflito com a sua consciência pessoal.

“Atrocidades nazis, replicáveis?”. Ou seja, será que os milhões de alemães envolvidos nas atrocidades nazis estavam meramente a obedecer ordens, apesar de estarem a violar as suas mais profundas crenças morais?

**Milgram – Design experimental**.

Supervisor – um cientista de bata branca. Um homem de bata branca supervisiona o processo e coordena o voluntário.

Participantes voluntários, remunerados. Voluntários pagos pela participação. Era-lhes dito que iam participar num teste de memória, feito sobre um homem na divisão ao lado – um actor.

Questões professor-aluno, regime de electrochoques (até 450V). O professor é o voluntário e o aluno é um actor na divisão ao lado. O professor (participante) coloca questões ao aluno. Quando o aluno falha as respostas, o professor dá-lhe um choque eléctrico. A cada resposta falhada, a voltagem aumenta. A administração de choques continua sempre, a comando, independentemente das queixas do aluno. Os choques são inexistentes, e as reacções são falseadas pelo actor.

Descrição. «*The "teacher" was then given a list of word pairs which he was to teach the learner. The teacher began by reading the list of word pairs to the learner. The teacher would then read the first word of each pair and read four possible answers. The learner would press a button to indicate his response. If the answer was incorrect, the teacher would administer a shock to the learner, with the voltage increasing in 15-volt increments for each wrong answer. If correct, the teacher would read the next word pair. The subjects believed that for each wrong answer, the learner was receiving actual shocks. In reality, there were no shocks. After the confederate was separated from the subject, the confederate set up a tape recorder integrated with the electro-*

*shock generator, which played pre-recorded sounds for each shock level. After a number of voltage level increases, the actor started to bang on the wall that separated him from the subject. After several times banging on the wall and complaining about his heart condition, all responses by the learner would cease. At this point, many people indicated their desire to stop the experiment and check on the learner. Some test subjects paused at 135 volts and began to question the purpose of the experiment. Most continued after being assured that they would not be held responsible. A few subjects began to laugh nervously or exhibit other signs of extreme stress once they heard the screams of pain coming from the learner. If at any time the subject indicated his desire to halt the experiment, he was given a succession of verbal prods by the experimenter, in this order: 1. Please continue. 2. The experiment requires that you continue. 3. It is absolutely essential that you continue. 4. You have no other choice, you must go on. If the subject still wished to stop after all four successive verbal prods, the experiment was halted. Otherwise, it was halted after the subject had given the maximum 450-volt shock three times in succession. If the teacher asked whether the learner might suffer permanent physical harm, the experimenter replied, "Although the shocks may be painful, there is no permanent tissue damage, so please go on". If the teacher said that the learner clearly wants to stop, the experimenter replied, "Whether the learner likes it or not, you must go on until he has learned all the word pairs correctly, so please go on"… at some point, every participant paused and questioned the experiment; some said they would refund the money they were paid for participating in the experiment. Throughout the experiment, subjects displayed varying degrees of tension and stress*»

**Milgram – Resultados experimentais**.

2/3 de participantes disponíveis para administrar choque potencialmente fatal. No primeiro set experimental, 65% de participantes (26 em 40) administraram o choque final de 450 volts, apesar de muitos estarem desconfortáveis com a situação. Cerca de dois terços dos participantes estavam disponíveis para administrar doses fatais. Choca a América, porque mostra o modo como americanos normais estavam dispostos a cometer atrocidades.

Milgram e outros replicam resultados pelo mundo fora. Later, Prof. Milgram and other psychologists performed variations of the experiment throughout the world, with similar results.

Poder da situação social sobre indivíduo – Cumprir ordens, obediência cega ao "perito". O homem de bata branca é uma figura de autoridade. Existe a lógica da delegação de responsabilidade no cumprimento de ordens, i.e., "estou apenas a cumprir ordens, o meu superior é o responsável".

MILGRAM (1974) – Conclusões sobre experiência.

***"Test how much pain an ordinary person would inflict on another"***.

***“Simply because he was ordered to by an experimental scientist”***

***“Ordinary people, just doing a job, can become agents in terrible destructive process”***

***“Few people have the resources needed to resist immoral authority”***

«*I set up a simple experiment at Yale University to test how much pain an ordinary citizen would inflict on another person simply because he was ordered to by an experimental scientist… Ordinary people, simply doing their jobs, and without any particular hostility on their part, can become agents in a terrible destructive process. Moreover, even when the destructive effects of their work become patently clear, and they are asked to carry out actions incompatible with fundamental standards of morality, relatively few people have the resources needed to resist authority*» Stanley Milgram (1974), “The Perils of Obedience”

**BM**

**MILLER (1987) – Controlo de opinião na sociedade pós-moderna**.

[Publicação parcialmente financiada pela Fundação Rockefeller].

Existe agora um sistema pervasivo de controlo de opinião.

A cidadania é doutrinada com mass media e sistema educacional.

Não se diz às pessoas o que pensar, mas sim sobre que pensar.

[Ou seja, direcciona-se a atenção para este ou aquele tema].

«

*!*

» Arthur Selwyn Miller (1987). “The secret constitution and the need for constitutional change”. Greenwood Press.

**BM**

**MILLER (1987) – Sociedade global exige nova Constituição – Controlo de opinião**.

! **sobre** " #

$ % & '

( ) '

) ' ) *

+*…a pervasive system of thought control exists within the United States… The citizenry is indoctrinated by employment of the mass media and by the system of public education. The people are not always told what to think but, as Michael Parenti has demonstrated, they are told what to think about…* , - % . / 0 123456 78%
% % ' 9 : .

+*The old order is crumbling....Nationalism should be seen as a dangerous social disease....A new vision is required to plan and manage the future, a global vision that will transcend national boundaries and eliminate the poison of nationalistic 'solutions.'...A new Constitution is necessary....Americans really have no choice, for constitutional alteration will come whether or not it is liked or planned for....Ours is the age of the planned society....No other way is possible* , )

**MKDELTA – Operações no estrangeiro**.

MKULTRA no estrangeiro. Congénere do MKULTRA para governar experiências no estrangeiro.

Ex. Project SPAN – LSD, aerossóis – psicoses, mortes. Um exemplo é o Project SPAN, na aldeia de Pont-Saint-Esprit, França, Agosto de 1951. Os métodos, contaminação de comida com mistura de LSD, bem como spray de mistura de LSD sobre a aldeia, com aerossóis. O incidente resulta em psicose em massa, 32 internamentos psiquiátricos e um mínimo de 7 mortes.

.

.

“Private Institutions Used In CIA Effort To Control Behavior”, August 2, 1977, New York *Times*

! " # .

Liderado pelo Senator Frank Church (D-ID).

Investigação prejudicada por destruição de documentação MKULTRA. Richard Helms, Director CIA, ordena a destruição de todos os ficheiros do programa em 1973. Investigação do Church Committee baseia-se em testemunhos de participantes directos e no relativamente pequeno número de documentos que sobreviveu à ordem de destruição de Helms.

! " # $% .

Experiências subreptícias com LSD, sobre sujeitos involuntários.

MKDELTA, programa especial para o estrangeiro.

Materiais MKULTRA/MKDELTA usado para interrogações, assédio, descrédito, ou incapacitação.

«*LSD was one of the materials tested in the MKULTRA program. The final phase of LSD testing involved surreptitious administration to unwitting non-volunteer subjects in normal life settings by undercover officers of the Bureau of Narcotics acting for the CIA… A special procedure, designated MKDELTA, was established to govern the use of MKULTRA materials abroad. Such materials were used on a number of occasions. Because MKULTRA records were destroyed, it is impossible to reconstruct the operational use of MKULTRA materials by the CIA overseas; it has been determined that the use of these materials abroad began in 1953, and possibly as early as 1950. Drugs were used primarily as an aid to interrogations, but MKULTRA/MKDELTA materials were also used for harassment, discrediting, or disabling purposes*»

Church Committee (1976). “Final Report of the Select Committee to Study Governmental Operation with Respect to Intelligence Activities”, Book I, Chapter XVII, p. 391.

& ’ ( ) ( "* "+ " , -" , .

Gittinger, ex-CIA. John Gittinger, ex-empregado da C.I.A., testemunha perante a audiência conjunta.

Isolamento e indução prolongada de stress. «*…by 1962 and 1963, the general idea that we were able to come up with is that brainwashing was largely a process of isolating a human being, keeping him out of contact, putting him under long stress in relationship to interviewing and interrogation, and that they could produce any change that way without having to resort to any kind of esoteric means*»

“Project MKULTRA, The CIA's Program of Research in Behavioral Modification”. Joint Hearing before the Select Committee on Intelligence and the Subcommittee on Health and Scientific Research of the Committee on Human Resources. United States Senate, Ninety-Fifth Congress, First Session, August 3, 1977.

& ’ ( , ,. / ," .

Testes comportamentais e com drogas, em situações sociais desprevenidas.

***“Covert tests on unwitting citizens, at all social levels… in social situations”.***

***“Several involved the administration of LSD to unwitting subjects”***.

***“In a number of instances, the test subjects became ill for hours or days”***.

Testes “não fizeram sentido científico” – claro, serviram para treinar esquadrões de sociopatas.

***“The Agency itself acknowledged that these tests made little scientific sense”.***

***“The agents doing the monitoring were not qualified scientific observers”***.

«*The Deputy Director of the CIA revealed that over 30 universities and institutions were involved in an "extensive testing and experimentation" program which included covert drug tests on unwitting citizens "at all social levels, high and low, native Americans and foreign." Several of these tests involved the administration of LSD to "unwitting subjects in social situations." At least one death, that of Dr. Olson, resulted from these activities. The Agency itself acknowledged that these tests made little scientific sense. The agents doing the monitoring were not qualified scientific observers… In a number of instances, the test subjects became ill for hours or days, and effective followup was impossible*»

“Project MKULTRA, The CIA's Program of Research in Behavioral Modification”. Joint Hearing before the Select Committee on Intelligence and the Subcommittee on Health and Scientific Research of the Committee on Human Resources. United States Senate, Ninety-Fifth Congress, First Session, August 3, 1977.

Ewen Cameron ensina tortura a pessoal militar. Cameron viajava regularmente pelos EUA, ensinando as suas técnicas a pessoal militar, para efeitos de interrogatório.

KUBARK – HRETM. O MKULTRA está na base dos manuais de tortura da CIA; como o KUBARK Counterintelligence Interrogation, Julho de 1963, que expõe um programa de tortura física mas, essencialmente, psicológica. O mesmo acontece com o Human Resource Exploitation Training Manual (1983)

Psicadelismo – isolamento – deprivação sensorial. O manual de interrogação KUBARK, da CIA, refere-se a «*studies at McGill University*», que são evidentemente os de Cameron. Aliás, a maior parte das técnicas recomendadas no manual são precisamente aquelas que Cameron testou, como drogas, isolamento ou deprivação sensorial.

Manuais usados na América do Sul – School of the Americas – Médio Oriente. Países como El Salvador, Guatemala, Peru, Equador, Colômbia, Honduras. Também, na School of the Americas. Vários grupos paramilitares latino-americanos, a trabalhar para a CIA, receberam treino nestas técnicas em lugares como a School of the Americas e, mesmo hoje em dia, muitas das técnicas de tortura desenvolvidas nos estudos MKULTRA são usadas em prisões militares da CIA, como Guantanamo Bay e Abu Ghraib.

HRETM (1983) – "Torture corrupts". «*The routine use of torture lowers the moral caliber of the organization that uses it and corrupts those that rely on it*»

“***Where studies involve harm to the subject, we expect the Agency to make available suitable subjects and a proper place***”

- ’ . ; : = 6 ; 9>

- ’ ’ ? ’ < ?

@*...including threats, coercion, imprisonment, deprivation, humiliation, torture, "brainwashing," "black psychiatry," hypnosis and combinations of these, with or without chemical agents. We will assemble, collate, analyze and assimilate this information and will then undertake experimental investigations designed to develop new techniques of offensive/defensive intelligence use... Potentially useful secret drugs (and various brain damaging procedures) will be similarly tested in order to ascertain the fundamental effect upon human brain function and upon the subject's mood... Where any of the studies involve potential harm to the subject, we expect the Agency to make available suitable subjects and a proper place for the performance of necessary experiments*A

2 : # : 3

**MKULTRA – Discos, psychic driving**

"*Excellent observations. These discos are pure brainwashing centers. You have the drugs and the psychedelic stimuli (lighting, repetitive beat), and these make for a semi-hypnotic state where you're susceptible to psychic driving. Generally, the main thing that's being "driven" into you, is the collectivist human environment: the *social programming* of being lonely, atomized, but at the same time melting into the whole, going along, losing yourself in the anonymous mass. The collectivist society#*

**Preparação para ambiente social colectivo, estéril e irracionalista** É preciso ter pessoas assim para um ambiente estéril, mecanizado, frio, calculista. Isto é a comuna, e também a força de trabalho multinacional.

**RH Globais – Submissão, obediência, team working, entrega ao grupo**.

O bom empregado global do século 21 – valores e atitudes consensuais.

.

.

. A pessoa tem de aprender a ver-se como parte da sociedade colectiva, e não como um indivíduo. O seu sentido de valor tem de ser baseado em participação na comunidade, e em submissão à nova ideologia – não em crenças individuais e em escolhas individuais.

**RH Globais – Relativismo moral pragmatista, utilitário**.

"Crenças fixas" bloqueiam o processo dialéctico. Esta ideia de que existem "factos", e de que existem valores que não podem ser desafiados, "crenças fixas", ancoram a mente em certos absolutos, que bloqueiam o processo dialéctico, portanto são ideias perigosas.

O que agora é verdade, amanhã talvez *tenha* de ser mentira. Tanto a verdade absoluta como factos contrários chocam com o estado mental necessário para os sistemas de gestão global – o que agora é verdade, amanhã pode ser mentira, porque há que começar aquela guerra, ou impor aquela nova regulação.

Exemplo do dinheiro a gastar com idosos. Hoje, aqueles idosos são pessoas a respeitar e vidas a manter. Mas, amanhã, o dinheiro das reformas vai ser necessário para refinanciar aquele banco. Portanto, amanhã, aqueles idosos tornam-se pessoas incómodas, que gastam demasiados recursos, consomem mais do que produzem; e há que arranjar uma forma elegante de lidar com o problema.

Pessoa tem de *sentir* que valores absolutos são ameaça à paz social. As massas têm de aprender a *sentir* que valores tradicionais são uma ameaça ofensiva e intolerável à paz.

Jogo de ancas, dança. Por isso, é necessário "saber ter jogo de ancas", saber dançar. Neste esquema de coisas, quem não sabe dançar, ou não quer saber dançar, está a bloquear a pista de dança. É anti-consensual. É obsoleto, antiquado, uma relíquia do

passado, anti-social. É isso que as crianças estão a fazer na escola. Estão a aprender a dançar.

Substituir valores absolutos por verdades transitórias, verdades de grupo. Pessoas com valores absolutos têm de substituí-los por "verdades transitórias", "verdades em evolução", e "pensamento colectivo", "verdades encontradas em grupo", "consenso".

Insultos marxistas para os "resistentes". São anti-democráticos, autoritários, intransigentes, irrealistas, etc. Todos os insultos que os Marxistas alemães inventaram, há mais de 100 anos atrás.

**"Global Workforce" – Consenso, team-playing, crenças certas**.

Hoje, a dialéctica hegeliana tornou-se a base do sistema educativo global.

Mas também é o paradigma para o local de trabalho, onde o caminho para o sucesso está a mudar drasticamente.

No novo local de trabalho do século XXI – e isto pode ser a escola, a empresa, a igreja, ou o governo – trabalho válido e dedicação não bastam.

, t

.

.

! " # .

Ou seja, não basta que seja bom e dedicado naquilo que faz – tem de ter a maneira certa de pensar.

**"Global Workforce" – Gestão RH devotada ao novo paradigma**.

Para produzir isto, são gastas pequenas fortunas em consultoria e gestão de recursos humanos.

$ % " "
! % & ! .

Manuais atrás de manuais e papers atrás de papers, em gestão de RH, devotados...

' ( ) .

.

Muitos nomes e muitos pacotes para vender a mesma coisa.

* # + , - . /
0 # 1 , .

**“Global Workforce Training” para a força laboral internacional**.

Global Workforce Training é um dos termos mais honestos, porque esse é o objectivo.

2 & !

. % 3
% 4 .

**“Global Workforce” – A ineficiência autorizada do novo sistema global**.

Este processo mata a consciência individual, a inovação e a criatividade.

+ .

Agora, é claro que isto prejudica a qualidade do trabalho, mas isso não é um problema.

2 4 & ) .

5 ) ! 6
% ! .

4
) ! 7 + 8 9 .

! % ! %
.

**NAMH – Montagu e Priscilla estebelecem a BNAMH [B-NUMB]**

**<u>NARCISISMO – Da 'verdade do coração' à 'verdade da aldeia'</u>**.

SUBJECTIVISMO.

<u>Subjectivismo</u>. Não há factos, apenas opiniões, sentimentos e percepções.

1. VERDADE DO CORAÇÃO

<u>Subjectivismo leva à "verdade do coração"</u>. Quando toda a verdade é subjectiva, o que interessa é a "minha verdade", a minha opinião, os meus sentimentos – aquilo que me faz sentir bem e dá prazer.

<u>Negação da negação</u>. Como a técnica marxista assevera, para dar este passo, é preciso interiorizar a negação da negação – negar o princípio da realidade.

<u>**Coulson** – Clarificação de valores – Verdade **condicional a auto-estima**</u>.

<u>Verdade é condicional a auto-estima</u>. «*...one of the effects of self-esteem Values Clarification programs is that you are no longer obliged to tell the truth if you don't feel like it. You don't have to tell the truth because if the truth you tell is about your own failure then your self-esteem will go down and that is unthinkable...*» – Dr. William Coulson, cit. in Tony Digirolamo. "The Video TMP: Too Much Psychology". CultureShockTV.com, April 8 2011 [http://www.cultureshocktv.com/internews/2002/apr8201128300.html]

<u>A estimulação da **imaginação dialéctica**</u>.

***Verdade e moral é opcional, contextual, situacional (os meus sentimentos).***

***Sistema de racionalizações e auto-justificações***.

*"O que é verdade hoje, amanhã é mentira – eu mando, eu decido".*

*"O me faz feliz é verdadeiro (e certo, e bom)".*

*"O que me faz infeliz, ou me assusta, ou me magoa, só pode ser falso (e errado, e mau)".*

2. CENTRAMENTO EM AUTO-GRATIFICAÇÃO

<u>Actividade torna-se narcísica e egocêntrica</u>. O critério deixa de ser, o que é legítimo eu fazer; passa a ser, o que é que eu posso ganhar, pessoalmente. Ou seja, já não é o que é certo ou errado, mas sim, o que me dá vantagem, prazer e gratificação pessoal. Como é que posso sentir-me bem. A actividade da pessoa começa a centrar-se em procura de prazer e de gratificação, evitamento de dor. Preservação de auto-estima a todos os custos. A actividade torna-se narcísica e egocêntrica.

Sonhar acordado – descentramento do trabalho [Lewin]. Libertação dos sentidos, sonhar acordado, estar dividido entre duas "cabeças" (como Lewin observou).

Hedonismo, gratificação imediata. "Make me feel good". "If it feels good, just do it". Gratificação instantânea, felicidade instantânea.

Emocionalidade exagerada. Vida baseada em emoções.

Procurar prazer, fugir de dor – não crescer. Procurar prazer, fugir de dor e sofrimento. Quando assim é, a pessoa não cresce. Fica uma criança perpétua.

Narcisismo. Eu sou a pessoa mais especial e importante e vivo obcecado comigo próprio.

3. OBJECTIFICAÇÃO

**Objectificação do outro**, e do self – Utilitarismo. O outro é objectificado. É uma extensão dos meus desejos, sentimentos e necessidades. Não é um ser humano; é um objecto do qual posso tirar uma vantagem, prazer pessoal. Para que isso aconteça, eu também tenho de lhe dar prazer e vantagem. Ou seja, as relações humanas passam a ser instrumentais e utilitárias. Mesmo que a fachada diga "paz, amor e compreensão", o interior é "agrada-me, e eu agradar-te-ei a ti, usa-me e eu usar-te-ei a ti".

4. OPORTUNISMO

Oportunismo sócio-estatístico. Foram programados, não para pensar, mas apenas para calcular de acordo com fórmulas sociológicas autorizadas e aprovadas. Ou seja, "nada de pessoal". "Ganha-se traíndo a consciência".

5. EXPECTATIVAS IRREALISTAS

Expectativas irrealistas – manipulabilidade. Expectativas irrealistas de felicidade no mundo, na matéria. Expectativa de encontrar o paraíso na Terra, nas coisas deste mundo. Quando assim é, a pessoa é facilmente manipulável – basta acenar com um doce, e vai atrás.

6. GRUPO/ALDEIA

O grupo serve de autoridade moral e espaço utilitário. Isto é bastante presente no grupo, que é, por definição, um dos espaços onde se usa e se é usado. O mote: "If it feels good, just do it" – desde que seja aceitável para o grupo, e quase tudo vai ser aceitável para o grupo. Isto significa reforço, encorajamento, validação.

Vida no social, harmonia e união colectiva.

**NEUROSE – Bom selvagem – Valores – Família – Fascismo**.

**Bom selvagem – Família – Consciência – Neurose – Fascismo (Frankfurt School)**.

O bom selvagem – Consciência moral gera neurose, crime (Reich). Todos os homens e mulheres são naturalmente sociáveis e morais. Essas características reflectem a existência de forças vitais e naturais, que militam na constituição natural do próprio indivíduo – uma vitalidade natural. Agora, existem obstáculos à livre expressão e desenvolvimento dessas forças – obstáculos à liberdade individual. Esses obstáculos são constrangimentos morais, a consciência interiorizada através de disciplina e instrução parental. A presença desses obstáculos gera neurose, onde a pessoa se encontra dividida entre o que quer fazer/ser, e o que pode fazer/ser, e é condenada a uma terceira via de expressão de impulsos criminosos, que são gerados pelo próprio conflito interno. [Wilhelm Reich, The Mass Psychology of Fascism]

Família agente de socialização repressiva, neurótica (Bronner, Horkheimer). «

» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

Família reprime criança (Adorno). «

!

» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Consciência culpada é sinal de repressão e derrota (Fromm). «"

# "

$

% "

» – Erich Fromm (1965). "Man for himself: an inquiry into the psychology of ethics". Fawcett Premier.

Consciência expressa desejo de ser pai de si mesmo (Brown). «

& & '

( ! &

» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Raízes de neurose – Moral, ascetismo, respeito pelos mais velhos, responsabilidade individual (Adorno). « )

*

& &

& &

+

,

& &

$

"

$

» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Ligação a herança cultural é sinal de neurose (Brown). «

» – Norman O. Brown (1985), Life Against Death: The Psychoanalytical Meaning of History. Wesleyan University Press

Família, Deus, patriotismo geram etnocentrismo e fascismo (Adorno). «

$

, & &

- .

*

- . / !

! » – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

Patriotismo é um sinal de preconceito e fascismo (Allport). Gordon Allport escreve “The Nature of Prejudice”. Patriotismo, gostar do próprio país e ser-lhe fiel, é um sinal de intolerância, preconceito e fascismo. [A não ser, talvez, que falemos da Mãe Rússia]

***Tem de ser estudado como uma espécie de disfunção de personalidade***. O preconceito tende a ser um traço de personalidade.

***Allport trabalha com a ONU para desenvolver UNESCO***. Gordon Allport trabalha com a ONU para desenvolver o sistema educacional UNESCO.

***Taxonomias de disfunções de personalidade***. Allport devotou-se a criar taxonomias de personalidade, que demonizam pessoas politicamente incorrectas como doentes mentais.

**Informacionalismo, dissociação e vazio, do macro ao micro**.

A dinâmica da globalização – fluxo permanente, ambiguidade, reciclagem [Castells].

Destruição criativa do protagonista, no aqui e no agora. Manuel Castells diz-nos que globalização implica informacionalismo, o domínio do fluxo quase instantâneo de informação, por meio de redes informacionais ubíquas e pervasivas. Esta dinâmica sistémica dá origem a um “space of flows”, no qual tudo está em fluxo, em transição permanente. Tudo muda, tudo é alterado. Tudo é instrumental, contextual, temporário, reciclado. A única fonte de constância é a destruição criativa do aqui, do agora, e do protagonista que experiencia o aqui e o agora. Tudo é ambíguo.

Comunicação, entre a ausência e a ilusão. Existe mais comunicação que nunca antes, mas a comunicação real torna-se cada vez mais ausente. Existe demasiado fluxo e demasiada aceleração para que as pessoas em si sejam reais e, para que mantenham relações reais entre si. Tudo é comunicação. Quando tudo é comunicação, existem inúmeros objectos de percepção e estimulação – mas são eles próprios ilusórios, um grande espectáculo de sombras na Caverna de Platão global. Informacionalismo implica que tudo, da célula, ao indivíduo, ao macrocosmo de indivíduos, é submetido a gestão de percepções ao longo do processo comunicacional. O que é real, na percepção do objecto comunicado e mediatizado? Como Castells coloca a questão, «

».

A megacidade global, um espaço dissociativo e vazio – Babel. Um dos subprodutos fís & ;<= > 3 ? 3 ! @
4 A BC D & &
E / !
" & &
! F
: & $
2 #/ ! 9

**“Rigor mortis is now de rigueur” – O nódulo humano na rede social**

% 9 $ & & ’ 9
! / ! 2
: . / !

## O homem dissociativo

**OCDE (1970)**.

**Harman, OCDE (1970) – Tecnologias emergentes**.

Tecnologias emergentes justificam controlo, do local ao global.

.

.

.

.

«*...we have now, or could develop soon, the power... through "human engineering", to modify indefinitely the bodies of selected individuals, for reasons ranging from scientific curiosity to prolonging life... through genetic engineering, to modify the characteristics of the human race and to shape the course of evolution... to change to unlimited extent the physical characteristics, and the plant and animal population, of the biosphere... to alter to unlimited extent men's mental and emotional characteristics, including intellectual abilities, motivations, affect, personalities, and character... through weapons of mass destruction, to annihilate large segments of the human race and devastate large areas of the earth...*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Planeta Terra, um único sistema integrado**.

O mundo semi-globalizado tem de ser integrado e guiado, como um único sistema.

! " # "
.

$ % . «*...guide a single integrated planet*»

«*The necessity of a shift from a parochial to a "one world" view of "Spaceship Earth" hardly needs defence. Frequent reminding comes from awareness that through present world communications networks repercussions of local events are rapidly felt and reacted to around the world. Ecological problems are world problems. Production/distribution and communication/transportation systems are essentially global. They require, and depend upon, the resources of the entire planet and, more importantly, the global interchange of research, development, and technical and*

*managerial expertise. Most significantly of all, perhaps, there are no "local" political and economic problems any more. Political events in remote lands, famines or other catastrophes in underdeveloped countries, all have direct and immediate impact on the technologically developed world*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – <u>Estado tecnotrónico definido</u>**.

<u>Não vivemos em sociedades capitalistas – mas sim em “estados tecnotrónicos”</u>.

<u>O estado tecnotrónico – Computorização, PPPs, centralização, integração, planeamento, facilitação da mudança</u>.

A entrada do «*computerised, cybernated state… certain trends and developments are here to stay, at least for the near future. One is a high and increasing level of technology and of cybernation. Second is the conduct of most purposeful activities by large-scale centralized organisations, such as those developed in government and industry in recent decades. Further, distinction between public and private organisations will no doubt become more blurred, as it already has in military procurement, space exploration, and atomic energy. Planning will tend to replace the market mechanism in controlling the flow of money, goods, and services... Research and services will play a more dominant role, production less. “Intellectual institutions” (universities, research laboratories, “think tanks”, systems analysis centres, etc. will play a more significant role. Change – the research, development and innovation process – will be institutionalised, that is, institutions will be facilitators of change rather than impediments to change... a network linking the widespread governmental, military, university, research, policy analysis, urban development, financial, commercial and industrial organisations...*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for

&

.

***5!*** **#** ***6***.

*/* ***$***

& ***#*** ***#*** ***2*** & .

«*The basic premises include the assertion that human behaviour can best be understood as an interaction among more or less stable characteristics of the individual and the immediate situational context. The individual characteristics - personality pattern, values, goals, etc., - arise in turn from the historical interaction between physiological needs and instinctual energies and desires on the one hand, and environment - particularly that of early-childhood- on the other... Socially acceptable behaviour is arrived at through socialisation (conditioning) processes... The behavioural-science position tends to be reductionist, especially regarding such "higher values" as freedom, justice, Love, co-operation, reason, courage, free will, truth, beauty and goodness, self-fulfilment, and responsibility, regarding them as sublimations of instinctual drives or as more straight forward cultural conditionings. Thus the basic value position is one of moral relativism... Likewise, such values as social order, justice, social consciousness, democracy, humanitarianism, public service, morality, achievement, etc., are perpetuated by the culture because of their usefulness, but they have no deeper transcendental roots. Because of the implicit deterministic assumption, values such as freedom and democracy, which imply that the individual ultimately has free will and is responsible for his actions, are not only cultural inventions, but illusions... Various personal characteristics may be valued, particularly scientific objectivity, intelligence, and impassivity. However, it is recognised that the choice to value these characteristics is itself illusory in its freedom, since these tastes must have been culturally imposed somewhere along the way*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – Comunidades especializadas**.

Cidade científica, cidade universitária, cidade-festival, etc.

Comunas para experimentar formas alternativas de vida e engenharia social.

***3! 1 : C7***.

«*There will be variety in cities too, with specialised forms – scientific city, university city, festival and ceremonial cities, recreation city, experimental cities – and planned communities. Experiments with alternatives to the main patterns of living (precursors being communes, bohemian urban communities, substitutes for marriage, etc.) will be*

*commonplace*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – “Garrison state”**.

Transição vai exigir “strong order-maintaining justice”.

Ou seja, “democracia musculada”, onde a política é paramilitarizada.

«*...the nation will require in the years just ahead a strong order-maintaining and justice-dispensing system and a reversal of the image of police-as-oppressor which is presently held by a large segment of the population. The counter image, of a fair and upright protective force to preserve our delicate and hard-won social values, will not be easily attained. It is a common task for the educational system to carry out together with the forces for order and law*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Valores – Novos sistemas de crenças e valores**.

Custos da transição podem ser mitigados com novos sistemas de crenças. Há que encontrar uma forma de «*...reduce our anxieties and help in the rational formulation of policies which will contain such destructive forces as have to be contained, while minimizing the violence... which might accompany the change*»

Há que transitar visões do mundo, para uma de “one world”. «*The necessity of a shift from a parochial to a "one world" view of “Spaceship Earth”*»

Há que encontrar novos valores para guiar o planeta integrado. «*...the question is whether the values which served well enough for isolated villages, or even isolated continents, will suffice to guide a single integrated planet. If they will not, then this is the most important single thing to know in designing the education of the future. For if values are to be changed, this must be through an educative – though not necessarily a schooling – process*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Valores – Alvo: valores de classe média judaico-cristã**.

Estes valores [listados] não são compatíveis com a transição e têm de ser mudados.

São incompatíveis com o impacto psicológico da transição.

**B # .**

**. # # # ’ .**

**. .**

**B .**

«*Implicit in...middle-class (traditional)... belief-and-value system is that, while religious beliefs are good to have as a basis for morality, the values derived from the Judeo-Christian tradition will standby themselves on a pragmatic basis. Hence, there tends to be little emphasis on specific religious beliefs or metaphysical premises as a source of values; atheists, agnostics, Christians and Jews are expected to have more or less the same values. Thus without being tied to a particular cosmology, there tends to be a generalised belief... in the perfectability of man and in his ability to better his position through his own efforts... in material progress as the meaning of social progress... in humanitarianism and a moral orientation to the world... A high value is attached to the rights to 1) individual pursuit of economic security and happiness, 2) personal liberty (freedom, privacy and property rights), 3) equality of opportunity and justice, and 4) essential respect as a human being. These rights are strongly tempered by the ethic that man must earn what he gets, through industry and persistence… Value is placed on the orderly society, with social roles and rules for transition well-defined, and domestic and civic virtues commonly held. Pleasantness of environment and the esteem of others are prized... Self-discipline, hard work, efficiency and productivity are honoured; the emotional life should be well-regulated and rationalised... The following personal characteristics are valued: Industry, integrity, dependability, self-sufficiency, rugged individualism, control of inner feelings, moderation, rationality, orderliness, regularity, conformity, pragmatism, cleanliness, responsability, loyalty to family and firm, patriotism, Apollonian style, action as contrasted with contemplation, youthfulness*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Valores – “Mudar a cabeça das pessoas”**.

Gerir o futuro global implica seleccionar novas crenças e novos valores. «*...in a fundamental sense, choosing the future involves choosing a set of beliefs and values to be dominant... A drastic and rapid shift in orientation is imperative, on the part of the entire industrially developed segment of the world. Nothing less than a new guiding philosophy will do*»

A solução é “mudar a cabeça das pessoas”. «*Change peoples' heads...*»

Indivíduos têm de ser ajustados psicologicamente às mudanças.

.          .

***1 5 * :6 - #***
***- # .***

***1***
.

«*...changes are implied for the individual which will invoke participation of feelings as well as intellect... Emotional and conative faculties must be engaged. If these two points are to be implemented, educational experiences must be contemplated which are akin to psychotherapy in that they aim at bringing the individual into closer touch with himself, to where he makes his own discoveries that result in a felt realisation of the inevitability of one inseparable world, and a felt shift in the most basic values and premises on which one builds one's life. In a sense, this means bringing... "person-changing technology"... into the educational system. Education to develop an ecological sense is education toward total sensibility. This is radical doctrine*» – "Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance". Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**Harman, OCDE (1970) – Estado tecnotrónico – Educação e controlo comportamental**.

Tecnologia, STW, controlo e formatação [formação] comportamental.

[As palavras formação e formatação significam exactamente o mesmo, mas um é mais simpático e inocente que o outro].

«*Highly centralised and intensive (though possibly subtle) social control will be wielded over vocational training, worker mobility, work attitudes and consumer habits... Schools in the forms we know will virtually disappear. Instead, education will take place via combined systems of machines and human assistants located in homes, neighbourhood centres, specialised learning centres, museums and industrial and business locations... There will be strong reliance on "behaviour shaping" approaches, involving the detailed specification of desired behaviours to be imparted by contingency management techniques. This work will be based on a sound behavioural-science*

*infrastructure. The roles of evaluation and credentialing - i.e. assessing suitability for the various vocational and professional tasks which the society requires for its functioning-will probably remain important. Continuing education, in the form of vocational retreading, will also have an important place... Increasing blurring of the distinction between vocational and academic education... Reduced emphasis will be placed on absorbing specialised information and developing specific vocational skills. Less attention may also be given to grading...*» – “Alternative Educational Futures in the United States and in Europe: Methods, Issues and Policy Relevance”. Organisation for Economic Cooperation and Development, Paris, Centre for Educational Research and Innovation. Paris, 1970.

**OUGHTINESS – Serpente – Socialização**.

**OUGHTINESS – Sensitivização, expectativas, percepções (Serpente)**.

[*O sistema da serpente no Éden, e da psicologia social, e do marketing – sensibilizar estrategicamente para necessidades latentes, por forma a obter resultados comportamentais*].

Sensibilizar alvo para o que "deveria ser" (Benne). «*Only a method of such scope can deal with the problem of changing human relations; for, inevitably, it must consider not only what "is" and what "can be" but also, what "ought to be"*»

Enganar e manipular o alvo – Jogo de percepções e expectativas (Benne). «*The words "seem to" are significant; it is the perception, "objective" or not, which functions in guiding behavior… All human behavior is directed toward the satisfaction of needs… It follows from the first assumption that the individual will change his established ways of behaving for one of two reasons: to gain increased need satisfaction or to avoid decreased need satisfaction. Changes in his behavior for either of these reasons are inevitably a consequence of the way he perceives the situation. The expected increase or decrease in need satisfaction may be illusory (from the observer's point of view)*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**OUGHTINESS – Socialização e obtenção de consenso**.

Visionamento inspira pessoa a investir no consenso.

***Slogans PNL – Pertença, democracia, tolerância, aceitação, progresso***. O espírito é "influenciar e ser influenciado". O processo é positivo per se. Participar no processo é uma marca de aceitabilidade social. É-se democrático, tolerante e progressista. Pelo contrário, quem não está disposto a diluir as suas posições no grupo, é divisivo, intolerante, elitista e por aí fora.

***Promessa PNL – Um futuro melhor, que "deveria ser", partilhado e livre***.

Sensibilizar alvo para o que "deveria ser" (Benne). «*Only a method of such scope can deal with the problem of changing human relations; for, inevitably, it must consider not only what "is" and what "can be" but also, what "ought to be"*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**Paperclip – Chatter – Bluebird – Artichoke**.

**Operation PAPERCLIP – Recruta de cientistas nazis**.

JIOA, 1945. Levada a cabo pela Joint Intelligence Objectives Agency, 1945.

EUA recrutam 1600 experimentadores nazis. Em 1945, como parte da Operation Paperclip, o governo dos EUA recrutou 1600 cientistas nazis, muitos dos quais tinham realizado experiências com sujeitos humanos em campos de concentração. Os cientistas receberam imunidade pelos seus crimes de guerra, e continuaram a sua linha de trabalho em agências governamentais americanas. Estamos a falar de criminosos de guerra.

Tortura, lavagem cerebral. Alguns destes cientistas estudam tortura e lavagem cerebral, entre outras.

**BLUEBIRD, ARTICHOKE – Controlo psicológico e comportamental**.

Projectos que saiem da Paperclip. Conduzido pela colusão da CIA com as forças armadas.

CHATTER – BLUEBIRD – ARTICHOKE. Project CHATTER (1947), Project BLUEBIRD (1950), que mais tarde se torna no ARTICHOKE (1951).

Controlo e modificação de psique e comportamento.

Técnicas não-convencionais – Hipnose, drogas, ambientes psicadélicos. Técnicas especiais, não-convencionais: hipnose, drogas (soro da verdade, barbitúricos, cogumelos, cocaína, anfetaminas), ambientes psicadélicos.

**BLUEBIRD – Soldados expostos a LSD**.

Exposição sob termos ilegais. Durante o Project Bluebird, cerca de 7000 soldados são doseados com LSD, sem conhecimento ou consentimento, no Edgewood Arsenal de Maryland.

Doenças psiquiátricas. Mais de 1000 destes soldados sofreram de várias doenças psiquiátricas, incluíndo depressão e epilepsia, como resultado dos testes.

**ARTICHOKE – Memorandums CIA**.

Memo 1952 – Fazer sujeito agir contra própria vontade. «*…any method by which we can get information from a person against his will and without his knowledge… get control of an individual to the point where he will do our bidding against his will and even against such fundamental laws of nature such as self-preservation*» C.I.A. memorandum, January 25, 1952.

Memo 1952 (2) – Alterar personalidade, causar confusão mental, ataques psicológicos. «*…a personality could be changed, intense mental confusion could be produced by deliberately attacking an individual along psychological lines*» C.I.A. memorandum, March 11, 1952

Memo – Double-think world of hypnosis…easier to hypnotize large numbers. «*The possibilities are not only interesting, they are frightening. A kind of double-think Orwellian world of hypnosis, while unlikely, is not utterly fantastic… Actually, it appears to be easier to hypnotize large numbers of people than a single subject*» C.I.A. memorandum, "Hypnotism and covert operations".

Memo 1975 – Assédio psicológico e isolamento. «*SRS has examined and investigated numerous unusual techniques of interrogation including psychological harassment and such matters as "total isolation"*» C.I.A. "Memorandum for the record: Project Artichoke", January 31, 1975

**PAULO FREIRE (1970) – “Pedagogia do oprimido”**

Opressão.

***Educação, consciencialização social – “Todos são oprimidos”***. Alterar radicalmente a educação; o professor tem de ser um facilitador e o método tem de ser inquérito. Este é o novo sistema de valores, que tem vindo a ser impingido através das escolas. Intervenção pedagógica alterar radicalmente a cultura, mudar sociedade e indivíduo. É preciso ensinar a todos, que todos são oprimidos – consciencialização social.

***Emancipação no grupo, com acção colectiva, violência de grupo***. Libertação equivale a emancipação social marxista. A solução é acção colectiva, com violência libertadora sobre o opressor. Mas isto não é mau, porque foi o opressor que bateu primeiro.

***Dividir para reinar***. As mulheres são oprimidas pelos seus maridos. Os maridos são limitados pelas suas esposas. Os filhos são oprimidos pelos pais, e todos são oprimidos por Deus e pela consciência moral. Todos oprimem a mãe-Terra e os vários animais. Esta é a fórmula para lançar toda a sociedade num caos coordenado de segregação mútua e separação. Ao indivíduo, é oferecida a promessa vaga de um futuro social melhor – existe algo bom e brilhante e colorido lá fora, na vida social. Alternativas, novos caminhos. É claro que não existe nada, numa sociedade em guerra permanente, e o resultado é a atomização do indivíduo. Tudo o que fica é uma grande e gorda viúva negra e a sua teia social, e os insectos sociais capturados na teia social. [E, se uma pessoa não concordar com Freire, está a oprimir Freire, porque demonstra ter as crenças erradas – quem não concorde com este evangelho é um opressor]

Globalismo. Intervenção externa é reproduzir este modelo, o soviete, nos quatro cantos do planeta. É preciso acção colectiva, do local ao global, para purgar todo e qualquer vestígio de opressão da sociedade humana. Isto significa a mais avançada de todas as democracias, de que Stalin falava.

Humanitarismo vs humanismo. Humanitários são opressores fingidos; como tal, têm de ser restringidos, “impedidos de oprimir”. Humanitarismo é intolerável; o caminho avante é humanismo secular. É isto que tem de reinar sobre cada alma no planeta.

Paulo Freire (1970). “ .

# Paulo Freire e a “Pedagogia do Oprimido”

[*V*                                                                                                    ]

PauloFreire (1970).“*Pedagogy of the Oppressed*”

**“Humanizar” o “oprimido” e “libertá-lo” do “opressor” (isto a 180º**).

“Humanização”, sob visão humanista secular, i.e. distorcida e invertida a 180º.

Ser “humano” é aqui nihilismo epistemológico e moral, subdesenvolvimento, totalitarismo.

Isto é, a pessoa “humanizada” de Freire é uma besta degradada e violenta. O propósito de tudo isto é “libertação” e “humanização”. O drama aqui é que Freire usa os conceitos no sentido humanista secular. “Humanismo secular” é o sequestro existencialista do Humanismo e despreza genuinamente o ser humano. É uma doutrina violenta, preconceituosa, elitista e totalitária. No sentido humanista secular, ser-se plenamente “humanizado” significa estar “libertado” de uma consciência moral (utilitarismo moral – “*o que é bom e certo é aquilo que avança os meus interesses e os do meu grupo; mentir, roubar, assassinar, são coisas certas se forem úteis*”) de critérios de lógica e verdade epistemológica (nihilismo epistemológico – “*o que é verdadeiro é aquilo que eu e o grupo queremos que seja*”) e de conceitos “bourgeois” de liberdade, democracia, desenvolvimento (humanismo secular abraça totalitarismo e subdesenvolvimento; é isso que é a utopia). Sob humanismo secular e sob este charlatão Freire, o homem “humanizado”, é uma besta degenerada, nihilista, violenta e autoritária. Mas é também alguém que vai aprender a apresentar-se como “vítima” e a culpar as suas vítimas pelos seus próprios crimes.

“Desumanização”é aquilo que me impede de ser “humano” (i.e. besta). Sob este paradigma doentio, “desumanização” é aquilo que impede a minha “libertação humana”. Aqui, estamos essencialmente no domínio moral e epistemológico. Quando alguém me diz «*não podes mentir, isso é errado*», isso impede a minha “emancipação moral para plena humanização”. Quando alguém me diz, «*2+2 = 4, independentemente de quereres que seja 22; é um facto objectivo*», então essa pessoa está a negar o meu direito de exercer criatividade sobre o real, o meu *direito* de dizer que 2+2 = 22.

“Opressor” e “oprimido”. Em qualquer um dos casos, essa pessoa está a oprimir-me; é um “opressor”. É isso que significa realmente ser-se “opressor” e “oprimido”, sob a framework de Freire e da sua trupe de colegas dialécticos.

**Ideologia para perturbados, sociopatas e choninhas de sofá**. Isto são literalmente ideologias para doentes mentais e para colegiais insatisfeitos com a vida, em busca de fontes de emoção e de poder. O tipo de público a que este lixo se dirige é composto de choninhas que, em média, passaram a vida à volta de dilemas existenciais de sofá e nunca se conseguiram assumir como indivíduos; falta de auto-estima, de sentido de vida e um background em nihilismo de sala de estar (lifeispointless, whyshould I care). Sob as condições certas (e.g. drogas psicotrópicas, meios sociais perturbados e reforçantes da ideologia), isto dá origem a formas agressivas de egoísmo e de autoritarismo. É claro que a ideologia também é perfeita para sociopatas e para psicopatas, já que racionaliza e legitima esse tipo de personalidade. Mas é mais grave que isso. Toda a ideia por detrás da disseminação deste tipo de filistinismo é a criação de castas e seitas de perturbados mentais com ferramentas paralógicas para racionalizar o seu próprio filistinismo. Radicais violentos auto-justificados no seu radicalismo e na sua violência.

**“Oprimido” tem direito e dever de oprimir “opressor”**.

“Vítima” tem de oprimir o “opressor”. Quando o opressor protagoniza qualquer um dos casos anteriormente descritos, isso significa que está a exercer violência sobre mim; está a impedir-me de expressar todo o meu potencial e de concretizar a minha plena condição humana. Como tal, eu, oprimido/vítima, tenho o direito de agredir e atacar essa pessoa; de a oprimir, no sentido real da palavra. Como Freire diz, é o opressor quem inicia a violência, quando me impõe uma negação, que me aliena de concretizar a minha plena “humanização” (e esta negação é um “não farás”, um critério de certo e errado, ou de verdade e falsidade).

Quando “opressor” estabelece uma negação está a “objectificar oprimido”, a ser “possessivo”. Quando o “opressor” estabelece essa negação, e me impede de mentir e de inventar a realidade sob os meus próprios caprichos, isso é uma angustiante fonte de alienação. Porque é que eu haveria de ter de assumir que a minha mentira descarada de ontem prejudicou outrem? Porque é que eu tenho de ser chamado à responsabilidade por isso (isto é uma doutrina para choninhas, não esquecer isso)? É um atrevimento do “opressor”; eu quero negar que ontem eu disse o que quer que tenha sido; não menti, e se menti é o meu direito mentir. O “opressor” está a vitimar-me em tudo isto, está a tratar-me como uma “coisa”, segundo Freire. Está a ser “possessivo” quando me chama à responsabilidade. Em vez disso, deveria tratar-me como um “ser humano”, o que implica aceitar que tenho o direito de reinventar a realidade a meu bel-prazer. Se ele o fizesse, podíamos dar-nos bem. Como não o faz, tenho de o atacar (literalmente).

Isto é todo o terreno, em nihilismo epistemológico e moral.

E, é uma ideologia de poder, oligárquica. [Convém lembrar que todos estes exemplos podem ser aplicados a todos os domínios da existência humana, o que todo o género de distorções da realidade e todo o género de actos criminosos. Isso toca a indivíduos mas também, claro, a grupos empresariais e a governos. O observador atento notará que os principais praticantes do

tipo de doutrina que Freire está a vender são oligarcas importantes (em tribunal, conferências de imprensa, etc.). Estruturas de poder pervertidas procuram sempre universalizar as suas próprias ideologias junto dos seus súbditos, as populações, e é daí que surgem propagandistas como Marcuse e Freire]

“Opressores humanitários são os piores”.

Humanismo secular odeia humanitarismo (e seres humanos). O “opressor” é especialmente grave quando é humanitário, quando é boa pessoa. Isso significa que é um “opressor” que não se consegue propriamente apontar em público enquanto tal, e isso origina problemas. Seja como for, a ideia de humanitarismo é, para Freire, atroz. Freire quer apenas humanismo secular, que é decididamente anti-humanitário (na verdade, anti-humano).

**Dialéctica vs didáctica**.

Freire rejeita método didáctico, exige (autoritariamente) dissolução dialéctica. Ainda de nota, como é óbvio Freire rejeita o método didáctico, i.e. a explicação objectiva de factos e de axiomas. Em contrapartida, exige a adopção do método dialéctico, pelo qual a verdade é negociada entre partes. Domínio epistemológico: «*Eu acho que 2+2 = 4, tu achas que é igual a 22; estabelecemos um meio-termo em 10, que tal?*». Domínio da acção moral: «*Eu não gosto de mentir, tu gostas, podemos estabelecer um meio-termo em que às vezes não mentes e eu passo a mentir de vez em quando, tu ensinas-me*». Dialéctica implica negociação e dissolução de posições; as pessoas têm de se tornar .

Freire é um charlatão e um hipócrita, determinante para destruição da educação. No melhor estilo dialéctico, Freire usa isto para dar ordens e exigir que a escola seja inteiramente adulterada. O método didáctico, pelo qual o professor ensina factos e axiomas aos seus alunos (e, esperançosamente, ensina-os a pensar por si mesmos) tem de ser inteiramente abandonado. Em vez disso, tem de entrar uma nova era de dialéctica, onde os alunos negoceiam a verdade com o professor, e chegamos a um meio-termo de ignorância, filistinismo, inacção, incapacidade (Freire é vital para a reforma educacional UNESCO que nos traz à *wasteland*psicossocial das escolas actuais). É claro que quando Freire expõe o seu amalgamado de paralogismos e atrocidades intelectuais, fá-lo de forma mais autoritativa que a média dos professores didácticos o faria. Mas Freire pode fazê-lo, porque é o grande educador de teenagers sem lifepurpose, o pedagogo destes pobres “oprimidos”.

**PCs PARA MUDANÇA DE VALORES E VIGILÂNCIA**.

**John Loughary (70s) – PCs – Indivíduo vai perder capacidade de decisão**.

John Loughary, Presidente do Departamento de Counseling, Universidade do Oregon.

"Many decisions and judgments will soon be made for the individual". «

»

F.J. Pula (1972). "Technology in education: challenge and change". Charles A. Jones Pub. Co.

**PCs – Clarificação de valores – Braun & Slobodzian**.

Professores em educação. Os autores eram Professores Assistentes no Departamento de Currículo e Instrução da Northern Illinois University School of Education.

Usar PCs para clarificação de valores.

Armazenar, analisar, partilhar respostas de toda a população.

***"Mature guidance in examination, evaluation, acquisition of values".***

***"The computer, then, is ideally suited to the role of facilitator in values education".***

***"Values clarification and analysis can be used as basis for software development".***

***"A mirror… student examines what is valued in terms of reasoning, consequences, well-being".***

***"Responses of the entire population could easily be compiled, stored, and shared"***

« ! " "
#

$ %
$ & ' " ()**!

" "
' + , " "
- -
, " " -

, -
"
-
"
" # "
-
" " - , .
» – Joseph A. Braun & Kurt A. Slobodzian (April, 1982). “Can Computers Teach Values”, Educational Leadership.

**PCs – Clarificação de valores – Braun & Slobodzian – “Doctor”**.

<u>“Doctor”</u>. Os autores dão o exemplo de um programa elaborado para ter uma conversa sofisticada, terapêutica, com a pessoa. O “Doctor”, de 1977, onde o programa conversa com a pessoa.

« / 0 ’

0 1

/ 0 $

0 ’ 1

/ 0 % " $

0

/ 0 $

0 % 1

/ 0 2

0 »

Joseph A. Braun & Kurt A. Slobodzian (April, 1982). “Can Computers Teach Values”, Educational Leadership.

**PCs – Schooling & Technology – “Um laptop para cada criança”**.

<u>“Um laptop para cada criança”</u>. É suposto que todas as crianças tenham um computador laptop. O relatório fala da chegada do « # »

"Schooling & Technology, Volume 3: Planning for the Future: A Collaborative Model". Southeastern Regional Council for Educational Improvement, Research Triangle Park, N. C. National Inst. of Education (ED), Washington, D.C., May 1984.

**PCs – Clarificação de valores – Duston Heuston**.

<u>Duston Heuston, do World Institute for Computer-Assisted Teaching (WICAT)</u>.

<u>O PC como psicólogo</u>.

***"Computer can act as if it were 10 of the top psychologists working with one student"***.

***"No one can get between that child and that curriculum"***.

«% 3 .
(4 ' - 5 3
% 3
#
"
1 % 6» –

"Schooling & Technology, Volume 3: Planning for the Future: A Collaborative Model". Southeastern Regional Council for Educational Improvement, Research Triangle Park, N. C. National Inst. of Education (ED), Washington, D.C., May 1984.

**PCs – Clarificação de valores – Redes sociais, "friends", pornografia**.

<u>Redes sociais</u>. O indivíduo aprende a pensar em si mesmo como uma peça num grande, animado colectivo.

<u>Múltiplos friends</u>. A banalização das relações humanas. Influenciar e ser influenciado, sabe-se lá por quem.

<u>Pornografia e masturbação</u>. Redefinição de valores sobre relações e sexualidade. Dispêndio literal de energia e libertação de tensões.

***Skinner coloca tudo isto em perspectiva***. [citação sobre masturbação e pornografia]

***Ao mesmo tempo, pornografia usada para censurar Internet***. E, ao mesmo tempo, a pornografia online é usada como o principal motivo de apelo para colocar restrições e sistemas de censura na Internet – dois coelhos de uma cajadada. Bom, isso vai acontecer, mas quando acontecer, não vai ser a pornografia que vai desaparecer. Vão ser trabalhos como este. Enquanto os liliputianos tiverem qualquer tipo de ímpeto sexual, a torrente de pornografia não vai parar.

**Processo dialéctico – Provocadores**.

**Provocadores – Da Revolução Industrial aos dias de hoje**.

Provocadores usando durante Revolução Industrial. Durante a Revolução Industrial, o governo britânico usava *agents provocateurs* para conduzir revoltas, de modo a identificar revoltosos, que podiam depois ser deportados ou enforcados.

Extrapolar para dias de hoje.

**PROCESSO DIALÉCTICO**.

**Dialéctica histórica**.

[“O serpentear da serpente pelo tempo e pelo espaço”].

Mudança, na natureza, resulta do choque de opostos.

Acção-reacção [Newton]. Como Newton dizia, para cada força na natureza, existe uma reacção de força igual e oposta.

Choque de opostos resulta em progresso histórico. Teoria que mantém que todos os eventos históricos resultam de choques dialécticos. A ideia é a de que o progresso e a mudança vêm do choque, do conflito entre opostos, entre forças em oposição.

Tese-antítese-síntese-nova tese. Do choque entre forças, sai um resultado [ ]. Uma força ou movimento (tese) vai sempre originar, a seu tempo, uma força de oposição (antítese). As duas degladiam-se e o choque dá origem a uma nova forma de organização (síntese), mais complexa do que as forças originais. Por sua vez, a síntese torna-se estabelecida como uma nova tese, provoca uma nova oposição ou antítese, e a luta continua, à medida que a história continua.

Sociedade.

.

. O mesmo princípio é aplicável à sociedade humana. Para cada movimento, ideia, tendência, ou política, a tendência é a de surgirem forças opostas. Do choque entre forças, resulta um compromisso, que pode ser um ponto de equilíbrio ou uma mudança cultural.

.

**Dialéctica histórica – Evolução guiada**.

Evolução guiada pela geração e controlo de conflito. Se for possível guiar e controlar esse choque, e se possível controlar ambas as forças, então é possível controlar o resultado – evolução guiada, de um ponto A para um ponto B, usando choques dialécticos constantes e controlados. Mudança resulta de conflito. Logo, cria-se, e guia-se o conflito.

Fichte e Hegel – Prússia e Britannia. Codificado por Hegel e Fichte, uma das técnicas usadas pelos Impérios Prussiano e Britânico.

Guiar a evolução de uma sociedade, ou até do mundo.

Aplicação – Possibilidades sofisticadas e complexas. As possibilidades de aplicação são quase infinitas, na sua complexidade e sofisticação.

Relações internacionais. Criar corridas às armas, até guerras, controlando líderes nacionais. O mesmo vale para relações internacionais, entre países. Portanto, basta haver dois primos, um na liderança de cada país, e vamos supor que a intenção é começar uma corrida às armas e criar sociedades regimentadas. Cada líder vai apresentar o outro país como uma ameaça iminente, e isso vai justificar as mudanças pretendidas. Isto também pode ser aplicado a manipulação externa de guerras, claro. Por exemplo, virar dois inimigos um contra o outro e, quando estão ambos exaustos, anexá-los a ambos [sistema romano].

Mudança social dirigida, usando movimentos dialécticos. Portanto, quando se quer introduzir uma mudança, C, na sociedade, introduzem-se os lados opostos, A e B, e colocam-se elementos de confiança na liderança de cada lados, e guia-se o processo social para C, que só por si é um degrau na escada, provisório, para chegar a Z. Por sua vez, C é a nova tese, provisória, e daí pode-se criar D, para estabelecer novo compromisso, E. E assim sucessivamente até Z.

Antecipar opinião pública – gerar respostas neutralizadoras.

Criar falsas oposições, que se auto-derrotam – absorvem esforços. Criar oposições que se auto-derrotem. Outra táctica possível é a pura e simples criação de oposição controlada com fins de auto-derrota. A oposição controlada será uma oposição extremamente ineficiente e perderá as lutas de propósito, tal como um boxer que perde uma luta de propósito, porque vai receber mais dinheiro por isso. Ao mesmo tempo, servem para absorver e neutralizar os esforços de pessoas bem intencionadas.

Versão civil do ataque em cunha. Táctica militar na qual um grupo/exército é atacado de ambos os lados. [Imagem: “The Battle of Russia”, cunha nazi]

Fomentar crises (crise – “solução” – mudança). Por outras palavras, se a intenção é passar de um ponto A para um ponto C, começa-se por se fomentar uma crise, que desestabiliza A. O opinião pública reage, exigindo uma solução para a crise. Portanto, oferece-se uma solução, B, que traz as mudanças que se queriam desde o início, C, mas que as pessoas ainda não estavam dispostas a aceitar.

Em vez de ditadura, diversidade dialéctica. As ditaduras falhavam, mais cedo ou mais tarde, porque apresentavam a tese, mas eram derrubadas, ou contidas, pela reacção. Portanto, porque não criar uma ditadura que produzisse a sua própria oposição, e guiasse o processo de evolução para desfechos desejados?

**Dialéctica histórica – A sociedade dialéctica**.

Manipulação e lavagem cerebral. Sociedade sob constante manipulação, para efeitos de lavagem cerebral.

Ilusões, choques, bailado teatral e convergência final. Uma sociedade de ilusões, de teatro, encenação, onde o que interessaria seria provocar choques constantes e gerir percepções. No seu extremo de aplicação, a sociedade dialéctica seria como um grande bailado, ou uma grande peça de teatro, encenação, de organizações, facções e partidos, que pretenderiam opor-se, mas onde os caminhos convergiriam, no final.

Mudança permanente, estado de fluxo. A sociedade dialéctica seria uma que estivesse sempre em mutação rápida e constante, mudança permanente, na direcção de algo. A única coisa que seria permanente seria precisamente a mudança. Rápida, constante. Estado de fluxo. Progressão permanente na direcção de algo, e esse algo é mais poder para a oligarquia dominante.

Sociedade como asilo mental – mudança é compulsiva. A ideia era a de meter toda uma sociedade, todo um mundo até, numa espécie de manicómio, um laboratório fechado ao exterior, onde todos tivessem de participar no processo e ser permanentemente actualizados – é um processo evolutivo, quem não participa é excluído.

**PSICOLOGIA DA PAZ – Unitarismo ONU – Panopticon – Reeducação global**

**Psicologia da Paz – Robert Muller, sobre a "ciência da paz"**

*…the UN University for Peace in Costa Rica, revealed how the numerous pragmatic peace efforts around the world needed to be complemented by a true science of peace, an all-encompassing strategy for peace and a thorough methodology of peace, i.e. conflict prevention, peacekeeping, and peace building in all sectors of society. It has affiliated regional peace and non-violence universities on each continent*

! *Paradise Earth* " " " #

**Psicologia da Paz – Os slogans**

$% & # ' ( ) * # # $ + ,

# - # . # *

# /0 # # #

1 0 # 2 # 2

# ) #

3 4 $ 4 # # 50

**Psicologia da Paz – O Manifesto a tons de rosa**

6 # *inteiramente* )

***Patriotismo está ao mesmo nível que nacionalismo ou racismo***

***A palavra-chave é harmonia planetária, do local ao global***

7 4 8 9: ; < ; = 3 ,

***Violência directa refere-se a agressão directa***

***Violência estrutural refere-se a "agressão sócio-política"; i.e., "capitalismo"***

***Violência cultural refere-se a "símbolos como guerra justa"***

- # > # ? # @ *

- # A # 4 $?

*Post–Cold War peace psychology has drawn substantially from the conceptual work of the eminent peace researcher Johan Galtung (1969), who made a pivotal distinction between direct and structural violence. Direct violence is episodic, manifests as an acute insult to wellbeing, and typically harms or kills people quickly and dramatically. In contrast, structural violence represents a chronic affront to human well-being, harming or killing people slowly through relatively permanent social arrangements that are normalized and deprive some people of basic need satisfaction. There are other differences: Episodes of overt violence are often intentional, personal, instrumental, and sometimes politically motivated; structural violence is a result of the way in which institutions are organized, privileging some people with material goods and political influence in matters that affect their well-being while depriving others. Unlike direct forms of violence, these structures are social arrangements that are relatively impervious to change, and although the structures are socially constructed, they typically are not imbued with motives or intentionality. This distinction is widely used in the interdisciplinary field of peace studies. Closely related to structural violence is cultural violence (Galtung, 1996), which refers to the symbolic sphere of our existence that reinforces episodes or structures of violence. For example, the "doctrine of just war" is a cultural narrative that supports episodes of violence by specifying conditions under which direct violence is justified… Analogously, the cultural prescription of the "Protestant ethic" promulgated primarily by Western elites, supports structural violence by emphasizing the values of individualism, hard work, and delay of gratification. Social institutions that develop in the context of the Protestant ethic reward those who conform to this ethic successfully and ignore those who do not or cannot… Similarly, organized forms of direct violence are often rooted in institutional structures, military–political–industrial complexes, the existence of which is justified with cultural narratives (e.g., just war theory) that specify conditions under which war is regarded as legitimate (Christie & Wessells, in press)…*

2

***"Reduzir barreiras sociais, raciais, de género, económicas e ecológicas".***

***"Justiça social".***

***"Uma ordem social mais igualitária, para necessidades e direitos de todos".***

***"Rectificar desigualdades sociais, redistribuir riqueza"***

*In the following model, we focus not only on negative peace, by which we mean efforts to reduce violent episodes, but also positive peace (Galtung, 1985; Wagner, 1988), which refers to the promotion of social arrangements that reduce social, racial, gender, economic, and ecological injustices as barriers to peace. Thus, a comprehensive peace would not only eliminate overt forms of violence (negative peace) but also create a*

*more equitable social order that meets the basic needs and rights of all people (positive peace)… We use the term positive peace to refer to transformations within and across institutions that rectify structural inequities. Positive peace is promoted when political structures become more inclusive and give voice to those who have been marginalized in matters that affect their well-being. Economic structures become transformed when those who have been exploited gain more equitable access to material resources that satisfy their basic needs (Galtung, 1996)… Whereas negative peace processes tend to maintain the structures, positive peace processes challenge the structural status quo…*
B 7 4 , C 1 D 3 E B B E 9FGGH= 4
E -# 4 <I9<= JKG0JJF

**Psicologia da Paz – Intervenção psicológica a todos os níveis sociais**

**todos )**

***"Conflict remains ubiquitous"***

***"Peace and violence arise from emotions, habits, thoughts, assumptions"***

***"NV conflict resolution at various levels of social organization"***

***"Interpersonal, intergroup, international units of analysis"***

*The interdependence of healthy individuals and community development is widely recognized by clinicians and community psychologists… Worldwide, since the 1990s, most instances of violence have been intrastate, typically occurring within and around communities… Not surprisingly, most casualties have been civilians… Community-based violence is intensely personal, involving neighbors, friends, and family members… Because conflict remains ubiquitous, peacebuilding requires the institutionalization of nonviolent conflict resolution at a variety of levels of social organization and the creation of new social norms for managing conflict… We have proposed a multilevel model that combines reactive interventions (negative peace) with proactive interventions (positive peace) at the interpersonal, intergroup, and international units of analysis. Such an approach recognizes that violent episodes have structural and cultural roots. In domestic violence, for example, the proximal cause may be an interpersonal conflict that escalates to violence. At the structural level, domestic violence is rooted in power asymmetry and women's economic dependence on men worldwide… Psychology should be at the forefront of efforts to promote a peaceful world because peace and violence involve human behaviors that arise from human emotions, habits, thoughts, and assumptions* B 7 4 , C 1 D 3 E

**PURGAS CULTURAIS – Policiar pensamento – Impor fluxo, mudança**.

**Purgas culturais (F) – Higiene mental, purgar cultura (Moreno)**.

Nova ordem cultural – Policiar, purgar comunidade (Moreno). «*…a new cultural order… The community needs, therefore, to be explored and, if necessary, purged from undesirable cultural conserves, on deeper levels than those of acquaintance and attraction-repulsion-indifference. It is the level of social interaction and more specifically, the level of cultural interaction which now concern the sociometrist on his expedition into the depth of the social microcosmos. The community must be "deconserved" from the pathological excesses of its own culture, or at least, they must be put under control*» – J. L. Moreno (1953). “Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama”. Beacon House.

**Purgas culturais (F) – Fluxo – Policiar pensamento, impor fluxo (Adorno)**.

Policiar pensamento, testar indivíduo – o critério é adaptação. «*…the individual may have "secret" thoughts which he will under no circumstances reveal to anyone else if he can help it… The subject's tendency to project is utilized, in the present group of items, in an attempt to gain access to some of the deeper trends in his personality… To gain access to these deeper trends is particularly important, for precisely here may lie the individual's potential for democratic or antidemocratic thought and action in crucial situations. What people say and, to a lesser degree, what they really think depends very largely upon the climate of opinion in which they are living; but when that climate changes, some individuals adapt themselves much more quickly than others…*»

Impor voluntarismo para mudança contínua. «*A natural step in the present study, therefore, was to conceive of a continuum extending from extreme conservatism to extreme liberalism and to construct a scale which would place individuals along this continuum… Resistance to Social Change… Another aspect of traditionalism is the tendency to oppose innovations or alterations of existing politico-economic forms. If things are basically good now, then any change is likely to be for the worse. Underlying resistance to change is sometimes expressed in the form of an emphasis on caution and an antipathy to being "extreme." For example: "The best way to solve social problems is to stick close to the middle of the road, and to avoid extremes"*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

**Purgas culturais (F) – Fluxo – Escalas conservatismo-mudança-ajustamento**.

Escalas. É desta fase que surgem estas escalas, que classificam as pessoas consoante a sua aptidão e vontade para mudar. Em destaque nisto, pessoas como Gordon Allport.

Tornam fluxo-ajustamento um critério de saúde mental.

**PURGAS CULTURAIS – Policiar pensamento – Impor fluxo, mudança**.

**Purgas culturais (F) – Higiene mental, purgar cultura (Moreno)**.

Nova ordem cultural – Policiar, purgar comunidade (Moreno). «*…a new cultural order… The community needs, therefore, to be explored and, if necessary, purged from undesirable cultural conserves, on deeper levels than those of acquaintance and attraction-repulsion-indifference. It is the level of social interaction and more specifically, the level of cultural interaction which now concern the sociometrist on his expedition into the depth of the social microcosmos. The community must be "deconserved" from the pathological excesses of its own culture, or at least, they must be put under control*» – J. L. Moreno (1953). "Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama". Beacon House.

**Purgas culturais (F) – Fluxo – Policiar pensamento, impor fluxo (Adorno)**.

Policiar pensamento, testar indivíduo – o critério é adaptação. «*…the individual may have "secret" thoughts which he will under no circumstances reveal to anyone else if he can help it… The subject's tendency to project is utilized, in the present group of items, in an attempt to gain access to some of the deeper trends in his personality… To gain access to these deeper trends is particularly important, for precisely here may lie the individual's potential for democratic or antidemocratic thought and action in crucial situations. What people say and, to a lesser degree, what they really think depends very largely upon the climate of opinion in which they are living; but when that climate changes, some individuals adapt themselves much more quickly than others…*»

Impor voluntarismo para mudança contínua. «*A natural step in the present study, therefore, was to conceive of a continuum extending from extreme conservatism to extreme liberalism and to construct a scale which would place individuals along this continuum… Resistance to Social Change… Another aspect of traditionalism is the tendency to oppose innovations or alterations of existing politico-economic forms. If things are basically good now, then any change is likely to be for the worse. Underlying resistance to change is sometimes expressed in the form of an emphasis on caution and an antipathy to being "extreme." For example: "The best way to solve social problems is to stick close to the middle of the road, and to avoid extremes"*» – Theodor Adorno (1964). The Authoritarian Personality. Wiley.

**Purgas culturais (F) – Fluxo – Escalas conservatismo-mudança-ajustamento**.

Escalas. É desta fase que surgem estas escalas, que classificam as pessoas consoante a sua aptidão e vontade para mudar. Em destaque nisto, pessoas como Gordon Allport.

Tornam fluxo-ajustamento um critério de saúde mental.

*Pós-modernismo: Autoritarismo para desmantelamento global*

.

Sem economia produtiva, só resta alta finança, nihilismo ONGista e crime policial.

A fórmula do Fascismo: banqueiros, radicais e militares. Já não existe economia produtiva. Com ela, desapareceram os sindicatos e desapareceram as organizações de sociedade civil que podiam oferecer bloqueios ao *establishment*. Paradoxalmente, é sob nihilismo pós-modernista que houve a explosão das OSCs e das ONGs, que surgem na qualidade de dependências especializadas do capital financeiro, por via de grandes fundações bancárias. São as equivalentes pós-modernas das antigas *charities* imperiais britânicas, que organizavam as sociedades subjugadas para o Império. Terroristas económicos e terroristas culturais são acompanhados por terroristas de estado: aparatos policiais e militares devotados a crime organizado. A conjunção entre estes três blocos gerais terroristas (banqueiros, militares e radicais) constitui a fórmula essencial do aparato de poder sob Fascismo corporativo.

Fundações promovem irracionalismo para era neo-colonial C&C. Hoje em dia, estamos a viver sob o irracionalismo pós-moderno que foi promovido pelas grandes fundações bancárias. Este é o irracionalismo necessário para a transição para uma nova era de mercantilismo global e imperialismo militar e cultural. É a era de Contracção e Convergência, como é apelidada pela ONU; a era na qual o desenvolvimento económico cessa, liberalismo político é substituído por despotismo, e todos os países *contraem* e *convergem* ao nível de 3º mundo. O resultado é a "aldeia global" neo-colonial, um ambiente controlado por grandes interesses globais, que são servidos por uma população global reduzida a um nível servil, comunal e comunitário.

Pós-modernismo desenvolvido por gurus de ciências sociais nas grandes fundações. A ideologia pós-moderna foi desenvolvida pelas grandes fundações bancárias e pelos seus vários gurus anti-intelectuais; pessoas como Kurt Lewin, Edgar Schein, Tavistock, o grupo Macy, a Escola de Frankfurt, Erich Fromm, o centro de reengenharia cultural de Palo Alto, e muitos outros.

.

Nihilismo moral e epistemológico [pós-estruturalismo]. Esta ideologia é puro pós-estruturalismo. Enquanto tal é, antes de mais, caracterizada por nihilismo moral e epistemológico: aquilo que é bom, correcto e verdadeiro é aquilo que dá jeito no momento; aquilo que é mau, incorrecto e falso é aquilo que não dá jeito (i.e. uma forma

de irracionalismo e de cegueira selectiva também conhecida como imaginação dialéctica).

Desprezo por indivíduo, democracia liberal – Totalitarismo, subdesenvolvimento. Adere aos valores românticos (como em, Romantismo germânico) do ódio por geração de riqueza e pela civilização de classe média, liberal e democrática. Romantiza o retorno a despotismo comunal (comunitarismo), o tipo de sistema onde toda a vida é estritamente organizada, cada qual conhece o seu lugar e todos fazem aquilo que lhes compete. O ideal antecipado é, aqui, organização colectiva aperfeiçoada, comunalidade autoritária organizada por castas funcionais. Como tal, a ideologia pós-modernista ignora o indivíduo e encara toda a sociedade humana pela óptica da organização colectiva. Despreza o valor da vida humana; o indivíduo é uma célula a moldar e a alocar no grande organismo colectivo. Noutras circunstâncias, pode ser um fardo a limitar, por meio da imposição de escassez artificial de recursos, guerra, infanticídio, aborto, eutanásia, a câmara de gás.

Romantização de degradação humana, desumanização. Tudo isto faz com que a ideologia pós-moderna tenha de racionalizar e romantizar as variáveis relacionais como sejam autoritarismo, desumanização e degradação humana, inversão radical de valores. Acima de tudo, considera essencial que o indivíduo seja, ele próprio, tornado moral e intelectualmente degradado, desumanizado, narcísico e violento.

Promoção de pós-modernismo por media, fundações, ONGs, (anti-)educação. Este tipo de ideologia foi disseminada por meio de media, fundações, ONGs e por sistemas (anti-)educativos.

O tipo de formação que lança duas Guerras Mundiais. É o tipo de degradação cultural que é necessária para uma era caracterizada por destruição e neo-colonialismo. O tipo de formação humana que era, aliás, favorecido na Alemanha militarizada que vem a protagonizar as duas guerras mundiais. Hitler pôde contar com multitudes de jovens nihilistas, primeiro disponíveis para partir montras e atacar pessoas, depois para conduzir uma guerra genocida de ocupação e extermínio.

Agora, : egocentrismo, vacuidade, ignorância, destrutividade. As grandes fundações pretendem obter mais ou menos o mesmo efeito; porém, desta vez, a uma escala global e socialmente transversal. Pessoas vazias, ignorantes, egocêntricas, inerentemente violentas. Tais pessoas são incapazes de *construir* (por oposição a *destruir*) e, de estabelecer reais relações humanas. Pode-se contar com tal constituência para destruir os restos da civilização ocidental, exportar destruição em massa para o resto do planeta e estabelecer um sistema universal de exploração neo-colonial.

.

Escolas de Mistérios: depois das abelhas, as formigas vermelhas, para destruir. Nos códices naturalistas das altas escolas de Mistérios, gerações formadas para ser e agir

desta forma costumam ser equiparadas a formigas vermelhas. Primeiro, chegam as abelhas, constroem uma estrutura e produzem mel para o apicultor. Quando o apicultor decide que a era da colmeia acabou, faz entrar as formigas vermelhas, que destroem as abelhas e a estrutura. No final, tudo o que resta é uma terra vazia e devoluta, preparada para uma ou outra forma de reorganização.

Zwo drei vier links [One (nazi) love]. *Zwo drei vier links*, com a formiga comunista a avançar sob a marcha nazi reciclada.

Também, a dinâmica *zombie* que precede a Reconstrução. Hollywood e, de modo mais sofisticado, os estúdios britânicos, costumam fazer uma representação muito literal da actual constituência pós-moderna através dos vários filmes de *zombies* que produzem. O cenário é sempre o mesmo: a civilização "bourgeois" chega ao fim e, aqueles que antes eram seres humanos são agora convertidos em massas de mortos-vivos, seres medíocres e destrutivos, que passam o resto do filme a caçar e a atacar os humanos que ainda restam, pelos seus cérebros. No final, a estrutura governante que resta envia o armamento pesado e extermina os *zombies*. A Reconstrução pode começar.

**!** ".

"Progresso", "desenvolvimento", "democracia liberal". Por exemplo, os termos "progresso" e "desenvolvimento" são sequestrados e retorcidos para ser usados para vender desmantelamento, retrocesso civilizacional, subdesenvolvimento [a expressão mais comum para categorizar tudo isto é "desenvolvimento sustentável"]. O termo "democracia liberal" é sequestrado para passar a significar totalitarismo e crime organizado. Esta inversão de significados, por *doublespeak*, é algo que entra em linha com o *zeitgeist*, onde até os conceitos são plásticos e maleáveis, abertos a inversões de 180º, ao ponto em que "bem" passa a significar "mal" e vice-versa [mais explorações disto abaixo]. A dinâmica da língua bifurcada, que só consegue comunicar por duplicidade, falsidade, inversão de significados.

~~Igualdade~~ / Perpetuação de desigualdade e autoritarismo. A temática de feminismo real, em qualquer uma das suas gerações, era . Com as primeiras gerações, temos a procura por igualdade liberal assegurada para todas as pessoas, independentemente de sexo. *Igualdade de oportunidades* surgia aqui associada às variáveis liberal-democráticas da garantia de liberdades constitucionais e da promoção de desenvolvimento económico universal. Mesmo as feministas pró-soviéticas da Guerra Fria costumavam sê-lo porque alimentavam a crença naïf de que o sistema comunista tinha, com efeito, libertado as pessoas, equalizado relações sociais. Obter igualdade significou sempre obter paridade *de facto*, justiça, desenvolvimento universal. A inversão de feminismo inverte e distorce todas estas variáveis e fá-lo com prazer; o prazer que é sentido pelos psicólogos sociais que a criaram. Igualdade deixa de ser um ideal e é substituído por .
Com efeito, sob esta mentalidade, nem todos os indivíduos são iguais. Existem

indivíduos inerentemente superiores e indivíduos inerentemente inferiores. E na prática, os indivíduos não contam. Apenas os segmentos sociais arbitrários nos quais podem ser incluídos. Em tudo isto, existem segmentos superiores e segmentos inferiores. Os primeiros têm o direito e o dever de ordenar e de organizar a vida dos segundos e de fazê-lo sob autoritarismo: persuasão ou coerção. A questão passa então a ser a de encontrar a

.

~~Justiça~~ / Injustiça gerível. Justiça torna-se irrelevante e é trocada pela obtenção do
de modo a evitar conflagrações sociais.

~~Liberdade individual~~ / Conformidade compulsiva a normas sociais. É claro que valores de liberdade individual são desprezados, em favor de
. A pessoa tem de pensar, sentir, e expressar vacuidades socialmente autorizadas, e comportar-se de uma forma normativa [*uma forma de esterilidade humana que me faz sempre lembrar aquilo que se obtém com* poodles*; sem querer desfazer os pobres bichos, cães, o* poodle *é mais ou menos o protótipo do animal que, sendo artificioso, domesticado, enfeitado com laçarotes e patéticos cortes de pêlo, se pavoneia em afectação de superioridade*]. O próprio termo "liberdade" é redefinido para passar a significar algo como "liberdade para agir dentro dos parâmetros estritos que são impostos". Liberdade de expressão ou de auto-defesa tornam-se *negativos*, e são substituídos por coisas como liberdade para impor o meu egoísmo ao próximo, liberdade para abortar um bebé ou, aquela mais hegeliana de todas as falsas "liberdades", liberdade para servir o sistema.

Autoritarismo é agora chamado "assertividade". "Assertividade" pós-moderna é autoritarismo, usada com o pretexto de combater autoritarismo, e este último "autoritarismo" é, na verdade, democracia e respeito liberal pelo próximo. Este é o carácter de personalidade que está aqui presente. Autoritarismo é autoritarismo é autoritarismo, independentemente de jogos de palavras. [ver notas sobre ***!***
***" #$*** % "]

~~Geração de riqueza~~ / Sustentabilidade, emiseração. Desenvolvimento económico, geração de riqueza, são equacionados com capitalismo (redefinido como o diabo, por fundações hipercapitalistas), chauvinismo e patriarcalismo, atacados enquanto tal. A prioridade já não é a de obter melhores condições de vida para a geração actual e para as gerações futuras; agora é a de assegurar o
&***'*** ***(*** ***)*** *******
***)*** .

~~Condições, direitos laborais~~ / HR management for social stability. O assegurar de condições e de direitos laborais torna-se inteiramente irrelevante. Sob pós-modernismo, é *bom* quando a economia produtiva é lentamente desmantelada; a grande preocupação passa a ser apenas, qual o tipo de
é, porém, passível de assegurar alguma forma de estabilidade social.

~~Valores humanos~~ / Despotismo, dialéctica mestre-escravo, falsidade. Valores *humanos* deixam de ser relevantes; tornam-se, com efeito, negativos. Sob a mentalidade autoritária, todos os significados são plásticos e invertíveis (a Escola de Frankfurt definida em onze palavras), significando que aquilo que é bom passa a ser mau e, aquilo que é mau passa a ser bom. O *ethos* é aqui o de dominação, dominar ou ser dominado, magoar ou ser magoado, escravizar ou ser escravizado. É também um *ethos* de falsidade, de mentira crua, auto e hetero-contada, que subjaz à dinâmica de inversão de significados ("desigualdade" é "igualdade", "despotismo" é "liberdade", "injustiça" é "justiça", etc.).

# $ .

"Idiotas úteis" não percebem que vestem carapuça no caminho para o cadafalso. Faz parte da condição de "idiota útil", sob infiltração e subversão ideológica, não perceber se está a ter a cabeça tapada por uma carapuça no caminho para o cadafalso.

O método KGB, directo: Após tomada de poder, executar co-revolucionários. Com os comunistas, isto era bastante simples e directo, quase cândido na sua abertura. Movimentos sociais seriam infiltrados, usados para a desestabilização e para a tomada de poder e, assim que o regime militar estivesse no poder, com consultores soviéticos a toda a volta, os líderes e actores que tinham contribuído para o *putsch* estariam entre os primeiros a ser recolhidos, levados para os campos e executados. Primeiro porque sabiam demais. Segundo, porque tinham expectativas demasiado elevadas; eram idiotas o suficiente para esperar a utopia. Portanto, iriam ser uma fonte de problemas, assim que vissem o verdadeiro paraíso socialista: purgas, filas de racionamento, arame farpado, trabalho forçado. Este era o *rationale* de operação sob o KGB.

O método pós-moderno: não-linear e nihilista, todos usa e todos descarta [O'Brien]. Hoje em dia, sob nihilismo pós-modernista, a situação é mais subtil e, diferente. Já não existe o momento épico da tomada de poder, quando tudo muda do dia para a noite. Agora, tudo é feito sob incrementalismo e doublebind, ambiguidade, em milhares de direcções diferentes. Pensa-se que se vai de A a B mas, na verdade, vai-se a Z, depois a 3D, depois a 4G, até voltar a A e colapsar. Todos são usados à vez, enquanto são úteis, e todos são descartados quando deixam de o ser. A história nunca foi linear, mas as oligarquias do passado tentaram, quase sempre, criar alguma forma de linearidade no processo de desenvolvimento histórico. A actual oligarquia global é diferente, na medida em que é nihilista e essencialmente insana; sabe disso, abraça a condição e procura transformá-la numa arte. Tudo se encaminha para o grande desfecho em que "*eis que as nações trabalharam para o fogo*". Ao longo do percurso, movimentos sociais são envolvidos na dinâmica de aceleração nihilista; são distorcidos, invertidos, reciclados, desnaturados, usados por um tempo e, por fim, descartados. O espírito que preside a isto foi bastante bem capturado por George Orwell, em 1984, quando O'Brien está a torturar Winston e diz-lhe algo para o efeito de "*primeiro vamos converter-te e tornar-te um de nós, depois usamos-te e exploramos-te e, finalmente, quando tiveres*

*perdido a tua utilidade, damos-te um tiro na nuca – e é isso que acontece a cada um de nós, e é maravilhoso porque é assim que ganhamos poder, como células da sociedade-besta, devotadas a esmagar e a ser esmagado, a destruir e a ser destruído, a aniquilar e a ser aniquilado*”.

**QUIGLEY – Bestialização humana abre portas a despotismo**

**QUIGLEY – A crise de classe média**.

I

! " !

#*As economic enterprises have become larger and more tightly integrated into one another, the freedom, individualism, and initiative traditionally associated with the modern economy have ... [been] sacrificed. The self-reliant individual has gradually changed into the conformist "organization man." The constantly narrowing range of possibilities for self-expression has given rise to deep frustrations with their concomitant growth of irrational compensating customs, such as the obsession with speed; vicarious combativeness, especially in sports; the use of alcohol, tobacco, narcotics, and sex as stimulants, diversions, and sedatives; and the rapid appearance and disappearance of fads in dress, social customs, and leisure activities*$ % &&'(

# ) *the disjointed malaise of the century, left [man] hungry for meaning, for identity... Insanity, neurosis, suicide, and all kinds of irrational obsessions and reactions filled increasing roles in human life. Most of these were not even recognized as being irrational or obsessive. As his capacity to live or to experience life dwindled, he sought to reach it by seeking more vigorous experiences that might penetrate the barriers surrounding him. In time, nothing made much impression unless it was concerned with shocking violence, perversion, or distortion. Along with this, ability to communicate dwindled… no one any longer sought "meaning" in literature or art but rather sought "experiences." Thus to look at a meaningless painting became an experience*$ % &&*+ ,( - . / %01**( 2 / 3 4 5 3 / " 6 7 2

**QUIGLEY – Educação permissiva – Declínio da educação (60s)**

" "

" !

- 8 9 6

: " 8

*#Another element in this process was a change in educational philosophy… Jean-Jacques Rousseau… believed that education must consist in leaving a youth completely free… This idea was developed, intensified, and given a pseudoscientific foundation… From all this came a wholesale ending of discipline, both in the home and in school, and the advent of "permissive education," with all that it entailed. Children were encouraged to have opinions and to speak out on matters of which they were totally ignorant; acquisition of information and intellectual training were shoved into the background… every emphasis was placed on "spontaneity"… fixed schedules of time periods… were belittled… Less and less emphasis was placed on critical judgment, while more and more was placed on intuitive or subjective decisions. All this greatly weakened the disciplinary influence of the educational process, leaving the new generation much less disciplined, less organized, and less aware of time than their parents*$ - . / %01**( 2 / 3 4 5 3 / " 6 7
2

**Quigley – Visão bestializada do homem justifica despotismo**

;< == 8 6 6 >

; + 6 < "

> ? 6

@

@ " A " "

B " 01&C D 5 6 @

*#Instead of seeing man the way the tradition of the Greeks and of the West regarded him, as a creature midway between animal and God, "a little lower than the angels?" and thus capable of an infinite variety of experience, [the] twentieth-century… [has] completed the revolt against the middle classes by moving downward from the late nineteenth century's view of man as simply a higher animal to… [the] view of man as lower than any animal would naturally descend. From this has emerged the Puritan view of man (but without the Puritan view of God) as a creature of total depravity in a deterministic universe without hope of any redemption. This point of view, which, in the period 1550-1650, justified despotism in a Puritan context, now may be used, with petty-bourgeois support, to justify a new despotism to preserve, by force instead of conviction, petty-bourgeois values in a system of compulsory conformity. George Orwell's 1984 has given us the picture of this system as Hitler's Germany showed us its practical operation*$ - . / %01**( 2 / 3 4 5 3 / " 6
7 2

**Quigley – Homens como insectos sociais**.

---

B 8E < "

FEditG *«If the individual is to be subordinated to a rigid group process, then man must yield to those forms of life, such as the social insects, which have already carried this method to a high degree of perfection*$ - . / %01**( 2 / 3 4 5 3 / " 6 7 2

Infância germânica.

***Permissiva, não directiva***.

***Quente, afectuosa, relações seguras – mundo absoluto, previsível, seguro***.

***Pai Natal e Natal centrado na criança são germânicos***.

***Isto não permite integração, auto-suficiência, recursos internos individuais***.

***Adulto germânico procura recapturar conforto sufocante durante toda a vida***.

«*The*

*!* »

«
" # " $ %&
»

«… " "
*!* ’ »

Isto dá origem a necessidade de disciplina externa e a egocentrismo.

«*(* ’
*)* »

Carroll Quigley (1966). “Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time”.

! " ! .

Adulto vai procurar estabilidade, segurança, previsibilidade.

***Encontra identidade em símbolos externos prestigiantes***. Na vida social, isto reflecte-se em « " »; « ’
"
»

***Ênfase em posição profissional, títulos, graus, relações de superioridade e inferioridade***.

***Precisa de ter superiores que lhe digam o que fazer ou o que pensar...***

***...e precisa de ter inferiores, a quem possa fazer o mesmo***.

***A pessoa torna-se confortável em situações hierárquicas***.

***Onde não tem de tomar decisões***. [isto é citado, mas não passei para aqui]

***E está desconfortável em situações onde tem de tomar decisões como indivíduo***.

***Insistência verbal no Absoluto, em dar significado ao sistema no seu todo***. Depois, temos a « ’ ’
’ »

***Isto torna a pessoa desconfortável com individualismo, liberdade, democracia – envolvem *risco****.

***Procura disciplina externa para reencontrar estabilidade da infância.***

***Com disciplina pode ser o melhor dos cidadãos, sem ela pode ser uma besta***.

«
». A pessoa torna-se «
" ’ »

« " » torna a pessoa «
’ »

«* "
+
’ »

Carroll Quigley (1966). “Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time”.

\# .

<u>A segunda consequência é egocentrismo</u>.

***O mundo revolve sempre à volta da criança, e o adulto vai tentar reproduzir isso***.

***Passa a vida a tentar estabelecer rede de relações centrada em si mesmo***.

***Torna-se incapaz de ver as coisas de outros pontos de vista que não o seu***.

« ,
, , ,
, ,
,
"
"
, »

<u>Insiste que a sua visão miópica do universo seja universalizada</u>.

***u seja, "EU" sou deus**.

**O que resulta sempre em animosidade e segregação mútua**.

**As pessoas aprendem a não gostar umas das outras e a tentarem subjugar-se mutuamente – o saco de gatos**.

«, , ,
,
, " -

»

Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

Ideias rousseauvianas recebem fundação pseudocientífica.

Isto traz fim da disciplina, e “educação permissiva”.

Crianças encorajadas a ter opiniões ignorantes – trabalho intelectual menosprezado.

Menos ênfase em julgamento crítico, mais em intuições.

Tudo isto deixa nova geração menos disciplinada, organizada, ou consciente do tempo.

«*Another element in this process was a change in educational philosophy… Jean-Jacques Rousseau… believed that education must consist in leaving a youth completely free… This idea was developed, intensified, and given a pseudoscientific foundation… From all this came a wholesale ending of discipline, both in the home and in school, and the advent of "permissive education," with all that it entailed. Children were encouraged to have opinions and to speak out on matters of which they were totally ignorant; acquisition of information and intellectual training were shoved into the background… every emphasis was placed on "spontaneity"… fixed schedules of time periods… were belittled… Less and less emphasis was placed on critical judgment, while more and more was placed on intuitive or subjective decisions. All this greatly weakened the disciplinary influence of the educational process, leaving the new generation much less disciplined, less organized, and less aware of time than their parents*» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

______________________________.

! " #$ %" & ’" ( ).

Realidade é um projecto de grupo promovido pelas autoridades. Realidade é um projecto de grupo. Em última análise, é o que é autorizado e difundido pelas autoridades; as crenças certas, apropriadas, politicamente correctas – consensuais.

Galileu deveria ter sido frito num T-group, aparentemente. Ou seja, Galileu deveria ter sido frito numa dinâmica de grupo para abandonar as suas ideias divisivas e desarmoniosas.

Motivos – Quando há divergência da norma ou da “realidade”. « *need for re-education arises when an individual or group is out of step with society at large… Reeducation is needed also when an individual or group is out of touch with reality… a divergence from the norm or from the reality of objective facts*»

“Realidade” é contextual e grupal – o indivíduo tem de se submeter. «*…what exists as “reality” for the individual is, to a high degree, determined by what is socially accepted as reality. This holds even in the field of physical fact: to the South Sea Islander the world may be flat; to the European, it is round. “Reality,” therefore, is not an absolute. It differs with the group to which the individual belongs… the individual’s… experience is necessarily limited. In other words, the probability that his judgment will be right is heightened if the individual places greater trust in the experience of the group… Only by anchoring his own conduct in something as large, substantial, and superindividual as the culture of a group can the individual stabilize his new beliefs sufficiently to keep them immune from the day-by-day fluctuations of moods and influences to which he, as an individual, is subject*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). “Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values”. Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

# " *% + &).

Conversão completa a um novo superego, deus menor, o grupo. «*…re-education means the establishment of a new super-ego… this process may be called a change in the culture of the individual; by others, a change of his super-ego… re-education will be successful, i.e., lead to permanent change, only if this change in culture is sufficiently complete. If re-education succeeds only to the degree that the individual becomes a marginal man between the old and new system of values, nothing worthwhile is accomplished… social perception and freedom of choice are interrelated… Only if and when the new set of values is freely accepted, only if it corresponds to one’s super-ego,*

*do those changes in social perception occur which, as we have seen, are a prerequisite for a change in conduct and therefore for a lasting effect of re-education*»

O antigo deus é agora visto como o diabo. Ou seja, é necessário conversão completa, com um novo deus, a opinião do grupo. «*...the process of conversion… a new god is introduced who has to fight with the old god, now regarded as a devil…*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

**, " & - - & ' ( " ( .**

Processo gradual, passo a passo – de hostilidade a conversão ao novo sistema. «*Step-by-step methods* ***are*** *very important in re-education. These steps, however, have to be conceived as steps in a gradual change from hostility to friendliness in regard to the new system as a whole rather than as a conversion of the individual one point at a time*»

Manipulação dissimulada – indivíduo tem de ser "forçado" a mudar. «*Since re-education aims to change the system of values and beliefs of an individual or a group, to change it so as to bring it in line with society at large or with reality, it seems illogical to expect that this change will be made by the subjects themselves. The fact that this change has to be enforced on the individual from outside seems so obvious a necessity that it is often taken for granted. Many people assume that the creation, as part of the reeducative process, of an atmosphere of informality and freedom of choice cannot possibly mean anything else but that the re-educator must be clever enough in manipulating the subjects to have them think that they are running the show. According to such people, an approach of this kind is merely a deception and smoke-screen for what to them is the more honorable, straight-forward method of using force*»

Indivíduo tem de se envolver e sentir-se livre ao fazê-lo. «*A factor of great importance… is the degree to which the individual becomes actively involved in the problem. Lacking this involvement, no objective fact is likely to reach the status of a fact… and therefore influence his social conduct… if re-education means the establishment of a new super-ego, it necessarily follows that the objective sought will not be reached so long as the new set of values is not experienced by the individual as something freely chosen*»

Muda cognições, valores, movimentos físicos e sociais. «*...re-education… is a process in which changes of knowledge and beliefs, changes of values and standards, changes of emotional attachments and needs, and changes of everyday conduct occur… The re-educative process affects the individual in three-ways. It changes his* ***cognitive structure****, the way he sees the physical and social worlds, including all his facts, concepts, beliefs, and expectations. It modifies his* ***valences and values****, and these embrace both his attractions and aversions to groups and group standards, his feelings in regard to status differences, and his reactions to sources of approval or disapproval.*

*And it affects* ***motoric action****, involving the degree of the individual's control over his physical and social movements*» [i.e., pega num indivíduo livre e torna-o voluntariamente controlado]

<u>Muda, monopoliza percepção social [familiar tornado estranho]</u>. «*...our perception extends to two different aspects of... the field we perceive. One has to do with facts, the other with values... The basic task of re-education can thus be viewed as one of changing the individual's social perception. Only by this change in social perception can change in the individual's social action be realized... Re-education influences conduct only when the new system of values and beliefs dominates the individual's perception*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

**REEDUCAÇÃO – POWs – Bennis**.

---

---

***Quebra de suportes emocionais e sociais, identidade e auto-imagem***

***Comparsas, pressão de pares, exigência de mudança***

---

***Existe sempre identificação (model, scan).***

***Adopção do "ponto de vista do povo" acaba com pressão***

***Prisioneiro recebe apoio emocional de restantes prisioneiros***

!

---

"*Depois, o processo torna-se* ***auto-alimentado****, no campo-sociedade. Basta ter um liaison permanente e um sistema de controlo para certificar que as várias vagas de POWs continuam a usar o processo com os novos prisioneiros, à vez*#

$*The manner in which the prisoner came to be influenced to accept the Communist's definition of his guilt can best be described by distinguishing two broad phases — (1) a process of "unfreezing," in which the prisoner's physical resistance, social and emotional supports, self-image and sense of integrity, and basic values and personality were undermined, thereby creating a state of "readiness" to be influenced… Most prisoners were put into a cell containing several Chinese prisoners who were further along in reforming themselves and who saw it as their primary duty to "help" their most backward member to see the truth about himself in order that the whole cell might advance. Each such cell had a leader who was in close contact with the authorities… the cell mates found ways of putting extreme pressure on their unreformed member, particularly since he was often completely dependent upon them for help in feeding himself, eliminating, etc. (especially if he were manacled). The only thing which would satisfy the cell mates was a sincere confession, but since the prisoner could not guess initially what this meant or what he was to confess, he brought down the full wrath of the others upon his head. Other facets of the environment undermined the prisoner's self-image…*%

$*…and (2) a process of "changing," in which the prisoner discovered how the adoption of "the people's standpoint" and a reevaluation of himself from this perspective would provide him with a solution to the problems created by the prison pressures… Once this process of self re-evaluation began, the prisoner received all kinds of help and support*

*from the cell mates and once again was able to enter into meaningful emotional relationships with others. His terrible social-emotional isolation was at an end and his role as repentant sinner was given increasing support… key… in this process… the identifications which formed with cell mates, thus making it possible for the prisoner to begin to understand the point of view from which he was judged guilty…*%

$*…the Chinese have drawn on their cultural sensitivity to the nuances of interpersonal relationships to put together some highly effective but well-known techniques of indoctrination. Their sophistication about the importance of the small group as a mediator of opinions and attitudes has led to some highly effective techniques of destroying group solidarity… and of using groups as a mechanism of changing attitudes…*% & '( )* + , * - . ( /!
0 ! , . ! ) , 1! 2 ( ) *
! 3456

**REEDUCAÇÃO – Princípios de Biderman**.

**Biderman – Técnicas comunistas de lavagem cerebral**.

Biderman – CIA, USAF. Albert Biderman, sociólogo para a CIA e a USAF.

Lavagem cerebral comunista. Descreve técnicas de lavagem cerebral e controlo comportamental usadas pelos comunistas, em dois relatórios.

"Communist Coercive Methods for Eliciting Individual Compliance" *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, Vol. 33, No. 9, September 1957.

"Communist Techniques of Coercive Interrogation". Air Force Personnel and Training Research Center, Lackland Air Force Base, San Antonio, Texas. AFPTRC-TN-56-132. ASTIA Document No. 098908.

Biderman – "Disrespect for truth and the individuals". «*Probably no other aspect of communism reveals more thoroughly its disrespect for truth and the individuals than its resort to these techniques*» – Albert Biderman

Os oito métodos gerais. Biderman descreve oito métodos gerais de coerção usados em POWs americanos.

**Biderman – Os princípios gerais de lavagem cerebral**.

1. Isolamento. Cortar apoio social. O indivíduo é removido do grupo e mantido isolado, num ambiente controlado. Isolamento físico, movimentos restringidos: em solitária, semi-isolamento, isolamento do grupo.

2. Monopolização de percepção – Esterilidade ambiental. Cortar relações com o ambiente não autorizadas pelo sequestrador. Ambiente estéril, "escuro" e monótono. Frustrar acções não-consistentes com acções autorizadas.

Indução de debilitação – Torrente de pressões externas. Enfraquecer capacidades mentais e físicas para resistir. Por ex., pressão do grupo, deprivação de sono, escrita forçada, excesso de esforço. Com pressão de grupo, indivíduo é sujeito a torrente externa de pressões.

.

Ameaças – Desrotinização imprevista. Ameaças vagas, ameaças de morte.

.

Indulgências ocasionais, favores, privilégios. Promessas, recompensas por cooperação parcial, flutuações de atitudes dos sequestradores.

! .

Teatro de “omnipotência” e “omnisciência”. Captor procura demonstrar que tem completo controlo sobre destino do indivíduo. Pleno conhecimento de actividades, pensamentos, e por aí fora.

" # .

Degradação. Apresentar o mais completo desrespeito pela dignidade humana. Reduzir prisioneiro a preocupações de nível animal. Punições degradantes, insultos, e troça, jocosidades. Ambiente favorecido é um ambiente sujo e infesto. Negação de privacidade.

$ % .

Executar exigências triviais. Forçar indivíduo a obedecer a regras detalhadas que governam mesmo as mais pequenas partes do dia.

$ & ! .

**Reeducação – T-Method utilizado pelos Maoístas – POWs**.

T-Method utilizado extensivamente pelos Maoístas chineses.

Comuna – campo de reeducação.

POWs – Técnicas de lavagem cerebral, aplicadas na Coreia. O Tavistock Institute desenvolve as técnicas de lavagem cerebral que viriam a ser usadas experimentalmente em POWs americanos na guerra da Coreia.

**REES – Programa de Higiene Mental (para pós-guerra)**

**REES – O Borg decide o que é saúde mental – Psiquiatria preventiva**

*We can therefore justifiably stress our particular point of view with regard to the proper development of the human psyche, even though our knowledge be incomplete*

*I shall barely touch on the remedial side of our work. Medicine has, in any case, been far too much a matter of repairing and patching people up. The real Medicine of the future will be largely prophylactic, and certainly in our field the important thing is to stress the positive aspects of mental health instead of concentrating our interest on ill health*

! " ! # *Mental Health* $ %
& ’ ( )*’+ )+,-)+. / ! 0 !
& #/! )1 )*’+

**REES – Permeação totalitária de actividades sociais**

0 2

3 %! 4

0 5 6

7 ! 8 7

*Similarly we have made a useful attack upon a number of professions. The two easiest of them naturally are the teaching profession and the Church: the two most difficult are law and medicine... If we are to infiltrate the professional and social activities of other people I think we must imitate the Totalitarian and organise some kind of fifth column activity! Let us all, therefore, very secretly be "fifth columnists"*

" !

" ( / (

9 : ! ! ; <2 5

*We must aim to make it permeate every educational activity in our national life: primary, secondary, university and technical education are all concerned with varying stages in the development of the child and the adolescent. Those who provide the education, the principles upon which they work, and the people upon whom they work,*

*must all be objects of our interest, for education that ignores the common-sense principles that have been more clearly evolved of recent years is likely to be of indifferent quality. Public life, politics and industry should all of them be within our sphere of influence. It needs little imagination to see improvements that could be effected in each of them. Especially since the last world war we have done much to infiltrate the various social organisations throughout the country, and in their work and in their point of view one can see clearly how the principles for which this society and others stood in the past have become accepted as part of the ordinary working plan of these various bodies*

! " ! # *Mental Health* $ %
& ’ ( )*’+ )+,-)+. / ! 0 !
& #/! )1 )*’+

**REES – Sistema de propaganda – Usar obras de ficção**

7 ( : <6 = > *I should like to see us... set out on a campaign to get certain points and ideas which are of importance stressed by well known novelists in their books. Priestley, Morgan, Walpole, and a score of others whose books have a wide appeal-even Dr. Cronin-might be willing to co-operate... This Council has recently been co-operating in some experiments with films, and there the same idea has been emphasised that just one point can be got across to the public through this medium. Those of you who know books and their authors, and films and their makers, might be doing some long term planning of the right kind of propaganda*

% ? *...in an ordinary human story it should not be difficult to give some emphasis on a point of view, and the gradual building up of a series of such emphases over a period of years would be the soundest kind of propaganda*

! " ! # *Mental Health* $ %
& ’ ( )*’+ )+,-)+. / ! 0 !
& #/! )1 )*’+

**REES – Sistema de propaganda – Grupos, comités, eventos sociais**

! ; ! @ *...we could most of us get together small groups for informal discussions on these topics, and out of this might grow definite bodies or committees of persons interested in each of these fields of work, being convinced that it was worth while to work out their own specific problems and their own plans*

A *Let us learn from the Oxford Group and have week-end parties; all over the country we have people to our hand, medical students, teachers, journalists, civil servants, trades union officials, and all sorts of other people, whom we might get together and amongst whom we should find sensible, balanced people who could lead in local activities*

! " ! # *Mental Health* $ %
& ' ( )*'+ )+,-)+. / ! 0 !
& #/! )1 )*'+

**REES – Vender "saúde mental" sob slogans de "eficiência" e "economia"**

6 !

B ! 6 #/!

! ( ! C D E

*Don't let us mention Mental Hygiene (with capital letters), though we can safely write in terms of mental health and commonsense*

*Many people don't like to be "saved", "changed" or made healthy. I have a feeling, however, that "efficiency and economy" would make rather a good appeal because there are very few people who would not welcome these two suggestions. It has even crossed my mind whether we ought not to have a subsidiary company called the Social Efficiency Board... we should be on much stronger ground if we were constantly stressing our interest in efficiency and economy, and certainly we can "sell" mental health under these headings as well as under any other*

! " ! # *Mental Health* $ %
& ' ( )*'+ )+,-)+. / ! 0 !
& #/! )1 )*'+

**REES – Sistema de propaganda – Subtileza, usando método evolucionário**

F ! ! *...we need a long-term plan of propaganda...*

3 ; G

!! ! ! ( G

G !

*I doubt the wisdom of a direct attack upon the existing state of affairs... the more insidious approach of suggesting that something better is needed-"why shouldn't we try*

**Rees, Chisholm, Sullivan, Mead**.

**Rees, Chisholm e Sullivan – Guerra psicológica – Psiquiatria cultural**.

Rees foi psiquiatra-sénior, Coronel, para os britânicos.

Chisholm, General, para o Canadá.

Sullivan, para o Pentágono.

**John Rawlings Rees**.

Oficial de guerra psicológica. Psiquiatra sénior, Coronel, para os esforços de guerra psicológica britânicos durante a II Guerra.

TIMP – T-Method – Indução de stress, pressão de pares. Director do Tavistock Institute for Medical Psychology. Pioneiro em técnicas de grupo. Com pacientes civis e militares.

Torna-se primeiro Presidente da WFMH.

**Brock Chisholm**.

Oficial de guerra psicológica. Como general para as forças armadas canadianas.

OMS – Fundador e primeiro director-geral. É descrito como o próprio fundador.

“*T*                                                                      ”. Sullivan arranja duas palestras a Chisholm, em 28 de Outubro de 1945, mais tarde publicadas nas páginas da Psychiatry.

**Harry Sullivan**.

Pentágono. Oficial de guerra psicológica para o Pentágono, durante a guerra.

“Psychiatry”. Fundador e editor da revista.

William Alanson White – Washington School. Posição de liderança na William Alanson White Foundation e na Washington School of Psychiatry.

**SULLIVAN – "A cultural revolution to end war"**.

Revolução cultural conduzida por cientistas sociais. Numa introdução às palestras, Sullivan apelou a uma « », que teria de ser conduzida por psicoterapeutas e cientistas sociais.

Sullivan, H. S. (1946). Editorial. . The Second William Alanson White Memorial Lectures. Major-General G. Brock Chisholm. , 81.

**SULLIVAN – "Psiquiatria dos povos", para engenharia social**.

Psiquiatria dos povos – Fundir psiquiatria e ciência social – "interpersonal relations". Ou seja, tentar determinar modos de aplicar psiquiatria à engenharia da sociedade, para regular relações interpessoais. A psiquiatria dos povos devotar-se-ia ao campo das « », ao serviço de « ».

« » – expressão usada em guerra psicológica. Esta era uma expressão usada durante a guerra, no contexto de guerra psicológica – psiquiatria cultural para análise e mudança da mentalidade inimiga.

Livro sobre fusão entre psiquiatria e ciência social. Sullivan até escreve um livro sobre a fusão entre psiquiatria e ciência social, outros termos para controlo e engenharia social: esse livro é "Harry Stack Sullivan (1964). The fusion of psychiatry and social science. Norton".

**PSIQUIATRIA SOCIAL – Rees, Chisholm, Sullivan – Saúde mental exige totalitarismo.**

Saúde mental é totalitária – envolve controlo total do indivíduo. Envolve todos os factores socioeconómicos e culturais envolvidos nas relações mútuas entre seres humanos com o seu mundo. Ou seja, para obter saúde mental, é preciso controlar todo e qualquer aspecto destas relações.

Programa de microgestão universal, usando engenharia social psiquiatrizada. Fundir psiquiatria com ciência social e impor engenharia social a tudo e todos.

Paradigma nazi-comunista, de implementação a todo o planeta. Este tipo de coisa era algo que, até aí, só tinha sido falado por teóricos comunistas. Até aí, no ocidente, era entendido que técnicas psicológicas só deviam ser aplicadas a pacientes – em hospital ou clínica privada. Mas a ideia aqui era aplicar técnicas a toda a gente no planeta.

**PSIQUIATRIA SOCIAL – Sullivan, Chisholm e Rees – Recepção fria – WFMH – Cânone académico**.

Recepção fria. A maior parte dos psiquiatras e psicólogos da era não se identificaram com estes paradigmas de manipulação e engenharia social a larga escala.

Recepção fria não impede estes homens – WFMH. De qualquer das formas, a recepção fria não impede estes homens. São pessoas importantes, em lugares altos, e vão fundar a WFMH.

WFMH devotada a "psiquiatria dos povos". O documento fundador da WFMH foi "Mental Health and World Citizenship".

Elicita décadas de doutrinação em massa. Isto teria de ser alterado, através de décadas de doutrinação em massa.

Doutrina de Sullivan, Chisholm e Rees torna-se cânone académico. Até ao ponto em que a doutrina de Sullivan é um cânone, na generalidade dos meios académicos.

**PSIQUIATRIA SOCIAL – Margaret Mead**.

Junta esforços a Chisholm, Rees e Sullivan.

Interessada em fundir antropologia com higiene mental. Para obter a "psiquiatria dos povos". Demonstrou um interesse em contribuir para fundir as descobertas da antropologia com o movimento para a higiene mental, nos anos seguintes.

Historial de falsificação, na antropologia. Mead, que tinha um historial de falsificação de investigações antropológicas [tinha feito a sua carreira a falsificar dados sobre as suas investigações antropológicas].

Margaret Mead é Presidente em 1957-58.

Brock Chisholm, fundador da OMS, é presidente em 1958-59.

**REDOLUÇÃO CULTURAL – Processo de devastação e inversão de valores**.

Modelo a três fases, usando tipos ideais. Vale tanto para indivíduos como para sociedades inteiras.

(1) Valores sólidos.

***(a) Valores***. Coragem, decência, fidelidade, amizade, amor, rectidão, honestidade, seriedade. O mote é o de fazer o melhor possível, com trabalho honesto e relações honestas.

***(b) Modelo existencial – o herói***. O herói que se auto-sacrifica em prol dos outros.

***(c) Existe bem e mal***. Existe bem e mal. Não existe compromisso possível com o mal. Não há consenso. Há confirmação de bem, e rejeição de mal.

***(d) Liberdade sócio-económica***. Com este tipo de mentalidade é possível construir sociedades realmente funcionais e saudáveis, baseadas em crescimento real. A organização social que é favorecida baseia-se em indivíduos, famílias, propriedade privada, classe média.

(2) Dissolução, reformulação, dissipação de valores.

***(a) Processo dialéctico – valores dialécticos***.

***(b) Modelo existencial – conciliador, anti-herói, herói relutante***. O modelo desta fase é o anti-herói ou o herói relutante, que tem boas intenções mas recorre a métodos perversos: portanto, tortura uma criança para salvar uma cidade, como Jack Bauer.

***(c1) Não existe bem e mal – só há espaços cinzentos***. A vida é um sítio complexo, e não há pretos e brancos, só cinzentos. Não há bem ou mal; há opções, que podem ter efeitos bons ou maus.

***(c2) Bem e mal é o que é definido em equipa – consenso***. Mas o vazio, o vácuo, não pode durar para sempre, a natureza não aceita espaços vazios. Portanto, isto tem de ser preenchido com algo definido. O indivíduo é fundido com o grupo, ensinado a funcionar em equipa, a dar o (e a ansiar pelo) abraço de grupo, a ceder os seus valores morais em nome do "bem colectivo". Cedência e compromisso, para encontrar consenso, são os termos-chave aqui. Os indivíduos entregam-se ao grupo, e quem lidera e conduz o grupo pode conduzi-los como um qualquer flautista de Hamelin.

***(d) Fase de perda gradual de liberdades***.

(3) Inversão total de valores.

***(a) Valores heresiárquicos***. A fase heresiárquica, onde violência, fraude, traição, tornam-se as marcas da vida social. Acaba-se a 180º de distância do início.

***(b) Modelo existencial – o vilão charmoso***. O modelo desta fase é o vilão, o criminoso, que não tem escrúpulos e vence, por não ter escrúpulos.

***(c1) Os fins justificam os meios***.

***(c2) Bem é agora mal, e mal é bem***. O bem torna-se mal, e coisas como bondade, honestidade são desacreditadas e desprezadas. Vence-se através de desonestidade, corrupção e mentira.

***(c3) Sociedade baseada em mentiras e utilitarismo relacional***. Os laços de confiança são quebrados, as relações tornam-se utilitárias, comercializadas, temporárias. Uma sociedade baseada em mentiras torna-se disfuncional. Pode manter um bom aspecto à superfície, mas é disfuncional e podre no fundo.

***(c4) Redução ao MDC – procura de prazer, evitamento de dor***.

***(d) "Destruktion" – Sociedade zombie – Totalitarismo –Orgia de violência e terror***. Isto é a comuna, a aldeia, a "comunidade saudável" do Manifesto Comunista. Isto acompanha sempre o colapso da sociedade, a sociedade morta-viva, e eventualmente dá origem a uma orgia de violência e horror, num reino de terror colectivo.

O processo é contagioso – influência social, coerção existencial. A pessoa precisa de ser bem integrada e ter noções muito fortes de bem e mal, para não se deixar enredar, e levar, por este processo.

**REDOLUÇÃO CULTURAL – Ignorar a consciência [Adenda]**.

Consciência ignorada repetidamente desaparece. Quando a consciência é ignorada vezes suficientes, acaba por desaparecer – morre. A pessoa matou a consciência.

Estatuto animal – Adaptação, oportunismo, falta de carácter. Agora, é preciso compreender que uma pessoa sem consciência está essencialmente reduzida a um estatuto animal. Flutua pela vida. Adapta-se oportunisticamente a tudo o que lhe surja pela frente, de acordo com o fluxo dos acontecimentos. Quando a estrutura sócio-económica encoraja e promove este tipo de comportamento, os traços de falta de carácter – apatia, cinismo, mesquinhez, narcisismo – tornam-se endémicos, infecciosos, e normalizados.

Resultado final – Depressão, repressão, massacres, genocídio. Quando a pessoa – a sociedade – destrói a consciência e alicerça a sua vida sobre um monte de areia, o resultado final é sempre muito feio. Depressão económica, vigilância e repressão, violência, conflito. E, também, câmaras de tortura, o campo de concentração, massacres,

genocídio. *Chegará o dia* em que isto não será apenas feito a árabes, em países distantes.

**RH GLOBAIS – “Global workforce training”**

**RH GLOBAIS – A ineficiência autorizada da monocultura estéril global**

**ROGERS & MASLOW – Bom selvagem, Utopia, Fluxo**.

**Rogers & Maslow (pré): Maternalismo, utopianismo**.

Contexto.

***Flower power***. Mudar o mundo para melhor com base em amor incondicional.

***Optimismo científico exagerado***. Confiança exagerada no poder da psicologia para criar um novo e melhor ser humano, o habitante da utopia, como Maslow pretendia.

A teoria do bom selvagem. Toda a gente é inerentemente boa – o coração humano, os desejos humanos, são inerentemente bons.

Maternalismo educativo-terapêutico.

***Amor incondicional – permissividade – emocionalismo***. Se formos maternais – carinhosos, permissivos, não-directivos, abertos às necessidades emocionais – com a criança, e a deixarmos tomar decisões morais por si mesma, isso vai resultar em crescimento e maturidade.

**Rogers & Maslow (pré): Utopia**.

Rogers: Fluxo é a chave para a utopia. «

» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

Maslow: O objectivo é um mundo unido, paz mundial. «
» – A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

**Maslow e Rogers (pré): Bem e mal são experienciais**.

Bem e mal podem ser descobertos no aqui e no agora. Propõem que investigação fenomenológica e experiencial, sob tutorial do especialista existencial, pode determinar, para cada indivíduo, a verdade sobre bem e mal. Ou seja, as regras de bem e mal são encontradas, para estes homens, a cada novo momento, para cada nova pessoa, face a cada nova situação.

**Rogers (pré): Fluxo, changingness, becoming, aqui & agora – Existencialismo**.

Existencialismo, materialismo – Conhecimento advém da experiência. « … »

Descongelamento – Libertação de ideias egóicas – Fluxo, aqui e agora. Quando o processo começa, a pessoa não tem desejo de ser mudada. Há que descongelar o seu estado geral com um ambiente individual ou grupal favorável. Encorajar a expressão simbólica, como forma de aceder ao passado; a experienciação está ligada à estrutura do passado. Há que fazer um percurso de desligamento gradual do passado, durante o qual o sujeito muda o seu reportório simbólico e experiencial para um registo cada vez mais "aqui, agora". A ideia é gerar um estado onde os sentimentos e a expressão de sentimentos são situados no presente – existe uma libertação aumentada de sentimentos e experiências. O sujeito deixa de ter construtos "seus", "egóicos". O self como objecto tende a desaparecer; e passa a identificar-se com o sentimento do presente. Torna-se uma entidade reflexiva a estímulos, um processo instável e mutável, em vez de uma entidade sólida e alicerçada a um referencial definido. O sujeito está em fluxo. Este processo não visa, portanto, o sistema tradicional de descongelamento-fluxo-recongelamento. O processo "pára" em fluxo, ou seja, em "changingness", "processo".

Desaparecimento do self – Changingness – Becoming – Existencialismo. « …

» – Carl Rogers (1995), On becoming a person: A Therapist's View of Psychotherapy. Houghton Mifflin Harcourt

**Maslow (pré): B e D, saúde vs patologia – Consciência vs "becoming"**.

Fundador de "auto-estima e potencial humano". Abraham Maslow, psicólogo, fundador do movimento para auto-estima e potencial humano.

"B-values", a versão hippie do imperativo categórico (Maslow).

***Valores universais inculcados em cada pessoa***. «1( 7 " & »

***Educação/doutrinação, terapia, T-groups, a Eupsychian network, etc***. «' $ $ 8 '( ! $ $ » – A.H. Maslow (1968-70). "Politics 3". Robert E. Kantor, Ed., Stanford Research Institute Project 6747, Educational Policy Research Center.

Natureza mais elevada do homem é instintóide, valores auto-validados (Maslow). « " , , » – A.H. Maslow (1970). Preface to "Motivation and Personality" – 2nd edition. Harper and Row.

Emancipação – Motivação B versus D (Bugental & Robert Tannenbaum).

***Patologia vs saúde: Maslow e motivação D- versus B-.*** «… ( / ( 9 $ :(; : (< 1(;1 (< ;=>?@< »

***Treino de sensibilidade "corrige défice motivacional"***. O « ( » visa precisamente corrigir essa "deficiência motivacional", ou seja, « / ;=AB<» – J.F.T. Bugental & Robert Tannenbaum, "Sensitivity Training and Being Motivation", Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Maslow (pré): Oughtiness (para passar de D- para B-)**.

Estimulação do sonho, oughtiness – para ultrapassar consciência (D-).

[Ultrapassar "Deficiency" com "Being"].

Redefinição de expectativas para facilitar processo. «
/ (
7 *

» – Abraham H. Maslow (1972), "The Farther Reaches of Human Nature". Maurice Bassett.

## ROGERS (R).

**Rogers (R) – "Um padrão de fracasso" (Coulson – Carta aberta).**

Rogers e o "padrão de fracasso". «*Em 1983, num dos seus livros, Carl Rogers descreveu as nossas experiências como um «padrão de fracasso». Contudo, depois da sua morte, o editor (que publica livros para professores e alunos de ciências da educação) reeditou o livro removendo todas as referências ao «padrão de fracasso»... Parte deste padrão [de fracasso] é o muro de silêncio que se constrói em torno dos seus resultados trágicos...*» – Dr. William Coulson, "Carta Aberta aos Pais Portugueses", publicada no jornal Expresso, 28 de Maio de 2005.

**Rogers (R) – Valores tradicionais – Perca de liberdade (Coulson, TMP).**

Rogers critica "rogerianismo". Rogers é apresentado como pai fundador, legitimador, da clarificação de valores na aula. O sistema em si é chamado "sistema rogeriano", "rogerianismo", e isto foi criticado pelo próprio Rogers.

Rogers: "Nothing but bad can come from it". «*When I write it up, at least I try to make it clear it is tentative; it's only the best I can do at this point. But when it gets into a textbook, it sounds like it came down on tablets from Mt. Sinai: awful, simply awful. And I can't help but feel that nothing but bad can come from that*» – Rogers, cit. in William Coulson, "Outcome-Based Education". Address given at the "Piecing it Together" Free World Research Conference, Iowa, Des Moines, February 24-26, 1994.

Rogers: "crazy classrooms", "crazy Plan paper".

Valores tradicionais.

.

.

Liberdade é perdida e entra o domínio do perito amoral.

.

.

«*In 1972 a dismayed Dr. Rogers encouraged this writer to quote his prediction that "nothing but bad" would come from the theory, given the reverence with which it had been received in colleges of education and the wild psychologizing it had stimulated among curriculum writers… we didn't listen to the parents or the elders, didn't really want to. We wanted them to keep their place. It was something of a shock to discover*

*they'd been right all along. The discovery led Dr. Rogers to call the plan for Rogerian classrooms "crazy." "Why did I ever write that crazy 'Plan' paper?" he said, reflecting with project staff in 1969 on an article he'd published in Educational Leadership in 1967… by 1977 we'd seen the need for society to pay respect to traditional family values once more; under increasing attack in popular psychology, family continuity was being destroyed and freedom lost. Authority was being assumed by experts who possessed what the repentant humanistic psychologist A. H. Maslow, our colleague in the mid-'60s at the Western Behavioral Sciences Institute, had called "an almost paranoid certainty of their own absolute virtues and correctness."*» – William Coulson (n/d), "TMP: Too Much Psychology".
[http://www.cultureshocktv.com/coulson/coulson1.html]

**<u>ROGERS – Symposium (1956)</u>**

**Rogers (1956) – As capacidades insidiosas dadas por controlo comportamental**

<u>[Nota final] Não é que Rogers estivesse contra controlo comportamental – usaria uma parte</u>.

<u>O poder dado por ciência comportamental</u>.

«*Behavioral science is clearly moving forward; the increasing power for control which it gives will be held by someone or some group; such an individual or group will surely choose the values or goals to be achieved; and most of us will then be increasingly controlled by means so subtle that we will not even be aware of them as controls. Thus, whether a council of wise psychologists (if this is not a contradiction in terms), or a Stalin, or a Big Brother has the power, and whether the goal is happiness, or productivity, or resolution of the Oedipus complex, or submission, or love of Big Brother, we will inevitably find ourselves moving toward the chosen goal and probably thinking that we ourselves desire it… The fact that it would surely arrive piecemeal, rather than all at once, does not greatly change the fundamental issues. In any event, as Skinner has indicated in his writings, we would then look back upon the concepts of human freedom, the capacity for choice, the responsibility for choice, and the worth of the human individual as historical curiosities which once existed by cultural accident as values in a prescientific civilization*»

<u>"We can choose to use our growing knowledge to…"</u>

«*We can choose to use our growing knowledge to enslave people in ways never dreamed of before, depersonalizing them, controlling them by means so carefully selected that they will perhaps never be aware of their loss of personhood. We can choose to utilize our scientific knowledge to make men happy, well-behaved, and productive, as Skinner earlier suggested*»

Carl R. Rogers, B. F. Skinner. "Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium". Science, New Series, Vol. 124, No. 3231, November 30 1956, 1057-1066.

## **ROWAN (1984) – Charlatanismo, magia e rituais shamânicos**.

**Rowan (1984) – O cientista social aplicado como vulgar charlatão**.

Rowan é ele próprio um guru de reforma educacional pós-moderna.

"Usos não-científicos de pesquisa em debates educacionais". «

»

O cientista social como shaman, ritualista de investigação. O cientista social aplicado pós-moderno é um « »

***"Shamans practice magic, applied social researchers are thought to practice 'science'"***.

***"Magia negra e magia branca"***.

«

*!*

»

Malinowski e a essência fraudulenta da magia.

«

*" #$%&'()*+*

*(*

, »

"Aplicações e necessidade de mais rituais".

***"Future studies of "science" as magic are needed".***

***"Disarm enemies, cure ills, and divine the unknown".***

***"Need to study the conditions under which these magical practices spread through practitioner populations"***.

«

"

-

» – "Shamanistic Rituals in Effective Schools" by Brian Rowan, Senior Research Scientist, Far West Laboratory for Educational Research and Development. Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New Orleans, LA, April, 1984.

**Rowan (1984) – Rituais shamanicos – Revisões, estatística, psicometria**.

<u>Falsas referências, com revisões de literatura</u>.

***"The citation of a host of previously unpublished and obscure studies"***.

***"Naïve individuals are left only with the powerful rhetoric of the reviewers"***.

« . /

0

1

0

»

<u>Fraude estatística</u>.

***"The ritual almost always strongly supports the rhetorical posture of the ritual literature review"***

***"Any experienced shaman can find "effective" schools"***

***"The worse the initial regression model, the more powerful the shamanistic ritual"***.

«2 - - 3

\# +

4

1

4 ,

5 !

1 6

7* 8

! ) 8

»

Manipulação de testes e medidas.

***“Requires the shaman to have advanced training in the art of psychometrics”***.

***[Psicometria, uma outra forma de obscurantismo, superstição e magia ritual]***.

***“Performance… not by changing instructional objectives or practices, but simply by changing tests and testing procedures”***.

« . - " 5

,

6

9

5

4

: » –

“Shamanistic Rituals in Effective Schools” by Brian Rowan, Senior Research Scientist, Far West Laboratory for Educational Research and Development. Paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New Orleans, LA, April, 1984.

**RUSSELL (1946) – A embriaguez genocida do poder humano**.

Crença no poder ilimitado de classe dominante para moldar recursos humanos.

"***There thus arises a new belief in the power of rulers*".**

"***…control by scientific propaganda, especially education... no change seems impossible*".**

"***…that part of the race which does not participate in government is raw material***".

Deus e verdade são obstáculos; sem eles são produzidos cataclismos.

***"…conceptions representing limits of human power… God and truth".***

***"Such conceptions tend to melt away".***

***"This outlook has produced immense cataclysms, will no doubt produce others"***.

«*There thus arises, among those who direct affairs or are in touch with those who do so, a new belief in… the power of rulers as against the human beings whose beliefs and aspirations they seek to control by scientific propaganda, especially education… no change seems impossible… that part of the human race which does not effectively participate in government [is raw material]. There are certain old conceptions which represent men's belief in the limits of human power; of these the two chief are God and truth… Such conceptions tend to melt away; even if not explicitly negated, they lose importance, and are retained only superficially. This whole outlook… has already produced immense cataclysms, and will no doubt produce others in the future. To frame a philosophy capable of coping with men intoxicated with the prospect of almost unlimited power and also with the apathy of the powerless is the most pressing task of our time*»

Bertrand Russell (1946), *History of Western Philosophy*. George Allen and Unwin, Ltd.

[comments YT]

[1] I'm sorry to have to say this, divinelust, but it's very hard to find a work that does so much to glorify the brutalization of women as this "story of the meat hole". This is a very vile expression of chauvinism, and indeed, of hatred.

It's the kind of work whereby women are coaxed into taking a gun to their own heads and then, pulling the trigger. In other words, to worship their own destruction, for the pleasure of piglike pimps, slave drivers. And this is very self-evident isn't it?

- The issue with that, as I said in my 2nd comment, is that the promotion of these "destroy me and my society" comes from the slave drivers themselves, the oligarchs -- in France, this is former Vichy fascists.

That's post-modernism. Spawned out of Nazi destruktion philosophy (Heidegger et al), to romanticize socio-economic nihilism (the speculative, post-industrial race to the bottom), and its obvious cultural correlates, the destruction of self-image and human relations.

- Well, God gave us all the ability for rationality and higher consciousness, and he expects us to use them, as He makes clear throughout the Scriptures. And He doesn't want anyone to be degraded down to the level of beast, for the pleasure of slave drivers, pimps, oligarchs.

His ideal for man and woman is very well expressed throughout the entire Bible, but a very good example is that of Sarah and Tobiah -- side by side, equals, enlightened by grace, in perfect harmony before the Creator.

- [2] Death and slavery aren't sexy, but oligarchs demand that people think otherwise. So, it's no coincidence that this springs out of post-modernism, a very vile oligarchic demand for universal degradation. On the economic front, the fruits of this are arrested development, deindustrialization, wild speculation, assett stripping. On the social and cultural levels, people are degraded to the status of inferior beasts, ready for a meat grinder of socio-economic dehumanization and, indeed, slavery.

**_hirley McCune – Infiltrar e manipular comunidade com Delphi**

Shirley McCune, new ager fascista, terrorista cultural, agentur e facilitadora. Shirley McCune, autora new age, co-autora de livros sobre reforma educativa e temas associados de terrorismo cultural new age/UNESCO. Em 1986, publica "Guide to Strategic Planning for Educators", através da ASCD, Association for Supervision and Curriculum Development, uma franchise da NEA, National Education Association.

Mais teoria Delphi – facilitador como agentur e espião, para destruir a comunidade. Os "educadores", aqui quinta-colunistas new age, i.e. neo-nazis with a smile who meditate a lot, treinados em associações tipo NEA, são instruídos sobre como usar técnicas de infiltração (Delphi) para manipular os vários stakeholders e alterar radicalmente o sistema de educação, no sentido da sociedade planeada tecnofascista. (ver notas sobre Shirley McCune e educação, e sobre em geral. Ver também notas , as citações dos outros gurus fascistas em tudo isto)

Citações (a confirmar).

«*Change must be manifested at the local level and must be wanted—people must view change as their own and feel that it will help them achieve the future they value and desire*» (p 29) «*If time is taken to involve affected and interested parties (stakeholders), the plan will become their plan, implementation will be accelerated, and the potential for future conflict and disagreement will be reduced*» (p 37) «*Information about their* [stakeholders] *perceptions and expectations must be gathered carefully. It should be collected after stakeholders have had some opportunity to understand the larger societal changes and the options open to schools*» (p 45) «*Providing people with data* before *asking for their opinions and ideas about what schools should do leads to different responses and outcomes*» (p 59) «*Transformation is the process of shifting our basic assumptions and reorganizing our views of the world, our goals, and our behaviors*» (p 32) «*Strategic planning is a rational planning process, but it has strong psychological effects on an organization and the people involved in the process*» (p 32)

[Shirley McCune (1986). “Guide to Strategic Planning for Educators”, Association for Supervision and Curriculum Development, NEA]

## **SKINNER (1) – Beyond Freedom & Dignity**.

**Skinner (1971) – “Beyond Freedom and Dignity”**.

O bom professor Skinner, psicólogo de Harvard.

Bolsa do NIMH. Skinner recebe bolsa governamental de $283,000 para escrever “Beyond Freedom and Dignity” (1971). A 18 de Fevereiro de 1964, do NIMH (National Institute of Mental Health). Bolsa K6-MH 21755, a ser paga durante 10 anos.

**Skinner (1971) – Catástrofe maltusiana exige controlo comportamental**.

Com isto, Skinner demonstra a priori que obscurantismo é o seu millieu natural.

Tecnologia comportamental, para guiar e “salvar” a nave-mãe Terra.

«

» – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – “Valores: sociais e contextuais”**.

Cientistas comportamentais vão decidir sobre os valores. «
! " "
# »

Bom é o reforço positivo, mau é o reforço negativo – “cientificamente” determinado.
«$ % & % & ’
$ $
"

" " ( "
»

Valores culturais consistem em reforçadores colectivamente reconhecidos. «
"
$ "

" ) ) *
) ) » – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – Abandonar liberdade e dignidade, abraçar o soviete**.

Tudo o que está no caminho da utopia, são estas ideias de liberdade e dignidade.

.

. «
# " "
" +
,
" $

»

URSS é o modelo a seguir.

.

. «- .

$ "
/ 0 ( # "
» – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – A utopia comportamental**.

Utopia, engenharia social e cultural, eficiência máxima. Tecnologia comportamental pode estabelecer utopia [o lugar-nenhum]. Controlo consciente sobre evolução, engenharia de sociedade e cultura. Comportamento humano tem de ser condicionado por uma elite. O homem tem de assumir controlo total sobre a sua evolução pelo desenho consciente de toda a cultura. O comportamento humano seria moldado para obter máxima eficiência.

“Tecnologia comportamental **vai** criar a utopia”. « ,
»

Cultura e valores: decididos por cientistas comportamentais. «$
»

Homem: torna-se um andróide gerido por terceiros. O "homem autónomo" é abandonado e passa a ser gerido pelo ambiente e por outros homens – cientistas comportamentais e respectivos empregadores. «*1*

*"* »

Homem: treinado para ser bem comportado. «*$*

»

Homem: comportamento planeado, monitorizado, controlado. É preciso e desejável planear e submeter a controlo estrito tudo aquilo que os seres humanos fazem.

Homem: programado com inputs para produzir outputs. Este é o papel da educação-treino, para a economia global gerida por comportamentalistas perturbados.

Homem: treinado com o computador, a "teaching machine". Skinner chamou ao computador a sua "caixa", e disse que «*#*

»

Homem: actividade cognitiva mínima, orientada para a tarefa no ambiente. «*$ (*

*2*

*2 (*

*/*

*( ) )* » – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – A utopia comportamental – Sistemas de controlo**.

Ambiente: redesenhado como um hospício ou uma maternidade. «*$*

*" " ,*

*3 "*

*

*,*

*" "*

*" " "*

»

Oferecer veículos de dissipação.

*! " #* . «*4*

*5*

*" " "*

*( "*

*$ ,* +

B.F. Skinner. “Beyond Freedom and Dignity”.

A * "1 ; . "$ @ 3...*physical restraint—handcuffs, iron bars, forcible coercion*4

& B !

! 0 ! ! ! $ !

* "$

***"…a sort of control under which the controlled feel free*. *They are doing what they want to do, not what they are forced to do"***.

***"…there's no restraint and no revolt"***.

*"…**we control not the final behavior, but the inclination to behave— the motives, the desires, the wishes**"*.

***"By skillful planning… we increase the feeling of freedom"***

***"…a social structure which will satisfy the needs of everyone"***

3*It's what the science of behavior calls 'reinforcement theory.' The things that can happen to us fall into three classes. To some things we are indifferent. Other things we like—we want them to happen, and we take steps to make them happen again. Still other things we don't like—we don't want them to happen and we take steps to get rid of them or keep them from happening again… if it's in our power to create any of the situations which a person likes or to remove any situation he doesn't like, we can control his behavior. When he behaves as we want him to behave, we simply create a situation he likes, or remove one he doesn't like. As a result, the probability that he will behave that way again goes up, which is what we want. Technically it's called 'positive reinforcement.'… The old school made the amazing mistake of supposing that the reverse was true, that by removing a situation a person likes or setting up one he doesn't like—in other words by punishing him—it was possible to reduce the probability that he would behave in a given way again. That simply doesn't hold. It has been established beyond question. What is emerging at this critical stage in the evolution of society is a behavioral and cultural technology based on positive reinforcement alone.*

*"Now that we know how positive reinforcement works and why negative doesn't," he said at last, "we can be more deliberate, and hence more successful, in our cultural design.* ***We can achieve a sort of control under which the controlled, though they are following a code much more scrupulously than was ever the case under the old system, nevertheless feel free****.* ***They are doing what they want to do, not what they are forced to do****. That's the source of the tremendous power of positive reinforcement—* ***there's no restraint and no revolt****. By a careful design,* ***we control not the final behavior, but the inclination to behave— the motives, the desires, the wishes***4

3*…we make no use of force or the threat of force… By skillful planning, by a wise choice of techniques we **increase** the feeling of freedom*4

3*…a social structure which will satisfy the needs of everyone and in which everyone will want to observe the supporting code…*4

9 : ;<=>?@ *Walden Two.* % )

**É claro que, para actuar sobre necessidades, é preciso instigá-las antes**

- B

* 1

0 &0 *

&0 * $ *

$ ( *

**Walden Two – O uso de gradualismo, para gerir e reduzir expectativas**

# 0 B

, *

C * !

3*We undertook to build a tolerance for annoying experiences. The sunshine of midday is extremely painful if you come from a dark room, but take it in easy stages and you can avoid pain altogether.*

*The analogy can be misleading, but in much the same way it's possible to build a tolerance to painful or distasteful stimuli, or to frustration, or to situations which arouse fear, anger or rage. Society and nature throw these annoyances at the individual with no regard for the development of tolerances. Some achieve tolerances, most fail*4

9 : ;<=>?@ *Walden Two.* % )

**Walden Two – Despotismo silencioso, manipulativo, para escravizar espírito humano**

D ! + - 2 3*A modern, mechanized, managerial Machiavelli… An artist in power… whose greatest art is to conceal art. The silent despot*4

**SKINNER (3) – Materialismo dialéctico – Condicionamento operante**

**Skinner (1971) – Materialismo dialéctico**

Materialismo dialéctico, empirismo radical. A matéria forma a ideia, o corpo forma a mente, o contexto forma o indivíduo.

Circularidade, não-causalidade. Não existem causas, só funcionamento operante circular. «*The term "cause" is no longer common in sophisticated scientific writing…*»

Skinner reconhece que é **impossível** provar este paradigma. «*In what we may call the prescientific view (and the word is not necessarily pejorative) a person's behavior is at least to some extent his own achievement. He is free to deliberate, decide, and act, possibly in original ways, and he is to be given credit for his successes and blamed for his failures. In the scientific view (and the word is not necessarily honorific) a person's behavior is determined by a genetic endowment traceable to the evolutionary history of the species and by the environmental circumstances to which as an individual he has been exposed. Neither view can be proved, but it is in the nature of scientific inquiry that the evidence should shift in favor of the second*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – "Inexistência de cognição"**.

Abolir a mente – tudo o que fica é ambiente, genes, comportamento. «*We can… [turn] directly to the relation between behavior and the environment and neglecting supposed mediating states of mind…*»

Homem não tem cognição.

***Não pensa, não associa, não tem memória, etc***.

***Caixa de ressonância de genes e ambiente***. É uma mera caixa de ressonância de estímulos-resposta, operantes, e de respostas geneticamente determinadas.

«*When we say that a person discriminates between red and orange, we imply that discrimination is a kind of mental act… Similarly, we say that a person generalizes – say, from his own limited experience to the world at large – but all we see is that he responds to the world at large as he has learned to respond to his own small world. We say that a person forms a concept or an abstraction, but all we see is that certain kinds of contingencies of reinforcement have brought a response under the control of a single property of a stimulus. We say that a person recalls or remembers what he has seen or heard, but all we see is that the present occasion evokes a response, possibly in weakened or altered form, acquired on another occasion. We say that a person*

*associates one word with another, but all we observe is that one verbal stimulus evokes the response previously made to another. Rather than suppose that it is therefore autonomous man who discriminates, generalizes, forms concepts or abstractions, recalls or remembers, and associates, we can put matters in good order simply by noting that these terms do not refer to forms of behavior. Self-knowledge and self-control imply two selves in this sense. The self-knower is almost always a product of social contingencies, but the self that is known may come from other sources. The controlling self (the conscience or superego) is of social origin, but the controlled self is more likely to be the product of genetic susceptibilities to reinforcement (the id, or the Old Adam). The controlling self generally represents the interests of others, the controlled self the interests of the individual*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – "Abolição do homem interno"**.

Abolição do "homem autónomo interno".

***"A body with behavior… he may not seem to be a man at all"***.

***"What is being abolished is the autonomous inner man… His abolition has long been overdue… autonomous man has reached a dead end"***.

***"He is to be controlled by the world around him, and in large part by other men"***.

«*The picture which emerges from a scientific analysis is not of a body with a person inside, but of a body which is a person in the sense that it displays a complex repertoire of behavior. The picture is, of course, unfamiliar. The man thus portrayed is a stranger, and from the traditional point of view he may not seem to be a man at all… What is being abolished is the autonomous inner man… the man defended by the literatures of freedom and dignity. His abolition has long been overdue… He is henceforth to be controlled by the world around him, and in large part by other men… autonomous man… has reached a dead end…*» – Skinner, B.F. (1971). "Beyond Freedom & Dignity". NY: Bantam Books.

**Skinner (1971) – Materialismo dialéctico – Comportamento operante**.

Comportamento operante: acção voluntária, sujeito activo. Condicionamento operante refere-se a acção voluntária, por oposição a reflexos despoletados por estímulos. Ou seja, "cobaia" é sujeito activo, e não sujeito passivo [como sob Pavlov]. Tem de colaborar com o seu próprio processo de lavagem cerebral.

Comportamento operante: estímulos reforçantes. Aqueles que aumentam probabilidade de respostas operantes. Logo, todas as acções dirigidas para objectivos podiam ser

descritas em termos dos factores ambientais que as determinam, as “contingências de reforço”.

Comportamento operante – agir sobre ambiente para produzir consequências. «*Behavior which operates upon the environment to produce consequences ("operant" behavior) can be studied by arranging environments in which specific consequences are contingent upon it. The contingencies under investigation have become steadily more complex, and one by one they are taking over the explanatory functions previously assigned to personalities, states of mind, feelings, traits of character, purposes and intentions. The second result is practical: the environment can be manipulated*»

Comportamento operante: reforço positivo, reforço negativo. «*When a bit of behavior is followed by a certain kind of consequence, it is more likely to occur again, and a consequence having this effect is called a reinforcer… Some stimuli are called negative reinforcers; any response which reduces the intensity of such a stimulus – or ends it – is more likely to be emitted when the stimulus recurs. Thus, if a person escapes from a hot sun when he moves under cover, he is more likely to move under cover when the sun is again hot. The reduction in temperature reinforces the behavior it is "contingent upon" – that is, the behavior it follows. Operant conditioning also occurs when a person simply avoids a hot sun – when, roughly speaking, he escapes from the threat of a hot sun… Negative reinforcers are called aversive in the sense that they are the things organisms "turn away from." The term suggests a spatial separation – moving or running away from something – but the essential relation is temporal. In a standard apparatus used to study the process in the laboratory, an arbitrary response simply weakens an aversive stimulus or brings it to an end*» – Skinner, B.F. (1971). “Beyond Freedom & Dignity”. NY: Bantam Books.

**SKINNER – Symposium (1956)**.

**Skinner – Usar ciência para controlar comportamento**.

***Prever e controlar comportamento com uma tecnologia rigorosa***

*Science is steadily increasing our power to influence, change, mold – in a word, control – human behavior… can be used to predict and control behavior in a new, and increasingly rigorous, technology*

!
" # $ % & ' ( ) *+, ' -+-* ' " . -/
*012 */134*/22

**Skinner – Três áreas de acção – Controlo pessoal, educacional, governamental**

56 "

*Three broad areas of human behavior… personal control… person-to-person relationships in the family, among friends, in social and work groups, and in counseling and psychotherapy. Other fields are education and government*

$ 7 6 " 6 8 " .

***...é que tipos de controlo serão usados, e para que fins***

*The question of government in the broadest possible sense is not how freedom is to be preserved but what kinds of control are to be used and to what ends*

!
" # $ % & ' ( ) *+, ' -+-* ' " . -/
*012 */134*/22

**Skinner – Democracia, resistência a controlo, são inaceitáveis**

$ " 9 5 7

***Controlo do comportamento humano é impopular e desperta reacções emocionais.***

***É encarado como o trabalho do diabo.***

***As ameaças e punições do bully, e do governo, são mal encaradas, mesmo que tenham bons resultados.***

***As técnicas que Skinner gostaria de aplicar a crianças são vistas como lavagem cerebral***

***"We are quite unprepared to judge effective educational measures"***

*…the control of human behavior has always been unpopular. Any undisguised effort to control usually arouses emotional reactions… the prediction and control of individual behavior is regarded as little less than the work of the devil… The threats and punishments of the bully, like those of the government operating on the same plan, are not designed-whatever their success-to endear themselves to those who are controlled*

*More powerful techniques which bring about the same changes in behavior by manipulating external variables are decried as brainwashing or thought control. We are quite unprepared to judge effective educational measures*

:

***Filosofia e literatura democráticas exploram aversão humana a controlo***

***"…the ubiquity and ease of expression of this attitude spells trouble for any science which may give birth to a powerful technology of behavior"***

***"…these attitudes…have already interfered with the free exercise of a scientific analysis, and their influence threatens to assume more serious proportions"***

*Man's natural inclination to revolt against selfish control has been exploited to good purpose in what we call the philosophy and literature of democracy. The doctrine of the rights of man has been effective in arousing individuals to concerted action against governmental and religious tyranny. The literature which has had this effect has greatly extended the number of terms in our language which express reactions to the control of men. But the ubiquity and ease of expression of this attitude spells trouble for any science which may give birth to a powerful technology of behavior. Intelligent men and women, dominated by the humanistic philosophy of the past two centuries, cannot view with equanimity… the specter of predictable man"… We ourselves, as intelligent men and women, and as exponents of Western thought, share these attitudes. They have already interfered with the free exercise of a scientific analysis, and their influence threatens to assume more serious proportions*

!

" # $ % & ' ( ) *+, ' -+-* ' " . -/
*012 */134*/22

**Skinner – Homem tem de se libertar do seu sentido ético**

*The productivity of any set of conditions can be evaluated only when we have freed ourselves of the attitudes which have been generated in us as members of an ethical group*

!
" # $ % & ' ( ) *+, ' -+-* ' " . -/
*012 */134*/22

**Skinner – Complexo de inferioridade – Sabedoria e bondade**

*A world in which people are wise and good without trying, without "having to be," without "choosing to be," could conceivably be a far better world for everyone. In such a world we should not have to "give anyone credit"-we should not need to admire anyone-for being wise and good*

!
" # $ % & ' ( ) *+, ' -+-* ' " . -/
*012 */134*/22

**SOCIALIZAÇÃO – Linguagem consensual**.

**Linguagem consensual – Empobrecimento discursivo**.

Linguagem em si é destruída. Ao mesmo tempo que a linguagem, a comunicação, se torna o foco da atenção, a linguagem em si é destruída.

Linguagem rica e expressiva é um pecado social, uma excentricidade. Num ambiente consensual, onde todos têm de ser iguais e ninguém pode ser ofendido, uma linguagem rica e expressiva, que saiba expressar raciocínios e pensamento lógico; ou ter um léxico preenchido; estas coisas tornam-se sinónimos de elitismo, excentricidades, pecados sociais.

MDC: linguagem estéril, information-speak sentimentalóide. O que fica é uma linguagem comprometida, artificial, politicamente correcta, vazia, estéril. Centrada em pura transmissão acrítica de informação. Todas as palavras que são ditas são medidas em termos do impacto emocional que vão ter nos outros.

Exemplos de formas iletradas. Ou seja, formas iletradas: Orwellian run-on, teleprompterese, information-speak, o tipo de linguagem que seria falada por robots Terceira Vaga.

**Linguagem consensual – Subjectividade e sentimentos**.

A linguagem do consenso: sentimentos reificados.

***A morte do conteúdo***. Já não é verdade ou mentira, certo ou errado, facto ou fantasia, que interessam. Essas distinções deixaram de existir. Tudo são opiniões e sentimentos. As ideias e a razão são colocadas de parte e os sentimentos são reificados.

***A forma é tudo o que interessa***. Quando o conteúdo morre, a forma é tudo o que interessa. Ou seja, já não é propriamente o que é dito que interessa, é mais a forma como é dito. A eficácia da linguagem.

***Linguagem eficaz – a linguagem do vendedor***. Ser linguagem popular, apelativa, atraente, carismática. Ter capacidades de comunicação. A linguagem do vendedor. Ou seja: vende-me aquilo que quiseres, mas faz-me sentir bem durante a venda.

**Linguagem consensual – O cínico, o gelatinoso, e o seguidor**.

Modelos sociais do jogo de ancas – o cínico e o gelatinoso. O jogo de ancas ganha predominância. O modelo a seguir, no grupo social, vai ser o indivíduo com mais

proficiência neste tipo de linguagem – aquele que consegue tratar tudo como sendo opiniões e sentimentos, e que consegue encontrar o compromisso em tudo. É claro que tudo isto vai encontrar a sua expressão na sociedade em geral.

***Alpha – O cínico***. O cínico, que sabe manipular as palavras e o discurso, que diz ao público aquilo que o público quer ouvir.

***Alpha – A pessoa morna, porém carismática e aparentemente sensata***. A pessoa gelatinosa, sem consciência ou espinha dorsal, que não tem posições estabelecidas para nada, mas consegue ser convincente – e até parecer sensata, porque consegue sempre alcançar o meio termo por forma a mediar discussões. Ou seja, a pessa morna, que procura estar de bem com Deus e com o diabo.

***Beta – O seguidor acrítico e auto-ajustado***. Que cheira sempre o vento e adapta-se sem problemas a cada mudança de circunstâncias. Que absorve as novas tendências e mudanças por osmose.

Criança torna-se acrítica e aceita mentiras sexy. Já não é verdade ou falsidade que interessa. Mentiras, distorções, ataques ad hominem, tentativas de silenciar perspectivas contrárias; tudo isto são estratégias que são perfeitamente satisfatórias e encaradas acriticamente. Tudo isto passa se for dito de um modo convincente, por uma pessoa que transmita carisma e auto-confiança. A criança aprende a ser mentirosa e a aceitar mentiras nos outros.

**Linguagem consensual – Sherlock Holmes não era um filósofo dialéctico**. Isto é algo como as conversas que Conan Doyle colocou na sua série de Sherlock Holmes. Watson chegaria a Sherlock e diria qualquer coisa como "Oh! Um cavalheiro dessa reputação, criminoso? Impensável! Isso é só a tua opinião, recuso-me a acreditar que seja verdade!", e Sherlock responderia «Sim, o cavalheiro de reputação é o assassino e isso é elementar pelas provas, pelos factos, meu caro Watson; e aqui não interessam os teus sentimentos, nem as tuas emoções, nem as tuas energias positivas, nem a verdade do teu coração – mas sim, os factos. E também não são os sentimentos da aldeia, nem o consenso da aldeia, nem a tua aceitação social na aldeia – mas sim e sempre, os factos. Portanto, vamos pegar no cavalheiro de reputação e metê-lo na cadeia, antes que apareçam mais raparigas estripadas».

---

Socialização leva a mudança de comportamento (Benne). «*...the specific goal is not an achievement goal per se but is rather a socialization goal which must be reached before the achievement goal can be adequately facilitated*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

O indivíduo é reinventado no grupo (Lewin) – Valores, crenças.

***É mais fácil mudar indivíduos-no-grupo, que isolados – indivíduo segue o grupo***. «*It is usually easier to change individuals formed into a group than to change any one of them separately*» – Kurt Lewin (1951). "Field Theory in Social Science". NY: Harper.

***Aceitação de novo sistema de valores e crenças no ingroup***.

***O indivíduo é reinventado quando aceita pertença ao grupo***.

***O sentimento de pertença facilita a conversão***.

«*Creation of an In-Group and the Acceptance of a New Value System… the relation between change in perception, acceptance, and group belongingness… One of the outstanding means used today for bringing about acceptance in reeducation… is the establishment of what is called an "in-group," i.e., a group in which the members feel belongingness…* ***The individual accepts the new system of values and beliefs by accepting belongingness to a group****… The chances for re-education seem to be increased whenever a strong we-feeling is created. The establishment of this feeling that everybody is in the same boat, has gone through the same difficulties, and speaks the same language… a feeling of complete freedom and a heightened group identification… This principle of in-grouping makes understandable why complete acceptance of previously rejected facts can be achieved best through the discovery of these facts by the group members themselves. Then, and frequently only then, do the facts become really* ***their*** *facts (as against other people's facts). An individual will believe facts he himself has discovered in the same way that he believes in himself or in his group… The acceptance of the new system is linked with the acceptance of a specific group, a particular role, a definite source of authority as new points of reference*»

Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

! " # $

%

Entidade – “we”, “thing” –, coesão, ingroup-outgroup (NTL, 1972). «*…the T Group… quickly becomes a social reality and is referred to as an entity. Individuals may already refer to the T Group as "we" and "our group" during the first meeting. Invariably, participants after the first session share experiences with those of other groups and in their comments show identification with the group as a "thing." Often comparisons with other groups in the first feedback session carry a tone of intergroup competition… in the process the group gradually becomes a more integrated and emotionally cohesive system to which the members have greater commitment*» –“Laboratories in Human Relations Training”, C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

Toda a gente renasce conjuntamente no grupo, cria realidade (Yalom). «*One of the most fascinating aspects of group therapy is that everyone is born again, born together in the group…he [person] bears the responsibility for the creation of his world, and therefore, the responsibility for the transmutation of this world*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

O grupo estabelece a sua realidade (Schein & Bennis). «*…the delegates… find things out for themselves… create order… establish identities, norms and a sense of community… we can look at laboratory training as the formation of a community… (32) Feedback is an essential ingredient or all laboratory training activities... feedback should be based on publicly observed and experienced behavior… the process of feedback, a mechanism that helps the group to establish reality. (42-3)… The values…of laboratory training… we will be concerned with an attitude – an orientation toward truth and discovery, which we will term a “spirit of inquiry” (30)… the main product is the development of inquiry (329)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

& ’ ( ) #* + , .

TIHR, BPS, T-Group. Wilfred Ruprecht Bion, psicanalista e grupanalista britânico [raízes alemãs, como habitual]. Presidente da British Psychoanalytical Society, de 1962 a 1965. Bion preside ao Planning Committee que reorganiza o TIMH no Tavistock Institute of Human Relations. Pioneiro em dinâmicas de grupo, é um dos homens que desenvolve o T-Group, o “Tavistock group”.

Escreve “Experiences in Groups”. O seu livro, “Experiences in Groups” (1961), torna-se um manual de referência para psicoterapia de grupo e para o movimento de grupos de encontro, que começa nos 1960s.

Grupo é essencial para indivíduo. «*I consider that group mental life is essential to the full life of the individual… and that satisfaction of this need has to be sought through membership of a group*» (1961:54) «*…in fact no individual, however isolated in time and space, should be regarded as outside of a group or lacking in active manifestations of group psychology*» (1961:169) Bion, W. R. (1961). "Experiences in Groups". London: Tavistock Publications.

Grupo é uma entidade viva e orgânica. O grupo não é uma colecção de indivíduos, mas sim uma entidade viva em si mesma; o indivíduo depende do grupo para a sua vida mental, e o grupo está sempre presente e entrelação na experiência humana; o grupo é tanto um objecto externo como um elemento psicológico activo na psique individual.

Grupo é a Grande Mãe colectiva. Na mente individual, o grupo ganha a configuração de uma figura materna; é o regresso ao abraço maternal, onde existe segurança, estrutura, envolvência total, significado. Na mente individual, o grupo evoca «*primitive phantasies about the contents of the mother's body*», mas é claro que isto também evoca receios no grupo, e os mecanismos que são evocados para lidar com estes receios «*are characteristic of the paranoid-schizoid position*» (1961:162). [Ou seja, o processo neurótico de Freud, onde a fratria regula o acto de incesto com a figura matriarcal?]

Grupo dá a realidade e a verdade ao membro. Tal como o bebé depende da presença maternal para o desenvolvimento da função-α, que permite tradução e inteligibilidade dos conteúdos "pré-conscientes", também o grupo, por extensão, vai oferecer essa experiência ao indivíduo – o grupo é o cenário onde o indivíduo descobre a verdade e desenvolve as suas capacidades mentais, numa grande orgia experiencial colectiva. Mas, ao mesmo tempo, o grupo é também o "container" dessa verdade; o indivíduo acede à verdade experiencial que é uma dimensão imanente ao grupo. Para Bion, a mente é desenvolvida a partir de exposição a verdade. A fundação de ambas as dimensões (desenvolvimento mental e verdade) reside na experiência emocional – individual e partilhada. Ou seja, a verdade é experiencial, materialisticamente baseada e dialéctica.

**$ % -$ $ -$ . $$ # -**
**$ $ / # + $ + $.**

O grupo é a gestalt-deusa, a fonte e a raíz da verdade. O pensamento indutivo, quando usado na sala de aula para resolver questões sociais, produz uma totalidade – uma gestalt, uma configuração proto-divina aos olhos da criança – onde o grupo passa a ser visto pelo criança como a fonte e raíz da verdade; o trabalho colectivo descobre a verdade e encontra soluções.

"Resistência" é um vício, um pecado social (Benne). «*It must develop persons who see non-influenceability of private convictions in joint deliberations as a vice rather than a virtue… democratic planning for change must be anti-individualistic… the ideal of the*

*group… consensus in decision*» “Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development”. Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Confissão e redenção. A pessoa confessa-se ao grupo, para obter redenção dos seus pecados sociais.

Salvação e conversão social. A salvação é social e vem na forma de conversão social.

A lei social. Aprende as leis de elaboração do social.

Evolução social, por graus e degraus. Tentativa de imitar a Escada de Jacob.

Moreno – “Religião antiga”. «*…the origins of my work go back to the primitive religions and my objectives were the setting up and promoting of a new cultural order*» – J. L. Moreno (1953). “Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama”. Beacon House.

Schein & Bennis.

***Fé no grupo, no social***. Desenvolve fé no grupo e na sociedade – «*faith in self, others, and groups*» (37)

***L-groups***. «*Thus, we view T-groups as learning groups and wish they were called L-groups instead of T-groups (328)*»

***Bethel, a montanha mágica***. «*It is probably no accident that the first laboratory at Bethel, Maine, took place in a remote, country setting. And Arden House, located at the very top of a small mountain, is sometimes compared to The Magic Mountain where time stood still and introspection ruled. These place-names, Bethel and Arden House, have even become the label for the laboratory experience, objectifying the culture of laboratory training. So we hear people say, "I've been to Arden House," or "I’ve been to Bethel,” as if that conveys the essence of laboratory training. Perhaps it does… there may be a community room where delegates and staff gather to exchange stories and lore, to sing, to chatter, to drink beer. People room together and share meals together. There is a community newspaper. Rituals emerge. A shared language is developed. One day feels like one month and chronological time seems unrelated to psychological time. Above all, still inexplicably, a sense of community forms, possibly out of confronting and sharing in the crisis of a community participating in its own birth… Quite often outside newspapers go unread and radio and TV stations go unattended. It is as if the community is taking on a life of its own, with all the provincialism of a small village (51)*»

***Aprendizes de feiticeiro***. «*Psychiatrists, clinical psychologists, or other individually-centered therapists accuse laboratory training staff of "irresponsibility," of "doing therapy without knowing it," of being "Sorcerer's Apprentices," of adding needless pathological elements by setting off explosive and dangerous anxieties without the*

*knowledge or competence to deal with them." Staff are accused of being "therapists in disguise" and possibly doing untold damage to their clients, most of all, by causing or activating acting-out neuroses of various kinds (330)*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Lewin (1945) – Lewin gostaria de converter Cristo em Marx.

***[Cristo era um carpinteiro; Marx era um relojoeiro]***. «*From this viewpoint, even the re-education of a carpenter who is to become a watchmaker is not merely a matter of teaching the carpenter a set, of new watchmaking skills. Before he can become a watchmaker, the carpenter, in addition to the learning of a set of new skills, will have to acquire a new system of habits, standards, and values-the standards and values which characterize the thinking and behavior of watchmakers. At least, this is what he will have to do before he can function successfully as a watchmaker*» Kurt Lewin & Paul Grabbe (1945). "Conduct, Knowledge, and Acceptance of New Values". Journal of Social Issues, 1(3), 53-64.

**. $$0 $ , # $ %.**

Confissões para group-bonding. Nos países comunistas, os estudantes tinham de "confessar" os seus pensamentos e sentimentos nos seus respectivos grupos. O grupo tem de ser um espaço confessionário, onde as pessoas investem os seus sentimentos, o que resulta em dependência do grupo.

Investimento emocional dificulta questionamento do grupo (Yalom). «*...once an individual invests considerable emotion and time in a group... it becomes difficult to question the value or activities of the group...*» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

**$ $ .**

O grupo é a fonte e a raíz da verdade. O pensamento indutivo, quando usado na sala de aula para resolver questões sociais, produz uma totalidade – uma gestalt, uma configuração proto-divina aos olhos da criança – onde o grupo passa a ser visto pelo criança como a fonte e raíz da verdade; o trabalho colectivo descobre a verdade e encontra soluções.

Sanidade é adaptação. Ajustamento cognitivo ao superego grupal. Liberdade substituída por auto-controlo de pensamento, auto-censura. O critério de validade de um "ponto de vista" é a aceitação do grupo: "*Será que o grupo vai aceitar? Será que esta opinião é socialmente aceitável?*". Portanto, pontos de vista, opiniões e até percepções, são filtrados pela óptica do grupo. Ou seja, imitação conformativa. "*A mim pareceu-me que*

*X, mas o grupo diz que Y – portanto, Y está correcto, e eu tenho de mudar X. Sanidade mental torna-se sinónimo de adaptação*".

Manter sanidade implica papel social, utilidade social (Bronner). «*...subjective freedom is a social phenomenon… maintaining sanity depends upon the ability of the individual to fill a social role and affirm his or her fullest potential*» – Stephen Eric Bronner (2002). Of Critical Theory and Its Theorists. Routledge.

Verdade colectiva no aqui e no agora. Não tem nada a ver com procura real de qualquer verdade factual e empiricamente demonstrável. É o processo. O "inquérito" é um inquérito de opiniões, sentimentos e pontos de vista, que pretende chegar a pontos comuns e consensuais, e são estes conteúdos finais, processados, que são "a verdade" – a verdade colectiva, no aqui e no agora.

**$ %1 2 $ %.**

Superego social no lugar de uma consciência – Consciência social. É isto que se pretende dizer quando se fala de "consciência social". Antes do processo, o critério era ouvir a consciência individual – após o processo, propósito é anular consciência individual em nome de consciência de grupo, consciência social.

"Lavagem" do pensamento e do discurso. O pensamento individual e o discurso livre são "lavados" e substituídos por opiniões predefinidas e politicamente correctas, colectivamente partilhadas.

Um acto de auto-brutalização – Anulação do discurso, da mente e da consciência. Um acto de auto-brutalização e degeneração moral. Este é um acto horrível de violência auto-infligida, onde a pessoa brutaliza a sua própria mente e a sua própria consciência, em nome de adaptação ao ambiente. Auto-censura e destruição da espontaneidade e da criatividade individual.

Pessoas sem voz, sem ideias próprias, com opiniões consensuais.

**, % ( % .**

Consenso destrói sociabilidade. Isto [anterior] reflecte um ponto essencial deste processo de consenso/colectivização. Não constrói sociabilidade.

Sociabilidade baseia-se em bons valores – Processo em ajustamento. Sociabilidade é construída com base em bons valores, empatia, generosidade, bondade. O processo de consenso é construído com base em imitação, ajustamento, conformidade. Sociabilidade está centrada em cultivar boas relações entre indivíduos, em prestar serviço ao próximo e edificá-lo.

Socialização alicerçada em cobardia, cinismo e degeneração moral. O processo está construído em ajustamento forçado, degradação moral, cobardia e cinismo.

**$ $ 3 4 / .**

TODOS têm de participar (Benne). «*It is the faith of the democrat that no conflict… is fully resolved until all have come, through deliberation, to accept the resolution as their own. The best common action on this view must involve the minds and purposes of those engaged in it as well as their bodily efforts. The methods of democratic co-operation are thus oriented, as we have stressed before, to the utilization of all available human resources — resources of purpose, experience, and insight in the planning, the execution, and the evaluation of common action… full utilization of human resources in the guidance of common action… The ideal of democratic deliberation is an intelligent and uncoerced consensus concerning what should be done. This consensus will attempt to incorporate the valid insights and values of all parties in the conflict. The validity of these various insights and values is to be tested by the common study, deliberation, and discussion of the group and ultimately by the consequences of the common plan as it works out in action and as these consequences are evaluated by the common judgment of the group. It cannot be stressed too emphatically that the ideal goal of democratic co-operation is a consensus in the group concerning what should be done — a consensus based on and sustained by the deliberation of the group in the planning, execution, and evaluation of the common action of the group… no other method of social control depends so centrally for its effective working-out upon the habituation and responsible discipline of all of its members in conscious methods of deliberation and discussion*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

**5 $$/ 6 %$ $ $.**

Impor pensamento colectivo, eliminar individualismo – é "intolerante". Eliminar o individualismo e as "atitudes intolerantes" que podem trazer "conflito e divisão".

Insultos marxistas para os "resistentes". São anti-democráticos, autoritários, intransigentes, irrealistas, etc.

"Resistência" é um vício, um pecado social (Benne). «*It must develop persons who see non-influenceability of private convictions in joint deliberations as a vice rather than a virtue… democratic planning for change must be anti-individualistic… the ideal of the group… consensus in decision*» "Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

) % % 7 %/

MDC. Também funciona o princípio sempre presente da descida ao MDC.

Imposição de paranóia relacional e avaliação constante. Paranóia e hiper-sensibilidade comportamental – desconfiança.

***Avaliação constante de sinais – Insectismo***. Avaliação constante das opiniões e percepções dos outros, e dependência das mesmas para auto-imagem, porque é isso mesmo que acontece entre insectos sociais. Insectos sociais trocam constantemente sinais entre si.

Pessoa não ofende grupo com posição contrária. Quando a pessoa está ligada e dependente do grupo, e treinada nas novas regras relacionais, poucos se atrevem a "ofender" a maioria por tomarem uma posição contrária.

Esterilidade, insinceridade, falsidade.

Violência, auto e hetero-infligida – não-sociabilidade. Ambiente humano marcado por mesquinhez, cinismo, crueldade. Des-sociabilidade.

%$ "- %# % 8 # * $2 .

Investimento no grupo. A pessoa investiu a sua alma e a sua existência no grupo, no social, com consequente anulação da consciência e substituição pelo ponto de vista – pela óptica – social.

"O grupo tem sempre razão". "Porque é que algo é assim? Porque o grupo diz que sim".

"Dissidentes": Pecadores sociais a ser convertidos.

***Indignação inquisitorial genuína – "anti-intolerância"***. Como é possível alguém ir contra, estar contra, a verdade social? Isso é uma atitude elitista, arrogante, anti-democrática, intolerante.

***Criminosos de pensamento, anti-democráticos e intolerantes***. O dissidente está a portar-se mal. É exigida submissão ao grupo. O mote simpático: "O que é que o grupo vai pensar?". O mote antipático: "Não concordas? Como é que te atreves a não concordar?".

***Podes pensar como quiseres, desde que penses como nós***.

***Conversão social – violência e persuasão***. A pessoa tem de ser trabalhada, em nome do grupo. Violência ou coerção [é o que temos no bullying e no mobbing]. Persuasão.

***Exclusão, crucificação, queimar o dissidente***. Se o resistente persiste na sua resistência, tem de ser exilado, crucificado, queimado, etc.

“Intolerância é tolerância”. “Tolerância” é um bom exemplo do modo como a linguagem foi distorcida. Tolerância está nos actos: uma pessoa intolerante é alguém que age – agir, acção – com base em preconceitos. A redefinição marxista é a forma mais extrema de intolerância, onde uma pessoa se julga no direito de policiar o pensamento da outra, e de a tentar mudar à força. Ou seja, reflecte um paradoxo lógico bem ao gosto da filosofia dialéctica marxista: Intolerância é tolerância. É preciso ser intolerante para ser intolerante.

[Ensaio de Marcuse sobre a “nova tolerância”].

**SPIRKIN – Dialéctica – O “salto” evolutivo e o “salto” revolucionário**.

Usando boa velha linguagem naturalista, Spirkin explica evolução e revolução.

O “salto” no desenvolvimento.

“*Transition… breakup of the old and the birth of the new*”

“A *spontaneous discharge of mounting tension*”.

“*… a unity of destruction and renewal*”.

«*The process of radical change of quality, the breakup of the old and the birth of the new is what we mean by a "leap"… The transition from an old to a new quality involves a leap—a break in the gradualness of development… Discontinuity in a system's development indicates its transition to a new quality… A leap is a spontaneous discharge of mounting tension, a resolving of contradictions… The passage of a phenomenon from one qualitative state to another is… a unity of destruction and renewal…*»

O “salto” na revolução social.

«*The social revolution is a special kind of leap, characteristic of social development… two basic forms of leap take place in the process of development. A leap may be momentary in time, that is to say, a sharp transition from one quality to another, and it may also be a process of a certain duration… Leaps of the first kind have sharply defined frontiers, great intensity, and high velocity in the process of transition; they signify an all-embracing reorganisation of the whole system at a single stroke… the political revolution in society. But political and particularly social revolutions rarely take place in the form of a one-off destruction of the old and construction of the new. The transition may not necessarily be clearly expressed, there may be intermediate stages combining the old and the new*»

A. Spirkin, Quality and Quantity, *in* “Dialectical Materialism”.

**STALIN – Quantidade e qualidade – Espiral – Resolução de contradições**.

Transformação de quantidade em qualidade. Pequenas e graduais mudanças quantitativas levam a saltos qualitativos, mudança de estado.

Espiral – processo contínuo e ascendente.

Desenvolvimento ocorre com síntese e resolução de contradições.

«...

» Joseph Stalin, *!* [ensaio]

**STW – Da URSS para a UNESCO (1986)**.

Formação contínua e STW.

Ideias UNESCO, inspiradas nos sistemas marxistas – URSS, Jugoslávia, China.

Materialismo dialéctico puro – doutrinação individual ao longo de toda a vida.

Universidade de Moscovo prepara programa STW (1986). Em 1986, a Universidade de Moscovo, em colaboração com a Progress Publishing Co., (Moscovo), elabora todo um programa de reforma educativa, coordenando school-to-work, o ensino com o trabalho.

Programa torna-se base de trabalho para UNESCO. O programa torna-se a base para todos os programas posteriores, orientados e coordenados pela Unesco.

**STW – Lerner & Hillary – Carnegie-Tucker**.

**Michael Lerner (1973) – STW – Educação na "our socialist community"**.

Michael Lerner vem mais tarde a tornar-se conselheiro importante para Hillary Clinton.

"Education will be radically transformed in our socialist community".

***"Basic skills will be taught… There will be no grading, but comprehensive reports on each youngster's development".***

***"A key element will be helping young people learn how to work and act together".***

***"Learning skills, for first set of jobs, this will be repeated as jobs are rotated"***.

«*...we can adopt the slogan that workers and students used in the 1968 French rebellions: All Power to the Imagination. Education will be radically transformed in our socialist community… While basic skills will be taught, the greatest energies will be placed on allowing students to develop their talents by exposing them to the greatest possible range of creative activities. There will be no grading, but comprehensive reports on each youngster's development. A key element will be helping young people learn how to work and act together, at the same time respecting each person's individuality and uniqueness. Particularly in the elementary school, there will be no pressure on people to learn isolated facts about the world: the main emphasis will be on learning how to play, how to create, how to be an individual, and how to live and work collectively… The next level is learning some series of skills, for one's first set of jobs, and this learning will be repeated periodically as jobs are rotated...*» – Michael Lerner (1973). "The new socialist revolution: an introduction to its theory and strategy". Delacorte Press.

**Hillary Clinton, "It takes a village"**.

A ideia colectivista.

Toda a vida é social, e os pais têm de vender a criança à aldeia, basicamente. Hillary Rodham Clinton (1996). "It Takes a Village: And Other Lessons Children Teach Us".

**"Dear Hillary" (1992)**.

Marc Tucker, do NCEE/Carnegie. Presidente do National Center on Education and the Economy (NCEE, instituto estabelecido pela Carnegie Corporation).

“Dear Hillary letter”. November 11, 1992.

Fala em nome de Rockefeller e outros. «*...utter delight that you [won] pervades all the circles in which I move… I met last Wednesday in David Rockefeller's office with him, John Sculley, Dave Barram and David Haselkorn. It was a great celebration… The subject we were discussing was what you and Bill should do now about education, training and labor market policy*»

Alguma da linguagem utilizada. «*Public Choice Technology, Integrated Health and Human Services, Curriculum Resources, High Performance Management, Professional Development and Research and Development*»

**“Dear Hillary” (1992) – Lifelong HR development system**.

Remoldar completamente o sistema educativo.

***“Remold entire system into HR development system”.***

***“A seamless web that literally extends cradle to grave”.***

***“National system of skills standards… a coherent, unified training system”.***

***“Defined in part by employers, who will make decisions about hiring, advancement”***.

«*...remold the entire American system [into] a human resources development system… What is essential is that we create a seamless web… that literally extends from cradle to grave and is the same system for everyone — young and old, poor and rich, worker and full-time student… initiatives on dislocated workers, a rebuilt employment service and a new system of labor market boards… The national system of skills standards establishes the basis for the development of a coherent, unified training system. That system can be accessed by students coming out of high school, employed adults who want to improve their prospects, unemployed adults who are dislocated and others who lack the basic skills required to get out of poverty. But it is all the same system… It is a system for everyone, just as all the parts of the system already described are for everyone… The skills they acquire are world class, clear and defined in part by the employers who will make decisions about hiring and advancement*»

Sovietes educacionais.

***Empregadores, sindicalistas, educadores, ONGs***.

«*Local labor market boards to involve leading employers, labor representatives, educators and advocacy group leaders in running the redesigned employment service, running intake system for all clients, counseling all clients, maintaining the information system that will make the vendor market efficient and organizing employers to provide job experience and training slots for school youth and adult trainees*»

**"Dear Hillary" (1992) – Sistema de dados informatizado**.

Labor market information system. O plano inclui usar uma base de dados informatizada, «*a labor market information system*», para onde seja digitalizada toda a informação sobre todas as crianças e respectivas famílias, identificadas pelo número de segurança social.

Dados académicos, médicos, mentais, psicológicos, comportamentais, etc. Estamos a falar de dados académicos, médicos, mentais, psicológicos, comportamentais, bem como os resultados de interrogações por parte de psicólogos.

A base de dados fica disponível à escola, ao governo, e a futuros empregadores.

Job matching, bases de dados integradas. «*…job matching… [will be handled by counselors] accessing the integrated computer-based program*»

**"Dear Hillary" (1992) – Serviço comunitário e estágios**.

Serviço comunitário é um ingrediente essencial. «*Loans, which can be forgiven for public service, are available for additional education beyond that*»

Sistema de estágios, estatuto de aprendiz. «*...an apprenticeship system as the keystone of a strategy for putting a whole new postsecondary training system in place*»

**"Dear Hillary" (1992) – Vender a ideia, obter consenso**.

Vender a ideia e obter consenso.

***Visão difícil de vender***.

***"Getting consensus... Radical changes in attitudes, values, beliefs"***.

«*...this vision is very complex, will take a long time to sell, and will have to be revised many times along the way… Trying to ram it [system] down everyone's throat would engender overwhelming opposition. Our idea is to draft legislation that would offer an opportunity for those states — and selected large cities — that are excited about this set of ideas to come forward and join with each other and with the federal government in an alliance to do the necessary design work and actually deliver the needed services on a fast track… Getting Consensus on the Vision… Radical changes in attitudes, values and beliefs are required to move any combination of these agendas*»

**STW – Percurso STW para a economia global**

**Percurso STW (1) – Treino para a economia global – A linguagem utilizada**

STW – "Public Choice" – "High Performance Management", etc. «

»

**Percurso STW (2) – Definição TQM de um programa curricular**.

Sistema TQM: PPP determina futuro da criança.

***Parceria: escola, governo, centro de educação, empresa***. Parceria entre escola, governo local-global, centro de educação e empresa decidem futuro da criança, com base em Total Quality Management.

***Sistema de quotas***. De acordo com as necessidades da economia local. Quantos e quais empregos estão planeados para a economia, do local ao global – o sistema de quotas.

***Ultra-especialização psicologizada de competências***. Quais as aptidões de base da criança, com base em testes psicológicos – quais competências desenvolver, em que vocação.

***Estágios sub ou não-remunerados***. Durante o percurso escolar, a criança oferece trabalho escravo à empresa – estágio não-remunerado ou sub-remunerado.

TQM – Critérios globais de "qualidade". Códigos ISO e similares. Mais cedo ou mais tarde, coordenados directamente pelo ministério global da educação, que será a UNESCO ou uma instituição derivada.

**Percurso STW (3) – Educação não-graduada – Avaliação social**.

Educação não-graduada. Educação tenderá cada vez mais a ser não-graduada. Desde que a pessoa saiba fazer as coisas básicas que terá a fazer, tudo estará bem – faz parte do treino minimalista de competências aqui implicado.

Avaliação social.

***Pessoa incluída ou excluída de outras formas***. Por meio de cartas de referências, por exemplo. O sistema tornar-se-á cada vez mais um sistema de distribuição de privilégios, como era na Idade Média, ou como é nos sistemas comunistas. Se for visto que não é tecnicamente capaz, será simplesmente guiada para escolher outra área vocacional.

***Demonstração de crenças, valores, atitudes, apropriados***. O crux da questão, e do julgamento, estará na demonstração de crenças, atitudes, comportamentos, valores, apropriados.

***Reeducação, ou eliminação do corpo social***. O indivíduo que não seja socialmente adequado, que não seja o bom denizen da utopia social, vai ser simplesmente reeducado ou, falhando isso, será deitado fora.

**Percurso STW (4) – Dang'an e alocação na economia**.

Alocação por quotas na economia, pelo centro de emprego. Depois, o produto escolar – o aluno – é destacado para um posto na economia global pelo centro de emprego.

Dang'an, perfis individuais detalhados.

***Ficheiros permanentes sobre o invidíduo***. Perfil de competências, organizado por créditos educacionais. Necessidades de formação. História de vida. História educacional e profissional. Perfil de personalidade e de carácter. Dados de cadastro. E, mais cedo ou mais tarde, uma forma de cadastro social: a pessoa tem um passado anti-social? Crenças estranhas, obsoletas, ou polémicas?

***Acesso: Empregadores e autoridades locais/comunitárias***.

***Empregabilidade vai, claro, depender deste dang'an***.

**Percurso STW (5) – "Sociedade educativa", formação contínua, reeducação**.

Formação contínua – e contínua significa contínua. Ao longo de toda a vida, da pré-primária ao lar de 3ª idade.

Trabalho comunitário – Na nova sociedade, todos trabalham para a comunidade. Na nova sociedade, todos, até os reformados, vão ter funções sociais a cumprir na comunidade, e disso vai depender o usufruto de benefícios sociais.

Fluxo contínuo de sistemas de gestão e desenvolvimento de RH.

***Formação técnica e comportamental ininterruptas***. Novas competências. Reabilitação de competências, actualização de competências. Etc. Etc.

***Doutrinação para cidadania apropriada*** Todos têm de ser doutrinados nos valores apropriados e na informação apropriada. Todos têm de abraçar as atitudes apropriadas e demonstrar o carácter apropriado. E, finalmente, tornar-se o tipo apropriado de cidadão.

***Punições e reeducação para pessoas inapropriadas e anti-sociais***. Caso contrário, vão ter dificuldades, tal como acontecia nos sistemas que inspiraram isto.

**EXTRA – *Treino*, não *educação* – para a função na colmeia**. Ou seja, crianças para funções específicas na colmeia, para servir a força de trabalho e a economia global, e não *&1* para que possam fazer as suas próprias escolhas de vida.

Desenvolvimento especializado de competências, aptidão vocacional. Treino laboral, vocacional, desenvolvimento de carreira. Desenvolvimento especializado de competências para ocupar um posto na economia. É preciso saber X para fazer Y e portanto é X que a criança vai aprender.

Escola deixa de educar, passa a fazer formação profissional. A escola deixa – já deixou, há muito tempo – de ter a missão de transmitir conhecimento e conteúdos académicos sólidos. Desenvolvimento cognitivo real.

Conteúdos académicos minimalistas e **pragmáticos**. Uma abordagem pragmática, com objectivos educativos essenciais e minimalistas. É dado aquilo que pode assistir à integração da criança no mercado de trabalho, na economia global. Ler e escrever (por enquanto ainda têm alguma importância, relativa), matemática – saber calcular (existe a calculadora) –, história (definitivamente não interessa, a não ser uma versão sanitizada e adulterada de alguns acontecimentos chave), literatura, cultura geral sobre o sistema de governo, arte, música, línguas estrangeiras (convém saber a língua franca, inglês – uma forma reduzida de inglês, ), desportos.

Vão aprender aquecimento global e filosofia comunitária. Mas vão aprender que o planeta está a morrer, os ursos polares estão a afogar-se, e que a única salvação para tudo isso é a utopia social comunitária; global – fascismo, comunismo, totalitarismo, globalismo, comunitarismo.

Padrão de desenvolvimento individual muito baixo e muito medíocre.

Formação comportamental e atitudinal.

***Clarificação e reestruturação de crenças e valores – apropriados***. Valores apropriados, crenças apropriadas, atitude apropriada, carácter apropriado, e os comportamentos apropriados.

***Mudança permanente***. Preparação para mudança permanente.

***Comunitarismo, aclimatação à comuna*** Ênfase especial em trabalho e serviço comunitário. Vão aprender a pensar em grupo, a agir em grupo, a estar dependentes do grupo para tudo, a não ir contra o grupo em nada. Porque o futuro é o dormitório comum e a comuna.

______________________.

Dang'an , palavra significando “registro”.

Portfólio individual completo e total. Regista desempenho e atitudes dos RH chineses. O Dang’an inclui informação como características físicas, registo de empregamento, fotografia, avaliações feitas por superiores e por pares, registos académicos (da primária à universidade), credenciais profissionais, registo penal e administrativo, história política, história de afiliações. Tudo o que é feito pelo indivíduo fica registado para o resto da vida, esse é o espírito aqui.

Descritivo de valor e estatuto do “capital humano”. Na China Comunista, o “Dang’an” descreve o valor do indivíduo, “capital humano”, para o estado.

Dang’an determina futuro laboral. Os Dang’an são usados para determinar quem trabalha no quê. Uma pessoa não pode trabalhar sem um Dang’an. Aliás, mudar de emprego costuma chamar-se “transferência de Dang’an”.

Disponível a estado, entidades comunitárias, entidades empregadoras. Estes registos estão disponíveis ao estado, a entidades comunitárias e às entidades empregadoras. O sistema de armazenamento de dados funciona a dois níveis – local (comité comunitário, de bairro) e depois nacional.

Dados acrescentados, apagados, adulterados. Os Dang’an são alterados à vontade pelas autoridades centrais – dados podem ser acrescentados, dados podem ser apagados, dados podem ser alterados e adulterados. Uma mancha negra no Dang’an – uma discordância com um patrão, uma visita ao psiquiatra, etc – pode significar nunca mais ter um emprego. Portanto, o dossier é apresentado como sendo uma influência correctiva e socialmente harmonizante.

**STW CHINA – May 7 Road – Formação contínua**.

"Aquisição de competências, para recursos humanos menos egoístas". A pessoa era destacada para trabalhar de acordo com a sua competência essencial (área de formação ou de experiência, por ex.), mas era esperado que aprendesse mais competências em outras áreas, de modo a poder ser útil em mais uma série de campos.

Classes para-profissionais. Isto expressou-se no aparecimento de classes para-profissionais, desde médicos a engenheiros, professores.

May 7 Road. A isto, Mao chamou a "May 7 Road of human development".

**STW – Iliteracia para a aldeia global**.

**Oettinger (1982) – STW – Ler e escrever? Falar e ler comics**.

Anthony Oettinger, Professor de Harvard, membro do CFR.

"No novo contexto, comunicação oral e comic books substituem literacia".

«*The present "traditional" concept of literacy has to do with the ability to read and write. But the real question that confronts us today is: How do we help citizens function well in their society? How can they acquire the skills necessary to solve their problems? Do we really want to teach people to do a lot of sums or to write in "a fine round hand" when they have a five dollar hand-held calculator or a word processor to work with? Or do we really have to have everybody literate – writing and reading in the traditional sense – when we have the means through our technology to achieve a new flowering of oral communication? It is the traditional idea that says certain forms of communication, such as comic books, are "bad." But in the modem context of functionalism they may not be all that bad*» Anthony Oettinger, "Regulated Competition in the United States" (February, 1982). The Innisbrook Papers, Northern Telecom. Cit. in Charlotte Thompson Iserbyt (1995). "Wolves in Sheep's Clothing". Conscience Press.

**Harman e Sticht (1987) – Economia global exige mudança de valores e manipulabilidade, não saber ler e escrever**.

Thomas Sticht (SCANS, NIE). Membro do SCANS (Secretary's Commission on Achieving Necessary Skills). Director-associado no National Institute of Education (NIE). Implementador de "mastery learning".

Na economia global, o que interessa é se a "labor force" é manipulável.

Educação só é necessária, parcialmente, para grupos decisores.

"Changing values" é mais importante que ler, para famílias de classe média.

«*Many companies have moved operations to places with cheap, relatively poorly educated labor. What may be crucial, they say, is the dependability of a labor force and how well it can be managed and trained -- not its general educational level, although a small cadre of highly educated creative people are essential to innovation and growth. Ending discrimination and changing values are probably more important than reading in moving low income families into the middle class*»

Thomas Sticht & Willis Harman, “Experts Say Too Much is Read Into Illiteracy Crisis”. *The Washington Post*, August 1, 1987, *cit. in* Charlotte Thompson Iserbyt, “Wolves in Sheep’s Clothing”.

**Hendricks (1995) – “Learning how to fail – Age of diminishing expectations”**.

Em 1995, Bill Hendricks, Universidade da California, podia anunciar o seguinte ponto.

Uma era de expectativas reduzidas. «*Age of diminishing expectations*».

Primado social: limitar capacidade do estudante, obter fracasso estudantil. Um primado «social» é o de «*...not to expand but to contract students’ capacities to function in and transform their world*»… «*Learning how to fail*»… «*In the 1990s…conundrum with respect to higher education is how to get the right kind of student failure into the mix*»

Bill Hendricks [California University]. “Learning How to Fail: Freshman Composition and Social Sorting in an Age of Diminishing Expectations”. Conference on College Composition and Communication, March 23, 1995, Washington D.C.

**STW – Chicago Mastery Learning Program**. Uma das muitas catástrofes proporcionadas pelo novo paradigma foi o Chicago Mastery Learning Program. Este programa foi descrito pela Education Week (3/6/85) como «*a tragedy of enormous proportions with almost one-half of the 39,500 public school students in the 1980 freshman class failing to graduate, and only one-third of those graduating able to read at or above the national 12th grade level*». (Cit. in Charlotte Thompson Iserbyt. “The Death of Free Will”, December, 2010)

**S**

Marx resolve facilitar a vida de barões monopolistas.

Karl Marx – Internacional (1866).

***Crianças de 9 anos para cima devem participar na produção social.***

***Trabalho infantil revela uma tendência progressiva e legítima.***

***A educação tem de ser mental, física e politécnica.***

***Ou seja, a criança tem de aprender desde cedo os princípios da produção.***

***Despesas da escola técnica podem ser pagas com lucros do trabalho realizado.***

«

***every child whatever***

*!*

" #

" $ ***! Mental education*** % ***! Bodily education***

" & ***! Technological training***

'& ( ) ) * ***Ed*** "

&

» Karl Marx (August 1866). "Instructions for the Delegates of the Provisional General Council", The International Workingmen's Association. , - Nos. 10 & 11, October & November 1866.

Karl Marx – Das Kapital (1867).

***O sistema fabril indica o caminho progressivo.***

***Uma educação que combina trabalho produtivo com instrução e ginástica.***

«*$ $ . /*

**STW – Para monocultura global – Iserbyt & Gatto**.

**Iserbyt – Treino comportamental para a economia feudal-global**.

Educação feudal-internacionalista.

***"Dumbing down", modificação comportamental, "robotization, brainwashing"***.

***"Lifelong education and workforce training— world management system, new global feudalism"***.

Iserbyt escreve um dos mais emblemáticos livros de sempre sobre a história da educação, onde denuncia o actual sistema de «

», que assenta em «

! "
».

Para isso, é preciso « #
#
$%&'()$ *+, ,'-, , , », adoptar «
# . / *0
1 1 '$%&
2 3 & ) 4
$
#
2 3 » – Charlotte Thomson Iserbyt (1999), "The Deliberate Dumbing Down of America: A Chronological Paper Trail". Conscience Press.

**JT Gatto – Individualismo vs gestão global automatizada**.

Sistemas de gestão global são automáticos e formulaicos.

Logo, pensamento individual tem de desaparecer, em nome de globalização.

***"Management made us all prisoners of management systems. School, its vital ally"***.

***"Educated people are its enemies, so is any nonpragmatic morality"***.

«

5

$

5 &

5 (

5

) 6 » – John Taylor Gatto. “A Short Angry History of American Forced Schooling”. Speech to the Vermont Homeschooling Conference

**STW – Percurso STW para a economia global**

**Percurso STW (1) – Treino para a economia global – A linguagem utilizada**

STW – "Public Choice" – "High Performance Management" – etc. «

»

**Percurso STW (2) – Definição TQM de um programa curricular**.

Sistema TQM: PPP determina futuro da criança.

Parceria: escola, governo, centro de educação, empresa. Parceria entre escola, governo local-global, centro de educação e empresa decidem futuro da criança, com base em Total Quality Management.

Sistema de quotas. De acordo com as necessidades da economia local. Quantos e quais empregos estão planeados para a economia, do local ao global – o sistema de quotas.

Ultra-especialização psicologizada de competências. Quais as aptidões de base da criança, com base em testes psicológicos – quais competências desenvolver, em que vocação.

Estágios sub ou não-remunerados. Durante o percurso escolar, a criança oferece trabalho escravo à empresa – estágio não-remunerado ou sub-remunerado.

TQM – Critérios globais de "qualidade". Códigos ISO e similares. Mais cedo ou mais tarde, coordenados directamente pelo ministério global da educação, que será a UNESCO ou uma instituição derivada.

**Percurso STW (3) – Educação não-graduada – Avaliação social**.

Educação não-graduada. Educação tenderá cada vez mais a ser não-graduada. Desde que a pessoa saiba fazer as coisas básicas que terá a fazer, tudo estará bem – faz parte do treino minimalista de competências aqui implicado.

Avaliação social – Privilégio, arbitrariedade, capricho.

***Pessoa incluída ou excluída de outras formas***. Por meio de cartas de referências, por exemplo. O sistema tornar-se-á cada vez mais um sistema de distribuição de privilégios, como era na Idade Média, ou como é nos sistemas comunistas. Se for visto que não é tecnicamente capaz, será simplesmente guiada para escolher outra área vocacional.

***Demonstração de crenças, valores, atitudes, apropriados***. O crux da questão, e do julgamento, estará na demonstração de crenças, atitudes, comportamentos, valores, apropriados.

***Reeducação, ou eliminação do corpo social***. O indivíduo que não seja socialmente adequado, que não seja o bom denizen da utopia social, vai ser simplesmente reeducado ou, falhando isso, será deitado fora.

**Percurso STW (4) – Dang'an e alocação na economia**.

Alocação por quotas na economia, pelo centro de emprego. Depois, o produto escolar – o aluno – é destacado para um posto na economia global pelo centro de emprego.

Dang'an, perfis individuais detalhados.

***Ficheiros permanentes sobre o invidíduo – Transparência total***. Perfil de competências, organizado por créditos educacionais. Necessidades de formação. História de vida. História educacional e profissional. Perfil de personalidade e de carácter. Dados de cadastro. E, mais cedo ou mais tarde, uma forma de cadastro social: a pessoa tem um passado anti-social? Crenças estranhas, obsoletas, ou polémicas?

***Acesso: Empregadores e autoridades locais/comunitárias***.

***Empregabilidade vai, claro, depender deste dang'an***.

**Percurso STW (5) – "Sociedade educativa" – Reeducação – Trabalho comunitário**.

Formação contínua – e contínua significa contínua. Ao longo de toda a vida, da pré-primária ao lar de 3ª idade.

Trabalho comunitário – Na nova sociedade, todos trabalham para a comunidade. Na nova sociedade, todos, até os reformados, vão ter funções sociais a cumprir na comunidade, e disso vai depender o usufruto de benefícios sociais.

Fluxo contínuo de sistemas de gestão e desenvolvimento de RH.

***Formação técnica e comportamental ininterruptas***. Novas competências. Reabilitação de competências, actualização de competências. Etc. Etc.

***Doutrinação para cidadania apropriada***. Todos têm de ser doutrinados nos valores apropriados e na informação apropriada. Todos têm de abraçar as atitudes apropriadas e demonstrar o carácter apropriado. E, finalmente, tornar-se o tipo apropriado de cidadão.

***Punições e reeducação para pessoas inapropriadas e anti-sociais***. Caso contrário, vão ter dificuldades, tal como acontecia nos sistemas que inspiraram isto.

**STW – Politécnico soviético**.

**URSS – Educação politécnica, o retorno dos "mistérios" medievais**.

Marx, Lenin, Stalin consagram ideia politécnica.

Doutrinação ideológica, especialização laboral, trabalho sub-remunerado.

***Moldar carácter social, moral e ideológico do aluno***.

***Prepará-lo para o "mundo real", "vida e trabalho como são", na sua "dimensão prática"***.

Portanto, o retorno das "aprendizagens" e dos "mistérios" medievais.

**Turchenko (1976) – Politécnico; harmonia social; contrário a sociedade burguesa**.

Ideias-chave aqui.

***"Revolução científico-tecnológica exige trabalho infantil"***.

***Isto facilita "the social goal of Soviet society – harmonious development of every individual" – o novo homem soviético***.

***"Isto é contrário à natureza da sociedade burguesa"***.

«

»

«

»

«

»

« *!* »

Vladimir Turchenko (1976). “The Scientific and Technological Revolution and the Revolution in Education”, Progress Publishers.

**“Educadores” soviéticos descrevem educação politécnica**.

Prokofiev – “Vitória da escola soviética”. Prokofiev, o proeminente ideólogo educacional acolheu o politécnico como «
». ″ Robert H. Beck (September, 1990). “#
$ % ”. National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Mikhailov (1975) – “Ultrapassa vestígios da sociedade burguesa”. No Sovetskaia Pedagogika diz-nos que educação politécnica é o corte abrupto com educação burguesa. Diz-nos que a URSS vai ultrapassar «
». ″ Robert H. Beck (September, 1990). “#
$ % ”. National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Shapovalenko (1965) – “Desenvolve atitude comunista para com o trabalho”. «…&
’ & ( ’
& ’
& ’
& ’ » ″
Robert H. Beck (September, 1990). “# $ % ”. National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

Vasilev e Chepelev (1974) – “Parte essencial da construção da sociedade comunista”.
«#
) *
(
» ″ Robert H. Beck (September, 1990). “# $ % ”. National Center for Research in Vocational Education, Berkeley, California.

**STW – Sovietiza educação ocidental**

**Haberman e Collins (1987) – STW sovietiza educação**

*schooling is now seen primarily as job training and, for this reason, quite comparable to schooling in non-democratic societies. Once education is redefined as a personal good and as emphasizing preparation for the world of work as its first purpose, our schools can appropriately be compared with those of the USSR*
! " # $ % & ' ()*+,()**- ./0 12 2 0 / 0
3 4 5 / 0 2 % 6 7 %2 8 .9 : 2
0 ' : % 4

**Eugene Boyce (1983) – STW – Educação ligada a funções, sob comunismo**

2 ;< 9 8 3 5 = 2 >

5 = 2 2 =

***"In***

*In the Communist ideology... Education is tied directly to jobs--control of the job being the critical control point...Level of education and consequently the level of employment, is determined first, by level of achievement in school. They do not educate people for jobs that do not exist. No such direct, controlled, relationship between education and jobs exists in Democratic countries* 2 ;< 9 8 &()*?- ./0 %
2 2 @9 2 0 A < /0 8 0 4
8 3 5

**<u>STW – US-USSR – Educadores americanos elogiam Politécnico</u>**

**HEW (1960) – Elogia politécnico, Pavlov e doutrinação ideológica (URSS)**

<u>O relatório pinta a realidade soviética em tons brilhantes</u>.

***Sistema politécnico e vocacional.***

***Pavlovianismo.***

***Doutrinação em socialismo.***

***"A total educational program to provide society with future workers… socialist citizens… productivity… learning a vocation"***.

« ***wherever we went, we felt the pulse of the Soviet Government's drive to educate and train a new generation of technically skilled… citizens***

! " #$

***train youngsters for the Government's planned economic programs and to inculcate devotion to its political and social system***

#% & ' %$(

) *

+ ****labor-polytechnic school of general education*** +

(

* + ***, fidelity to the Soviet land and to the ideas of communism—occupies a leading place in this educational conditioning, and in this sense gives the school a political character as well as a moral one*** - ***conditioned reflex theory as elaborated by Pavlov*** .%/& 0% #12 3

) 4

* +

)

. ) 2 5

" 6

) 7

( * + "

5 -

3

.

3 4

' . * ( +2
,

(

8

*in a total educational program which aims to teach all the same basic subjects, morals and habits in order to provide society with future workers and employees whose general education will make them socialist (Communist) citizens and contribute to their productivity upon learning a vocation* . 2» (pp. 10–11)

William K. Medlin, Clarence B. Lindquist, Marshall L. Schmitt (1960). "Soviet Education Programs: Foundations, Curriculums, Teacher Preparation". U.S. Department of Health, Education and Welfare, Office of Education.

**Robert Beck (1990) – URSS e RDA lideram o progresso educacional**.

Robert Beck, custeado pelo Department of Education. Robert Beck escreve o livro com uma bolsa do Office of Vocational and Adult Education, U.S. Department of Education, e o livro é publicado pelo National Center for Research in Vocational Education, University of California.

Elogia sistemas politécnicas da URSS e RDA e pretende adoptá-los nos EUA.

***"Polytechnical education is rooted in the Marxist-Leninist ideology."***

***"Mass participation in "socially useful work" leading to better future, communism".***

***"Academic subjects… are understood as theory and as functions in the work world".***

***"Factories, farms, transportation and service, will associate themselves with schools".***

***"Learning academics in partnership with factories, farms, mines, and so forth".***

***"Boys prefer equipment, girls prefer sewing, drafting, and typewriting".***

***"Comprehensive and consistent educational theory, much better than US education".***

***"Should be carefully monitored for adaptation in American education"***.

« ***interaction between the academic and the vocational***

) ***polytechnical education***

***rooted in the Marxist-Leninist ideology*** 9

3 :

**T-GROUP – Metodologia UCR**.

**UCR – NTL (1962) – Lavagem cerebral, reforma de pensamento**.

Persuasão coerciva, reforma de pensamento, lavagem cerebral. No livro, os editores dizem-nos que o treino de relações humanas, ou treino de sensibilidade, «

».

"Unfreezing, changing, refreezing". É claro que isto inclui o procedimento habitual de « » atitudes.

"Change-agent skills". Agentes provocadores, a treinar com competências de mudança, « ».

Irving R. Weschler, Edgar H. Schein (1962). "Issues in human relations training". National Training Laboratories, National Education Association.

**UCR – Unfreezing-Changing-Refreezing**.

Descongelamento. Descongelar o equilíbrio estável da pessoa.

Mudança. Identificação com novos modelos, crenças, atitudes, valores.

Recongelamento. Internalização de novos elementos, integração com resto da personalidade.

Caracterização: Unfreezing, changing, refreezing (Schein & Bennis). «
!" # !" #
$" $" # $" #
$" %" & '
$($"»

« ) * +
) $,-"»

«
" .
/ 0
# / 0
1 + $(-"»

«2 !' 3 !' 4 '$' /
)' %' 5 ) ) )
,

2 $' 5 !' 2 '$' / )
,

2 %' 6 !' 7 * /
) ) '$' 6 * /
$(8 $(9"»

**Unfreezing – Geral – Contraste, ambiguidade, desconfirmação**.

Unfreezing – Geral – Contraste, ambiguidade, desconfirmação (Schein & Bennis).
«5 ) )
"
) '
--"» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Unfreezing – Não-estrutução, para gerar ansiedade social**.

Ambiguidade – Não-estruturação (Schein & Bennis).

***Ambiguidade geral em objectivos, recompensas, expectativas – não estruturação***.

***Gerar sensitivização social, receio, ansiedade, frustrar expectativas***.

« ) )
,
) ) ) '
, , ,
--"»

« ''' : )
' /
)
' ) ) )

; » (16)

Cada membro do grupo procura dominar o seu próprio receio e nervosismo. Do mesmo modo que existe este esforço de auto-controlo, existe também uma ênfase em manter o

controlo possível sobre a situação em si; i.e., impedir os outros de fazer algo que seja desconfortável. [Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons]

**Unfreezing – <u>Isolamento</u>, desrotinização, perca de privacidade**.

<u>Contraste – Desrotinização – O familiar é tornado estranho (Yalom)</u>. « *) ) )* » Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

<u>Contraste – Isolamento, desrotinização, quebra de privacidade (Schein & Bennis)</u>.

***Desrotinizar – Tornar o familiar estranho***. « *%$" 1 ) ) ' / -%"*»

***Isolamento psico-cultural, intrusividade ofensiva***. A pessoa é isolada do mundo exterior, envolvida na ilha social.

***Perca de privacidade, envolvendo partilhar quarto com outros***.

***Auto-conceito e identidade são fortemente afectados***. « *!$" %$" < , ) )' $,9"… ) ) $,," $,(" 4 ) ) ) , ) ) $,,"*» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). “Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach”. John Wiley & Sons.

**Unfreezing – <u>Desconfirmação</u> e dilemas**.

<u>Forçado a rever crenças sobre si mesmo e sobre relação com outros (Yalom)</u>. «= *) 〉* » Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Aceitação grupal – Indivíduo menos defensivo, revê crenças rígidas (Yalom). «
) )
›
… C )
) )
) ) » Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Segurança para arriscar e mudar, com e no grupo (Schein & Bennis). «⁄
) )
) $(9"
) )

--" ) )

-8"» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Unfreezing – Pressão de pares e conformidade (Asch, comparsas, etc)**.

Método de alta pressão (Benne). « »"Human relations in curriculum change: selected readings with special emphasis on group development". Kenneth Dean Benne (ed.), Dryden Press, 1951.

Pressão da maioria – Asch – Indivíduo evita dissonância cognitive (Yalom). «
; )
) ;
@ D ; ED ED
A 4 )
; )» Irvin D. Yalom (1975). Theory and Practice and Group Psychotherapy. Basic Books.

Pressão "moral" para conformidade – "mudar é bom" (Schein & Bennis). «

) )
, ) )

$,F"» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Comparsas no T-group (Schein & Bennis). «
$,("»

***[Mais em tópico sobre desconfirmações]***.

Comparsas no T-group (Golembiewski). « < ) )
» –

Robert T. Golembiewski [Universidade da Georgia] (September, 1967). "The 'Laboratory Approach' to Organization Change: Schema of a Method". Public Administration Review.

**Unfreezing – Objectivos – Indução de insegurança e ansiedade-culpa**.

Abre a porta à fase de mudança.

O indivíduo é tornado inseguro, ansioso, e encontra redenção na mudança (Schein & Bennis).

***Abanar o indivíduo – Desaprendizagem pré-lavagem***. «3
G H @
A -%"
, ,
)
8I"»

***Gerar paranóia e insegurança – hiper-sensibilização a opiniões alheias – ansiedade social***. O processo visa sensibilizar o sujeito para « + 0
$,$" ) )
$,9" ) ) )
$,," 
$,F"»

***Gerar insegurança, ansiedade-culpa, ansiedade social***. «
G )H )
) $(8"… C
) $(9" )
) › ;
) ,
) ) )
) ) $(,"» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

**Changing – Fluxo, mudança – Influência social – Scan, model**.

"We can control, change people" – Influência social (McConnell, Michigan).

***Transformar um Cristão num Comunista e vice-versa***. «/
7 ) ) / / ) )
) ) /
) › ) ) '/
› ) ) / 5
5 4 ' : » –
Dr . James McConnell (professor of psychology, University of Michigan). / A.J Budrys, "Mind Control is Good/Bad (Check One)", Esquire Magazine, May 1966, pp. 106-109.

Atitudes, crenças, acções – Influência social – Scan, Model (Schein & Bennis).

***Redefinição de atitudes, crenças, pontos de vista, comportamentos, sobre self e outros***.
«
$(9" 5

$,!" +
$,%"»

***Scan, Model***. «2 ) J =

) )
+ )
$,!"» Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons.

Muitos dos estudos Scan-Model surgem do trabalho de Goffman.

Fluxo contínuo, mudança contínua, nos membros do T-group (NTL, 1972). «
. ) ' ?
G/ '/ ) ) / K ) LH
) )
)» –"Laboratories in Human Relations Training", C.R. Mill, L.C. Porter (Eds), NTL Institute for Applied Behavioral Science/National Education Association, 1972.

**Refreezing – Internalização e homeostase**.

Homeostase grupal (Schein & Bennis). «
' ' ) +
) $(-"»

Internalização e estabilização de novos comportamentos (Schein & Bennis). «4
' %IF"

**T-METHOD – Instituições**

**T-Method – Engenharia psicossocial – JR Rees**

Dr. John Rawlings Rees. O Dr. John Rawlings Rees desenvolve o "Tavistock Method", que induz e controla stress através daquilo a que Rees chama "psychologically controlled environments", por forma a fazer com que o indivíduo abandone crenças familiares sob pressão de pares, "peer pressure".

***Indução e controlo de stress – pressão de pares***.

***Ambientes psicologicamente controlados***.

***Reforma e mudança de crenças e valores***.

Engenharia "psicossocial" – lavagem cerebral. Mudar a psique individual num contexto social controlado. Lavar a psique cerebral sob pressão colectiva e ambiental. Lavagem cerebral.

**T-Method – Kurt Lewin**.

Gestalt – Tavistock – Michigan. Pioneiro da Psicologia Gestalt. Torna-se director de Tavistock em 1932. Mais tarde, director do Research Center for Group Dynamics, Univ. Michigan.

**T-Method – National Training Laboratories (NTL)**.

TIHR trabalha com RCGD, Michigan. TIHR trabalha com Research Center for Group Dynamics, Univ. Michigan.

NTL co-fundados por Carnegie, NEA, U.Michigan, em 1947, Bethel, Maine. Co-fundados pelo Research Center e pela Division of Adult Education Service, da NEA; e são uma subdivisão NEA. O primeiro de todos é o National Training Laboratory for Group Development, fundado em Bethel Maine, 1947. Um dos arquitectos primários dos NTL é Willard Goslin, da NEA Association for Supervision and Curriculum Development (ASCD). Os NTL são iniciados com uma bolsa inicial de $100,000 da Carnegie Corporation.

**T-Method – Epicentros – Anglo-americanos; Europa; URSS e China**.

Eixo anglo-americano – TIHR; Escola de Frankfurt; ISR; NTL; universidades. Tavistock Institute of Human Relations. Grupo de Frankfurt, Institute of Social Research. NTL – Laboratórios educacionais regionais. Michigan, Columbia, Harvard, Stanford e outras universidades.

Mundo comunista – China e URSS.

Europa – Institutos e laboratórios. Institutos nacionais de relações humanas, saúde mental. Laboratórios educacionais e de relações humanas.

**NTL Europeus – Institutos na Europa continental – UE**.

NTL europeu (1962). Schein & Warren mencionam a fundação, na Europa, de uma organização multinacional na linha dos NTL, em 1962. Nesse ano, treinadores belgas, britânicos, franceses, holandeses, austríacos, noruegueses, alemães, e americanos, reunem-se em Lausanne, Suiça, para planear uma organização trans-europeia na mesma linha dos NTL. Desde Julho de 1962, algumas reuniões formais dessa Associação acontecem em Leiden e Paris. Os laboratórios têm pessoal multinacional. [Edgar H. Schein & Warren G. Bennis (1965). "Personal and Organizational Change through Group Methods: The Laboratory Approach". John Wiley & Sons]

Na prática, são muitos institutos, a operar com UE. Na prática, na Europa existem vários institutos, laboratórios e fundações a operar nessa área desde os anos 60-80 para cá. Vários destes institutos trabalham directamente com a UE.

**TAVISTOCK – Engenharia psicossocial para gestão de relações humanas**.

TIMP – Centro de guerra psicológica para o Império Britânico. Criado em Londres para ser o centro de guerra psicológica e de gestão de massas (da sociedade) para o governo britânico.

TIHR, est. 1947, com assistência Rockefeller. Alan Gregg, o director médico da Rockefeller Foundation atribui uma bolsa ao Tavistock, que resulta no nascimento do TIHR, Londres.

Human Relations (1947), "integração das ciências sociais". Ainda em 1947, Tavistock e Kurt Lewin (nesta altura no Michigan) juntam-se para dar início à publicação de "Human Relations", o periódico internacional. O objectivo de integrar todas as ciências sociais num único corpo teórico-prático de controlo do pensamento e da acção e, consequentemente, das relações humanas, é bem manifesto no título da magazine periódica publicada pelo Tavistock Institute of Human Relations, Londres: "Human relations: Towards the integration of the social sciences", publicada a partir de 1947.

**TAVISTOCK (1977) – Transição e turbulência social.**

# The division bell

O padrão do século 21 é balcanização.

Desindividuação e identidades sintéticas.

Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga.

O cuckoo's nest de Fascismo.

**The division bell – o padrão do século 21 é balcanização**.

A era pós-moderna é definida por divisão, balcanização, guerras identitárias.

Do micro (indivíduo) ao macro (culturas, países).

A unholy alliance entre psicopolítica e geopolítica.

Manter bárbaros at each others' throats para abrir caminho aos big boys. O mote para a era pós-moderna é divisão, balcanização, seccionamento. Pessoas são internamente seccionadas, depois são viradas umas contra as outras por linhas identitárias, e o padrão macro, do societal ao geopolítico, passa a ser definido por balcanização ao longo dessas linhas; sectarismo, a todos os níveis que possam ser concebíveis. O Iraque é o modelo para o futuro; partição e guerra ao longo de linhas étnicas para controlo multinacional mais fácil. Psicopolítica casa-se com geopolítica e desta unholy alliance surge o padrão para o século 21 – dividir para conquistar. Manter os bárbaros a sufocarem-se mutuamente enquanto agências internacionais, megabancos, corporações e grandes fundações assumem controlo de – tudo.

**The division bell – desindividuação e identidades sintéticas**.

O indivíduo moldável, dissociativo, sintético / Brzezinski. O mundo pós-moderno é um mundo dissociativo. Está alicerçado em divisão interna e em divisão externa. Indivíduos são divididos internamente, seccionados, para que possam ser instrumentalizados num ambiente sócio/económico inumano, exigindo alternâncias contínuas de registo personalístico e comportamental. Como Zbigniew Brzezinski escreve ainda nos anos 70, o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por uma personalidade integrada e consistente que age enquanto , e não como função de valores sociais. Mas o denizen da sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, flexibilizado, ajustado, moldado, distorcido, a viver não de acordo com a sua própria vida interna mas de acordo com as

exigências e condicionantes do mundo exterior. Um maelström de diferentes registos personalísticos e comportamentais em transições contínuas entre, e dentro de, diferentes papéis sociais. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski.

The ringing of the division bell has begun.

Estereótipos, marcas superficiais de valor e de utilidade social.

No desaparecimento de identidade individual, sentido de identidade é reencontrado em artefactos acessórios. Do macro para o micro, do micro para o macro. Pessoas seccionadas, internamente divididas, moldadas, instrumentalizadas, não podem, obviamente, ser pessoas capazes, responsáveis, morais. Quando alguém não tem uma identidade definida, mas algo que varia com o tempo e com o lugar, é evidente que não pode ser independente ou self-reliant. Tal pessoa vai ser propícia a ver o mundo pelo mesmo padrão divisório em que ela própria se encontra partida. O mundo é facilmente perspectivado como um espaço desindividuado de estereótipos, marcas de identidade colectiva, onde os restantes indivíduos tendem a ser vistos por marcas artificiais de valor e de utilidade social. É preciso ter uma identidade individual coerente para ver, e apreciar, as restantes pessoas como indivíduos. Quando isso não existe, é fácil, senão inevitável, que o mundo seja visto como um espaço dividido ao longo de todas as linhas ao longo das quais é possível dividi-lo: estatuto sócio-económico, ideologia, raça, etnia, sexo, religião, preferências culturais, etc. As pessoas tornam-se rotuláveis pela profissão que têm, pelo carro que conduzem, pela cor da sua pele, pelos sapatos que usam, pelas revistas que lêem.

Situação criada e estimulada pelos big boys, sob guerra psicossocial muito virulenta. E isso é incentivado pelos big boys, que esta situação por meio de campanhas ininterruptas de guerra psicossocial, eufemisticamente chamada de engenharia psicossocial; e usam estes vectores para promover divisividade permanente, atomização individual, extremismo identitário.

**The division bell – Seinfeld e o role model denizen NY / Lady Gaga**. Tudo isto foi bastante bem ilustrado na sitcom Seinfeld, onde havia aqueles quatro yuppies nova iorquinos, role model denizens, pessoas essencialmente lineares e superficiais, que depois tratavam todas as restantes da mesma forma, como pedaços descartáveis de carne e de nervos, a ser avaliadas e descartadas pelas superficialidades mais ridículas. Jerry Seinfeld é um génio e isso foi muito pouco reconhecido na altura. E foi Seinfeld quem comentou, ainda há uns anos atrás, o modo como a cultura actual já tinha chegado ao ponto de ruptura e de estouro, e que isso era bastante evidente quando havia cantoras que levavam cadáveres para o palco, com sangue, órgãos e esqueletos misturados com mulheres semi-nuas. Sexo e morte, conciliação de Eros e Tanatos, masturbação e suicídio, necrofilia. E é claro que uma pessoa que está Gaga é uma pessoa que está

maluca. Uma lady que está completamente desarranjada, e não é no sentido playful da expressão.

**The division bell – O cuckoo's nest de Fascismo**.

Indivíduo tornado identitário, sob todo o tipo de artefactos sociais absurdos.

Depois, esses artefactos tornam-se "causas" (e.g. bicicletas e tudo o resto).

O cuckoo's nest, marcado por cinzentismo, consensualidade, quebra de comunicação. O indivíduo moderno é ensinado desde jovem a escolher um conjunto de clubes identitários – do jogo virtual favorito à raça e à etnia. Depois, é ensinado a apegar-se a essas "causas" com o furor que é proporcionado por investimento personalístico total, e a defendê-las contra outras visões com violência fanática (hoje, andar de bicicleta é uma questão de identidade e é uma "causa"; não é só a lady dos cadáveres que está gaga). E é assim que se cria o cuckoo's nest. A pessoa média tende a deixar de ter disponibilidade para ouvir posições contraditórias às suas próprias. Sente essas instâncias como afrontas às suas próprias crenças cristalizadas e tende a reagir de forma agressiva. Essa pessoa média pode aceitar que o outro tenha as suas próprias crenças opostas, contando que não tente trazê-las a debate e afirmar a sua validade. Isso é interpretado como uma tentativa de "impor" pontos de vista, uma tentativa de "conversão". As pessoas tendem a fechar-se em espaços mentais cinzentos, a remeter-se a comunicação cinzenta, consensual, "não-ofensiva" (i.e. estéril), vazia de significado.

Espaço público torna-se intolerante, iliberal, anti-democrático / Fascismo. O espaço público tende a tornar-se num espaço incrivelmente intolerante, iliberal e anti-democrático, um espaço onde o livre debate de ideias e de posições se torna tabu. O livre debate de ideias passa a ser visto como algo que origina "polémica" e "violência" – como sob Fascismo. E isto   Fascismo.

**he Tao of Psychosis – Citações dialécticas de Mao, Engels, Lenin**.

Identidade de opostos, qualidade e quantidade, negação da negação. As três leis da dialéctica: Identidade de opostos (síntese obrigatória), transformação de quantidade em qualidade (pensamento delirante puro e simples), negação da negação (negação de um princípio de realidade no pensamento e na acção moral, i.e. nihilismo psicótico).

Um bom training course mental, completo quando a pessoa atinge a luz para perceber o modo como todas as afirmações abaixo são alicerçadas em fluxo psicótico, i.e. nihilismo epistemológico com base na mais completa indistinção entre diferentes instâncias lógicas. Isto é pensamento (?) dialéctico, para Prozac heads.

[citações de Mao excepto quando indicado]

BIBLIO. Nick Knight's Discussion of Mao's Supposed Rejection of the Concept of the "Negation of the Negation" *[This is a section from the introductory chapter of Nick Knight's book,* Mao Zedong on Dialectical Materialism: Writings on Philosophy, 1937 *(M.E. Sharpe, Inc., 1990), a book which consists mostly of Mao's own philosophical writings. A couple clarifying additions have been inserted in brackets. –Ed.]*

«*Marxist philosophy holds that the law of the unity of opposites is the fundamental law (genben guilü) of the universe. This law operates universally, whether in the natural world, in human society, or in man‷s thinking. Between the opposites in a contradiction there is at once unity and struggle, and it is this that impels things to move and change. Contradictions exist everywhere, but their nature differs in accordance with the different nature of different things. In any given thing, the unity of opposites is conditional, temporary and transitory, and hence relative, whereas the struggle of opposites is absolute. Lenin gave a very clear exposition of this law*»

«*The identity of opposites (it would be more correct perhaps, to say their "unity"—although the difference between the terms identity and unity is not particularly important here. In a certain sense both are correct) is the recognition (discovery) of the contradictory, mutually exclusive, opposite tendencies in all phenomena and processes of nature (including mind and society). The condition for the knowledge of all processes of the world in their "self-movement", their spontaneous development, in their real life, is the knowledge of them as a unity of opposites*»

Lenin, "On the Question of Dialectics"

«*If simple mechanical change of place contains a contradiction, this is even truer of the higher forms of motion of matter, and especially of organic life and its development…. Life is therefore also a contradiction which is present in things and processes themselves, and which constantly asserts and resolves itself…*»

Engels, *Anti-Dühring*

«*Engels talked about the three categories, but as for me I don't believe (xiangxin) in two of those categories. (The unity of opposites is the most basic law, the transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity, and the negation of the negation does not exist at all (fouding zhi fouding genben mei you).) The juxtaposition, on the same level, of the transformation of quality and quantity into one another, the negation of the negation, and the law of the unity of opposites is "triplism" (san yuan lun), not monism. The most basic thing is the unity of opposites. The transformation of quality and quantity into one another is the unity of the opposites quality and quantity. There is no such thing as the negation of the negation (mei you shenme fouding zhi fouding). Affirmation, negation, affirmation, negation … in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation. Slave-holding society negated primitive society, but with reference to feudal society it constituted, in turn, the affirmation. Feudal society constituted the negation in relation to slaveholding society but it was in turn the affirmation with reference to capitalist society. Capitalism was the negation in relation to feudal society, but it is, in turn, the affirmation in relation to socialist society*»

«*Correct thought should not exclude the third factor, should not exclude the law of the negation of the negation…. The law of excluded middle in formal logic also supplements its law of identity, which only recognizes the fixed condition of a concept, and which opposes its development, opposes revolutionary leaps, and opposes the principle of the negation of the negation…. Why do formal logicians advocate these things? Because they observe things separate from their continual mutual function and interconnection; that is, they observe things at rest rather than in movement, and as separate rather than in connection. Therefore, it is not possible for them to consider and acknowledge the importance of contradictoriness and the negation of the negation within things and concepts, and so advocate the rigid and inflexible law of identity*»

«*…the revolutionary law of contradiction (namely the principle of the unity of opposites) therefore occupies the principal position in dialectics*»

«*The dialectics of Greece, the metaphysics of the Middle Ages, the Renaissance…. It is the negation of the negation…. Lenin's dialectics, Stalin's partial metaphysics, and today's dialectics are also the negation of the negation*»

«*This kind of reversal is also possible in socialist countries. An example of this is Yugoslavia which has changed its nature and become revisionist, changing from a workers' and peasants' country to a country ruled by reactionary nationalist elements. In our country we must come to grasp, understand and study this problem really thoroughly … otherwise a country like ours can still move towards its opposite. Even to move towards its opposite would not matter too much because there would still be the negation of the negation, and afterwards we might move towards our opposite yet again*»

«*The law of the unity of opposites, of quantitative to qualitative changes, and of affirmation and negation, will hold good universally and eternally*»

«*…affirmation, negation … in the development of things, every link in the chain of events is both affirmation and negation*»

«*It was said that dialectics had three basic laws and then Stalin said there were four. But I think there is only one basic law—the law of contradiction. Quality and quantity, affirmation and negation, substance and phenomenon, content and form, inevitability and freedom, possibility and reality, etc., are all cases of the unity of opposites*»

As Marcuse points out, the concept "disappeared from the list of fundamental dialectical laws" following Stalin's example of 1938. Wetter, too, comments on the "checkered history" of this concept, noting that Stalin's omission of "the law of the negation of the negation" from *Dialectical and Historical Materialism* (1938) meant the disappearance of this law from Soviet philosophy until after Stalin's death. It is also interesting that on its revival in the mid-1950s, Soviet philosophers turned to the writings of Mao Zedong, especially *On Contradiction*, as a basis from which to elaborate the "negation of the negation" from a fresh perspective, one which concentrated on "preserving what is worthwhile of the old state and in elevating and transforming it to a higher positive level".

[i.e. Stalin impôs alguma forma de princípio de realidade na URSS, uma ditadura militar inquestionável [negou a negação da negação, i.e. nihilismo puro]. A prática molda a teoria, como em tudo, neste charlatanismo de feira. Após a morte de Stalin, já

durante a Guerra Fria, a URSS pode entrar de novo num registo nihilista mais ou menos similar, em vários pontos, àquele que havia logo ao início. Provavelmente o conceito da negação da negação, nihilismo, volta para o final da era Kruschev, início da era Brejnev]

# he Wonderful Wizard of Oz

[Ver restantes notas sobre ***Engenharia Psicossocial*** , mas também sobre ***Gnosticismo*** e sobre os ***Ishmaili***, para mais sobre técnicas de despersonalização e remoralização – é sempre o mesmo sistema, com variantes. Os elementos conceptuais básicos do método aqui descrito podem ser extrapolados para todos os restantes sistemas de despersonalização, reformatação]

**Desintegrar self e criar nova pessoa, utilizável para fins psicopolíticos**.

Método de reengenharia humana, para despersonalização e remoralização.

Desintegrar self e preencher o espaço "vazio" com nova essência, artificial.

Método tradicionalmente usado para criar falanges totalitárias e restantes géneros de "escravos mentais".

O sistema Ishmaili. O método de reengenharia humana que é descrito neste texto é, desde há muito tempo, usado para criar quintas colunas totalitárias na sociedade, agrupamentos psicopolíticos especializados em controlo social e, eventualmente, em infiltração, sabotagem, terrorismo (se o objectivo for fazer a tomada de poder sobre a sociedade). Este método emprega toda uma série de conceitos muito importantes nesse contexto, como as ideias de sleeper e de butterfly effect. É um processo de despersonalização/reprogramação. Como os termos indicam, o propósito é o de obter a desintegração do self da pessoa e o preenchimento do espaço "vazio" com uma nova essência, um self artificial, imposto pelo elemento controlador humano. Dessa forma, é possível criar uma nova pessoa – igual por fora, inteiramente diferente por dentro – que pode ser usada para fins psicopolíticos.

Como veremos, este método transforma os seus alvos em prisioneiros mentais, instrumentos humanos ao dispor da entidade controladora. Estão ao nível dos métodos usados pelos príncipes Ishmaili para criar hordas de assassinos, colunistas e escravos sexuais (provavelmente são derivações directas; se é que não são feitos pelos mesmos exactos movimentos). Ontem como hoje, o método é empregue para criar toda uma variedade de formas de servos mentais, escravos mentais, não apenas no campo psicopolítico como, de modo muito demarcado, no campo sexual. Este campo é obviamente dominado por pervertidos.

Hoje, implosão controlada da civilização humana para neofeudalismo global.

Implica reengenharia de largos segmentos da população.

Engenharia memética, saturação mediática, cultura weaponized. Hoje, estamos em plena era de implosão controlada da civilização humana, para imposição de neofeudalismo global. Esse é um processo levado a cabo por agrupamentos totalitários na sociedade, os "soft" ground armies dos centros de poder da oligarquia europeia (alta finança et al). Mas é um processo que envolve a contaminação plena da sociedade humana com impulsos autoritários e destrutivos. Portanto, não é estranho que as corporate media networks de hoje gastem fortunas em assegurar que o público – em especial as novas gerações – seja continuamente submetido a formas de remoralização soft e gradual, derivadas do método aqui descrito (os elementos basilares, os memes, são os mesmos). Isto é feito por meio do emprego habilidoso de engenharia memética, pela mais total e completa saturação cultural/mediática. A actual cultura de massas está *inteiramente* weaponized. É uma arma de guerra psicossocial à mais larga escala; quase nada do que se vê na TV hoje é "seguro". Tudo é reengenharia humana.

**Lose your brain – lose your heart – be coward – tag along in the brick road**.

Método aplicado individualmente, bastante agressivo e hardcore.

Usa abertamente a metáfora do Feiticeiro de Oz, fábula psicopolítica muito cínica.

Turbilhão existencial – "you ain't in Kansas no more".

The land of Oz – a criança interna, desfigurada na brick road – credo colectivo.

Lose your brain – lose your heart – be a coward lion.

O método como aplicado individualmente é muito hardcore, e é isso que será explicado em seguida. Primeiro, um breve resumo. A metáfora do Feiticeiro de Oz é basilar. O Feiticeiro de Oz é uma fábula muito pervertida e incrivelmente cínica, que codifica os elementos-chave de todo o processo. A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, num enorme turbilhão existencial (furacão). A pessoa vai parar a um literal inferno, onde o seu self vai ser desintegrado e substituído por uma nova essência, de escolha do controlador – o "Feiticeiro de Oz". Esse inferno é Oz, aqui deceptivamente representado como o céu, on top of the world, e uma terra muito dreamy, o que significa alienação, surrealismo e drogas psicotrópicas. Oz é um espaço de tortura, desindividuação, alteração (é a prisão). Em Oz, aquilo que é melhor no ser humano, a criança interna (Dorothy, a alma), vai ser destruída e desfigurada. Vai trilhar uma larga brick road, uma estrada percorrida e calcetada por muitas pessoas desindividuadas e formatadas; significando que vai ser preenchida com uma nova essência, um credo colectivo. Para isso é essencial que perca a total capacidade do seu intelecto, que é subordinado ao irracionalismo do novo credo (o espantalho não tem cérebro). Da mesma forma, tem de perder o coração, significando a consciência e a plenitude de sentimentos (homem de lata); um instrumento não tem cabeça própria nem sentimentos próprios, a não ser aqueles que são estritamente autorizados. Da mesma forma, tem de ser tornada feroz e

agressiva, dentro de certos parâmetros, e em prol da unidade colectiva, mas nunca a título individual, caso contrário poderia escapar-se (o leão que é cobarde).

O produto é um prisioneiro mental, um bom instrumento totalitário.

Irracionalismo colectivo – duplicidade sociopática – destrutividade ("butterfly effect").

O produto é o habitual perfil do quinta-colunista. O humano dependente que é reduzido a insecto social, o team player absoluto. É irracionalista, cego pela forma de fanatismo que é ditada pelo credo grupal que lhe é imposto. A sua consciência moral e os seus sentimentos são ditados pelo novo ethos. Age sempre em bando e não tem a coragem, o intelecto, ou a capacidade de consciência moral para optar por sair. É um prisioneiro, e um bom instrumento. E, um bom instrumento porque é um prisioneiro. O seu novo self é artificial e é artificioso; uma parte essencial desse novo self é a duplicidade. A pessoa processada é sempre um actor/actriz social. Por fora parece a mesma pessoa; por dentro, as regras mudaram, e existe caos, confusão e uma quota parte de sociopatia. Existe muita forma mas muito pouca substância; incoerência, inconsistência, falsidade, são a norma, e não a excepção. Este novo self é auto e hetero destrutivo; espalhar destrutividade e autoritarismo é the name of the game. Mas a destrutividade tende a ser subtil: o acto aparentemente agradável que visa magoar; o abraço acompanhado de uma facada nas costas. Nas mulheres, alvos muito tradicionais (e *extremamente* odiados) de tudo isto, este complexo de situações é caracterizado como o butterfly effect; o doce bater de asas que provoca um tornado hiper-destrutivo.

**OZ**.

Letras do alfabeto; codificar segmentos psicossocialmente adulterados da população.

E.g. alfas, betas, gen X (cross out), gen Y (why), gen O (zero). Em linguagem oligárquica, as letras do alfabeto costumam ser usadas para codificar condições antropológicas, que são depois aplicadas a segmentos do público em geral. Daí, A é a classe alfa de humanos (e.g. macho alfa); B são os ansiliares dos alfas. Houve a generation X (losers; ones you cross out with an X) e a generation Y (why; ajustados para ser inquiridores – inquisidores), e agora surge a generation O (zero), a geração mais psicossocialmente arruínada dos últimos 100 anos).

"OZ", o buraco negro humano (auto e hetero destruição) / um mundo Oz (extinção). Em OZ, temos O, e O significa zero, ou um buraco. Depois, existe Z, e Z significa "último", "final". Em OZ, o que temos é, de modo muito literal, algo entre "o zero humano definitivo" ou "o último humano", no seguinte sentido, é o humano arruínado que traz finalidade ao mundo através da sua própria nulidade. O "humano OZ" é uma força para destruição; matéria negativa humana. Alguém que age sobre o mundo como um buraco negro humano, que existe para absorver e desmantelar tudo aquilo de valor em volta, e a tudo reduzir ao grande nada negativo que caracteriza o seu próprio interior. Agora, OZ não é apenas o humano que age destrutivamente no mundo. É também o humano O que

faz o salto imediato, no espaço interior de si mesmo, para Z – *fim*. Isto significa que é o humano que se auto-destrói (suicídio mental e suicídio físico). Um mundo OZ é o sítio onde a espécie vai para muito literalmente, matar e ser morta; destruição terrena e extinção.

**O tornado existencial e a queda do anjo**.

Tornado existencial coloca vida normal (Kansas) em estado de sítio.

"You ain't in Kansas no more" – the land of Oz – sítio estranho e perturbador.

O turbilhão é um processo de assédio calculado e dirigido por especialistas.

"Queimar a pessoa" – choques, caos existencial, inversão de normais.

Obter a "queda do anjo" – desintegração do self, preenchimento com nova essência. "The Land of Oz" é o sítio onde as pessoas vão para ser transformadas neste tipo de criatura. O modo como se chega a Oz é através de um tornado, que coloca Kansas (vida normal) em estado de caos e de fluxo e, após muito pânico e confusão, chega-se a um sítio diferente, e this ain't Kansas no more, é um sítio muito estranho, perigoso e perturbador – OZ. A pessoa está sob assédio, sob bullying, ou mobbing; alguém está a dirigir este processo e, regra geral, vai ser uma organização com capacidades para o fazer (com equipas especializadas, geralmente dirigidas por psiquiatras). A vida da pessoa é virada de pernas para o ar, de muitas formas diferentes, num turbilhão existencial de choques e imprevistos. Tudo o que antes era tomado por assegurado é sabotado e/ou destruído. A pessoa está a ser "queimada": armadilhada para cair, num abismo de confusão, desespero, depressão. Medo, degradação e debilitação são cuidadosamente cultivados pelos agressores. Todas as medidas de normalidade são invertidas. Valores, crenças, preferências; tudo aquilo em que a pessoa acredita, valoriza, e toma por valioso, ou garantido, estão sob ataque intenso. Isto pode ser feito de muitas formas; pressão de pares, figuras de autoridade, entre muitas outras. O familiar é tornado estranho e o estranho é tornado familiar. A pessoa está a ser colocada num estado de fluxo de consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível. A percepção imediata que lhe estão a tentar passar é a de que não tem controlo sobre nada. Existe sempre intimidação; ameaças constantes sobre a vida e o bem-estar da pessoa. Ultimamente, é esperado que o sentido de self da pessoa seja tornado tão confuso e desarranjado como a sua realidade imediata (num processo de "osmose de caos") e que a pessoa entre num estado de regressão, no qual esteja mais sugestionável a "mudança", num sentido ou noutro (ao longo de todo o processo, a pessoa é bombardeada com sugestões de mudança, neste ou naquele sentido). Aí, pode ser preenchida com uma nova essência, ao longo das linhas que são desejadas pelo controlador. Cair da estabilidade. Queda. A queda do anjo que, eventualmente, se torna no anjo caído; conceito muito importante aqui, o de queda.

**ake your happy pills while we rape you, in Oz**.

O dreamy place Oz significa surrealismo, imprevisibilidade, drogas psicotrópicas. A fábula é bastante cínica. Aí, Oz é um dreamy place, definido por surrealismo, imprevisibilidade, o estranho tornado normal. E, dreamy places também significam drogas.

Estourar pessoa para crise nervosa, internamento psiquiátrico (o ninho da serpente).

Drogas, abusos, psicadelismo psiquiátrico aberto. No formato mais convencional deste processo, a pessoa é simplesmente estourada (para cair) numa crise nervosa e ser internada psiquiatricamente (eventualmente colocada sob a supervisão do psiquiatra que serviu de consultor para o resto do processo de agressão, despersonalização). E, aí, está no ninho da serpente. Vai ser definitivamente devastada e "reprogramada" por meio de drogas, abuso e psicadelismo psiquiátrico directo. O público não faz a mais pequena ideia dos centros de mal puro que são albergados no seio da sociedade civil.

**Oz, a prisão onde Dorothy é poluída e desfigurada**.

Oz está no "céu", mas é o inferno, que se substitui ao céu.

Após o turbilhão, existe um novo patamar de estabilidade, a reprogramação em Oz. Durante a reprogramação, a pessoa assenta definitivamente em Oz; o seu self foi desmantelado e o novo patamar de estabilidade é a reprogramação. Como a fábula é cínica, Oz está no céu. Na verdade, Oz é o inferno, mas aqui o inferno substitui-se ao céu.

Dorothy, a criança interna, a ser poluída e desfigurada. Dorothy é a criança interna, o lado mais puro e genuíno da pessoa; a sua própria alma. Em Oz, Dorothy vai ser desconstruída, desfacelada, poluída.

O homem de lata não tem coração (consciência, sentimentos). Vai encontrar o homem de lata, que não tem coração, sentimentos humanos; é frio. A consciência moral e os sentimentos de Dorothy vão ser desfigurados. Dorothy vai deixar de ser capaz de sentir como um ser humano íntegro e genuíno; vai passar a funcionar por prompts aprendidas por condicionamento operante. Em muitas instâncias, se não em toda a personalidade, frieza e desumanidade vão instalar-se onde antes havia amor e humanidade.

O leão cobarde (agressão exercida by stealth, em grupo). O leão é um leão mas é cobarde. Isto significa poder e agressividade, exercidos de formas cobardes e dissimuladas. Dorothy vai tornar-se auto-intitulada e agressiva, mas vai ser cobarde e agir de formas subreptícias e dissimuladas. Tendencialmente, vai praticar agressão no seio de um grupo. Nunca terá de se expor a si mesma; será protegida pelo grupo. Este não é um grupo de "leões", será antes uma colectividade de pussy hyenas.

O homem de palha não tem cérebro (irracionalismo). O homem de palha não tem cérebro, isto é, não tem racionalidade e é incapaz de pensar por si mesmo. Isto significa que a nova Dorothy, desfigurada, será condicionada, enovelada (condicionamento operante), para fazer shutdown às suas capacidades críticas em instâncias específicas. Está-se a criar um instrumento, não um pensador.

A brick road, estrada larga colectivamente trilhada (essência de grupo, credo colectivo). O caminho de despersonalização e de reprogramação é feito pela caminhada por uma estrada larga de tijolos bem agregados entre si (bricks). Nesta linguagem, "bricks" são pessoas. A estrada de bricks é o colectivo de pessoas que estão unidas entre si num mínimo denominador comum de grupo, um qualquer consenso psicopolítico que é promovido pelos controladores. A nova essência com a qual a pessoa vai ser preenchida é uma essência colectivamente partilhada, uma essência de grupo. Este não é apenas um processo de despersonalização é também um processo de reprogramação para *recrutamento* num agrupamento psicopolítico. A estrada é uma estrada larga, e é a estrada de tijolos que, sendo bem agregados entre si, levam à morte, como está escrito nas Escrituras. Acredite-se ou não em Deus, todos estes processos são ***sempre*** feitos em anátema directo e deliberado para com as Escrituras. Deus existe, as pessoas que organizam este tipo de procedimentos sabem que Ele existe, tal como sabem que Ele reduzirá todas estas coisas ao fogo; e isso incentiva estas pessoas, profundamente perturbadas, a uma fuga para frente, no agravar dos comportamentos.

**"The man behind the curtain"**.

"The man behind the curtain" (hoje isto são one way mirrors, CCTV, etc.)

Feiticeiro, charlatão assumido – técnica científica como magia, encanto, divindade.

O "deus" que tenta ser amado e temido por show offs com ilusão e chicanaria.

O poder da palavra, "cast a spell" (psicolinguística, a Serpente de língua bifurcada). Todo o processo é coordenado pelo Mago, o Feiticeiro, que é assumidamente um charlatão. Usa técnica científica, que tenta fazer passar por magia, encanto, para fazer os seus maus trabalhos. O Feiticeiro está por detrás da cortina, e isto hoje significa o terminal de CCTV, o espelho unidireccional e todas as restantes armas psicóticas da surveillance and human reengineering society. Tenta encantar as suas vítimas, fazendo-as acreditar que é "deus" e que deve ser tão amado como temido; mas é tudo ilusão e chicanaria. A sua técnica essencial é o poder da palavra, evocado "by casting a spell". "Spell" significa muito literalmente a soletração de palavras. "Casting a spell" não tem nada a ver com feitiços de fábula, mas antes com o emprego habilidoso da palavra, pelo uso de técnicas psicolinguísticas – a técnica da Serpente no Éden, que usa PNL com Eva. "I cast a spell on you" quando te encanto pelo uso medido das palavras, quando te envolvo na minha teia de uso e manipulação com a língua bifurcada, com a boca mentirosa. Só isso.

Feiticeiro admite ser homenzinho patético a gerir esquema em pirâmide de disseminação de mal. Quando o Feiticeiro é exposto pelo que é, assume abertamente que é um pequeno e desprezível homenzinho, alguém que sente prazer com a sua própria condição de escumalha e pretende induzir mais pessoas no seu esquema em pirâmide de degeneração humana. É nisso que todo o processo consiste; a indução de pessoas num esquema em pirâmide de disseminação de mal. «*Mas vós desviaste-vos do caminho; fizestes tropeçar um grande número de pessoas com o vosso ensinamento*»

Citação. «*"Hush, my dear," he said. «Don't speak so loud, or you will be overheard – and I should be ruined. I'm supposed to be a Great Wizard." "And aren't you?", she asked. "Not a bit of it, my dear; I'm just a common man." "You're more than that", said the Scarecrow, in a grieved tone; "you're a humbug." "Exactly so!" declared the little man, rubbing his hands together as if it pleased him. "I am a humbug."*» "The Wonderful Wizard of Oz"

**he sleeper / the butterfly effect**.

Reprogramação seguida de "muita calma", em geral sob doses pesadas de psicotrópicos.

"Sono profundo" – sleeper. Após a conclusão eficaz da reprogramação, a pessoa vai levar a vida com muita calma, geralmente sob uma rotina pesada de psicotrópicos. Está naquilo a que se chama de "sono profundo". É uma sleeper.

O estado de larva, o sleeper bug / fora, é a mesma pessoa / dentro, regras mudaram. Uma larva é algo como um sleeper bug, uma criatura lentificada e auto-enclausurada. A larva representa a pessoa no pós-despersonalização. A sua realidade foi destruída, o seu self também, e é agora substituído por um ser inteiramente diferente; por enquanto sob uma forma de letargia interna, para encaixe da programação. Por fora é a mesma pessoa. Mas no interior, as regras do jogo mudaram.

Prompting desperta a borboleta – surge da larva – dança de Shiva.

Bater gentil de asas causa ondas de choque incrivelmente destrutivas – butterfly effect.

Beleza destrutiva (forma sem substância). Em breve, a pessoa é prompted a sair do casulo e a abrir as asas ao mundo. Agora é a borboleta. A borboleta é a criatura que surge da larva e que espalha o caos pelo mundo em redor – "the butterfly effect". Faz a dança de Shiva; o seu bater de asas é aparentemente gentil, mas as ondas de choque que provoca são inacreditavelmente destrutivas. Tem bom aspecto (melhor que na forma anterior), mas não constrói, nem edifica – i.e. forma sem substância. Usa a sua beleza e os seus atributos para *destruir*.

"Efeito borboleta" aplicado a mulheres (para homens, o mesmo género de tema).

Feiticeiro é sempre um homenzinho com ódio e desprezo absoluto por mulheres.

Mas também, influência social / mulheres são naturalmente persuasivas e influentes.

(É por isso que Serpente se dirige a Eva, não a Adão).

Instrumentalização: destruir, diluir num colectivo (real ou imaginário), usar. É claro que o efeito borboleta é aplicado essencialmente em mulheres (existem outros efeitos para homens, mas sempre à volta do mesmo tipo de tema), que são os alvos primordiais deste tipo de procedimento. O Feiticeiro de Oz é sempre um homem e, os homens que organizam este género de actividades têm o mais absoluto ódio e desprezo por mulheres. Sendo bons charlatães totalitários, estão também perfeitamente conscientes da incrível influência social que é detida pelas mulheres. É a Eva, e não a Adão, que a Serpente se dirige, para obter mudança social no paraíso, e tudo isto é bem capturado no velho ditado, "primeiro conquistam-se as mulheres, depois elas tratam das crianças e dos homens" (e é Eva que a Serpente mais odeia, porque teme continuamente que Eva lhe pise e esmague a cabeça; i.e. ao contrário dos mitos culturológicos, as mulheres são vitais para destruir o diabo). Quando se quer efectuar alguma forma de mudança, num qualquer espaço social, há que obter o apoio de uma massa crítica de mulheres; esse é um facto bem conhecido. Sendo totalitários, estes homens não visam apoio consciente e racional; visam pura e simples instrumentalização e manipulação. Isso significa bestialização; destruir o intelecto, o coração, a coragem. Destruir a alma e diluir a identidade numa realidade colectiva (concreta ou puramente mental) que seja impessoal e irracionalista. Depois, usar.

**ornar a pessoa atada com nós e enovelamentos – Razão**.

Em todo o processo, a pessoa é enovelada, presa em nós internos. Torna-se *atada*.

"A morte do self é a vitalidade do ser", etc. O maior de todos os nós é aquele que justifica todos os restantes, ao dizer que o estado de condicionamento total é um estado de liberdade total; algo bastante promovido pela introdução de filosofia hindu em todo este processo ("a morte do self é a vitalidade do ser" e outro tipo de nonsense deste género).

Nós emocionais. Do lado emocional, a imposição de nós significa que a pessoa é presa e condicionada por nós emocionais, prisões internas, caixas internas para os sentimentos e para as emoções.

Nós impostos à Razão, para a manter atada e presa.

O ataque ao verdadeiro, ao bom e ao belo / substituição por falso, mau e feio.

A duplicidade inconsciente (diabo como Deus) vs consciente (Deus como diabo).

Fazer mal (bem) para alcançar a utopia (paraíso) e encontrar salvação (destruição).

Mas os principais nós são aqueles que são impostos à Razão, para a manter atada e impedir o seu desenvolvimento. A Razão é desenvolvida pela procura e apreciação daquilo que é verdadeiro. Existe *verdade epistemológica e empírica*; o lógico-abstracto e o factual. Existe *verdade moral*: aquilo que faz de alguém uma pessoa *verdadeira*, por oposição a uma pessoa *falsa*; e aquilo que distingue o *bom* (e.g. ser honesto) do *mau* (e.g. ser mentiroso). Existe verdade estética; o belo é o verdadeiro e o belo é o bom. A mente Racional desenvolve-se pela procura, conhecimento e apreciação do verdadeiro; como *sempre* foi conhecido.

Os nós que são impostos visam neutralizar a limpidez cristalina de tudo isto. Portanto, começam por atacar a ideia de verdade epistemológica e factual, pela imposição de pensamento oximórico, auto-contraditório; e.g. "a única verdade é que não existe verdade". Se não existe algo como um valor de verdade, então não se pode dizer que existe verdade moral. Uma pessoa não pode ser *verdadeira* ou *falsa*. Não existe *bem* ou *mal*. Tudo é relativo, aceitável, **situacional**. Nihilismo epistemológico e moral. É claro que o mesmo se vai depois aplicar a verdade estética. A pessoa processada vai sê-lo para considerar que o "belo" é o falso e o mau. Porém, isto é algo que só opera ao nível do consciente. Aos níveis subconsciente e inconsciente, continua a haver o conhecimento elementar do bom, do verdadeiro e do belo. É por isso que existe sempre um paraíso artificial imaginário ("Oz", "utopia"), com um novo deus (o "feiticeiro", o "príncipe", o "mestre") que, ao nível puramente imagético e memético, reúne os atributos do bom, do belo e do verdadeiro. O efeito obtido é algo como a pessoa processada acredir em Deus, ao nível inconsciente, mas trabalhar voluntariamente para o diabo, ao nível consciente. A pirâmide interna consciente de mal e de falsidade é construída sobre uma raíz de divindade "verdadeira e benevolente". O diabo torna-se Deus, a utopia prometida torna-se o Paraíso, fazer mal para alcançar a utopia torna-se fazer bem. A utopia é salvação, mas a utopia não existe; é um sistema memético para manter o seguidor sob controlo, a perseguir a própria cauda. Tudo o que existe é a auto e hetero destruição que é trazida através do reino de falsidade e mal. [*Aliás, se o Feiticeiro fosse honesto, falaria de "eutopia" (lugar bom), mas como não é, promete "utopia" (lugar vazio, nada, vácuo); é um dos muitos modos de fazer troça dos tolos voluntários*].

E tudo isto é imposto pela imposição de nós paralógicos que sabotam e delimitam o funcionamento consciente em caixas fechadas e prescritas.

**Fetiches – "dança", "utopia", "nós", "maravilhoso", "mudança", etc**.

Feticheses mentais e discursivos reincidentes.

Tudo é groovy, trippy, dreamy, "um sonho" – "sonhar" – fantasioso substitui real.

A "família", o colectivo – linguagem colectiva – "eu" substituído por "nós". Existem alguns slogans típicos, fetiches mentais reincidentes no discurso, que são associados a

esta forma de reprogramação mental. A incidência no tema da borboleta (mais à frente) é um bom exemplo. "Maravilhoso" é algo que caracteriza todo o processo; tudo aqui é "maravilhoso". Este é um fetiche discursivo habitual. Anda a par e passo com "groovy", "dreamy", "trippy", "um sonho", "uma trip". "Sonhar", estar apaixonado por fantasia, trocar o real pelo dreamy place que foi prompted [os 60s foram muito importantes na disseminação deste tipo de lavagem cerebral, com as comunas dirigidas por psiquiatras, sociólogos, psicólogos (gente de Palo Alto e afins)]. A "Family" de Charles Manson é apenas uma pequena demonstração de tudo isto. Existe sempre uma "família" alargada, adoptiva, que surge disto, uma forma de clã colectivo, real ou imaginário. Quem está na "família", diz "nós". Já não existe "eu", agora existe uma parcela de "nós". "~~Eu vou~~ *Nós* vamos fazer isto ou aquilo" (é bastante perturbador ouvir este tipo de despersonalização).

Relativismo moral nihilista para atingir "coisas maravilhosas".

"Utopia" (o nada, o vazio) vs. eutopia (sítio bom); a troça com os tolos voluntários.

"Deixar tudo isso para trás" – "mudança", "mudar" – "brincadeira".

"Dança", a dança de Shiva pela borboleta.

"Pretty colors", "shiny white lights", "shades of gray".

Obsessão com forma em preterimento de substância.

Novo self é dúplice, segmentado, fragmentado, sociopático. "Deixar todas essas coisas para trás", "deitar tudo para trás das costas"; e este *tudo* é o antigo self e tudo o que o caracterizava e distinguia do "novo" self que é enfiado pela garganta da pessoa abaixo (valores, crenças, etc.) Portanto, "mudança" é bom per se; "mudar" é intrinsecamente positivo («*mas, mudar porquê, para onde e para quê?*» Mental shut down). "Mudar" para o mundo maravilhoso prometido pelo Feiticeiro implica fazer mal, prejudicar, e isso também é maravilhoso. Algo que se faz a brincar, algo que é uma "brincadeira". Merry pranksters. The Joker. Relativismo moral nihilista em prol de utopia é muito importante em tudo isto. "Utopia" também, claro. Agora, "utopia" é pura e simples banha da cobra (ou, da Serpente). Aliás, "utopia" significa "lugar com nada" – "vazio". Se o Feiticeiro fosse honesto, diria "eutopia" ("lugar bom"); "utopia" significa que se está a fazer troça da vítima, do instrumento.

"Dança". "Dançar" é "maravilhoso", traz coisas "maravilhosas". Onde tudo é "maravilhoso", existem muitas "cores bonitas" ("pretty colors" e "shiny white light", caracterizando espaços de alienação mental sob shut down racional), mas também muitas "shades of gray" (relativismo moral, o nihilismo situacional usado pela borboleta que dança para trazer destruição e pensa que está a fazer algo de "maravilhoso"). Esta "dança" não é dança real, ou bonita; é a dança de Shiva, a dança do deus que traz destruição criativa, i.e. destrói tudo no mundo em redor com os movimentos de anca, na fuga do caminho recto, em saltos caóticos "para a direita e para a esquerda". Existe sempre uma obsessão com a forma por preterimento da substância. A própria pessoa é

tornada toda forma, substância zero. É agora uma espécie de actor/actriz social, bastante literal. Por fora, o cidadão modelo. Por dentro, uma espécie de confusão caótica de elementos, uma forma de inferno mental, por vezes partido e segmentado em múltiplas personalidades. O lado mais preocupante em tudo isto, o perfil sociopático, dominado por nihilismo moral e intelectual e pelo seu correlato imediato, auto e hetero-destrutividade.

**A escuridão é a ausência de luz**.

Entra-se em Oz por um labirinto caótico e enovelado – segue-se para morte.

Sai-se pela escolha do verdadeiro, do bom e do belo (quebrar programação).

A saída é a entrada no real, por Yeshua, o Cordeiro de Deus. Este é um dos muitos caminhos que levam à morte. Entre vida e morte, escolhe-se vida. A saída para tudo isto é simples, e bastante óbvia. É preciso reconhecer que se vive numa fantasia, imposta por charlatães. É preciso cortar com a fantasia; cortar entre aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso e optar pelo verdadeiro, em todos os domínios da vida. Só a partir daí é possível reconstruir o self e, com o self, o intelecto, a consciência, a coragem. O caminho que se fez em Oz foi labiríntico e confuso, para enovelar a pessoa e a mente em voltas ininterruptas de engano e de falsidade. Para sair, não se tenta reproduzir esse caminho. Pelo contrário, corta-se a direito, e isso é feito pela proverbial escolha do verdadeiro, do bom, e do belo – o caminho recto. A saída só pode realmente ser feita por meio de Yeshua, o Cordeiro de Deus, que *já* deu o próprio sangue para possibilitar essa saída, para todos. É Yeshua quem dissolve todos os nós e é Yeshua quem regenera a criança que foi desfigurada, a alma. A criança genuína conhece-O bem.

## *THIRD WAVE – Geração de colectivismo, fascismo*

**Third Wave – A experiência**.

Mudança social, comportamento de gang, pressão de pares.

Motes – Força através de disciplina, comunidade, acção, orgulho. "Strength through discipline, strength through community, strength through action, strength through pride".

Onda. O padrão de mudança – movimento, direcção, impacto.

"Energia positiva".

Detalhes da experiência. Escola secundária em Palo Alto, Califórnia, organizada por um professor de História, Ron Jones. Jones disse aos seus alunos que o movimento, "The Third Wave", visava eliminar a democracia, por enfatizar o valor do indivíduo – isso seria uma falha no sistema democrático. Persuadiu-os de serem um movimento à escala nacional, de brigadas de juventude, para trazer mudança social radical. A experiência prolonga-se durante 2 semanas, em Abril de 1967. No final, Jones mostra-lhes o caminho que estavam preparados para seguir – o III Reich.

**Third Wave – Comunidade e disciplina**.

Comunidade. Fazer parte da equipa, ser um team-player. Ser a peça na máquina.

Disciplina colectiva. Obediência inquestionada à vontade do grupo.

Ser "born again in the group" – vender a alma ao grupo. Born again in the group – uma nova consciência moral, uma nova alma (ou melhor dizendo, a destruição da alma e da consciência individual). Aceitar vontade do grupo acima das próprias convicções morais, independentemente do mal causado a terceiros. Aceitar que amigos e vizinhos sejam perseguidos e destruídos.

Fanatismo e irracionalismo – um pseudotranse. Pessoas deixam de ter espírito crítico, adoptam uma forma de transe. Fanatismo e irracionalismo.

Comportamento criminoso em nome do grupo. A pessoa normal assume rapidamente um comportamento criminoso, desde que o faça em nome do grupo. O grupo, o bem comum do grupo, torna-se mais importante que os direitos do indivíduo.

Uma forma insidiosa disto – demissionismo e cobardia. Demissionismo: “não posso fazer nada”, “não posso dizer nada”. Enquanto respiras, há sempre algo que podes dizer, ou fazer. Todos são responsáveis pelas suas próprias acções.

**Third Wave – Orgulho**.

Orgulho – “team spirit”. Espírito de grupo, de comunidade. Sentido de exclusividade, elite, fraternidade. Fazer parte de algo especial. Fazer parte de algo maior.

Divisão do mundo entre **ingroup** e **outgroup**. O sentimento de se ser especial é geralmente por oposição a um outgroup, um grupo inferior, demonizável por todos os males do mundo.

Liberdade individual é trocada por sentimento de superioridade.

Fraternidade, oligarquia – códigos, benefícios. Códigos secretos, e benefícios sociais para os membros do grupo, por oposição ao resto da sociedade.

**Third Wave – Acção**.

Acção colectiva, trabalho colectivo, sacrifício colectivo. Acção colectiva – tomar acção como parte de uma máquina bem oleada. Trabalho colectivo, sacrifício colectivo.

Ingroup – benefícios sociais.

Outgroup – violência dirigida.

***Espionagem, hostilização, intimidação, terrorismo***. Hostilização e agressão de adversários, dissidentes, ou bodes expiatórios, em nome do bem comum. Os fins justificam os meios. Sacrifícios são necessários.

***Integração universal***. Quem não quer ser integrado, é hostilizado e alterado até querer.

Fascismo – concertação de mónadas sociais. Fascismo é algo que está em cada um, latente, na entrega ao grupo. Múltiplas mónadas sociais a agir em concertação, quer os membros o saibam ou não.

**TIHR e Lewin (1947) – Engenharia psicossocial para mudança guiada**

**TAVISTOCK – Engenharia psicossocial para gestão de relações humanas**

TIMP – Centro de guerra psicológica para o Império Britânico. Criado em Londres para ser o centro de guerra psicológica e de gestão de massas (da sociedade) para o governo britânico.

TIHR, est. 1947, com assistência Rockefeller. Alan Gregg, o director médico da Rockefeller Foundation atribui uma bolsa ao Tavistock, que resulta no nascimento do TIHR, Londres.

Human Relations (1947), "integração das ciências sociais". Ainda em 1947, Tavistock e Kurt Lewin (nesta altura no Michigan) juntam-se para dar início à publicação de "Human Relations", o periódico internacional. O objectivo de integrar todas as ciências sociais num único corpo teórico-prático de controlo do pensamento e da acção e, consequentemente, das relações humanas, é bem manifesto no título da magazine periódica publicada pelo Tavistock Institute of Human Relations, Londres: "Human relations: Towards the integration of the social sciences", publicada a partir de 1947.

**Kurt Lewin (1947) – O desenvolvimento das ciências sociais durante a II Guerra**.

Desenvolvimento das ciências sociais durante II Guerra comparável à bomba atómica.

Antropologia cultural aplicada, experiências com grupos.

Capacidade de combinar factores económicos, culturais, psicológicos.

A guerra acelerou a mudança em ciências sociais a um novo nível de desenvolvimento.

Mudança marcada por integração das ciências sociais, indução de mudança social.

«*One of the by-products of the second World War of which society is hardly aware is the new stage of development which the social sciences have reached. This development indeed may prove to be as revolutionary as the atom bomb. Applying cultural anthropology to modern rather than "primitive" cultures, experimentation with groups inside and outside the laboratory, the measurement of socio-psychological aspects of large social bodies, the combination of economic, cultural, and psychological fact-finding… the war has accelerated greatly the change of social sciences to a new developmental level. The scientific aspects of this development center around three objectives: 1. Integrating social sciences. 2. Moving from the description of social bodies to dynamic problems of change. 3. Developing new instruments and techniques*

*of social research*» [Kurt Lewin (1947). “Frontiers in Group Dynamics”, *In* Field Theory in Social Science]

**M**

**TOFFLER (1997) – Revolução cultural e tecnológica – Sociopatia**.

[Prefácio a "In Athena's Camp" – Contexto, pós-modernismo sociopático].

Verdadeira revolução quando toda a estrutura social muda.

Instituições civis entram em crise, incluíndo família, papéis sociais, valores, cultura.

Avanços (ou retrocessos) tecnológicos criam perturbação económica.

[**Edit**] «*A true revolution occurs when the entire structure of a society changes… civil institutions fall into crisis. Family and role structures change. Other changes shake the culture and the value system. Technological breakthroughs (or breakdowns) create an economic upheaval… all these produce something far more profound than "revolution" in the customarily narrow sense of the word*»

[**Original**] «***A true revolution occurs when the entire structure of a society changes**, not just when the palace and the local television station are captured by "coup plotters." In a real revolution, **civil institutions fall into crisis**. **Family and role structures change**. Other **changes shake the culture and the value system**. **Technological breakthroughs (or breakdowns) create an economic upheaval**. Taken together, all these produce something far more profound than "revolution" in the customarily narrow sense of the word. And this revolution in the larger sense causes a revolution in military affairs as well*» Alvin & Heidi Toffler, Foreword to John Arquilla & David Ronfeldt (1997), "*In Athena's Camp: Preparing for Conflict in the Information Age*". RAND Corporation.

**UCR – Psiquiatria negra – Processo geral de despersonalização e reprogramação**

RACIONAL – Quebra e reprogramação de psique e comportamento. Provocar um colapso identitário. I.e., desintegrar a personalidade e a identidade, ou partes das mesmas. Preencher o espaço vazio com uma nova essência, i.e., reprogramar o indivíduo com um novo sistema de crenças, gostos, e padrões comportamentais.

Ou seja, apagar mentes e reprogramá-las.

Processo gradual, passo-a-passo.

1. Choques dialécticos – Induzir confusão, caos mental, psicoticismo. A ideia é submeter o paciente a choques controlados, tese-antítese, para mudança comportamental. Os choques podem por vezes ser intensos. Nestes casos, o que temos é, em essência, o virar a vida da pessoa de pernas para ar de uma forma ou de outra, por vezes de várias formas.

2. Isolamento, degradação, monopolização perceptiva – "Loucura" induzida. Deprivação sensorial, monopolização perceptiva. "Imobilizar" o indivíduo. Provocar um género de loucura induzida.

2a. Guerra cognitiva. Destroçar tudo aquilo em que a pessoa acredita e toma por valioso, ou garantido: crenças, valores, preferências.

3. Psicadelismo – Rotinização do imprevisível – Fluxo e ausência de controlo. Atravessam o processo, do choque ao "sono profundo". Ideia é gerar um estado de fluxo da consciência, onde nada é normal e tudo é imprevisível. Logo, percepção de que indivíduo não tem controlo sobre nada.

4. Reprogramação – Através de pressão externa – Auto-traição. Através de figuras de autoridade e pressão de pares. Intimidação, ameaças. Teatro de omnipotência, omnisciência. Exige auto-traição. A pessoa tem de que está a ser pressionada a mudar crenças e comportamentos, e aceitar voluntariamente fazê-lo.

4a. Reprogramação – Uma nova essência. Depois, a pessoa é preenchida com uma nova essência, reformulada pelas linhas desejadas pelo controlador.

4b. Superego social ambivalente. O indivíduo tem de aceitar submissão a um superego social ambivalente, ambíguo: este superego é providenciado pela parte agressora, que surge também como a parte amiga, confidente e salvadora. As máscaras teatrais.

4c. Dinâmica de grupo, pressão de pares. Rodear o indivíduo com um grupo de pares que vai ser hostil às suas atitudes e que não vai ser solidário ou tolerante com elas. Vai exigir que indivíduo mude as suas perspectivas em troca da harmonia com o grupo. Produzir ansiedade ao ponto a que sistemas normais de coping não prevaleçam. Forçar

conformidade. Bombardear com “sugestões de mudança”. Tudo isto pode ser feito de forma aparentemente simpática.

5. Sono profundo. Pacificação após conclusão eficaz da reprogramação. A pessoa vai levar a vida com muita calma, geralmente sob uma rotina pesada de psicotrópicos.

5a. Transformação – “The walking dead”. Método transformacional, com um sorriso e um abraço de grupo. É a forma mais diabólica de transformação; ao passo que no método tradicional de conversão forçada, o corpo podia ser torturado ou até morto, mas a alma ficava, a ideia aqui é bastante mais perversa: o corpo fica mas a alma é morta e absorvida num grande colectivo disforme – os mortos ambulantes, zombies [the walking dead].

**Um pesadelo não é um sonho e um sonho não é um pesadelo**

Se sentimentos forem princípio de realidade, mente entra em negação perante pesadelo.

Não pode ser um pesadelo, tem de ter aspectos bons e positivos.

Pesadelo justificado, racionalizado, até romantizado. A complexão psicológica narcísica impele a pessoa a colocar o acima de tudo o resto; os seus sentimentos são o princípio de realidade, e tudo o resto tem de se ajustar a esses sentimentos. Algumas vezes, a realidade externa pode ser apresentada como fácil e fluida, um simulacro com aproximação ao sonho. Mas outras vezes, a realidade externa é transformada num pesadelo. Aí, a mente narcísica entra em negação; é imatura e não consegue acreditar que possa estar, efectivamente, num pesadelo. A tendência será a de se ajustar, adaptar ao pesadelo. Para isso, a pessoa vai-se centrar nos "aspectos positivos" do mesmo, aqueles que alimentam a esperança ilusória na obtenção do sonho. A gestalt total de pesadelo tem, em si, de ser racionalizada, justificada.
. Por imaginação dialéctica, o pesadelo é justificado ou até romantizado.

Maturidade mental implicaria encarar pesadelo como pesadelo e combatê-lo. É claro que a reacção mentalmente madura seria a de encarar o pesadelo de frente, pelo que é, e combatê-lo. Mas, para isso, seria necessário admitir que o sonho não é possível ou, é condicional a sacrifício pessoal (qualquer uma delas inímica a narcisismo).

Sem amor à verdade, narcisista pode até tornar-se numa força que sustém o pesadelo. Não tendo amor à verdade, mas apenas aos sentimentos, o sujeito narcisista adapta-se rapidamente às condições do pesadelo. Centra-se pura e simplesmente na procura de "aspectos positivos" e de "doces sociais" no seio do pesadelo, e esse passa a ser o seu driver existencial. Daí, pode tornar-se uma força para aprofundar o pesadelo (o pesadelo humano é geralmente criado por idiotas narcísicos a agir egotisticamente para maximizar ganhos).

Anjo ganha coração humano e depois torna-se num demónio. O anjo pode ser degradado para ganhar um coração humano (narcisismo) e, daí, tornar-se num demónio ajustado ao inferno terreno.

O exemplo The Prisoner e as duas mensagens.

"Wake up and smell the coffee" – a importância das mulheres. Na versão mais recente da série The Prisoner, a versão americana (e essa versão é má, mas tem alguns pontos de interesse), existe o momento em que se percebe que todo o pesadelo social é sustido pelo adormecimento da esposa do Number 2 (é o pesadelo que é conjurado pelo sono da mulher). Quando o Number 6 se torna no novo Number 2, e se junta com a outra moça, a psicóloga/torturadora, isso liberta a esposa do antigo Number 2. Agora é a nova esposa, a esposa do Number 6, que adormece e sustém o pesadelo, enquanto o Number

6 o opera e comanda. Duas mensagens importantes. A primeira é a de que quando as pessoas estão a dormir para o mundo real (ausentes do mundo real, imersas num mundo de sonho), coisas más acontecem. O pesadelo acontece quando as pessoas se ausentam do mundo real, não o encaram de frente, não se interessam, não assumem responsabilidade. So, wake up and smell the coffee. Segunda mensagem, as mulheres são tão importantes. Como Hitler e Nero diziam, quando capturamos a mente feminina, a seguir vem a mente dos filhos (determinada pela mãe) e, no fim, o homem não tem alternativa a não ser sujeitar-se. Uma boa sociedade tem de ter mulheres maduras, fortes e responsáveis.

**UN sugar daddy state – Notas sobre ONGismo "feminino" da ONU**.

Termo "mulheres" destacado *ad nauseam* [registo espécie protegida]. Este registo consegue tornar a palavra "mulheres" num termo tedioso, desconfortável, cansativo – o efeito típico quando a ONU pega numa palavra. Moças, gajas, chavalas, fêmeas, raparigas, girls, tudo se torna mais apelativo que "mulheres".

(1) Saúde reprodutiva (UNFPA) – Aborto e esterilização. Dos anos 70 para cá, a prática habitual tem sido coerção, na linha da China, vista pela UNFPA como um modelo de boas práticas. Quando estas práticas não são coercivas, costumam ser feitas por incentivo, no que é uma forma bastante deselegante de suborno: as mulheres-alvo são premiadas com subsídios especiais ou até mesmo prendas materiais (telemóveis e outros).

(2) O novo mote UNFPA, "emancipate yourself, become a callgirl". A UNFPA tem vindo a defender o "direito" a monstruosidades como prostituição, pedofilia, narcóticos (no 3º mundo e não só) como medidas de emancipação social.

(3) UNFPA reaviva tradição feudal – atar tubos, fazer desmanchos, prostituir-se. A mulher é emancipada quando ata os tubos e quando vai prostituir-se para uma esquina, de forma a ganhar dinheiro para um derivado de ópio afegão. Ainda melhor se for uma menina pequena. Não é difícil conceber um futuro onde a mulher média já não consiga obter qualquer patrocínio "privilegiado" para uma PME (irão na mesma direcção que o resto do mundo), mas obterão microcrédito para montar um salão de beleza/prostituição, na comunidade. Esse salão poderá ter uma pequena smart shop para narcóticos geneticamente alterados. Depois, também terá uma pequena e não-higiénica sala de fundos para fazer desmanchos e para atar tubos.

(4) Balcanização psicossocial do 3º mundo com ONGs "femininas" [*sugar daddy state*]. Dois pontos de relevo. Primeiro, usar engenharia psicossocial para balcanizar o público feminino no 3º mundo, como forma de disromper padrões culturais tradicionais, infiltrar e alterar as culturas desses países. Segundo, obter (aparente) colaboração de público feminino (expresso em ONGs e associações locais) para políticas "local to global". Como Nero e Hitler diziam, o *sugar daddy state* tem primeiro de doutrinar as mulheres; a seguir, elas encarregam-se dos filhos; os homens acabam por se juntar no final. Aqui, a doutrinação é particularmente pervertida.

(5) Sistemas especiais de crédito [3º mundo] – balcanização, colateralização financeira. Em vários países do 3º mundo já existem sistemas especiais de microcrédito para "mulheres empreendedoras". Em si isto não é mau, ou pervertido (bem pelo contrário). O problema é que o sistema em si não visa equalizar ou balancear relações *per se*, mas sim avançar a balcanização sexual e a disrupção cultural que são mencionadas no ponto anterior. *É preciso, portanto, cooptar isto em sentidos bons e produtivos: equalização real de relações/promoção de paridade e o desenvolvimento de classes médias*

*empreendedoras nos países em causa*. Porém, em África já se chegou ao ponto em que é normal haver zonas onde apenas mulheres podem ter uma pequena ou média exploração agrícola (depois de apartheid racial, existe agora a ascensão lenta de uma nova forma de apartheid, "apartheid económico sexual"). É claro que isto também visa alimentar a colateralização do sistema de derivativos. Em alta finança, só se avança crédito a uma sociedade por dois motivos: colocar as pessoas a trabalhar para colecta de juros e para confiscação de propriedade durante ciclos *boom/bust*; e colateralizar valores financeiros, hoje em dia, derivativos.

(6) Destruição psicossocial não é novidade em África, mas situação é agravada. Isto não é novo para África que, de há 100 anos para cá, tem vindo a ser submetida a todas as formas concebíveis de manipulação sócio-cultural. Mas agrava a situação. Os problemas sociais que são causados por este tipo de subversão psicossocial deliberada (é isso que está aqui em causa) juntam-se ao agregado geral de destruição cultural, para criar todas as formas de caos intergeracional. Esta é uma forma de destruição particularmente pervertida, visto que visa destruir a *família* africana (e, consequentemente, a natalidade) mas, mais que isso, extirpar o homem como figura com importância na sociedade africana. O homem é a base da sociedade tribal/independente/descentralizada africana; algo que *é africano* e que daria excelentes resultados numa base económica, se África não estivesse sob ataque permanente há gerações. Quando o homem está fora do caminho, e as ONGs passaram anos a bombear o sistema com propaganda e dinheiro, para criar uma nova classe de mulheres que pensam e agem como comissárias ONU, o que acontece é que a multinacional pode chegar e montar o estado organizado totalitário, usando uma nova classe *afrikander*, desta feita mulheres doutrinadas a ser auto-intituladas e a ver os homens como seus inferiores – e, crianças como fardos. A primeira grande fase de ataque psicossocial sobre África surge na forma de desculturalização forçada e apartheid racial, dos 1870s em diante. A segunda grande fase começa mais ou menos 100 depois, e consiste em balcanização ao longo de linhas tribais; manipular africanos para matar africanos. A terceira grande fase surge agora, no século 21, e promete vir a ser (se continuar à velocidade actual) a mais perversa de todas: virar mulheres contra homens e vice-versa, destruir a infraestrutura familiar a partir de dentro.

(7) O perfil da comissária ONGista ONU para 3º mundo: elitismo e *noblesse oblige*. As mulheres (ou, em certos casos, os homens) que são doutrinadas para ser as comissárias para este tipo de programas, são-no em geral desde pequenas, em escolas especiais insuladas do mundo. Com efeito, a generalidade destas raparigas são ricas, provenientes das famílias oligárquicas dos respectivos países. É-lhes ensinado um novo *mythos* elitista. A estrutura de crenças começa por ser alicerçada em pensamento dialéctico, pelo qual todos os fenómenos humanos ocorrem por conflito e confronto – com efeito, o próprio avanço humano só é possível por meio de uma forma ou outra de confronto, guerra, exploração. Depois, isto é complementado com falsas versões da História, radicadas em ódio racista e elitista para com grupos específicos: os pobres, a classe média, esta ou aquela nação, ou raça. É ensinada uma forma de hegelianismo marxista,

pelo qual o melhoramento geral da humanidade será possível por meio do avanço de uma classe de elite (uma oligarquia) que tem o dever de disciplinar e ordenar o resto da humanidade. É um *dever*; chama-se *noblesse oblige*. A jovem Miriam, angolana ou congolesa, filha de uma família rica, aprende que tem a obrigação nobiliárquica de ordenar o mundo à sua volta, para extirpar todas as fontes de desordem e vulgaridade. Aprende a admirar Karl Marx, Cecil Rhodes, Jan Smuts, Jean Paul Sartre. Aprende racismo científico, ódio de classe, arrogância existencial. Da mesma forma, aprende a ver o mundo em termos dialécticos: mestre/escravo, dominador/dominado, sádico/masoquista. Depois, recebe o dinheiro da família para colocar em prática a filosofia prussiana na sua própria terra. Foi mentalmente colonizada e pode avançar a neo-colonização do seu próprio povo, do qual *não sente que faça parte*. Com efeito, despreza-o e, em boa medida, odeia-o. Secundário em tudo isto é o *mythos* da vitimização de género historicamente ubíqua. É um *mythos*, uma invenção histórica; apesar de nem toda a gente o saber, esse não é o caso com os seus principais proponentes, que o sabem do modo mais cristalino possível. Este mythos é encarado como mais uma pré-condição essencial, fundacional, a "mentira nobre" que permite colocar em prática a *noblesse oblige*. Jan Smuts precisou do *mythos* da inferioridade do homem negro.

<u>(8) ONGismo comunitário, sopeirismo</u>. O passo seguinte é o de levar a nova doutrina, reempacotada sob formas pós-modernas, a grupos e associações de jovens desculturalizados, cultivados em violência urbana, histórica e filosoficamente ignorantes. Estes grupos podem depois agir como portadores do novo evangelho de reengenharia social e colonização cultural, em várias ONGs e outros destacamentos deste género, sob bolsas atribuídas pelos grandes interesses financeiros que lucram com todo o processo. É claro que a organização e a liderança desses grupos é assegurada pelo tipo de perfil elitista atrás mencionado. O sujeito saído da escola de elite, treinado em técnicas de psicologia social, pode agora recrutar e manipular (algo que *sabe* que faz) a nova força de desaculturação. Esta é, aliás, uma repetição do processo conduzido há mais de 100 anos atrás no mundo ocidental, quando muitas senhoras "educadas" da elite eram usadas para organizar redes de controlo eugénico nos bairros pobres das sociedades industriais. Estas senhoras eram chamadas de "sopeiras" porque colocavam em prática a velha prática de "sopeirismo", pela qual um pobre poderia receber uma *sopa* (estamos a falar de meios condenados ao mais básico nível de subsistência) em troca de fazer um serviço qualquer por quem tinha, literalmente, a mão na massa. As "sopeiras" eugénicas de há 100 anos atrás permitiriam que uma rapariga "inapta" não fosse condenada a ter os tubos atados, ou a desmanchar a gravidez, contando que viesse a fazer "algo de útil pela comunidade". Este é o mesmo tipo de praxis e de mentalidade que prevalece no ONGismo actual. Na prática, não é nada mais do que a expressão neo-colonial das antigas "caridades" imperiais europeias, instituições que organizavam as comunidades para exploração colonial.

<u>(9) O *mythos* do eterno apartheid homem-mulher</u>. A comissária UN Women actual precisa do *mythos* da guerra dos sexos e do apartheid sexual histórico – algo que, na

prática, só existiu, ou foi relevante, ao nível das classes oligárquicas das quais ela própria ascende. Ao longo da história, todo o resto da sociedade é geralmente composto de escravos e servos, iguais na sua exploração e sob a condição servil em que são mantidos. Isto é particularmente verdade no *benchmark* que costuma ser dado para a ideia de *apartheid* homem/mulher: a civilização ocidental. Mostrar uma parte da realidade sem mostrar tudo o resto é uma forma hábil de mentir e, é isso que costuma ser aqui feito, com um foco míope sobre os hábitos misantrópicos de parte da oligarquia. De fora é deixado o facto de que, ao longo de séculos de história, o homem e a mulher médios eram igualmente escravos e explorados. Por exemplo, durante a Idade Média, a generalidade dos homens sob servitude feudal nem sequer tinham autorização para casar, ou para procriar. Nas aldeias, as "melhores" mulheres eram comummente reservadas a gineceus nobiliárquicos, onde passavam o resto das suas vidas sexualmente activas como prostitutas e mães de bastardos. Em muitas fases da civilização europeia, esteve em vigor o sistema que foi depois usado nas plantações: as mulheres eram regimentadas em grupos sociais e recebiam privilégios especiais em troca de manterem os homens sob controlo. Isto implicava espionagem de hábitos e costumes mas, também, muitas outras coisas. Com efeito, isso é aquilo a que a ONU costuma chamar de "sistema matriarcal". Este sistema (na verdade, construído sobre balcanização e mau carácter) moldou uma enorme parte da história civil da Europa, durante séculos. É, com efeito, o sistema de organização social prevalente na Europa do Sul, católica. As oligarquias europeias, por outro lado, foram as únicas estruturas sociais que, de forma consistente ao longo da história, tiveram sequer uma estrutura familiar da qual falar. Entre a população comum, as estruturas de família e clã são destruídas durante o decurso do período de feudalização e servilização. O que é o percurso entre a Idade das Trevas e toda a Idade Média, estendendo-se até a parte da Revolução Industrial, se não uma história de indivíduos atomizados, dissociados de quaisquer laços familiares, à deriva numa sociedade social-darwinista, dominada por "machos-alfa" sociopáticos? [*e este é o padrão para a sociedade pós-moderna*] É entre as famílias de topo que vamos encontrar o cultivo de misantropia e superioridade de género; tais asserções de superioridade, num ou noutro campo, são inerentes à mentalidade oligárquica. É entre os 1850s e os 1950s, após e durante a ascensão da família de classe média, que as oligarquias (civis, religiosas e, particularmente, as de guilda) tentam propagar chauvinismo declarado junto destas classes médias ascendentes. Esta é a realidade histórica [*e, seria essencial que houvesse uma aposta em estudos pormenorizados e imparciais para enriquecer o conhecimento sobre esta temática, fora de frameworks ideologicamente carregadas como sejam "religiosismo patriarcal" e "antropologismo matriarcal", as duas faces concomitantes da mesma perversão oligárquica*].

<u>(10) O mito anti-Judaico/Cristão</u>. O pós-modernismo procura sempre demonizar os valores e a tradição Judaico/Cristã por alegada promoção de machismo, chauvinismo, puritanismo e todas essas coisas horríveis. É um facto que, ao longo da história, muitas das formas institucionais de cristinianismo, com destaque para o Catolicismo, adoptaram e promoveram puritanismo latino e germânico (e é isto que costuma ser chamado patriarcalismo sexual), por substituição à boa velha descomplexação bíblica.

So, let’s not be schmucks, e não se culpe Deus por aquilo que o homem inventa, isso é má educação. Todas as formas de puritanismo sexual promovem medo, vergonha e desconforto para com questões sexuais, atitude que não é, evidentemente, bíblica. Deus criou-os homem e mulher para se unirem, serem uma só carne, terem filhos, apreciarem-se mutuamente como amantes devotos, serem fiéis um ao outro, terem uma grande aventura conjunta chamada vida. Como qualquer outro texto bíblico, os Cânticos de Salomão incluem várias camadas de significado. Uma dessas camadas, para quem saiba o que está a ler, contém o manual sexual mais belo e mais estimulante alguma vez escrito. Deus obviamente não condena a actividade sexual; condena-a fora de amor, o que é uma coisa inteiramente diferente. Serão uma mesma carne e, a partir daí, construirão coisas em conjunto. Homem e mulher são filhos de Deus, destinados a harmonia e a paridade. Há sempre algo do *self* que fica com o outro, no acto sexual. Existe sempre um laço que é estabelecido entre duas pessoas, nesse contexto. Se o acto é feito fora de amor, mera carne, mera utilização mutuamente consentida de pedaços de carne, existe algo em cada um que é erodido e degradado. O laço que se estabelece está sempre lá, mas a relação em si é destrutiva e trai esse laço. Esse laço é algo que se estabelece entre as duas almas, as duas consciências. Trair esse laço é uma forma de degeneração da consciência. Portanto, o laço deve ser estabelecido em amor, em união perfeita e, aí, dará frutos.

**UNESCO – Jargão UNESCO, século 21 – Pintar os lábios do porco**.

“Alcançar, ser mais, desenvolver talentos ao máximo”. «*Developing talents to the full... Realizing creative potential… Personal achievement*»

Harmonia, unidade, comunidade, espiritualidade, etc.

. «*Sustainable Human Development… Peace and Justice… Health and Harmony with Nature*»

. «*National Unity and Global Solidarity*»

. «*Truth and Wisdom… Love and Compassion… Creativity and Appreciation for Beauty*»

. «*Global Spirituality*». Significa ter muita, muita paz interior, e trabalhar em equipa. A formiga pacífica.

.

Colecções de platitudes e banalidades retóricas. Servem, claro, para mascarar a falta de essência

Pintar os lábios do porco com baton bem vermelho e bem luzidio. Pode ser que deixe de parecer um porco, mas não, continua a ser um porco, e morde.

**UNESCO, 1972 (ICDE) – Relativismo moral – Comunitarismo – Cibernopóide**

**UNESCO, "Learning to be" (1972) – Ensinar a ser – Relativismo moral**

! "*No socio-political system can forgo securing its foundations by winning over minds and hearts to the principles, ideas, common references and, beyond these, the myths which bind a nation together…*#

$ % & "*…real humanism… scientific humanism rejects any preconceived, subjective or abstract idea of man. The kind of person it concerns is a concrete being, set in a historical context, in a set period… depends on objective knowledge, but that which is essentially and resolutely directed towards action and primarily in the service of man himself*#

"*It seems indispensable that each individual be trained to grasp the relativity and interdependence of the various moments of existence, whether from the individual's own point of view or that of the community. Dialectical thought is the usual instrument for apprehending reality in this way, since it introduces time and movement into concepts and operations… Accordingly, an individual should avoid systematically setting up his beliefs and convictions, his ideologies and visions of the world, his behaviour and customs as models or rules valid for all time, all civilizations and all ways of life*# '
( ) * + , - + . + /01234 5
6 7 & - 8 9

**UNESCO, "Learning to be" (1972) – Relativismo – Usar insatisfação juvenil**

8 : & & & ; "*Quest for new values… youth becomes a unified, self-sufficient group in quest of new values for a new world which may finally arise from 'the culture of silence' and oppression, freeing itself from all the machinery of socio-economic and intellectual dominance*# ' (
) * + , - + . + /01234 5 6
7 & - 8 9

**UNESCO, "Learning to be" (1972) – "The new man", <u>cibernopóide</u>**

< & & "*Towards the complete man… A new man for a new world* ! = *the 'cynerbopoid' of the future*# > % "*the anthropoid of the past*# "*Man's powers*# ' ( ) * +

, - + . + /01234 5 6
7 & - 8 9

?***Ilustrar com um cubo de jogo, e abelhas***@

**UNESCO, 1973 (Parkyn) – Lifelong – STW – Iliteracia – Marx, URSS, China**

**UNESCO (1973) – "Towards a conceptual model of life-long education"**

Formação para toda a vida. Em 1971, o Secretariado da UNESCO pede a George W. Parkyn (NZ) para delinear um modelo educacional para formação contínua ao longo de toda a vida, que resulta em "Towards a Conceptual Model of Life-Long Education".

**UNESCO (1973) – Formação contínua**.

Formação contínua. O capital humano tem de ser vocacionalmente treinado e vistoriado ao longo de toda a vida, com o progresso a ser registado em certificados de realização educacional.

***Treino e vistoria para toda a vida***.

***Progresso registado em créditos e certificados de realização educacional***.

Formação contínua, centro de actuação da Unesco. « *the concept of lifelong education underlie[s] all of the Organization's educational action… educative environments have to be maintained in such a way that people can continue to learn throughout their lives*»

"Transformação contínua do sujeito".

***Outros termos usados são "reconstrução" e "reorganização", contínuas***.

«*…transformation… continual transformation of the learner's experience*»

«*Keeping in mind Dewey's idea that living is developing, that developing is learning or the reconstructing within oneself of experience, and that education is a process of deliberately providing conditions in which such reconstructing is facilitated, we can see how he arrived at what, from the point of view of the developing individual, he called a technical definition of education… "It is that reconstruction or reorganization of experience which adds to the meaning of experience and which increases ability to direct the course of subsequent experience" [John Dewey, Democracy and Education. New York, Macmillan, 1916.]*»

Lavagem cerebral non-stop para "desenvolvimento", "enriquecimento", etc . Também temos, transformação, reconstrução contínua de percepções e experiências. A pessoa está sempre em aprendizagem, ao longo de toda a sua vida. Portanto, o sistema educativo, "a sociedade educativa", tem de guiar essa aprendizagem, segundo o documento. É isto que significa "desenvolvimento individual", "enriquecimento individual", e "ser tudo o que se pode ser", "alcançar o máximo potencial". E todos os

restantes slogans que são empregues para descrever este processo monstruoso de lavagem cerebral contínua, e como precondição para viver em sociedade.

George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO (1973) – Formação contínua – "Sociedade educativa", Unesco no topo**.

UNESCO como ministério da educação para gerir os RH da "economia global".

Organização totalitária do aparato educacional.

***Reorganização sistemática, sob autoridade Unesco***.

***"Educação primária e secundária, formação laboral, actualização, novos treinos, educação para cidadania"***.

«*Institutionalizing the concept of life-long education, then, implies a systematic organization of all levels of formal schooling and non-formal out-of-school educational activities in such a way that they provide an environment for learning throughout the life of man… The educative society… The concept of the educative society parallels that of life-long education… In organizing the educative facilities of a society for life-long learning, then, the potentiality of all agencies must be taken into account, as well as their particular relevance at the various stages of development of members of that society*». Tem de envolver «*Elementary and secondary education… On-the-job training… The upgrading of occupations… Occupational retraining… Refresher training… Citizenship education*»

Educação para cidadania.

***"Involvement in the management of community affairs".***

***"Political, economic, juridical and other social issues".***

***"Sources of information of a sociological, historical and philosophical nature"***.

«*Citizenship education… The more mature adults, in their increasing involvement in the management of community affairs at the local and national level, will have to develop their understanding of political, economic, juridical and other social issues. The educational provision required ranges from sources of information of a sociological, historical and philosophical nature to opportunities to acquire skills of discussion and decision-making related to community activities*»

Desenvolvimento cultural para adultos essencial para o futuro. «*Culture education for adults… leisure-time activities of a cultural nature… enhanced cultural life… Making appropriate educational provision for continued cultural development will become one*

*of the most important functions of society in the future*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO (1973) – STW – Treino planeado para economia planeada**.

STW – Anos de treino por tipos de função.

***"Semi-skilled and skilled work… five or six years of elementary education".***

***"Supervisory personnel, three years of junior secondary education".***

***"Technicians, three or four years of senior secondary education"***

***"professional personnel, four to six years of higher education"***.

«*General and vocational education… a general education on which specific vocational skills can be based. As an indication of the minimum levels of educational attainment on which specific skills can satisfactorily be based, we may note the following commonly used guidelines: for semi-skilled and skilled work, the level normally reached by children after five or six years of elementary education; for supervisory personnel, the equivalent of three years of junior secondary education; for technicians, the equivalent of three or four years of senior secondary education; and for professional personnel, four to six years of higher education*»

STW – Vagas planeadas numa economia planeada. «*...supervised on-the-job training and a progressive series of skills and responsibilities… on the basis of… differences in interests and abilities it would become evident which students could continue with higher studies… and which would be more suited to intermediate occupations… Admission to higher specialized education and permanent employment in the intermediate areas would in general be subject to assessments of manpower requirements, while, for the individual, admission would be based upon the level of knowledge and competence demonstrated by a student during the initial vocational cycle, or, in the case of adults, upon equivalent qualifications gained later in life*»– George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO (1973) – STW – O tipo de treino dado em STW**.

STW – Educação geral minimalista. «*...the general education… is intended to develop those areas of knowledge and skill, those attitudes and values, and those forms of social behaviour needed by all people…*

STW – Educação vocacional no local de trabalho. «*Vocational education will comprise the development of knowledge, skills, attitudes, and habits that are of general application within broadly defined vocational fields… Vocational education and*

*vocational training… It is generally agreed that vocational education is best carried out in the formal school system, while specific vocational training is best carried out in the places of work themselves… within the enterprises themselves, whether these are factories, workshops, offices, hospitals, schools, shops or farms… The training methods will be varied. They will range from on-the-job training by skilled instructors to training provided in special educational facilities (schools) within the enterprises*»

STW – Fusão entre escola e trabalho. «*…a radical reorganization of many of the existing relationships between the school system and the other sectors of society. Especially will it require the ending of the usual separation between school and work*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO (1973) – STW – Adolescente do século 21, iletrado**.

STW – O adolescente do século 21 – Parvo e iletrado.

***Motivado para começar treino vocacional e entrar no mundo do trabalho***.

***Não pode ser desviado para "bookishness" e ser ambicioso***.

Nesta secção, dão o perfil do adolescente ideal do século 21: «*adolescent... strongly motivated to begin his vocational preparation and enter the adult world of work*», que não seja desviado para «*bookishness and an overvaluation of the white-collar occupations*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO (1973) – STW – Marx, URSS e China, modelos a seguir**.

STW – Marx, URSS e China como modelos. «*The desirability of preventing such a divorce and maintaining a close relationship between schooling and work was pointed out by Karl Marx at an early stage in the development of European public school systems. Nevertheless, the divorce occurred, with unfortunate consequences*»

«*Many attempts have been made to devise a method that satisfactorily combines general education, vocational education, and specific vocational training during this period, and for some occupations considerable success has been achieved, notably in the USSR and in China*» – George W. Parkyn (1973). "Towards a conceptual model of life-long education". Unesco.

**UNESCO, 1975 (Lengrand) – Novo Homem – Socialismo global – Iliteracia**.

**UNESCO, Lengrand (1975) – O Novo Homem, um recurso humano**.

O Novo Homem, RH, em mudança permanente.

***Nova educação vai preparar homem para mudança contínua.***

***"The kind of man who is produced by lifelong education [o novo homem soviético]".***

***"A more harmonious and just world, less wasteful of human resources"***.

«*...the essential task of modern education will be to prepare men for change... this is the kind of man, with his feet firmly on the ground, realistic in the philosophical and methodological sense of the word, who can ensure the successful operation of our societies, industrial, commercial and administrative structures. This is the kind of man who is produced by lifelong education [o novo homem soviético]... playing his part in the building of a more harmonious and just world,* ***less wasteful of human resources***» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

**UNESCO, Lengrand (1975) – Acabar com família tradicional**.

Impor um novo sistema de relações familiares, "sentimental". «*Similar problems arise in the relationship between parents and children. An illusion of the same type as that which can spoil relations between the couple is that it is enough to bring children into the world and to cherish them to have known and done for the best. Here again there must be a sentimental education, of a different nature but as exacting as in the previous case. Communication within the family is generally-woven with incomprehension and misunderstanding. Traditional society did not waste time on subtlety: rituals and customs showed sufficiently clearly and firmly what paths to follow. The father, acting by definition and by convention, imposed respect, while the mother contributed the necessary modicum of warmth and understanding*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

**UNESCO, Lengrand (1975) – Países socialistas indicam o caminho**.

O exemplo brilhante dos países socialistas – "Socialismo é progresso".

***URSS é pioneira em "community leisure-time structures"***.

***"Libraries, sports grounds, young pioneers' clubs and cultural centres"***.

***A URSS emancipa a sua população, culturalmente, politicamente, etc***.

«*Some countries have had their economic revolution but have maintained the traditional framework of authority and power. Even where socialism has been established, and where the class system has been abolished, there has been a lack of imagination in creating material frameworks for life to match the new ideology… One single and very important exception is the development of community leisure-time structures. There are large numbers of libraries, sports grounds, young pioneers' clubs and cultural centres in the Soviet Union and, generally speaking, in all those countries which follow or try to follow its example… Thus in the Soviet Union, to take one example among others… labour has now assumed the place which belongs to it within the notion of culture, in other words, it occupies a central position. The same may be said of all forms of political and social commitment; the cultural content of which has also been recognised and suitably emphasized. A considerable step has been taken towards achieving unity of the factors which constitute and mould the people's intellectual and spiritual destiny. Particular importance has been attached to adult education. This was historically logical, since there was no question of waiting for generations to grow up before the instruments of the new society were available. It was also logical in terms of the Soviet system, which stresses the utilisation of human resources and the equalisation of opportunities throughout the life span*»

Sob socialismo, educação é um instrumento de doutrinação.

«*…education was a weapon par excelence for combating traditional influences and for creating mental structures, attitudes and patterns of behaviour that would favour the new trend of history. This indeed came to pass, more particularly in those countries which substituted socialist regimes for capitalist or feudal ones. One of the priority aims was to mould the individual in socialist society from the standpoint of production and of safeguarding the new institutions and concepts of life*»

A Jugoslávia é outro modelo brilhante.

***"Pioneira em life-long education" – um dos mais eficientes sistemas de lavagem cerebral em massa de sempre***.

«*Some countries have gone very far in the invention of new educational forms. An example is Yugoslavia, which shows as much imagination in the quest for solutions to educational problems as it does in the political field… Yugoslavia is also, to our knowledge, the first country to have adopted the principle of lifelong education viewed as a basic link between all the different sectors of education and as the foundation of the new educational laws*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

**UNESCO, Lengrand (1975) – A utopia é socialista e totalitária**.

A classe trabalhadora vai impor socialismo. «*…basic aspirations of people in the world today… In its strong desire for a better and in its instinctive or conscious will to destroy capitalism's harmful effects, the working class is striving for the overall good of mankind*». Central nisto, é o papel da educação, e isso exige uma brava e «*collective enterprise*»

A utopia é socialista e totalitária. A sociedade de classe média é a maldição da humanidade e é preciso construir a utopia global que claro, é socialista. «*a common destiny... a more harmonious and just world... a new order in industry and human relations… If the desired new order is to take shape and become a reality it will be necessary to mobilise every resource, intellectual, emotional and practical, and all the forces that sustain the social edifice as a whole*»

A sociedade educativa, totalitária e socialista.

***"Lifelong education… the totality of the structures of the polis are involved"***.

«*Towards an educational society… The logic of the development of lifelong education presupposes a transformation of the structures of society in a direction favourable to the growth of the personality. This fundamental aspect of the problem has already been touched upon in various parts of this study, in particular in the chapter dealing with the strategy of lifelong education. But at this point, when the collective character of the enterprise is being highlighted, together with the necessary alliances, we cannot lay sufficient stress on the predominant role of the politician and the administrator. The introduction of lifelong education is an essentially political undertaking, to the extent that the totality of the structures of the polis are involved in its realization*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

**UNESCO, Lengrand (1975) – Acabar com "ensino enciclopédico".**

Há que rejeitar ensino enciclopédico. «*...once we have rejected encyclopaedic teaching and placed the accent on method? What are the points of reference common to science, literature, philosophy and history that are essential to the development of the personality in its own social, political and historical context?*» – Paul Lengrand (1975), "An Introduction to Life-long Education". Paris: Unesco.

**UNESCO, 1990 (Jomtien) – STW – Relativismo moral**.

**Jomtien, 1990 – STW – RHs globais – Educação, clarificação de valores**.

World Conference on Education For All, Jomtien, Tailândia, 5-9 de Março, 1990. Patrocinada por ONU, Banco Mundial, Unesco, Unicef.

School-to-work, treino comportamental. Treino comportamental, não educação. Uma educação que tira a ênfase de factos e de conhecimento e enfatiza pensamento global, social e psicológico, politicamente correcto.

Educação em nome da ordem social colectiva, interdependência global. Promete respeitar « » dos povos envolvidos, e depois vem falar de «

».

***Escola no centro de transformação social para a aldeia global***. A escola está no centro da – palavra muito importante – da transformação social e económica do mundo. A escola tem de ensinar os cidadãos globais do futuro a pensar em si mesmos como, cidadãos globais – sob governância global, na .

***Valores culturais e morais "apropriados e enriquecidos"***. A maior parte da aprendizagem passa pela transformação do próprio indivíduo, através da adopção dos valores , que são decididos por estas mentes mágicas na UNESCO. Isto envolve a transformação ("enriquecimento") dos próprios valores, que têm de ser comuns e partilhados entre todos os membros da aldeia global, i.e., o mínimo denominador comum. «

! " !
"

»

"World Conference on Education for All Meeting Basic Learning Needs" (April, 1990). Inter-Agency Commission for the World Conference on Education for All. New York: UNICEF House.

__________________________________________.

!" #$ .

Comissão Delors, a Comissão Internacional de Educação para o Século XXI.

Educar a aldeia global. «*Educating the global village*» para ultrapassar «*…the under-utilization of human resources*» e «*Designing and building our common future*».

«*Worldwide interdependence and globalization… this new world that is coming into being… the global village*»

Necessidade de harmonia global. «*…the far-reaching changes in the traditional patterns of life require of us a better understanding of other people and the world at large; they demand mutual understanding, peaceful interchange and, indeed, harmony…*»

Tensões a ultrapassar ou, o jogo dialéctico. «*Tensions to be overcome… tension between the global and the local: people need gradually to become world citizens without losing their roots and while continuing to play an active part in the life of their nation and their local community… The tension between the universal and the individual… between tradition and modernity… between long-term and short-term considerations… between, on the one hand, the need for competition, and on the other, the concern for equality of opportunity… between the extraordinary expansion of knowledge and human beings' capacity to assimilate it… the tension between the spiritual and the material…*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

%&# "!' .

Os três Rs são secundários. «*The 'three Rs' – reading, writing and arithmetic – are given their full due. The combination of conventional teaching and out-of-school approaches should enable children to experience the three dimensions of education - the ethical and cultural, the scientific and technological, and the economic and social*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

!" .

Lifelong education, the learning society. «*There is a need to rethink and broaden the notion of lifelong education… It should enable people to develop awareness of themselves and their environment and encourage them to play their social role at work and in the community… In this context, the Commission discussed the need to advance towards a 'learning society'*»

Admissão cândida sobre técnicas de venda de lifelong learning.

***"Neste novo disfarce, é vendida como indo mais além de práticas existentes"***.

«*The concept of learning throughout life is the key that gives access to the twentyfirst century… In its new guise, continuing education is seen as going far beyond what is already practised, particularly in the developed countries, i.e. upgrading, with refresher training, retraining and conversion or promotion courses for adults. It should open up opportunities for learning for all, for many different purposes - offering them a second or third chance, satisfying their desire for knowledge and beauty or their desire to surpass themselves, or making it possible to broaden and deepen strictly vocational forms of training, including practical training*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

**!" ( ) ! !**

.

"Escolher um tipo de educação significa escolher um tipo de sociedade".

Isto é claro, socialismo.

***"Encourage debate, in order to reach a democratic consensus"***.

***"The best route to success for educational reform strategies"***.

***I.e., um consenso democrático pré-definido. As pessoas ficam mais satisfeitas se pensarem que a sua opinião foi ouvida***.

«*Choosing a type of education means choosing a type of society. In all countries, such choices call for extensive public debate, based on an accurate evaluation of education systems. The Commission invites the political authorities to encourage such debate, in order to reach a democratic consensus, this being the best route to success for educational reform strategies*» – "Learning: The Treasure Within". Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century, UNESCO, 1996.

**UNESCO – Da fundação às guerras actuais**

UNESCO é estabelecida a partir do IIE/IBE. Em Paris, 1945.

Julian Huxley. Primeiro Director-Geral, simpatizante nazi, eugenista fanático.

Sistema UNESCO globaliza-se. O sistema UNESCO internacionaliza-se e é adoptado pelo mundo fora.

***UNESCO assume o papel de coordenadora das agências educacionais do planeta***.

Guerra contra Deus, família, patriotismo, individualismo.

UNESCO entra primeiro, durante invasões. Hoje em dia, sempre que há guerras, a UNESCO é uma das primeiras agências a entrar no país anexado ou invadido.

**WATT – A caverna de Platão à escala global**.

Cultura global comum, com padrões de pensamento previsíveis.

(**AW – NEWH, 46:45**) Julian Huxley, a UNESCO, a tentativa de criar uma caverna de Platão global, através de uma cultura comum, com padrões de pensamento comuns e previsíveis, para o planeta.

**WCCD (1996) – Valores globais – Explorar jovens e artistas**.

**WCCD (1996) – Aldeia global – Unidade planeada – Valores globais**.

World Commission on Culture and Development (WCCD – E isto lê-se “wicked”). Uma comissão UNESCO.

O mote é aldeia global, interdependência – isto exige unidade planeada.

***Aldeia global – Governância global – Local ao global – Comunidades do mundo – Interdependência***. «

»

Governância global significa “desenvolvimento sustentável”.

“Desenvolvimento sustentável implica “cultura”. «

»

Novas formas de pensar, agir, organizar, viver. «

»

Valores partilhados, ética global, moralidade comum. «

»

“Diversidade criativa”.

***UNESCO decide cultura-educação-treino-consciencialização, do global ao local***.

***Consenso internacional***.

***Implementação de ética global com governos, multinacionais, ONGs, etc***.

A UNESCO tem uma agenda internacional, marcada por «

» – “Our Creative Diversity”. Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

**WCCD (1996) – Explorar jovens para globalismo, sustentabilidade**.

Explorar iniciativa juvenil para avançar globalismo, desenvolvimento sustentável.

Reinventar a ONU como ícone visionário para os jovens.

« *!*

*" #*
*$ % "*
» – “Our Creative Diversity”. Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

**WCCD (1996) – Explorar artistas e pensadores – “Progresso global”**.

A WCCD fala da importância de cativar artistas e pensadores. «
»

De “progresso socialista” para “progresso global”. A URSS e a Jugoslávia também tinham legiões de artistas e pensadores, e outros sicofantes assalariados, para promover “progresso socialista”. Agora chama-se “progresso global”, “desenvolvimento sustentável”, mas é a mesma coisa, com retóricas diferentes.

“Our Creative Diversity”. Report of the World Commission on Culture and Development (WCCD). UNESCO, Paris, July 1996.

**WCCD (1996) – Voluntariado adulto e juvenil (UNV)**

***Com parcerias nacionais, municipais, comunitárias, etc***

***Jovens: estágio, treino vocacional, em troca de créditos académicos***

*The Commission… recommends that international efforts be made to mobilize the goodwill of volunteers of all ages to work as "Cultural Heritage Volunteers" under professional guidance and alongside professional staff… The task of organizing this new effort should be entrusted to the United Nations Volunteers (UNV)… acting in close co-operation with the Voluntary Service Unit of UNESCO, the Coordinating Committee for International Voluntary Service (CCIVS), NGOs active in the field, and any national, community, or municipal body wishing to participate in a common endeavour. These institutions and organizations should join in a spirit of close partnership… Volunteers would be recruited among all age groups and talents and involve young people (especially students and young workers) as well as mid-career and senior-citizen volunteers (architects, artists, craftsmen, archivists, librarians, teachers, and so forth) who may wish to contribute their time and expertise… The period of volunteer work may vary in length. The participation of young volunteers should be encouraged through innovative educational designs providing training credits to their students (a) in an educational setting (at primary, secondary or university level) as a period of "internship" or "field-work"; (b) in a professional/vocational training curriculum as a year of training or apprenticeship* ! " # " $% & ' ( )
# " * ) #+ , - $ . / / 0

**WFMH – Empacotada de eutanasistas, nazis, genocidas**.

Eugenistas do mundo afluem à WFMH e às suas associações-membro.

Muitos mantiveram a sua filiação nas sociedades eugénicas.

De eutanásia, esterilização e apoio moral ao programa nazi para "saúde mental".

***Grã-Bretanha***. Dr. Doris Odlum; Dr. E. Slater; Sir Aubrey Lewis; Dr. Lancelot Hogben; Miss Robina Addis; Lord and Lady Adrian; Lord Brain; Sir Russell Brain; Prof. C. Fraser Brockington; Dr. Felix W. Brown; Rt. Hon. Sir John Brunner; Prof. Cyril Burt; Comdr. and Mrs. B.R. Darwin; Lady Darwin; Prof. H.J. Eysenck; The Earl of Feversham; Miss Evelyn Fox; Dame Katherine Furse; The Earl of Iveagh; Dr. F.M. Martin; Dr. T.A. Munro; Lady Petrie; Dr. R.E. Pilkington; Kenneth Robinson; The Rt. Hon. Lord Justice Scott; Mrs H.M. Strickland; Prof. J.M. Tanner; Prof. Sir G.H. Thomson; Prof. R.M. Titmuss; Dr. J. Tizard; Dr. A.F. Tredgold; Dr. R.F. Tredgold; Dr. Isabel G.H. Wilson; Prof. R.C. Wofinden; Dr. T.L. Pilkington.

***RFA***. Dr. Werner Villinger (T4-adviser); Dr. Werner Heyde (T4-adviser); Dr. Helmut Ehrhard (Villinger's Assistant). Muitos outros tornaram-se professores universitários (psiquiatria, antropologia, genética, sociologia, etc) ou foram para institutos de investigação científica.

***RDA***. Dr. Muller-Hegemann (De Crinis Assistant).

***Áustria***. Professor Hans Hoff.

***Canadá***. Dr. Karl Stern (que estudou na Alemanha sob Ernst Rüdin).

***Dinamarca***. Dr. Georg K. Stürup; Dr Pout Bonnevie; Dr. Paul J. Reiter; Dr. Erik Strömgren; Dr. Einar Geert-Jorgensen; Dr August Wimmer; Dr Kurt Fremming; Dr. Jens Chr. Smidt; Dr. Tage Kemp; Dr. Max Schmidt; Dr. G.E. Schroder.

***Noruega***. Dr. Jan Mohr; Dr. J. Schutz-Larsen.

***USA***. Dr. Walter C. Alvarez.

! "

NAMH guia lavagem de imagem global. A British National Association for Mental Health define a nova fase, e Norman usa a sua influência para despoletar mudanças similares no resto do mundo.

Congresso de Londres, 1948, dá origem à WFMH. A NAHM, com OMS e Unesco, organiza o congresso de 1948 do Comité Internacional de Higiene Mental, no Ministério da Saúde em Londres [Third International Congress of Mental Hygiene]. Este é o congresso que dá origem à WFMH.

# $" %" & ' (.

Substitui o ICMH, que era o embrião óbvio para uma organização global. O ICMH nunca foi muito influente no seu tempo, mas após a II Guerra é visto como o embrião óbvio para uma nova organização de âmbito global.

Institui e coordena associações nacionais de saúde mental. Em cada país é estabelecida uma Associação Nacional para Saúde Mental, ou equivalente. Isto acontece sob coordenação da WFMH.

Associações psiquiátricas, psicológicas, neurológicas, antropológicas. Ao mesmo tempo funciona como epicentro global de coordenação de associações psiquiátricas, psicológicas, neurológicas, antropológicas e por aí fora.

) " .

Ao início, é a única ONG global para saúde mental. A World Federation of Mental Health (WFMH) surge para ser a única ONG de saúde mental com estatuto consultivo na ONU e em todas as suas agências relevantes, como a UNESCO.

Acção consultiva global, regional, nacional. Através dos seus braços nacionais e regionais, a WFMH também molda políticas governamentais pelo mundo fora.

Serviu e serve de consultora para ONU, OMS, UNESCO. A WFMH foi uma das primeiras ONGs em relação consultiva com a ONU. Durante anos, foi a única ONG relativa a saúde mental, e serviu de organizadora para outras organizações aspirantes, e de ponte entre estas e a ONU.

Papel central no desenvolvimento do NGO Committee on Mental Health da ONU. Em meados dos anos 90, a WFMH tem um papel central no desenvolvimento do NGO Committee on Mental Health na ONU, que é hoje uma plataforma chave para trabalho com unidades do ECOSOC.

**WPA – World Psychiatric Association**

ISOWPC WPA (1960). Começa por ser a International Society for the Organization of World Psychiatric Congresses (Est. Paris, 1950). A WPA é estabelecida em 1961 no Terceiro Congresso Mundial.

McGill – Cameron. O Congresso é organizado em Montreal pela Canadian Psychiatric Association e pela McGill University. Ewen Cameron torna-se o primeiro Presidente da WPA.

**WZ FOSTER – Regimentação da educação e da ciência**.

**WZ FOSTER – A revolução cultural na educação**.

Elementos para a "cultural revolution".

***"…schools, colleges and universities will be coordinated and grouped under the National Department of Education"***.

***"The studies will be revolutionized, being cleansed of religious, patriotic and other features of the bourgeois ideology"***.

***"God will be banished from the schools"***.

***"…dialectical materialism, internationalism, the ethics of the new Socialist society"***.

«*Among the elementary measures the American Soviet government will adopt to further the cultural revolution are the following; the schools, colleges and universities will be coordinated and grouped under the National Department of Education and its state and local branches. The studies will be revolutionized, being cleansed of religious, patriotic and other features of the bourgeois ideology. The students will be taught on the basis of Marxian dialectical materialism, internationalism and the general ethics of the new Socialist society. Present obsolete methods of teaching will be superseded by a scientific pedagogy… God will be banished from the schools…*»

William Z. Foster (1932). "Toward Soviet America".

**WZ FOSTER – Regimentação estatal da ciência**.

"Science will become materialistic, hence truly scientific".

"Science will be thoroughly organized and will work according to plan".

"…instead of the present individualistic hit-or-miss scientific dabbling".

[Este "dabbling" trouxe o país com maior taxa de inovação científica à era; o sistema de planeamento perfeito, trouxe a agricultura lamarckista de Lysenko].

Ou seja, a ciência vai-nos dizer aquilo que queremos que diga, e não aquilo que é factual.

«*The whole basis and organization of capitalist science will be revolutionized. Science will become materialistic, hence truly scientific… Science will be thoroughly organized and will work according to plan; instead of the present individualistic hit-or-miss*

*scientific dabbling, there will be a great organization of science, backed by the full power of the government. This organization will make concerted attacks upon the central problems, concrete and abstract, that confront science*»

William Z. Foster (1932). "Toward Soviet America".

**Stanford Prison Experiment – Integridade pessoal vs ambiente negativo**.

**Stanford Prison Experiment – Scenario setting**

**Stanford Prison Experiment – Internalização de papéis**

**Stanford Prison Experiment – Desorientação, despersonalização, desindividuação**

**Stanford Prison Experiment – Zimbardo, “percepção de god-like power”**

**Stanford Prison Experiment – Descrição do processo da experiência**

---

Pessoa abdica de identidade pessoal, “eu” genuíno / dissolução / descaracterização.

Uma forma de osmose com ambiente. Ao longo de todo o processo de despersonalização, o que acontece é que o indivíduo vai abdicando continuamente da sua própria identidade pessoal, daquilo que faz de si um *eu* genuíno. Dilui a sua identidade para se tornar dissoluto e descaracterizado. Abdica de traços pessoais, crenças, princípios, valores. Com isso, vai anulando as instâncias que fazem de si uma pessoa integral; o seu self, a sua consciência moral, o seu potencial para pensamento independente e criativo. Fá-lo em nome daquilo que é ensinado a interpretar como ganhos pessoais, que são obtidos pelo ajustamento a um superego social sintético. Por outras palavras, fá-lo em nome de entrega ao ambiente social e material em redor. Mas não se limita a entregar-se; entra numa forma de osmose com o ambiente. Por outras palavras, é degradado e despersonalizado.

“(Never) kill your ___”.

Alguém pode encostar a arma, mas é a pessoa que tem de puxar o gatilho. É preciso compreender que este é um processo pelo qual o sujeito se mata a si mesmo, o seu self, kills his self, kills himself. É como se encostasse uma arma à própria cabeça e disparasse; mas é uma morte lenta e gradual. É claro que isto não precisa de acontecer (geralmente não acontece) por mera e simples iniciativa própria. Com mais frequência, existe alguém que lhe encosta a arma à cabeça, a força a pegar nela, e o ameaça e pressiona para o incentivar a disparar (a iniciativa final tem sempre de partir do indivíduo). Aqui estamos ao nível de pressão social e não só; e hoje em dia, sob programas de engenharia psicossocial em escala, este tipo de procedimento é feito de um modo sistemático. Homicídio mental é, claro, o pior de todos os crimes. Uma sociedade que pratica isto está condenada à destruição pelas suas próprias mãos.

Pessoa abdica de personalidade em prol das autoridades – mesmo que não o saiba.

Sociedades que tentam usurpar espaços mentais são governadas por crime organizado.

A osmose com um qualquer colectivo organizacional.

A peça na máquina, o componente no mecanismo, a célula no corpo. O resultado agregado de tudo isto é o de o sujeito abdicar de modo gradual da sua própria cabeça, para a entregar, mesmo que não o saiba, nas mãos das autoridades. Sociedades que fazem isto são sempre governadas por crime organizado. Crime organizado é a única coisa que alguma vez tentaria usurpar e roubar o espaço mental de um ser humano; isto é um mero truísmo. Eventualmente, chega o ponto fatídico no qual a sociedade arbitrária exige ao indivíduo que aceite dar os últimos passos de despersonalização, para se tornar maquinal; fundir a sua vontade com a de um qualquer colectivo organizacional, ou funcional. Isso expressa-se na forma de funcionalização plena. O

indivíduo torna-se na sua função social (geralmente, a sua profissão). É inteiramente conformado à sua estação social e à sua posição na sociedade colectiva integrada. Fazer um bom trabalho na sua estação é o seu horizonte máximo. Deixa de ter vida própria ou vontade própria; foi como que congelado, por via da sua própria auto-traição (e, as sociedades onde isto acontecem são sempre sítios cinzentos e frios – creep societies). É uma peça na máquina, uma célula no organismo, um componente funcional técnico.

Sappy. «*And if you kill yourself, you will make him happy / He'll keep you in a jar, and you'll think you're happy / He'll give you breather holes, then you will seem happy / He'll keep you in a trance, then you'll think you're happy now / You're really in a laundry room – conclusion came to you*» Nirvana, Sappy.

*new age*

**“A construção ascende das cinzas da destruição” – dialéctica totalitária**

*vanguarda*

*control freak*

**Hiper-subjectivismo, desconstrução mental para sociedade totalitária [Heidegger]**

*nonsense*

*irracionalismo* *fluxo*

*pensar criticamente*

*verdade objectiva*

*verdade objectiva*

A leva a B. Z é D. Ponto. Não há mais debate sobre o assunto. Nada de pensar, ou reflectir; pensamento abstracto é indesejado. Eventualmente, é *antisocial*, uma vez que desafia a ordem social, proverbialmente *mentecapta*, que é instituída. Torna-se fácil impor totalitarismo a uma população habituada a pensamento relativista, dialéctico. A pessoa que funciona dessa forma está pré-preparada para totalitarismo. Vê o mundo do ponto de vista da integração de diferenças, da fusão de opostos num todo coeso e sintético. É isso que o totalitarismo oferece. Isso é ainda mais fácil se isso for feito com uma quota-parte de excitação, sex appeal, música estimulante; todas estas coisas têm o potencial de determinar as acções da mente acrítica, que, por ser acrítica, é mais determinada por valores impulsivos que por valores racionais e morais.

Unfreezing, changing, refreezing. É um processo simples: descongelar o velho conjunto de crenças e valores através da adopção de um estado de fluxo (despersonalização, aka lavagem cerebral) e depois recongelar o sujeito num novo sistema de crenças e valores. A isto chama-se “unfreezing, changing, refreezing”, o processo central na psicologia social do pós-II Guerra [mais um efeito dialéctico: o irracionalismo totalitário só ganha expressão real nos países democráticos após a queda do sistema totalitário fascista]. Se o processo for mesmo sofisticado, o que acontece é que o sujeito adopta todas as crenças “correctas” (adere a todas as verdades objectivas que o estado total lhe pretende impor), mas mantém a quantidade de subjectivismo suficiente que lhe permite ultra-relativizar toda e qualquer crença ou valor que sejam independentes (i.e., não-autoritativos, não estatais). Eventualmente, acusará o pensador independente de

*autoritarismo*; outra consequência do *mindjob* dialéctico. Esta atribuição do rótulo de autoritarismo a todas as formas de pensamento não-dialéctico é, aliás, formalizada pela Escola de Frankfurt, um grupo muito pouco recomendável de provocadores autoritários e irracionalistas.

**O homem dissociativo, lost in translation; "rigor mortis is now de rigueur"**.

A dinâmica da globalização – fluxo permanente, ambiguidade, reciclagem [Castells].

Destruição criativa do protagonista, no aqui e no agora. Manuel Castells diz-nos que globalização implica informacionalismo, o domínio do fluxo quase instantâneo de informação, por meio de redes informacionais ubíquas e pervasivas. Esta dinâmica sistémica dá origem a um "space of flows", no qual tudo está em fluxo, em transição permanente. Tudo muda, tudo é alterado. Tudo é instrumental, contextual, temporário, reciclado. A única fonte de constância é a destruição criativa do aqui, do agora, e do protagonista que experiencia o aqui e o agora. Tudo é ambíguo.

Comunicação, entre a ausência e a ilusão. Existe mais comunicação que nunca antes, mas a comunicação real torna-se cada vez mais ausente. Existe demasiado fluxo e demasiada aceleração para que as pessoas em si sejam reais e, para que mantenham relações reais entre si. Tudo é comunicação. Quando tudo é comunicação, existem inúmeros objectos de percepção e estimulação – mas são eles próprios ilusórios, um grande espectáculo de sombras na Caverna de Platão global. Informacionalismo implica que tudo, da célula, ao indivíduo, ao macrocosmo de indivíduos, é submetido a gestão de percepções ao longo do processo comunicacional. O que é real, na percepção do objecto comunicado e mediatizado? Como Castells coloca a questão, «*The "spirit of informationalism" is the culture of "creative destruction" accelerated to the speed of the optoelectronic circuits that process its signals. Schumpeter meets Weber in the cyberspace of the network enterprise*».

A megacidade global, um espaço dissociativo e vazio – Babel. Um dos subprodutos físicos disto é a megacidade, a megalopolis (NY, São Paulo, Lagos, Pequim, as Zonas de Integração Global da Agenda 21, etc). A megacidade é um espaço dialéctico e dissociativo. É globalmente conectada, preenchida, empacotada, inclusiva de tudo o que pode ser encontrado no mundo. Mas também é localmente desconectada, alienadora, um espaço vazio de substância que espera para entrar; pensamentos ou sentimentos reais. Um entidade sintética, tão cínica como o mundo onde se integra ou os componentes pós-humanos que a constituem. Babel.

Em Babel, indivíduo também é dissociativo, artificial, reciclado, descartável. Babel implica que o ser humano em si abdique de o ser, para passar a ser um nódulo funcional numa grande rede social organizada. Um objecto humano que opera e se adapta a um ambiente sócio-económico dissociativo. Sendo dissociativo, esse ambiente exige adaptação individual no mesmo sentido dialéctico, por meio de alternâncias contínuas

de registo personalístico e comportamental. O ser humano tem de tornar-se dissociativo, psicoticizado. Uma colecção pragmática de traços ambíguos, variáveis, recicláveis. A descartabilidade da vida subjectiva torna-se um critério de sociabilidade e de empregabilidade, essencial para cumprir uma função, desempenhar papéis artificiais, vender percepções sociais.

"Rigor mortis is now de rigueur" [McLuhan].

O nódulo humano na rede social ubíqua, a morgue da alma. Marshall McLuhan caracteriza esta condição como sendo o estado do nódulo humano na rede auto-organizada. Dele, é esperado que não seja mais que um electrão livre que, após girar em elípticas previsíveis à volta de um núcleo de papéis e percepções, salta para o próximo núcleo de papéis e percepções. É esperado que seja despojado de alma, instrumentalizado, reciclado, voluntariamente objectificado; que se mova por mero tropismo de circunstância, entre diferentes contextos, papéis e lugares. Como McLuhan diria, "*rigor mortis is now de rigueur*". *Ter* uma personalidade é algo que se coloca no caminho de *vender* uma personalidade. Babel é a morgue da alma humana.

Rigor mortis exige destruir o self – daí, facilitação, psicotrópicos, meditação, etc. *Rigor mortis* não é um estado humano. O ser humano interno – *a alma* – não aceita, ou se adapta, à sua desconstrução contínua. É aqui que surge facilitação social, inputs culturais, sistemas sintéticos de pensamento, hoje em dia conhecidos como *software* cognitivo. O homem *hardware*, a caminho da fusão pós-humana com a máquina. É também aqui que surgem as drogas psicotrópicas. Destruir o *self*, uma dose de cada vez. "*Don't worry, be happy*". Essa é uma canção para um público em mudança permanente. Entretenimento, muito entretenimento – sedação. Meditação – praticar *rigor mortis* deixa de ser meramente *de rigueur*, para ser tornado *groovy*.

Actor funcional e sensation seeker, em implosão e em explosão [Brzezinski e Quigley]. A pressão da sociedade pós-moderna é desenhada para elicitar um movimento dialéctico de implosão e de explosão, como Zbigniew Brzezinski menciona, ainda nos anos 70. Neste movimento, o ser humano interno é implodido: desacreditado, desintegrado, particionado. Essa implosão é acompanhada de uma explosão para o social, na forma de dependência extrema, *acting out* e, claro, maleabilização perante o mundo exterior. Em "Tragedy and Hope" (1966), Carroll Quigley falava do modo como o "*organization man*" estava a tornar-se num actor desindividuado, o protagonista colateralizado de uma grande peça de teatro social. Autómato funcional por um lado, *sensation seeker* pelo outro – no *maelström* da vida externa, a vida interna era suprimida, até desaparecer. O indivíduo já não estabelecia uma relação com uma obra de arte; o social estabelecia uma relação com o indivíduo e, é nessa relação que surgia uma apreciação colectivamente autorizada da obra de arte.

O indivíduo deixa de o ser – já não tem um self coerente e integrado.

Torna-se mero *actor* social, um caleidoscópio em fluxo com o ambiente.

Tudo isto acelera a destruição de indivíduos e de sociedades. Brzezinski aponta que o indivíduo pós-moderno já não é um indivíduo, na medida em que essa qualidade é medida por coerência interna, por um *self* integrado e consistente. Pelo contrário, o indivíduo na sociedade pós-industrial é cada vez mais uma manta de retalhos, um objecto maleável, flexibilizado, ajustado, distorcido. Alienado da sua própria vida interna, vive de acordo com as ficções transitórias que lhe são impostas pela realidade externa. Um caleidoscópio em transições contínuas num ambiente caprichoso em mudança permanente. Esse era o resultado da sociedade sintética, e estava a gerar problemas sociais crónicos e níveis sem precedente de doença mental, escreve Brzezinski. E, aqui, Brzezinski estava a ser conservador. Os problemas sociais e mentais surgem a partir do momento exacto em que o indivíduo deixa de ser um indivíduo, para passar a ser um mero actor social. Tudo o resto é a *fallout* óbvia desse problema original.

**Um particular de Marx: "destruição criativa" sob capitalismo**.

Marx troca sempre mercantilismo por capitalismo de mercado livre – opostos exactos. Marx usa o mercantilismo britânico, feudalismo de cartel/monopólio, como fonte de referência para o que é "capitalismo", e continua a ser levado a sério. O sistema mercantil é alicerçado em monopólios transnacionais e em devolução social para obter redução contínua dos custos de produção. Aposta em subprodução, escassez artificial, totalitarismo económico, desigualdade perpétua, trabalho escravo. É o exacto oposto de capitalismo de mercado livre, alicerçado no estado-nação clássico, visando desenvolvimento económico descentralizado (por meio de pequenas e médias empresas) e a generalização da classe média. Marx ignora as diferenças e ataca o mesmo sistema que acaba por propor para as suas próprias formulações (funcionamento dialéctico), mercantilismo. Os seus motes são os que se seguem.

"*Capitalismo tem de destruir, aniquilar e reciclar continuamente forças produtivas*". Isto é verdade se formos o Barclays Bank, a Companhia Britânica das Índias – ou uma multinacional inspirada nos seus métodos. Se assumirmos que crise constante, convulsão permanente, e destruição de mercados são coisas boas – ambientes económicos voláteis só são bons para forças económicas que podem lucrar com essa volatilidade a partir de lucros especulativos ou a partir do *pool* de trabalho escravo e de recursos baratos que surgem sob emiseração geral. Porém, esse processo em si impõe consolidação e feudalismo, dessa forma destruíndo toda e qualquer possibilidade de competição livre e igualdade de oportunidades num qualquer mercado delimitado. Ou seja, mercantilismo é inímico a capitalismo de mercado livre, apesar de Marx procurar equacionar ambas as coisas.

"*Capitalismo destrói capital periodicamente, para resolver contradições internas*". [*Capitalismo tem de executar a destruição violenta e periódica de capital, e isso é essencial para a resolução das suas contradições internas*] Aqui estamos no mesmo domínio do ponto anterior, mas podemos extendê-lo aos jogos de "boom and bust" sob

capitalismo financeiro (i.e. uma forma financializada de mercantilismo): a) gerar bolhas financeiras artificiais e submeter a economia como um todo à influência dessas bolhas; b) depois, estourá-las por meio de *shorting* ou outros processos; c) consequentemente reduzir a economia a recessão/depressão; d) adquirir os restos a preço de saldos e assumir controlo de estilo feudalista. Aquilo a que Marx chama contradições internas é, tão somente, o facto de, num mercado capitalista, existir diversidade. No seio dessa diversidade, existem forças destrutivas de mercado que pretendem obter hegemonia através da destruição de toda a competição, i.e. de toda e qualquer forma de capitalismo per se. Estes sistemas de *boom and bust* permitem-lhes fazer isso de uma forma gradual. Mesmo quando não exista volição deliberada nesse sentido, cada ciclo de *boom and bust* degrada e erode um pouco mais a liberdade do mercado livre. Eventualmente, o que antes era um mercado livre deixa de o ser, para passar a ser um mercado mercantil, onde toda a vida sócio-económica passa a ser definida por sistemas de concessão e consolidação. Portanto, as "contradições internas" são "resolvidas" por meio da ascensão hegemónica de consórcios, dotados de poder feudal sobre o resto da economia. Quando toda a economia é consolidada sob estas entidades, e o que resta é um grande sistema organizado monopolista, aí sim, pode haver o último passo da evolução dialéctica marxiana: o monopólio governante impõe socialismo.

"*Capitalismo tudo destrói, desmantela, descarta, recicla*". [*Sob capitalismo, tudo existe para ser destruído, desmantelado, reciclado – tudo é descartável*]. Uma vez mais, Marx está a falar de feudalismo colonial, mercantilismo, e chama-lhe capitalismo. É aliás de notar que o sistema marxista, igualmente mercantilista, conduzirá as suas operações à luz deste tipo de *ethos*. "Construção ascende das cinzas da destruição" é um notório slogan comunista.

Nonsense marxista adoptado por ideólogos mercantilistas. O *nonsense* de Marx é depois adoptado pelos ideólogos do mercantilismo institucional, pessoas como Shumpeter, que procuram equacionar o seu paradigma a capitalismo de mercado livre e colocam o valor da "destruição criativa" no centro de "capitalismo".

**Destruição criativa é a essência de globalismo, desenvolvimento sustentável**.

Destruição criativa da produção económica e da civilização. A produção física (indústria, agricultura, e tudo o resto) é liquidada, desmantelada, destruída. Os slogans que surgem em tudo isto são "deslocalização", "outsourcing", "privatização", "obter mais de menos", "consolidação de mercados". As ferramentas são OMC, GATT, FMI, Banco Mundial, entre outros. As fábricas são deslocalizadas para colónias de escravos, e tudo isso é feito por meio de tratados (FTAs como o GATT), com o capital dos contribuintes, que pagam para perder os empregos e o nível de vida. Em tudo isso, é necessário consolidar controlo de mercado em grupos selectos (consórcios e cartéis), destruir qualquer forma de competição e eliminar progressivamente as classes médias. Os países que albergam as colónias de escravos não progridem, nem se desenvolvem.

Apenas os grandes consórcios multinacionais se desenvolvem, para assumirem o carácter de novas potências imperiais/mercantis à escala global.

Subdesenvolvimento, derivativos e comunitarismo. Hoje como nos velhos tempos do mercantilismo europeu: grandes companhias mercantis e enormes populações de escravos subjugados em comunas. A fábrica é desmantelada e substituída por um casino de derivativos rodeado de comunas emiseradas e fortemente policiadas, e isso é considerado uma melhoria, desde que os denizens tenham os seus pequenos iPods e iPads para se divertirem com os "feelies" de que Aldous Huxley falava.

"Desenvolvimento sustentável" – produzir destruição. Produzir desprodução é a nova indústria global; desenvolvimento sustentável. Como também é chamado, "desconstrução na construção" (i.e. destruição) ou "Contracção e Convergência" (i.e. contrair e reduzir tudo a um mínimo denominador comum e depois gerir esse estado sob autoritarismo). A crise actual surge precisamente com base em desenvolvimento sustentável – existe demasiada sustentabilidade.

**Michael Ledeen – A nova América Trotskyista, uma força de destruição**.

Ledeen, neo-Trotskyista, neo-conservador, discípulo de Leo Strauss.

A nova América [Trotskyista], o império da destruição criativa.

"Destruição criativa, a nossa essência, dentro e fora".

"Destruímos velha ordem em todos os campos – não queremos estabilidade no mundo".

"Queremos desestabilizar, para assegurar a concretização da revolução democrática".

«*Creative destruction is our middle name, both within our own society and abroad. We tear down the old order every day, from business to science, literature, art, architecture, and cinema to politics and the law… We do not want stability in Iran, Iraq, Syria, Lebanon, and even Saudi Arabia.... The real issue is not whether, but how to destabilize. We have to ensure the fulfillment of the democratic revolution*» Michael Ledeen, American Enterprise Institute, 2002 – The War Against The Terror Masters (NewYork: St. Martin's, 2002, 2003), pp. 172, 216

______________________________.

**!"# $ % & '( )* ) + , -' .**

Programa educacional global, através da UNESCO.

Agências – Fundações, ONGs – Media, escolas – Mente da criança. Agências governamentais (internacionais e nacionais), indústria e ONGs acreditadas; estão todos a bordo nesta demanda conjunta por uma mudança de mentalidade global. Estas instituições trabalham em conjunto com inúmeros institutos, cadeias mediáticas, e associações educativas, pelo planeta fora. O que assegura que estas mensagens chegam às notícias, desenhos animados e, sobretudo, ao sistema educativo, onde uma nova geração é doutrinada com o que é, essencialmente, lixo.

**! .# $ %*' , ) / - ' 0 .**

Oughtiness, "a melhor geração" – usar crianças ingénuas. A "melhor geração" pode ajudar a salvar o mundo. Esta é a melhor geração, a geração na crista da onda, a geração que pode ajudar a salvar o mundo, Gaia, a mãe-Terra. Eu envolvo-me porque me oferecem a visão de um mundo melhor que eu posso ajudar a construir.

Crianças – alvos de propaganda vulgar. O alvo são, especialmente, as crianças do mundo, submetidas a slogans simples e vulgares, e a torrentes contínuas de propaganda.

Ausência de integridade e decência. Neste processo, não existe qualquer integridade ou sentido de decência. Usar a ingenuidade e as boas intenções de crianças pequenas é uma coisa bastante feia, mas é isso que é feito.

**!1# $ % / .**

Os slogans são... Simplicidade. Sustentabilidade. Mudança radical. Solidariedade com o planeta. Unidade global – todos juntos, para salvar a mãe-Terra. Sacrifício. As mesmas leis para todo o planeta. Redistribuição de riqueza.

Manuais escolares "ecológicos" – Material educacional para mudança global. Inúmeras páginas repletas de pseudociência e distorção de factos.

Cenários de catástrofe, explicados em linhas pseudo-científicas. A não ser que conheçam os factos, as crianças e os seus professores vão ter pouca resistência às imagens desoladoras de árvores a morrer, crianças a morrer de fome, mulheres abusadas e um planeta sobrepopulado, a afogar-se em poluição e oceanos transbordantes.

“Inspirar visões” – Do que “é” e do que “poderia ser”. Estas coisas servem para “inspirar visões”, “visionamento”, como é chamado, e transmitir a ideia de crise, por forma a evocar sentimentos fortes, mudar valores, e motivar as crianças à acção social pretendida. O que “é”, é horrível, uma crise, e é provocado por todas estas pessoas com ideias obsoletas e perversas. O que poderia ser é um paraíso à face da Terra, utopia, com campos verdes, água azul e animais sorridentes. Teremos tudo isso se seguirmos este plano de acção.

Ou seja, manipulação emocional.

Depois de vender a crise, apresentar os culpados, o “inimigo do povo”.

***“As gerações mais velhas destruíram o planeta”***. Gerar indignação e raiva contra as gerações mais velhas, que recebem as culpas de destruir o planeta. Isto é importante, porque a criança tem de fazer uma transição completa de fidelidades, dos pais e de valores tradicionais, para as autoridades e para os novos valores.

***Capitalismo, valores tradicionais, liberdade individual, “egoísmo”***.

***Indivíduos ambientalmente perversos***. Pessoas que gastam demasiada água, que deixam as luzes acesas, que conduzem automóveis.

Estes são, aliás, os mesmos conteúdos que já têm nos desenhos animados.

Escola torna-se campo de treino ideológico para “salvadores da Terra”. Como na ex-URSS e na Alemanha Nazi, a escola torna-se um campo de treino para um exército de salvadores indignados e petulantes, preparados para usar os seus sentimentos – e não factos – contra tudo o que se oponha ao seu novo, estreito e artificial idealismo.

**!2# $ )* +* ) .**

PROCESSO. Discussões facilitadas de grupo na sala de aula.

PROCESSO. Oughtiness – Ego infantil é alimentado. “Vocês são a geração do futuro; são a geração esclarecida; sabem mais do que os vossos pais”.

PROCESSO. Atingir a verdade em equipa. “Podem chegar à verdade em grupo e tomar decisões sobre soluções”.

PROCESSO. Discutir os motivos da crise ambiental, o “inimigo do povo”. Vão repetir as coisas que vêm nos manuais e nos desenhos animados.

PROCESSO. Guiar a discussão para as soluções certas. E quais são as soluções? Trabalhar em equipa, todos juntos com o governo, com a União Europeia, com a ONU, para salvar o ambiente. Mais impostos. Menos consumo, simplicidade. Mais controlos, mais restrições.

OBJECTIVOS. Reforçar e consolidar ideias expostas. Crianças não têm pensamente independente, e ainda são bastante ingénuas em relação ao mundo. Ou seja, tudo o que vai acontecer em debate, é que as ideias vão ser reforçadas pela situação de grupo. A crença vai ser reforçada, recebendo o peso, o ónus-extra de ser uma crença de grupo. Uma descoberta de grupo, uma iniciativa conjunta, onde todos se sentem bem.

OBJECTIVOS. Identificar resistentes. Possíveis resistentes são identificados e são pressionados até ao momento em que tenham a crença certa e autorizada. O grupo vai pressioná-los. Ao mesmo tempo, vai haver o ímpeto de participar e pertencer ao grupo, e compartilhar dos bons momentos, do Eros partilhado da pertença e aceitação no grupo.

**!3# $ )* % * 4' .**

Este é o processo da **% *** chinesa.

Os mesmos slogans. A culpa é do capitalismo, de ideias burguesas (como liberdade individual), da tradição (no caso era Confucianismo), de individualismo = egoísmo.

As mesmas “soluções”. Fazer a limpeza da sociedade. Mudar radicalmente de hábitos, para uma vida mais saudável, plena, comunitária. Fazer tudo em equipa, trabalho colectivo.

Os resultados: brigadas vermelhas, genocídio físico e cultural. Na altura o Partido Comunista pôde pegar nesta nova geração e colocá-la em brigadas vermelhas. No terreno, a Revolução Cultural foi guiada por uma geração de adolescentes arrogantes, fanatizados, obedientes ao grupo, e lavados cerebralmente, com a ideia de que estavam a salvar o mundo. A revolução cultural matou milhões de pessoas. Filhos assassinaram os próprios pais.

E foi tudo feito sob o olhar benevolente do Grande Pai, Mao.

**5*'+ *** – Para a “Grande Revolução Sustentável”. Ou seja, fanatismo anti-desenvolvimento, controlos comunitários sobre os estilos de vida, e policiamento verde a larga escala. E esse é mais um tópico dominante em todos os media que se especializam em desenvolvimento sustentável para crianças.

**!6# $ )' 7 ' $ + , * -* , +' * .**

Hoje em dia, quando o João vai às aulas, aprende que a geração dos pais e dos avós magoou os animais e provocou febre à mãe-Terra. Durante a aula, pode ir ao telemóvel e usar um aplicativo que lhe permite calcular a sua própria pegada de carbono no planeta. Ao almoço, é possível que abdique do menu de carne em troca de um bife de soja, que está repleto de mimetizadores de estrogénios, que têm um efeito esterilizante nos homens. Quando chega a casa, pode ir ver os desenhos animados, passados numa

cidade medieval limpa, mágica e cheia de encanto, onde os heróis lutam contra vilões que estão interessados em lucros, e pretendem fazer mal ao texugo mágico. Depois, vai ao computador, onde é possível que jogue um simulador de governância global, onde tem de reduzir populações para preservar recursos, usando tácticas como depressões económicas, guerras, ou vacinas envenenadas – estes jogos existem, e são largamente difundidos. Quando a mãe chega a casa do trabalho e vai tomar um banho, o João queixa-se do uso excessivo de água. Volta a resmunger mais tarde, quando vê a mãe deitar uma embalagem de plástico para o lixo comum. A embalagem tem de ir para o saco de reciclagem de plásticos, diz o João. Foi isso que a professora ensinou na escola. Depois, vê um vídeo de Al Gore... e chega à conclusão que devia haver autoridades para controlar, e disciplinar, pessoas tão ignorantes como a sua própria mãe, que está a demorar um banho tão demorado...

**“Socialismo científico” – O indivíduo não tem relevância – só o grupo conta**

**“Socialismo científico” – Conclusões primeiro, racionalizações depois**

**“Socialismo científico” – Karl Marx**

*travel. Saint-Simon had called his system 'the science of universal gravitation'; Fourier had called his 'the certain science.' 'It is the task of the human race to build the temple of science,' said Proudhon, and he had found a name for his doctrine which soon aroused envy: 'scientific socialism.'* / % 3 ) *The Real Prussian,* ? H
D J @ % l % 2 M N7 N>

**LIPPMANN – Sobre "progressismo" socialista, i.e. reacção totalitária**

***"Communists, socialists, fascists, nationalists, progressives"***

***"Lays claim to being enlightened, humane, progressive"***

***"Premises of authoritarian collectivism have become the unquestioned axioms"***

***"Unanimous in that government must use coercion to direct civilization"***

***"Always the cry is for more officials with more power over activities of men"***

*.Throughout the world, in the name of progress, men who call themselves communists, socialists, fascists, nationalists, progressives, and even liberals, are unanimous in holding that government with its instruments of coercion must, by commanding the people how they shall live, direct the course of civilization and fix the shape of things to come. They believe in what Mr. Stuart Chase accurately describes as 'the overhead planning and control of economic activity.' This is the dogma which all the prevailing dogmas presuppose. This is the mold in which are cast the thought and action of the epoch. No other approach to the regulation of human affairs is seriously considered, or is even conceived as possible. The recently enfranchised masses and the leaders of thought who supply their ideas are almost completely under the spell of this dogma. Only a handful here and there, groups without influence, isolated and disregarded thinkers, continue to challenge it. For the premises of authoritarian collectivism have become the working beliefs, the self-evident assumptions, the unquestioned axioms, not only of all the revolutionary regimes, but of nearly every effort which lays claim to being enlightened, humane, and progressive For virtually all that now passes for progressivism in countries like England and the United States calls for the increasing ascendancy of the state: always the cry is for more officials with more power over more and more of the activities of men* / J I K % H?2 3 M 0
5670@